R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

VIRIDARIO EUANGELICO,

EM QUE AS FLORES DA VIRTUDE

se illustraõ com discursos Moraes, e os frutos da Santidade se exornaõ com Panegyricos em varios Sermões.

PARTE I.

DEDICADA, E OFFERECIDA

AO REVERENDISSIMO PADRE

Fr. JOSEPH DE S. MARIA,

Doutor Jubilado na Sagrada Theologia, e digniſſimo Geral, que foy da Religiaõ de S. Bento de Portugal, e Braſil.

POR SEU AUTHOR

Fr. MATTHEUS DA ENCARNAÇAM PINNA,
Monge de S. Bento do Braſil, Jubilado em Theologia, e D. Abbade do Moſteiro do Rio de Janeiro.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina da MUSICA.

M. DCC. XXX.
Com todas as licenças neceſſarias.

RPoCB

AO REVERENDISSIMO PADRE

Fr. JOSEPH DE S. MARIA,

Doutor Jubilado na ſagrada Theologia, Geral que foy digniſſimo, da Religiaõ de S. Bento de Portugal, e Braſil.

NOSSO REVERENDISSIMO PADRE.

DESEJA o meu reconhecimento, buſca a V. Reverendiſſima como agradecido: e a penas deſcubro meyo, que me naõ induza a mayores obrigações. Attendi, que em hum ſubdito, ſó os actos do entendimento ſaõ livres; e dos que por conſenſo proprio

prio darey ao Mundo, eſcolhi neſte Viridario os primeiros, para offertar a V. Reverendiſſima.

Dos actos da vontade naõ diſpoem, quem a naõ poder ter propria; mas eſta vive taõ affectuoſamente ſogeita a V. Reverendiſſima, que julga a obediencia por liberdade. Regulou V. Reverendiſſima as diſpoſições de Prelado, pela norma da predeterminaçaõ Divina, que ſuavemente conſerva a liberdade humana, quando lhe predefine os ſeus actos.

A prudencia, com q a V. Reverendiſſima dotou a Divina maõ, fez taõ amaveis os ſeus preceitos, e taõ agradaveis os ſeus dictames religioſos, que ainda depoſto a Generalato, eſtaõ as vontades ſequioſas, por obedecer a V. Reverendiſſima, porque ainda em noſſos ouvidos eſtà ſoando com muito agrado a voz de hum Paſtor, taõ amante de ſuas ovelhas, como zeloſo da ſalvaçaõ dellas.

Se V. Reverendiſſima como Pay, ſe digna de receber a offerta, que lhe faz o ſeu mais indigno filho, queira pela obrigaçaõ, que lhe corre, ſazonar com ſua correcçaõ os frutos, que neſte Viridario naõ merecerem approvaçaõ; e cortar as flores, que lhe parecerem indignas do Jardim Euangelico. Niſſo ficarey eu mais obrigado a V. Reverendiſſima, quando mais procuro moſtrarme agradecido. E ſerà muy decoroſo diſvelo de ſeu inſigne talento, naõ conſentir V. Reverendiſſima, que a noſſa Religiaõ perca pela minha ignorancia, quanto eſplendor lhe grangearaõ as letras de V. Reverendiſſima, que Deos nos guarde como lhe pedimos. Moſteiro de Monſerrate da Ordem de S. Bento do Rio de Janeiro, em 10. de Julho de 1727.

De V. Reverendiſſima

O mais indigno Filho, e ſubdito.

Fr. Mattheus da Encarnaçaõ Pinna.

A quem ler.

HUM engenhoso, e divertido Author Portuguez, publicando o volume que compoz, disse no Prologo, que se lançava ao mar, onde tantos naufragaõ, e poucos livraõ. He este o mar da censura, em que saõ tantas as syrtes, quantas saõ as crizes. Huns reprovaõ as materias, outros o estylo: e muitas vezes antes de se ter visto a materia do livro, antes de se examinar o estylo, já se condéna o Author. Disto se queixou S. Jeronymo; porq̃ nem elle, sendo o Doutor Maximo da Igreja, se póde escusar desta censura taõ temeraria, que para condẽnar hum volume, bastava lerlhe na primeira folha o nome de Jeronymo: *Accedunt invidorum studia, qui omne quod scribimus, reprehendendum putant.* Esta consideraçaõ me retardou a satisfazer varias instancias, que me importunavaõ a que sahisse cõ os meus Sermões a luz. Tomey a deliberaçaõ de o fazer, porque aconselhandome S. Jeronymo, nem pertendo nelles adquirir applausos, nem temo ser

Rebel. Musa intertenida.

D. Hier. ad Domnionem, & Rogatianum, &c.

por elles vituperado: *Nec affectamus laudes hominum, nec vituperationes expaveſcimus.* Sey, que neſte volume o Leitor ignorante achará muito, que reprovar; o prudente, muito que diſſimular; o douto, q̃ emendar, e que approvar: porque em hum Jardim naõ podem agradar todas as flores; em hum pomar naõ podem todos os frutos deſagradar. Eſta foy a razaõ (alèm de que pela variedade das materias tambem ſe ajuſta) com que a meus Sermões dey o titulo de Viridario Euangelico: porque na ſubſtancia, e no modo, ſe acharáõ nelles flores, e frutos de tanta variedade, quanta houver nos genios de quem os ler: nem era poſſivel reſuſcitar neſtes Sermões a qualidade do Maná, que ſe accõmodava ao goſto de todos. Quem nelles achar couſa digna de louvor, a Deos o deve: e quando deſcobrir materia, que mereça vituperio, dé graças a Deos, por lhe dar melhor entendimento; e faça muito por ſe aproveitar delle para a ſalvaçaõ.

D. Hier. in præfat. in lib. Eſth.

Vale.

LI-

LICENÇAS.

Da Ordem.

OS Muito Reverendos Padres Meſtres D. D. Abbades dos noſſos Moſteiros de S. Bento da Saude, e Noſſa Senhora da Eſtrella, vejaõ o livro de que neſta ſe faz mençaõ, e ſendo por ambos approvado, damos licença para que ſe poſſa imprimir. Tibães 25. de Dezembro de 1727.

Fr. Paulo da Aſſumpçaõ, D. Abbade Geral de S. Bento.

Approvaçaõ do M. R. P. M. e Doutor Frey Joſeph de S. Jeronymo, D. Abbade de S. Bento da Saude, &c.

REVERENDISSIMO NOSSO PADRE.

MAndoume V. Reverendiſſima viſſe o livro dos Sermões, intitulado *Viridario Euangelico*, que pertende imprimir ſeu Author o M. R. P. Meſtre, e Doutor Frey Mattheus da Encarnaçaõ Pinna, Lente Jubilado em Theologia, e D. Abbade do noſſo Moſteiro do Rio de Janeiro; e conformandome com o preceito, o que reſultou, foy ler com grande goſto eſte livro, e conſeguir ao meu deſejo huma cabal ſatisfaçaõ. O juizo porém, que faço neſta materia, he de naõ poder louvar eſtes Sermões, aſſim porque ficará ſuſpeitoſo qualquer

quer louvor, por vestir o mesmo habito, como tambem, porque naõ sey revestirme de lisonja para os encarecer. Donde passará por censura ficarem sem o louvor merecido os taes Sermões, pois qualquer elogio, que profira a minha curta penna, o terá a nota por suspeitoso, ou será avaliado por encarecido. O que confesso a V. Reverendissima he, que a nossa Benedictina Provincia do Brasil teve sempre grandes talentos, que illustraraõ assim as Cadeiras, como os Pulpitos, (e eu neste nosso seculo ainda alcancey alguns) e com tudo naõ sey se diga, que o talento do Author naõ só iguala no engenho, e letras aos antepassados, mas tambem que os excede no methodo, no estylo, e na agudeza. Atè na propriedade com que germana o titulo de *Viridario Euangelico*, com a Obra, mostra por obra o engenho, que como estes Sermões saõ as primeiras flores, que produzio o seu talento no Abril vigoroso dos seus annos, e o primeiro parto fecundissimo dos seus estudos, com razaõ lhe havia impor o nome de *Viridario*, para mostrar a viveza, vigor, e perspicacia com que o seu talento florece. Das Plantas escreveo o nosso insigne Laureto: *Plantæ dicuntur virere, cum sunt virides; virides autem sunt quando in suo vigore consistunt.* Em todo o seu vigor, e com toda a sua viveza mostra estar o Author, quando este seu *Viridario* nos communica como florente Planta abundante de flores, e copiosa de frutos, que redundaõ em abono, e credito do seu grande engenho: *Flores mei fructus honoris.*

Para concluir pois com o que ajuizo, direy em ultimo lugar o que Valerio Maximo escreveo de Isocrates grande Filosofo: *Isocrates nobilissimum librum composuit, opus ardentis spiritus plenum, eruditorum intus animos industriæ beneficio florem juventa retinere.* Que he elegantissimo o livro dos Sermões, que escreveo o Author, e

Obra

Obra muito digna do seu engenho, e da sua viveza, a qual se motiva admirações aos entendidos, naõ he por beneficio da industria, mas sim por merecimento das suas letras, que principiando a florecer, já admiraõ, e admirando-me, fazem suspẽder a penna para os elogios. Isto he o que ajuizo. V. Reverendissima mandará o que for servido. Mosteiro de S. Bento da Saude 17. de Fevereiro de 1728.

O Doutor Fr. Joseph de S. Jeronymo D. Abbade.

Approvaçaõ do M. R. P. M. o Doutor Frey Manoel de Santo Antonio, D. Abbade do Collegio de Nossa Senhora da Estrella.

REVERENDISSIMO PADRE NOSSO.

SEndo a minha obediencia a mais prompta para executar os preceitos de V. Reverendissima, nunca cõ mayor gosto a puz em execuçaõ do que agora, vendo a esta primeira parte do *Viridario Evangelico*, que compoz o M. R. P. M. Jubilado o Doutor Fr. Mattheus da Encarnaçaõ Pinna, filho da nossa Provincia do Brasil, e D. Abbade do Mosteiro do Rio de Janeiro, porque além de em esta obra achar bem satisfeito o grande conceito, que ha muitos annos tenho feito do singular engenho de seu Author; em este *Viridario* admiro os bem compostos ramilhetes, que armou com as odoriferas, e fragrantes flores da sagrada Escritura, que attendendo à naturalidade com que as applica, parece que foraõ os textos applicados para aquelle intento; e cavando mais fundo em este delicioso *Viridario*, vim a encontrar tambem a rica mina do ouro dos mais subidos quilates em os elevados assumptos, e agudos conceitos. Li o primeiro

meiro Sermaõ, e me pareceo sem igual, porèm passando aos mais achey, que o seu Author, em cada hum se vay excedendo a si mesmo; pelo que nelles, nem acho cousa alguma, que encontre a nossa Santa Fè, ou bons costumes, e que nem só saõ dignos de se imprimirem, mas que V. Reverendissima obrigue ao Author, a que saya a luz com as mais partes deste *Viridario*, que suppoem esta primeira, porq̃ naõ he razaõ, que hũ taõ grande talento esteja occulto em huma só parte do Mundo, e q̃ a America só participe taõ brilhantes luzes, sem que estes se espalhem por todo o Universo. Collegio de Nossa Senhora da Estrella 4. de Março de 1728.

O Doutor Fr. Manoel de Santo Antonio.

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Joaõ Baptista Troyano, Mestre na sagrada Theologia, Consultor do Santo Officio, Provincial Absoluto, e Difinidor perpetuo, e Ex-Prior do Carmo de Lisboa.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia, li o livro intitulado *Viridario Euangelico*, composto pelo Reverendissimo P. M. Fr. Mattheus da Encarnaçaõ Pinna, Monge da esclarecida Religiaõ do grande Patriarca S. Bento, Leitor jubilado na sagrada Theologia, e dignissimo Abbade do seu Mosteiro da Cidade do Rio de Janeiro, em cujo volume, que contém treze Sermões, vem tres já dado à estampa: com muita razaõ dà o Author ao dito

to livro o titulo de *Viridario Euangelico*, porque se os jardins, pela harmonia, que formaõ na disposiçaõ de suas plantas, e na fragrante suavidade de suas flores, saõ dos sentidos delicioso recreyo, tudo offerece aos Leitores o peritissimo Author no dito livro; porque todo elle he hum vistoso jardim, cujos assumptos saõ viçosas plantas, de quem como flores pendem delicadissimos conceitos, que sendo boninas para o agrado, saõ por doutrinaes saborosos frutos para os fieis, taõ ajustados à pureza de nossa santa Fè, e bons costumes, que além de naõ encontrarem a estes, nem offenderem aquella, aquella mais a estabelecem, e a estes muito os reformaõ, por cuja razaõ julgo merece o Author a licença q̃ pertende; salvo, &c. Carmo de Lisboa Occidental 3. de Janeiro de 1729.

Fr. Joaõ Baptista Troyano.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Domingos de Amorim, Presentado na sagrada Theologia, Examinador do Priorado do Crato, Prègador do Serenissimo Senhor Infante D. Francisco, e Deputado da Santa Inquisiçaõ de Evora.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia, vi o livro de Sermões, intitulado *Viridario Euangelico*, composto pelo Reverendissimo P. M. Fr. Mattheus da Encarnaçaõ Pinna, Monge da sagrada Religiaõ do grande Patriarca S. Bento, Leitor jubilado na Santa Theologia, e dignissimo Abbade do seu Mosteiro da Cidade do Rio de Janeiro, no qual livro vejo desempenhar taõ pontualmente a fecundidade do engenho do seu Author, o titulo que lhe dà, que com propriedade se verifica ser hum

hum muito rico, e delicioſo jardim, pois nas excellentes plantas com q̃ o adorna, ſe admira a fragrancia das mais agradaveis flores, e ſe promette como infallivel a doçura dos mais uteis, e ſaboroſos frutos; compoſtas cõ taõ admiravel igualdade, que naõ ha neſte jardim planta, ou Sermaõ, em que ſobre ſaya mais a ambroſia ſuave do ſeu douto diſcurſo, e grave eloquencia a reſpeito de outro, que menos recreye, porque todos arrojaõ de ſi aquella quinta eſſencia de ſuperexcedente fragrancia, que Vi-
Vict. Mar. ctor Mario admira confecionarſe nas varias flores de hum jardim, e pelo brando Zefiro ſahir, e cõmunicarſe fóra com em montaõ peregrino:

Motaque dum leni vibrat aura meatu,
Unum ex diverſo nectar permiſcet odore.

E porque neſte jardim naõ ſe empenha tanto o Author em que appareçaõ, e agradem as flores, como em que frutifiquem, e aproveitem, aſſim juſtifica ſerem as varias flores de que o veſte, as da eloquencia mais ſoberana, ap-
Eccl. 24. propriando-ſe às que diz o Sabio: *Et flores mei fructus honoris, & honeſtatis*, pois ſe para elle ſaõ de honra, e applauſo, para todos os que as participarem, ſeraõ frutos de honeſtidade pela efficacia com que para ſe appetecer ſó o bem honeſto, ſe dirigem os ſeus doutrinaes diſcurſos; e como eſtas flores ſaõ as mais proprias para que à palavra de Deos naõ falte o adorno, nem ſe ache nella menos o fruto, neſte jardim encontrará o Leitor tantas, e taõ fermoſas, que em ſentir de Nazianzeno, lhe acontecerá como entrar em hum ameno, e florido Prado, e ſuſpenderſe neutral ſem ſaber a qual flor poſſa dar a primaſia pelo ſuave cheiro, que exala, ou pelo fino matiz com que brilha: *Non minus utique arduum, quam in*
S. Greg. Naz. orat de amor. paupert. *prato quodam plurimis, ſuaviſſimisque floribus ornato, florem omnium præſtantiſſimum fragrantiſſimumque invenire.* Sendo pois eſte jardim taõ fermoſo, util, e agradavel,

vel, e em tudo rectamente disposto conforme, e ajustado com a nossa santa Fè, e bons costumes, me parece digno de se imprimir. V. Eminencia mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa 27. de Janeiro de 1729.

Fr. Domingos de Amorim.

VIstas as informações, pode-se imprimir o livro intitulado *Viridario Euangelico*, de que he Author o P. M. Fr. Mattheus da Encarnaçaõ Pinna, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 28. de Janeiro de 1729.

Fr. Rodrigo de Lăcastre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo.

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do Reverendissimo P. M. Fr. Joseph de Lima, da Ordem de N. Senhora do Carmo, Vigario Provincial, que foy da Vigairaria do Estado do Maranhaõ, Provisor do Bispado do mesmo Estado, primeiro Definidor, e Presidente do Capitulo da sua Provincia, Protonotario Apostolico de Sua Santidade, e Consultor da Bulla da Cruzada.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

OBedecendo ao que V. Illustrissima me ordenou, tenho visto o livro intitulado *Viridario Euangelico*, que vem a ser a primeira parte dos Sermões, que prégou

gou o Reverendiſſimo P. M. e Doutor Fr. Matthæus da Encarnaçaõ Pinna, e Monge da preclariſſima Religiaõ do grande Patriarca S. Bento no Braſil, jubilado em a ſagrada Theologia, e D. Abbade do ſeu Moſteiro do Rio de Janeiro. Treze Sermões contèm eſta primeira parte, todos com tanto engenho compoſtos, com tal elegancia digeſtos, que bem inculcaõ ſer ſeu Author hum graviſſimo Orador Euangelico. As idèas ſaõ agudas, e bem deſentranhadas dos Textos, os diſcurſos ſaõ ſuaves, os reparos profundos, os lugares das Eſcrituras bem applicados, a locuçaõ grave, e natural, e todos os periodos com taõ primoroſa habilidade, e taõ fermoſo artificio diſpoſtos, que ao meſmo tempo enſinaõ, perſuadem, e deleitaõ: enſinaõ como exemplares, perſuadem como rhetoricos, e deleitaõ como diſcretos. Naõ contèm couſa alguma, que encontre a noſſa ſanta Fè, nem a regra dos bons coſtumes, e aſſim bem pòde V. Illuſtriſſima conceder licença para ſe imprimir eſte livro. Carmo de Lisboa Occidental 16. de Fevereiro de 1729.

Fr. Joſeph de Lima.

VIſta a informaçaõ, pòde-ſe imprimir o livro de Sermões de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 21. de Fevereiro de 1729.

D. J. A. L.

DO

DO PAÇO.

Approvaçaõ do Reverendiſſimo P.M.Doutor Fr. Antonio do Sacramento Ex Provincial, &c.

SENHOR.

OBedecendo às ordens de V.Mageſtade, li o livro, cujo titulo he *Viridario Euangelico*, Author o P. M. Fr. Mattheus da Encarnaçaõ, filho digniſſimo da antiga, e preclariſſima Religiaõ do Principe dos Patriarcas Saõ Bento, da Provincia do Braſil, e eſtando eu já convencido, que a eſta grande Religiaõ eſtava em muitas obrigações eſte Reyno, acho que tambem tem contrahido a meſma divida as ſuas Conquiſtas, pois que em huma, e outra parte trabalhaõ os ſeus obſervantiſſimos filhos, em deſempenhar as leys que participaraõ no berço do eſpirito de ſeu Santiſſimo Patriarca authorizando todas as horas depois dos Pulpitos com as ſuas doutrinas, as livrarias com as ſuas obras, e com os ſeus eſcritos.

Aſſiſtido pois deſte eſpirito, preſiſte no meſmo ſyſtema o Author deſte livro, que pertende dar a luz neſte Reyno com o titulo de jardim, ou *Viridario Euangelico*, para que as ſuas flores em huma, e outra parte, em Portugal, e nas ſuas Conquiſtas, prendaõ depois dos ſentidos como flores, os diſcurſos como euangelicas, eſtas prizões ſe experimentaraõ já no Braſil, Bahia, e Rio de Janeiro, nos coraçoens dos ouvintes, e ſem milagre ſe veràõ em Portugal os meſmos effeitos nos diſcurſos dos leitores. Pois que taõ poderoſo Aſtro predomina neſte jardim, que nem ainda ao paſſar da linha puderaõ perder as ſuas flores, nem as fragrancias que reſpiraraõ

no

no berço, nem a fermosura com que se vestirão no Pulpito. Já estas fortunas alcanção fóra do seu natural, e patria os heroes: *Egredere de terra tua, faciam te crescere*, está muito posto em razão acompanhar a mesma Estrella os seus escritos.

Por esta causa, e porque não encontrey neste livro cousa em que se offendão as leys deste Reyno, e o Real serviço de V. Magestade, me parece o Author muito benemerito de se lhe conceder a licença, que pertende. V. Magestade mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa Occidental, em 8. de Março de 1729.

O Doutor Fr. Antonio do Sacramento.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 14. de Março de 1729.

Pereira. Teixeira. Bonicho. Rego.

VIsto eſtar conforme com original pòde correr. Lisboa Occidental 7. de Novembro de 1730.

Fr. Lancaſter. Cunha. Sylva. Cabedo. Soares.

POde correr. Lisboa Occidental 8. de Novembro de 1730.

Gouvea.

TAixaõ eſte Livro em ſinco toſtões em papel. Lisboa Occidental 9. de Novembro de 1730.

Pereyra Bonicho.

TABOA

DOS SERMOENS, QUE SE CONtèm neſta primeira Parte.

SERMAM I. do Mandato, em dia da Encarnaçaõ.
SERMAM II. do Principe dos Patriarcas S. Bento.
SERMAM III. em as exequias do Illuſtriſſimo Biſpo do Rio de Janeiro D. Franciſco de S. Jeronymo.
SERMAM IV. de N. Senhora da Ajuda, em dia do titulo das Neves.
SERMAM V. da Dominga quarta da Quareſma.
SERMAM VI. do Glorioſo Patriarca S. Franciſco.
SERMAM VII. de N. Senhora do Pilar.
SERMAM VIII. do grande Patriarca, e Profeta Santo Elias.
SERMAM IX. na publicaçaõ da Bulla da Cruzada.
SERMAM X. em as exequias do P. M. Fr. Joſeph da Natividade.
SERMAM XI. da Serafica Madre Santa Thereſa.
SERMAM XII. do Principe dos Apoſtolos S. Pedro.
SERMAM XIII. da Conceiçaõ puriſſima da Mãy de Deos.

SER-

TABOA

DOS SERMOENS, QUE SE CONtem nesta primeira Parte.

SERMAM I. do Mandato, em ar da Encarnação.
SERMAM II. do Principe dos Patriarcas S. Bento.
SERMAM III. em as exequias do [illegible] D. [illegible] S. [illegible].
SERMAM IV. de N. Senhora do Ajuda, [illegible] Neves.
SERMAM V. da Dominga [illegible] Quaresma.
SERMAM VI. do [illegible] S. [illegible].
SERMAM VII. de N. Senhora do Pilar.
SERMAM VIII. do grande Patriarca, e Profeta S. [illegible].
SERMAM IX. na publicação da [illegible].
SERMAM X. em as exequias do P. M. [illegible] Nacionais.
SERMAM XI. da Serafica Madre Santa Thereza.
SERMAM XII. do Principe dos Apostolos S. Pedro.
SERMAM XIII. da Conceição purissima da Mãy de Deos.

SERMAM I.

DO

MANDATO

EM DIA DA ENCARNAÇAM

No Mosteiro de Saõ Bento do Rio de Janeiro.

Anno de 1717.

Sciens JESUS quiá venit hora ejus, ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem: cùm dilexisset suos, qui erant in Mundo, in finem dilexit eos. Joan. 13.

§. I.

ESTE he aquelle enigmã do amor, tantas vezes, e taõ doutamente explicado: por taõ raros engenhos taõ agudamente interpretado: mas nunca com a felicidade de comprehendido. (Atè quando, ò Samsaõ divino, e Sacramentado, occultareis o doce, e valente enigma de vosso amor, proposto entre as delicias desse

(1) Christus in Eucharistia fortissimus Samson. Drog. ostiens. lib. de Pass. post med. tom. 2. Biblior.

(2) Christus in Eucharistia Jonathas. Raulin: t. 4. Serm. 2. de Sacr. Euchar.

soberano banquete? (1) Vede que se empenha já a entregarvos outra mais infiel traiçaõ, que a de Dalila, e naõ se nos descobrem ainda as valentias de vosso amor. Quando, ò Divino Jonathas, cõmunicareis ao vosso amado David os segredos do vosso peyto? (2) Aquem vos ama extremadamente: *Tu scis, Domine, quia amo te* para que occultais os extremos de vosso amor? *Quod ego facio, tu nescis*. Advertì, que parece improprio, tirar as vendas do amor, e pollas em quem amais: ficando o amor todo lince: *Sciens dilexit*; quando os amados taõ cegos: *Quod ego facio, tu nescis*:

2 Este he aquelle enigma do amor, tantas vezes tentado para a intelligencia, quantas impossibilitado para a comprehensaõ; porque em todo o tempo será o mesmo pertendello examinar, que ignorallo. Entre os doze Discipulos, que nesta hora presenciàraõ as estranhas finezas, que obrava o amor de Christo no Cenaculo, deputado theatro para as façanhas de taõ valente amor, foy Pedro publicamente avaliado por nescio: *Quod ego facio, tu nescis*; porque só elle entre todos quiz ponderar as finezas do amor Divino: *Domine, tu mihi?* E tal he a difficuldade, que ha em se perceber este amoroso enigma, que o querello descobrir, he ignorancia descuberta: *Tu mihi? Tu nescis.*

3 O unico, que penetrou taõ profunda difficuldade, foy S. Joaõ, porque a descreveu. E que faria o Evangelista para investigar taõ escondido mysterio? Applicou os ouvidos ao coraçaõ, cerrando os olhos para discorrer; porque onde a ponderaçaõ he ignorancia, só a cegueira he acerto. Cego, e com azas verieis o amor pintado. Mas se lhe faltaõ os olhos, de que lhe servem as pennas? He porque, quando se descrevem finezas, só as percebe quem totalmente fecha da razaõ os olhos: e quem

& quem os abre ao discurso, naõ póde dar hum só passo.

4 Em huma Çarça, que ardia no monte Horeb. se abrazava Deos (3) em amor dos homens; e buscando-a Moysès, quando o chamava Deos, lhe manda o mesmo Senhor fazer alto, e que adiante naõ passe: *Ne appropies huc.* Pois que amor he este, meu Deos; taõ abrazado estais, e taõ esquivo? Bradaes por Moysès, e se vos busca, o impedis? Sim; que andou Moysès errado, querendo empregar os olhos em descobrir segredos do amor Divino abrazado: *Cernens Dominus, quòd pergeret ad videndum*; e quem fitou a vista para examinar finezas do amor Divino, naõ póde dar hum só passo: *Vocavit eum de medio rubi, & ait ::: Nè appropies.*

(3) Manifestabat internum ignẽ amoris, quo ardebat erga suum populum Cæzar in fugil lib. 3 cap. 2. §. 3. num. 593. Exod. 3. v. 5. v. 4.

5 Pertendia Moysés descobrir aquelle tambem grande enigma de amor: *Vadam, & videbo*; e foy arrojo, ou ignorancia; que segredos de amor sempre se negaõ a quem presumio descobrillos. O *vadam* foy amor, mas o *videbo* foy erro. Tanto acertou Joaõ fechando os olhos, como em abrillos erraraõ Moysès, e Pedro. Hum foy reprehendido por querer penetrar: *Vadam, & videbo: ne appropies.* Outro por querer ponderar, foy censurado: *Domine, tu mihi? Tu nescis.*

6 Ah meu amante Deos! E que erro naõ será o meu, sem ser Moysès, nem ser Pedro, querer penetrar os segredos de vosso amor. Por ditoso me tivera eu, se nesta hora reprehendido, ouvira, qual outro Pedro, *tu nescis:* ou qual Moysés, *ne appropies.* Entaõ, naõ dera eu mais hum só passo, e fugira assim mil tropeços de minha ignorancia. Mas se o proseguir he forçoso; para requintes de vosso amor, entrarey hoje a estranhallo. Como naõ chega minha ingratidaõ a penetrar suas finezas, verey se acho grossarias que lhe descobrir.

7 Tres circunstancias notaveis notou S. Joaõ no

amor de Chriſto neſta hora para encarecimento de ſuas finezas. A primeira circunſtancia foy a ſabedoria; a ſegunda o tempo da auſencia: a terceira huma repetiçaõ do amor. *Sciens JESUS*: eisahi a ſabedoria. *Quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc Mundo ad Patrem*; eisahi o tempo da auſencia. *Cùm dilexiſſet ::: dilexit*; eisahi a repetiçaõ do amor. Mas com licença do Evangeliſta amante, taõ longe parece eſtaõ eſtas circunſtancias de encarecer o amor de Chriſto, que antes ſe moſtraõ diminuillo: porque ſciencia, tempo de ſe auſentar, e repetiçaõ do amor, o eſtaõ arguindo de imperfeito, e moſtrando defeituoſo.

8 Se neſta hora me houvera eu de guiar pelo que dicta a razaõ, ſem mais fundamento, que as meſmas circunſtancias apontadas pelo Evangeliſta, diſſera, que no amor de Chriſto houve imperfeiçõeſ, e defeitos. Mas como a Fè me manda cerrar os olhos da razaõ, já alcanço, que em realidade naõ pòde haver mais amor, nem pòde haver mais fineza: *In finem dilexit eos.* O certo he, que neſte enigma do amor, naõ tem lugar o diſcurſo. Quem mais fechou à razaõ os olhos, mais vio.

9 Ainda aſſim: attenderemos para huma, e outra couſa: para a verdade, e para as apparencias. Moſtrarey as razões, por onde as tres circunſtancias notadas no Evangelho fazem o amor de Chriſto imperfeito. Mas para credito do amor Divino concluiremos com o meſmo Evangeliſta, que eſtes apparentes defeitos ſaõ em realidade finezas muy relevantes. *In finem dilexit eos.* E ſendo eſte o fim dos diſcurſos, a materia, e titulo do Sermaõ ſerà: Os apparentes defeitos do amor de Chriſto convencidos por finezas na realidade.

10 Naõ ſe offenda, meu Deos, voſſo amor, quando o arguir de imperfeito; porque aſſim melhor ſe conhecerãõ

nhecerão ſuas finezas. Naõ julga affronta o diamãnte, ſe o examina o artifice, que o ha de acreditar de fino. Naõ ſe queixa o ouro da fragoa, quando lhe apura os quilates. Nem o Sol ſe aggrava da nuvem, que com affectado eclipſe, mais lhe ha de reforçar os rayos. Se entro, Senhor, a deſcobrir o que parece defeito de voſſo amor, he para que com mais evidencia ſe manifeſtem, as finezas, os quilates, e os rayos; em que ſe oſtenta, em que ſe apura, e em que ſe abre.

§. II.
Sciens JESUS.

11 O Primeiro defeito, que parece haver no amor do noſſo bom JESUS, he a ſciencia. Muitos foraõ de parecer, que em Chriſto era exceſſiva fineza, ajuntar o amor com a ſciencia, quando nos amou ſabendo: *Sciens dilexit.* Mas ao contrario parece, ſer eſte hum grande defeito de ſeu amor A meſma ſciencia fica parecendo ignorancia, quando o amor ſe ajunta com o entender; porque moſtra, que muy pouco ſabe de amores, quem imagina, que pòde amar ſabendo; pois nunca o ſaber foy boa condiçaõ para amar.

12 Houve occaſiaõ, em que a fortuna poz a hum General entre dous extremos fataes: ou deixar morrendo hum filho unico; ou perder huma vittoria, que pretendia alcançar. O brio, que em ſeu peito ardia, o incitava a naõ perder a vittoria. O amor; que abrazava o coraçaõ paterno, aconſelhava que naõ deixaſſe o filho. Vacillante a reſoluçaõ neſte aperto, exclamou aſſim o bom General, e bom pay: *Oh quàm difficile eſt, ſimul intellige-re, & amare.* Oh quaõ difficultoſa couſa he, ſaber, e amar conjuntamente! Incendida a vontade em amor: e ſem leſaõ o enten-

Thom: Vei: Conſid: 7.

o entendimento pára acertar! Oh que difficuldade! Julgou Elias, que era difficultoso deixar seu dobrado espirito a Eliseu: *Rem difficilem postulasti.* Em se descobrir a difficuldade, que neste ponto reconhecia Elias, se cansaõ os Doutores; e S. Bernardo a penetrou com agudeza. *Quis est ergo iste spiritus duplex, qui quæritur? nisi illuminatio intellectûs, & affectûs.* O dobrado espirito, que dezejava Eliseu, era illustraçaõ no entendimento, e na vontade. No entendimento, para saber com acerto; na vontade, para se abrazar em amor; e conservar no entendimento sabedoria, e juntamente amor na vontade, he cousa taõ difficultosa, que rara vez se encontra no Mundo: *Res difficilis, quia rarus in terra est, qui illum mereatur*; diz S. Bernardo; e está bem dito, pela repugnancia que a sabedoria faz ao amor.

4. Reg. 2. v. 10.

D. Bern. Serm. 4. Resurrect.

13 Aquella alma toda abrazada dos canticos de Salomaõ, encareceu huma vez a seu Esposo, o grande amor, que lhe tinha, para que lho premiasse, com certa fineza, que esperava delle. *Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* Ouvi a reposta, que foy mysteriosa. Certamente conseguirás, bellissima Esposa, o favor, que intentas, em premio de teu amor, com esta condiçaõ sómente; que te mostrarás ignorando: *Si ignoras te ô pulcherrima inter mulieres.* Ou como lè o Texto Hebrayco: *Si non cognoscis.* A mesma intelligencia segue a Parafrase Caldaica: *Si ignoras ô pulcherrima inter mulieres.* De sorte que, naõ premiaria o Esposo, esse encarecido amor de sua Esposa, em quanto nella houvesse sabedoria. Dezejava reconhecella ignorante, para a confessar amante. A esposa lhe allegava amores; *quem diligit anima mea*: e o Esposo lhe demandava ignorancias: *Si ignoras: si non cognoscis*: Porque o Esposo queria aquella sua Esposa perfeitissima no amar: *Pulcherrima*

Cant. 1. v. 6.

inter

inter mulieres: e quem se conserva siente, nunca se rendeu muyto ao amor.

14 Bem sabeis, que amor sem vendas, naõ he amor: e lhe tira as vendas, quem o considerar siente. Na escola de Santo Thomaz, entendimento, e vontade saõ inseparaveis, e fora liberdade dizer-se, que com taõ estreita uniaõ, ficou o entendimento livre para entender, quando para amar; se cativou a vontade. Entre a luz do conhecimento, e a cegueira do amor, passa o mesmo, que entre o dia, e a noite vemos. Naõ ha noite à qual, naõ precedesse hum dia: nem amor, sem que lhe antecedesse o conhecimento: *Nihil volitum, quin præcognitum.* Porèm assim como ao principio da noite acaba o dia; assim principiando o amor, acaba a luz do conhecimento. Tal he a natureza do amor, que nascendo de huma vista, de hum conhecimento morre. Pelo conhecimento da vista, tem o amor seu nascimento nos olhos; e provem-lhe a morte de hum conhecimento intellectual.

15 Casou-se Samsaõ a primeira vez, com huma fermosura, que o cativou entre os Filistheos; porque, para exemplo nosso, nem toda a sua valentia bastou; para triunfar, das armas com que a fermosura conquista. Ausentou-se de sua esposa, por poucos dias: que se o amor he grande, a penas soffre huma pequena ausencia. Triunfante Samsaõ de trinta Filistheos, tornou saudoso de ver a sua esposa: e taõ esquecida a achou de seu amor; que jà estava empregada em novo esposo. E qual seria a causa desta mudança? Que desvaneceu hũ amor de taõ poucos dias, que nem tempo tinha para sahir do berço? Tudo se ordio de hũ mal fundado conheciméto tudo foraõ quimeras do entendiméto. Presumio a inconstante esposa, q̃ a naõ amava, quem se ausentou: *Putavi, quod odisses eam;* e tanto q̃ no entendimento houve tal discurso, feneceo o amor. Sabe- Jud. 15. vº 2.

mos, que principiou eſte amor de huma viſta : *Placuit oculis meis* : e vemos, que de huma intelligencia acabou: *putavi, quod odiſſes eam.* Tanto que entrou a ſer diſcurſiva, *putavi* : deixou de ſer amante, Parou em amar, tanto que ſe apurou no entender.

16 Daqui ſe vè, que o melhor preſervativo, e conſervativo do amor, he a ignorancia. Foy talvez o que nos enſinàraõ os Serafins de Iſaias. Com duas azas cu-
Iſai. 6. briaõ o roſto, e voavaõ com ourras duas: *Duabus velabant faciem ejus ::: & duabus volabant.* Pois tendo o peito deſcuberto preciſamente em quanto voavaõ, como com a meſma neceſſidade, naõ deſcobriaõ o roſto? Porque no peito, reſide o coraçaõ, para o amor; no roſto, os olhos para o conhecimento: e entenderaõ os Serafins ſoberanamente; que para ſe atear o amor do peito, era preciſo vendar os olhos para o conhecimento.

17 Suppoſta pois a ſciencia do noſſo amante JESUS, difficultoſamente ſe provarà a fineza de ſeu amor, para com os homens, porque ſe tudo ſabia Chriſto, havia de conhecer as negações de Pedro, a traiçaõ de Judas, e todas as minhas ingratidões. E como poſſo eu preſumir, que me tem amor; quem conhece, e eſtà vendo bem, o muito que eu o tenho offendido? Mais o devo temer, como aggravado, que ſuppor amante; porque o conhecimento do aggravo, ſempre ſe reputa para o coraçaõ offendido, hum deſpertador da vingança.

18 Naõ poucos annos viveu Jozé no Egypto, com ſeus irmãos, que o venderaõ: tratando-os ſempre como a verdadeiros irmãos, com notaveis moſtras de ſyncero amor. Morto porèm ſeu pay Jacob, lhe mandàraõ os irmãos todos pedir em nome do pay defunto, que ſe eſqueceſſe Jozè do peccado, e do mal, que contra
Gen. 50. elle tinhaõ obrado: *Obſecro ut obliſviſcaris ſcelerum fratrum*

trum tuorum, & peccati, atquæ malitiæ, quam exercuerunt in te. Estranha petiçaõ! Se os irmãos conhecem muy bem, e com larga experiencia o amor, com que Jozè os trata, para que solicitaõ ainda mais, o esquecimento da culpa? Porque em quanto consideravaõ em Jozé o conhecimento do seu aggravo, naõ se podiaõ persuadir, que os amava; nem se podiaõ fiar em seu amor; antes era preciso, que o temessem: *Ne forte memor sit injuriæ quam passus est, & reddat nobis omne malum quod fecimus*: diziaõ os irmãos de Jozè.

19 Em quanto Absalaõ considerou a David lembrado de suas temeridades; sempre o temeu: e naõ bastou a razaõ de pay, para lhe assegurar o amor, e o livrar do receyo: *Si memor est iniquitatis meæ interficiat me.* Quando Christo no Horto se nomeava amante de Judas, se mostrou naõ sabedor da traiçaõ; que lhe maquinava: *Amice ad quid venisti?* A que viestes, amigo? Perguntava Christo a Judas, quando o entregou. E naõ sabia Christo, que Judas vinha a entregallo? Sabido he, que sim. Pois como se mostra ignorante de seus perversos intentos! Ah, que esta he a mais evidente prova do que digo! O designio de Christo, era inculcar-se amante: *amice;* pois havia ser preciso, que encobrindo a sciencia, se inculcasse ignorante: *ad quid venisti?*

20 Oh Senhor, e como naõ concordaõ bem a Practica do Horto, e a Theorica do Cenaculo! Là para que vos mostreis: amante: *amice*; encobrireis a sciencia: *ad quid venisti.* Pois agora, que se vos admira a sciencia: *sciens*; parece que faltais às regras do amor. Oh, como receyo, que no Horto dezejeis rerratar a opiniaõ do Cenaculo! Nesta hora cuidais, que sendo sabio, *sciens*; acreditais vosso amor de fino: *in finem dilexit*; mas no Horto daqui a poucas horas, vòs achareis o contrario. Lá dezejareis naõ parecer

recer ſabio, para que vos moſtreis amante: *Amice ad quid veniſti?* Ahi ficarà entaõ ainda parecendo mais, que aquelle *ſciens*, foy naõ pequeno deffeito para o *dilexit*.

§. III.

21 VErdadeiramente parecem oppoſtos, o amor com a ſciencia, o *ſciens* com o *dilexit*. Mas em toda a verdade he certo, que no noſſo amantiſſimo JESUS a meſma ſciencia lhe requintou o amor. Se Chriſto nos amara inculcando-ſe ſabedor dos aggravos, que recebeu de nòs; faltara às perfeiçõeſ do amor, e às regras de fino amante. Mas o bom JESUS com a ſciencia de que muito o offendemos; amou-nos, como ſe o naõ conhecera: e ſabendo, quanto o tinhamos aggravado; nos amou, como ſe o naõ ſoubera. O meſmo Chriſto nos offerece diſcreta prova deſta ſua affectada ignorancia.

22 Falando o amoroſo JESUS; dos inhumanos açoutes, com que a humana barbaridade lhe raſgou as veas, e rompeu as carnes, atè que as entranhas lhe ficáraõ laſtimoſamente à moſtra; diz, que creſcendo o tormento elle ignorava: *Congregata ſunt ſuper me flagella; & ignorari.* E que ignorava Chriſto? Os açoutes? Naõ. Porque taõ grande foy eſte martyrio, que nunca o perdeu da viſta: *Ego in flagella paratus ſum, & dolor meus in conſpectu meo ſemper.* Pois ſobre que cahia eſta ignorancia de Chriſto? Sobre os aggreſſores da culpa. Porque padecendo Chriſto os açoutes, affectou naõ conhecer, quem lhos dava. Ouvi a verſaõ de Symmaco: *Percutientes ignoravi.* De ſorte que ainda quando padece o martyrio, ſe moſtra deſconhecer o tyranno: *Congregata ſunt ſuper me flagella, & percutientes ignoravi.* Temos no meſmo caſo confirmaçaõ.

Pſalm. 34.

Symmach. in hunc locum.

23 *Fui*

23 *Fui flagellatus tota die, & castigatio mea in matutinis*, ou como lé Valentia: *ante auroram.* Em todo hum dia fuy açoutado, e recebi este castigo de madrugada. Pois se os açoutes eraõ de dia: *tota die*; como podia ser este castigo na madrugada? *Castigatio mea in matutinis: ante auroram.* Pela differença, que ha no que se commette em hum, e outro tempo. Quem he de dia ferido, sente a dor, vè a ferida, e tambem conhece o aggressor della. E quem de noite hé ferido, por mais que sinta a dor, e a ferida, ao aggressor naõ conhece, porque a noite o encobre. Pois essa he a razaõ; porque hum mesmo tormento, sendo de dia, foy tambem de noite para Christo. De dia: *tota die*; pela pena dos açoutes, que se naõ póde encobrir por grande, nem disfarçar por insoffrivel: *Dolor meus in conspectu meo semper.* De noite; *in matutinis: ante auroram*; por comparaçaõ aos aggressores da crueldade; porque, como se obrassem de noite, os naõ conhecia Christo: *& percutientes ignoravi:* ou mostrava naõ conhecer: *ad modum ignorantis, me habui.* Interpreta Hugo Cardeal. Psalm. 72. v. 14. Valent. in hũc Psal. Hug. in Psal. 34. 15.

24 Esta affectada ignorancia, foy o discreto, e amorozo fim; de morrer Christo com a cabeça inclinada para o peito: *Inclinato capite tradidit spiritum.* He certo, que Christo conservou milagrosamente, taõ superior alento ao espirar, que exhalando a vida, lhe naõ faltàraõ forças; para exclamar duas vezes, com voz portentosamente grande: *JESUS autem iterum clamans voce magna, emisit spiritum.* Pois se tinha alentos para exclamar com taõ alta voz, e taõ alto brado; como naõ tem forças para sustentar a cabeça antes que espire? Porque no morrer pelos homens, ostentava Christo o grande amor, que lhes tinha: *Maiorem charitatem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*: e era credito de seu Matth. 26

amor,

amor, moſtrar que naõ conhecia quem lhe tirou a vida. Bem: pois incline Chriſto a cabeça antes de eſpirar; para que aſſim moſtre, que naõ vé quem lhe tira a vida. Ouvi a ponderaçaõ do Padre Labata: *Dum hos talia dicentes videbat, ſpiritum non emittebat: at inclinato capite, oculos in cor ſuum convertit, & tunc mortem illam obiit.* De ſorte que, vendo Chriſto os que o crucificàraõ, vay dilatando a vida: *dum hos talia dicentes videbat, ſpiritum non emittebat.* Ao morrer, o coraçaõ lhe attrahio a viſta: *Inclinato capite, oculos in cor ſuum convertit, & tunc mortem illam obiit;* porque, como o amor lhe tirou a vida, queria naõ ver, e affectava ignorar quem lhe deu a morte.

Labat. in Theſaur. ſup. Chriſ. Paſſion.

25 Eſte ponto de ignorancia, para mais fino contraponto de amor, aſſim como ſe vio nó Calvario, aſſim ſe deſcobre em Chriſto no Horto, quando falou a Judas: *Amice ad quid veniſti?* Tratou-o como amante, e moſtrou ignorar ſua traiçaõ, porque, ainda que Chriſto conhecia muy bem as ingratidões de Judas: *Sciebat enim quiſnam eſſet, qui traderet eum;* com tudo amava-o, como ſe naõ conhecera, nem a elle, nem as ſuas traições. *Amice*: eisahi moſtrando, que o naõ conhecia como traidor. *Ad quid veniſti?* Eisahi moſtrando, que nem ſuas ingratidões conhecia. De ſorte que, ſe bem attendermos, acharemos, que em toda a ſua Paixaõ ſagrada, padecendo Chriſto tanto pelos homens, eſtudou em ignorar as offenſas, que recebia delles. No Horto ſe moſtrou, naõ ſabedor das traições de Judas. Nos açoutes diſſe que naõ conhecia a maõ, de quem os recebeu. Com o roſto cuberto padeceu outros tormentos, como naõ querendo ver os aggreſſores. E finalmente no Calvario, quando crucificado jà, inclina a cabeça ao morrer para naõ empregar a viſta em quem lhe tirou a vida. Em

fim

fim queria Chriſto ignorando os aggravos, que recebia dos homens, qualificar o amor, que lhes tinha.

26 Deſta disfarçada ſciencia de Chriſto, e do ſeu grande amor para com os homens, naõ ha mais expreſſo termo, que a hiſtoria de Jozè para com ſeus irmãos. No Palacio, em que vivia Jozè no Egypto, ſe ajuntâraõ todos os ſeus irmãos, e logo os conheceu o Viſo-Rey muy bem. E que faria Jozè neſte caſo? Manda-os recolher em hum dos quartos interiores do ſeu Palacio, manda-lhes lavar os pès, e ultimamente os põem à ſua meza. Lembrava-ſe muy bem, de quanto o offenderaõ; conhecia, que entre elles vinha ſeu irmaõ Judas, que o vendera; mas nem a eſſe excluhio da meza, ou do lavatorio dos pès. Parou aqui o ſucceſſo? Naõ parou.

27 Diz a Eſcritura, que Jozé conhecia muy bem a ſeus irmãos: *Fratres cognoſcens*; mas que ſe portava, como ſe os naõ conhecera: *Quaſi ad alienos duriùs loquebatur.* Entendeu Jozè, que dando-ſe a conhecer a ſeus irmãos, Judas, que o vendera, e os mais, que o offenderaõ, julgariaõ ſer o ſeu amor fingimento, accuſados de ſua meſma culpa. Bem: pois para acreditar ſeu amor, buſca-os com beneficios, obriga-os com affagos; disfarçando o conhecimento de quanto o tinhaõ offendido, como ſe os naõ conhecera: *Quaſi ad alienos duriùs loquebatur.*

28 Admiravel caſo para o noſſo caſo. Bem ſabia Chriſto, que entre os Diſcipulos, que tinha, eſtava Judas, que o venderia; Pedro, que o negaria, e tambem ſabia que os mais todos o deixariaõ. Mas naõ obſtante ſabello de certa ſciencia, *ſciens*, a todos lavou os pès, a todos poz à ſua meza, qual outro Jozè a ſeus irmãos. Mas como? Como Jozé, que conhecendo a ſeus irmãos, moſtrou que os naõ conhecia: *Quaſi ad alienos.*

§. IV.

§. IV.

29 ASsim pois disfarçada a sciencia de Christo, taõ longe esteve de ser defeito para seu amor, que antes o acreditou de mais fino: *In finem dilexit eos.* Sempre reparey na desigualdade, com que Samsaõ amou primeiro a huma donzela em Thamnata, Cidade dos Filistheos, e depois a Dalila mulher ingrata, e traidora. Da primeira sò dizia Samsaõ que lhe agradàra: *Placuit oculis meis:* Da segunda encareceu muitas vezes que lhe tinha amor: *Dicis quòd amas me.* Pois se para com a primeira, naõ passou o amor de huma pequena affeiçaõ, e agrado: *placuit:* como para a segunda, sobe o agrado a ser por muitas vezes encarecido amor: *dicis quod amas me?* Que razaõ haveria para diminuir o apreço no primeiro amor, que sempre tem primasias, e encarecer o segundo, que nunca he taõ fino? He porque no primeiro caso, amava Samsaõ sem conhecer defeitos, que lhe estorvassem o amor; no segundo porèm conhecendo em Dalila ingratidões, e aggravos, se esquecia delles, e como se os ignoraſſe lhe tinha amor. No primeiro caso, amava huma fermosura, sem senaõ: no segundo com presciencia de aggravos, amava a Dalila, como se lhe naõ conhecera os defeitos, e as ingratidoens. Ah sim! Pois justamente he para com ella o seu amor taõ encarecido: *dicis quòd amas me*; porque sem duvida he amor encarecidamente grande aquelle, que conhecendo motivos para o odio, inculca ignorallos, para assim amar.

Jud. 14. v. 3.
Cap. 16. v. 15.

30 De nenhum Discipulo, se mostrou Christo mais fino amante, que de Judas. Este foy o unico Discipulo, a quem Christo com amorosa caricia deu o honroso, e aprasivel titulo de amigo seu: *amice ad quid venisti?* A todos

dos prometteu Christo honrar com este titulo: *Jam non dicam vos servos, sed amicos meos*: e só Judas desgraçado Apostolo foy nomeado amigo, só para cõ elle usou Christo deste amoroso titulo: *amice*. E qual podia ser a causa de se mostrar Christo mais amante de Judas, que de outro qualquer Apostolo? Foy (ao que me parece) porque para amar a este ingrato, disfarçava Christo, e mostrava ignorar os aggravos, que delle tinha. Joaõ era conhecidamente o mais amado, e o mais mimoso de Christo. Mas a Joaõ foy a sciencia de Christo bem notoria. Assim como para o amor, lhe esteve o coraçaõ aberto, assim para testemunhar a sciencia de Christo, lhe revelou o Senhor que sabia: *Sciens JESUS*. No mesmo peyto, onde vio o amor, descobrio a sciencia. Assim como referio o *dilexit*, tambem descreveu o *Sciens*. De sorte que naõ se mostrou Christo ignorante do que em Joaõ havia de experimentar. Pedro tambem se singularizou no amor de Christo; mas naõ disfarçava Christo para com Pedro, o que sabia delle; antes lhe descobrio, que o negaria tres vezes: *Ter me negabis*.

31 Só para com Judas disfarçava Christo, o que sabia delle: e quando o Senhor falava da traiçaõ, que lhe maquinava Judas, era sem que o nomeasse. Mostrava-se sabedor da traiçaõ, mas naõ do traidor: *Væ autem homini illi per quem filius hominis tradetur*. Pois se para com Judas sòmente, e naõ para com outro, se mostra Christo ignorando para ser amante, com razaõ he o amor de Christo mais fino para com elle. Com razaõ só para Judas saõ os osculos, e só para com elle se encarece Christo por amante: *amice*; porque a sciencia, que manifestando-se para o amor, he defeito encobrindo-se para mais emprego do amor, conduz para mais finezas: como no amor do bom JESUS se está vendo; porque disfarçada a sciencia

sciencia o acreditou de mais fino: *Sciens dilexit.*

§. V.

Venit hora ejus, ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem.

32 O Segundo defeito, que no amor de Christo parece haver, he arguido do tempo. Notavel contrario he este para o amor; porque sendo o tempo o que por si só tudo vence, quando contra o amor Divino conspira, vem ajudado tambem da sciencia. Se as enfirmidades vem juntas, trazem para o remedio difficuldade. Quem ao desafio entra acompanhado, leva já o vencimento seguro. Logo hoje, que o tempo se ajudou da sciencia, grande serà a conspiraçaõ contra o amor de Christo.

33 Sabia o Senhor, diz o Evangelista, que já era chegada a hora de se ausentar para o Padre, de deixar o Mundo, e se partir para o Ceo: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem.* Notavel contradicçaõ entre a sciencia, e o tempo! A hora de Christo se partir para os Ceos (da qual expressa, e claramente falou aqui S. Joaõ, como bem ensinaõ Euthymio, e Saõ Cyrillo) naõ chegou se naõ de hoje a quarenta e dous dias quando entre as ternuras, e saudades do Olivète fez a sua admiravel Ascensaõ para o Ceo. Pois como sabia o Senhor que neste dia, taõ antecedente ao outro, em que subio aos Ceos, era chegada já a hora de deixar este Mundo, e se passar para o Padre: *Sciens JESUS quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem?* Ou era esta a hora destinada por Deos para Christo se ausentar dos homens, ou naõ; se era, como ainda ficou no Mundo, como se deixou com os homens, como naõ subio para o Padre? Se naõ era, como sabia Christo que já

Euthym. Div. Cyrill. in cap. 13. Joan.

era

era chegadã à hora de ſe auſentar deſte Mundo para o Padre: *Sciens JESUS quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc Mundo ad Patrem?*

34 Erro na ſabedoria de Chriſto já vemos que naõ podia haver. Sem duvida ſeria defeito de ſeu amor. Taõ canſado eſtava já Chriſto de amar aos homens, que antes de chegar a hora, deu por concluido o tempo de ſe acabar o amor, de ſe auſentar do Mundo, e de ſubir aos Ceos. Taõ aborrecido eſtava já da noſſa companhia, que huns breves inſtantes com noſco lhe pareceraõ dilatados tempos de permanencia. Sò eſta podia ſer a cauſa de ſe julgar chegada já a hora da partida, antes de ſe completar o tempo da companhia. Como Chriſto nos tinha perdido já o amor, huma hora em noſſa companhia, lhe parecia immenſo tempo de aſſiſtir com noſco.

35 David fazendo conta aos annos todos de ſua vida, entẽdeu que naõ paſſavaõ de poucos dias: *Paucitatem dierum meorum nuntia mihi*; mas attendendo para a ſua peregrinaçaõ de Cedar, julgou ſer eſta de muitos annos, e de longo tempo: *Incolatus meus prolongatus eſt ... Multùm incola fuit anima mea.* Commenta Euthymio: *Multis annis, ac longo tempore.* Pois, ſe toda a vida eraõ poucos dias para David: *Paucitatem dierum meorum*; como no entender do meſmo David huma parte deſſes dias ſe reputava por longo tempo, e por muitos annos? *Multis annis, ac longo tempore?* Qualquer todo he mayor do que a ſua parte, como em hum dos ſeus Proloquios (4) enſina a Filozofia; pois ſe a vida inteira he taõ breve no conceito de David, como huma ſò parte della he taõ longa, e taõ dilatada? Porque David eſtava queixozo, e aborrecido da companhia; que teve em Cedar: *Habitavi cum habitantibus Cedar*; e como neſta companhia naõ empregava o amor, preciſo foy que fazendo

Pſalm. 119. Euthym. hic.

(4) Omne totũ eſt maius ſua parte.

contas ao tempo, os dias lhe parecessem multiplicados: *Incolatus meus prolongatus est, habitavi cum habitantibus Cedar, multùm incola fuit anima mea.* Os habitadores de Cedar eraõ malevolos, peccaminozos, e inimigos da paz, como insinùa David; e porque de seus procedimentos se representava o Santo Rey escandalizado, certamente lhe haviàõ de parecer dilatado tempo os poucos dias de sua companhia.

36 Tal parece que foy a computaçaõ, que fez Christo aos annos, que na terra peregrinou; porque como vivia queixoso de nossas ingratidões, e offendido de nossas culpas, estas lhe fizeraõ julgar que chegou a hora do apartamento, antes de se completar o tempo consignado para nos acompanhar neste Mundo.

37 E basta, meu amante Deos, meu amoroso JESUS, que nisto vieraõ a parar as finezas de vosso amor? Ainda se naõ encheu o tempo, que vos foy destinado para assistirdes com nosco, e jà requereis que he chegada a hora de vos ausentardes para o Padre? Muito ao contrario esperava eu que fosse; pois era de presumir de vosso inexplicavel amor que quando no mostrador de vossa infinita sabedoria se apontasse a hora de vos ausentardes do Mundo, de partir para o Padre, e de deixar os homens; o vosso amor entaõ requeresse pela companhia, como se naquella hora principiàra.

38 Qual foy o amante, se amou de veras, que ao seu amor naõ parecessem breves instantes as mais dilatadas horas na companhia, que ama? Sete annos tinha servido o Pastor Jacob a Labaõ, pay de Raquel serrana bella, e certificava elle que tantos annos lhe pareciaõ breves dias: *Videbantur illi pauci dies.* Em todo o rigor do Texto, quando completasse Jacob os seus sete annos, ainda havia de cuidar que estava no principio delles; havia

Genes. 29. v. 20.

via de julgar q̃ nem ainda hum anno era passado; porque todos aquelles annos lhe haviaõ de parecer poucos dias: *Videbantur illi pauci dies.* Pois taõ boa vida nesses sete annos se levou Jacob, que lhe ficassem parecendo poucos dias? *B*astava viver esperando, quando naõ vivera servindo, para que os dias lhe parecessem annos. Mas como vivia em companhia de Raquel, a quem muito amava, o grande amor, que lhe tinha, fazia que os muitos annos poucos dias lhe parecessem: *Videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine.*

39 Oh Jacob Divino! E he de crer que estando vòs em companhia da vossa amada Raquel, se anticipaõ as horas para o apartamento, e que no relogio de vosso amor se apressa o tempo da companhia? Bem vejo, Senhor, que tudo foy fineza; mas com licença vossa pareceu defeito.

§. VI.

40 DEfeito pareceu na verdade, e foy em verdade fineza, a qual ouvireis descuberta agora no mesmo Evangelho das finezas de Christo. Daime attençaõ para este fim, e vereis que nem na sabedoria de Christo houve engano, em se computar o tempo; nem no amor anticipaçaõ às horas, para se ausentar de nòs.

41 E na verdade chegou, Fieis, e foy esta a hora, em que o Eterno Padre ordenou se ausentasse Christo dos homens, que deixasse o Mundo, e se tornasse para os Ceos. Tudo diz o Evangelho amoroso: *Venit hora ejus, ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem.* E tudo isto sabia Christo: *Sciens*, mas taõ grande, taõ fervoroso, e taõ intenso foy o amor, que teve Christo aos homens

neſta hora, que, naõ obſtante o preceito da auſencia, ainda ſe deixou ficar com elles no Mundo por eſpaço de mais quarenta e dous dias. Naõ ha mayor fineza! Ficar aſſiſtindo no Mundo naõ obſtante o preceito de ſe partir! Deixar de ſe ir aſſentar à maõ direita do Padre, por ficar aos homẽs lavando os pès! Deixar de ſe collocar no Throno da gloria, por ſe aſſentar com os homens à meza.

42 Para fundamento deſta intelligencia, e prova della, poderia baſtar o ſaudoſo Texto, que ouviſtes neſte Evangelho. Diz S. Joaõ que ſabendo Chriſto ſer chegada a hora de deixar o Mundo, e voltar para o Eterno Padre; entaõ nos amàra àlem do fim: *Sciens JESUS quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc Mundo ad Patrem; ::: in finem dilexit eos.* Ou; como ſe lè em outra verſaõ, *ultra finem.* Além do fim? Como póde ſer fim o q̃ naõ he termo? Fim, que ſe paſſa, termo, que ſe continùa; naõ pòde ſer termo, nem fim. Pois como podia o amor de Chriſto exceder o ſeu termo, paſſando âlem do ſeu fim? Tudo foy; e ſò podia ſer, do modo que jà diſſemos; porque devendo Chriſto, chegada eſta hora, pòr fim à companhia, que nos fez; ainda paſſou àlem deſte fim, naõ pondo termo em aſſiſtir com noſco. O amor em Chriſto teve certas razões de infinito: *Scio quòd dilectio tua tendit in immenſum, & in infinitum,* eſcreve o Idiota, e a razaõ o dicta; porque em Chriſto os actos de amor na Peſſoa do Verbo tinhaõ o ſeu principio: (5) *Actiones ſunt ſuppoſitorum*; e de hum infinito amor que podiamos nós eſperar, ſenaõ que excedeſſe os fins em ſe moſtrar amante? *Ultra finem dilexit.*

Idiot lib. 1. de Amore Dei.

(5) Curſ. ſalmant. Fr. Paul. tom. 4. tract. 16 de Incar. Diſp. 1. Dub. 4. n. 86. Caramuel. in Met. lib. 3. d. 5. Hurt. & alii docentes Divinam ſubſiſtentiam eſſe principium *quod* operationũ Chriſti.

43 Naõ acabou ainda S. Joaõ de explicar eſte meu (ou eſte ſeu) penſamento. Dizendo o Evangeliſta, que tendo-nos Chriſto amado até o preſente, nos amou neſ-

ta

ta hora infinitamente, ou àlem do fim: *Cùm dilexiſſet, in finem dilexit*; foy o meſmo, que inſinuar-nos, como Chriſto neſta hora nos moſtràra mayor amor, mayores finezas, e mayores caricias. Eſte he o commum ſentir dos Padres, e Expoſitores. Perguntaõ agora os que gloſaõ eſte Texto de S. Joaõ: Em que nos moſtraria Chriſto neſta hora eſſes encarecidos exceſſos de ſeu amor? Como me toca reſponder à duvida, em que ſe envolve toda a importancia do preſente aſſumpto, digo que todo o Texto do noſſo Evangelho, ainda literalmente interpretado, he clara repoſta para taõ eſcura difficuldade, e o principal abono do que temos dito.

44 Vio S. Joaõ, e notou, que ſabia Chriſto ſer chegada a hora de ſe partir para o Padre: *Sciens JESUS quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem;* mas reparou tambem, que ainda ſe detinha Chriſto com os homens na cea, no lavatorio dos pès, e na pratica, que depois lhes fez. Combinando entaõ aquelle preceito com eſtas demoras, juſtamente inferio que em Chriſto ſe requintava o amor, quando chegada a hora de ſe partir para os Ceos, ficava na terra, ſem ſe poder apartar dos homens: *In finem dilexit eos. Et cœnâ facta, cœpit lavare pedes Diſcipulorum.*

45 E a quem, meu Deos, tendo alguma Fè, com a noticia dos Myſterios della, ſe perſuadiria o contrario? Quem ha de imaginar que anticipaſtes as horas para o apartamento dos homens? Digo que ninguem tendo Fè, e noticia dos ſeus Myſterios; porque ſe attendermos para os dous Myſterios, que neſte dia concorrem, facilmente ſe virà a crer que eſtendeſtes o tempo de nos acompanhar na terra, e não que anticipaſtes a hora de vos auſentar para o Ceo.

46 Diz S. Joaõ que neſta hora comparou Chriſ-

to dous grandes Myſterios entre ſi; á ſaber, o Myſterio da Encarnaçaõ na ſahida, que fez do Padre para o Mundo, e o da Aſcenſaõ na volta, que faria do Mundo para o Padre: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit*; e que com eſta reflexaõ ſe levantou da cea, deſpio os veſtidos, com que eſtava, e tomando huma toalha, ſe cingio, e foy continuando nas mais acções do Cenaculo, todas ellas incomprehenſiveis á noſſa ponderaçaõ: *Surgit à cœna, & ponit veſtimenta ſua, & cùm accepiſſet linteum, præcinxit ſe*, &c. Oh acções verdadeiramente dignas de que o Secretario do peito de Chriſto álem de as relatar, as admiraſſe tambem!

47 He poſſivel, que neſta hora, advertindo Chriſto que já he chegado o ponto de ſe voltar para o Padre *Sciens quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem. Sciens quia ad Deum vadit*; ainda ſe eſtá demorando na terra? Aquella advertencia da partida era hum forte eſtimulo, para ſe auſentar. Pois como ſe demora Chriſto na terra? Porque tambem advirtio em como do Padre havia ſahido, para encarnar no Mundo: *Sciens quia à Deo exivit*; e eſta ſahida naõ podia ſervir a Chriſto de incentivo para ſe auſentar; mas ſim de occaſiaõ para nos naõ deixar. A razaõ, em que me fundo, he notavel. Do ſeyo do Padre ſahio o Divino Verbo, para encarnar. E como? diz David que viera como a deſpoſar-ſe com a natureza humana, quando encarnava: *Tanquam ſponſus procedens de thalamo ſuo.* Ah ſim! O Filho de Deos vem a deſpoſar-ſe com a humanidade, quando deſce para encarnar? Pois quem duvida, que mais proprio lhe há de ſer dilatar no Mundo as horas da companhia com os homens, do que abreviar o tempo de ſe voltar para o Padre?

Pſalm. 18.

48. Sen-

48 Sentença foy de Adaõ, ainda nõ feliz eſtado da innocencia, que pela companhia da Eſpoſa deixaria o homem a companhia do Pay: *Propter hoc relinquet homo patrem.* E como bem penetrou, e interpretou S. Paulo, falava Adaõ com myſterio do deſpozorio de Chriſto com a ſua Igreja: *Sacramentum magnum in Chriſto, & Eccleſia.* O homem, de quem falou Adaõ, era Chriſto, do qual diz David: *Sion dicet: Homo, & homo natus eſt in ea.* A eſpoſa era a natureza humana, com a qual, para fundar Chriſto a ſua Igreja, ſe deſpozava na Encarnaçaõ: *Sponſabo te mihi*, diz o Profeta Oſéas; *in adventu Filii*, commenta a Gloſſa. Bem; pois de nenhuma ſorte havia Chriſto apreſſar-ſe para deixar os homens por amor do Padre; mas ſim o Padre por amor dos homens: *Propter hoc relinquet homo patrem.* Ouvi a interlineal: *Quia exivi à Patre, & veni in hunc mundum. Et adhærebit uxori ſuæ, ideſt, Eccleſiæ.* Por iſſo juſtamente, quando adverte Chriſto na hora de ſe partir para o Padre, entaõ fica na companhia dos homens; porque tambem repara que ſaindo do Padre, contrahio condições de Eſpozo no Myſterio da Encarnaçaõ. Por eſta razaõ, havendo Chriſto de eſcolher, a partida para Deos, ou a companhia com os homens, o amor de Eſpozo para a companhia prevaleceu à obrigaçaõ de Filho para a partida, ſem offender o reſpeito, que ſe deve ao Pay: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit. Et ipſe tanquam ſponſus. Propter hoc relinquet homo patrem. Et adhærebit uxori ſuæ; id eſt Eccleſiæ.* Geneſ. 2. v. 24. & AdEph. 5. 31. Ibid. v. 32. Pſal. 86. Oſes 2. Gloſ. ibid. Interl. ſup. cap. 2. Geneſ.

49 Eſta ſeria a razaõ de guardar Chriſto para eſta hora a inſtituiçaõ do Myſterio Auguſtiſſimo do Sacramento, que em toda a ſua vida dezejou anſioſamente celebrar: *Deſiderio deſideravi hoc paſcha manducare* Luc. 22.

care vobiſcum : porque com elle nos daria hum claro expreſſivo de que a obrigaçaõ de Eſpozo o fazia ficar na terra com os homens, e naõ voltar ainda para os Ceos, e para o Padre.

50 A cauſa de prevalecer no Eſpozo a obrigaçaõ de acompanhar a Eſpoſa, e naõ ao Pay, de quem recebeu o ſer, he; porque o vinculo do deſpozorio tem forças de uniaõ, pela qual o Eſpozo ſe naõ pòde apartar da Eſpoſa: *Duo in carne una.* Ponderay agora o effeito deſte Sacramento. *Quia manducat meam carnem, & bibit meum ſanguinem, in me manet, & ego in illo.* Quem me communga Sacramentado, diz Chriſto, fica unido, e taõ inſeparado de mim, que nelle fico eu, e elle em mim. E como poderà haver tanta uniaõ, ſendo entre ſi os extremos taõ diſtintos, e taõ diſtantes? Eu o direy.

51 No Sacramento ſe deſpoſaõ eſpiritualmente os homens com Chriſto, ficando entre ſi unidos tanto em hum ſò eſpirito, como em huma ſò carne tambem, que he a de Chriſto. Ouvi a Saõ Lourenço Juſtiniano: *Corporis, & ſanguinis ſui Sacramenta conceſſit, ut non ſolùm in ſpiritu, verùm etiam eſſent duo in carne una.* Ah ſim! Deſpoſa ſe Chriſto com os homens no Sacramento? Pois de tal ſorte ficaraõ unidos, que nem o homem ſe apartarà de Chriſto, nem Chriſto do homem ſe apartarà em quanto ſe conſervar eſte vinculo do eſpiritual deſpozorio: *In me manet, & ego in illo.*

Divus Laur. Juſt. tra. de Triumph. Chriſ. Agon. c. 2.

52 Eſtes deſpozorios, que os homens revalidaõ com Chriſto no Sacramento, já tinha Chriſto contrahido com a noſſa natureza na Encarnaçaõ: *Sponſabo te mihi. In adventu Filii.* Pois, ſe neſte dia chegando a hora de ſe auſentar Chriſto para o Padre, reflectio nos deſpozorios da Encarnaçaõ: *Sciens quia à Deo exivit. Ipſe tanquam ſponſus*; naõ ſe preſuma, que foy anticipando

as

as horas de se apartar de nòs; mas concluāmos sim que foy despertando as obrigações, que como Espozo tinha, de deixar os homens pelo Padre, de ficar acompanhando a Igreja sua Espoſa, e de se naõ ausentar della para os Ceos.

53 Já agora naõ estranho eu aos que dizem, que de alguma sorte (6) se mostrou Christo mais fino amante com a sua Igreja, que com seu Eterno Padre; porque, se bem na comparaçaõ de hum, e outro objecto o amor de Christo para com o Padre, era infinitamente mayor, que para com os homens, quanto vay de huma vil creatura a hum Deos infinitamente perfeito; com tudo, comparada a precisa razaõ de Pay com a razaõ precisa de Espoſa, sem se attender à excellencia de tal Pay, nem ao abatimento de tal Espoſa, achamos que Christo mostrou preferencias no amor da Espoſa, ao amor do Pay.

(6) Christi amor ardẽtior quodãmodo in Ecclesiam sponsam quàm in Patrẽ æternum. Sherlog. in Cant. t. 1. Antiloq. 2 8. Sect. 4.

54 A razaõ he; porque Christo sahio do Padre para buscar os homens (talvez anticipando, e apressando (7) para esse fim a hora da Encarnaçaõ): *Exivi à Patre, & veni in Mundum.* Chegando porèm a hora de se voltar para o Padre, *Venit hora ejus, ut transeat*, dilata a partida, e deixa de se ausentar no mesmo ponto, para ficar mais tempo com os homens. Logo para com estes mais se manifestava o amor; que sempre vive ancioso, e desvelado pela companhia do que mais ama.

(7) In opinione asserenti, ãtiquos Patres meruisse Incarnationis acceleratione; quam tenent multi apud Suar. in 3. part. disp. 10. sect. 6.

55 Ainda temos mais encarecida razaõ. Estando no Ceo com o Padre o Divino Verbo, antes que descesse para encarnar, parecia naõ ter descanço na gloria. Veyo ao Mundo, e quando com os homens falava em se voltar para o Ceo, mostrava tanta repugnancia, como se fora para desterrado peregrinar, mostrando-nos nestas circunstancias o amor da Espoſa preferido ao amor de Pay para a companhia. Ouvi manifesta taõ amorosa verdade para confusaõ da nossa ingrata vileza, por quem tanto se namorou

namorou a tremenda, e incomprehenſivel Mageſtade de hum Deos.

56 Fala David com o Divino Verbo antes da Encarnaçaõ, e lhe diz aſſim: *Surge, Dòmine, in requiem tuam.* Levantay-vos, Senhor, deſſe lugar, onde eſtais, e vinde para o voſſo deſcanço. O lugar do Verbo he o ſeyo do Eterno Padre: *Unigenitus Filius, qui eſt in ſinu Patris*; pois do ſeyo do Padre ſe ha de levantar, e ſair o Verbo? Sim: do ſeyo do Padre; e (o que mais he) para vir ao Mundo: *Surge é ſinu paterno in requiem tuam, quam ſuper terram per cripſiſti.* Commenta o antigo Eſyquio.

Eſych. in Pſal. 131.

57 Pois, ſe o Divino Verbo ha de vir do ſeyo do Padre ao Mundo, como neſta conſideraçaõ o convida David para o ſeu deſcanço: *In requiem tuam?* Para trabalhos, e para tormentos ſey eu, e ſabia David que encarnava o Filho de Deos. Para canſar, e para ſe canſar he certo que vinha ao Mundo quem fatigado em ſeus caminhos buſcou alguma vez huma fonte, em que tomaſſe reſpiraçaõ: *JESUS ergo fatigatus ex itinere ſedebat ſic ſupra fontem.* Pois como lhe promette David que no Mundo terà o ſeu deſcanço? Mais: ſò Deos he o deſcanço das creaturas, que o podem lograr, porque dellas he Deos o ultimo fim. Pois que deſcanço acharà Deos no Mundo? Sò Deos pòde ſervir de deſcanço para ſi meſmo; porque jà antes da creaçaõ do Mundo tinha em ſi tanto deſcanço, tanta felicidade, e gloria, quanta na eternidade poderà gozar. (8) Pois, ſe o Profeta roga ao Verbo Divino que deixe o ſeyo do Padre, como no meſmo caſo lhe aſſegura o ſeu deſcanço: *Surge, Dòmine, in requiem tuam?*

Joan. 4. v. 6.

(8) Requieſcit Deus in ſe ipſo, ſicut ante creationem Mundi, & ex omni æternitate, in ſe ipſo requieſcebat, ſe ſolo fruens, ſe ſolo cõtentus Beda in Hexam.

58 Supponho que jà eſtareis na repoſta, e he; que David bradava pelo Divino Verbo, para que encarnaſſe; e taõ anſiozo o ſuppunha de ſe fazer homem, que

antes

antes da Encarnaçaõ parecia naõ ter deſcanço, nem ainda no ſeyo do Eterno Padre. Por iſſo na terra lhe offerece o deſcanço por meyo da Encarnaçaõ; porque parecia eſtar violento no Ceo, em quanto naõ chegaſſe a hora da Encarnaçaõ: *Surge è ſinu paterno in requiem tuam, quam ſuper terram perſtripſiſti.* Nem he muito que no Ceo pareça eſtar violento o Divino Verbo antes de encarnar, ſe gozando das delicias da Gloria na companhia do Padre, ainda aſſim affirmava que as ſuas delicias eſtavaõ em acompanhar com os homens na terra; porque no amor delles tinha o ſeu deſcanço: *Deliciæ meæ eſſe cum filiis hominũ.* Agora a Interlineal: *Quia deſiderat in noſtro amore requieſcere.* Prov.8.v. 31. Interlin. hic.

59 Tendes ouvido que o Divino Verbo eſtava no Ceo como violento antes da Encarnaçaõ, anſiozo por vir deſcançar com os homens na terra. Agora em contrapoſta conſideraçaõ ponderay a Chriſto no Mundo na companhia dos homens, e vereis como taõ goſtozo aſſiſte com elles na terra, que o meſmo he lembrar-ſe Chriſto que ha de voltar para o Padre, que julgar-ſe como indo peregrino para algum deſterro.

60 Em huma Parabola propoz Chriſto hum homem, que ſahia peregrinando: *Homo peregre proficiſcens.* Eſte homem, que peregrinava, era Chriſto voltando para os Ceos, quando ſe auſentaſſe da terra. He commua interpretaçaõ dos Doutores com o meu S. Gregorio Papa. Mas voltando Chriſto da terra para os Ceos, como ſe podia conſiderar peregrinante? Hum homem peregrino ſahe deſgoſtozo de ſua patria, e vay por terras eſtranhas violento. Como pois voltando Chriſto para os Ceos, ſe podia repreſentar naquella Parabola, violento, e deſgoſtozo, ſe voltava para a Patria celeſtial, e para os braços de ſeu Eterno Padre? Reſpondo que com muita Matth.25. Div.Greg. Homil. 9. in Evang.

propric-

propriedade, ẽ myſterio; pelo amor, que tem aos hõmens, taõ grande, e taõ ardente, que parece o faz preferir a companhia deſtes à companhia do Eterno Padre. Ouçamos a S. Chryſoſtomo, que com o ſeu Pico de ouro illuſtra o meu penſamento: *Ad Regna cæleſtia aſcenſurus, & ad Patrem ſuum iturus, unde deſcenderat, peregre ſe iturum dicit propter charitatem Sanctorum, quos relinquebat in Mundo.*

Chryſoſt. Homil. 55 in Matth.

61 Oh meu Deos, que provas eſtas de extremado amor! No Ceo, e na companhia do Padre, em quanto naõ encarnaſtes, parecieis naõ lograr deſcanço. Feyto homem, quando voltais para o Ceo, moſtrais que ides violento, porque vos apartais dos homens. O certo he que ao Padre amais com amor de Filho, e a voſſa Igreja amais com amor de Eſpozo. Por iſſo inquieto eſtais no Ceo, atè que com os homens deſcanceis na terra. Por iſſo tambem, tanto vos naõ podeis apartar dos homens, que qual o peregrino, que caminha violento, e deſgoſtozo, dais a entender o muito que vos cuſtarà deixallos na terra, quando ſubirdes ao Ceo, como peregrino.

62 Reſolvey agora, Catolicos, ſe anticiparia as horas, para ſe auſentar de nòs, quem taõ violento ſe apartarà do Mundo? Se em Chriſto foſſem as anſias, por deixar o Mundo, e ſe auſentar para o Padre, puderamos eſperar de noſſas ingratidões que dellas eſtimulado anticipaſſe as horas de ſe partir. Mas ſe o apartar-ſe dos homens taõ penozo, e taõ violento ha de ſer ao amorozo JESUS, de crer he; naõ que abreviou as horas, para ſe partir; mas ſim que dilatou o tempo de nos acompanhar; pois ſe naõ reſolve a deixar o Mundo, ſabendo que he chegada a hora de ſe auſentar.

63 Bem ſe deixa ver jà agora, como taõ longe eſtà

que

que o tempo diminùa as finezas do amor de Chriſto, que antes lhas encarece mais. Se Chriſto, naõ ſendo chegada a hora de ſe auſentar para o Padre, dèſſe por acabado o tempo de aſſiſtir com os homens, diſſera eu, que nos naõ amava. Mas como pelo contrario, chegando a ultima hora de nos acompanhar, *Venit hora ejus, ut tranſeat*, ainda naõ deu por ajuſtado o tempo de aſſiſtir comnoſco; preciſamente devemos concluir com o Evangeliſta que o tempo lhe prova o amor de fino: *Sciens JESUS quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc Mundo ad Patrem. In finem dilexit eos.*

§. VII.

64. NAõ ſey porém ſe eſte ſubido extremo, que deſcobrimos hoje no amor de Chriſto, padece alguma contrariedade. E como ſeria poſſivel (direis) que ſendo eſta a hora de ſe auſentar Chriſto do Mundo, faltaſſe ao preceito de ſeu Eterno Padre, ficando com os homens, para naõ faltar às propenſões de ſeu amor? Se aſſentarmos com alguns Theologos de boa nota, e tambem com alguns Santos Padres (9) que Chriſto naõ teve preceitos, que o obrigaſſem a obedecer, perderà o argumento totalmente as forças. Mas admittindo com a luz da Theologia Santo Thomaz que o Padre, para que em Chriſto tiveſſe exercicio a virtude da Obediencia, lhe impoz alguns preceitos; e que ſeria talvez hum delles o auſentarſe neſte ponto, e partirſe neſta hora para o Ceo: *Venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc Mundo ad Patrem*; neſte caſo reconheço a difficuldade, e a diſſolvo.

(9) Div. Joan. Chryſoſt. Div. Cyrill. Alexand. Div. Anſelm Dionyſ. Carth. in 3 q. 3. a 2. Paludriu. 3. d. 12. q. 2. a 2. Lorc de Incarn. q. 19. d. 63.

65 Se bem attendermos para o Evangelho, que ouviſtes, q̃ ſendo conſtarà chegada eſta hora, poz o Eterno Padre

dre nas mãos de Christo todo o seu poder, concedendo-lhe quanto lhe havia coarctado atèqui; para que obrasse Christo desta hora em diante o que seu amor lhe dictasse. He doutrina de Origenes, deduzida do Evangelho: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*: diz S. Joaõ. *Quæ igitur antea non erant in JESU manibus, & potestate, ejus manibus, potestatique à Patre traduntur.* Cõmenta Origenes.

Origẽ in c. 13. Joan.

66 O que supposto, digo que, chegando Christo a esta hora, vio que nella se entendia o preceito de deixar os homens, e subir aos Ceos: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc Mundo ad Patrem.* Mas vio tambem que em sua maõ estava o poder ficar na terra mais tempo com os homens, se quizesse: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus.* Comparando entaõ Christo aquelle preceito com esta permissaõ, ficou, e naõ se ausentou. Naõ se partio para o Ceo, como estava determinado, e como o tempo requeria jà: *Venit hora ejus, ut transeat.* Ficou na terra, como o seu amor lhe pedia, e o Padre lhe permittia: *Omnia dedit ei Pater in manus.*

67 Agora acho eu luz para penetrar a energia, com que nos diz S. Paulo que Christo se fizera obediente a seu Eterno Padre atè a morte: *Factus obediens usque ad mortem.* Pois atè a morte sómente? Respondo que sim, e por duas razões, ambas comprehendidas naquella palavra *usque.* He esta palavra hum termo, que juntamente serve de encarecer, e excluir. Encarece a obediencia de Christo, porque diz que chegou a obedecer atè a morte por obediencia: *Usque ad mortem.* Exclue tambem aquelle termo *usque*; porque tambem significa que só atè a morte chegou a obediencia de Christo. Exprime, que naõ passou a obediencia do Redemptor àlem da morte; porque a morte para elle foy a baliza da obedien-

Ad Philip. v. 8.

cia:

cia: *Usque ad mortem.* E seria talvez a propriedade deste dizer do Apostolo; porque depois da morte de Christo seguia-se o deixar o Mundo, e subir ao Ceo; mas neste ponto se valeu Christo da permissaõ do Padre, para ainda ficar com os homens na terra largo tempo. Obedeceu até a morte; porque obediente Christo ao preceito de seu Eterno Padre morreu sequioso de espirar na Cruz para redempçaõ do Mundo. Mas no que toca ao tempo de se ausentar dos homens, em obzequio de tanto amor quiz o mesmo Padre, que o preceito cedesse à sua permissaõ: *Factus obediens usque ad mortem. Omnia dedit ei Pater in manus.*

68 Poderá ser que o mesmo Apostolo das Gentes confirme esta intelligencia: *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis.* Christo obedeceu ao Eterno Padre atè a morte. Mas atè que morte? Atè a morte da Cruz nos diz o Apostolo. Naõ vos parece escusada esta reflexaõ? Em Christo houve mais, que huma morte? Naõ; e essa, como sabemos, foy a que por nòs padeceu na Cruz. Pois como falando da morte, que foy termo encarecido da obediencia de Christo, nos advertio S. Paulo que essa morte fora de Cruz? Se Christo padecera outra morte àlem da ignominiosa na Cruz, bem se advertia que esta sim, e naõ outra, fora o termo de sua obediencia. Mas se Christo huma sò vez morreu pelos homens, e foy notorio que crucificado espirou; qual poderia ser o discurso, ou (melhor ainda) o mysterio, com que dizendo S. Paulo que Christo obedeceu atè a morte, declara logo que esta morte, termo da obediencia de Christo, fora a cruel, e affrontosa morte de Cruz: *Mortem autem Crucis?*

69 Eu venero como devo, o que os Padres, e Expositores respondem a esta duvida. Mas a occasiaõ me offerece;

offerece em obzequio do amor de Chriſto nova ſoluçaõ fundada na doutrina dos meſmos Expoſitores, e Padres, para que ſeja aceita ſem novidade. Duas mortes quero conſiderar no noſſo amante JESUS, huma natural, quando de ſeu Sacroſanto Corpo ſe apartou ſua Alma Santiſſima. Outra amoroſa, quando o meſmo Chriſto ſe auſentou dos homens. E a razaõ he: porque, ſe na morte natural, a Alma ſe aparta do corpo, na amoroſa o corpo ſe aparta da Alma, quando o amante ſe auſenta do ſeu amado, pois certamente he o amado alma do ſeu amante. Neſta conſideraçaõ differaõ muitos, ſeguindo a doçura do meu S. Bernardo, (10) que ſe o eſpirar he morte para quem vive, o apartarſe he morte para quem ama.

(10) Apud Caſtil. in c. 28. Exod. v. 5. illat. 45.

70 Tenhamos agora o penſamento neſtas duas mortes, e facilmente deſcobriremos a razaõ de nos dizer S. Paulo que Chriſto obedecera atè a morte, que padeceu na Cruz: *Factus obediens uſque ad mortem, mortem autem Crucis*; e he; porque Chriſto ſem moderaçaõ do preceito abraçou promptamente a morte natural, que padeceu na Cruz, quando eſpirou; mas no que reſpeita à morte da auſencia, a diſpenſaçaõ prevenio o preceito: querendo o meſmo Padre grangear aſſim triunfos para o amor de Chriſto; porque chegada a hora de ſe auſentar Chriſto dos homens, fez o amor que o bom JESUS naõ ſe apartaſſe: fez que em noſſa companhia ficaſſe, aproveitando-ſe da diſpenſaçaõ do Padre: *Venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc Mũdo ad Patrem. Omnia dedit ei Pater in manus.*

§. VIII.

§. VIII.

71 E Que extremosa fineza he esta, Catholicos! Chegar o tempo de se partir Christo para os Ceos, e deixarse ficar na terra por amor dos homens! Eximirse ao ponto da ausencia, por naõ perder a nossa companhia! Naõ ha mais requinte de amor no mesmo que pareceu defeito. Quiz huma vez Saõ Paulo encarecer o muito que amava aos Filippenses; e depois de lhes fazer, e repetir varias expressões de seu grande amor exagera por grande fineza que por amor delles estava disposto a viver mais tempo na terra: *Permanere autem in carne necessarium propter vos. Et hoc confidens scio; quia manebo, & permanebo omnibus vobis.* Estranha fineza na verdade! Novo, e estranho encarecimento! Se dissera S. Paulo aos Filippenses que por seu amor naõ recusaria a morte, eu tomara a minha conta encarecer-lhe a fineza. Mas dizendo que por amallos se deliberou a viver, em que mostra, que lhes tem amor, e grande amor? Ad Philipp. cap. 24 & 25.

72 Direy. Entre dous extremos se considerava o Apostolo neste caso. De huma parte considerava a morte; mas por meyo della subia ao Ceo, logrando nelle a companhia de Christo. A vida se lhe representava de outra parte, ficando no Mundo em companhia dos Filippenses: *Coarctor autem è duobus*, (dizia o Apostolo) *desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo: multo melius permanere autem in carne necessarium propter vos.* Pois que mayor fineza podia obrar pelos Filippenses o amor do Apostolo, q̃ deixar de subir a gozar de Christo no Ceo, por se dilatar com elles na terra? Antes que o Apostolo exprimisse aos Filippenses esta fineza, muito lhes Ibid. v. 23.

havia encarecidó já o seu amor: *Eoquôd habeam vos in*
v. 7. *corde, & in oculis meis*; porém cessou dos encarecimentos de seu amor, tanto que lhes propoz a fineza, que agora ouvistes.

73 Oh amor de Paulo! Mas oh fineza muito mayor de Christo! Quando as nossas ingratidões lhe persuadiaõ ausencias, o seu amor instava pela companhia: *Eu fuge dilecte mi*; dizia a Christo aquella sua amorosa Esposa dos Canticos. Ay amado meu, fugi, e retiraivos
Canto 8. do Mundo: *Assimilare capreæ, hinnulo que cervorum super montes aromatum*; deixay os homens, que vos offendem, e vos perseguem; e qual o Cervo ligeiro, que acoçado, e perseguido nos valles se parte fugindo para os montes, parti apressado voz para esses montes da Gloria. Aquelle *ay*, aquelle *idevos*: *Heu fuge*; fundava-se no reconhecimento de havermos offendido a Deos, e a huma offensa contra Deos que se podia seguir, se naõ da nossa parte hum sentimento grande: *Heu*; e da parte de Deos offendido, que de nòs se tirasse para sempre? *Fuge dilecte mi.* Mas taõ excessivo foy o amor de Christo, que offendido, nos naõ quiz deixar, nem ainda sendo chegada a hora de se partir; antes se demorou com nosco para mais credito de seu incomparavel amor, que soube triunfar do tempo: *Sciens quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;... in finem dilexit eos.*

§. IX.

Cùm dilexisset ... in finem dilexit.

74 O Terceiro, e ultimo defeito, que se nos propõem no amor do nosso Divino amante JESUS, está na repetiçaõ, com que parece que nos amou, conforme o Texto do nosso Evangelho: *Cùm dilexisset, Dilexit.*

Dilexit. Diz que tendo-nos Chriſto amado, neſta hora nos amou tambem. De dous amores, ou de hum amor repetido faz diſtincçaõ o Evangeliſta. Hum amor he o da preſente hora: *Sciens JESUS quia venit hora ejus, in finem dilexit.* Outro he o amor preterito em toda a vida de Chriſto: *Cùm dilexiſſet.* Eſta differença de amar, e ter amado; amando de preſente, e tendo amado de preterito; moſtra variedade no amor, e no amante vario naõ ha conſtancia.

75 Amor, que foy; *cùm dilexiſſet*; e amor, que neſta hora exiſte, *ſciens quia venit hora ejus*; *dilexit*; he amor, que ſe mudou com o tempo: e amor com mudanças naõ he amor, porque naõ he firme. O preterito acabou, e tem paſſado; logo o amor de preterito, *cùm dilexiſſet*, he hum amor; que jà tem paſſado; hum amor, que ſe acabou jà. E para ſer fino, devia ſer permanente.

76 O amor naõ ha de andar com o tempo, ha de ſer como a eternidade. E ſe naõ reparay nas armas, com que o Amor vence, e achareis que triunfa com arco, e ſettas. Tanto que curva o arco, e puxa para ſi a corda, fórma hum circulo: quanto mais apertado; quanto mais reforçado, entaõ com mais ſemelhanças à eternidade. No tempo paſſou o preterito, q̃ já naõ he. O futuro ainda ha de ſer, e naõ he ainda. Sò o preſente, he parte de tempo, q̃ he. O preterito, e o futuro ſaõ partes de tempo, q̃ naõ he. O ſer do preſente, he ſer, naõ ſendo mais que hum inſtante. O ſer do preterito, e do futuro he hum naõ ſer. Mas a eternidade, naõ aſſim. Em toda ella, naõ ha mais que hum ſer. Naõ ha futuro, naõ ha preterito, tudo he preſente na eternidade. Aſſim deve ſer o amor, para ſe acreditar de perfeito. Naõ ha de ſer como o tẽpo, onde hũa parte foy, e outra parte ainda naõ he. Deve ſer como a eternidade, cujo ſer ſempre eſtà preſente.

77 Quando Chriſto neſta hora inſtituhio o Sacramento do Altar, diſſe que ſendo novo, era tambem eterno: *Novi, & æterni Teſtamenti.* E ſe he novo, como podia ſer eterno? O novo, quando principia, faz differenças de tempo; o eterno carece de ſujeiçõnes ao tempo. Pois eterno, e novo podia ſer juntamente? Sim, porque eſſe Sacramento, que ſe inſtituhia entaõ, era Sacramẽto de amor; *Sacramentum amoris* lhe chamaõ Santo Agoſtinho, e Saõ Bernardo com o Idiota. E ſe a hora da inſtituiçaõ fez que foſſe novo eſſe Sacramento, a circunſtancia do amor lhe dava as qualidades de eterno: *Sacramentum amoris; novi, & æterni Teſtamenti.*

78 Como era Sacramento de amor, era ſempre novo, e naõ havia de experimentar antiguidades na duraçaõ. Era porèm eterno; porque ſempre havia de eſtar em hum ſer. Era novo; porque nunca havia de ſer preterito. Era eterno, porque nelle tudo ſempre havia de ſer preſente. Era novo, como ſe naõ tivera mais tempo, que hum inſtante. Era eterno, como ſe houvera de durar ſempre eſſe inſtante, em eternidade: *Novi, & æterni Teſtamenti.*

79 Comparay agora a fraſe de Chriſto ao eſtylo do Evangeliſta, e achareis huma diſſonancia notavel. Saõ Joaõ no ſeu eſtylo dando no amor de Chriſto variedade nos tempos: *Cùm dilexiſſet, dilexit.* Chriſto na ſua fraſe, ſujeitando o tempo do amor à eternidade; para moſtrar que no ſeu amor naõ houve preterito, naõ ha futuro; mas tudo hum ſer prezente, e hum inſtante immutavel, e invariavel de amor: *Sacramentum amoris. Novi, & æterni Teſtamenti.*

80 O meſmo ſe deſcobre tanto que Chriſto fala do Divino amor; porque he obſervando ſempre excluir preteritos, por moſtrar hum amor invariavel com o tem-

po;

po. Myſterioſa he a differença, com que o Eſpirito Santo fala na proceſſaõ do Eſpirito Santo. Do Verbo diz o Eſpirito Santo que procedeu do Padre: *Ego ex ore Altiſſimi prodivi.* Chriſto porèm, diz que o Eſpirito Santo procede do Padre: *Spiritùs, qui à Patre procedit.* Ja vemos a diverſidade, e jà ſe moſtra o reparo. O Verbo procedeu: *prodivi*; e o Eſpirito Santo procede: *Spiritus, qui à Patre procedit?* Eccleſ. 24. v 5. Joan. 15.

81 Eu naõ ignoro que as proceſſões Divinas ambas ſaõ eternas, e ſuperiores ao tempo; mas ſe do Verbo diz a Eſcritura que procedeu, falando de preterito, e naõ de prezente: *prodivi*; com que myſterio diz que o Eſpirito Santo procede, falando de prezente, e naõ de preterito? *Procedit?* Serà a razaõ, (como cuido) porque o Eſpirito Santo, que procede do Pay, e do Filho, he Amor de ambos; e quando Chriſto fala do Amor, que delle procede, naõ quer admittir preteritos, para inculcar que no ſeu amor tudo he huma permanencia invariavel de prezente: *Spiritus, qui à Patre procedit.* Diga-ſe do Verbo que procedeu; porque procede pelo entendimento do Padre: e naõ he diſcredito do entendimento fazer diſtincções de tempo. Do amor naõ; que o amor perfeito naõ ſe explica bem com ſojeiçaõ às variedades do tempo.

82 Ainda temos mais profunda repoſta à meſma duda. Em Chriſto ha duas proceſſões, e de ambos falou o Eſpirito Santo, como enſina a Gloſſa de Lyra (11) Huma he a proceſſaõ eterna, que tem em quanto Verbo: outra he a temporal, em quanto homem. Diga-ſe pois que o Verbo Divino procedeu do Padre, como de preterito; para ſe denotar outra proceſſaõ futura, que havia de ter em quanto homem. Mas naõ ſe fale do Eſpirito Santo com eſta variedade de termos; porque nelle ha huma proceſſaõ ſò, que he a proceſſaõ eterna.

(12) Hic deſcribitur Sapientiæ genitæ generatio, & primò generatio æternalis ex Patre: ſecundò tèporalis ex Virgine. Lyr. ſup. hunc locũ.

83 Porèm diſſo meſmo entro a deſcobrir a razaõ. Se alguma das Divinas Peſſoas houve de ter duas proceſſões, huma eterna, outra temporal; porque he mais o Verbo, e naõ o Eſpirito Santo, o que ſe ſojeitou a eſta ſegunda proceſſaõ em tempo? A Encarnaçaõ foy obra de amor: Joan 3.16 *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret.* Pois ſe huma Peſſoa Divina houve de encarnar, como naõ foy o Eſpirito Santo, viſto ſer eſſencialmente Amor o que para nos remir ſe fez homem? Os Theologos reſpondem variamente; porque ſaõ muitas as congruencias, que apontaõ, (12) para ſer a ſegunda Peſſoa entre as Divinas a que encarnou. Mas o que eu agora venho a entender, he, que pela Encarnaçaõ o eterno ſe fez temporal; e naõ era conveniente que o Eſpirito Santo, ſendo Divino Amor, ſe rendeſſe á variedade do tempo, quando por ſer Amor perfeitiſſimo, hade ſer immutavel ſobre todo o tempo. Pois quem naõ dirà que neſta hora temos hum defeito no amor de Chriſto, manifeſto nas meſmas palavras, com que o Evangeliſta, pelas differenças do tempo nos moſtra a variedade, com que Chriſto nos amou de antes, e nos amou depois neſta hora? *Cùm dilexi ſſet, dilexit.*

(12) Vide Div. Thom. 3. p.q.3 art. 8.

§. X.

84 MAs ah meu amante Deos, meu amoroſo JESUS! Perdoay os erros de minha lingua, pouco menos que ſacrilega neſta hora. Já parece intoleravel ouſadia, affectar tanta apparencia, contra voſſo incomprehenſivel amor. Temerario fora ſem duvida o meu diſcurſo, ſe o naõ deſculparaõ as reverencias, que minha Fè conſagra às aras daquelle amor, em que ſacrificado vos abrazais pelos homens; ſem variedade no affecto,

affecto, e sem mudança alguma no tempo: antes isso he o que com verdade alcanço nas palavras do Evangelista.

88 *Cùm dilexisset, in finem dilexit.* Amou agora assim como nos tinha amado. Esta he a intelligencia do nosso Texto; porque amou Christo aos homens em toda a sua vida: e da mesma sorte, que os tinha amado nos primeiros alentos, em que respirou sendo mortal, assim os amou nas vesperas de sua morte, posto que então fizesse mayores demonstrações o seu amor: *Cùm dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Com esta fraze explicou o Evangelista, que no amor de Christo não houve interrupçaõ, ou variedade alguma: *Nec oblivioni tradidit amorem erga suos, nec interrupit illum*; expõem o Cardial Caietano. Quiz S. Joaõ significar assim, que no amor de Christo só houve huma continuaçaõ sem desmayo: *Mansit amans continuè*; diz o Angelico Doutor Santo Thomaz com razaõ, e com verdade: porque da Encarnaçaõ atè a morte conservou Christo o seu amor sempre em hum mesmo ser. Caiet. in hunc locum Joan. Div. Thom. in Catena.

89 No Apocalypse lemos que Christo foy morto desde a origem do Mundo: *Occisus est ab origine mundi.* Duas origens teve Christo; huma em seu Eterno Padre, quando o gerou: outra no Mundo, quando encarnou: e desde esta segunda origem, foy logo Christo morto; naõ pelos homens ainda, mas sim pelo amor dos homens; porque os amou a morrer, desde que principiou a viver no Mundo: *Occisus est ab origine mundi.* E isso como poderia ser? Christo pela origem, que no Mundo teve, adquirio mais vida, do que tinha antes de encarnar; porque se como Deos lograva só vida eterna, como homem logrou outra vida mais, que he a temporal. Pois como se diz que na sua origem do Mundo morrera Christo, principiando então a ter outra vida mais? Porque o mor- Apoc. 13.

rer pelos homens seria o acto mais heroyco do amor de Christo: *Maiorem charitatem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*; para que pois se visse a firmeza invariavel de seu amor, quiz morrer Christo desde a sua Encarnaçaõ: *Occisus est ab origine mundi.*

90 Quero suppor que para mais plena insinuaçaõ de seu amor diria Christo. Se hà de vir tempo, em que eu morra pelos homens, logo, e jà desde a Encarnaçaõ quero estar morrendo por elles, porque se eu só morrer pelos homens no fim da vida, se dirà talvez que entaõ foy o meu amor mais, e antes disso menos: e naõ hey de consentir eu, que no meu amor haja essas differenças com o tempo. Naõ quero que comparado o amor do preterito com o do futuro, seja mayor hum em mim, outro menor. Se em morrer està o mayor final de amor, seja toda a minha vida, huma morte prezente; e desde a minha origem no Mundo atè a minha ultima respiraçaõ nelle, seja todo o meu viver huma morte: *Occisus est ab origine mundi*; para que com esta continuada morte, se prove a igualdade, e constancia de meu amor, sempre invariavel, e sempre o mesmo em todo o discurso de minha vida.

91 De Christo se diz no Apocalypse que saira vencedor, e para vencer: *Exivit vincens, ut vinceret.* He certo porèm, que este vencedor Divino fez a sua saida na
Joan. 16. Encarnaçaõ: *Exivi à Patre, & veni in mundum*; e havia de vencer na Cruz, onde triunfou do Demonio por meyo
Joan. 12. de sua morte: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras; & ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.* Pois, se o vencimento de Christo havia de ser na Cruz por meyo da morte, que nella padeceria, como jà na Encarnaçaõ sahia vencedor, principiando a viver temporalmente na Encarnaçaõ? A reposta he a confirmaçaõ do que dissemos. Vencia Christo na Encarnaçaõ, *exivit vincens:*

vincens: exivi à Patre; e ainda estava para vencer, *ut vinceret*; porque se na Cruz havia de vencer morrendo, naõ morreu só quando espirou; tambem morreu quando vivia; e morreu tambem quando encarnou: *Occisus est ab origine mundi. Exivit vincens, ut vinceret.* Fez o odio que morresse Christo espirando, e fez o amor (naõ menos poderozo, antes mais) que vivesse Christo morrendo. Ajuntou o amor a vida, e a morte em Christo; assim como depois unio a morte, e a vida no Sacramento; para que no amor de Christo (como se fora eterno) com as differenças da morte, e vida se naõ descobrissem com o tempo variedades.

92 Do amor, para ser perfeito, dissemos que havia de ser como a eternidade, onde tudo he prezente, sem que para ella haja preterito, nem futuro. O tempo, como he divisivel, e tem partes, passa no preterito em huma parte: em outra existe no prezente; outra parte ainda lhe està por vir no futuro. O contrario he na eternidade. Tudo nella està prezente; nada passa; nada està por vir, por ser a eternidade indivisivel, e naõ constar de partes. He a eternidade como hum instante, que tambem carece de partes, por ser hum indivisivel do tempo. Todo o ser da eternidade, he ser de prezente, e todo o ser de hum instante he ser prezente; sendo propriamente a eternidade hum infinivel, e interminavel instante de vida: *Interminabilis vitæ tota simul, & perfecta possessio.* Boetius

93 Attendey agora para o amor de Christo, e achareis claramente que foy muy parecido com a eternidade; porque todo o tempo do amor de Christo neste Mundo foy para o mesmo amor hum instante indivisivel de tempo, sem partes, sem differenças de preterito, ou de futuro, e só com o ser de prezente. Dou a razaõ.

94 A mõrte naõ dura mais que hum inſtante. A vida, por mais dilatada que ſeja, gaſta hum ſò inſtante em ſe concluir; porque do ſer para o naõ ſer vay hum inſtante ſòmente, como ſabem os Filoſofos. Dizey-me agora. Quanto tempo durou o amor de Chriſto neſte Mundo? Reſpondo, que durando muitos annos, naõ durou mais de hum inſtante; porque a penas naſceu, quando morreu: fazendo o amor, como diſſemos, que na origem eſtiveſſe a morte: *Occiſus eſt ab origine mundi.* Os trinta e tres annos de ſua vida foraõ para Chriſto o tempo, que ſe pòde gaſtar em morrer; porque morreu às mãos do amor, deſde que encarnou, atè que eſpirou às mãos do odio: *Occiſus eſt ab origine mundi.* Logo os annos todos do amor de Chriſto neſta vida foraõ como eſſe dilatado inſtante da eternidade, onde naõ ha differenças de tempo; porque naõ ha preterito, que paſſe, nem futuro, que ſe eſpere, mas tudo inſtante prezente. Foy na vida, e amor de Chriſto hum como dilatado inſtante de morte, o meſmo que na eternidade he infinivel inſtante de vida.

95 O Amor diſſemos nòs que tem por armas hum arco, e ſettas. Quanto mais ſe esforça para diſparar as ſettas, tanto mais moſtra no arco a ſemelhança da eternidade. Perguntay a Saõ Joaõ, que armas eraõ as daquelle cavalleyro, que ſahio vencedor; e para vencer? Sò diz que uſava de hum arco: *Habebat arcum.* Nelle ſe fòrma o circulo, em que a eternidade ſe reprezenta; e porque tambem o arco he empreza do amor, bem ſe moſtrava Chriſto naquella figura amante ſem ſojeiçõeſ ao tempo, dando ao ſeu amor attributos, e ſemelhanças da eternidade: *Habebat arcum.*

§. XI.

§. XI.

96 ESte he o amor de Chriſto na prezente hora. He indiviſivelmente o que foy ſempre, e continuadamente o meſmo ſem interrupçaõ alguma: *Cùm dilexiſſet, dilexit. Manſit amans continuè.* Nem houve repetiçaõ de amor, nem defeito, antes foy eſte o criſol, em que o Amor Divino quiz apurar ſeus quilates; porque das differenças do tempo, em que nos amou, e eſtà amando ſem differença no amor, tirou evidentes demonſtrações de ſuas inſcrutaveis finezas. A razaõ he: porque o amor deſta hora ficou ſendo amor com experiencias do amor no que paſſou. No amor, que Chriſto teve aos homens atè eſte ponto, *cùm dilexiſſet*, aprendeu por experiencia, o que lhe cuſtaria o amor deſta hora; o qual ſem duvida, pela experiencia que tinha do preterito, ſe acreditou por mais fino no prezente: *In finem dilexit.*

97 O amar antes de ter amado, alguma vez pòde ſer, ou ignorancia, ou engano; o amar tendo amado, ſò he propriamente amor, pois ſe acredita com a experiencia. Quantos amàraõ enganados o meſmo, que com experiencia dezejàraõ aborrecer? Naõ aſſim o noſſo Divino amante, pois nos amou com experiencias do que he amor; porque nos amou neſta hora, tendo-nos amado em toda a ſua vida: *Cùm dilexiſſet, dilexit.*

98 Que perſeguiçoens, que odios naõ experimentou nos homens o amor de Chriſto? Que de vezes naõ conſpirou contra a vida daquelle Cordeiro taõ innocente, como Divino a noſſa mais que inhumana fereza? que injurias, que ingratidões lhe naõ tem cuſtado o amor, que

nos

nos teve, e nos tem ainda? Mas oh evidencias de verdadeiro amor! O ter amado lhe naõ eſtorva o amar; porque ainda continùa no amor, como dantes, ſem variedade nos tempos: ſervindolhe ſò as experiencias do amor paſſado para mais acreditar o amor prezente: *Cùm dilexiſſet, in finem dilexit.* Aquellas meſmas ingratidões, que nos homens foraõ barbaridade, ou fereza, ſerviraõ de credito para o amor de Chriſto; porque ſe conſervou com as injurias, e ſe apurou entreas penas, ſem que acabaſſe por offendido.

99 Aquella Alma nos pontos de amor taõ diſcreta o comparou com a morte: *Fortis eſt ut mors dilectio*; e para mais o acreditar diſſe que em ſuas operaçoens era eſſe amor ſemelhante ao inferno: *Dura ſicut infernus æmulatio.* Ou como explica a Gloſſa interlineal: *Sicut infernus, dilectionis executio.* Que o amor ſe comparaſſe com a morte, àlem de ſer diſcriçaõ, ſoy myſterio; porque o amor, de que aqui ſe fala, he o que a Chriſto tirou a vida. Mas eſſe amor ao inferno comparado, e que eſte ſeja o mayor encarecimento deſſe amor: *Sicut infernus dilectionis executio?*

100 Sim; pelo que ſabemos do inferno. Nelle eſtà hum condenado entre penas, que todas conſpiraõ contra as ſuas culpas: e por mais que as penas ſe augmentem, por mais que o condenado padeça, a culpa nunca ſe acaba. Na culpa tem o condenado a cauſa das ſuas penas: e por muito que os tormentos ſe multipliquem, naõ ſe verà o condenado livre da cauſa, que o faz penar. Semelhante foy o amor de Chriſto. De penas, e de tormentos, de offenſas, e de ingratidões, cercou a Chriſto o ſeu amor; mas nem as ingratidões, nem as offenſas lhe extinguiraõ o amor: nem os tormentos, nem as penas lhe diminuiraõ hum ſò quilate. No ſeu amor ti-

nha

nh: Chriſto a cauſa do padecer, e por mais que os homens lhe multiplicàraõ as penas em todo o preterito de ſua vida, naõ chegàraõ eſtas a lhe extinguir o amor de prezente.

101 Neſta hora ſahiraõ a campo o jà paſſado com o prezente. O amor, que foy, e o amor, que eſtá ſendo: *Cùm dilexiſſet, dilexit.* O amor preterito propunha as ingratidões, que em toda a ſua vida experimentou Chriſto nos homens. O amor prezente propunha a continuaçaõ das finezas ate dar a vida por elles. E quando a infinidade de noſſas offenſas preſumia vencer o amor, foy eſte o que triunfou de noſſas ingratidões; porque neſta hora nos amou Chriſto, naõ obſtantes as injurias, e os aggravos, que no amor de preterito experimentàra.

102 Quando aquella Eſpoſa diſcreta vio o amor de Chriſto mais abrazado entre penas, ſem que por offendido acabaſſe, lhe deu o nome de emulaçaõ: *Dura ſicut infernus æmulatio.* Pois ſe tratava do amor; como o explica por emulaçaõ? Porque falava a diſcreta Eſpoſa do amor entre penas: *Sicut infernus dilectionis executio.* E quando neſta hora o amor de Chriſto ſe compara com as penas, que em ſua vida lhe cauſaraõ as noſſas ingratidões, vem a inſurgir preciſamente huma emulaçaõ entre eſſe amor, e as ſuas penas.

103 A emulaçaõ he hum certo genero de competencia. E quem duvida, que entre as penas, e amor de Chriſto houve neſta hora huma competencia grande? Poderoſas craõ as penas, para que o amor cedeſſe da ſua parte; mas o amor foy taõ valente, que neſta contenda triunfou de todas as ingratidões, que ſofreu, e experimẽtou no paſſado, e das que ainda havia de experimentar, e ſofrer depois. Vamos ao noſſo Texto.

104 *Cùm*

104 *Cùm dilexiſſet, in finem dilexit.* Ou cõmo lemõs em outras verſões: *In contentionem dilexit; in victoriam dilexit.* Dizem que neſta hora nos amou Chriſto para contenda; e tambem que nos amou para victoria. Seguio o Evangeliſta amante a meſma intelligencia daquella Alma taõ amoroſa dos Cantares. Entràraõ as penas a contender cõ o amor: *Sicut infernus æmulatio: in contentionem dilexit.* Eſteve porèm a victoria pelo amor: *In victoriam dilexit*; porque em amar Chriſto aos homens na prezente hora, naõ obſtante a experiencia de tantas penas, e ingratidões, que experimentou no amor de preterito, eſteve o ſeu amor mais fino, mais triunfante, e mais apurado: *In contentionem; in victoriam; in finem dilexit.*

105 Naquelle livro, ou naquelle dialogo, em que os amantes dos Cantares deſcreveraõ, ou reprezentaraõ os ſeus amores, quiz huma vez a Eſpoſa que ſe relataſſe ao ſeu amado o grande amor, que lhe tinha: *Adjuro vos, filiæ Jeruſalem, ſi inveneritis dilectum meum, ut nuntietis ei, quia amore langueo.* Se tomarmos o pulſo a eſte amor, acharemos que naõ eſteve neſta occaſiaõ mais intenſo porque ſe entaõ de amores deſmayava a Eſpoſa, *amore langueo*; tinha tambem jà dantes padecido o meſmo deſmayo no principio de ſeus amores. Mas com eſta differença, que de huma vez amante pedio que lhe applicaſſem humas flores para aliviar: *Fulcite me floribus, ſtipate me malis, quia amore langueo.* E de outra vez recomenda que de ſeu amor ſeja ſabedor ſeu Eſpoſo: *Nuntietis ei, quia amore langueo.* Pois, ſe os effeitos de hum, e outro amor ſaõ iguaes, porque de hum ſò hà de ſer o Eſpoſo participante? Que mais teria hum, e que menos outro? Direy.

Cantic. v. 8.

Cantic. 2. v. 5.

106 Eſte amor communicado ao Eſpoſo era amor entre

entre penas acrisolado. Sahio a Esposa de sua casa com dezejos de ver o Esposo; neste desvelo andava, quando foy, naõ só desestimada, mas tambem ferida: *Percusserunt me, & vulneraverunt me.* Ah sim, entre penas, e aggravos naõ se extingue o amor da Esposa? Pois seja mais reputado, e mais encarecido esse amor: *Nuntietis ei, quia amore langueo.* Calle-se o primeiro desmayo; fale-se no segundo; posto que em ambos pareça o amor igual: porque à vista de amor, que se naõ diminue entre aggravos, nenhum outro amor avulta.

107 Saõ os aggravos para o amor, quando os padece, o que as sombras saõ para a luz, porque se as sombras fazem opposiçaõ à luz, tambem os aggravos fazem ao amor opposiçaõ muy forte. Porèm assim como a luz entre as sombras resplandece mais: *Lux in tenebris lucet*; assim as ingratidões, que o amor de Christo experimentou atégora, lhe grangearaõ mais credito para o amor da prezente hora. Das mesmas differenças do tempo se teceu a coroa para o amor de Christo; porque as ingratidões do preterito serviraõ de coroa para o amor prezente. Já sabeis que Christo foy coroado de espinhos por nosso amor; porque com os aggravos, e as ingratidões (espinhos, que colheu o seu amor em toda a vida passada) se acreditaõ mais as finezas com que ainda de prezente nos está Christo amando, da mesma sorte, que nos amou dantes: *Cùm dilexisset, dilexit.* Joan. 13.

108 Se no preterito achàra Christo em nòs alguma correspondencia de seu amor, naõ foraõ tanto para se applaudir as repetidas finezas, que nesta hora nos està mostrando. Mas como tantas finezas se repetem, quando de nossa parte os aggravos se multiplicaõ, justamente cresce para esse amor o credito.

109 Muito

109 Muito he o que nós devemos ao amor de Christo, mas talvez que o seu amor às nossas ingratidões tenha que dever. Ao amor de Christo devemos o remedio todo de nossas Almas. A's nossas ingratidões poderà dever o amor de Christo a occasiaõ de suas mayores finezas; porque naõ subira o seu amor a este particular extremo, se da nossa parte faltaraõ racionalmente as ingratidões. Tirou destas o amor passado largas experiencias, para se acreditar o amor prezente; porque o perseverar sempre o mesmo aquelle amor, que no preterito experimentou em nòs taõ multiplicados aggravos, foy o mayor auge, a que o amor de Christo chegou nesta hora, comparado com o amor de toda a vida passada *Cùm dilexisset, in finem dilexit.*

§. XII.

110 TEmos jà os apparentes defeitos do Amor Divino vencidos com a realidade de suas finezas. Nem a Sciencia, nem o tempo, nem o mesmo amor, ou repetiçaõ delle lhe diminuiraõ hum ponto de seus quilates, Antes sim o tempo, a Sciencia, e a continuaçaõ do amor mais lhe encareceraõ as finezas nesta hora; porque da Siencia triunfou Christo com huma affectada ignorancia: do tempo com a dilaçaõ das horas para a companhia; e da repetiçaõ do amor com a perseverança invariavel no amar.

111 Mas naõ parem, Senhor, aqui os triunfos de vosso amor. Se venceis a cencia, como naõ prostrais minha ignorancia? Se triunfais do tempo, como deixais campeando a minha ingratidaõ jà inveterada? Se cõtiua o vosso amor ainda, as minhas culpas como naõ acabaõ jà? Quando os incendios saõ grandes, naõ ha bronze, que

se

ſe naõ torne huma braza ; naõ ha marmore, que ſe naõ transforme em chammas. Sò eſte meu coraçaõ, mais endurecido, que os marmores, e mais obſtinado, que os bronzes, vejo (e ſinto) que ſe naõ abraza em chammas, ſendo tanto o incendio de voſſo amor. Se o fogo do altar no tempo dos Macabeos converteu em chammas a meſma agua, que banhava as pedras ; que immunidades ſaõ as que logra o regelo deſte empedernido coraçaõ, que ſe naõ abraza nas chammas, que neſſe altar eſtaõ ardendo? Se por apartado de vós tenho fugido aos incendios, jà vos buſco, meu Deos, e ſò a vòs. Sò a vòs quero, e ſò a vòs amarey. Ateem ſe jà em mim humas faiſcas de voſſo amor, ainda que nellas abrazado morra. Mas oh felicidade minha! Oh ventura, de que me fiz com minhas culpas indigno! Sò entaõ (Senhor) vivera, quando por voſſo amor morrera. Sendo de amor voſſo a cauſa, morra eu jà; e aſſim rogo à voſſa clemencia, que ſeja o ultimo alẽto de minha vida hum ſuſpiro naſcido de voſſo amor; com o qual morrendo para o Mundo, e ſò para o Ceo vivendo, và cantar o *in finem dilexit* em voſſa viſta, e os triunfos de voſſo amor na Gloria. Amen.

SERMAM II.

DO GLORIOSO PRINCIPE DOS PATRIARCAS

SAM BENTO,

ESTANDO EXPOSTO O SANTISSIMO SACRAMENTO,
em o seu Mosteiro de Saõ Sebastiaõ da Bahia. Anno de 1725.

Vitam æternam possidebit. Matth. 19.

§. I.

SERVIR pela esperança do premio naõ desacredita o merecimento. (Senhor) Servir pela esperança do premio naõ desacredita o merecimento, nem se offende a generosidade, se o premio he estimulo para as emprezas. Examinou David que premio se consignava, para quem matasse o gigante: *Quid dabitur viro, qui percusserit Philisthæum hunc?* E logo se animou para aceitar o desafio, que todo o exercito de Saul temia: porque o incitava a promessa dos despozorios com a Princeza, àlem de outras fortunas, que justamente esperavaõ a quem matasse o Filistheo horren- 1. Reg. c. 17. v. 26.

Ibid.v.25. do: *Virum ergo, qui percuſſerit eum, ditabit Rex divitiis magnis, & filiam ſuam dabit ei.* Sem desluſtre de ſeu merecimento fez tambem S. Pedro eſte requerimento a Chriſto por ſi, e ſeus companheiros. Eis-aqui, Senhor, doze eſpiritos taõ generozos, doze voſſos Diſcipulos taõ amantes de ſeu Divino Meſtre, que com admiraçaõ, (e talvez que com aggravo tambem) do Mundo deixàmos tudo delle, ſò por ſeguirvos: *Ecce nos reliquimus omnia, & ſecuti ſumus te.* E que premio dareis a taõ nunca viſto merecimento? *Quid ergo erit nobis?*

2 A eſte requerimento correſpondeu Chriſto dizendo: Vòs, que me ſeguiſtes, vos vereis comigo enthronizados majeſtoſamente: *Cùm ſederit Filius hominis in ſede maieſtatis ſuæ, ſedebitis & vos.* E qualquer que por meu reſpeito deixar alguma couſa do Mundo, receberà cento em dobro neſta vida, e conſeguirà na outra o premio da Bemaventurança: *Omnis, qui reliquerit ... propter nomen meum, centuplum accipiet.* Eis-ahi o premio prometido para ſe lograr neſta vida. *Accipiet in hoc ſæculo centies*; diz Santo Agoſtinho: *Et vitam æternam poſſidebit.* Eis-ahi a Bemaventurança promettida para a outra vida.

Div. Aug. tract. 110 in Joan.

3 Cuydo que daria S. Pedro mais forças ao ſeu requerimento, ſe arrezoara hoje por parte daquelle Eſpirito ſoberano, Monſtro da Santidade, profundo Abyſmo de todas as virtudes, Aſſombro da natureza, e Deſempenho da graça, meu ſempre amado, e nunca aſſàz venerado Padre S. Bento. Se previra o Principe dos Apoſtolos que o Principe dos Patriarcas, para ſeguir a Chriſto, deixava quando menino a ſucceſſaõ da caſa Annicia, familia a mais illuſtre, que atè hoje ſe venerou na Europa; ou ſe prezumira que em S. Bento a reſoluçaõ ſe anticipava aos annos, para renunciar o Principado de Nurcia,

cia, de que era Senhor, e para desprezar a Purpura Imperial, vestida por quatorze Principes Annicios: cuido que naõ attenderia tãto para o q elle, e mais Apostolos tinhaõ deixado; porque admirando-se da renuncia de S. Bento, sò do que este Patriarca deixou por Christo poderia constar o requerimento de S. Pedro.

4 Por este requerimento se talhou o despacho de Christo com generosidade; porque deixar no Mundo hum, e receber hum cento no Mundo, he para esta vida grande premio, digno da liberalidade Divina. Mas que longe estava o Mundo de ter centenarios em dobro para premio do que S. Bento deixou! Desprezou S. Bento o Mundo todo: *Despexit Mundum*; diz S. Gregorio Magno. Pois iria o Mundo buscar fòra de si a multiplicaçaõ de premios para S. Bento? Div. Greg. Moral. lib. 2. in init.

5 He bem notoria a impossibilidade, em que se achou o Mundo para premiar a renuncia, que delle fez S Bento Mas aqui se verà agora a palavra de Deos dezempenhada, e satisfeita a sua promessa. Como na terra, naõ tinha o Mundo premios para multiplicar aos centos o que Saõ Bento deixou, do Ceo lhe enviou Deos hum premio, mais que cem vezes dobrado: porque estando S. Bento ainda na terra, jà lhe communicava Deos o premio da Bemaventurança, superior a todo o creado possivel.

6 Bem advirto que no Evangelho presente àlem dos premios temporaes promette Deos a Bemaventurança a quem por seu amor deixar alguma cousa da terra: *Centuplum accipiet, & vitam æternam possidebit.* Mas essa promessa para quando he? De futuro, e là para a vida eterna: *In sæculo futuro vitam æternam* diz o Texto de Saõ Marcos: *In sæculo venturo* diz o Evangelho de S. Joaõ. Porém meu Padre S. Bento (pelo que veremos) lograva a Bemaventurança jà de prezente nesta vida temporal, Marc. 10. v. 30. Joan. 18. v. 31.

poral. Deſte Patriarca Santiſſimo eſcrevem os ſeus Hiſtoriadores, e clama neſte dia a Igreja, que vivendo ainda na terra, já habitava nos Ceos: *In terris poſitus in cæleſtibus habitaret.* Pois como deixaria de ſer bemaventurado na terra?

Ex Offic. in feſto S. Bened.

7 Iſto he, o que pretendo perſuadirvos neſta hora; porque ponderando nos ſucceſſos da vida de meu Santo Patriarca, acho que já neſte Mundo era a ſua Alma bemaventurada, e o ſeu corpo já glorioſo na terra. Bemaventurada a ſua Alma; porque já neſte Mundo lograva aquelle objecto, em que conſiſte a noſſa verdadeira bemaventurança. Gloriozo o ſeu corpo já na terra; porque já neſta vida tinha os quatro dotes dos corpos glorioſos.

8 Diſcorrendo por eſtas ponderações da Alma, e corpo de S. Bento, o veremos bemaventurado na terra, logrando já neſta vida o premio, que no Evangelho ſe promette para depois da morte: *Vitam æternam poſſidebit. In ſæculo futuro vitam æternam.* Em duas partes ſe faz dividida eſta materia propoſta. Na primeira moſtrarey a Alma de S. Bento, ſendo bemaventurada na terra. Na ſegunda o ſeu corpo já gloriozo na vida. Mas como a Bemaventurança a ninguem ſe moſtra, ſem ſer por meyo da graça, imploremos o auxilio della, para que vejamos eſta anticipada Bemaventurança de S. Bento.

AVE MARIA.

§. II.

§. II.

Vitam æternam possidebit.

9 SEr bemaventurado no Ceo isso he proprio dos moradores da Jerusalem triunfante. Mas ser bemaventurado na terra, entre as miserias da vida, entre os trabalhos do Mundo; atè a mesma Gentilidade o considerou impossivel: *Dici que beatus ante obitum nemo, supremaque funera debet.* Mas se assim o disse quem naõ conheceu em que consiste a nossa Bemaventurança, e eu illustrado com mais claro lume acho que foy privilegio admiravel de meu Patriarca S. Bento ser bemaventurado na terra. Nem venho a dizer nisto cousa, que a contradiga a Escritura, antes a approva. Ovid. lib. 3. Metam.

10 Profetizando Moysès as felicidades de Aser, falou assim: *Benedictus in filiis Aser.* Entre os doze Patriarcas filhos de Jacob Aser he o Patriarca Bento. Porèm; se a todos os Patriarcas seus filhos abençoou Jacob antes da morte, e Moysés tambem os abençoava entaõ; como era sómente Aser o Patriarca Bento? Porque Aser he o mesmo que bemaventurado: *Aser idest beatus*; E só havia de ser S. Bento o Patriarca, que era bemaventurado na terra: *Benedictus in filiis beatus.* Deuter. 33. v. 24.

11 Era Moysès grande Profeta, e como tal falou. Em Aser estava figurado S. Bento, que assim o disse Raulino. Pois levem os mais irmãos outras profecias do que haõ de lograr nesta vida; mas o Patriarca Aser, que he o bemaventurado na terra, precisamente ha de ser em profecia Bento: *Benedictus Aser*; para que na vida desse Patriarca bemaventurado, sendo Bento, se veja profeticamente reprezentado outro Patriarca, que sendo Bento. Raul. Serm de S. Benedicto.

to, foy bemaventurado na vida: *Benedictus in filiis beatus.*

12 O que Aſer foy no nome, era S. Bento na Alma; porque como eſcreve S. Gregorio Magno, jà neſte Mundo logrou S. Bento a viſta de Deos, na qual conſiſte a Bemaventurança de noſſas Almas. Para fundamento deſta certeza devemos ſuppor huma poſſibilidade; e he; que bem pòde haver neſte Mundo huma Alma taõ Santa, que chegue a ver a Deos antes da morte, por eſpecial privilegio. Aſſim o entendem graviſſimos Authores da Theologia Eſcolaſtica, com Santo Agoſtinho, e Santo Thomaz, e aſſim o experimentou S. Bento.

Div. Aug. Epiſt 112 D. Thom. 1.p.q. 12. 11. Dei, q. 12 a 11. dub. 3. ubi pro hac ſent. ſexaginta Authores citat. De facto qui D. Benedictũ Divinam eſſentiam vidiſſe, tenent Div. Bonavent. Div. Bern. Reding. Raſſler. Mezger. t. 1. tract. 1. d. 6. a 3 §. 3. D. Greg. lib. 2. Dialog: cap. 39. per totum.

13 Em huma noite poſto meu Patriarca à janela do ſeu apoſento vio que huma luz, muito mayor que a do dia, conſumindo as ſombras da noite, enchia de reſplandores o Ceo. E ao meſmo tempo o activo, e claro lume da Gloria lhe illuſtrou o entendimento, elevando-o para claramente ver a Eſſencia Divina. Bradou logo S. Bento pelo Abbade Servando, com quem gaſtara a primeira parte deſſa noite em colloquios da eterna Gloria. O qual acodindo às vozes de meu Patriarca, ainda vio a noite banhada em luz por premio do grande affecto, com que do ſeu Moſteiro vinha a viſitar o Patriarca, cujo Inſtituto guardava. Tudo refere S. Gregorio Magno no ſegundo livro de ſeus Dialogos, e o repetem varios Doutores.

14 Aqui ſe deſcobre jà o como vay bem fundado o meu diſcurſo. Aos que vivem com pureza de coraçaõ, jà na terra chama Chriſto bemaventurados, porque certamente veraõ a Deos no Ceo: *Beati mundo corde, quoniam ipſi Deum videbunt.* Pois, ſe a promeſſa de ver a Deos no Ceo faz aos homens bemaventurados na terra: *Beati, quia ipſi Deum videbunt*, o privilegio de eſtar a

Alma

Alma de S. Bento vendo a Deos neſta vida, como a naõ faria bemaventurada na terra? Oh prodigiozo Patriarca meu, e que aſſim foſtes ditozo na vida! A Bemaventurança vejo anticipada em buſcarvos; porque ainda eſtais vivo, e jà logra voſſa Alma a viſta de Deos na terra.

15 E como acreditaremos nòs eſte prodigio, ainda que referido por S. Gregorio Papa, ſe lemos taõ repetidas vezes na Eſcritura que ninguem poderá ver a Deos em quanto neſte Mundo vive? Fique para os Theologos a deciſaõ mais eſpeculativa, e mais profunda. A mais perceptivel repoſta ſe ve na excepçaõ, de que ainda nos decretos mais inviolaveis uſaõ os Principes com as peſſoas, a quẽ cõ eſpecialidade amaõ. Tal foy a affeiçaõ da Princeza do Egypto, que exceptuou a Moyſès das diſpoſições de Faraò, e tal foy o amor de Aſſuero, que a Eſther eximia dos ſeus decretos. Tambem do eſtatuto, que neſta vida nega o logro da viſaõ beata, foy exceptuado S. Bento pelo particular affecto, com que o amava Deos. Nem ſerà poſſivel, que taõ exceſſivo amor ſe occulte a quem ponderar neſta anticipaçaõ, com que Deos communicava a ſua viſta a S. Bento antes da morte.

16 Na Encarnaçaõ, e na Gloria ſe communica Deos aos homens. Na Encarnaçaõ por amor: *Sic Deus dilexit Mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret*; e na Gloria por juſtiça: *Corona juſtitiæ, quam reddet mihi Dominus.* Mas ſe a Bemaventurança he a mayor prova do quanto Deos ama aos ſeus eſcolhidos: *Qui diligit me, diligam eum, & manifeſtabo ei me ipſum*; como ſe naõ diz eſſa gloria attribuiçaõ do amor, aſſim como he effeito do amor a Encarnaçaõ? Temos a repoſta na differença, com que Deos ſe nos communica na Gloria, e na Encarnaçaõ. Joan. 14.

17 Na Gloria ſe nos communica Deos, mas eſpera que ſe nos acabe a vida, porque naõ ſe anticipa eſte premio

mio à noſſa morte. Porém na Encarnaçaõ, para ſe nos communicar, anticipou Deos o tempo, e abreviou os annos, que aliàs tinha de eſperar ainda antes de ſe fazer homem: *Septuaginta hebdomades abbreviatæ ſunt ſuper populum tuum.* Bem: pois ſeja obra de amor a Encarnaçaõ, jâ que nella taõ anticipadamente ſe nos communica Deos: *Septuaginta hebdomades abbreviatæ ſunt. Sic Deus dilexit Mundum.*

Daniel & ibi A lapide in hunc locum.

18 Iſto qualificaõ tambem aquelles dous ſacrificios da Eucariſtia, e da Cruz, nos quaes Chriſto Divino Alcides erigio as duas columnas de ſeu amor. Darſe Chriſto no Sacramento foy amor; como tambem foy amor darſe na Cruz. Mas como diz S. Paulo, na Cruz ſe oſtentava a juſtiça: *Poſuit Deus propitiationem in ſanguine ipſius ad oſtenſionem juſtitiæ ſuæ.* E no Sacrificio do altar ſe apurava o amor, como declarou S. Joaõ: *In finem dilexit eos, & cœnà facta.* Porèm, ſe o dar a vida pelo amigo he o mayor exceſſo de amor, (que aſſim o dictou o meſmo Chriſto) como ſe qualifica elle mais amorozo no ſacrificio do Altar, vivendo: *Ego ſum panis vivus*, que no ſacrificio da Cruz, onde eſpirou: *Emiſit ſpiritum?*

Ad Rom. 3.

19 Porque no ſacrificio da Cruz ſe dava Chriſto aos homens morrendo; e no do Altar jà em vida. Na anticipaçaõ eſteve o exceſſo todo de amor. Communicarſe nos por meyo da morte iſſo pede a razaõ de ſacrificio, que ſe conſumma com a morte. Communicarſe-nos já em vida no Sacramento iſſo he contra a razaõ de ſacrificio, que ſempre he terminativo da vida. Mas por iſſo meſmo tantas foraõ as horas, que o ſacrificio do Altar ſe anticipou à morte, quantos ſaõ os quilates, em que o amor de Chriſto communicado no Sacramento ſe excedeu a ſi meſmo communicado na Cruz.

20 Medi agora por eſta regra de amor o de Deos para

ra

ra com S. Bento; e precisamente descobrireis nelle hum incomprehensivel excesso. Porque tantos foraõ os instantes, que se anticipou Deos à morte, para nesta vida se manifestar a meu Patriarca admiravel, quantas saõ as linguas, que eternamente clamaõ o grande amor de Deos para com S. Bento.

§. III.

21 DAqui infiro eu, com licença da Corte celestial, que de outro Santo se naõ mostrou Deos taõ amante como de S. Bento. Amar, e mostrarse amante, saõ cousas muyto distintas. Mais ama Deos a seu Unigenito Filho, que aos homens; e pelas finezas, que obrou, pareceu, que mais amava aos homens, que ao Filho. Naõ amava Jozè tanto aos Egypcios, como a seus irmãos; e quando os hospedou a primeira vez, mostrou que os amava menos, do que aos Egypcios. Querer dizer qual seja o Santo, a quem Deos mais amou, isso he querer penetrar os segredos do coraçaõ Divino; e se os do coraçaõ humano saõ occultos aos mesmos Anjos, como penetrarà o homem os segredos do coraçaõ de Deos? Julgando porèm a causa pelas demostraçõnes do effeito, estas acreditaõ a S. Bento pelo mais amado, e mimozo de Deos entre os Santos, que com elle tem comparaçaõ.

22 Quem parecia ser mais amado de Deos, que Moysès? Delle diz a Escritura, que falava com Deos taõ familiarmente, como de ordinario fala hum homem com outro, que he seu amigo: *Sicut solet loqui homo ad amicum suum.* Mas pedindo Moysès a Deos que lhe dèsse a ver a sua Divina face, ouvio esta reposta: *Non videbit me homo, & vivet.* Isso naõ, Moysès, que nenhum homem me Exod. 33. v. 11.

me chegará a ver em quanto vive. O que tanto se difficultou a Moysès, que o pretendia, logrou S. Bento, sem que o solicitasse; porque ainda nesta vida mortal mereceu fitar os olhos na Divina Essencia. O certo he, que neste especial favor quiz Deos mostrar o excesso, com que amava a S. Bento, e com que o preferia, ainda ao seu grande amigo, e muy privado Moysès; difficultando a este, e communicando a S. Bento o seu claro conhecimento nesta vida. Temos no sagrado Texto hum lugar muy proprio desta ventagem de amor, que estamos encarecendo.

23 No Egypto dispoz a Providencia Divina se encontrassem o Vizo-Rey Jozé, filho de Jacob, e seus dez irmãos, excepto Benjamin. E sendo que Jozé os conhecia muy bem, naõ se lhes descobrio, nem se lhes deu a conhecer, antes cada vez se lhes encobria mais, tratando-os como se foraõ estranhos: *Quasi ad alienos duriùs loquebatur.* Genes. 42. v. 7. Despachou-os para Canaàn, ordenando-lhes que tornassem, trazendo tambem a seu irmaõ Benjamin. Assim o fizeraõ; e vendo Jozé a Benjamin, naõ pode estar encuberto. Deu-se logo a conhecer: *Ego sum Joseph.* Agora a duvida. Se Jozè tem sofrimento para ver a seus dez irmãos depois de tantos annos, sem se lhes dar a conhecer, e sem se lhes manifestar; ao menos para que levem a seu pay as alegres novas de sua vida; como à vista de Benjamin jâ se naõ pòde encobrir, nem occultar? Porque Jozè, como consta da sagrada Historia, mais amava a Benjamin, que aos outros seus dez irmãos: e naõ devia occultarse, nem encobrir-se para com Benjamin, quem o amava com mais excesso. Aos mais, porque os amava mais, foy preciso manifestar se: *Ego sum Joseph.*

24 Esta differença entre Benjamin, e os mais irmãos seus, Patriarcas da antiga ley, tetratada vemos em S. Ben-

to,

to se o compararmos, naõ sò com Moysès, se naõ tambem com os Santos Patriarcas da ley da Graça. A estes falava Deos neste Mundo, como Jozè da primeira vez falou a seus irmãos; porque lhes falava encuberto: *Non videbit me homo, & vivet.* Mas a S. Bento se manifesta Deos, mostrandolhe a sua Divina face; e dando-selhe a conhecer nesta vida; porque isso he parecer S. Bento o Santo, a quem Deos mais ama. Ou (para que o digamos com mais propriedade) he ser S. Bento o Benjamin de Deos.

25 Porq̃ o naõ duvideis, reparay no como se houve Jozè com Benjamin; e vede tambem o como se houve Deos com S. Bento. Quando de Jozè se despediraõ seus onze irmãos, mandou o grande Vizo Rey que a cada hum se dessem duas estolas, ou duas vestiduras honorificas: *Singulis quoque proferri jussit binas stolas.* Sò a Benjamin ordenou Jozè se dessem trezentas moedas, e cinco estolas honrosas, e de grande estimaçaõ: *Benjamin verò dedit trecentos argenteos cum quinque stolis optimis.* Genes. Stola dicitur esse instrumentũ honorificũ Laurent. V. Stola.

26 Attendey agora, para a liberal maõ, com que Deos tem enriquecido a familia de S. Bento, e achareis que assim como Jozè a nenhum irmaõ deu tanto, como a Benjamin; assim Deos com nenhuma familia se mostrou taõ largamente benefico, quanto ha sido com a de S. Bento. Diziaõ os antigos Reys de França que no seu Reyno mais possuhia S. Bento despresando o Mundo: que elles empenhando as suas armas para o conquistar. O grande Tritemio escreve, que a Religiaõ de S. Bento tinha a terceira parte de todas as rendas da Christandade. Com ellas se estaõ hoje sustentando innumeraveis Prelados, Igrejas, e Mosteiros de muy diversas familias, ficando a S. Bento ainda assim, tantos Principados em Alemanha, tantos Dominios na Italia, taõ amplos patrimonios em França, e nas tres Espanhas, que se tivera unido Tritem. lib. de Vir. illust. cap. 2.

quanto

quanto poſſue dividido, excedera na extenſaõ, e naõ opulencia a Monarchia dos Perſas, e ao antigo Imperio dos Romanos.

27 Alem de tantas opulencias, tambem a S. Bento (como a outro Benjamin) deu a liberalidade Divina cinco eſtolas admiraveis; porque concedeu para ſeus filhos cinco veſtiduras de ſuprema honra. Taes ſaõ as Tiáras, que nos filhos de S. Bento ja pareciaõ hereditarias. Os Cetros de tantos Emperadores, e Reys, que veſtiraõ a Cuculla Benedictina. As Purpuras de mais de dous mil Cardeaes, que para o Sacro Collegio ſahiraõ dos Moſteiros de S. Bento. As Mitras de Patriarcas, Arcebiſpos, e Biſpos ſem conto; porque no Concilio Aragonenſe, foy determinado que ſe naõ elegeſſe para as Mitras quem naõ profeſſaſſe a Regra de S. Bento. E finalmente as inſignias dos Doutores em todas as faculdades, que ſahiraõ deſta Religiaõ para Meſtres de todo o Mundo. Eſtes ſe naõ podem reduzir a numero; porque S. Bento, e á ſua imitaçaõ os ſeus Monjes fundaraõ mais de trinta e ſete mil Univerſidades, regidas, e enſinadas por elles. Sendo as mais dellas erectas nos proprios Moſteiros, que igualmente eraõ Eſcolas de letras, e de virtudes. O certo he, que neſtas cinco inſignias honorificas de Papas, Monarcas, Cardeaes, Prelados, e Doutores quiz Deos moſtrar que o ſeu Benjamin era S. Bento. Mas naõ pare aqui a comparaçaõ, porque ſe deſcobre ainda ſemelhança mais ſublimada.

Vide Arteagam Serm. Funerali Cardin. Aguir.

28 Benjamin era o unico irmaõ uterino de Jozè; porque hum, e outro ſòmente eraõ filhos da fermoziſſima Raquel, que morreu do parto de Benjamin. Notay agora na ſemelhança. Ao naſcer S. Bento morreu de parto ſua mãy Santa Abundancia; acabando a flor com o naſcimento do fruto. Deſceu logo do Ceo Maria Santiſſima

sima a tratar da criaçaõ do menino Bento, que todos os dias era alimentado aos peitos da Mãy de Deos. E quem visse a Rainha dos Anjos com o menino Bento a seus peitos, naõ diria que Bento era fruto do seu ventre? Entendeu o sabio Rey D. Alonso, ajustando-se com a doutrina dos Fysicos, que tambem as amas se podem chamar verdadeiras mães; porque se estas com a substancia propria alimentaõ o feto no ventre por nove mezes; aquellas de sua propria substancia o alimentaõ mais largamente a seus peitos. Assim se fez Mãy de Bento a que he Mãy de Deos: e neste sentir, sendo S. Bento irmaõ do Salvador do Mundo, ficou sendo propriamente o seu Benjamin; porque era Benjamin irmaõ de Jozè, que se chamou tambem Salvador do Mundo: *Vocavit eum lingua Ægyptiaca Salvatorem mundi.* Gabr. Bucelinus. Fr. Joaõ dos Praz. t. 1. Emper. 19. n. 198.

29 Pois se trata Deos a S. Bento por seu Benjamin mimoso, quem duvida, que qual outro Jozè, se lhe daria a conhecer neste Mundo, onde aos mais Santos se encobre, como aos mais irmãos se encobria Jozè? Quem ignora, que lhe mostraria a sua Divina face, unico objecto da nossa Bemaventurança, que no Evangelho se promette para o futuro seculo: *Vitam æternam possidebit. In sæculo futuro.* Genes. 41. v. 45.

§. IV.

30 EU naõ deixo de advertir que para ser bemaventurado, naõ basta só ver a Deos; bem sey que tambem S. Paulo (e talvez Moysès) vio a Essencia Divina, sem que por isso fosse bemaventurado na terra. Mas oh quanto vay do rapto de S. Paulo à visaõ de S. Bento!

31 No-

31 Notay duas diferenças, que saõ as substanciaes deste caso. A Bemavẽturança ha de ser permanente, e naõ foy assim a visaõ de Paulo. Foy transitoria, porque durou muy pouco. Porèm a visaõ de S. Bento teve tanto de permanente, que se continuou, em quanto esteve na terra. Vio S. Bento a Deos nesta noite, de que escreve S. Gregorio Magno; e depois, seis mezes antes de morrer, começou novamente a ver a Essencia Divina, e todos os dias estava logrando esta visaõ no Sacramento do Altar, como refere Hauberto Hispalense: *Vidit visionem beatificam in Eucharistia, donec moritur.* Começou S. Bento a ver a Deos em Setembro, e durou esta visaõ por todos os dias até Março do seguinte anno, em que espirou. E para melhor dizer, nem espirando acabou; porque com a morte a foy continuar mais claramente no Ceo por toda a eternidade; para que com a circunstancia de permanente, possa aquella visaõ julgar-se Beatifica para S. Bento.

Haub. Hispal. apud Hier. a Div. Jacobo Serm. S. Bened.

32 Vamos à outra differença. Quando S. Paulo vio a Deos, ficou taõ fòra de si, que naõ soube affirmar depois se tinha a Alma em seu corpo, ou se fòra delle: *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio, Deus scit; quoniam raptus est in Paradysum.* Porèm S. Bento com tanta quietaçaõ, e com tanto socego vio a Deos, que ainda teve acordo para bradar pelo Abbade Servãdo a q̃ visse a luz exterior, em q̃ se banhava o Ceo. Ver a Deos como Paulo, e ficar fòra de si quasi morto, ainda que vivo, naõ he isso lograr já no Mundo a Bemaventurança, que no Evangelho se promette com titulo de vida: *Vitam æternam possidebit?* Ver a Deos, e ficar com tanto socego, e dominio nas faculdades vitaes, como ficou S. Bento, que ainda bradava por outro Abbade (deixaime neste dia encarecer bem esta maravilha) isso he ver a Deos, naõ como qual-

Ep. 2. ad Cor. c. 12.

qualquer bẽaventurado, mas como os Serafins da Gloria.

33 Serafins chamou Iſaias a huns aſſiſtentes, que vio diante de Deos no throno de ſua Gloria: *Seraphim ſtabant ſuper illud.* E como os nomea por Serafins, quando os vè com figura, e poſtura humana? *Seraphim ſtabant.* Vendo lhes pès: *Velabant pedes:* vendo-lhes roſtos: *Velabant faciem*; naõ diz que ſaõ homens, chamalhes Serafins: *Seraphim ſtabant?* Sim; porque logrando elles da Gloria, e viſta de Deos na terra: *Plena erat omnis terra gloria ejus*, naõ ſe arrebatavaõ fòra de ſi meſmos: *ſtabant.* Tinhaõ operações vitaes, bradando hum para outro: *Clamabant alter ad alterum.* E quem chega com tanto ſocego a ver a Deos na terra, ainda que ſe veja ſer homem, bem pòde reputarſe por Serafim: *Seraphim ſtabant ſuper illud.* Iſai. 6. v.

34 Oh que reprezentaçaõ taõ propria do meu Proto Abbade S. Bento! Vè a Deos, e naõ fica tranſportado como Paulo. Ainda tem livres as faculdades vitaes; ainda brada por outro Abbade, como os Serafins bradavaõ: *Clamabant alter ad alterum.* Pois concluamos que Bento imitador dos Serafins da Gloria foy bemaventurado na terra; porque ſua Alma ſantiſſima logrou neſta vida a Bemaventurança, que no preſente Evangelho ſe promette para o futuro ſeculo: *Vitam æternam poſſidebit, In ſæculo futuro.*

§. V.

35 SEndo meu Santo Patriarca bemaventurado na Alma, quem duvidarà, que no corpo foſſe Gloriozo? Naõ póde a gloria de noſſa inexplicavel Bemaventurança comprimir-ſe no dilatado ſeyo do eſpi-

rito. Como o Sol rompe a nuvem, para lhe communicar luzimento, assim a Bemaventurança de huma Alma unida ao corpo rompe a espessura delle, e lhe communica os dotes de Claridade, Subtileza, Agilidade, e Impassibilidade. Foraõ estes quatro dotes admirados no corpo de S. Bento, e se veraõ agora manifestos.

36 O dote da claridade he hum resplandor, que (como ensina Escoto) rodeará os corpos gloriozos. Que tivesse o corpo de meu Gloriozo Patriarca este dote he manifesto; porque como consta de sua vida, e das palavras, com que o solemniza a Igreja, de tanta claridade se rodeava o corpo de S. Bento, que ainda posto na terra ja parecia estar habitando no Ceo: *Tanta circa eum claritas excreverat, ut in terris positus in cælestibus habitaret.* He o Ceo o lugar dos corpos gloriozos; e daquella claridade do corpo de S. Bẽto se infere q̃ estãdo na terra, habitava jà nos Ceos; porq̃ tãta claridade bẽ mostrava ser dote de hum corpo glorioso.

37 Quereis huma Escritura, com que se prove este dote? Quereis hum testemunho bem claro desta claridade? Vamos ao sagrado Texto. Vio S. Joaõ em seu Apocalypse hum Anjo, do qual falando em varios lugares, diz duas cousas bem notaveis. Huma he, que tinha hum livrinho aberto: *Habebat libellum apertum in manu sua.* E a outra, que o rosto lhe resplandecia, como o Sol: *Facies ejus sicut Sol.* E que Anjo mysteriozo seria este, que abrindo hum livrinho, ainda assim resplandecia tanto? Era S. Bento, resolve Alonso Victorino. O livrinho aberto era a sua santa Regra, que por ser pequeno volume, se chamou livrinho, e aberto, *Libellum apertum*, porque para todas as quatro partes do Mundo se abrio esta Santa Regra, professada em mais de sessenta e seis mil Mosteiros. Porèm se S. Bento fugia dos luzimentos, como

Apoc. 10. v. 1. 2.

Alonso. de S. Victor. Sol del Occid. t. 1.

igualava

igualavã nos reſplandores ao Sol? Porque os corpõs glo- Matth. 13
rioſos ſaõ ſemelhantes ao Sol na claridade: *Juſti fulgebũt* v. 43.
ſicut Sol; e como o corpo de S. Bento lograva já o dote da claridade, havia de reſplandecer como o Sol: *Facies ejus ſicut Sol. Tanta circa eum claritas excreverat.*

38 Se naõ he, que eſtou cego de tanta claridade, eu diſcorro que o gozar deſte dote na terra, he privilegio, q̃ excedia a capacidade de S. Bento; porque mais parece eſpecial de quem he Divino, que communicavel a quem he puramente homem, como S. Bento. A prova moſtrarà, que naõ hà encarecimento no conceito. No Jordaõ, e no Thabor declarou o Eterno Padre a Chriſto por ſeu Filho, repetindo no Monte as meſmas palavras, com que fez a primeira expreſſaõ no Rio: *Hic eſt filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui*; dizia o Eterno Padre no Jordaõ: *Hic eſt filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui*; repetio depois no Thabor. E declaraõ todos os Evangeliſtas que o Eſpirito Santo em figura de pomba, deſcera ſobre Chriſto no Jordaõ: *Deſcendit Spiritus Sanctus corporali ſpecie ſicut columba in ipſum.* Com eſte ſinal quiz Deos moſtrar quem era entre tantos o que foy nomeado por ſeu Filho: *Super quem videris Spiritum deſcendentem, & manentem ſuper eum, hic eſt qui baptizat in Spiritu Sancto*, diz S. Joaõ.

Matth. 3. v. 17. Cap. 17. v. 6.

Luc. 3. 22. Matth. 3. Mar. 1. Joan. 1. v. 33. Joan. 1. v. 33.

39 Reparo agora. Pois ſe o Eterno Padre no Thabor, declarando a Chriſto por Filho ſeu, uſou das meſmas palavras, com que no Jordaõ o tinha declarado por ſeu Filho; como tambem naõ apparece o Eſpirito Santo no Thabor, para moſtrar ahi quem era o nomeado por Filho do Eterno Padre? Ainda me declaro mais. No Jordaõ eſtava Chriſto acompanhado do Baptiſta, e no Thabor aſſiſtido de Elias, e Moyſès. Pois ſe no Jordaõ veyo o Eſpirito Santo a moſtrar com qual dos dous fala-

va o Eterno Padre, como no Thabor naõ vem para diſtinguir a qual dos tres nomeava o Padre por ſeu Filho?

40 Temos a razaõ muy facil, fundada em huma diferença muy notoria. No Thabor manifeſtava Chriſto o dote da claridade: *Reſplenduit facies ejus ſicut Sol.* Naõ Aſſim no Jordaõ. Bem; pois ainda que o Eſpirito Santo vieſſe ſobre o Jordaõ, para moſtrar qual era o Divino Verbo encarnado; ſerà eſcuſado que para iſſo deſça no Thabor: pois o dote da claridade teſtemunhava bem, qual era o Filho de Deos; porque ſò a huma Peſſoa Divina era aquelle dote devido cà na terra.

41 E com razaõ; porque parece que repugna o entendimento a crer (e tambem a ouvir) que jà na terra logra o dote da claridade, quem ainda eſtà ſujeito à morte. Refere S. Pedro, como teſtemunha ocular que quando no Thabor o Eterno Padre declarou a Chriſto por ſeu Filho, logo recomendou, que o ouviſſem: *Hic eſt filius meus dilectus, in quo mihi complacui; ipſum audite.* O meſmo advertem os tres Evangeliſtas, que eſcreveraõ o myſterio da Transfiguraçaõ de Chriſto. E que diria Chriſto, que o naõ dezejaſſem todos ouvir? Sendo Chriſto a Palavra do Padre, como Filho ſeu, he ſem duvida, que todos lhe dariaõ ouvidos com attençaõ. Logo eſcuſado foy recomendar o Padre que o ouviſſem. Mas naõ; porque falava Chriſto da morte, que havia de padecer: *Dicebant exceſſum*; e naturalmente he muy repugnante à razaõ ouvirſe, que ainda haja de padecer a morte, quem ja gozava do dote da claridade. O que he glorioſo, naõ póde jà padecer. O que he paſſivel, naõ tem ainda os dotes de glorioſo. E que Chriſto, quando oſtenta o dote glorioſo da claridade, ainda fale em que ha de padecer a morte; quem o poderia ouvir, ſe o naõ mandara aſſim Deos? *Ipſum audite.*

2. Petri c. 1. v. 17.

42 Que

42 Que S. Bento, quando ainda estava sujeito a padecer a morte, já lograsse o dote da claridade; eu me naõ atrevera a dizer, nem sey se o poderia ouvir, se naõ foraõ da Igreja as vozes, que o repetem hoje: *Tanta circa eum claritas excreverat, ut in terris positus in cælestibus habitaret.* Mas ainda assim confesso que me vejo na ponderaçaõ deste dote, como S. Pedro, quando no Thabor vio em Christo o dote da claridade. Elle sem atinar com o que diria: *Resplenduit facies ejus: Nesciens quid diceret*, eu sem acertar com o que diga; porque tambem considero a meu Patriarca S. Bento dotado da claridade, antes da morte: *Tanta circa eum claritas excreverat.* Luc. 9.

§. VI.

43 TAmbem nesta vida logrou o corpo de S. Bento o dote da subtileza. Taõ subtis ficaõ os corpos glorioſos, que pòde hum corpo desses penetrarse com qualquer outro, ficando ambos em hum sò lugar, sem que hum corpo lance fòra de si o outro. Bem se vio em Christo, quando em Belem nasceu, sem violar a clausura virginal da Mãy Santissima; quando resuscitou do Sepulchro sem abalar a pedra, que lhe servia de campa; e quando depois de resuscitado entrou a portas fechadas no Cenaculo. Quereis agora ver esta subtileza, e esta penetraçaõ no corpo de S Bento? Attendey.

44 Celebrando meu Santo Patriarca a sua primeira Missa, proferio aquellas sempre milagrosas palavras de Christo: *Hoc est corpus meum;* este he o meu Corpo. Logo da Hostia lhe respondeu o Senhor: *Imò & tuum, ò Benedicte.* O' Bento Sacerdote Santo, tu dizes que esse Corpo he meu; e eu te digo que tambem he teu. Tu dizes que o vèo desses candidos accidentes cobre o meu

Corpo: *Corpus meum*; e eu te descubro agora, que he teu o corpo, que se encerra debaxo da mesma cortina: *Imò & tuum*. Os Theologos com a sua especulaçaõ explicaõ o mais seguro modo de sustentar esta conclusaõ de Christo, revelada a Santa Methildes, a Santa Ildegarda, e aprovada pelo Papa Urbano VIII. Eu reparando sòmente na força das palavras, cuido que nellas estou vendo o corpo de S. Bento penetrado com o de Christo, porque parecem estar ambos em hum sò lugar: *Corpus meum. Imò & tuum*.

Urban. 8. S. Matth. S. Ildeg. in Relevat. Palomin. Argàes. nas Soled. de S. Bèt.

45 Pela doutrina de Christo podem dizer todos os que commungaõ que se penetraõ com o seu Corpo Sacramentado: *In me manet, & ego in illo*, diz Christo, e accrescenta Raulino: *Sibi incorporat per amorem eos, qui comedèndo hoc Sacramètum manent in Christo*. Mas S. Bento antes de cõmungar jà ouvia dizer que na mesma Hostia estava hum Corpo, que tambem era seu; quando em verdade de Fè, era sò de Christo: *Corpus meum, Immò & tuum*. Commungando nòs, a penetraçaõ està da parte do glorioso Corpo de Christo, que nos penetra, quando se recebe em nòs. Mas em S. Bento a penetraçaõ pareceu estar da parte do seu corpo; e a razaõ he; porque ainda o Corpo de Christo naõ estava recebido no de Bèto, e ja no Sacramèto estava o Corpo, q̃ era de Christo, e se dizia ser tãbẽ de Bèto: *Corpus meum. Imò & tuũ, o Benedicte*.

Joan. 6. Raulinus tom. 4. f. 3. de Euch.

46 Mas como podia o corpo de S. Bento estar, nem ainda parecer penetrado com o de Christo, estando o corpo de S. Bento fòra da Hostia em lugar diverso? Isso mais parecerà reproducçaõ de hum corpo em dous lugares, que penetraçaõ de dous corpos em hum sò lugar. Assim he; e foy taõ grande o prodigio, que em hum mesmo ponto quiz Christo pareceſſe o corpo de S. Bento penetrado com o seu, e reproduzido. Hum exemplo declare

o meu

o meu conceito. Ponde-vos a hum espelho, e vos parecerá o vosso corpo ao mesmo tempo reproduzido, e penetrado; reproduzido; porque ao mesmo tempo vedes o vosso corpo em dous lugares. Hum he o lugar, onde vós estais; outro he o lugar, onde está o espelho. Penetrado tambem com o cristal do espelho; porque em hum mesmo lugar vedes o corpo do cristal, e o vosso corpo. Isto, que em hum espelho parece que estaõ vendo os nossos olhos com bastante engano da nossa vista; no prodigio, que ponderamos, parece que percebiaõ tambem os ouvidos. Porque fóra da Hostia viaõ, e estava o corpo de Bento, e na Hostia ouviaõ dizer que estava hum corpo, que era de Bento: *Imò & tuum, o Benedicte.* Comparou David o Sacramento ao cristal: *Mittit crystallum suam, sicut buccellas.* E qual será a propriedade para a semelhança entre o crystal, e o bocado de Paõ Sacramentado? Nesta occasião está manifesta a semelhança, que em outro dia estivera mais encuberta: He porque aquella reproducçaõ, e penetraçaõ apparente de hum corpo visto a hum espelho he a que admiramos ouvindo dizer a Christo que no Sacramento está o Corpo seu, e de Bento: *Corpus meum, imò & tuum.* Como se estando reproduzido, tivera com o Corpo de Christo penetraçaõ o de Bento. Parecia estar reproduzido; porque fóra do lugar, que occupava, parecia estar tambem o corpo de Bento na Eucaristia; e ahi mesmo penetrado com o de Christo. E ainda mais que penetrado; porque naõ parece, que o corpo de Bento se penetrou com o de Christo, mas tambem, que ambos se identificaraõ no Sacramento.

Pf. 147. Vieyr. t. 1. Serm. do Sacra. § V.

47 Na penetraçaõ, ainda que dous corpos estejaõ em hum só lugar, estaõ ambos entre si distinctos, porque hum corpo naõ he outro. Disse porèm Christo que o seu

Corpo Sacramentado era de Bento, quasi significando identificados entre si hum corpo, e outro; porque hum mesmo corpo, que era o de Christo, *Corpus meum*, se dizia ser o de Bento, *imò & tuum*.

Siquis liquæ factæ ceræ aliam ceram infuderit, alteram cum altera per totum cõmisceat, necesse est: Sic qui carnem, & sãguinẽ Dómini recipit, cũ ipso ita conjũgitur. Div. Cyrill. Alex. lib. 4 in Joan. c. 17.

48 Platão refere que ao Deos Vulcano se apresentaraõ dous amantes, e enternecidamente lhe rogaraõ que na sua forja, quizesse derreter os corpos de hum, e outro, para que o fogo uniſſe em hum só corpo duas Almas, que por amor viviaõ identificadas. O que là na Gentilidade foy delirio, he na Igreja efficacia do Sacramento. Assim como de duas derretidas ceras se fórma huma só figura, assim de Christo, e de Bento, que o recebia, resultou huma tal identificaçaõ entre ambos, que se dizia ser corpo de Bento o que era Corpo de Christo Sacramentado: *Corpus meum, imò & tuum*, querendo Christo neste seu dizer explicar entre o seu Corpo, e o de S. Bento, como entre duas derretidas ceras, huma como uniaõ, ou como penetraçaõ, que fez a graça espiritualmente.

§. VII.

49 Passemos deste ao dote da Agilidade. Consiste elle, em que ficaraõ os corpos gloriozos taõ alleviados de sua penosa carga, que se poderaõ mover sobre as aguas, como Christo sobre as ondas do Tiberiades; e ainda no mesmo ar se poderaõ mover, como Christo, quando subio triunfante ao Ceo. Por esta razaõ o sagrado Texto compara às Aguias os corpos gloriozos: *Assument pennas sicut Aquilæ.* Vede agora com experiencia o corpo de S. Bento, em hum, e outro exercicio dotado de Agilidade.

Isai. 40. v. 31.

50 Quando menino S. Placido, naufragava no lago

de

de Sublaco; porque parece, que com indiscreto meyo appeteciaõ aquellas aguas santificarse. Mandou logo meu Patriarca que Santo Amaro a toda a pressa fosse livrar o menino do perigo. Os Santos tem algumas vezes humas resoluções, que sêdo acertadas, excedem as regras da prudencia humana. Tal foy a que meu Santo Patriarca tomou neste aperto. *Maure, curre,* (dizia elle) *quia puer ille, qui ad hauriendam aquam perrexerat, in lacum cecidit, jam que eum longiùs unda traxit.* Acodi, Amaro, àquelle menino, porque o arrebataraõ as ondas, e vay cada vez mais longe. Pois nessa longa distancia, como lhe poderia acodir Santo Amaro, sem que a sua vida corresse o mesmo perigo, em que se achava a de Placido? O successo responderà no que naõ acerta o discurso. Entrou Santo Amaro pisando as aguas, que experimentou mais solidas, do que S. Pedro achou as do Tiberiades. Dellas tirou o menino Placido, e pasmou depois, vendo que sem advertencia fez o que nunca presumio possivel. Oh Santidade rara de S. Bento! Div. Gregor. Dialog lib. 2. c. 8.

51 Naõ vos pareça que dispo hum Santo para vestir outro. Santo Amaro, e S. Placido, que sò podiaõ ser as testemunhas do caso, seraõ os Juizes da causa. Depunha Santo Amaro que a virtude de S. Bento o sustentou sobre as aguas. Affirmava S. Placido que no meyo do lago vio a S. Bento, que o tirava das ondas: *Cùm ex aqua traherer, super caput meum Benedicti melotam videbam, atque ipsum me ex aquis educere considerabam.* Aqui temos em hum mesmo caso dous prodigios. Pisa meu Santo Patriarca as ondas, e Santo Amaro tambem as pisa. Mas com esta differença, que a rara Santidade de S. Bento o sustentou sobre as aguas, e a Santo Amaro o preceito de S. Bento o assegurava nas ondas. Parece-me que na agilidade excedeu S. Bento o que por este dote he devido aos Div. Gregor. citatus.

corpos

corpos glorioſos. Pizar ſeguramente as ondas iſſo hé devido aos corpos glorioſos; mas conceder eſte privilegio a outro corpo, iſſo he exceder o dote da Agilidade. Que ſobre as aguas ſe veja mover hum corpo, iſſo he prova de glorioſo. Mas que communique eſſe corpo agilidade a outro, naõ he indicio de Divindade?

52 Sobre as aguas andava Chriſto para buſcar aos Diſcipulos, que no mar de Galilea padeciaõ grave tormenta. Vendo-o S. Pedro, entrou a duvidar, ſe ſeria elle o ſeu Divino Meſtre. Para o deſengano lhe pede huma experiencia, dizendo: *Dòmine, ſi tu es, jube me venire ad te ſuper aquas.* Senhor, ſe ſois vòs o Deos humanado, a quem ſigo, manday que ande eu ſobre as aguas. Parece, que naõ falou S. Pedro com diſcriçaõ. Naõ fora mais acertado rogar S. Pedro que ſe apreſſaſſe Chriſto, para defender a embarcaçaõ, e livrar os Apoſtolos do perigo, do que pedir o fizeſſe andar ſobre as ondas, em que a poucos paſſos eſteve ſubmergido? Naõ; que o intento de S. Pedro era com certeza conhecer a Chriſto Filho de Deos, e mais evidencia dava para o dezengano, mandando Chriſto a S. Pedro andar ſobre as ondas, do que ſuſtentando-ſe nellas o meſmo Chriſto. E a razaõ he; porque moverſe nas aguas iſſo he de qualquer corpo glorioſo; porèm mandar que outro as pize com ſegurança, pòde ſò fazer quem he Deos. Sobre as aguas poderá moverſe qualquer corpo gloriozo; porque iſſo he ter o dote da Agilidade. Fazer que outro corpo ande ſeguro neſte inconſtante elemento, iſſo he communicar os effeitos da Agilidade; e naõ he iſſo devido aos corpos glorioſos; he virtude muy particular de Deos: *Si tu es, jube me venire ad te ſuper aquas.*

Matth. 14.

52 Naõ ſey agora accommodar o caſo, que o mar de Galilea

Galilea vio, ao prodigio, que admirou o lago de Sublaco. Nelle vejo a S. Bento pizando as aguas, e jà infiro foy o seu corpo dotado de Agilidade. Considero logo que obediente aos preceitos de S. Bento anda seguro Sãto Amaro sobre as ondas; e seria erro grave inferir deste imperio que em S. Bento houvesse Divindade. Mas venho a concluir que meu Santo Patriarca foy taõ largamente dotado de Agilidade, que a teve para si, e para a dar.

§. VIII.

53 VEjamos em outro exercicio o mesmo dote. Tambem no ar, como as aves, se poderaõ mover os corpos glorioſos. E serà possivel, que em meu Santo Patriarca vejamos semelhante acto de Agilidade? Sim. Recorramos ao sagrado Texto. Vio Ezechiel quatro mysterioſos animaes, tendo cada hum delles tanta variedade em si mesmo, como diversidade entre os mais. Eraõ elles hum Homem, hum Leaõ, hum Novilho, e huma Aguia. Sobre o que significavaõ taõ differentes aspectos naõ se uniformaõ os sagrados Expositores. O Grande Bispo de Missia descobrio engenhosamente que nelles se representavaõ os quatro Patriarcas Primazes, que escreveraõ as quatro Regras, geralmente approvadas para o estado religioso: a saber, S. Basilio, Santo Agostinho, S. Bento, e S. Francisco. O Homem era Santo Agostinho: o Leaõ era S. Basilio: o Novilho era Saõ Francisco: e era S. Bento a Aguia: *Aquila Benedictus.* E porque se naõ ha de reprezentar antes meu Patriarca no Homem, que he o unico que pòde ver a Deos, como elle chegou a ver nesta vida? Ou no *Leaõ*, que o tem por armas a caza Annicia, da qual he S. Bento o mayor brazaõ? Pudera

Caramuel t. 1. Theol Regul. in Frontisp. oper.

Pudera tambem reprezentarse no Novilho; porque se este era o terceiro entre aquelles quatro animaes, Saõ Bento na ordem dos tempos foy o terceiro entre aquelles quatro Patriarcas. Sò na Aguia se ha de ver meu Santo Patriarca figurado? *Aquila Benedictus?* Sim; e a propriedade, ou mysterio he: que nas Aguias se symbolizaõ os corpos glorioſos, cortando os ares por virtude da agilidade: *Aſſument pennas ſicut Aquilæ*; e como o corpo de meu Santo Patriarca logrou especialmente esta prerogariva, para a symbolizar, se figurou na Aguia: *Aſſument pennas ſicut Aquilæ. Aquila Benedictus.*

54 Se ja leſtes a vida de meu Santo Patriarca, notarieis em dizer S. Gregorio Magno que vivia S Bento neſte Mundo terreno, ſem que nelle firmaſſe os pès, porq̃ quãdo hia S. Bẽto a piſar no Mũdo, recolheu o pè: *Eum, quem quaſi in ingreſſu Mundi poſuerat, retraxit pedem.* Seria porque como havia de florecer ſò para Deos, e frutificar ſò para o Ceo, naõ era bem, que ſe pegaſſem as ſuas plantas na terra. Porèm o certo he, que como S. Bẽto era dotado de agilidade, no ar ſe podia mover ſem dependencia de tocar na terra.

Div. Gregor. M. Dial. l. 2.

55 Mas ſe S. Bento eſtava na terra, como diz o Santo Pontifice, que naõ chegàra a por nella os pès. *Retraxit pedem?* Em muitas occaſiões ſe arrebatava S. Bento, e ſuſpenſo no ar, parecia, que o roubava o Ceo; porque naõ era juſto que ſe demoraſſe na terra, quem ja habitava nos Ceos: *In terris poſitus in cæleſtibus habitaret.* Mas he certo que ordinariamente vivia S. Bento na terra, *in terris poſitus.* Pois como diz S. Gregorio que naõ achára lugar, em que puzeſſe o pè? *Retraxit pedem?* A meſma Igreja em defenſa do ſeu Pontifice nos offerece a repoſta. Diz que eſtava S. Bento na terra como Anjo: *Vitam*

angelicam gerens in terris. E de que sorte assistem os Anjos cà na terra? Ensina Santo Thomaz que os Anjos podem muy bem estar na terra, sem que nella tenhaõ lugar onde estejaõ. Eis-ahi pois o como estava S. Bento ca na terra. Estava como fòra della ainda quando era visto nella; porque vivia na terra, naõ à maneira de homem, sim como Anjo: *Vitam angelicam gerens in terris.* Ex Officio in fest. Sancti Benedicti.

56 Temos hum exemplo admiravel, para reprezentar aos entendimentos o que neste ponto naõ chegaõ a descobrir os olhos. Arrebatadohia pelo ar Elias, como bem se via, e diz S. Joaõ Chrysostomo que ainda cà ficava na terra sem se ver: *Et erat sursam Elias, & deorsum Elias.* Pois da mesma sorte S. Bento. Vivia ca na terra, entre os homens, e entre os brutos, e assim era visto. Mas estava arrebatado na Regiaõ superior, ainda que se naõ visse: *In terris positus in cælestibus habitaret.* Notay porèm hum grande excesso, que da parte de S. Bento se descobre. Estar Elias na Regiaõ celeste, e ficar ainda na terra, era fazerse Elias inferior a si mesmo. Mas S. Bento, que estando na terra, entre os homens na Corte de Roma, ou entre as feras no retiro de Sublaco, e ja habitava na Regiaõ celeste, precisamente ficava superior a si mesmo. Da Alma de S. Bento, quando vio a Deos nesta vida, escreve S. Gregorio Magno que se fizera a si mesma superior: *Fit etiam videntis Anima supra semet ipsam.* Pois naõ será maravilha que tambem o corpo de S. Bento superior ficasse a si mesmo pelo dote da Agilidade. A Alma era bemaventurada por aquella vista, e o corpo gloriozo por este dote. Pois se aquella vista fez a Alma superior a si mesma, a Agilidade porque naõ faria o corpo a si mesmo superior, quando ao mesmo tempo, que era visto na terra, vivia tambem na Regiaõ celeste? Chrysost. Homo 2. popul. Ant. lib. 5. host. Div. Gregor. cit.

57 Da-

57 Daquella Aguia myſterioſa diz a Eſcritura, que voava ſobre os quatro animaes, que vio Ezequiel: *Facies Aquilæ deſuper ipſorum quatuor.* Logo tambem ficava ſuperior a ſi meſma. Sim, e a razaõ he; porque eſſa Aguia habitava com a fera; *facies leonis*, e acompanhava com o homem, *facies hominis.* Via-ſe, que pizava a terra, como a piſaõ o Homem, o Leaõ, e o Novilho: *Unumquodque ante faciem ſuam gradiebatur*; e neſſe tempo a meſma Aguia la ſe remontava pela Regiaõ celeſte: *Facies Aquilæ deſuper.* Bem; pois fique ſuperior a ſi meſma: *deſuper ipſorum quatuor*; porque a ſi meſmo ſe excede, quem piſando a terra, ou entre os homens, ou entre as feras, ja tem habitaçaõ no Ceo.

58 Eſſa Aguia era meu Santo Patriarca: *Aquila Benedictus.* Habitava com os homens na Corte de todo o Mundo; vivia entre as feras no ſeu dezerto; mas como Aguia generoſa, voava pelo dote da Agilidade, habitando nos Ceos, quando vivia na terra. Pois fique ſuperior a ſi meſmo pelo dote da Agilidade: *Facies Aquilæ deſuper ipſorum quatuor. Aquila Benedictus.*

§. IX.

59 JA parece, que me preciza o tempo a que moſtre em meu Santo Patriarca o dote da Impaſſibilidade. Faz eſte dote que os corpos glorioſos naõ poſſaõ mais padecer tormento algum, nem morrer. E poderia ſer impaſſivel, hum Santo, que taõ cruelmente ferio o ſeu corpo, quando menos nos eſpinhos de Sublaco? Podia ſer impaſſivel hum Santo, que neſte dia morreu? Sim, e neſte exemplo me fundo. Tinha Chriſto o dote da Impaſſibilidade, porque em toda a ſua vida, foy eſſencialmente bemaventurado; e com tudo padecia,

e veyo ao Mundo para padecer. Bem poderia pois S. Bento lograr tambem ſem implicancia, o dote da Impaſſibilidade, e padecer por quem padeceu por elle. E eu cuydo que meu Patriarca Gloriozo no meſmo que padecia, moſtrava ſer impaſſivel; porque nas ſuas aſperiſſimas penitencias, e na ſua morte padecia como ſe naõ padecera. Na Çarça, em que ſe ferio, para triunfar de huma tentaçaõ, mais achava cama de roſas, que de eſpinhos, por iſſo talvez deſtes eſpinhos regados com o ſangue de S. Bento, brotaraõ roſas, como ſe nelles mais achara o ſeu corpo delicia, que tormento. E com razaõ; porque os tormentos para S. Bento era eſcolha do ſeu dezejo, e appetencia de ſua vontade: *Benedictus plus appetens mala Mundi perpeti*, eſcreve S. Gregorio Magno. Logo mais lhe ſeriaõ delicia, que tormento; mais lhe ſeriaõ deſcanço, que moleſtia. Div. Gregor. Dial. l. 2. cap. 1.

60 No livro do Eccleſiaſtico ſe intitula Jeruſalem, a Cidade do deſcanço de Deos: *Jeruſalem civitati requiei tuæ.* Muito pelo contrario diſſera eu. Cidade das afflicções, e dos tormentos de Deos ſim, porque em Jeruſalem padeceu, e morreu por nòs o Filho de Deos. Mas Cidade do deſcanço de Deos? Bem podia ſer, porque como o Filho de Deos padecia por amor, e morria por ſeu querer: *Oblatus eſt, quia ipſe voluit* padecia como ſe naõ padecera. Era para elle o padecer deſcanço *Civitati requiei tuæ*; porque ſendo taõ crueis os ſeus tormentos, ainda os appetecia mayores: *Sitio.* Exclamava Chriſto na Cruz. *Potiora tormenta.* Expõem Santo Agoſtinho. Eccleſ. c. 36. v. 15. Iſai. 53.

61 O meſmo ſe acha naquelle Sacramento Auguſtiſſimo. Nelle ſe admiraõ recopilados todos os martyrios de Chriſto: *Recolitur memoria Paſſionis ejus.* E a Eſcritura chamou ao meſmo Sacramento para Chriſto roſas: *Paſcitur inter lilia.* Pois ſe ſaõ tormentos, e eſpinhos, recopila-

copilados no Sacramento, como saõ rosas? Porq foy o Sacramento escolha delicioſa do dezejo de Chriſto: *Deſiderio deſideravi hoc paſcha manducare vobiſcum.* E esta appetencia baſtou para fazer dos espinhos rosas: *Paſcitur inter lilia.* Tambem como os tormentos, e penalidades as penitencias de sua vida, e os espinhos de Sublaco eraõ dezejos, e escolha de S. Bento, lhe ficavaõ servindo os martyrios de alivio, e os espinhos se lhe convertiaõ em rosas; naõ tendo que padecer no mesmo, que padecia.

Div. Ambr. in Psal. 118. Serm 14. Maubur. in Rosetit. 6. Alphab. 20. c. 7.

62 A morte pòde tambem acreditar a S. Bento de impassivel; porque foy taõ preciosa, e admiravel, que parecia, naõ ter de morte, mais que os accidentes. Em pè, e orando estava S. Bento, quando entre as palavras, que proferia, exhalou a vida: *Stetit, & ultimum ſpiritum inter verba orationis eſflavit.* Refere S. Gregorio Magno. E isto (dizey) he morrer? Na verdade he; mas parece, que sò na apparencia he morrer.

Div. Gregor. lib. 2. Dial. c. 41.

63 De Christo cravado na Cruz ao alto, como se nella estivera em pè, diz a Escritura que tinha apparencias de morto: *Agnum ſtantem tanquam occiſum.* Expõem Cornelio a Lapide, *Sub ſpecie Agni, in cruce occiſi, & immolati.* Pois Christo naõ morreu verdadeiramente? Sim, que o ensina a Fè contra o erro dos Manicheos, e Priscilianistas. E como na Cruz o vè S. Joaõ morto na apparencia? *Tanquam occiſum?* Porque sustentado Christo nos braços da Cruz, morria em pè: *Agnum ſtantem;* e morria orando a seu Eterno Padre: *Clamans voce magna JESUS ait Pater, in manus tuas commendo Spiritum meum; & hæc dicens expiravit.* E quem assim na verdade espira, parece que sò na apparencia morre: *Tanquam occiſum.*

Apoc. 5. v. 6. Alap. hic

64 Morreu S. Bento, e de pè estava sustentado a fraqueza do corpo em braços de seus Monjes: *Inter diſcipulorum*

lorum manus imbecillia membra ſuſtentans ſtetit. Orando a Deos exhalou o eſpirito: *Ultimum ſpiritum, inter verba orationis eflavit.* Pois quem diria que morreu, mais que na apparencia? Quem com tal morte, o naõ julgaria impaſſivel?

65 Oh Santiſſimo Patriarca meu! Gloriozo em tudo. Gloriozo na Alma, e tambem no corpo gloriozo jà neſte Mundo. Na Alma, pela viſaõ beata, que neſta vida lograſtes. No corpo pelos dotes de gloriozo, pois até o da Impaſſibilidade parecieis ter; porque trocando os eſpinhos em roſas, em delicia os tormentos, e a realidade da morte, com as apparencias ſomente vos acreditais no padecer impaſſivel. Mas iſſo logra, quem como S. Bento começa a ter neſta vida, em remuneraçaõ de ſeus merecimentos o premio da Bemaventurança, promettida no Evangelho la para a vida eterna, e futuro ſeculo: *Vitam æternam poſſidebit. In ſæculo futuro.*

§. X.

66 NEſta imagem panegyrica (ditozos Filhos, e affectuozos Devotos de S. Bento) vos propuz o voſſo grande Advogado, e o noſſo Gloriozo Pay. Tendes vòs hum Patrono, e temos nòs hum Pay que aſſim como antes de naſcer foy Santo, por ſer ſantificado no ventre; aſſim antes de morrer foy bemaventurado; porque vio a Eſſencia Divina antes da morte. Temos hum Pay, q̃ para nos fazer Santos jà no Mundo, foy Bemaventurado na terra; e para nos moſtrar a Bemaventurança neſta vida, a logrou elle antes da morte. Os mais Patriarcas Santos, e Gloriozos deſcobriraõ para ſeus Veneraveis filhos o caminho da Gloria cà no Mundo. S. Bento naõ ſò nos moſtrou o caminho na terra, ſe naõ a

meſma Gloria tambem, para nella nos meter a todos.

67 Parece me, que temos hum Pay, que nos deixou mais forçoſas obrigações, para ſermos Santos; porque moſtrando nos a Bemaventurança de mais perto, nos deixou mais breve o caminho para a Gloria. Talvez ſerà eſta a razaõ, porque tanto tem florecido a Santidade nos filhos de S. Bento, que os ſeus Santos Canonizados ſò a milhares ſe contaõ. Deu jà S. Bento ao Ceo, e à Igreja para cada hum dia do anno ſete mil, e quinhentos e ſetenta e ſeis Santos canonizados. E ainda reſtaõ trezentos e ſeſſenta por repartir; àlem de innumeraveis Beatificados. E mais ſeriaõ; ſe naõ rogara hum Capitulo Geral de noſſa Religiaõ à Se Apoſtolica, por juſtas cauſas que lhe naõ canonizaſſe mais Santos.

Multitudo SS Benedctini Ordinis juxta numerum a Paoleto Serm. Div. Bened.

Molanus in natali SS. die 30. Junii.

68 Deſte Patriarca admitavel ſò vos reprezentey a ſua anticipada, e portentoſa Bemaventurança. Naõ vos fiz panegyricos de ſua virtude, e ſeu eſpirito; porque me pareceu incomprehenſivel o eſpirito de hum Patriarca, que em ſi comprendeu o eſpirito de todos os Juſtos: *Vir iſte ſponſorum juſtorum omnium plenus fuit.* E fora ſem duvida injuria voſſa, e locura minha querer darvos a ſaber o eſpirito, e as virtudes do Patriarca Inſtituidor noſſo. Em mim locura; porque bem moſtra a minha laxidaõ que naõ ſey conhecer o Pay, que temos. Para vòs injuria; porque o voſſo exemplo he o melhor teſtimunho de que muy bem alcançais quaõ grande ſeja a ſantidade de noſſo incomparavel Padre S. Bento.

Div Greg Magn. Dial. lib 2. c. 9. ante finem.

69 Confeſſo-vos porèm ingenuamente, e a voz tambem, Gloriozo Patriarca meu, que dezejey ter toda a ſabedoria, que ou ja admirou, ou ainda hoje florece em voſſos filhos, para louvar com toda ella o pelago immenſo de voſſas excellentiſſimas virtudes. Se tivera eu no dizer a gravidade, e pezo de Gregorio, a clareza de Ildefonſo,

fonso, a profundidade de Anselmo, a agudeza de Ruperto, o nectar de Bernardo, a vastidaõ de Isidoro, a doutrina de Beda, a devoçaõ de Hermano, o concerto de Cassiodoro, e a singularidade de qualquer outro vosso Monje, que floreceu em letras, nem hum só instante cessara de compor elogios vossos. Mas se me faltaõ essas qualidades, nem por isso deixaraõ de ser por vòs bem aceitos estes periodos, que proferio minha ignorante lingua. De hum fabulozo Deos se escreve, que só admittia para sacrificios linguas de brutos. E como naõ aceitareis vòs, sendo soberano, & affectuozo Pay, o sacrificio de minha lingua quasi irracional? Em estylo assim humilde, e rude chegaraõ a vossas soberanas aras estes discursos, q̃ em holocausto de minha obediencia vo-los consagro, unidos aos resplandores de outros panegyricos, feitos à vossa virtude neste dia; e comporaõ juntos hum espelho, onde os meus sirvaõ de sombra, todos os mais de crista!, em cujos reflexos se vejaõ as virtudes, com que para honra de Deos resplandecestes no Mundo, e para nosso patrocinio brilhais na Gloria.

SERMAM III.

NAS

EXEQUIAS

DO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO

DE S. JERONYMO,

Depois de Geral duas vezes da Sagrada Congregaçaõ do Evangelista, digníssimo Bispo do Rio de Janeiro, do Conselho de Sua Magestade, na Cathedral da mesma Cidade aos 13. de Março de 1721. que foy o dia settimo depois de seu falecimento.

Ecce docuisti multos, & manus lassas roborasti. Vacillantes confirmaverunt sermones tui: & genua trementia cõfortasti. Nunc autem venit super te plaga, & defecisti. Ex lib. Job cap. 4.

§. I.

QUANDO a infelicidade chega a intensaõ excessiva, ternuras communica ao mesmo insensivel, para o sentimento della. (Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor, neste Mausolèo, que de triste pompa erigio a dor, para que ainda na morte se eternize com decentes cultos a memoria de hum

Prelado, que nos vindouros seculos será para os futuros segura norma: permitta Vossa Illustrissima se sepultẽ mais precisamente os nossos corações; porque esse golpe, que a vossa Illustrissima deu a morte para lhe eternizar a vida, chegando-nos a ferir os corações, foy sò para nòs golpe mortal.)

2 Quando a infelicidade chega a intensaõ excessiva, ternuras communica ao mesmo insensivel para o sentimento della. Insensiveis saõ os Anjos, ainda que viventes; insensiveis os troncos, por mais que animados sejaõ: insensiveis finalmente as endurecidas, & desanimadas penhas. mas, como se foraõ capazes de sentimento, là houve occasiões, em que affectando lagrymas, & inculcando màgoas, se mostraraõ compadecidos em tristes acontecimentos.

3 Naõ sey que desgraça chegaraõ a ver os montes, e enternecida tanta dureza, manifestaraõ seu sentimento: *Viderunt te, & doluerunt montes.* Faleceu Debora, a cujos peitos se criou Rebecca, fizeraõ-se as Exequias com repetidas lagrymas, & dilatado pranto, e a sepultura, que lhe deraõ, foy ao pè de hum tronco, o qual, como magoado, ainda hoje he pelo pranto bem conhecido, e pelas lagrymas nomeado: *Mortua est Debora nutrix Rebeccæ, & sepulta est in Bethel subter quercum, vocatumque est nomen loci illius; quercus fletùs.* Na morte de Moysès, como diz Filo com hum quasi natural encarecimento, choraraõ os mesmos Anjos sentidos: *Luxerunt Angeli in morte ejus.*

Habac. c. 3. v. 10.

Genes. c. 35. v. 8.

Phil. lib. Biblicar. antiquit.

4 E como deixarâ de lamentar quem naõ he Anjo para se eximir da pena; quem naõ he tronco para resistir à dor, quem naõ he penha para se endurecer? Como deixará de magoarse quem he sensitivo por natureza, no infeliz estrago, no infausto emprego, que àquella Urna reduzio o Fado, que naquelle Mausoléo collocou a Parca?

Nã

Na sempre lamentavel morte (venho a dizer) do nosso Illustrissimo Bispo, o Reverendissimo Senhor D. Francisco de S. Jeronymo. Elle com ventagens a Debora, nunca faltou a seus filhos com o espiritual alimento. Elle qual outro Moysés, guiou com grande amor, e conhecido zelo este seu amado povo pelo deserto desta peregrinaçaõ, para aquella, que he a melhor terra de Promissaõ.

3 Duas saõ as considerações, que em tanto luto mais avivaõ a nossa pena, e mais apuraõ a nossa dor. He a primeira (devendo ser unica) o mesmo golpe, com que cortado vemos aquelle exaltado Cedro, que mais que os do Libano merecia eternidades na permanencia; as sombras em que por eclipsada naõ vemos jà aquella luz: o occaso, em que se sepultou aquelle Sol jà posto; o extremo alento, que exhalou jà aquelle Pastor sem vida, aquelle Prelado defunto. He a segunda consideraçaõ; o desamparo, em que a sua morte nos deixa, e a perda irrecuperavel de sua vida, em que ficamos. Huma, e outra exprimem as palavras do thema, que no literal, sendo proferidas de Job, com alegoria muy propria se applicaõ ao nosso Illustrissimo Bispo defunto: pois como escreve Bolducio, Bispo foy tambem Job nos tempos, que precederaõ aos da ley da graça.

Balduc. l. 2. de Eccl. ante legẽ, cap. 9. in fine.

6 *Ecce docuisti multos, & manus lassas roborasti. Vacillantes confirmaverunt sermones tui: & genua trementia confortasti: nunc autem venit super te plaga, & defeciisti.* Vem a dizer, accõmodaticiamente explicadas, como se costuma em semelhantes assumptos. A muitos ensinou o nosso Doutissimo Bispo defunto: *Ecce docuisti multos*; e com os seus Sermões confirmou aos que indecisos vacillavaõ no caminho da virtude: *Vacillantes confirmaverunt Sermones tui.* Confortava, e alimentava a pobreza destituida de mãos para grangear a vida; e de pés, em que sustentasse os

corpos desfalecidos: *Manus laſſas roboraſti, & genua trementia confortaſti.* Sobreveyo-lhe porèm huma ferida interior: *Nunc autem venit ſuper te plaga*; e della acabou a vida: *& defeciſti.* Mas eſperamos que ſe lhe eternize na Gloria.

Morreu o Illuſtriſſimo Senhor Biſpo de hũa chaga interior.

7 Deſtas duas ponderações mal poſſo acertar em qual deva ſer o emprego deſta Oraçaõ. Naõ ſey qual deva ſer mais encarecida para ſer mais ſentida; ſe a pena de vermos acabar a vida o noſſo Illuſtriſſimo Biſpo: *Venit ſuper te plaga, & defeciſti*; ou ſe a perda para nòs incomparavel de hum Prelado taõ douto para as direcções do Biſpado: *Ecce docuiſti multos.*; taõ virtuozo para a doutrina, com que frequentava os Pulpitos nos ſeus Sermões: *Vacillantes confirmaverunt Sermones tui*; taõ compaſſivo para a pobreza, e taõ prompto em lhe remediar as neceſſidades: *Manus laſſas roboraſti, & genua trementia confortaſti.*

8 Cuido que acertarey, ſe encarecer o muito, que devemos ſentir a morte de taõ grande Prelado pela ſua falta; pois he o que com toda a energia eſtà inſinuando a ultima palavra das que me deraõ o thema: *Venit ſuper te plaga, & defeciſti.* Sobreveyo ao noſſo Illuſtriſſimo Biſpo hũa chaga, e della acabou a vida. Mas advirta-ſe, que acabou faltando-nos; morreu fazendo-nos huma grande falta: *Defeciſti.* Muitos ſaõ os que morrem, e naõ fazem falta; mas o noſſo Illuſtriſſimo Biſpo morreu fazendo-nos tanta falta, que naõ ſem myſterio cuido ſe inculca no Texto do thema a falta. em que ficamos, para ſervir de incentivo á noſſa pena: *Venit ſuper te plaga, & defeciſti.* Acabando ſua Illuſtriſſima a vida temporal, vay tomar poſſe da eterna. Oh que felicidade! Nòs porèm (oh que laſtima!) com a ſua morte perdemos hum talento, que ſò ſe declara bem com admirações: *Ecce docuiſti multos. Ecce admirationem denotat.* Perdemos hum Prègador, que com

Sylv. in Evág. tom 4. l. 6. c. 33 q 2. Ecce admirationem denotat.

a ſua

a sua doutrina reformou naõ poucos vicios: *Vacillantes confirmaverunt Sermones tui.* E finalmente hum Pay para as necessidades desta pobreza toda: *Manus lassas roborasti, & genua trementia confortasti.*

9 A vida do homem com os attributos, e prendas, de que a natureza, ou a providencia dotou ao nosso Illustrissimo Bispo defunto, he como a tocha, que a penas aceza, se está consumindo a si, para nos alumiar a nòs. He como o Sol, que para illustrar todo o Mundo logo em nascendo no berço do Oriente busca o sepulchro do Occaso. A luz da tocha se apaga, e a do Sol se põe. E qual serà mais para sentirse; o danno para huma, e outra luz, ou para nòs a perda, em que ficamos por sua falta? He certo que sò a nossa perda se faz digna de sentimento, e naõ o danno, q̃ experimentaraõ aquellas luzes. Apaga-se huma; mas deixa de se consumir, e arder. Sepulta-se a outra no Occaso; mas no Oriente tornarà depois a luzir. Nós que ficamos em sombras, huma, e outra perda sentimos com mayor damno. Assim tambem: Apagada jà aquella luz, e entre cinzas morta, acaba de alumiar; mas deixa de se consumir. Sepultado já aquelle Sol no Occaso, cessa de luzir neste hemisferio; mas estará resplandecendo no Oriente da Gloria como Sol entre os justos, pelos merecimẽtos de Christo, logrando a vista de Deos, como esperamos: *Justi fulgebunt sicut Sol* Sò nòs em taõ grãde perda, ficamos sentindo a falta de hũ Mestre admiravelmente douto, de hum Prègador incomparavelmente efficaz, e de hum Pay o mais compassivo da pobreza.

10 Isto he o que em tres pontos entrarà a ponderar a màgoa, em tres queixas, que lhe ha de formar a pena. No primeiro ouviremos a Sabedoria queixosa na falta de hum Talento admiravelmente douto: *Ecce decuisti multos, & defeciſti,* No segundo se ouviraõ as queixas da Oratoria,

posto que sem eloquencia na occasiaõ prezente, pela falta de hum Orador singularmente efficaz para persuadir o que doutrinava. *Vacillantes confirmaverunt Sermones tui, & defeciſti.* No terceiro formará a pobreſa, mais laſtimoſa que todas, as ſuas queixas, vendo-ſe deſamparada, pois lhe falta todo o ſeu remedio: *Manus laſſas roboraſti; genua trementia confortaſti; nunc autem venit ſuper te plaga, & defeciſti.* Queira Deos que iguale o meu diſcurſo à noſſa pena, e a minha ponderaçaõ à noſſa perda.

§. II.

11 A Primeira queixa, que fundada nas primeiras palavras do thema eſtà formando a noſſa màgoa, he por parte da Sabedoria, vendo que na peſſoa de ſua Illuſtriſſima lhe levaſſe a morte hum Talento, que aos mais doutos ſervia de admiraçaõ: *Ecce docuiſti multos, & defeciſti.* E quem ſenaõ a Sabedoria ſe havìa de queixar na falta de hum Talento taõ douto? ſò ſabe ſentir huma perda quem a conhece. Eſaù naõ ſentio a perda do morgado, porque o naõ ſoube avaliar: *Parvipendens quòd primogenita vendidiſſet* E como lhe peſaria, ſe lhe naõ ſoube tomar o pezo? *Parvipendens.*

Geneſ. 25. v. 34.

12 Imaginava atègora o diſcurſo pelo que via que o eſtrago do Rayo, aſſim como he o mais violento, aſſim era tambem o menos attenciozo. O Monte mais alto he hum emprego de ſeu furor, ſem que lhe reſpeite a eminencia. O mais nobre edificio he huma cinza de ſuas chammas, ſem que de ſua juriſdicçaõ goze a immunidade menor. Mas alcançamos que o meſmo Rayo guarda attenções à Aguia, e tambem reſpeitos ao Louro. Cuidava a Sabedoria (e cuidava bem) que ſe fundava aquella izençaõ em que com o Louro ſe coroava ella antigamente naquelles ſecu-

Aguia, e Louro, Symbolos da Sabedoria.

los,

los, em que reinava, e ſe coroava a Sabedoria, que tambem nas Aguias ſe reprezenta: e por iſſo Aguias, e Louro reſpeitava o Rayo no eſtrago. Mas ò morte ſem attençaõ, com juſta queixa da Sabedoria, levantas cegamente a Fouce para o Feno, e para o Louro: ſem diſtincçaõ emprègas as Settas na ſimplicidade da Pomba, e na Soberana intelligencia das Aguias. Com crueldade, mas ſem conſideraçaõ, tiraſte a vida, na peſſoa do noſſo Illuſtriſſimo Biſpo à Aguia mais dignamente laureada, que conheceu eſta Dieceſe: a huma Aguia, que por brazaõ ſe via ſobre Eſtrellas ſublimada. E como ſe naõ queixarà de ti a Sabedoria, que ſabe dar valias a tanta perda? Naõ ſey que oppoſiçaõ he a tua com a ciencia.

Tinha o Illuſtriſſimo Senhor Biſpo por Armas de diviſa hũa Aguia ſobre tres Eſtrellas; como uſa a eſclarecida Congregaçaõ do Evangeliſta.

13 Nenhuma couſa creou a natureza; que lhe naõ produſiſſe hum contrario para oppoſiçaõ. A' vida deu por contrario a morte. Tem as trevas oppoſiçaõ com a luz. De quatro elementos ha dous para contrarios a outros dous. Sò à ciencia deu a natureſa dous contrarios taõ poderozos, quaes ſaõ a ignorancia, e a morte. Naõ baſta à ciencia a oppoſiçaõ, que tanto pòde? Tambem a morte ſe lhe hà de oppor? No Parayſo terreal plantou a Divina Maõ duas arvores, huma da vida, a outra da Siencia. Oh Sabedoria taõ ariſcada! Ninguem provarà teus frutos, que nelles naõ traga, e naõ trague a morte. Atè aquelle ponto, em que ſem exercicio eſtava ocioſa a morte, naõ havia ainda no Parayſo a quem tiraſſe a vida, e là foy buſcar a ciencia. Como a vida, e a morte ajuntarem ſe he impoſſivel, foyſe ajuntar a morte com a ciencia. Na companhia, que elegeu, foy diſcreta; mas cruel, e ignorante na oppoſiçaõ, que lhe fez.

14 Quando o Sabio Rey Salomaõ fabricou huma caſa para a Sabedoria, logo a murou com ameas, fortificando-a como hum Caſtello; aviſou entaõ aos que appeteciaõ

teciaõ ſabedoria, para que entraſſem naquelle Palacio;
Proverb. 9.v.3. por eſtar feito huma fortaleſa: *Miſit ancillas ſuas, ut vocarent ad arcẽ, & ad mœnia Civitatis.* Naõ ſey ſe intentaria o famozo Artifice reparar com aquelle forte as invaſões da morte, pela oppoſiçaõ, que lhe conheceu com a Sabedoria. Mas oh morte poderozo inimigo! Oh contrario, a que nenhuma força reſiſte! Quem ſe naõ queixarà da oppoſiçaõ, que fazes à Sabedoria, quando nem ella ſabe deſcobrir defenſa contra tuas armas? Bem ſe ve nas com que triunfaſte de hum taõ douto Prelado, que lamentamos morto, ſem que o defendeſſe o Caſtello de tanta Sabedoria. Jà tem a Sabedoria communicado eſtas queixas, e eſtes ſentimentos aos corações; pois taõ grande dor mal podia caber ſò dentro na Alma. E porque a pena acha nas margens do coraçaõ, em q̃ ſe eſtaõ quebrando os ſuſpiros, anguſtiadas prayas para tanto mar; paſſarà aos olhos em perpetuos Rios de lagrymas, evidentes ſinaes de taõ irremediavel perda para deſafogo da dor.

15 Queyxoſo eſtava Jacob na falta de Jozè ſeu filho a quem conſiderava morto, e exprimio a ſua pena, dizendo q̃ ainda depois da morte naõ enxugaria as lagrymas nẽ
Geneſ. 37. v. 35. poria fim a ſeu pranto: *Deſcendam ad filium meum lugens in infernum.* Cuydo que naõ entendo eſte ſentimento. Faltando hum filho a Jacob, naõ lhe ficavaõ onze? He ſabido. Pois como na perda de hum taõ multiplicado he o ſentimento? O Texto Caldeo deſcobre o fundamento
Ibid. v. 3. para a reſpoſta: *Eo quòd eſſet filius ſapiens ſibi.* Porque Jozè era ſabio para ſi. Ah ſim? Pois ja naõ eſtranho, que choraſſe como entendido Jacob por toda a vida: *Deſcendam ad filium meum lugens in infernum*: Com mayor razaõ deve o noſſo ſentimento, para ſe guiar pela Sabedoria, moſtrar em lagrymas atè à morte a falta deſte doutiſſimo Prelado. Se hum pay tendo tantos filhos, toda a vida quer chorar a

morte

morte de hum, porque o via Sabio: *Eo quòd esset filius sapiens*; como deixarà a ponderaçaõ de tantos filhos de chorar acertadamente com perpetuas lagrymas a morte de hum Pay taõ unico; como Sabio? Se Jacob tanto sente a morte de Jozè, porque era Sabio para si: *Sapiens sibi*; como poderà sentir menos quem se acredita de Sabio, a morte de hum Prelado, que era igualmente Douto para si, & para os mais? *Ecce docuisti multos.*

16 Em fim queria Jacob chorar em toda a vida a falta de seu filho Sabio: *Descendam ad filium meum lugens in infernum. Eo quòd esset filius sapiens sibi,* Ou a perda, que sentia, era excessiva, ou foy sem proporçaõ a pena. O sentimento mede-se pela desgraça. Quando o infortunio he menor, naõ he taõ dilatada a pena; e quando a desgraça he mayor, entaõ o sentimento cresce. Dous sentimentos notaveis, ambos em hum mesmo genero, acho em David. O primeiro na morte do filho, que teve de Bethsabè, ao qual por sete dias sòmente se estendeu a vida. O segundo na morte de Absalaõ, a quem hum carvalho aleivozo, que o prisionou para a morte, servio tambem por algũas horas de Mausoleo aereo. Na perda do primeiro filho, com a morte delle acabou tambem o sentimento do Pay: *Propter infantem dum adhuc viveret, jejunavi, & flevi.* Mas pela desgraça do segundo, ainda depois da morte de Absalaõ estava em David muy viva a pena. *Flevit, & sic loquebatur vadens: Fili mi Absalom: Absalom fili mi; quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te?* Onde foy mayor a desgraça, tambem o sentimento creceu. Mais era para sentir ver hum filho desobediente acabar às lançadas, que espirar hum filho innocente: por isso durou menos a pena pelo primeiro, e muito mais durou o sentimento pelo segundo: 2.Reg. 12. 22. 2.Reg. 18. 33.

17 Notay agora no fundamento de meu reparo. Pela falta

falta de Jozè quer Jacob eſtender o ſentimento por toda a vida. Ainda mais; quer chorar atè depois de morto: *Deſcendam ad filium meum lugens in infernum.* Sentimento mayor naõ ſe deſcobre. E perguntara eu a Jacob, ſe ficavaõ aſſim igualados aquella perda, e eſte ſentimento? A morte de hũ filho he trivial infortunio; hũ ſẽtimẽto até depois da morte naõ ſe vio ainda: Pois como para huma ordinaria deſgraça hum ſentimẽto ſem comparaçaõ? Ora naõ vos pareçaõ deſiguaes o ſentimento, e a perda de Jacob. Chorar atè depois da morte, naõ ha ſentimẽto mayor; mas a falta de hũ filho Sabio, cõſideray-a bẽ, eſerà a mayor perda, que ſe reconhece em todo o ambito da natureſa.

18 Pelo Profeta Iſaias intimidava Deos a Jeruſalem, e o mayor caſtigo, que deſcobrio para o ameaço, que lhe fazia, foy que de ſeus habitadores lhe havia de tirar hum Sabio: *Dòminus exercitum auferet de Jeruſalem conſiliarium, & Sapientem.* Pois naõ haveria mais ſenſivel pena para a comminaçaõ de Jeruſalem, que a perda de hum Sabio? Diſſera eu que naõ; e ficaria evidente, ſe o conſiderarmos com attençaõ.

Iſai. 3. 1.

19 Hum homem Sabio he da Republica o melhor Theſouro: *Divitiæ ſalutis Sapientia, & ſcientia.* O varaõ Douto he o Atlante das Monarchias, por iſſo, quando Iſaias acclamou a Deos Dominador ſupremo de todos os Reinos do Mundo, diſſe que tinha o ſeu Throuo eſtabelecido ſobre os Querubins, que ſaõ os Eſpiritos mais Sabios de todas as Jerarquias: *Qui ſedes ſuper Cherubim, tu es Deus ſolus omnium regnorum terræ.* Finalmente o que he o Sol para o Mundo todo, he hum varaõ douto para os mais homens. No Apocalypſe vio o Evangeliſta ſete Anjos, e o quinto, como no capitulo decimo ſe refere, era no roſto, ao que parecia, hum Sol: *Facies ejus ſicut Sol.* No livro do Apocalypſe, como diz S. Jeronymo, ſaõ mais

Iſai. c. 33. 6.

Iſai. 37. 16.

Apocal. c. 10.

Hierony Epiſt. ad Paulin.

os mysterios, que as palavras. E qual seria o mysterio, que naquelle Anjo se reprezentasse? Alem de o resolverem muytos Doutores, dà a entender a Escritura que nelle se figuravaõ os doutos; porque adverte que o Anjo trasia na maõ hum livro aberto: *Habebat in manu sua libellum apertum*; e o homem, que sabe abrir os livros, e os traz entre mãos, o homem; que he douto, he para os mais homens hum Sol, por muito que o queiraes escurecer: *Habebat in manu sua libellum apertum. Facies ejus sicut Sol.* E ainda he muito mais que hum Sol. Porque o Sol alumia hum Hemisferio sòmente; e se cada homem hé hum Mundo pequeno, como diz Platão (ou hum Mundo grandiozo, que assim o emenda S. Gregorio Nazanzeno) o homem dou o, como se em muitos Soes estivera reproduzido, alumia tantos Mundos, quantos saõ os homens, que ensina. O Sol, para alumiar este Hemisferio, o outro deixa ficar em sombras: e hum homem douto alumia naõ sò muitos Hemisferios: mas muitos Mundos ao mesmo tempo, sem q̃ o Oriente de hum sirva para os mais de Occaso. Apocal. cit.

20 Ponderay agora quaõ grande perda seria para huma Republica a de todos os seus thesouros, e para huma Monarchia quaõ grande falta seria a de hum Atlante, que a conservasse; e entendey que era naõ menor a perda de Jozè, na estimaçaõ de Jacob; pois era Jozè por douto, como descobrio o tempo, Atlante das Monarchias, e de huma Republica o melhor thesouro.

21 Deixando porèm conjecturaes suppoſições, para ver por humas perdas o sentimento de outras, vede a falta, e o sentimento, que a todo o Mundo causa o Sol com o seu Occaso, ainda que nos deixa a certeza de renascer no Oriente. Tanto que o Sol chegando ao Zenith, declina para o seu Occaso, mostraõ as flores em perpetuos desmayos seu sentimento na terra. Com aquella falta aquellas

ondas

ondas de prata, que ao mar ſerviaõ de gala, ficaõ trocadas por hum triſte luto. As aves, que alegres habitaõ a regiaõ aerea, cubertas de pennas, ſe retiraõ triſtes para os ſeus occultos ninhos. Atè o Ceo, onde o ſentimento he chimera, ſe cobre todo de ſombra. De ſorte, que o Mundo todo moſtra no Ceo, e no ar, no mar, e na terra pela falta do Sol, univerſal ſentimento. Sò o homem inventou ſupprir com luzes aquella perda. Ou ſeja porque como cada hum homem he outro Mundo, naõ ſente a perda, que aquelle chora. Ou porque as luzes, com que ſe allumia a creatura racional, naõ ſaõ as com que ſe illuſtraõ as totalmente materiaes. Pois ſe o Mundo com tanto exceſſo ſente a falta de ſeu Sol, que moſtra naõ tem a natureſa mayor perda, tambem com razaõ quer Jacob chorar exceſſivamente a falta de Jozè, a quem por douto reconhecia Sol: para que aſſim a falta de hum ſabio, ſendo incomparavel, ficaſſe igualada por huma pena ſem comparaçaõ: *Deſcendam ad filium meum lugens in infernum. Eo quòd eſſet filius ſapiens ſibi.*

22 Na morte de ſua Illuſtriſſima ſabido he que perdeu eſta Santa Sè hum varaõ, que com a ſua ſabedoria a illuſtrava mais do que o Sol com ſeus rayos illuſtra o Mundo. Hum Atlante, onde deſcançava ſeguro todo o Orbe deſte Biſpado. Hum theſouro o mais rico, e o mais precioſo deſta Dieceſe, pois tudo era por Douto, e Sabio o noſſo Illuſtriſſimo Biſpo. E qual ſerà o ſentimento, que iguale taõ irremediavel perda? Sò lagrymas, como as de Jacob na perda de Jozè, ſerviaõ para taõ grande pena; porque ſò lagrymas, que perſeverem em nòs atè depois da morte, ſeraõ ajuſtado fiel, que na balança da dor moſtrem ficar igualadas pelo noſſo ſentimento a auſencia daquelle Sol eclipſado, a falta daquelle Atlante rendido, a perda daquelle theſouro roubado.

§. III.

§. III.

23 COnhecida està a razaõ, com que a sabedoria se queixa na falta do nosso Doutissimo Bispo defunto; e se da perda lhe provèm o sentimẽto, ponderemos melhor a perda, para com mais razaõ se acreditar a queixa, & calificar a pena. Todos sentimos a falta de hum Talento admiravelmente Douto: *Ecce docuisti multos, & defecisti*; mas talvez haverà quem pergunte; em que mostrou o nosso Doutissimo Prelado, ou em que lhe descobriraõ os entendidos essa taõ encarecida, como chorada sciencia? Se o nosso doutissimo Bispo, ou avaro de suas proprias letras, ou desprefador de seu talento proprio, nos naõ quiz deixar estampadas memorias de seu entendimento superior, como tanto encarece o nosso sentimento aquella perda? Naõ parece a sabedoria que o he, quando assim se queixa.

24 Esta he a censura mais trivial, que aos Doutos põe a ignorancia do vulgo, como se no escrever consistisse a sabedoria. Ninguem mais sabio do que foy Adaõ; mas em seu tempo nem letras havia no Mundo. Pythagoras, sendo o mais Douto Filosofo do seu tempo, nem huma obra sua quiz consentir se escrevesse. Pelo contrario: aquelle Emperador, que no Direito Cesareo deu aos Juristas largo, e difficultozo emprego, para huma faculdade taõ respeitada como temida, he de muitos Authores q̃ nem escrever soubera. O escrever naõ he sciencia. O ensinar he saber. E a rara sciencia do nosso Doutissimo Bispo esteve na admiraçaõ, com que ensinou a muitos: *Ecce docuisti multos.* Que cadeiras naõ occupou na sua Doutissima Congregaçaõ? Que discipulos naõ ensinou? O mayor lustre dos Talentos, com que se illustra

essa Doutissima Congregaçaõ do Evangelista, he como ō estaõ confessando o de haverem sido discipulos do nosso Doutissimo Bispo; e tambem este he o mais presado testemunho daquelle Talento admiravel: *Ecce docuisti multos.*

25 Para se acreditar por Douto, naõ se empenhou o nosso Prelado defunto na composiçaõ de volumes, com que se fizesse celebre por todo o Mundo; porque o impediaõ as pençoes dos lugares publicos, para que foy buscado, e exercceu com admiraçaõ do Mundo, que applaudio muitos annos Provisor no Arcebispado de Evora, e repetidas vezes Geral dignissimo da Sagrada Congregaçaõ do Evangelista, e ultimamente meritissimo Bispo desta Diecese. Ostentou porèm a sua sabedoria nos discipulos, que ensinou, nas Doutissimas pessoas, que deu ao Mundo; por serem estas a mayor prova de hum entendimento, singularmente admiravel.

26 Para evidencia disto recorramos ao que passa em Deos, e acharemos que para ostentar o Eterno Padre seu infinito saber, naõ compusera hum sò livro. Pois com que parto sahiria à luz aquelle entendimento infinitamẽte fecundo? Com huma Pessoa infinitamente sabia, que he o divino Verbo, a quem communica, e sempre està communicando quanto sabe. Com applicaçaõ agora ao nosso intento. Quereis comprehender, (naõ disse bem) quereis conjecturar, quaõ Douto fosse o nosso defunto Prelado? Quereis admirar os partos daquelle entendimento milagrosamente fecundo? Attendey para os Discipulos, que brotou, e singulares pessoas, a quem communicou os lusimentos de sua sciencia, e doutrina. Ahi he preciso vos assombre, como monstruozo parto, aquelle seu amado Discipulo, vastissimo em todo o genero de letras D. Diogo da Annunciaçaõ Justiniano, Arcebispo

que

que foy de Cranganor.

27 Mas subamos outra vez com a cõsideraçaõ a Deos, e passemos do Padre ao Filho. A segunda Pessoa da Santissima Trindade, com ser a mesma Sabedoria infinita por natureza, que he o que escreveu? Apenas achamos nas Escrituras, que tomando huma vez para papel a terra, fazendo de hum dedo penna, escreveu huma sentença em poucas letras, que por serem na terra, tal vez as apagaria o vento. Sò sey que com certeza, ninguem sabe o que entaõ Christo escreveu. Pois em que deu mostras de si aquella Sabedoria? No que dictou; nos Discipulos, que ensinou para Mestres de toda a Igreja: na doutrina, que lhes deyxou, da qual se aproveitaraõ os Evangelistas, para fazer quatro volumes, mais compendiozo cada hum delles, que toda a livraria dos Ptolomeos.

28 Isto que passou nos Evangelistas, e mais Discipulos do Divino Collegio, se vio de alguma sorte imitado nos Collegios da Sagrada Congregaçaõ do Evangelista no nosso Reino. Se quereis saber o em que se mostrou o raro Talento daquelle Mestre Doutissimo, taõ venerado em toda a sua Congregaçaõ, o Doutor Francisco de S. Jeronymo, attendey para os Discipulos, que teve tantos, e taõ insignes, que depois ensinaraõ toda aquella Congregaçaõ com summo lustre. Pedi-lhes a doutrina, que lhes dictou, da qual resumem os Padres Evangelistas, quatro volumes; em tres dos quaes està toda a Filosofia resumida; e no quarto se acha a Theologia em breve ponto recopilada: sendo estes os mais prezados volumes de suas livrarias, por conterem huma doutrina taõ subtil, e taõ solida; taõ clara, e taõ irrefragavel, que parecem quatro textos, ou quatro Evangelhos escolasticos.

29 Finalmente; o Espirito Santo (para que tambem com a terceira Pessoa Sãtissima se califique o q̃ dizemos)

Joan 14. 16. veyo à terra para nos enſinar todas as ſciencias: *Paraclitus ſpiritus Sanctus docebit vos omnia.* E que eſcreveu? Nem huma ſó letra. Moſtrou a ſciencia, que logra, naõ em livros, pelo que compunha; mas na voz, pelo que dictava

Sapient. 1. 7. *Scientiam habet vocis.* Oſtentou o que ſabia no que enſinou: *Docebit vos omnia.* Vindo em figura de pomba ſobre o Jordaõ, nem enſinou entaõ, nem uſou das pennas para formar huma letra. Para enſinar, deſceu ſobre o, Apoſtolos em figura de linguas; porque queria moſtrar o que ſabe, naõ com pennas, mas com linguas: eſcrevendo naõ, enſinando ſim. Enſinou tambem o noſſo Doutiſſimo Biſpo, e enſinou a muitos: *Docuiſti multos:* Foraõ as Cadeiras as eſtampas de ſuas letras; ſeus Diſcipulos os caractères de ſeus conceitos; que ſe muito tinhaõ para admiraçaõ quando proferidos: *Ecce docuiſti multos:* muito ſaõ para chorados, quando emmudecidos, nem ceſſara a ſabedoria de ſe queixar na falta delles: *Nunc autem venit ſuper te plaga, & defeciſti.*

§. IV.

30 JA he tẽpo de darmos lugar à Oratoria, para formar tambem ſuas queixas na perda do ſeu mais illuſtre Orador: *Vacillantes confirmaverunt ſermones tui: & defeciſti.* Mas ah que mais acertado fora reconcentraſſe no peyto a Rethorica ſuas màgoas, ſolicitando apenas o deſafogo das lagrymas, do que intentar paſſallas à lingua! Quando a pena de taõ lamentavel morte a naõ emmudecera, mal poderà a Oratoria exornar periodos para a queixa, quando naquelle tumulo ve emmudecida a eloquencia, e a elegancia muda.

31 Com lagrymas ſe queixava a eloquencia de Athenas na morte de Platão. Eſſes foraõ tambem os elegantes diſcurſos,

discursos, com q̃ Grecia se lamentava na perda de Aristoteles. Se a falta de taõ famozos Oradores (alèm de Filosofos) emmudeceu a eloquencia; sò fora bem que esta hoje com lagrymas inculcasse a sua pena, perdendo hum Orador, mayor que a sua mesma fama. Que comparaçaõ pòdem ter aquelles Oradores da Gentilidade, com o nosso Illustrissimo Prègador Evangelico? Bem reconheço que a boca de Plataõ, sendo menino, foy divertido entretenimento de abelhas; (1) prognostico de sua elegante doçura. Mayor porèm era a doçura, que acharaõ os homens no leite espiritual, com que os alimentava a lingua daquelle Orador Illustrissimo: *Favus distillans labia ejus; mel, & lac sub lingua ejus.* (2) Pela facundia de Aristoteles o intitulou Cicero Rio de Ouro; (3) mas a eloquencia do nosso Illustrissimo Orador defunto era mais que Rio de Ouro, hum mar, e hum pelago de diamantes; porque cada palavra, de que compunha os seus sermões, era hum diamante finissimo pela subtileza: hum diamante de fundo, pelo profundo: hum diamante durissimo, pelo solido: e hum diamante lusidissimo, pelo claro.

(1) Beyerlin v. Eloquẽtia.

(2) Favus distillans, in quo mel latet, designat Prædicatores D. Greg. M. sup. Cant. 4. Lac est doctrinæ Evãgelii ap. Origen. Hom. 2. sup. Isai.

(3) Beyerlin. Ibidem.

32 Este na nossa idade (jà ditosa pelo que logrou, e hoje lamentavel pelo que perdeo) foy o Prègador Evangelico, que em seu estylo ajuntou a eloquencia de Chrysologo com a elegancia de Chrysostomo: as subtilezas de Agostinho, com a clareza de Jeronymo: a doutrina de Gregorio, com a doçura de Bernardo: para que elegante, e eloquente: claro, e subtil: doutrinal, e jucundo formasse da palavra de Deos, nectar para dilicia do espirito, o paõ quotidiano para sustento da alma; que assim intitulou o Doutor Angelico a Oratoria Christãa.

33 De duas substancias formou Deos o homem: material hũa, espiritual outra. E porq̃ pertencia à providẽcia de

de Deos alimentar ambas; para o corpo deixou nõ material proporcionado sustento; para a Alma, na palavra de Deos poz o alimento. *Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei*, allegou Christo vendo-se tentado. O homem sustenta-se, naõ sò no paõ, mas tambem na palavra, que sahe da boca de Deos? E como pòde sustentarse o homem da palavra de Deos? A palavra, ainda que saya da boca de hum Deos, entra pelos ouvidos dos homens; e quem experimentou algum dia, que o sustentasse o que pelos ouvidos entra? Que sabor, que gosto tomará a lingua no que naõ prova? Entre os Filosofos he proloquio: *Quod sapit, nutrit*, o que tem sabor, he o que sustenta. E como podem nutrir as palavras, se por muy sabias que sejaõ, naõ tem sabor? He porque a palavra de Deos naõ he sustento do corpo, he alimento da Alma. Busque a lingua sabor no paõ, porque he o sustento do corpo; no alimento da Alma, naõ tem que gostar a lingua; porque o paõ da Alma he a palavra de Deos: *Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.* Ouvi agora ao Portuguez Paduano Santo Antonio: *Sicut panis materialis est cibus corporis, ita spiritualis, vel Divini Sermonis est cibus mentis.*

Matth 4. 4

Div. Ant. serm. in Cœn. Dòmini.

34 Ponderay agora (obzequioso, e magoado auditorio) quaõ lastimosa he a queixa da Oratoria, e quaõ lamẽtavel a nossa perda; pois falta para as nossas Almas o paõ, com que as alimentava aquelle Orador Illustre. Lamentou com lagrymas Jeremias, que os filhos de Siaõ, perecendo â inedia, perguntassem as suas mãys: Onde haverá paõ? Onde acharemos trigo? *Matribus suis dixerunt: Ubi est triticum?* Oh, e como justamente receyo que os filhos desta Siaõ desconsolada, faltos de alimento espiritual, perguntem: *Ubi est triticum?* Onde está aquelle paõ, que nos sustentava, e regalava o espirito? Onde está aquelle

Lamenta. 2. 2. v. 12.

aquelle paõ, que mais parecia de Anjos, que de homens? A esta pergunta mal posso responder, sem que o sentimento me trespasse a Alma. Esse paõ, e este trigo da seara Evangelica jà nos tem faltado: *Vacillantes confirmaverunt sermones tui; & defeciſti.* Outra vez tornou para a terra, de que foy formado. O graõ de trigo, como diz o Evãgelho, lança-se na terra, para fructificar; mas este trigo Evangelico sepultou-se na terra, para nos deixar daqui em diante sem fruto. Oh lastima para o sentimento! E para nòs oh desgraça! Nem se poderà escusar a màgoa, em quem conhece esta perda; nem disfarçar a pena, em quem avaliar esta falta. Joan. 12

35 Sempre estranhey os encontrados affectos, q̃ mostrou a condiçaõ humana, na morte de Moysès, e no fallecimento de David. Nas campinas de Moab fizeraõ os Israelitas inundações de lagrymas, derramando-as por trinta dias succeſſivos aos da morte de Moysès: *Fleverunt que eum filii Iſrael in campeſtribus Moab triginta diebus* Morto porèm David, nem huma sò lagryma, lemos na Escritura, que se derramasse em Jerusalem. Os mesmos Israelitas, que perderaõ a Moysès no dezerto, perdiaõ a David na mayor Corte do Mundo; pois se com os olhos taõ enxutos vem espirar a David, como saõ tantas as lagrymas, quando Moysès espira? Por ventura seria a vida de Moysès mais digna de saudade, que a de David? Naõ; que se Moysès era escolhido de Deos: *Moyſes electus ejus,* David era todo do coraçaõ de Deos: *Virum ſecundum cor meum.* Foy talvez, porque a David, naõ deveria Israel o muito de que a Moysès era devedor? Tambem naõ descubro aqui fundamento à disparidade; porque se Moysès libertou este povo das oppressoens de Faraò, David o livrou dos opprobrios de Goliat. Pois que razaõ poderia haver de tanto se chorar a falta de Moysès, naõ Deut. 34 v. 8. Psal. 105 v. 23. Actor. 13 v. 22.

sendo taõ lamentada a perda de David?

36 Nas circunstancias, q̃ precederaõ a huma, e outra morte, cuido que se descobre a differença para a razaõ. Estando para morrer David, todo o seu cuidado poz em deixar dictames a Salamaõ, que lhe succedia no Reino. Morria porèm Moysés, pouco depois de haver feito hum largo sermaõ ao povo, em que reprendendo-o de seus vicios, o despertava para as virtudes. O acabar David, dispondo dictames para o governo, era morrer como Principe. Mas concluindo o Sermaõ, finalizar a vida, he querer Moysès que sinta aquelle povo a falta de hũ Prègador taõ insigne; como se havia mostrado na occasiaõ. Eis-ahi pois o porque, naõ havendo na morte de David huma só lagryma, na morte de Moysès saõ as lagrymas taõ sem conto: que na perda de taõ grande Prègador mal saberia a pena disfarçar as lagrymas. Logo he bem justificado o sentimento, que por parte da Oratoria, se está hoje exprimindo; pois nos falta para a doutrina taõ unico Prégador.

37 Bem advirto que se nos faltou este Orador Evãgelico, ficàraõ outros singulares, ainda que muitos, sem que o numero copioso repugne com o singular. A cada hum destes esperaõ recorrer os filhos desta Diecese para a doutrina, assim como na fome da Palestina recorriaõ os do Egypto a Jozè, em cuja providencia achavaõ searas copiosissimas. Mas he sem duvida, que se a doutrina dos que logramos, he paõ para alimento da Alma, a doutrina do nosso Orador Illustrissimo era hum manná para nutriçaõ do espirito. Hum mannà digo; porque se os Israelitas sustentãdo-se do Mannà no dezerto, naõ padeciaõ enfermidades: *Non erat in tribubus eorum infirmus*; tambem a doutrina, que neste Mundo vemos emmudecida, sarava todas as enfirmidades do espirito. Hũ mannà, que em seu

Psalm. 104. v. 37.

gosto

gôsto continha todos os sabores ; porque em taõ admiravel doutrina , achava-se a verdade , para se converter o mentiroso : o Culto , para se confundir o perjuro , a charidade, para se emendar o odioso: a continencia , para se correger o lascivo; pois era aquella doutrina hum mannà, que se convertia no que a necessidade pedia: *Ad quod unusquisque volebat , convertabatur*. Era finalmente aquella doutrina hum mannà,que suspendia pela suavidade,e que admirava pela doçura;porque me lembra,Reverendissimo senhor,que pregando V.Illustrissima,as horas mais dilatadas me parecião instantes. Os sentidos externos taõ absortos por entaõ ficavaõ, q̃ pareciaõ desamparar me o corpo com attencioſos deliquios. A Alma toda attrahida, e as potencias della abstrahidas todas,em quanto ouvia, Estes mesmos effeitos, e outros mais soberanos, sentiaõ muitos, pela grande alma, que dava V. Illustrissima aos seus Sermões. Sap. 16. 21.

38 Sabeis qual he a alma dos Sermões? Muito mais que a energia da prégaçaõ, he o espirito do Prègador. E com ingenua synceridade vos confesso que naõ ouvi outro Prègador com mais alma , porque nenhum encontrey com mais espirito. A Alma he principio da vida , como ensina a Filosofia ; mas nas prègações a vida he o principio da alma ; porque sò a vida do Prègador pòde dar alma aos Sermões. Esta era a razaõ de dar o nosso Illustrissimo Orador tanta alma, e tanta efficacia às suas prégações, que tanto fruto faziaõ , porque era taõ exemplar a sua vida.

39 Nas primeiras Domingas da Quaresma, em quasi todos os annos prègava sobre o vencimento das tẽtações cõ o serviço, e honra de Deos; materia; que lhe offerecia o Evangelho desse dia. E como deixaria de o persuadir quem no fim da vida ; descravando amorosamente os

pès

pès a hum Crucifixo (cujo sangue lavava com muitas lagrymas, e enxugava com naõ menos oculos) protestou repetidas vezes que em dezanove annos de governo deste Bispado todas as suas acções procurava sempre dirigillas para serviço, e honra de Deos sem intençaõ de outro fim.

40 Tantas vezes prégava do amor do proximo, quãtas o persuadia com a sua vida; porque muito antes da ultima protestaçaõ, feita entre preludios da morte, já tinha alcançado a nossa experiencia que aquelle Illustrissimo coraçaõ, cheyo de amor, e de affago para com todos, nem a muitos, que cegamente o aggravaraõ, soube ter odio. Prègando nas Domingas quartas da Quaresma, a efficacias de sua doutrina, do proprio exemplo animada, para a esmola excitava tanto os avaros, que por noticia infallivel me constou convertera o nosso Illustrissimo, e efficaz Prègador hum coraçaõ avarento em hũa maõ liberal para a pobresa. Oh singular effeito da Oratoria. Oh incomparavel triunfo do mais illustre Orador!

41 A hum mancebo muy observante em todos os preceitos da ley aconselhou Christo que para mais perfeiçaõ de sua observancia applicasse o seu cabedal em esmolas para remedio dos pobres. E que vos parece faria o observante mancebo, ouvido este documento de Christo? *Abijt tristis*; virou as costas desconsolado, e triste. Pois naõ se jactava elle, de que em todos os preceitos era ob-
Matth. 19. v. 22. servante? Sim. E como agora tanta repugnancia mostra para exercer os dictames da caridade, quando nos preceitos da ley taõ exercitado estava? Porque dispender em esmolas liberalmente o cabedal, que se adquirio com avaresa, desconsola, e entristece muito aos coraçõens avarentos: *Abijt tristis.*

42 Admiray agora; qual seria a efficacia, com q̃ prè-
gava

gava o nosso Illustrissimo Bispo, quãdo chegou a cõverter hum avarento, vencendo a empenhos de sua prègaçaõ animada, as resistencias da avareza humana? Naõ tem a Oratoria palavras, com que encareça triunfo de tanta gloria; porque sò he bem tenha hoje lagrymas para chorar, e penas para sentir a falta de hum taõ grande Orador: *Vacillantes confirmaverunt sermones tui ..... & defeciſti.*

§. V.

43 OUçamos em terceiro, e ultimo lugar as queixas, q̃ està formando a pobreza: q̃ sendo em todo o tempo a primeira para se queixar, sempre foy a ultima para ser ouvida. Mas naõ se lhe poderà nesta occasiaõ negar a justificada causa de suas queixas, pois as califica a perda do seu mayor remedio: *Manus laſſas roboraſti.....& genua trementia confortaſti; nunc autem venit ſuper te plaga, & defeciſti.* E verdadeiramente era o nosso Illustrissimo Bispo o remedio mayor desta pobreza; porque para a soccorrer se destituhia a si, empobrecendo-se, para enriquecer aos pobres. Quem penetra os grandes rendimentos deste Bispado, na Congrua, na Chancellaria, nas visitas, nos officios, e outros redditos, cuidaria que tinha sua Illustrissima hum thesouro muy importante: e com acerto julgava, mas estava esse thesouro no Ceo à custa de infinitas esmolas. *Date elemoſinam. Facite vobis ſaccũlos, qui non veteraſcunt, theſaurum non deficientem in cælis.* Luc. 12. v. 33. No Palacio porèm era pobreza tudo. Vòs vieis por fòra hum ornato preciso, para que naõ descaisse a decente veneraçaõ de hum Principe da Igreja; mas tudo era pobreza no interior, e na camera: porque as alfayas a penas excederiaõ ao permittido a hum Religioso, a quem a profiſ-

saõ

faõ voluntaria, faz neceſſariamente ſer pobre.

44 Quando obſervey o eſplendor externo do Palacio cõ a pobreſa interior, logo me veyo ao penſamento aquelle Tabernaculo, que Deos mandou fabricar para ſi na terra. Ordenou Deos que nos paramentos do ſeu Tabernaculo houveſſe a diſpoſiçaõ ſeguinte. O ornato mais intimo, e mais interior entre todos era pobre, humilde; e groſſeiro: *Facies & ſaga cilicina, ad operiendum tectum Tabernaculi.* Seguiaõ-ſe por fóra humas cortinas de Carmeſi, com que aquella pobreſa ſe encobria. E porſima deſtas na parte mais exterior hum paramento de cortinados roxos: *Facies & operimentum aliud tecto de pellibus arietum rubricatis, & ſuper hoc rurſum aliud operimentum, de hyacinthinis pellibus.* Quem chegaſſe ao exterior do Tabernaculo acharia logo para emprego da viſta, hum cortinado roxo muy grave: *Operimẽtum de hyacinthinis pellibus*; e depois veria humas cortinas de Carmeſi: *de pellibus arietum rubricatis*; porèm obſervando o mais reconbito interior, os paramentos, que achava, eraõ groſſeiros, e pobres: *Saga cilicina; ad operiendum tectum Tabernaculi.*

Exod. 26. v. 7. 14.

45 Agora (ſe a màgoa naõ embargar os paſſos ao pẽſamento) conſideray-vos no Palacio Epiſcopal, q̃ ſendo atèqui para todos taõ aberto, a ninguem ſerà a entrada difficultoſa. Entraveis na primeira ſala ornada toda de roxo. Paſſando à outra a acharieis paramentada de Carmeſi. Mas ſe vireis a camera interior, ſò acharieis huma pobreſa em tudo o que ſe continha nella; porque os cabedaes gaſtavaõ-ſe com os pobres; e como naõ baſtavaõ para ſaciar hum animo taõ eſmoler, contrahiaõ-ſe dividas para ſe alimentar a pobreſa, com a qual era o diſpendio tanto, que o naõ alcança a eſpeculaçaõ mais apurada.

46 O diſpẽdio, q̃ ſabemos fazia ſua Illuſtriſſima cõ os pobres;

pobres, esse era o menor dispendio. A importancia mayor era a que occultamente fazia, aos que naõ tinhaõ mãos para meter huma petiçaõ, nem pès para lhe subir a escada. Atè nisto imitava a Job o nosso defunto Bispo na compayxaõ da pobresa. Segundo o Texto do nosso thema, o que mais se admirou em Job, taõ compassivo para a pobresa, he que alimentava tambem os pobres destituidos de mãos, e desfalecidos de pès: *Manus lassas roborasti; ..... & genua tremencia confortasti.* Tambem na piedade do nosso Illustrissimo Bispo se fez muito para admirar, que àlem das continuas esmolas, que em seu Palacio achavaõ os que recorriaõ a elle; nem o enfermo por impedido, nem o aleijado, que se naõ podia mover, nem a donzela por recolhida; nem a viuva, a quem faltava o manto, deixassem de ser providos, conforme a necessidade pedia: imitando naõ sòmente a Job, mas tambem a Deos no desvelo, com que soccorre a miseria, dos que naõ pòdem manifestalla para o remedio.

47 Ha neste Mundo huns pobres, a que a Providencia suprema, deixando meyos para pedir, communicou remedios para viver. Ha porèm outros, a quem a disposiçaõ de Deos inscrutavel, destituindo do necessario, atou as mãos para a agencia, e com honesta mudez impedio a lingua para a manifestaçaõ da miseria. E tanto he mais grave a necessidade destes, que o desamparo daquelles, quanto vay de hum mal incuravel a outro, que tem remedio. Sendo pois esta diversidade de pobresas taõ notoria, fica tambem sendo muy evidente o argumento contra as regras da Providencia de Deos; que quando a huns pobres deixa liberdade para pedir, os provè de remedio para viver: e parece que de outros se esquece totalmente, quando com decorozo pretexto naõ lhes permitte, que façaõ publica a necessidade occulta. Mas he sem duvida

que

que neſſe deſamparo mayor eſtà mais admiravel a Providencia de Deos; porque os que pòdem pedir, eſtaõ recomendados por Deos à providencia dos homens; e os que naõ pòdem, ficaõ eſpecialmente rezervados para emprego, e oſtentaçaõ da Providencia de Deos.

Ep. 2. Ad Timo. cap. 5. v. 5.

48 Reparay na doutrina de S. Paulo: *Quæ vidua eſt, & deſolata, ſperet in Deum.* A viuva, q̃ ſe ve pobre, ou deſamparada, ponha em Deos ſuas eſperanças. E porque as naõ porà nos homens? A ordem da Providencia he obrar por meyo das cauſas ſegundas. Sò por milagre obra Deos immediatamente o que por meyo das creaturas pòde obrar. A' providencia dos ricos deixou Deos as neceſſidades dos pobres. Pois porque naõ poderà pòr a viuva deſamparada ſuas eſperanças nos homens? Porque de ordinario o naõ permitte o recolhimento, e gravidade do ſeu eſtado. Em Deos ſim, eſpere o remedio certo, porque toma Deos à ſua conta com eſpecial cuidado aquella pobreſa, que nem pòde pedir, nem ſe deve manifeſtar: *Quæ vidua eſt, & deſolata, ſperet in Deum.*

49 Remediar a neceſſidade, que ſe naõ vè, nem ſe pòde manifeſtar, iſſo reſervou Deos para ſi: *Deſolata ſperet in Deum.* Remediar o que ſe faz patente, iſſo he condiçaõ da piedade humana; porque nenhum coraçaõ ha, ſendo humano, que pondo os olhos em eſtranha laſtima, ſe naõ commova para a compayxaõ. Là quiz Jeremias que Jeruſalem choraſſe huma deſgraça, e para q̃ com ella ſe enternecẽſſemos os corações, pedio às meninas dos olhos que como meninas relataſſem perpetuamente aos coraçoens o que viaõ: *Deduc quaſi torrentem lacrymas per diem, & noctem; non des requiem tibi, neque taceat pupilla oculi tui.* Parece que eſte deſignio do Profeta mais era conveniente para lenitivo da dor, que para incentivo da pena. Huma infelicidade, quanto mais repetida, menos ſe eſtranha; quanto

Threno cap. 2. v. 18.

quanto mais conhecida, atormenta menos: *Minus jacula feriunt, quæ prævidentur*, disse entre os Gregorios o Magno. Pois a que fim procura o Profeta que nos olhos fosse continua a reprezentaçaõ desta lastima? Para asseguRar a màgoa nos corações humanos; porque sempre se compadeceraõ estes, quando as vistas em lagrymas se detiveraõ: *Deduc quasi torrentem lacrymas; neque taceat pupilla oculi tui.* Div. Greg. M. Hom. 35. in Evang.

50 Naõ assim o coraçaõ de Deos: tanto se enternece com o que ve, como se move com o que naõ vira, quando a seus olhos houvera cousa, que se occultasse. Admiravel he o elogio, com que David applaude a Providencia de Deos: *Oculi omnium in te sperant, Dòmine, & tu das escam illorum. Aperis tu manum tuam, & imples omne animal benedictione.* Senhor dizia o Rey Profeta, todas as creaturas emprègaõ em vòs seus olhos, e vós sustẽtais a todas. Abris a vossa maõ para prover a todo o animal. Quem naõ vè, parecem trocados os termos, com que o Profeta falou? Se dissera, que manifestaõ as creaturas suas indigencias aos olhos de Deos, o qual as remedea, porque as vé; dissera acertadamente pois dos Divinos olhos ficava muy natural essa compaixaõ. Mas se a vista he da parte das creaturas: *Oculi omnium*, como està da parte de Deos o remedio? *Et tu das escam illorum?* Porque esse he o attributo singular da Providencia de Deos. Tudo, que vé, remedea, e tudo ve para remediar; mas he tanta a sua clemencia, que quando a seus olhos houvera cousa, que se encobrira, nem por isso lhe faltaria o remedio. Os brutos tambem padecem suas indigencias; de sorte porèm padecem, que nem as sabem manifestar aos olhos, nem as pòdem cõmunicar aos ouvidos; mas atè essas taõ occultas necessidades remedea a Providencia Divina: *Aperis tu manum tuam, & imples omne animal benedictione*; porque Pſal. 144. 15.

he credito da Miſericordia Divina remediar á neceſſidade mais encuberta.

51 Muito ſe moſtrou a compaixaõ do noſſo Illuſtriſſimo Biſpo imitadora da Providencia Divina no quanto ſe deſvelou ſempre, em que naõ faltaſſe o remedio para a pobreſa; mas era o ſeu cuidado mayor ſobre aquella occulta pobreſa, que naõ podia manifeſtar a propria neceſſidade, que ſem remedio callava. Eſtavaõ ſempre no noſſo Biſpo os olhos deſta pobreſa toda: *Oculi omnium in te ſperant.* E que experimentavaõ naquelle Prelado, e Pay taõ compaſſivo? Humas mãos abertas, e cheas para a eſmola, e para o remedio: *Aperis tu manum tuam, & imples.* Mas ſe a pobreſa era occulta, como a remediava? He porque aquelle Pay da pobreſa, com a experiencia do que via enternecido, indagava, aonde viveria a pobreſa, opprimida da honeſtidade, que a emmudecia, para ahi oſtentar a ſua Providencia na diſtribuiçaõ das eſmolas. Oh providencia, oh piedade, mais imitadora de hum coraçaõ Divino, que de condições humanas!

52 Ouviſtes o muito, que tinha no noſſo Compaſſivo Biſpo eſta pobreſa toda. Inferi, pois he manifeſto, o quanto nelle tem perdido com a ſua morte. Secaõ-ſe as fontes, ſe lhes nega o Mar a communicaçaõ das aguas; Deſmayaõ as flores, ſe lhes falta a planta. Perecem as arvores, ſe lhes ſuſpende a terra a humidade, com que ſe alentaõ. Era o noſſo Illuſtriſſimo Biſpo a terra, a planta, e o Mar; de cujo influxo vivia immenſa pobreſa. Faltando pois taõ pia affluencia para a vitalidade dos pobres, ſerá infallivel ficarem eſtes para a vida taõ deſtituidos, como a arvore, a quem faltou a terra; como a flor, a quem deſamparou a planta; e como a fonte, a quem naõ aſſiſte o Mar. Pois em tanta falta, em tanto deſamparo como ſenaõ queixará a pobreza?

Mas

53 Mas de quem, ou a quem se poderà queixar a pobreza em tanta perda? A vós, Senhor, unicamente, e sò da vossa Providencia se poderà queixar a pobreza. Com ousadia sim, mas naõ sem fundamento; porque quando tiraes desta pobreza o remedio mayor que tinha, talvez mostrais que della vos esqueceis.

54 No Psalmo quarenta e tres faz David esta pergũta, ou esta queixa a Deos: *Quare obliviscéris inopia nostræ?* Porque razaõ, Senhor, vos esqueceis da nossa pobreza? Estranho dizer! Em Deos pòde haver esquecimento? Certo he, que naõ: porque assim como em Deos naõ ha memoria, assim esquecimento naõ he possivel que haja. Como para Deos naõ ha preteritos, pois à sua prezença nada passa; he escusada a memoria, para lembrança delles. E porque a Deos tudo he prezente, naõ pòde haver esquecimento nelle. Pois como se queixa David, de que Deos se esquece da pobreza do seu povo: *Obliviscéris inopiæ nostræ?* O mesmo Psalmista nos deixou luz para intelligencia da sua queixa. Psalm. 43. v. 26.

55 Considerou David os raros beneficios, que fizera Deos ao seu povo segundo a noticia, que achava nos antigos: *Deus auribus nostris audivimus, patres nostri annuntiaverunt nobis opus, quod operatus es in diebus eorum, & in diebus antiquis.* Ouvia dizer David, que em outros tempos ao seu povo enviàra Deos o sustento, e manjares para a delicia. Achava, que de penhas extrahira fontes, com que mitigàra a sede; recreando a vista. Mas via que tinhaõ jà cessado tantos mimos, e tantos favores para o mesmo povo, que se lamentava pobre, e se achava necessitado. Combinando entaõ David o bem passado com a pobreza, e necessidade prezente, naõ duvidou affirmar que se mostrava Deos esquecido jà da pobreza do seu povo: *Obliviscéris inopiæ nostræ.* Eodem Psal. v. 1. & 2.

56 Pondo agora os olhos na pobreza desta Cidade, comparay o passado com o prezente, e achareis que até-gora por mãos do nosso Illustrissimo Bispo sustentava Deos com abundancia innumeraveis vidas, que de prezente choraõ vendo-se desamparadas, e destituidas de tanto, e unico bem. Pois, Senhor, nesta variedade de tempos, nesta mudança de sortes como naõ formará queixas de vòs esta pobreza? Como naõ entenderà que delle vos esqueceis. *Quare obliviscéris inopiæ nostræ?*

57 Naõ lhe condeneis, meu Deos, esta queixa; porq̃ ninguem jà mais padeceu, que se naõ queixasse. Reconheço que de vòs, ou de vossa Providencia he toda a queixa, temeridade, ou delirio; mas bem sabeis que fica sendo inculpavel o que por necessidade se obrou: e as queixas desta pobreza saõ nascidas da necessidade, em q̃ se considera depois da morte de hum Prelado, que para toda ella era o mayor remedio: *Manus lassas roborasti; ..... & genua trementia confortasti. Nunc autem venit super te plaga, & defecisti.*

§. VI.

58 OUvimos as queixas da Sabedoria na falta de hum Mestre admiravelmente douto: *Ecce docuisti multos.* As da Oratoria na perda de hũ Prègador, singularmente efficaz: *Uacillãtes confirmaverunt sermones tui.* As da pobreza destituida do seu remedio: *Manus lassas roborasti, & genua trementia confortasti; nunc autem venit super te plaga, & defecisti.* Bem dezejàra a minha compaixaõ consolar tanta màgoa, se de sua natureza naõ fora esta pena irremediavel. Desacredita o sentimento quem o considera capaz de alivio: e quanto a perda he mais irrecuperavel, tanto mais he sem lenitivo a dor. Por isso

na

na morte de seus innocentes filhos naõ quiz Rachel consolar a pena; porque naõ havia meyos, que lhe restituissem a perda: *Rachel plorans filios suos, & noluit consolari, quia non sunt.* Nenhuma perda he menos recuperavel, que a falta do nosso Illustrissimo Bispo: logo tambem nenhuma pena he mais irremediavel. Matth. 2. v. 18.

59. Bem sey eu, que em nenhum emprego mais se desvela a Providencia de Deos, que na eleiçaõ de Bispos para a sua Igreja. Por isso toda huma noite orou Christo, antes que no dia seguinte; escolhesse de todos os seus Discipulos doze Apostolos: *Erat pernoctans in Oratione Dei..... & elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit,* porque como o eleger Apostolos era tambem nomeallos Bispos, quiz mostrar o desvelo de sua Providencia, na prolongada oraçaõ de huma noite. Mas ainda assim confidero que nehum Prelado, ainda com as mesmas prendas deste que perdemos, nos diminuirà o sentimento, por mais que nos haja de remediar a falta. Luc. 6. vl. 12. 13.

60. Ausentou-se Elias, e naõ puderaõ os Discipulos reprimir as lagrymas, que lhes deixou a ausencia do Mestre; antes por muitos dias examinaraõ os bosques, a ver se lhes restituira o Ceo a prenda, que lhes roubàra. Parece que sem causa se lamenta a ausencia de Elias; porque para o substituir ficou Eliseu com o mesmo espirito, como reconheciaõ os mesmos, que choravaõ ao Profeta ausente: *Requievit Spiritus Eliæ super Elisæum.* Pois como choraõ huma falta, q̃ està taõ cabalmente substituida? He porque Elias era singular Mestre, como o publicava Eliseu: *Magister mi, Magister mi.* Era hum Prègador todo inflamado em sua doutrina: *Verbum ipsius quasi facula ardebat.* Era finalmente hum Pay taõ compassivo da pobreza, que muitos annos sustentou huma viuva pobre em Sarepta: *Hydria farinæ non deficiet.* E quando a perda he de hum 4 Reg. 2. 15. Ibidem. v. 12. juxta versionem Chaldaicã. Eccles. 48. 1. 3. Reg. 17. 14.

Varaõ Douto, Prègador, e esmoler naõ se alivia o sentimento della, nem com a certeza de estar substituida com igual talento.

61 A unica consolaçaõ, que se me permitte offerecer ao nosso sentimento, seja a esperança, que nos pòde ficar, de que temos jà na Gloria gozando da vista de Deos por sua Misericordia, aquelle Bispo, que taõ doutamente governou este Bispado; aquelle Prelado, que para nos meter a todos no Ceo, tantas vezes frequentou os pulpitos com seus Sermões; aquelle Pay, que se empobrecia, para sustentar a pobreza.

62 Grande he o fundamento; em que se pòde estribar a nossa esperança: naõ sò em sua vida taõ exemplar, mas juntamente em sua morte com indicios de Predestinaçaõ. Deixo as acções da vida, porque reverente aos decretos da Sè Apostolica; naõ pareça que o canonizo. Das circunstancias da morte a penas observarey o tempo, que nem este dà lugar a mais.

63 Consummou a vida o nosso Prelado para saudade eterna desta Diecese, quando o Redemptor do Mundo em huma sesta feira, sahia com a Cruz às costas a correr, ou a recordarnos os Passos em memoria daquelles, que em semelhante dia por nosso amor andou em Jerusalem, quando subia ao Calvario para nos remir, excitando na imagem, o que por nòs obrou em pessoa. Que fausto dia para morrer no valle, o em que no monte espira o Author da vida para nos livrar da morte!

64 Na doutrina de S. Jeronymo, Santo Agostinho, e S. Cyrillo a Cruz de Christo era a escada, que vio Jacob, por onde se subia aos Ceos. E morrer quando o Author da Vida hia a levantar a escada no monte, vede que bella hora, e que feliz annuncio para quem dezeja subir por ella! Nessa escada, que vio em sonhos Jacob, arrimado

se

se via Deos. No alto dessa Escada da Cruz, exaltada em Golgotha, se hia cravar o mesmo Deos feyto homem; & como consta, naõ só com os braços estendidos, mas tambem com o peyto aberto, em final do muyto que dezejava recolher os homens todos no coraçaõ: & concorrendo tanta Misericordia, nenhuma esperança he tibia, em que conseguiria o nosso de sunto Prelado os fruttos da Redempçaõ; e a gloria da Resurreyçaõ.

SERMAM IV.

DE NOSS. A SENHORA DA AJUDA

EM DIA DO TITULO DAS NEVES, ESTANDO EXPOSTO O Santissimo Sacramento na sua Igreja do Rio de Janeiro. Anno de 1722.

Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11.

§. I.

1 DOUS dias hà, como diz David, que se entendem ambos, e ambos entre si falaõ, pronũciando entre si hũa sò palavra: *Dies diei eructat verbum.* (Omnipotente, Sabio, e Amoroso Senhor, que sendo Eterna Palavra do Eterno Padre, trãsubstanciastes no Sacramẽto o paõ, e vinho em vosso Corpo, e Sangue por força, e virtude de palavras; para que assim vissemos exaltado o vos- Psal. 18. v. 2.

ſo poder, oſtentada a voſſa ſabedoria, e conſummado o voſſo amor; pois he eſte Sacramento a conſummaçaõ do voſſo poder: *Conſummatur planè Divina Omnipotentia, memoriam faciens mirabilium ſuorum.* He tambem a conſummaçaõ da voſſa Sabedoria: *Conſummatur Sapientia, totum claudens in exiguo.* E finalmente, como o voſſo amor naõ pode ſubir a mais, he eſte Sacramento a conſummaçaõ do voſſo amor: *Conſummatur amor, non plus ultra progredi valens.*

Contenſõ. tom. 2. lib. 11. in præloquio.

2 Dous dias ha, como diz David, que ſe entendem ambos, e ambos entre ſi falaõ, pronunciando entre ſi huma ſò palavra: *Dies diei eructat verbum.* E que palavra he eſta, que hum dia profere ao outro dia; ſe naõ o Filho de Deos, Palavra, que o Padre diſſe na eternidade! *Eructavit cor meum verbum bonum?* Que dias ſaõ eſtes, que entre ſi fallaõ, ſe naõ o de hoje com o de àmanhãa. O de hoje, como ouviſtes no Evangelho, fala da Palavra do Padre, ſegundo a geraçaõ temporal, feito homem: *Beatus venter qui te portavit.* O de àmanhãa, no ſeu Evangelho falará da Palavra do Padre, ſegundo a geraçaõ eterna, em quanto Deos: *Hic eſt Filius meus dilectus.* Em hum dia ſe fala da fecundidade eterna do Padre, em outro da virgindade fecunda de Maria. Ouvi a meu Padre S. Bernardo, expondo o Texto de David: *Dies diei eructat verbum*; atèqui o Texto, *Deitas Virginitati, de utero paternæ Maieſtatis, in utero maternæ integritatis.* De ſorte que no entender do Doutor Mellifluo hum dia fala da Palavra Divina no ſeyo do Eterno Padre, e o outro dia fala da meſma Palavra, no ventre da Mãy de Deos: *De utero paternæ Maieſtatis, in utero maternæ integritatis.*

Pſalm. 44. v. 1.

Div. Bern. Serm. 5. ex parvis.

3 E ſe bem, para falar ſe ajuntaraõ eſtes dous dias, naõ menos ſe uniraõ para os myſterios; porque no myſterio do prezente dia temos a Maria no monte Exquilino

unindo

unindo o Sol mais ardente, com a mais milagrosa neve: *Quo tempore in Urbe maximi calores esse solent, nix partem Exquilini contexit.* E no mysterio de ámanhãa, teremos a Christo unindo em o monte Thabor mimos de neve com vibrantes rayos de Sol: *Facies ejus sicut Sol; vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* Matth. 17. v. 2.

4 Destes dous dias, taõ prodigiosos pelo que entre si falaõ, como semelhantes pelos mysterios, ninguem dirà que sem mysterio se ajuntaraõ ambos; mas sim que com admiravel sabedoria se destinou a successaõ de hum a outro. Ouvi ao agudissimo Zerda, comparando o dia de hoje com o de àmanhãa, e a neve Exquilina cõ a do Thabor: *Oh quàm sapienter pridie transfigurationis Christi hæc Beatæ Moriæ, quasi transfiguratio præcedit, in qua Sol & nix junguntur.* Zerd. de B. V. in inde comun. Aproveitando-me pois desta concurrencia, ouçamos o que diz o mysterio de hum dia para intelligencia do mysterio de outro dia, E porque o mysterio da Transfiguraçaõ do Thabor, àlem de que foy primeiro, he o mais sublime, falarà primeiro o dia de àmanhãa, e o mysterio delle,

5 Subio Christo a hum monte, e tomando rayos de Sol, se vestio de neve. Assim obrou, para se mostrar assim Filho de Deos: *In gloriam Divinitatis suæ*, diz Santo Efrem. D. Ephr. Serm. de Transfig. Para este fim mostrou Christo na Transfiguraçaõ evidentes sinaes de sua Divindade. Direy quaes foraõ. As tres Pessoas Divinas tem certos sinaes, a que a Theologia chama Noções, por onde se inculcaõ ao nosso conhecimento. Tambem a esta imitaçaõ dizemos q o Pay se manifesta ao Mundo pelo poder; porque se lhe attribue a Omnipotencia; o Filho pela sabedoria, porque procede pelo entendimento: o Espirito Santo pela misericordia, que he acto de amor, e da vontade; e elle da vontade procede, por amor. Na Transfiguraçaõ pois mostrou Christo

Christo verdadeiramente a sua Divindade: *Ingloriam Divinitatis suæ*; porque unindo a neve com o Sol, mostrou do Pay o poder: *Ad ostensionem suæ potestatis* diz o Abulense, Mostrou do Verbo a sabedoria, que o fazia muito para ser ouvido: *Hic est Filius meus dilectus, ipsum audite.* Mostrou do Espirito Santo excessivo amor na misericordia, de que com os homens usaria em Jerusalem pela redempçaõ: *Loquebantur de excessu, quem completurus erat in Jerusalem*; para que na misericordia, sabedoria, e no poder Christo se mostrasse Filho de Deos, quando entre o Sol, e a neve do Thabor: *Hic est Filius meus dilectus.*

Albul. in hinc locũ.

6 Passando agora de hum para outro monte, ouçamos este dia, e o seu mysterio. Com rayos de ardente Sol entre volantes de neve, cobre Maria Santissima o monte Exquilino em Roma. E isso com que designio? Para se mostrar Mãy de Deos, assim como no Thabor, unindo o Sol com a neve, se mostrou Christo Filho de Deos. Ora notay.

7 No prodigio das Neves avultou em Maria Santissima o poder; pois se empenhou a Omnipotencia, para que os rayos do Sol naõ derreteßem a neve. Avultou a sabedoria; porque com esta neve delineou a Senhora sabiamente a caza, onde seria adorada: *Sapiens mulier ædificat domum suam*; diz Salamaõ nos Proverbios. Avultou a misericordia; porque a neve foy o indicio de que a Mãy de Deos se compadecera das supplicas, que lhe faziaõ os seus devotos fundadores do templo, que a neve destinou para se erigir. Se pois estes attributos de misericordia, sabedoria, e poder, manifestos entre neve, e Sol, acclamaraõ a Christo por Filho de Deos no Thabor: *Hic est Filius meus dilectus*, igualmente parecem acclamar a Maria Santissima por Mãy de Deos, quando entre neve, e Sol

Proverb. 14.

Sol no Exquilino. Cuido que o confirma a Igreja, na applicaçaõ do Evangelho, que faz a Maria Santissima no dia deste prodigio; pois quando solemniza o milagre das Neves, publica a Maria Santissima por Mãy de Deos: *Beatus venter, qui te portavit.*

8 Mas oh, q̃ indiscreta, e q̃ importuna, se quer mostrar agora a devoçaõ, entrãdo a solemnizar o titulo da Aju da da Senhora; quando no mysterio do dia, e no Evaugelho delle, he unico empenho acclamarse a Maria por Mãy de Deos! Basta que ha de entrar a devoçaõ a decentarlhe a Ajuda, quando o dia, e o Evangelho taõ ajustados lhe cãtaõ letras à Maternidade? *Beatus venter qui te portavit?*

9 Sim, e com discriçaõ, porque tambem na sua soberana Ajuda se mostra Maria Santissima ser Mãy de Deos. E a razaõ he, porque em sua Ajuda mostra Maria Santissima, que tem do Padre o poder, do Filho a sabedoria, e do Espirito Santo a misericordia; pois tudo lhe communicou o Filho de Deos, concebido em seu ventre bemaventurado. Ouvi ao Insigne Voragine: *Habet adjuvandi posse; quia ipsa est Mater Omnipotentiæ. Habet adjuvandi nosse; quia ipsa est Mater Sapientiæ. Habet adjuvandi velle, quia ipsa est Mater misericordiæ.*

10 Esta he a singular concordia, com que neste dia se ajustaõ o titulo da Ajuda, o prodigio das Neves, e o Evangelho, que ouvistes; porque se Maria Santissima no prodigio das Neves se mostrou Mãy de Deos no poder, na sabedoria, e na misericoadia, tambem no titulo da Ajuda se mostra Mãy de Deos; e isso mesmo lhe está decantando o Evangelho: *Beatus venter qui te portavit.* Com muita propriedade; porque em sua Ajuda ostenta Maria Santissima a Omnipotencia do Padre, ajudandonos poderosa, a sabedoria do Filho, ajudando-nos com discriçaõ: e o amor do Espirito Santo, ajudando nos miseri-

miſericordioſa. Eſta he a materia, que hoje tenho para ponderar em tres pontos. Veremos no primeiro que Maria Santiſſima ſe moſtra Mãy de Deos pelo poder, que tem, para nos ajudar: *Habet adjuvandi poſſe, quia ipſa eſt Mater Omnipotentiæ.* No ſegundo ſe verà, que Maria Santiſſima, tambem ſe nos manifeſta ſer Mãy de Deos pela Sabedoria, com que nos ajuda: *Habet adjuvandi noſſe, quia ipſa eſt Mater ſapientiæ.* E no terceiro que tambem ſe oſtenta ſer Mãy de Deos pela miſericordia, com que nos ajuda: *Habet adjuvandi velle, quia ipſa eſt Mater miſericordiæ.* Como os diſcurſos haõ de ſer da Senhora pela materia; naõ me poderà faltar a ſua Ajuda.

§. II.

Beatus venter, qui te portavit.

A Primeira excellencia, que Maria Santiſſima tem, para nos ajudar, he o poder, que para iſſo logra. Oh quantos ha; que dezejaõ ajudar, e ò naõ fazem; porque naõ pòdem! A Chriſto pedia hum pay, afflicto pela infirmidade do filho, que ſe alguma couſa podia, os ajudaſſe: *Si quid potes adjuva nos.* Quem põem condições ao que pede, faz difficultoſo o deſpacho; pois ſe o pay queria que Chriſto o ajudaſſe, e tambem ao filho: *Adjuva nos*, como lhe requere por condiçaõ o poder. *Si quid potes?* Porque ſò ajuda quem pòde; e preciſamente hade faltar a ajuda, tanto que falta o poder. Por iſſo roga os ajude, ſendo que poſſa: *Si quid potes, adjuva nos.* Por eſte principio ajudar-nos Maria Santiſſima he ſem duvida, porque como he Mãy de Deos: *Beatus venter, qui te portavit*, tem a Omnipotencia ſegura: *Habet adjuvandi poſſe, quia ipſa eſt Mater Omnipotentiæ*, e taõ ſegura

Marc. 9. v. 21.

gura, q̃ para nos ajudar obra Maria como se fora Omnipotente.

12 Diz S. Paulo que Deos leva todas as cousas na palavra do seu poder: *Portans que omnia verbo virtutis suæ.* Apparatoso modo de falar! Eu o explico: là no principio do Mundo, quando da vastidaõ do nada extrahia Deos taõ fermosa variedade de creaturas, com huma sò palavra, trazia à luz quanto tirava das sombras. Dizia Deos; faça-se a luz: *Fiat lux*; e aquella palavra *fiat* trazia comsigo a luz: *Et facta est lux.* Dizia logo: Faça-se o Firmamento no meyo das aguas: *Fiat firmamentum in medio aquarum*, e a palavra *fiat* trazia tambem comsigo o firmamento entre as aguas: *Et factum est ita.* E assim nas mais producçõcs. Mas como assim, todas as creaturas taõ obedientes a huma sò palavra, e esta taõ poderosa, que a sua pronuncia a todo o Mundo serve de producçaõ? Sim que como era palavra da Omnipotencia, *verbo virtutis suæ*, trazia a obra com o dizer: *Portansque omnia verbo virtutis suæ.*

Ad Heb. cap. 1.

Gen. 1. v. 3.

Ibid. v. 6.

13 Na Mãy de Deos, tambem quando nos ajuda, como se fora Omnipotente, o seu dizer he obrar; porque sendo para nos ajudar, traz a obra com a palavra. A primeira acçaõ, em que Maria Santissima nos começou a ajudar, foy nà Encarnaçaõ; onde de sua parte ajudou ao homem para se remir, porque ajudou a Deos para se fazer homem: *Adjutrix Dei in Incarnatione*: lhe chamou Santo Efrem. E de que sorte cooperou a Senhora na Encarnaçaõ? Pronunciando huma palavra: *Fiat.* Faça-se; (disse a Senhora) e ficou Deos feyto homem, no mesmo ponto, que esta palavra se proferio. Pois tambem huma palavra de Maria Santissima basta, para se fazer huma obra taõ sobrenatural, taõ milagrosa, e taõ grande, que excede a quanto se comprehende no ambito do universo?

D. Ephr. in Serm. sive in tract. de Marg. protot. Luc. 8.

Sim,

ſim, q̃ eſſa palavra foy proferida em ajuda noſſa: e pára eſta fim pòde Maria Sãtiſſima obrar tãto com hũa ſò palavra, porque pareça Omnipotente, quãdo obra para nos ajudar.

14 Notay bem Que palavra era aquella da Omnipotencia; que trazia todas as couſas comſigo? *Portans que omnia verbo virtutis ſuæ?* Era, como já diſſemos, eſta palavra *fiat*, faça-ſe. Pronunciou tambem Maria Santiſſima a meſma palavra, *fiat*; faça-ſe a Encarnaçaõ do Divino Verbo em meu ventre bemaventurado: e trouxe logo comſigo eſta palavra, quanto nòs podiamos dezejar, para noſſa ajuda, porque trouxe o Verbo do Ceo à terra, a ſer homem, e Redemptor noſſo. Pois quem naõ dirà que parece eſta Senhora Omnipotente, quando obra, ou quando fala, para nos ajudar?

15 Agora alcanço eu, e entendereis vòs a razaõ de nos aconſelhar David, que ponhamos as noſſas eſperanças, e as noſſas pretenções no poder deſta Senhora: *Ponite corda veſtra in virtute ejus.* E vem a ſer; que taõ poderoſa he a Mãy de Deos para nos ajudar, q̃ mais q̃ poderoſa, parece Omnipotẽte em noſſa ajuda E o fundamento de o parecer aſſim he: porq̃ eſtaõ os braços ambos de Deos promptos para executar, naõ ſò quanto for vontade de Maria Santiſſima, ſe naõ tambem quanto lhe vier ao penſamento, ainda que lhe naõ paſſe ao dezejo.

Pſal. 47. v. 12.

16 Falando a Senhora dos grandes mimos, com que a tratava Deos, prometteu ao ſeu proprio merecimento eſte carinhoſo affago: *Læva ejus ſub capite meo; & dextra illius amplexabitur me.* Ou como interpreta Gayſlerio; *meum perſtringat cor.* Sobre o meſmo Deos, (quiz dizer) ſobre o meſmo Deos, meu Eſpoſo, me recoſtarey com taõ delicioſo abraço; que a minha cabeça ficarà ſobre a ſua maõ eſquerda, e a ſua maõ direita me abraçarà, apertandome o coraçaõ. Eu confeſſo que naõ poſſo entender

Canic. Ghyſle. in hunc loc. expoſit. 4.

tender, como se daria este amplexo; mas o certo he, que para a intelligencia perfeita havemos de passar da letra para a alegoria, porque em todas as delicias dos Cantares sempre o sentido he espiritual, e mysterioso.

17 Na cabeça se formaõ os pensamentos, e os dezejos no coraçaõ. Bem: pois de tal sorte occupe Deos as mãos ambas de sua Omnipotencia, que huma esteja observando os movimentos do coraçaõ de Maria, e a outra maõ tome o pulso às inclinações da cabeça; para que todos os pensamentos, que se formarem na cabeça, tenhaõ prompta huma maõ, que os execute immediatamente, e o coraçaõ tenha outra maõ, para que ponha por obra quanto lhe viet à vontade: *Læva ejus sub capite meo, & dextera illius meum perstringet cor.*

18 Daqui vem, que taõ poderosa he Maria Santissima, querendo-nos ajudar, que lhe naõ he necessario declarar a sua vontade, nem exprimir o seu pensamento com palavras; porque tem as mãos ambas de Deos taõ promptas, e taõ propicias para a execussaõ de seus pensamentos, ou de seus dezejos, que para a acçaõ naõ observaõ o que profere a lingua; examinaõ sò o que o entendimento pretende, ou appetece a vontade. Huma fita considerava Christo nos labios de sua Mãy purissima: *Sicut vitta coccinea labia tua*: porque bem he, que estejaõ atados para naõ falar, quando bastaõ dezejos, e sobraõ pensamentos de Maria Santissima, para se moverem ambas as mãos da Omnipotencia com a obra. Maria Santissima he como hum Relogio, diz Santo Antonino. Neste se movem as rodas interiormente, sem que se perceba de fòra o curso dellas; mas apenas o movimento ajustou o tempo, quando jà de fòra se lhe move o braço para nos dar a hora. Assim tambem no mesmo ponto, que em Maria Santissima se ajustou interiormente hum dezejo, ou se formou hum

Div. Antonin. in summ. 4. p. t. 15. cap. 36.

pensa-

penſamento de nos ajudar, jà ſe movem os braços de Deos por ſi, para nos darem aquelle penſamento em execuçaõ, e aquelle dezejo em obra. Vede eſta verdade com experiencia provada nas eſcrituras.

19 Naquellas aſſaz faladas bodas de Canà, onde como convidados ſe acharaõ Chriſto, e ſua Mãy Santiſſima, percebeu a Senhora que o vinho ſe acabava; e querendo ajudar aos noivos com o que lhes faltava, diſſe para o ſeu Bendito Filho, e Redemptor noſſo. *Vinum non habent.* O vinho tem ſe acabado. A eſta advertencia da Senhora reſpondeu Chriſto duas couſas, e fez huma muy diverſa. Primeiramente diſſe: Naõ nos toca à nòs remediar eſta falta: *Quid mihi, & tibi mulier?* Diſſe em ſegundo lugar: *Non dum venit hora mea;* naõ he chegado ainda o tempo deſtinado por meu Eterno Padre, para eu obrar eſte milagre. Ouvi a Santo Ireneu: *Non dum adeſt tempus conſtitutum à Patre edendi hoc miraculum.* Iſto o que reſpondeu o Senhor; mas o que fez, foy converter agua em generoſo vinho.

Joan. 2, v. 3.

Ibid. v. 4

Div. Irlnæus lib. 3. contra hæreſ.

20 Agora o meu reparo. Se Maria Santiſſima naõ pedio couſa alguma neſta occaſiaõ, como ſe empenha Chriſto em ſatisfazella por tantos modos? Só diz a Senhora, que falta o vinho: *Vinum non habent*, e Chriſto jà buſca modos, naõ ſò de ſatisfazer a ſua querida Mãy, ſe naõ tambem de encobrir a falta? Sim; que naquella advertencia da Senhora bem ſe via, que ou ella tinha vontade, ou penſamentos de ajudar os noivos neſta parte; porque para os ajudar recorreu a Chriſto: *Commota eſt ad juvandum*; e para o Senhor entrar com a ſua Omnipotencia a fazer milagres em ajuda noſſa, naõ he neceſſario que Maria Santiſſima expreſſe com palavras o ſeu empenho baſtarà que paſſe à Senhora pèla vontade, ou pelo penſamento ajudarnos; porque Chriſto he taõ amoroſo Filho,

Lyra in hunc locũ Joannis Sylveir. t. 6. addit. in Joan. c. 2. q. 11. 2.

lho, que dezeja muito fazer a vontade, e prevenir com a obra os pensamentos a sua Mãy Santissima em ordem a nos ajudar; e isso, ainda que (podendo ser) corte pelos preceitos de seu Eterno Pay, q ainda he mais. Porèm vede-o.

21 Quando a Senhora fez sabedor a Christo da falta, que naquella menza havia, o que o Senhor respondeu, foy; que naõ era ainda aquelle o tempo destinado por seu Eterno Padre, para se fazer taõ grande milagre: *Non dum adest tempus, constitutum à Patre, edendi hoc miraculum.* Joan. 2. v. 9. Mas com effeito obrou o prodigio, porque converteu a agua em vinho: *Gustavit architriclinus aquam vinum factam.* Pois como assim obra Christo, naõ obstante a disposiçaõ do Padre? Tinha o Eterno Padre disposto com summa Providencia o tempo, em que haviaõ de ir saindo à luz todas as acções de Christo para nossa redempçaõ. E bem advirtia Christo que naõ era chegado ainda o tempo, que destinou o Padre, para se fazer aquelle milagre: *Nondum adest tempus, constitutum à Patre edendi hoc miraculum.* Pois como faz o mesmo prodigio? Porque advirtio em que a Senhora entrava com a sua Ajuda: *Commota est ad subveniendum*; e tanto que Maria Santissima tem vontade; ou pensamento de nos ajudar, logo Christo com a execuçaõ està prompto, ainda que para isso quando póde ser, còrte pelo preceito do Eterno Padre: *Nondum adest tempus, constitutum d Patre, edendi hoc miraculum. Gustavit architriclinus aquam vinum factam.*

22 Como este successo he taõ raro; naõ me parece que està comprehendido, porque ainda naõ està cabalmente ponderado. Demos mayor luz a esta efficacia da Ajuda da Mãy de Deos. Em toda a sua vida muito dezejou Christo instituir o Excellentissimo Mysterio do Sacramento, em que o paõ se converte em seu Corpo, e se converte o vinho em seu sangue: *Desiderio desideravi hoc* Luc. 22.

paſcha manducare vobiſcum, antiquam patiar. Acendiaſe-lhe o coraçaõ em dezejos, e ſuſpendiaõ-ſelhe as mãos para a obra, e para a inſtituiçaõ do Myſterio: porque advirtia o Senhor naõ ſer ainda chegado o tempo deſtinado pelo Eterno Padre para aquellas converſões, Chegou finalmente a hora, que deſtinou o Padre: *Venit hora ejus*; e logo converteu Chriſto o paõ em ſeu Corpo, e o vinho em ſeu ſangue. Pois ſe para eſta taõ dezejada converſaõ eſpera Chriſto naõ menos de trinta annos, atè que chegue a deſtinada hora: *Venit hora ejus*; como para a converſaõ de agua em vinho, em que jà ſe reprezentava o myſterio do Sacramento, naõ ſuſpende a execuçaõ do prodigio, vendo naõ ſer ainda chegada a ſua hora: *Nondum venit hora mea?* Porque neſta hora entrou Maria Sãtiſſima em penſamento de nos ajudar: *Commota eſt ad ſubveniendum.* E tanto que a Senhora quer ajudar-nos, eſtà Chriſto prompto para pòr mãos à obra, ainda que pareça romper pelas diſpoſiçõeſ do Padre: *Nondum venit hora mea. Guſtavit architriclinus aquam vinum factam.* Nem o Padre ſe offende. antes concorre com a Omnipotencia, para a execuçaõ em ajuda noſſa, porque ſe o Padre por ſer Deos, he Omnipotente, Maria, que he Mãy de Deos, he Mãy da Omnipotencia tambem para nos ajudar: *Beatus venter; qui te portavit. Habet adjuvandi poſſe, quia ipſa eſt Mater Omnipotentiæ.*

§. III.

23 TAmbem quando nos ajuda, moſtra Maria Santiſſima, que he Mãy de Deos: *Beatus venter, qui te portavit*, porque de tal ſorte ſabe ajudarnos, que bem ſe vè ſer Mãy da Sabedoria Divina: *Habet adjuvandi poſſe, quia ipſa eſt Mater Sapientiæ.* He eſta a mais impor-

importante excellencia da Ajuda da Senhora; porque, ainda que tenha muito poder para nos ajudar, se lhe faltára a sabedoria, naõ fora taõ singular, e taõ efficàz a sua Ajuda.

24 O adjutorio mayor, e mais admiravel, que Christo instituhio para cada hum de nòs, e para toda a Igreja, he o Sacramento Eucaristico: *Datur potus Sanguinis Christi laborantibus in auxilium*, dis Raulino; por isso ao mesmo Sacramento recorre a Igreja, implorando a sua ajuda: *O salutaris hostia...da robur, fer auxilium.* Mas he de notar, que ao mesmo Sacramento intitula Deos caza da Sabedoria: *Sapientia edificavit sibi domum; miscuit vinum, & posuit mensam.* Pois naõ he aquelle Sacramento caza, e morada da Omnipotencia, e dos mais attributos da Divindade? Sim; porque como inseparaveis do mesmo Deos, com elle se achaõ todos os attributos naquelle throno. Pois qual será a razaõ de se intitular aquelle Sacramento caza mais da Sabedoria, que de outro algum attributo? Porque naquelle Sacramento punha Christo a suprema ajuda de sua Igreja: *Laborantibus in auxilium*; e o attributo mais excellente de hum adjutorio, he a sabedoria para ajudar: *Sapientia ædificavit sibi domum. Laborantibus in auxilium.* Raulin. tom. 4. Jerem. 2. de Euchar.

25 A razaõ funda-se na experiencia. Ha muitos, que tem poder, e vontade, e com tudo perdem aos que dezejaõ ajudar; porque naõ sabem como se deve ajudar. Vede este verdade provada nas Escrituras. Pretendia o Principe Adonias reinar em Jerusalem por morte de David, e tinha todos os requizitos para conseguir o seu intento; porque entre os filhos do Rey, que ainda existiaõ, Adonias era o que precedia nos annos. Era muy bem visto, e muy bem aceito dos principaes da Corte por ser de gentil aspecto, e de muito agrado. Estava de sua parte Joâb

com grande poder, porque era General, & tinha todo o exercito à sua ordem. E para que nada lhe faltasse, era favorecido do Sacerdote Abiathar, a quem as dependencias da Coroa faziaõ esquecido da sua obrigaçaõ, e do seu estado. Ajudavaõ todos estes o partido de Adonias: (como dis o Texto) *Adjuvabant partes Adoniæ.* Estava de outra parte Salamaõ, filho tambem de David, que vivia na esperança de lhe succeder no throno. E com effeito, foy o successor da Coroa, ajudado sómente de sua Mãy Bethsabee, que industriada por Nathan fez a David hum requerimento por Salamaõ.

Lib. 3. Reg. cap. 1. v. 7.

26 Entra agora o meu reparo. Se Abiathar era hum Sacerdote respeitado naõ só de toda a Corte, mas de todo o Reyno; se Joab era hum General poderoso com o seu exercito, e ambos empenhados em ajudar a Adonias: *Adjuvabant partes Adoniæ*, como naõ prevaleceu tanto empenho? Ainda mais. O mesmo partido de Adonias foy destruiçaõ para elle; pois quando mais se lhe promettia o Cetro, lhe foy preciso refugiarse do Altar, e implorar submisso hum seguro de Salamaõ. Pois como se abateu tanta elevaçaõ? como prevaleceu o empenho taõ fraco de Bethsabee? Porque esta, ainda que destituida de outros meyos poderosos, tinha em sua ajuda a sabedoria de Nathan, que lhe acodio com a industria, e lhe assistio com o conselho: *Accipe consilium à me.* E o partido de Adonias, ainda que poderozo, e empenhado, estava falto de sabedoria, que o aconselhasse. Julgavaõ imprudentes os da parte de Adonias que lhe bastava a soberba dos coxes, e a pompa das guardas, e o muito sequito para reynar, sem se depender de David; e nesta ignorancia esteve a perdiçaõ de Adonias. Mas como Bethsabee, posto que destituida de empenhos, teve para seu intento a sabedoria de Nathan com o conselho, naõ podia deixar de ajudar taõ sabiamente,

v. 12.

te, que conseguisse o fim, para que ajudava: porque ajudar com sabedoria, he ajudar, como experimentou Salamaõ: ajudar sem sabedoria, e conselho he destruir, como lamentou Adonias.

27 Bethsabee mãy de Salamaõ Rey Sabio diz o muy douto Idiota q̃ era neste caso hũa figura de Maria Sãtissima, que he a Mãy do melhor Salamaõ, infinitamente sabio por natureza, Christo Redemptor nosso: *Maria est Bethsabee, quæ impetravit suis precibus à Davide regnum Israel pro filio suo.* Pois he tambem sem risco, he segura, a Ajuda desta Senhora. Naõ necessita Maria Santissima dos conselhos de Nathan para nos ajudar; porque, como he Mãy da sabedoria, sabe ajudarnos de sorte, que cõsiga em execuçaõ o fim para que ajuda. Em outra qualquer ajuda, que buscarmos, póde haver perigo; porque póde haver engano, se naõ hover ignorancia. Em Maria Santissima, naõ ha que recear; porque como he Mãy da Sabedoria Divina, sabe o como nos hade ajudar. Idiot de B. Virg. part. 2. c. 16. Con. templ. 7.

28 Por Isaias mandou Deos intimar a ElRey Acás que escolhesse hum final a seu arbitrio; porque nelle lhe assegurava a sua ajuda: *Pete tibi signum à Domino Deo tuo,* diz o Texto. *Qui tibi auxilium pollicetur,* commenta, e acrescenta a Glossa interlineal. O Rey, que era ingrato, e se inculcava prudente, respondeu assim: *Non petam, & non tentabo Dominum.* Naõ pedirey, porque naõ quero tentar a Deos. Em nenhuma cousa (dizia Acàs) heide pòr a segurança da ajuda, que se me promette; porque tal vez naõ succeda escolher quem me naõ saiba ajudar, e fora isso tentar a Deos. Isai. 7. v. 11.

29 Pois jà que naõ escolhes, (diz o Profeta) o mesmo Deos te dà hum final, ou hum penhor, no qual tenhas a sua ajuda segura. O final he huma Virgem, que hade conceber, e parir hum filho com sabedoria para escolher o

bem, e reprovar o mal: *Ecce Virgo concipiet, & pariet filium :::: sciat reprobare malum, & eligere bonum.* Reparo agora, e difficulto assim. Se Acàs naõ escolhe outro sugeito de mais constancia, porque ainda assim teme, que a sua ajuda naõ seja nelle segura; como se lhe promette em segurança da mesma ajuda huma Virgem, onde o sexo he variedade, e a condiçaõ inconstancia? Porque essa Virgem promettida, era Maria Santissima, e toda a ajuda he por essa Senhora seguriſſima, pois sabe como se ajuda, porque he Mãy da sabedoria: *Tibi auxilium pollicetur. Ecce Virgo concipiet, & pariet filium.* Naõ fique a razaõ sem prova, porque a temos no mesmo Texto, fundando nelle hum reparo.

30 Se o designio de Deos era assegurar a sua ajuda naquella Virgem Mãy sua: *Tibi auxilium pollicetur. Ecce Virgo concipiet, & pariet filium*; como neste ponto se empenha o Profeta nos encarecimentos da sabedoria do Filho dessa Virgem? *Ut sciat reprobare malum, & eligere bonum?* O intento hum, e o encarecimento outro; se o intento he a ajuda, como da sabedoria se faz a persuaçaõ? Porque a sabedoria he a segurança da ajuda; e a sabedoria do Filho he a que faz segura a ajuda da Mãy de Deos: *Tibi auxilium pollicetur. Ecce Virgo concipiet, & pariet filium. Sciat reprobare malum, & eligere bonum.*

31 E com razaõ; porque a sabedoria do Filho era para reprovar o mal, e escolher o bem: *Ut sciat reprobare malum, & eligere bonum*; e só sabe para ajudar quem sabe escolher o bem, e reprovar o mal. Para se ajudar com felicidade, naõ basta conhecer o bem, e conhecer o mal; porque com o conhecimento do bem, e do mal, nos perdeu Adaõ, e a si tambem: *Eritis sicut Dij scientes bonum, & malum.* Pouco importa conhecer o bem, quando se naõ sabe escolher; nem aproveita conhecer o mal; quando

Gen. 3. v. 5.

do senaõ sabe reprovar. Aman era opposítor descuberto de Mardocheu; dezejavalhe todo o mal; porque lhe solicitava a destruiçaõ, e a morte. Para si procurava Aman o mayor bem, e na sua opiniaõ nenhum bem para elle era mayor, que o verse obsequiado de Mardocheu. Chegou tempo, em que a fortuna se lhe entregou nas mãos, e pondo Assuero na escolha de Aman a sorte de Mardocheu escolheu para este o mayor bem, e para si o mayor mal. Escolheu Aman a exaltaçaõ para Mardocheu; e para si o deslustre de o obsequiar, e servir muito a pezar de seu odio. Elegeu para si, o que dezejava para Mardocheu; porque imaginou, que para si se talhava, a honra, que Assuero dispunha para Mardocheu: *Reputans, quòd nullum alium Rex nisi se vellet honorare.* Pois naõ sabia Aman distinguir o que era bem, do que era mal? Sim; e bem o mostrava nas destrezas, com que vivia; mas escolher o bem, e reprovar o mal, isso naõ sabia Aman. Perdeu-se na escolha, o mesmo, que naõ errava no conhecimento, porque naõ he o mesmo o conhecer, e o escolher: e bem pòde errar na eleiçaõ quem no conhecimento acerta. Esther. 6. v. 6.

32 Eis aqui pois a razaõ, porque a sabedoria do Filho assegura a Ajuda da Mãy. Como a sabedoria do Filho he para eleger o bem, e reprovar o mal: *Ut sciat reprobare malum, & eligere bonum*; a Ajuda da Mãy ficará sempre felix, sem risco de perdiçaõ. e com a segurança do bem; porque há de reprovar o que nos está mal, e escolher o que nos está bem: *Tibi auxilium pollicetur. Ecce Virgo concipiet: & pariet filium... Ut sciat reprobare malum & eligere bonum.* Ajudará sempre a Senhora como Mãy de tal Filho. O Filho, como he Deos, ajuda com Divina sabedoria; a Mãy, como he Mãy de Deos: *Beatus vnter, qui te portavit*, tambem he Mãy da sabedoria encarnada; e he infallivel, que participe de tanta sabedoria, para nos

ajudar: *Habet adjuvandi noſſe; quia ipſa eſt Mater ſapientiæ.*

§. IV.

33 ULtimamente, quando Maria Santiſſima nos ajuda, moſtra que he Mãy de Deos: *Beatus venter, qui te portavit*; porque taõ grande he a vontade, e o dezejo, que tem, de nos ajudar, que bem ſe ve ſer Mãy da Divina miſericordia: *Habet adjuvandi velle; quia ipſa eſt Mater miſericordiæ.* Nem para noſſa conſolaçaõ, nem para a Ajuda da Senhora, ha prerogativa mais ſingular, que eſta da miſericordia; porque havendo miſericordia; naõ póde faltar a ajuda.

34 A miſericordia fàz propria de hum coraçaõ a pena alheya, e ſente como proprio o mal, que naõ he ſeu: *Miſericordia à miſero corde vocata eſt*, diſſe com muita propriedade meu Padre S. Gregorio Magno: *Eo quòd càm unuſquiſque intuetur quempiam miſerum, & ei compatiens de dolore animus tangitur, ipſum cor miſerum facit, ut eum à miſeriâ liberet.* Quem padece, ſolicita naturalmente o alivio; e quem ſe compadece, concorre com a ſua ajuda para aliviar E como a miſericordia a penas vè o mal, quando ſe compadece; tambem a penas o vè, quando o ajuda para o alivio: *Cor miſerum facit, ut eum à miſeria liberet.*

Div. Gregor. in Moral.

35 Daime hum coraçaõ dotado de miſericordia, que eu vos aſſeguro naõ falte para ajudar; pois o meſmo ſerà ver a neceſſidade, que ajudalla. Antes perderà a viſta, que a ajuda; porque antes deixarà de ver a neceſſidade, que de a ajudar. Morria Iſmaèl à ſede no dezerto, e Agàr aſſentou conſigo, que o naõ veria: *Non videbo morientem puerum.* Quem cuidàra de huma mãy tal reſoluçaõ?

Geneſ. 21. 16.

Deixa

Deixa o filho morrendo ao pè de huma arvore, e ainda se retira, para o naõ ver? Sim; porque, como era mãy, devia ter misericordia, e compaixaõ do filho; e se a misericordia vé a necessidade, ajuda; se a naõ pòde ajudar, naõ se atreve a empregar a vista: *Non videbo morientem puerum.* Agár era mãy, e compassiva tambem. Naõ era justo que, sendo mãy, deixasse morrendo ao pè de hũa arvore o filho, que com mais consolaçaõ lhe havia de espirar nos braços. Porém, sendo compassiva; naõ era bem que visse o que naõ podia ajudar. Vendo-se pois no meyo de taes extremos, antes quiz Agàr faltar às obrigações de mãy, que às maximas da misericordia. Deixou de ver espirar o filho, sendo mãy, porque naõ deixasse de ajudar o que via, sendo misericordiosa.

36 Esta terà a razaõ, porque a Igreja aos olhos da Mãy de Deos chama olhos de misericordia: *Tuos misericordes oculos.* Sempre a Mãy de Deos olha com misericordia, porque tudo quanto vè ajuda. Nos effeitos se vè quem he misericordioso. A ajuda he effeito da misericordia; e Maria Santissima he taõ prompta em ajudar quando vé a necessidade, que parece tràz a misericordia nos olhos, porque a penas vè, quando logo ajuda. Por isso dizia eu, que Maria Santissima, na misericordia, com que nos ajuda, bem mostra, que he Mãy de Deos, porque a Deos imita, quando assim ajuda.

37 Aquella celebrada Anna esposa de Elcana, chorando a sua esterilidade pedia a Deos que olhasse, e visse a sua afflicçaõ: *Si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ.* 1. Reg. c. 1. v. 11. Parece, que a pena lhe perturbava o sentido, para naõ acertar com o que rogava. Se Anna pretendia de Deos ter hum filho: *Dederisque servæ tuæ sexum virilem*; como entrava a pedirlhe, que olhasse, e visse a afflicçaõ, em que estava? Se necessita de huma cousa, como roga outra?

tra? Porque bem sabia Anna a quem rogava. A sua petiçaõ era feita a Deos, e sabia que Deos he de tanta misericordia, que a ninguem vè afflicto, que o naõ ajude. Por isso pede sò que veja Deos sua afflicçaõ: *Si respiciens videris afflictionem famulæ tuæ*; porque naquella vista tinha a ajuda certa. Assim Maria Santissima ajuda, a quem vè afflicto, e necessitado, porque, como he Mãy de Deos, participa do genio do Filho, trazendo a ajuda na vista, e a misericordia nos olhos: *Tuos misericordes oculos.*

38 Tem os olhos esta necessaria propriedade, que trazem, ou attrahem a si, tudo quanto vem; porque para o conhecimento da vista, preciso he, que se receba nos olhos alguma especie do seu objecto. Maria Santissima, para nos ajudar, he de tanta misericordia, que deseja traser, ou attrahir a si todos os que de sua misericordia pretendem ser ajudados. Ensina a escola do Mundo que deve implorar a misericordia, quem necessita da ajuda; porèm a Mãy de Deos solicita, e roga que se aproveitem de sua misericordia, quantos pretendem a sua aju-
Eccles. 24.v.26. da: *Transite ad me omnes, qui concupiscitis me, & à generationibus meis implemini.* Ou, como hé outra versaõ; *á miserationibus meis implemini.* Vinde a mim (diz a Senhora) todos aquelles, que de mim quereis algum bem, e encheivos de minhas misericordias. Pois se he para conveniencia nossa, como naõ espera a Senhora, que a busquemos? Como he ella a que se anticipa em nos chamar, solicitando attrahir a todos? *Transite ad me omnes?* Porque fala a Senhora, com os que appetecem a sua ajuda, e a todos elles deseja a Mãy de Deos attrahir, para os encher de suas misericordias: *Qui concupiscitis me. A' miserationibus meis implemini.*

39 Sò no Sacramento, que nos assiste, acho estas circunstancias

cunstancias de misericordia, para nos ajudar. Instituhio Christo este Sacramento, e convidando a muitos, ou a todos para a sua menza, se escusàraõ todos de vir a ella: *Homo quidam fecit cœnam magnam, & vocavit multos... Et cœperunt simul omnes excusare.* Ordenou entaõ o mesmo Senhor a seus ministros que saindo às ruas, e praças, trouxessem aos que encontrassem nellas: *Exi in vias, & sepes, & compelle intrare,* He certo porèm, que naquelle throno està Christo, como Rey soberano da Gloria, que assim diz com Santo Thomàs Drogo Ostiense. Pois como em tanta Magestade naõ espera Christo que o busquem? Alem do que no mesmo Sacramento deixou Christo para nòs a ajuda mais excellente, que instituhio para a sua Igreja: *Laborantibus in auxilium.* Pois como de sua parte saõ as diligencias, para que nos aproveitemos da sua ajuda no Sacramento? Como taõ empenhado em nos attrahir à menza, q̃ com desvelo deviamos nòs buscar? Porque naquella menza resplandece a misericordia de Christo: *Misericors, & miserator Dòminus escam dedit.* E sendo tanta a misericordia de Christo no Sacramento, naõ devia esperar que de nossa parte fossem as diligencias para participarmos da sua ajuda. Era bem que a sua misericordia se anticipasse para nos ajudar: *Fecit cœnam magnam, & vocavit multos. Misericors & miserator Dòminus escam dedit. Laborantibus in auxiliũ.* Luc. 14.

40 Assim a misericordia de Christo para no Sacramento nos ajudar; e assim a misericordia, com que Maria Santissima nos ajuda. Com razaõ porque aquelle Sacramento foy concebido no ventre de Maria Santissima, como diz Ekio: *Panis, qui in uterum descendit Sanctissimæ Virginis Mariæ*; e era bem que a Mãy participasse do Filho tanta misericordia para nos ajudar, que nella mostre ser Mãy de Deos, quando nos ajuda misericordiosa: *Beatus venter, qui te portavit. Habet adjuvandi velle, quia ipsa est Mater misericordiæ.* Joan. Ekius Serm. in Cœna Dòmini.

41 Eu

41 Eu naõ ignoro, me diraõ alguns, que ainda rogando, e implorando affectuosamẽte a ajuda da Mãy de Deos, a naõ experimentaõ; porque naõ conseguem o que pretendem Mas oh engano! Naõ conheceremos nòs o como nos ajudou a Senhora, quando implorâmos a sua ajuda; porèm imaginarmos, que faltou de sua parte a Mãy de misericordia em nos ajudar, he taõ temerario conceito, como digno de reprehensaõ. A Christo se queixou Martha, porque Maria a naõ ajudava: *Dòmine non est tibi curæ, quòd soror mea reliquit me solam ministrare? Dic ergo illi ut me adjuvet.* Porèm Christo taõ longe esteve de se levar das queixas de Martha, que antes lhe reprendeu a censura, formada contra sua irmã: *Martha reprehenditur, quæ tam solicita asseritur*, diz S. Gregorio Magno, fundado no mesmo Texto sagrado. Pois assim corresponde Christo ao amor, com que ò hospedava Martha? Ella cansando se com os guizados, e descançando Maria, e sobre isso he reprendida Martha, quando se queixa de que a naõ ajuda Maria? Sim; porque ainda quando Maria se mostrava mais descuidada em ajudar a Martha, então a ajudava mais. Estava Maria aos pès de Christo: *Sedens secus pedes Dòmini*, parecia descançada, e que a Martha naõ ajudava; mas nisso a ajudava mais, que se em todo o ministerio da menza se empregasse Ouvi a S. Pascasio: *Prodest Marthæ laboranti quidquid Maria secus pedes Dòmini deplorat.*

Luc. 10.

Div. Greg. Papa Lib. 5. in Lib. Reg cap. 4.

Luc. cit.

Div. Paschas. Lib. 11. in Thren.

42 Maria, de quem se queixava Martha, he huma para a historia, e outra para o mysterio; porque em Maria a irmã de Martha, se reprezentava Maria a Mãy de Deos; segundo entendem os Padres com S. Bernardo, e os Doutores com a mesma Igreja. Succede pois que muitas vezes imaginamos que a Mãy de Deos, descançando na Gloria, se esquece de nos ajudar, e quasi queixosos instamos que nos ajude: *Dic ergo illi ut me adjuvet.* E ao mesmo tempo

está

està a Mãy de Deos, contra o que imaginamos, empenhada em nos ajudar, orando por nòs aos pès do Filho: *Secus pedes Dòmini.* E como nos ajudarà? Pedindo humas vezes que conceda Deos o que lhe rogamos, e outras vezes que negue o que lhe pedimos; porque humas vezes serà conveniente o que dezejamos; e outras vezes perniciozo o q̃ appetecemos. Mas, ou seja pedindo o que nos convem, ou impedindo o que nos està a mal, sempre nos ajuda a Senhora: *Prodest laboranti, quidquid Maria secus pedes Dómini deplorat.* E verdadeiramẽte, quem hà de presumir outra cousa daquella Senhora, e daquella Virgem, que he Mãy de Deos, e Mãy da misericordia? Se a virgem Senhora nossa, faltasse alguma vez em nos ajudar, diria eu, que ou deixava (por impossivel) de ser Mãy de Deos, ou de ser Mãy da misericordia. Porque ou deixaria de nos ajudar, por não poder, ou por não querer. Se deixasse por não poder, não fora Mãy da Omnipotencia; se por não querer, não fora Mãy da Misericordia. O certo he, que Maria Santissima sempre ajuda, e a todos: porq̃ pòde, e quer ajudarnos. Pòde: porque he Mãy de Deos: *Beatus venter, qui te portavit.* Quer, porque he Mãy da misericordia. *Habet adjuvandi velle, quia ipsa est Mater misericordiæ.*

§. V.

43 JAc agora, pondo fim aos discursos. podemos concluir com o Evangelho, que Maria Santissima he Mãy de Deos, cuja maternidade lhe cãta a letra do nosso thema: *Beatus venter, qui te portavit.* E attendendo à solemnidade prezente, com razão applaudimos a Ajuda, em que a Senhora se acredita Mãy de Deos, ostentando para nos ajudar, que tem poder, ciencia, e misericordia; porque tudo temos na Ajuda da Mãy de Deos

sendo

sendo os attributos della tão relevantes. Todos recorremos a vòs, Senhora, implorando a vossa Ajuda; e como sois Mãy de misericordia, não negareis o despacho à nossa supplica. Sabeis melhor que cada hum de nòs, quaes sejão as nossas necessidades, e pretenções; e tambem sabeis em qualquer dellas o que nos he melhor. Inclinay a vossa Ajuda para o nosso bem; e as nossas pretenções para vosso agrado. A tudo isto, e a mais ainda, se estende a vastissima esfera de vosso poder, com o qual se ennobrece a vossa Ajuda: e nella confiados esperamos, e vos pedimos nos ajudeis diante de vosso Filho, para delle conseguirmos graça com que nesta vida triunfemos dos inimigos dalma, e na morte vencendo todas as tentações do demonio, mereçamos entrar na triunfante Jerusalem, na celeste Gloria. Amen.

SER-

SERMAM V.

DA DOMINGA QUARTA DA QUARESMA

Na Igreja de Noſſa Senhora da Candelaria do Rio de Janeiro. Anno de 1720.

Diſtribuit diſcumbentibus. Joan. 6.

§. I.

AQUELLE Omnipotente Deos, que em hum dezerto quarenta dias, e quarenta noites padeceu conſtante por nós o tormento, que lhe cauſaria por todo eſſe tempo huma dilatada abſtinencia; vemos hoje, que em outro dezerto naõ conſentio miſericordioſo ſoffreſſem os homens por ſeu reſpeito algumas horas de fome.

fome. Para si naõ quiz converter pedras em pão, para os homens multiplicou o sustento. No primeiro deserto não quiz ostentar como Filho de Deos a sua Omnipotencia, para alivio da propria necessidade, no segundo manifestou Omnipotencia, e Misericordia para remedio nosso. Oh Senhor, e que grande he o cuidado, que tendes das vossas creaturas! Que vòs padeçais fomes por nòs, isso consta do Texto de S. Matheus: *Cùm jejunasset quadraginta diebus, & quadraginta noctibus, postea esuriit.* E que na fome vos compadeçais de nòs, isso temos no prezente Evangelho de S. João: *Unde èmemus panes, ut manducent hi?*

2 Attrahida dos milagres, que fazia Christo, o seguia tão grande multidão de gente, que àlem das mulheres, e meninos se contavão nella quasi cinco mil homens. Estava o Divino Mestre com seus Discipulos em hum monte, do qual estendendo os olhos pelo dilatado valle, vio todo aquelle povo fòra de suas cazas. Entendeu logo a falta de sustento, que padecerião, e tratou ao mesmo ponto de lhes soccorrer a necessidade, em que os considerou. Com este designio perguntou a Felippe, onde se poderia descobrir algum pão para sustento de tantos pobres?

3 A reposta foy impossibilitarlhe o dezejo; porque duzentas moedas empregadas em pão, mal poderia chegar a tantos. E no dezerto quem poderia ter tanto pão; quando a familia mais abastada era a de hum menino, que ainda se achava com cinco pães, e dous peixes? Notay agora o prodigio. Não bastando pela conta de Filippe duzentas moedas de pão; pela conta de Christo cinco pães, e dous peixes, era pão, e peixe, não sò bastante, mas de sobra. Mandou que se assentasse pelo feno a immensidade faminta. Começou logo a repartir dos cinco

pães,

pães, e dous peixes por todos; e naõ ſò ficàrão fartos, mas tambem ſobràrão doze alcofas de paõ.

4 Eſte milagre parece que neſte tempo eſtà arguindo a Providencia de Deos. Então, Senhor, ſuſtentando a tantos, e hoje conſentindo a outros em tanta miſeria, e tanta neceſſidade? Quantas vezes, Senhor, entra neſtes tempos, e ſàhe o dia, ſem que pela porta da viuva pobre, e honrada entre hum paõ, para ſe paſſar o dia? Pois onde eſtà hoje aquella voſſa Providencia, com que ſoccorreſtes os pobres no dezerto? Eſtà hoje onde entaõ eſtava; taõ intenſa, e taõ apurada hoje, como entaõ. Mas taõ poderoſa eſtà a ambiçaõ, e a avareza humana, que chega a eſcurecer a Providencia de Deos. Dayme que a avareza, e ambiçaõ dos homens naõ fora tanta, e verieis logo como andavaõ os pobres ſoccorridos, e abaſtados os miſeraveis. Deſcubramos eſte juiſo no Thema.

5 *Diſtribuit diſcumbentibus.* Repartio pelos que eſtavaõ aſſentados. Pois tantos milhares de peſſoas receberaõ todos da propria mão de Chriſto? Naõ reſpondem os Expoſitores. Da maõ de Chriſto ſò recebião os que lhe ficavão à mão, e como neſtes ſe hia multiplicando o pão, o q̃ viaõ q̃ lhes ſobrava, hiaõ paſſando a outros, e eſtes hiaõ tambem dando aos mais. Por iſſo diz o Texto que repartio Chriſto o paõ, eſtando aſſentados, ou recoſtados aquelles, que o recebiaõ: *Diſtribuit diſcumbentibus.* Se eſtiveraõ de pè, puderamos entender que cada hum hia chegando a receber o que por ſua propria maõ lhe dava Chriſto. Mas advertindo-ſe que eſtavaõ recoſtados, ſe inſinùa com clareza que o paõ hia paſſando de huns a outros; porque tomava cada hum o que lhe baſtava, e repartia o mais pelos que junto a ſi via neceſſitados.

6 Eis aqui o modo, com que entaõ ſe viraõ tantos

pobres remediados; mas como os que hoje recebem da mão de Deos; tudo enfaccão, e tudo abarcão, fem que de fuas mãos faya coufa alguma para remedio dos pobres, por iffo vemos chorar hoje tanta pobreza fem remedio. Nenhuma queixa fe pòde formar da Providencia de Deos. Dos avarentos, que não remedeão a pobreza, fim. A mão de Deos liberal, e provida no dezerto, deu a huns, e não a todos. Cà tambem, a huns dà, e a outros não. No dezerto os que receberão do Senhor, hião repartindo com os mais; porque entendião que quando Deos reparte com huns, tambem lhes impõe o preceito de que diftribuão com outros, que neceffitão: *Diftribuit difcumbentibus*, diz o Texto. *Per alios diftribui præcepit*; commenta a gloffa de Lyra. Os que hoje cà recebem da mão de Deos, ainda que muito, deixão de repartir com os pobres; porque totalmente negão a obrigação de dar efmola ao pobre: ou já negando o preceito, que para iffo tem, ou já fazendo fe delle dezentendidos. Mas eu farey por vos intimar eſte preceito, e por vos perfuadir eſta obrigação com tal clareza, que venha a fer de todos entendida. Queira Deos diſpor voſſos corações, para que feja bem aceita a perfuaçaõ, que vos pretendo fazer fobre o preceito da efmola. Como de mim nada fio, a vòs, Senhor, recorro, e à voſſa graça.

Lyra in hunc bonum.

AVE MARIA.

§. II.

§. II.

Distribuit discumbentibus.

7 FOrmou Deos a estupenda fabrica deste Mundo inferior, que submetteu à jurisdicção do homem, tão admiravel na criaçaõ, como na conservação delle maravilhoso. Do elemento da Agua creou as aves; para povoadoras da vastidão aerea. Da terra tirou as plantas, que a vestem, e as flores todas, que a esmaltão. Da terra, e da agua juntamente, formou o homem; porque lodo quiz que fosse a materia de sua arrogante vaidade. A Omnipotencia na creação imita a Providencia na conservação. Ao feno humilde vestio de campo; vestio as flores de gala, e as aves de tanta pompa, que a de Salamão perde a gloria á sua vista. Dà forças ao feno para crescer, alento às flores, para que não desmayem; sustento às aves, para que vivão. Só no homem, para cuja fabrica admiravel, fez consultas a Omnipotencia: *Faciamus hominem;* parece andou a Providencia com descuido. Bem he verdade, que hà huns tão bem providos de Deos, que desprezaõ hoje para suas galas o que em outra idade só era ornato das Magestades: e nas abundancias, que logrão, tão sobrados vivem, que as fertilidades do Paraysó lhes ficão sendo esterilidade. Mas oh, quantos vivem ao parecer tão esquecidos da Providencia, como se para os taes foraõ vedados todos os fruttos da terra para o sustento, e atè as folhas das arvores para se vestirem! Genes.

8 Tal disparidade não vira o Mundo, se observàra os preceitos da Providencia Divina; pois a ordem, com

que tirou a huns o que a outros sobra, foy para que a abundancia destes suppriſſe a neceſſidade naquelle. Todas as diſpoſiçõeſ de Deos diz Daniel que saõ dirigidas com grande acerto: *Omnia, quæ feciſti nobis, Dòmine, in vero judicio feciſti.* E que acerto poderá haver em que falte a huns o que em outros sobra? O acerto he para que a ſuperfluidade dos ricos remedee a miſeria dos pobres ficando aquelles com o merecimento, e eſtes com o remedio: *veſtra abundantia illorum ſuppleat inopiã* diz S. Paulo.

Dan. 3. v. 3.

2. ad Corint. cap. 8. v. 14.

9 Eis aqui o Divino dictame da Providencia. Deu ao rico, e naõ faltou ao pobre; porque o meſmo foy dar ao rico, que mandarlhes tambem remediaſſem aos pobres aſſim como na hiſtoria deſte Evangelho o dar a hum; foy mandarlhes que repartiſſem com os mais: *Diſtribuit diſcumbentibus. Per alios diſtribui præcepit.* E he eſte preceito com tal aperto, que juſtamente ſe pòde duvidar quem ſe acha de melhor partido: ſe o rico pelo que recebeu da maõ de Deos, ou ſe o pobre pela obrigaçaõ, que o rico tem de o ſoccorrer no que neceſſita?

10 Conſideradas as circunſtancias, em que hoje ſe vè o Mundo, dirà todo elle que muito melhor eſtà o rico eſperando da maõ de Deos, que o pobre dependendo da maõ do rico; porque as maõs de Deos saõ muy abertas, e muy cheas para todos: *Aperis tu manum tuam, & imples omne animal*; e as mãos do rico pelo contrario muy vaſias, e muy apertadas. Aquelle rico, que depois de poſſuir tantos cabedaes neſta vida, na outra naõ tinha com que extinguir a ſede no Inferno, pedia a Abrahaõ mandaſſe que molhando Lazaro a ponta de hum dedo em agua, com ella lhe refrigeraſſe a lingua: *Mitte Lazraum, ut intingat extremum digiti ſui in aquam, ut refrigeret lignam meam.* Vem cà, deſgraçado homem, que tambem comtigo es avaro;

avàro; se estàs abrazado em chãmas: *Crucior in hac flam-* Ibidem.
ma; como naõ rogas que quando menos estenda Lazaro as maõs ambas, e que enchendo-as de agua, te lance toda na lingua? Porque hum rico, qual era este miseravel, naõ sabe que cousa saõ mãos abertas, nem cheas, ainda que sejaõ de agua. E se isto he para si quando pede, que será para o pobre quando lhe chega a pedir? Daqui parece que de melhor partido está o rico, e de peyor condiçaõ o pobre.

11 Bem vejo que a razaõ he urgente, e qualificada com a experiencia; mas o que sobre ella digo, he, que se o Mundo estivera mais concertado, de melhor condiçaõ estaria o pobre. Elle necessitaria; mas que importa, se là estava o rico com obrigaçaõ de lhe acodir quando o visse necessitado? Attendendo porèm ao estado, em que se acha o Mundo, em que os pobres padecem, porque lhes faltaõ os ricos com o que devem, ainda eu julgo que os ricos estaõ de peyor condiçaõ: porque depois desta vida, que pouco dura, quando no Juizo de Deos se tomarem contas ao rico, e ao pobre, este hà de livrar bem com o privilegio de miseravel. Mas que contas darà o rico da obrigaçaõ, que tinha de vestir o nù, de sustentar o faminto, e remediar o necessitado?

§. III.

12 AGora me estão perguntãdo os comprehẽdidos nesta impiedade. E isso he materia de obrigaçaõ? A esmola (dizem elles) he huma obra de misericordia, que póde cada hum fazella, ou escufalla. Fazendo-a, tem merecimento; e se a naõ fizer, naõ pecca. Bem sey eu que isso cuida a mayor parte dos avarentos;

porque ainda naõ encontrey quem na confiſſaõ ſe accuſaſſe de haver faltado com o veſtido ao nù, ou com o ſuſtento ao faminto. Porèm, ſenhores, haveis de mudar de opiniaõ; porque haveis de aſſentar, como infallivel, que neſte ponto da eſmola hà preceito, e expreſſo Mandamento de Deos; cujos tranſgreſſores há elle de caſtigar muy ſeveramente.

13 Se como racionaes vos convenceis da razaõ, attendey para eſta, que he taõ forte, que convencerá o juizo mais obſtinado, ſe for Catholico, porque ſe funda na Fè. He certo que Deos, por ſer ſummamente juſto, naõ pòde condenar ſem grave cauſa, nem dar o inferno por culpa, que ſenaõ opponha a ſeus Divinos preceitos. E tambem he certo que no Juizo final, naõ ſò fará Deos encargo, mas tambem dará eterna condenaçaõ aos que faltarem com o ſuſtento ao faminto, com o veſtido ao nù, e com o remedio ao neceſſitado: *Diſcedite à me, maledicti, in ignem æternum, qui paratus eſt diabolo, & angelis ejus: eſurivi enim, & non dediſtis mihi manducare; ſitivi, & non dediſtis mihi potum; nudus fui, & non cooperuiſtis me.* Logo ha preceito Divino, que gravemente obriga a dar eſmolas; e os tranſgreſſores delle haõ de ſer gravemente punidos.

Matth. 25. v. 41.

14 Abri o Livro do Deuteronomio, e achareis formal, e expreſſamente eſte preceito: *Præcipio tibi, ut aperias manum fratri tuo egeno; & mendicus non erit inter vos.* O meſmo ſe acha nos Evangelhos. No de S. Lucas diz Chriſto: *Quod ſupereſt, date eleemoſynam.* E no de Saõ Joaõ: *Hoc eſt præceptum meum, ut diligatis invicem.* O meu preceito eſpecial entre todos os da minha Ley he que vos ameis de parte a parte, (diz Chriſto) e ſegundo a doutrina do meſmo Evangeliſta, naõ pòde haver amor naquelle, que vendo ao ſeu proximo em neceſſidade,

Deut. 15. v. 11.

Luc. 11. v. 41.

Joan 15. v. 12.

deixa

deixa de o soccorrer podendo: *Qui habuerit substantiam hujus mundi, & viderit fratrem suum necessitatem habere, & clauserit viscera sua ab eo, quomodo charitas Dei manet in eo?* Logo nas omissoẽs da esmola se delinque contra o especial preceito da caridade. 1. Joan. 3. v. 17.

15 A Ley de Deos naõ nos manda, que amemos ao proximo como a nòs mesmos? He sem duvida: *Diliges proximum tuum, sicut te ipsum.* E cada hum como se ama a si mesmo? Naõ de palavra, mas com verdade, naõ de lingua, mas com obras: *Fratres non diligamus verbo, neque lingua; sed opere, & veritate.* Pois eis ahi, o como devemos amar o proximo. Com verdade sustentando o faminto; com obras vestindo o nù; diz Santo Thomàs. E se hà preceito de Deos para se amar assim; preceito hà de Deos para se fazer esmola, e para se remediar o pobre. Matth. 22.

16 A avareza, e o odio inventáraõ huma Theologia fundada em duas concluſoẽs, taõ falsas ambas, como encontradas á doutrina dos Padres, e ao Sagrado Texto. Dizia o odio que naõ estamos obrigados a amar ao proximo com interior acto de caridade: porque ao preceito de amar ao proximo podemos satisfazer com actos exteriores sòmente, soccorrendo-o, quando virmos que necessita. Ensinava a ambiçaõ, que rara vez se acharia secular algum, que estivesse obrigado a dar esmolas; porque se estas por obrigaçaõ sò devem ser do superfluo, nelles nem huma cousa haverà, que seja superflua ao seu estado. De sorte que taõ aliados fizeraõ estes dous vicios, que a avareza era o refugio do odio, e este o refugio da avareza. Os odiosos queriaõ satisfazer o preceito da caridade, naõ amando, mas sò remediando as necessidades do proximo, e os avarentos pretendiaõ satisfazer as obrigaçoẽs da caridade, amando sem soccorrer ao necessitado. Huma, e outra, mais que barbaridade (porque até de Barbaros he Proposiçaõ x. e xi. condenadas por Innoc xi. E propos. xii. condenada pelo mesmo Papa.

indigna) reprovou o Papa Innocencio XI. porque taõ urgente, e taõ amplo he o preceyto do amor do proximo, que nem de huma sorte só, nem só de outra se satisfaz. Naõ só obriga ao interno acto de amor, mas tambem ao externo acto de remediar a necessidade; porque só assim ama cada hum ao proximo, como a si mesmo: só assim, se ama ao proximo, como dispõe o preceito de Deos: *Diliges proximum tuum, sicut te ipsum. Non diligamus verbo, neque lingua; sed opere, & veritate.*

§. IV.

17 Este he o preceito; ouvi agora o como castigarà Deos aos que contra elle delinquem. Considerou Salamaõ hum homem, que ajuntou cabedaes, e se fez rico, e proferio esta sentença, que logo parece dictada pelo Espirito Santo: *Divitiæ congregatæ in malum dòmini sui; pereunt enim in afflictione pessima.* Quer dizer. As riquezas entheseuradas servem de danno a seu dono, porque acabaõ em huma afflicçaõ pessima. Eu tenho que reparar neste juiso do Sabio. As riquezas fazem respeitados os Cetros, e as Coroas; sustentaõ a nobreza das familias: remedeaõ as necessidades das cazas; defendem as honras: e ultimamente, como diz o mesmo Salamaõ, nas riquezas tem hum homem a redempçaõ de sua alma: *Redemptio animæ viri divitiæ suæ.* Pois como assenta elle que tanto danno causaõ as riquezas a quem as goza? *In malum dòmini sui?* Porque Salamaõ falava das riquezas retidas, e entheseuradas: *Divitiæ congregatæ*; e deste modo entheseuradas com avareza, e negadas ao pobre com impiedade, saõ de grave dano a quem as possue, *in malum dòmini sui.*

18 De

18 De dous modos se pòdem considerar as riquezas, ou entheſouradas com ambiçaõ, ou diſpendidas pelos pobres com piedade. Em beneficio dos pobres diſpendidas ſervem de redempçaõ à alma, que as applicou aſſim: *Redemptio animæ viri divitiæ ſuæ*; porque as aceita Deos em ſatisfaçaõ das penas que pelas culpas ſe merecerаõ Ouvi a Daniel Profeta: *Peccata tua eleemoſynis redime, & iniquitates tuas miſericordiis pauperum.* Ou como ſe lè no Eccleſiaſtico: *Eleemoſyna reſiſtit peccatis.* Entheſouradas porèm eſtas riquezas para incentivo da ambiçaõ, ou para liſonja da avareza, ſò ſervem de dano ao que as logra. Se aos rios ſe reprezaõ as aguas, quanto menos ſe diſpendem eſtas com liberalidade no mar, tanto mais ſe corrompem da peſtilencia. Quanto mais pretendem as ſuas margens avaras entheſourar cryſtaes, e perolas apparentes em ſeu profundo ſeyo, tanto mais dano lhes fazem as inundações, que ſe augmentaõ. Naõ de outra ſorte as riquezas. Quanto menos ſe diſpendem, mais prejudiçaõ; e quanto mais ſe entheſouraõ, mais dano cauſaõ: *Divitiæ congregatæ in malum dòmini ſui.*

Daniel. cap. 4. v. 24. Eccleſ. cap. 3. v. 33.

19 E qual ſerá o dano, que a ſeu dono cauſaõ as riquezas entheſouradas? Chamou Salamaõ a eſſe dano afflicçaõ peſſima: *Pereunt enim in afflictione peſſima.* Oh cenſura verdadeiramente digna do juizo de Salamaõ! A peyor afflicçaõ, (e verdadeiramente peſſima) que neſte Mundo houve, foy a de Judas, de quem chegou Chriſto a dizer que lhe fora melhor naõ haver nacido, pòr naõ padecer ao acabar tanta afflicçaõ. Pois he muy ſemelhante à de Judas eſta afflicçaõ peſſima, com que na morte ſe agonizaõ os avarentos.

20 Dous pontos fizeraõ ſummamente inſupportavel a afflicçaõ de Judas. Foy o primeiro conſiderar eſſe Diſcipulo deſgraçado, e ingrato, que ſendo o Sangue de Chriſto

to a redempçaõ para todo o Mundo, para elle foſſe a mate-
Matth. 27. 4. ria de ſua culpa, e de ſua juſta condenaçaõ: *Peccavi tradens ſanguinem juſtum.* Foy o ſegundo; que o ſacrilego Judas ſe arrependeu; fez confiſſaõ de ſua culpa aos Principes dos Sacerdotes, aos quaes reſtituhio o dinheiro, que por ſumma ambiçaõ tinha adquirido na venda de ſeu Divino Meſtre. E como elles naõ quizeraõ aceitar eſſe dinheiro, peſſoalmente o foy deixar no templo: *Pœnitentiâ ductus retulit triginta argenteos principibus Sacerdotum,*
Ibid. v. 4. & 5. *& ſenioribus dicens: Peccavi tradens ſanguinem juſtum.... Et projectis argenteis in templo receſſit.* E com tudo via Judas que com eſſe ſeu tal arrependimento, e mais circunſtancias (dirigidas todas, e encaminhadas, naõ da Divina graça, mas de ſua confuſaõ propria) naõ fora ouvido de Deos para a contriçaõ perfeita, porque della ſe fez indigno. Antes a ſua penitencia, e o ſeu arrependimento ſò lhe
Ibid. ſerviraõ para dezeſperaçaõ mayor: *Et abiens laqueo ſe ſuſpendit.*

21 Oh circunſtancias infelices, que concorrem ambas para a mayor deſgraça! He poſſivel, que há de ſer condenaçaõ para Judas, o que he redempçaõ para todos! *Peccavi tradens ſanguinem juſtum?* He poſſivel, que ha de parar o ſeu arrependimento em huma dezeſperaçaõ, e naõ ha de ſer ouvido de Deos: *Et abiens laqueo ſe ſuſpendit?* Pois de huma; e outra deſgraça, ſe formará na morte a afflicçaõ do avarento para com os pobres. Porque primeiramente, podendolhe ſervir o ſeu cabedal para redempçaõ de ſua alma, ſe o diſpendèra em eſmolas: *Redemptio animæ viri divitiæ ſuæ*; elle o eſtá congregando para ſua condenaçaõ: *Divitiæ congregatæ in malum dòmini ſui.* E por ultimo; quando no fim da vida ſe quizer arrepender o avarento; quando pedir a Deos miſericordia, qual outro Judas, naõ ſera ouvido, ainda que diſpenda neſſa hora

ra todo o seu cabedal, como Judas, pelos templos, ou em outras causas pias. He sentença, ou comminaçaõ, que o Espirito Santo fez publicar, por boca de Salamaõ: *Qui obturat aures suas ad clamorem pauperis, & ipse clamabit, & non exaudietur.* Proverb. cap. 21. v. 13.

22 Terribel ponto, insupportavel afflicçaõ! Senaõ fora Texto taõ expresso, padecera talvez grave objecçaõ. Mas, naõ deixarey de arguir a Salamaõ, que o proferio. Naõ vos prometteu Deos que ainda quando offendido dos homens, fulminasse os ultimos castigos de sua ira, os ouviria misericordioso, se clamassem arrependidos? Sim. *Si deprecatus me fuerit, ego exaudiam de cælo, & propitius ero peccatis eorum.* Pois como dizeis agora que esse Deos taõ compassivo naõ hà de ouvir ao que deixa o pobre sem remedio? Porque neste caso quer Deos que cesse tanta misericordia. De sorte que por mais offendido, que esteja Deos em qualquer outra materia, està prompto para ouvir ao peccador, quando arrependido clamar: *Si deprecatus me fuerit, ego exaudiam de Cælo.* E a razaõ he; porque està prompto o mesmo Deos para perdoar, *& propitius ero peccatis eorum.* Mas em se chegando ao ponto de se faltar ao pobre, já naõ quer Deos ouvir, por muito q a elle bradem: *Clamabit, & non exaudietur*; e vem a ser a rasaõ, porque nesse ponto naõ se quer commover a misericordia para o perdaõ. 2. Paralip. cap. 7.

23 No dia do Juiso todos os reprobos seraõ condenados, sem que na sentença se declare mais culpa, que o haverem faltado com esmola aos pobres: *Esurivi enim, & non dedistis mihi manducare, sitivi, & non dedistis mihi potum: nudus fui, & non cooperuistis me.* He certo porèm, que o processo daquelles desgraçados contem mais culpas: como pois callando-se as mais, sò desta se hà de fazer menção? Porque pronunciada aquella final sentença, nem elles

elles poderaõ mais ser ouvidos, nem Christo com elles usará mais de sua misericordia. Ah Sim? Pois sò de faltarem ao pobre se lhes faça encargo; porque das mais culpas (prescindindo das circunstancias, e attenta sò a natureza dellas) poderiaõ ser ouvidos; porèm desta, nem jà poderaõ ser ouvidos, nem alcançaraõ misericordia: *Esurivi, & non dedistis mihi manducare; sitivi & non dedistis mihi potum: nudus fui, & non cooperuistis me. Qui obturat aures suas ad clamorem pauperis, & ipse clamabit, & non exaudietur.*

24 Todas as vezes, que Deos castiga, procede com summa rectidaõ, porque procede incitado de nossas culpas. Mas, se fizermos comparaçaõ entre as culpas, com que provocamos a Divina Justiça, parece que se excede Deos na rectidaõ, quando para castigar se ensurdece às vozes do peccador, que senaõ compadeceu do pobre para o soccorrer. A razaõ he; porque nas esmolas deixou Deos o lenitivo de sua ira, e o refugio do castigo condigno às nossas culpas: *Peccata tua eleemosynis redime, & iniquitates tuas misericordiis pauperum.* Pois se o avarento despresou o meyo para o perdaõ, bem he, que naõ seja ouvido para a misericordia: *Qui obturat aures suas ad clamorem pauperis, & ipse clamabit, & non exaudietur.*

25 Poderà ser, que o temor do castigo, e de tanto dano mova os corações de meus ouvintes para a observancia do preceito da esmola, que neste Evangelho impoz, e praticou Christo: *Distribuit discumbentibus. Per alios distribui præcepit.* Mas porque muitos se julgaraõ izentos delle, huns allegando que naõ tem; outros que tem para quem o hajaõ mister: e alguns finalmente, que ignoraõ as circunstancias, em que os obriga o preceito da esmola; eu tudo exporey, discorrendo por todas as circunstancias da esmola, e do seu preceito: e cuida-

rey

rey muito em que seja com clareza, e com brevidade.

§. V.

26 SEte saõ as circunstancias, por onde os Moralistas regulaõ o merecimento ou pravidade dos actos: a saber. *Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando.* Vamos à primeira. *Quis.* Quem esteja obrigado a fazer esmolas? Respondo. Que todo aquelle, que chegou a ver o seu proximo gravemente necessitado. A rezoluçaõ, àlem de ser de S. Thomaz, tambem he de S. Joaõ na sua primeira Epistola. A prova será do seu (e tambem nosso) Evangelho. Diz que levantando Christo os olhos, e vendo huma grande multidaõ, que o buscava, solicitàra logo a esmola que lhe havia fazer: *Cum sublevasset ergo oculos Jesus, & vidisset, quia multitudo maxima venit ad eum, dixit ad Philippum: unde ememus panes, ut manducent hi?* Muito parece, que o cuidado de Christo se adiantou. Se nas bodas de Canà em Galilèa, estranhou elle, que a Senhora se anticipasse em solicitar o vinho, quando jà faltava; como agora ja se anticipa tanto em prevenir o paõ? Porque a falta da bebida nas vodas naõ era grave necessidade, e no dezerto a falta de paõ era necessidade grave: e mostrava Christo, que para cada hum estar obrigado a soccorrer a necessidade do proximo, tanto que he grave, basta que nella chegue a pór os olhos: *Cùm sublevasset ergo Jesus oculos, & vidisset, quia multitudo maxima venit ad eum dixit; &c.* Joan. 1. Epist. cap. 3. v. 17.

27 David assentou huma concluzaõ, que supposto he infallivel, para mim he bem notavel. *Beatus, qui intelligit super egenum & pauperem: in die mala liberabit eum Dominus.* Ps. 40.

Dòminus. Bemaventurado aquelle, que põe o entendimento, ou diſcorre ſobre algum pobre, e neceſſitado, porque no dia do Juizo o livrarà o Senhor. Ora tenha maõ David, que iſſo naõ baſta para ſer Bemaventurado, ou ter bom livramento no juizo de Deos. A ſentença de Chriſto ſò declara por Bemaventurados aquelles que ſuſtentàraõ, e veſtiraõ o pobre, e naõ aquelles, que lhe entenderaõ, ou conheceraõ a neceſſidade: *Eſurivi & dediſtis mihi manducare. Sitivi & dediſtis mihi bibere. Nudus fui, & cooperuiſtis me.* Pois como baſta no juizo de David, que qualquer chegue a conhecer a neceſſidade do pobre, para o dar jà por Bemaventurado? *Beatus qui intelligit ſuper egenum & pauperem.* Porque David julgou a obra pela obrigaçaõ. Dayme que alguem ſatisfaça o preceito da eſmola, como eſtà obrigado, que eu o darey por Bemaventurado, tanto que elle chegar a conhecer a neceſſidade do pobre; porque o preceito da eſmola obriga a que andem juntos o conhecimento da neceſſidade, e o remedio della. E ſe a Bemaventurança anda anexa a quem dà eſmola, tambem andará a quem conheceu a neceſſidade; porque devem andar juntos o conhecimento da neceſſidade, e o remedio dos pobres: *Beatus, qui intelligit ſuper egenum, & pauperem. Cum ſublevaſſet ergo Jeſus oculos & vidiſſet, quia multitudo maxima venit ad eum, dixit ad Philippum; unde emamus panes, ut manducent hi?*

Matth. 25. v. 35.

§. VI.

28 E Que, ou quanto, deve cada hum dar por eſmola? *Quid?* De dous modos ſe pòde reſponder a eſta pergunta. Ou aconſelhando, ou obrigando. Ou attendendo ao preceito de Deos, ou à utilidade noſſa. Satisfazendo ao preceito, reſpondo neſta ſegunda cir-

circunstancia, que cada hum só está obrigado a dar o que lhe sobra. (Excepto quando vè ao proximo em extrema necessidade; porque nesse caso, ainda do necessario nos devemos privar para soccorrer ao necessitado.) A doutrina, que nas necessidades graves, e ainda nas commuas obriga a dar esmolas do superfluo, he de Santo Thomàs: *Omnia superflua jubet Dominus pauperibus exhiberi*; e tambem hà de achar prova no Evangelho. D. Thom. 2.2.q. 87. a 1. ad 4. m.

29 Quando Christo vio a necessidade das Turbas tomou cinco paens, e dous peixes, que tinha hum menino, e os repartio pelos necessitados: *Est puer hic unus; qui habet quinque panes ordeaceos & duos pisces. Accepit ergo Jesus panes, & cum gratias egisset, distribuit discumbentibus. Similiter & ex piscibus, quantum volebant.* E porque naõ creou Christo de novo paens, e peixes para repartir, e dar às turbas? Assim como multiplicou estes, naõ podia crear outros? Sim, mas Christo neste milagre, como advertio bem Euthimio, ensinava a materia da esmola: e por este fim, como visse, que para hum menino cinco paens, e dous peixes era superfluo, justo foy, que lhos tirasse; porque tudo o que sobra a cada hum, he o que manda Christo que se dè aos pobres. *Omnia superflua jubet Dominus pauperibus exhiberi.* Joan. 6. 9. & v 11. Euth. inc. 4. Matth.

30 Oh que boa consolaçaõ para os avarentos! Se estes julgaõ, que nada lhes basta, como entenderaõ, que alguma cousa lhes sobra para o deverem aos pobres? Mas tomàra eu saber, como examina cada hum, o que lhe basta, e o que lhe sobra? Bem sey eu, que para o appetite do rico nada basta. Mas olhe cada hum para o seu estado, e verà que menos lhe bastaria; e que lhe sobra muito: o que tudo pertence aos pobres.

31 Santo Augustinho diz, que reservando cada hum para si o que bastar para o trato racionavel da mẽza

za, e doveſtido, tudo o que reſtar he ſuperfluo: e conſe-
D Auguſt. quentemente he alheyo, porque he dos pobres: *Quid-*
Serm. de *quid excepto victu, & veſtitu rationali ſuperfluit, non luxuri*
Vill. *reſervetur. Sed in theſauro cæleſti per eleemoſynam repona-*
tur. Quod ſi non fecerimus, res alienas invadimus. Olhe ago-
ra cada hum para a ſua ſorte, e para o ſeu eſtado, pondo-ſe
na razaõ: e veja ſe lhe naõ fica de porta, a dentro muita
couſa ſuperflua à ſua condiçaõ. Naõ me alargo mais neſte
ponto por naõ eſtender o Sermaõ, porèm advirto-vos, que
ſe botais a conta ao que tẽdes, para ſaberes o que deveis ao
pobre, ſejaõ eſſas contas muy apertadas, para que fiquem
juſtas: e voz entaõ achareis o muito que vos ſobra; e o
muito que deveis aos pobres.

32 Quando Chriſto depois de ſuſtentar em o
Cenaculo doze pobres, lhes lavou os pès; para lhos en-
chugar, ſe cingio, e apertou com huma toalha: *Cùm acce-*
Joan. 13. *piſſet linteum, præcìnxit ſe.* E para Chriſto enchugar os
pés a eſſes pobres, naõ lhe fora melhor, e mais acõmoda-
do tomar nas mãos a toalha! Sim. Pois a que fim ſe cin-
gio, e apertou com ella? Porque Chriſto queria cubrirſe
a ſi, e aplicar aos pobres ò que ſobraſſe nas pontas da toa-
lha: e quanto mais com ella ſe apertaſſe, ſobraria mais pa-
ra os pobres. Ide voz tambem apertando as contas às igua-
rias, que baſtaõ reſpectivamente às voſſas mezas: e nas
gallas, que botais no anno, ide fazendo as contas às
que baſtaraõ ſegundo voſſo eſtado; mas ide-vos aper-
tando neſtas contas; e vereis quanto vos ſobra, e
tudo deveis aos pobres.

33 Iſto

§. VII.

33 ISto he o que por obrigaçaõ, e preceito se deve aos pobres. Mas porque Christo naõ só prègava como Legislador, intimando preceitos; senaõ tambem como Mestre, aconselhando o mais util para a salvaçaõ de nossas almas: será justo que com seu exemplo vos aconselhe, o quanto será bem, que dè cada hum de esmola ao necessitado. Antes de vos aconselhar, supponho que tendes Fé; porque sois Catholicos, e como taes, naõ duvidareis crer no que Christo disse, e as Escrituras ensinaõ.

34 Aconselho-vos pois, que tireis de vòs para dar aos pobres: e que por esmola deis, ainda o q̃ mais necessario vos for. Arazaõ he: porque quando vedes, que chega a vòs hum pobre, e quando vos parece, que dais esmola a hum necessitado, he Christo esse que vos pede a esmola; e esse que à recebe, he Christo. Que elegantemente S. Pedro Chrysologo! *Manus pauperis est Christi gazophylacium; quia quidquid pauper accipit, Christus acceptat.* Para que he provar isto com varias apparições de Christo, que em figura, e trajes de pobre recebeo esmolas de S. Gregorio Papa, de S. Martinho, e de S. Juliaõ Bispos: de S. Henrique Emperador, de Saõ Canuto Rey de Dania, e de Saõ Uvenceslao Rey de Bohemia? A Fé naõ se califica com a vista; pelos ouvidos entra o com que ella se exerce: *Fides ex auditu.* Ouçamos pois o que Christo diz, e naõ o que viraõ aquelles Santos; porque eu quero reduzir a merecimento de vossa Fé os actos da vossa caridade com os pobres. D. Petr. Chr. Serm. 8. de jejejun. & eleemos.

35 Diſſe Chriſto, como conſta do Euangelhode S. Mattheus, que no dia do Juizo final convidarà aos juſtos para a gloria, pelas eſmolas, que lhe fizeraõ neſta vida. E propoem Chriſto, que ouvida eſta ſentença, lhe perguntaràõ os predeſtinados: E quando, Senhor, vos vimos nòs faminto, e vos ſuſtentàmos: ſequioſo, e vos extinguimos a ſede: nù, e vos veſtimos: ou quando finalmente vos vimos neceſſitado, e vos ſocorremos? O Senhor, praze à voſſa bõdade, e queira a voſſa miſericordia, que quando vos virmos julgador do Mundo, vos façamos eſſa pergunta. Ouviremos entaõ a voſſa repoſta, que ha de ſer: *Quandiu feciſtis uni ex his fratribus meis minimis, mihi feciſtis.* O que fizeſtes a hum deſtes pobres, me fizeſtes a mim, porque elles ſaõ meus irmãos. Pois ſe he de Fé, affirmado pelo meſmo Chriſto, que a elle damos o que ſe dá ao pobre, quem naõ dará por eſmola, ainda o que lhe for mais preciſo? Se Chriſto no Calvario ſe deſpio por nós; porque ſe naõ deſpirà cada hum de nòs por amor de Chriſto? Se Chriſto padeceo fomes no deſerto, e ſede na Cruz por noſſo amor: como por amor ſeu naõ tiraremos nòs da comida, e da bebida, para lhe offertarmos, quando elle o pede faminto, e ſequioſo em qualquer pobre.? Oh Fé, onde eſtàs! Porque ella nos falta, por iſſo faltamos nòs a Chriſto em ſeus pobres. Dayme hum homem, que tenha Fé, e elle tirarà de ſi a inda o mais preciſo, para dar aos pobres.

Matth. 25 v. 34.

36 Pedio Elias à viuva de Sarepta hum paõ, e ella lhe reſpondeo, que em ſua caſa era tanta a neceſſidade, que em huma maõ ſe podia fechar quanta farinha havia nella, para ſi, e para hum ſeu filho: *Non habeo panem, niſi quantum pugillus capere poteſt farinæ in hydria.... En colligo duo ligna, ut ingrediar, & faciam illum mihi*

3. Reg. cap. 17. v. 12.

mihi, & filio meo. Naõ vos parece, que juſtamente ſe eſcuſava a pobre viuva? Sim. Ora ouvi a inſtancia de Elias: *Noli timere: ſed vade, & fac, ſicut dixiſti, veruntamen mihi primum.* Naõ temas: vay, e faze hum paõ, primeiro para mim, do que para ti, e teu filho. Parece, que eſtà imprudente Elias? Manda à viuva, que tire de ſi, e de ſeu filho: e recomendalhe que naõ tema? Sim: e fallou Elias como quem era. Primeiro lhe recomendou que naõ temeſſe: *Noli timere;* e depois lhe mandou, que tiraſſe de ſi o preciſo, e que a ſeu filho tiraſſe o neceſſario, para lhe fazer eſmola: *Vade, & fac ſicut dixiſti, veruntamen mihi primum,* Notay agora o myſterio com que o Profeta fallou. v. 13.

37 O dizer Elias à viuva, que naõ temeſſe, foy recomendarlhe, que tiveſſe Fé; porque em frazi da Eſcritura, o temer he o meſmo que naõ ter Fé: *Quid timidi eſtis modicæ fidei,* diſſe Chriſto aos Diſcipulos na tormenta. Equando S. Pedro temeo a furia do vento, foy arguido de pouca Fé: *Videns vero ventum validum timuit... Modicæ fidei, quare dubitaſti?* Diz pois o Carmelitano Pay dos Profetas à viuva Sareptana: Tem Fé: *Noli timere*; e logo tiraràs de ti, e de teu filho, a inda o preciſo, neſſa tua extrema neceſſidade, para me fazeres eſmola: *Vade, & fac; mihi primum.* Que mayor neceſſidade, que a deſſa viuva, pois vivia na regiaõ de Sidonia, a qual toda por caſtigo de Deos perecia à fome? Porem foy o meſmo ter ella Fé, *noli timere*, que tirar de ſi para fazer eſmola ao Profeta: *Noli timere; ſed vade, & fac ſicut dixiſti, veruntamen mihi primum.* O ponto he, Catholicos, que tenhais vos alguma Fé, para crer, que he Chriſto o pobre que vòs pede; que he Chriſto o que aceita, e o que vos hà de retribuir a eſmola, e logo tirareis de vòs ainda o Matth. c. 8.

mais preciso, para dares ao necessitado.

38 Se vos naõ move taõ heroico impulso, excitevos ao menos a propria conveniencia. Qual foy o q̃ dando por esmola hum, naõ recebesse hum cento? A Elias deu a sua esmoler de Sarepta hum pequeno paõ amassado em pouco azeite: e recebeo em premio trigo, e azeite de abundancia por todo o tempo em que durasse a fome: *Ex illa die hydria farinæ non defecit, & lecythus olei non est imminutus.* De sorte que toda a regiaõ de Sidonia perecia, e só a casa de huma viuva estava abundante em Sarepta, pela esmola que fez a Elias. E sem sairmos do Euangelho, temos esta doutrina com evidencia. A esmola que nelle vemos se distribuhio, naõ passava de cinco paens. E quanto se recolheo de sobras? Doze cestas. O ponto he, que queiramos nòs fiar de Christo, da sua promessa, e do seu poder: e he sem duvida, que se dermos ao pobre hum, havemos receber hum cento.

3. Reg. c. 17. v. 16.

39 Mas he lamentavel, que taõ poucos sejaõ os que intereſſé neste avanço, e lucro da esmola. Se tantos saõ os que para com os homens intereſſaõ a hum por cento, com escandalo da caridade, e detrimento das consciencias; como saõ taõ poucos, os que intereſſaõ com Christo a cento por hum? Duvidais da palavra, e promessa de Christo, ou do seu poder? Suppondes que vos faltará? Se fiais o vosso cabedal de hum homem, que quando mais abonado vos parece, pode estar fallido: de hum homem, que hoje vive, e hoje mesmo fallece: se o fiais dos mares, e dos ventos: como o naõ fiais de Christo Deos immortal, que certamente se ha de mostrar rico para com vosco, quando com elle vos mostrares misericordioso? *Qui dives est in misericordia*, diz S. Paulo. Usay com Christo de misseri-

Ad Ephes. c. 2. v. 4.

sericordia, remediando a seus pobres; e experimentareis a sua riqueza. Naõ attendais neste ponto ao que deveis por obrigaçaõ, privai vos do mais preciso, porque saõ innumeraveis os caminhos com que a Providencia inscrutavel vos hade retribuir: já dandovos occasioens de lucro, já defendendo-vos nas occasioens de perdas da fazenda, da vida, e da honra; porque de todos estes meyos, sabe Deos tirar centenarios, para recompensar a esmola, que se deu a pobre por seu amor.

§. VIII.

40 Passemos já à terceira circunstancia. Esta he o lugar onde se deve fazer a esmola: *Ubi.* E qual deve este ser? O mesmo onde se achar o necessitado. Se chegar o pobre à vossa porta, ahi lhe deveis fazer a esmola; mas se elle naõ póde sahir de casa, porque he hum enfermo, que se naõ póde levantar da cama; ou porque he hum prezo, como nas cadeas estaõ padecendo tantos; ou porque he huma viuva, a quem falta o manto, ou huma donzella, que naõ deve andar de casa em casa, por lhe naõ ficar pelas portas a sua fama: fazey-lhes a esmola no mesmo lugar, onde souberes, que padecem.

41 Quando Christo neste Euangelho quiz fazer a sua grandiosa esmola, primeiro dispoz, que se assentassem todos os pobres: *Facite homines discumbere.* E naõ quereis, Senhor, que cheguem todos elles à vos, para que além do sustento, levem tambem a consolaçaõ, de que receberaõ a esmola de vossa propria maõ? Naõ, que a esmola se hà de fazer no mesmo lugar onde houver a necessidade. Os que se chegaraõ a Christo,

ahi receberàõ a esmola: *distribuit discumbentibus*: e os que naõ poderaõ chegar a elle, nem por isso deicharaõ de a receber onde cada hum estava: *distribui præcepit.*

42 Em certa occasiaõ mandou Deos ao Profeta Habacuc, que dos paens que tinha para os segadores, fosse levar a Daniel, que estava no lago, mais arriscado com a fome de seis dias, que com a fereza de sete leoens (tambẽ famintos) que o cercavaõ. E de Judea foy levado Habacuc, para socorrer a Daniel em Babylonia. Em outra occasiaõ porèm (vede a disparidade) ordenou Deos a Elias, que deixando as margens de Carith, fronteiras ao Jordaõ, caminhasse para Sarepta de Sidonia, onde acharia huma viuva, que lhe fizesse esmola. Pois Elias que tambem era Profeta, e andava perseguido, havia de ir com tanta distancia buscar a esmola; e a Daniel lha haõ de levar de taõ longe? Sim; que Elias podia ir a porta da viuva pedir a esmola; Daniel naõ podia, porque estava prezo: e se este pobre pode sahir, e procurar a esmola, bem he que vâ, e que a peça; mas se o outro naõ pòde, nem por isso fique sem remedio: lá seja socorrido nesse lugar onde estâ.

Daniel. cap. ultimo.

3. Reg: cap. 17.

§ IX.

43 POrque meyos se ha de fazer a esmola? Isto he o que na quarta circunstancia se examina: *Quibus auxiliis.* Por varios meyos se pòde fazer a esmola, mas naõ he possivel, que seja pelos mesmos sempre; porque ha huns pobres, aos quaes poderà qualquer pessoa fazer a esmola por sua propria maõ; outros porèm, aos quaes por terceira pessoa he bem,

que

que ſe faça a eſmola. Do Euangelho conſta, que fazendo Chriſto a muitas mil peſſoas a ſua eſmola, nem a todos remediou immediatamente por ſi; porque a huns deu: *diſtribuit*; e a outros mandou: *diſtribui præcepit*. O certo he, que a diverſidade das peſſoas pede diverſos meyos para ſerem juſtamente ſocorridas.

44 Huns pobres ha, que podem ſer viſitados para ſerem ſocorridos: e outros, que lhes deveis fazer eſmola, ſem que para iſſo vades a ſuas caſas, nem os admittais nas voſſas; porque ſe em huns pobres naõ periga a reputaçaõ, em outros corre o credito grande riſco.

45 Em hum meſmo capitulo 4. do livro 4. dos Reys lemos, que a duas mulheres fez Eliſeo varias eſmolas, ſocorrendo à cada huma com o que podia, e ellas neceſſitavaõ, ſegundo ſeu eſtado. Mas de he advertir, que a caſa da primeira naõ hia o Profeta, nem ſabemos, que na ſua lhe deſſe entrada. Na caza da ſegunda entrava Eliſeo continuamente: *ècum que frequenter inde tranſiret, divertebat ad eam.* Pois ſe Eliſeo era homem Santo, e Varaõ de Deos: *Vir Dei ſanctus eſt iſte:* como faz taõ notoria diſtinçaõ e aceitaçaõ de peſſoas? Se a ambas favorecia, como nas viſitas de huma era taõ frequente; e com à outra nem huma entrada? Porque eſta alem de ſer pobre, era viuva; *ſervus tuus vir meus mortuus eſt*, A outra alem de ſer caſada, era huma ſenhora a mais venerada, e reſpeitada na quella terra: *Erat autem ibi mulier magna.* Na caza pois deſta ſenhora, taõ grave, e taõ reſpeitada, entre Eliſeo a fazerlhe bem; porque em ſemelhantes entradas naõ periga a reputaçaõ: *Divertebat ad eam.* Eſcuſa-ſe porèm de entrar na caſa daquella outra pobre, perſeguida, a viuva; porque a inda que ſeja homem de Deos,

4. Reg. c. 4. v. 8.
v. 9.
v. 10.
v. 8.

Santo, e Profeta, arriſcarà ſo ſeu credito, expoſto à cenſura do Mundo, e ao juizo dos homens.

46 E quantos neceſſitados hà, aos quaes vos aconſelho, e peço, que nem os vejais, nem lhes deis eſmolas! Pois haõ de perecer à neceſſidade? Naõ: antes para que em nenhuma couſa pereçaõ, vos aconſelho, que lhes mandeis a eſmola por interpoſta peſſoa; ou, ſendo neceſſario, buſcay meyos, com que ſe naõ ſaiba quem mandou nem de onde veyo a eſmola; como por tres vezes tez S. Nicolao Biſpo, dando por eſmola tres dotes, com os quaes reparou a honra de tres irmãas donzellas, arriſcadas pela pobreza.

47 De varios modos ſe acha nas Eſcrituras, que ſocorrerá Deos a Elias em ſuas neceſſidades. Em algum tempo huma viuva o ſuſtentou na fome de Sidonia. Em outro, vinhaõ huns corvos a trazerlhe o paõ, ſem que ſoubeſſe Elias de onde ſahiaõ aquelles portadores. E houve tambem ocaſiaõ, em que acordando Elias faminto, vio junto a ſi hum paõ, e huma taça de agua, ſem que ſoubeſſe de onde lhe viera; e naõ diz o Texto, quem lho mandou, ou quem lho trouxera. E porque uſa Deos de meyos taõ varios, e taõ diverſos nas eſmolas, que faz a eſte Profeta? Para que ſe veja, que a eſmola nem ſempre deve ſer por huns meyos. Hà huns pobres, que bem podem ſaber, quem lhes dá a eſmola: há outros, que ainda que ſaibaõ quem lha traz, naõ devem ſaber de donde lhes vem: e finalmente há outros, que nem he conveniente, ſaibaõ quem lhes mandou a eſmola, nem alcancem quem lha levou, nem penetrem o como lhes entrou em caſa tanto bem. Tanta cautela he preciſa nos meyos com que ſe faz a eſmola.

Reg. 3. cap. 17.

cap: 19.

§. X.

§. X.

48. EXaminemos agora a quinta circunstancia. *Cur?* E porque fim se ha de fazer a esmola? Respondo, que por hum, e por muitos fins póde ser a esmola mais aceita a Deos; porque póde ser. por amor de Deos, que a manda fazer ao pobre: ou por amor especial de Christo, representado no pobre: ou por amor do proximo, a quem vemos necessitado; ou pela bondade da esmola, da qual nos ajudamos, para resistir às culpas: *Et leemosyna resistit peccatis.* E he por Deos aceita em satisfaçaõ das penas: *Peccata tua eleemosynis redime.*

49 Recomendovos porèm, que em nenhum modo pervertais o fim Santo, e honesto, a que sempre se deve dirigir a esmola; pois tem acontecido, que a malicia humana, naõ poucas vezes, da esmola fez laço, para cativar a pobreza. Gravissima impiedade! Naõ há malicia mayor, que estar aguardando a occasiaõ em que o proximo necessita, para com a offerta do remedio lhe solicitar a queda; porque he usurpar manifestamente o officio do Demonio;

50 Tres vezes tentou o Demonio a Christo no deserto: e nem da primeira, nem da segunda vez tratou Christo ao tentador por Demonio: Na terceira o correo, e descobrindolhe o rebuço, disselhe, q era Satanás: *Vade Satana.* Bem sabia Christo na primeira, e segunda tentaçaõ, que com o Demonio tratava: pois se em ambas lhe sofre o disfarce com que lhe fallou; porque na terceira o exprobra de Satanas? *Vade Satana?* Porque nesta ultima tentaçaõ notoriamente fez o Demonio a Christo largos offerecimentos, para lhe solicitar a que- Matth: 4.

e queda: *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me,* Vio o Demonio a Chriſto neceſſitado: offereceo-lhe quanto havia no Mundo: *Hæc omnia tibi dabo.* E a que fim? Para que cahiſſe, e gravemente peccaſſe contra Deos: *Si cadens adoraveris me* Pois ſeja o tentador exprobrado, e conhecido por Satanas: *Vade Satana.*

51 Oh Satanazes humanos, que ao Demonio imitais, tomandolhe o a ccupaçaõ, e ſendo emulos de ſua induſtria! Quantas vezes lançais maõ da neceſſidade, para facilitar a queda do proximo, tantas vos aſſemelhais ao Demonio. Quando a pobreza vir as largas offertas de hum deſtes: *Hæc omnia tibi dabo:* a bomineo como à Satanas: *Vade Satana;* porque iſſo naõ he eſmola, he tentaçaõ: iſſo naõ he ſer proximo, he ſer Demonio: *Vade Satana.* E ſe naõ dizei-me.

52 Naõ he impiedade, contra toda a laſtima, que quando ſe chega a vòs huma pobreza a fim de ſe remediar, intenteis vòs eſperar della, o que naõ he bem, que de vòs ſe eſpere? De quem he pobre, naõ ſe eſperaõ bens; porque os naõ tem. Males, e miſerias, he todo o cabedal da pobreza. Pois que tem o rico, que eſperar da pobreza? E ainda, caſo que com a pobreza podeſſe intereſſar o rico: he tal a nobreza da eſmola, que ſe naõ deve viciar com nenhum fim humano, nem perverter con terrenas utilidades. Vamos ao Euangelho, que jà neſta circunſtancia, que ponderamos, tardavamos em abrillo.

53 No fim da grandioſa eſmola de Chriſto, quizeraõ as turbas aclamallo Rey: e conhecido o intento, o Senhor ſe retirou para hum monte ſolitario: *Jeſus ergo cum cognoviſſet, quia venturi eſſent, ut facerent eum regem, fugit iterum in montem ipſe ſolus.* Que fugiſſe Chriſto dos que o queriaõ apedrejar, bem he: mas dos

dos que o faziaõ Rey, em gratificaçaõ, e correſpondencia da eſmola? Sim; que a eſmola há de fugir, e ſer deſpida de todo o intereſſe humano. Naõ há de levar outro fim, mais que o remedio da neceſſidade, o amor de Deos, e do proximo, e a propria utilidade eſpiritual. Há de fugir a eſmola qualquer outra conveniencia, ainda que ſeja a de hum Reyno inteiro: *Jeſus ergo cum cognoviſſet, &c.*

54 Quando no Euangelho de 8. Lucas enſina Chriſto a ſermos caritativos, diz-nos que uſemos de miſericordia com o proximo; aſſim como della uſa Deos com noſco: *Eſtote ergo miſericordes, ſicut, & Pater veſter miſericors eſt.* E como uſa Deos com noſco de miſericordia? Com notavel deſintereſſe: naõ eſperando de nòs couſa alguma: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* Que há de eſperar Deos de ſuas creaturas, ſendo eſtas de ſua natureza taõ pobres; e Deos por ſua eſſencia taõ rico? Pois ſe Deos, por ſua bondade vos fez ricos, naõ eſpereis couſa alguma dos pobres; uſay com elles de miſericordia, ſem que profaneis, e vicieis o merecimento da eſmola com outro fim.

Luc: 6. v. 16.

Pſalm: 15. v. 1.

§. XI.

55 ENtremos com a ſexta circunſtancia: *Quomodo.* De que modo ſe hà de fazer a eſmola? Reſpondo, que ſe deve fazer com bom modo, cõ agrado, e com alegria, ſem que ſe eſcandalize o pobre que a recebeo; porque ſó deſta maneira ſe agradarà, e obrigará Deos de quem fez a eſmola: *Hilarem enim datorem diligit Deus*, eſcreve S. Paulo aos Corinthios. O Euangelho todo he prova deſta doutrina, porque nelle

2. Ad Corint: cap. 9.

nelle vemos, que Christo fez assentar a todos os pobres: *Facite homines discumbere*, e os andou servindo, e ministrando, já por si immediata, e pessoalmente: *Accepit ergo Jesus panes: & cum gratias egisset distribuit discumbentibus*: já por seos Discipulos: *Dixit discipulis suis colligite, quæ superaverunt fragmenta.* Assim devem fazer todos os que derem esmolas porque dando-as, haõ de mostrar muita alegria, considerando que muito mais he o premio, que haõ de receber do pobre, do que he a esmola, que lhe daõ. Ouvi a S. Joaõ Chrysostomo: *Vera est eleemosyna, sic dare, ut gaudeas te dare, putesque te accipere magis, quam dare.*

Chrysost. de Eleemos: & coll. in

56 E se naõ dizeime. Que poderá valer a esmola, 55. que dais ao pobre? Supponhamos, que importará quarenta mil cruzados; que tantos deo de esmolas em hũ só dia S. Carlos Cardeal Borromeo, e Arcebispo de Milaõ. Nesta suppositaõ taõ larga, examinay agora qual será o preço, e o valor do premio, que há de ter esta esmola? Para vos responder com acerto, digovos que naõ tem preço; porque o valor da esmola he quasi infinito. O Profeta Ozeas, e o Apostolo S. Paulo interpretados por S. Agostinho, e S. Chrysostomo, cõparaõ a esmola ao Sacrificio do Altar. O preço daquelle Sacrificio he infinito; logo tambem o preço da esmola vem a parecer infinito. Notay, para melhor intelligencia.

Apud Bonher fol. 223.

57 Quando hum rico faz huma esmola, quem a recebe? Christo. *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis*: he porèm certo, que aquillo que se dà, naõ se mede pela qualidade de quem o dà, mede-se pela qualidade de quem o recebe: *Omne quod recipitur ad modum recipientis recipitur*, ensina a Filosofia. Quem recebe a esmola he pessoa de infinito merecimento;

cimento; porque he Christo: logo a esmola, mensurada, e dignificada por Christo, que a recebe, vem a ficar com hum merecimento infinito. Naõ há, nem pòde haver creatura de infinito merecimento; porque de limitadas causas naõ procedem effeitos de perfeiçaõ infinita; e só a esmola tanto se exalta, quando recebida por Christo, que parece conter infinito merecimento. Ensina a melhor Theologia, que o peccado he hum mal infinito; porque là vay offender a Deos infinito bem. Da mesma sorte a esmola parece conter em si infinito bem, e infinito merecimento; porque o objecto a que se termina, he Christo, Summo bem nosso. Pois se com a esmola tanto se merece, day-a com alegria, fazey-a com bom modo.

§. XII.

58 COncluamos já com a ultima circunstancia. *Quando.* Em que tempo se ha de fazer a esmola? Este he o mais primoroso ponto nesta materia da esmola. Seja o Mestre dos Doutores S. Agostinho, quem o resolva: *Perfecta misericordia est, ut ante occurrat esurienti cibus, quam roget mendicus.* A perfeiçaõ da esmola està, em que se faça antes que se peça. Profundissimo dizer! Fundado, naõ só em muito primor; mas em razaõ tambem. He esta. A obrigaçaõ, que cada hum tem de fazer esmolas, nasce de dous principios, como ensina Santo Thomaz; da abundancia propria, e da necessidade alheya. Logo para se fazer a esmola, será escusado, que a peça o pobre. Bastarà, que cada hum veja o muito, que tem; e o muito que o pobre necessita. Temos no Euangelho prova. Tanto que Christo vio, que o buscava a turba famin-

D. Aug. hom. 39. in Psal. 40.

ta

ta, logo ao menino abundante tirou os paens, e trã-tou de fazer a esmola, sem esperar que lha pedissem; porque o primor da esmola está, em que à vista da necessidade, se faça antes que seja pedida.

59 Ocontrario porém, he o que a cada porta se encontra. Dizey vós mesmo, Senhores, se naõ he isto o que passa em vossas casas. Chega hum pobre à vossa porta, despido de roupas, e cuberto de chagas: começa a honrarvos nos titulos que vos dá, quando mais pobre se inculca. Pedevos finalmente, que pela Sagrada Morte, e Paixaõ de Christo, tenhais compaixaõ de sua miseria. Vòs (naõ attendendo a que podereis ser ainda mais pobre, se a divina Providencia naõ fora mais liberal com vosco) ou logo despedis o pobre desconsolado, ou o detendes sem lhe deferir. Repete elle a sua oraçaõ, que a traz muy bem sabida, pela continuaçaõ de a dizer: e muitas vezes he necessario, que o pobre grite mais alto, quando talvez naõ pòde abrir a boca, porque a fome lhe tira a falla. Se vos meteo çompaixaõ, ou vos achou com pessoas, que vos parece estranharàõ vossa impiedade. tomais a resoluçaõ de lhe dar huma esmola, que talvez he mais para despedir o pobre, que para o soccorrer. Naõ he isto relaçaõ verdadeira? Vòs o sabeis, e os pobres o experimentaõ. Dizeime agora. E vem jà a bom tempo essa esmola, depois de teres o pobre detido à vossa porta tanto tempo? Naõ; que talvez mais custoso fosse ao pobre estarvos esperando, e sofrendo, em quanto lhe naõ déstes a esmola; do que lhe seria sofrer a fome, que o obrigou a pedir.

60 Em certa occasiaõ além desta, que no Euangelho presente se relata, sustentou tambem Christo huma grande turba no deserto com semelhante multi-

pli-

plicaçaõ, ou reproducçaõ de paens: mas primeiro eſtiveraõ as turbas tres dias perſeverando com Chriſto, antes que delle recebeſſem a eſmola: *Triduo jam perſeverant me cum; & non habent quod manducent.* Já no fim dos tres dias, fallando Chriſto aos Diſcipulos, diſſe: *Miſereor ſuper turbam* (Sigo o Texto de S. Marcos) *Quia ecce jam triduo ſuſtinent me, nec habent quod manducent.* Tenho laſtima deſte povo; porque tres dias há que me eſpera, e que me eſtà ſofrendo, e jà lhes falta o ſuſtento. Eſtranho dizer! Que ſe compadeça Chriſto das turbas famintas, porque as vê perecendo à fome, he acto muy natural de ſeu compaſſivo genio, mas porque o eſperavaõ com ſofrimento? *Quia ecce jam triduo ſuſtinent me?* Sim: lede eſte caſo no Texto de S. Mattheus, e achareis que todo aquelle povo era neceſſitado: tinha recorrido a Chriſto para que o remediaſſe: e julgou a Summa Sabedoria mais principal motivo para a compaixaõ a detença do povo, que a falta de ſuſtento; julgou por menos mal para tantos pobres, ſofrer a fome, que eſperar a quem os remediou: *Miſereor ſuper turbam, quia ecce jam triduo ſuſtinent me, nec habent quod manducent.* Naõ dilateis pois ſeis a eſmola ao pobre; ſede promptos em ſoccorrer as neceſſidades de voſſo proximo, fazey muito por dar a eſmola, antes que chegue o pobre a pedilla, porque eſſe he o mais conveniente, e agradavel tempo de ſe fazer a eſmola: *Ante occurrat eſurienti cibus, quam reget mendicus.*

Matth. 15. v. 32.

Matth. 8. v. 2.

Marc. 15. a v. 30.

§. XIII.

61 NA fórma deſtas circunſtancias ſe executa perfeitamente o preceito da eſmola, que no preſente Euangelho temos: *Diſtribuit diſcumbentibus.*

bus. Per alios distribui præcepit. Rogovos agora por amor de Deos, e do proximo, q̃ appliqueis o cuidado no aproveitamento desta doutrina naõ pelo que tem de minha, sim porque toda he de Christo, dada no Euangelho presente. Lembre-vos o summo disvello, com que solicitou sempre Christo a nossa Salvaçaõ; pois para este fim, de pois de derramar seu Sangue, deu a propria vida. E sabey, que estando pela vossa final sentença reservada para o universal Juizo; o meyo com que conseguimos, ou perdemos este fim, para o qual se empenharaõ infinitos merecimentos, he o dar, ou naõ dar esmolas. Se naõ déstes esmolas, frustrais todos os merecimentos de Christo, porque perdestes a Salvaçaõ: *Ite maledicti in ignem æternum, esurivi enim; &c.* Se socorrestes o pobre, alcancastes o premio do que Christo padeceo por nòs; porque conseguistes a gloria: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum à constitutione mundi, esurivi enim, & dedistis mihi manducare, &c.*

Matth. 25. v. 34.

SER

SERMAM VI.

DO

GLORIOSO, E SERAFICO PATRIARCA

S. FRANCISCO.

No Hoſpicio da ſua Veneravel Ordem Terceira do Rio de Janeiro, eſtando expoſto o Santiſſimo Sacramento. Anno de 1722.

Nemo novit Filium, niſi Pater. Matth. c. 11. v. 27.

§. 1.

QUEM diria, (Sacra, e Divina Mageſtade) e quem diria, que tambem na ordem da natureza ſe deſcobrem objectos taõ elevados, que excedem a eſféra de ſuas naturaes potencias? Todo o viſivel he proprio objecto de noſſos olhos; dos ouvidos qualquer ſom he

perceptivel objecto; assim como do entendimento he todo o intelligivel natural proporcionado objecto. Mas hoje se propoem a nossos entendimentos hum taõ elevado objecto, que naõ bastaõ naturaes intelligencias para a comprehensaõ delle.

2 S. Francisco, aquelle pasmo da natureza; S. Francisco, aquelle portento da graça; S. Francisco, aquelle exemplar inimitavel da penitencia; S. Francisco, aquelle pelago de Santidade; S. Francisco, aquella admiraçaõ dos Anjos; S. Francisco, aquelle empenho da Omnipotencia; S. Francisco, aquelle Retrato ao vivo de Christo; S. Francisco; e para que mais, se nisto sò digo tudo? Este he o objecto da solemnidade presente, que em tudo excede a comprehensaõ de nossas intelligencias.

3 Neste Serafico Patriarca tanto se confundem os mayores entendimentos, que huns attendendo-lhe para a natureza, o tem por homem; mas novo homem; porque no espirito, e na santidade naõ parece homem: *Novus homo Franciscus*, diz S. Boaventura. Outros o julgàraõ Anjo, e como tal, jà visto no Apocalypse: *Vidi alterum Angelum*; e deste juizo foraõ o Papa Leaõ X. S. Bernardino de Sena, Sedulio, e muitos. Finalmente prescindindo do ser, e attendendo para a semelhança, todos o confessaõ por huma viva Imagem de Christo, e por hum retrato o mais proprio do Filho de Deos: *Propriissima similitudo, & viva imago Dei. Similis Filio Dei.*

Div. Bonav. in leg. S. Frãc. c. 13.

Apoc. 7. v. 2.

Div. Bonav. Div. Bernard. Astor. privil. 43. Ildeph. de Andr. Ser. 55 de Mart. Jap. §. 2.

4 Para dar principio ao Panegyrico de taõ raro, e maravilhoso Santo, me està o affecto, naõ só alentando, mas impellindo. Sendo que por outra parte naõ só taõ imperceptivel objecto, mas o Euangelho tambem me dissuadem; pois tambem este me impossibilita

aco-

a conhecer quem he S. Franciſco. Dizem as palavras do thema, que preſcindindo de alguma revelaçaõ, ſò o Padre pòde conhecer ao Filho: *Nemo novit Filium, niſi Pater.* E como S. Franciſco he ſemelhante ao Filho de Deos: *Similis Filio Dei*, ſó o Padre, em forçoſa conſequencia, o poderà conhecer.

5 Naõ he cobardia do entendimento impoſſibilitar aos homens a comprehenſaõ de quem he S. Franciſco: porque tambem os Anjos parecem dar moſtras de que o naõ alcançaõ. Viraõ elles huma alma ſobindo ao Ceo com ſemelhanças de Eſtrella, de Lua, e de Sol ao meſmo tempo; de cuja viſta admirados perguntavaõ: Que alma he eſta? *Quæ eſt iſta, quæ progreditur, quaſi Aurora conſurgens, pulchra ut luna, electa ut ſol?* Como a duvida era àcerca de huma alma, que ſobia da terra, jà nos fica lugar para darmos repoſta aos Anjos. Eſta alma, Eſpiritos celeſtiaes, que hoje ſobe aos Ceos como Eſtrella, como Lua, e como Sol, he o Seraphico eſpirito de S. Franciſco, que na trina ſemelhança deſtes Aſtros foy viſto ſobir aos Ceos neſte dia: *Cum anima de ejus corpore exiret, viſa eſt in ſpecie ſtellæ, cujus magnitudo inſtar Lunæ, lux verò inſtar Solis eſſe videbatur.* Satisfeita a pergunta dos Anjos, entrarà a minha.

Cant. 6. Vorag. in vita S. Fran. et in Serm. 1. de eod.

6 E os Anjos naõ conheciaõ a S. Franciſco? Se era Serafim eſte Patriarca, naõ podiaõ os Anjos deſconhecelho. Sendo homem, era preciſo, que o conheceſſem; porque como enſina o Doutor Angelico, naõ há eſpecie creada (1) incognoſcivel aos Anjos. Além do que he certo, como refere o Papa Gregorio IX. que S. Franciſco antes de morrer ſobio aos Ceos muitas vezes. Tambem conſta, que em muitas occaſioens deſceraõ Anjos à terra em obſequio de S. Franciſco, jà

(1) Intellectus Angeli habet virtutem compræhendendi omnes ſpecies, & differentias entis. Div. Thom 2. cont. gent. c. 98. Greg. IX. in Diplo. celebr. S. Franc. ſtorg.

para o ſervirem, jà para o recrearem com ſuas muſicas. Pois vendolhe a alma ſobir aos Ceos, como a deſconhecem? *Quæ eſt iſta, quæ progreditur, quaſi Aurora conſurgens. pulchra ut luna, electa ut ſol?* A razaõ jà ſe deſcobre por ſi, e he porque tambem os Anjos querem moſtrar que naõ chegaõ a comprehender quem he S. Franciſco. Como a virtude, e a graça o fez ſemelhãte ao Filho de Deos: *Similis Filio Dei*, parece nos quizeraõ enſinar os Anjos, que o conhecello he reſervado para o Eterno Padre: *Nemo novit Filium, niſi Pater.*

7 Já agora deſculpado fico, naõ ſabendo dizer quem he S. Franciſco. Mas como neſte dia, apartandoſe da terra, e dos homens, ſobia S. Franciſco para o Ceo, e para os Anjos, como Eſtrella, como Lua, e como Sol; para ſatisfazer à obrigaçaõ de Orador, veremos a S. Franciſco como Eſtrella: *In ſpecie ſtellæ*; como Lua: *Inſtar Lunæ*: e como Sol: *Inſtar Solis.* Das apparencias, que tomou a alma de S. Franciſco, quãdo em ſeu glorioſo tranſito ſe apartou dos homens, apparecerà em tres pontos deſte Sermaõ reveſtido agora na terra; e veremos por meyo deſtas ſemelhanças, o que em propria realidade naõ chegamos a comprehender, pois atè niſſo he S. Franciſco ſemelhante ao Filho de Deos: *Similis Filio Dei. Nemo novit Filium, niſi Pater.* Peçamos a Deos, para ponderaçaõ da materia propoſta, auxilios de ſua graça por interceſſaõ de Maria Santiſſima.

AVE MARIA.

§. II.

§ II.

Nemo novit Filium, nisi Pater.

8 AQuelle Apostolo do terceiro Ceo, que por privilegio da Omnipotencia fitou os olhos na Divina essencia (quanto se pòde ver nesta vida) disse que na terra só conhecemos a Deos por enigma: *Videmus nunc per speculum in ænigmate.* E a S. Francisco, tal he a grandeza de sua virtude, e a limitaçaõ de nosso entender, que a naõ ser por enigma, cõ difficuldade o conheceremos. Figuray hum Astro, q̃ da terra vay sobindo ao Ceo, cujo aspecto he de Estrella; o corpo, e grandeza da Lua: a luz, e o resplandor do Sol; e perguntay aos Mathematicos, que novo Astro he esse? Certamente vos responderaõ ser hum enigma, que tem mais de escuro, que de luzido. Ser Astro, e sobir da terra! Estrella, e parecer Lua! Como Lua, e com luzimentos de Sol! Se a luz sendo muita, faz cegar, cego ficarà quem empregar os olhos neste enigma, para o explicar. 1. ad Corint. c. 13. v. 12.

9 Mas como o dia nos facilita o acerto, entendido temos jà, que esse novo Astro, e desconhecido Globo de luz, he hum enigma de S. Francisco, o qual sendo brilhante Estrella do Firmamento Catholico, tambem foy resplandecente Lua da Militante Igreja, e radiante Sol do novo Ceo, que produzio como Author da graça o Author da natureza. Vamos descobrindo, e seguindo as propriedades destas semelhanças.

10 Eſtrella foy S. Franciſco: *In ſpecie ſtellæ*; porque brilhou como Eſtrella no Firmamento da Igreja. As Eſtrellas viſtas da terra ſaõ muy pequenas; conſideradas em ſi, ſaõ muito mayores, que a Lua. Filippe Abbade fez hum circulo de Eſtrellas, e no centro delle retratou a Lua com a ſeguinte letra: *Quæ minora, majora.* O que parece menor, he o mayor. Temos neſſas Eſtrellas hum raro ſymbolo de S. Franciſco. Elle à viſta he hum Frade Menor, e o menor dos homens; mas ſe o rodeardes de Santos, ſerà mayor, poſto que Menor. Tanto mayor, que a Lua, he qualquer Eſtrella, que muitos circulos da Lua, quando chea, bem cabem dentro de huma ſò Eſtrella. Taõ grande he a Santidade de S. Franciſco, que nella ſe recopilaõ as mais virtudes dos Juſtos: *In Franciſco, velut in epitome quadam, ſimul omnes illas prærogativas in unum collegit.* Eſcreve Paoleto.

Mundus Symbol. lib. 1. c. 7. n. 325.

Paol. Serm. S. Franc.

11 Querendo Zeuxis, pintor inſine, reduzir a hum quadro o mayor aſſombro da fermoſura, ajuntou nelle quantas perfeiçoens vio diſperſas nas gentilezas mais affamadas de Grecia; e ſahio com hum painel, ou de Juno como dizem huns, ou de Helena, como affirmaõ outros. Querendo Deos Senhor noſſo formar hũ Santo admiravel, e aſſombroſo, ajuntou em hum ſò quanto havia ſingular em todos. E que ſahio deſte agregado de perfeiçoens? Hum S. Franciſco de Aſſis, Epitome de todos os Santos, Exemplar de Juſtos, e Prototypo, que haõ de imitar quantos deſejaõ ſer Santos.

12 Diz S. Paulo, que Deos Senhor noſſo de tal ſorte lança as linhas para a formaçaõ dos Santos, que venhaõ todos a ficar conformes, e parecidos com a imagem de ſeu Filho: *Prædeſtinavit conformes fieri imagi-*

Ad Rom. c. 8.

nis

nis Filii sui. Grande difficuldade acho neste lugar! Se nos dissera o Apostolo, que Deos faz os Justos conformes, e parecidos com Christo seu Unigenito Filho, naõ tinhamos occasiaõ de reparo, porque he Christo o Exemplar, que devem seguir, e imitar os homens. Porèm talhados pela imagem de Christo, e com ella conformes: *Conformes fieri imaginis Filii sui?* Que imagẽ he esta? Pergunta, e examina a agudeza de Caetano. S. Francisco lhe respondera eu; porque he S. Francisco huma viva imagem de Christo Filho de Deos: *Franciscum viva Christi imago*, disseraõ huns. *Imaginem Filii Dei*, lhe chamaraõ outros. Ordena pois a eterna predestinaçaõ, que os Santos sejaõ talhados por esta imagem do Filho de Deos; dispoem, que se conformem com esta imagem de Christo, porque quando a Providencia inscrutavel ornou a S. Francisco de tantas virtudes, foy para que servisse de Prototypo, e Exemplar a todos os que forem Santos: *Prædestinavit conformes fieri imaginis Filii sui. Franciscus viva Christi imago. Imaginem Filii Dei.*

Bosquier S. 51. de S. Fr. Ildeph. de Andr. supr. citatus.

13 Sendo pois S. Francisco o Exemplar, para os mais Santos se copiarem, sendo o Prototypo imitavel dos Justos, precisso era se recopilassem nelle todas as virtudes, com que os mais Santos resplandeceraõ. Fallando o Real Profeta ao Eterno Padre, lhe faz esta mysteriosa expressaõ: *Tecum principium in die virtutis tuæ, in splendoribus Sanctorum.* Ou como lé Apollinario, *cum spendoribus Sanctorum.* Em vòs, Senhor, e comvosco inseparavel està o Divino Verbo, ornado com os resplandores de todos os Santos, e com as virtudes de todos os Justos. E que ornato podem fazer ao Divino Verbo as virtudes das creaturas? Naõ necessita o Sol do luzimento de Estrellas, porque delle

emanaõ as luzes, com que estas brilhaõ: e pela mesma razaõ muito menos necessita o Verbo Increado dos resplandores dos Justos. Pois com que mysterio diz David, que se orna o Filho de Deos com os resplandores dos Justos: *Cum splendoribus Sanctorum?* Porque o Verbo Divino he principio, e he Exemplar de toda a virtude para ser imitado dos Santos: *Tecum principium in die virtutis tuæ.* Mais para o intento o insigne Valencia: *Tecum principium exemplare.* E sendo o Verbo Divino Exemplar para a virtude dos Justos, deviaõ resplandecer nelle, e estar nelle recopiladas todas as luzes da graça, com que resplandecem os Santos: *Tecum principium exemplare, in die virtutis tuæ, cum splendoribus Sanctorum.* Estejaõ pois tambem recopiladas em S. Francisco todas as virtudes dos Justos; porque havia de ser S. Francisco o Exemplar imitavel dos Sãtos: *Prædestinavit conformes fieri imaginis filii sui. Franciscus viva Christi imago.*

14 Qual foy o Santo, que do Serafim humano Francisco naõ copiasse as virtudes com que brilhou? A todo o Mundo he a vida de S. Francisco o Exemplar mais seguro: *Totus Mundus ejus vitæ lectione instrui possit, & ad amorẽ Dei per Francisci exemplũ instaurari,* disse o Bispo de Verona. Ponde tambem a consideraçaõ nesses Santos, que antecederaõ a S. Francisco, e vereis de quantos foy Exemplar; pois tambem delles foy imitado. Antes de vir S. Francisco ao Mundo, já na terra era visto o seu retrato, que na Igreja Patriarcal de Veneza o mandou effigiar meu Abbade Joaquimo, para que ainda os Santos, que lhe antecederaõ, vissem o Exemplar, que seguiaõ, e o Prototypo, que imitavaõ.

Aloysius Episc. Veron. in vitam S. Franc. à Div. Bonav. scriptam.

15 O exemplar pòde ser interior, ou exterior. Se he ex-

he exterior, primeiro vemos o original, que a copia. Primeiro foy Alexandre viſto no Mundo, e depois Lizippo o eſculpio. Porèm ſe o exemplar he interior, primeiro vemos o retrato, que o original. Primeiro via Roma os quadros de Apelles, do que lhe penetraſſe a interior idêa, que elle intentava manifeſtar aos olhos. Nos Santos, que vieraõ ao Mundo depois de S. Franciſco, primeiro foy o Exemplar, que o retrato. E nos que floreceraõ antes, moſtrava-ſe nelles o exterior transumpto, ſem ſe ver a interior idéa, que elles imitavõ.

16 Se a luz da natureza guiara os Santos pelo caminho do Ceo, e da virtude, naõ poderiaõ os mais antigos imitar a S. Franciſco antes de o terem viſto na terra. Mas como os progreſſos da Santidade ſaõ dirigidos pela Divina graça, bem podia eſta imitar as virtudes de S. Franciſco antes da ſua exiſtencia na terra, porque jà as previa para as ſeguir. E aſſim huns Santos previaõ as virtudes de S. Franciſco para as imitar dantes; outros as viraõ para as ſeguir depois. Se o permittira o tempo, podera eu moſtravos como foy S. Franciſco hum Exemplar, de que os mais dos Santos foraõ imitadores; mas como taõ dilatada inducçaõ naõ ſe pòde eſtreitar à brevidade deſte diſcurſo, recopilarey a demoſtraçaõ nas vidas dos Patriarcas, ſeguindo a ordem, e chronologia dos tempos.

17 Santo Elias, em ambos os Teſtamentos grande Padre da vida monaſtica, tinha as chaves das nuvens, para fertilizar a terra a ſeu arbitrio. S. Franciſco encheo todo o Mundo de tanta fertilidade, que a hum ſeu ſervo revelou Deos, naõ padeceria a terra penuria em quanto S. Franciſco viveſſe nella. S. Paulo, primeiro Pay dos Eremitas, foy taõ ſingularmente pobre,

bre, que nem huma mortalha teve, para ſe ſepultar. S. Franciſco foy o Patriarca dos pobres, e taõ amante da pobreza, que della ſe intitulava eſcravo, e a deixou por patrimonio a ſeus filhos. S. Baſilio, verdadeiramente Magno pela magnanimidade, com que deſprezou a graça dos Emperadores, e pela fortaleza, cõ que appetecia o martyrio, foy hum tranſumpto de S. Franciſco, que aſperamente ſe caſtigava, vendo que os Principes o eſtimavaõ, tendo por culpa grave ſer venerado dos Grandes: e com tanta reſoluçaõ buſcou o martyrio, que a ſua fortaleza ainda me fica por examinar ſe era dom, ou ſe era virtude. O Maximo Doutor, e Padre Eminentiſſimo S. Jeronymo do bruto mais feroz era ſervido. S. Frãciſco era obedecido das aves, e das feras. S. Agoſtinho Luz para a Igreja, e Rayo para os Hereges, deſejava que o ſeu corpo todo foſſe huma alampada, em que inextinguivelmente lhe ardeſſe a alma no amor de Deos. S. Franciſco tanto no amor de Deos ſe abrazou, que mereceo o titulo de Serafim humano. De S. Bento, meu Patriarca Santiſſimo, naõ buſco virtude ſingular em S. Franciſco; porque ſe o Principe dos Patriarcas foy cheyo do eſpirito de todos os Juſtos, como diz S. Gregorio Magno, iſſo he o que eu moſtro em S. Franciſco. S. Bruno, honra de Colonia, e credito de Pariz, foy o aſſombro da penitencia, e da caſtidade. S. Franciſco na pureza foy milagre, e na mortificaçaõ tambem. Os pios, e maravilhoſos S. Joaõ da Matta, S. Feliz de Valois, e S. Pedro Nolaſco tiveraõ o titulo de Redemptores. S. Franciſco teve as Chagas, e ſinaes de noſſa Redempçaõ. S. Domingos, benigna Eſtrella do myſtico Firmamento, foy o mais obſequioſo devoto da Soberana Rainha dos Anjos. S. Franciſco, por ſer muy devoto ſervo da Im-

Div. Greg. lib. 2. Dialog. cap. 9.

macu-

maculada Virgem, buſcou o Templo de N. Senhora dos Anjos, para a ſervir, e louvar continuamente. S. Franciſco de Paula, Patriarca exaltado pela humildade, no zelo da inſtituiçaõ da ſua Ordem, na incorrupçaõ de ſeu corpo depois de cincoenta e cinco annos de ſepulchro, no proprio nome, e nos primeiros rudimentos de ſua vida religioſa foy hum treslado de S. Franciſco. O admiravel S. Caetano, evidente prova, e continuado milagre da Providencia Divina, lamentava com lagrimas copioſiſſimas, que os homens offendeſſem a Deos ſeu Creador. S. Franciſco tantas lagrimas derramou pelos peccadores, que a força dellas lhe tirara a viſta, ſe milagroſamente lha naõ conſervara Deos, para utilidade da ſua Igreja. O glorioſo Portuguez S. Joaõ de Deos, cujo nome lhe ſerve de elogio, todo ſe empregava na cura dos enfermos a impulſos de ſua ardentiſſima caridade. S. Franciſco buſcava os leproſos para os ſervir, attendendo mais para a neceſſidade alhea, que para o damno proprio. S. Ignacio, braço invencivel para defender a Igreja, e aſſolar a infidelidade, foy o terror do Inferno, e o Propagador da Fé; porque com o ſeu nome affugentava demonios, e com o ſeu zelo mandava pelo Mundo Varoens Apoſtolicos, que o converteſſem. S. Franciſco tinha taõ grande imperio ſobre os demonios, que baſtou mandar de ſua parte aviſo a huma grande multidaõ de demonios reſidentes em certa Cidade, para que logo a deixaſſem todos. E a penas inſtituhio a ſua Religiaõ, quando deſpachou logo Prègadores Apoſtolicos, inſignes em virtude, e zelo, para converſaõ do Mundo. O certo he, que como Deos queria a S. Franciſco para Exemplar dos Santos, nelle havia de recopilar as virtudes, que os mais houveſſem de ſeguir:

Præ-

Prædestinavit conformes fieri imaginis Filii sui Franciscus viva Christi imago. In Francisco velut in epitome quadam simul omnes illas prærogativas in unum collegit.

18 Agora quizera eu ponhais o pensamento em S. Francisco, e os olhos na sua imagem. Naõ vedes o como avulta pouco entre os Santos? Huns se mostraõ ornados com Tiaras, como os Anacletos, os Gregorios, os Leoens; outros com Coroas, e Sceptros de Emperadores, e Reys, como S. Henrique, S. Luiz, S. Casimiro: outros com Capellos, porque foraõ Cardeaes, como S. Pedro Damiaõ, S. Boaventura, S. Carlos Borromeu; outros com Mitras, como S. Martinho, S. Fructuoso, S. Ildefonso; outros finalmente com pennas, e livros, como S. Agostinho, S. Jeronymo, S. Thomaz. Como vedes porèm a S. Francisco? Chagado, descalço, atando com huma corda o sayal, que apenas lhe cobre as carnes. Pois sabey que parecendo pequeno, e avultando pouco, comprehende em si a virtude de todos esses Santos: *In Francisco velut in epitome quadam simul omnes illas prærogativas in unum collegit.*

19 He S. Francisco entre os Santos, o que a Eucharistia entre os Sacramentos. S. Francisco recopilando em si os mais Santos; e na Eucharistia comprehendidos os Sacramentos: *Eucharistiæ habenti quasi in capitulo, & in summa omnia, quæ alia Sacramenta habent singilatim,* disse S. Thomaz. Sabeis qual he o throno de S. Francisco no Ceo? O lado Sacramental de Christo: *Franciscus in Cælo est intra vulnus Lateris Christi:* E arazaõ he, porque em S. Francisco estaõ todos os Santos recopilados. Naquelle sangue, que emanou do Lado de Christo aberto, dizem os Theologos, e Expositores, que se figurava o Sacramento do Altar: *Sanguis sacram*

D. Thom. in Tabulla aurea, v. Euchar. Cardin. Piza. Assorg. Privil. 46.

sacram Eucharistiam repræsentans. Pois se o lado de Christo foy Sacrario deste, como o naõ foy de todos os Sacramentos? Porque como todos se incluhiaõ no Eucharistico, para que todos estivessem naquelle lado, bastou que o Sacramento da Eucharistia se achasse nelle. Tambem emanou agua do mesmo lado, na qual se representavaõ os homens: *Aquæ quas vidisti, populi sunt, & gentes.* Mas nesse lado só S. Francisco foy visto; porque como neste Patriarca se recopilaõ todas as virtudes dos Justos, para que estas tenhaõ lugar no lado de Christo, basta que S. Francisco se veja collocado nelle. Gonet. tom. 5 disp. 3. de Eucha. art. 3. n. 31. Sylv. tom. 5. lib. 8. c. 20. n. 51. Apoc. 17.

20 Naõ há mayor grandeza para hum Santo, que parece entre todos o menor. He o Ceo a mayor porçaõ de Deos, porque em sua vasta esféra todo o creado se encerra. Parece naõ haver mayor Santo, que o Patriarca dos Menores, pois he hum epitome dos mais Santos. Naõ sey se pondes alguma duvida a tanta grãdeza. Que em hum só diamante se comprehenda a fineza de todos os cristaes, ou que em hum Anjo se encerrem as perfeicoens de todos os homens; bem: porque em huma natureza superior estaõ as inferiores recopiladas. Mas que, contra o que distinguem os olhos, hajamos de dar a S. Francisco taõ grande excesso? Sim: nem he muito ver tanta Santidade recopilada em S. Francisco, que a outros Santos excede, quanto pòde hum Cherubim exceder, comparado aos homens.

21 Quando junto ao rio Cobar vio Ezechiel a celebrada Carroça triunfal de Deos, os animaes, que por ella tiravaõ, eraõ quatro, Homẽ, Leaõ, Novilho, e Aguia. E diz o meu insigne Caramuel, que no Homem se representava o Patriarca S. Agostinho; no Leaõ o Patriarca S. Basilio; no Novilho o Patriarca S. Fran-

Ezech. c. 1. v. 10. Franciſco; e na Aguia meu Patriarca S. Bento: *Facies hominis, & facies Leonis, à dextris ipſorum quatuor: facies autem bovis, à ſiniſtris ipſorum quatuor: & facies Aquilæ deſuper ipſorum quatuor.* Diz o Profeta. Expoem agora o inſigne Commentador deſte lugar, e das quatro Regras dos Patriarcas: *Leo Baſilius; Homo Auguſtinus; Aquila Benedictus; Bos Franciſcus.*

Caram. Theol. Reg. tom. 1. in Fró tiſpic. operis.

Mas aqui ſe me offerece hum reparo.

22 Eſtando em Jeruſalem, torna Ezechiel a ver a meſma Carroça, mas com variedade em hum animal. Vio o Homem, o Leaõ, e a Aguia, o Novilho naõ; mas vio em ſeu lugar hum Cherubim: *Facies una facies Cherub: & facies ſecunda facies hominis: & in tertio facies Leonis; & in quarto facies aquilæ.* E com tudo o Profeta affirmou tres vezes, q̃ o animal agora viſto em Jeruſalem, era o meſmo, que no rio Cobar lhe havia apparecido: *Ipſum eſt animal, quod viderat juxta fluvium Chobar.* Graviſſima difficuldade! Se no rio Cobar vé hum Novilho, *facies bovis*, ſe em Jeruſalem vè hum Cherubim, *facies Cherub*; como nos perſuade o Profeta com tanta repetiçaõ, que o animal era ſempre o meſmo? Porventura eſte Cherubim, e aquelle Novilho eraõ huma meſma couſa? Sim, q̃ no Novilho S. Franciſco ſe figurava: *Bos Franciſcus*; e eſte Patriarca entre os mais, eſte Santo a outros comparado, transforma-ſe em Cherubim, para que ſe veja em Franciſco, ſendo Cherubim, o exceſſo, que leva a outros Santos; que he naõ menos, que quanto a hum homem excede hum Cherubim: *Facies Cherub.*

Ezech. c. 10. v. 14.

Ibid. v. 15. v. 20. v. 22.

Eu

§. IV.

23 EU naõ intento privar aos mais Santos das mayorias, que por direito lhe tocaõ Reconheço a preferencia, que a Igreja dá ao grande Bautista, e aos Sagrados Apostolos. Mas S. Francisco grãgeou na Corte Divina huma mayoria, que nas Cortes humanas he a mais estimada, e a mais appetecida.

24 Os mayores Titulos nas Cortes mais illustres do Mundo aspiraõ sobir ainda a mayor grandeza, que he a do valimento com o Soberano, para o que tantas vezes se atropelaõ as consciencias sẽ memoria da eternidade. Se naõ houvera outra vida mais que a temporal, tambem naõ haveria sobre o valimento mais que appetecer; porque o Principe domina as vontades dos vassalos; e o valido predomina o coraçaõ do Rey, que o admittio. Foy censura de hum applaudido mestre da doutrina politica, q̃ os validos de Filippe Segundo de Castella repartiaõ entre si o coraçaõ do Rey pela muita posse, que nelle tinhaõ. A esta grande ventura sobio S. Francisco para com o Rey de todos os Reys. Teve com elle a mayoria de valido, occupando segura, e socegadamente o coraçaõ de Christo, porque pela porta do lado só se via entrar, e estar Francisco naquelle peito. E que mayor grandeza! Saavedra Empr. 49.

25 Questaõ foy muitas vezes discutida entre os Discipulos de Christo, qual delles seria o mayor no Reyno do Ceo? Decidio o tempo, mostrando que S. Pedro a todos foy preferido. Nesta mayoria colloca do S. Pedro, reparou em Joaõ, Discipulo o mais amado de Christo, e que na Cea foy visto sobre o seu peito; quando admirado o grande Apostolo de que naõ levasse

vaſſe Joaõ aquella mayoria, fez a Chriſto eſta pergun-
Joan. 21, ta, mais chea de brio, e honra, que de curioſidade: *Domine, hic autem quid?* Senhor, que preeminencia tendes para eſte Diſcipulo, voſſo mimoſo, evalido? Re-
Ibid. poſta admiravel! *Sic eum volo manere.* Só quero que fique aſſim. E como? Aſſim como S. Pedro o via: *Hunc ergo cùm vidiſſet Petrus, dixit JESU: Domine, hic autem quid? Dicit ei JESUS, ſic eum volo manere.* Notemos agora o como Joaõ foy viſto de Pedro.

26 Via Pedro, que Joaõ era o amado, e o mimoſo de Chriſto: *Vidit illum Diſcipulum, quem diligebat JESUS.* Via, que Joaõ na Cea eſtivera no lado de Chriſto: *Qui & recubuit in cœna ſupra pectus ejus.* Bem; pois aſſim, e ſò com iſſo fique S. Joaõ; porque ſe era o mimoſo, e o valido, naõ podia ſer mayor: e ſe eſteve no lado de Chriſto, naõ podia jà ſobir a melhor Throno: *Vidit illum Diſcipulum, quem diligebat JESUS, qui & recubuit in cœna ſuper pectus ejus, Sic eum volo manere.*

27 Concluamos aqui as mayorias de S. Franciſco, e fique tambem aſſim; porque nem pòde ſobir a mais, nem ſer mayor. Chegou S. Franciſco a ſer o Santo do coraçaõ de Chriſto. Oh aſſombro! Chegou a collocar-ſe no Throno do ſeu Divino peito. Oh admiraçaõ! Pois entendamos, que tem no Reyno do Ceo a mayoria mais appetecida; e ſeguramente o intitulemos o mayor entre os Santos, poſto que pareça o menor. Mas iſſo he ſer com propriedade Eſtrella, em cuja figura foy hoje viſto ſobir ao Ceo: *In ſpecie ſtellæ.*

§. V.

28 TAmbem por suas virtudes foy S. Francisco assemelhado à Lua: *Instar Lunæ.* Cõparando-os à Lua, condemnou Salamaõ os nescios pela inconstancia: *Stultus sicut Luna mutatur.* Mas nessa mesma variedade tenho eu o mayor elogio para S. Francisco. Naõ há instante, em que este Planeta naõ conte huma mudança, nem dia, em que se lhe naõ veja differente aspecto. Mas se bem attendermos, saõ apparentes as variedades, que notamos na Lua; porque na parte superior, que olha para o convexo do celeste orbe, sempre se conserva inteira na luz, e sempre no resplandor enchente: *Dum minus elucet, magis æthere Cynthia lucet.* Tambem S. Francisco na parte superior de sua alma, sempre fixo nas virtudes, sempre abrazado no amor de Deos, sò no juizo dos homens parecia ter (como ouvireis) huma continua variedade, e huma inconstancia perpetua. Carduelus

29 Quando os sogeitos saõ raros, e transcendentes da ordinaria grandeza, a cada emprego dos olhos se forma delle hum diverso conceito no entendimento. Do Bautista differaõ alguns que era Elias; outros o equivocàraõ com os Profetas; e naõ faltou quem o tivesse por Messias. Era o Bautista Santo, naõ de ordinaria, mas de mayor grandeza: *Non surrexit maior;* era Santo, que servia de admiraçaõ a todos: *Mirati sunt universi*; e precisamente havia de causar a cada mudança da vista novo conceito na intelligencia. Houve tambem em S. Francisco huma virtude taõ rara, q̃ poz o Mundo todo em assombro: logo nos juizos delle havia de encontrar S. Francisco huma variedade de conceitos. Luc. 1.

30 Ainda q̃ huns o tinhaõ por novo homem, pela natureza, em que dos mais se naõ distinguia; outros por Anjo, pelo excesso de suas virtudes: outros por Christo, pelo muito, que lhe era assemelhado, eu hey de ponderar brevemente antes de outra a primeira variedade, que em S. Francisco houve, e esta foy no appellido.

(2) Jacobus de Vorag. in Legen. S. Francisci.

31 Teve este Patriarca dous nomes, o primeiro foy Joaõ, e o segundo Francisco. (2) O de Joaõ se interpreta graça pela muita, com que o dotou a Divina maõ. O de Francisco exprime que por si, e seus Filhos libertaria este Patriarca a muitos homens da escravidaõ da culpa, e do demonio: *Ut per hoc daretur intelligi, quòd ipse per se, & filios suos multos servi peccati, & diaboli, debebat francos, & liberos facere.* Esta mudança, que, a naõ ser milagrosa, naõ parecera acertada, foy verdadeiro indicio de virtude rara; porque, deixando o primeiro pelo segundo nome, o de Joaõ pelo de Francisco, mostrava que mais apreço fazia do nome, em que se inculcava libertador dos homens prezos pela culpa, e escravos do demonio, que do appellido, em que se declara a graça, com que o enriquecera Deos.

Vorag. cit.

32 Dous nomes foraõ destinados para Christo; o de Manoel, e o de JESUS. O primeiro foy o de Manoel, vaticinado por Isaias: *Vocabitur nomen ejus Emmanuel.* O segundo foy o de JESUS, annunciado na Encarnaçaõ por hum Anjo: *Vocabis nomen ejus JESUM.* Chegado porèm o dia da Circumcisaõ, em que se devia dar nome a Christo, diz S. Lucas que lhe puzeraõ, naõ o primeiro, mas o segundo; naõ o de Manoel, mas o de JESUS: *Vocatum est nomen ejus JESUS.* E porque razaõ se deixa o nome de Manoel, q̃ era

Isa. 7.

Luc. 1. v. 31.

Luc. 2.

era o primeiro, pelo de JESUS, que era o ſegundo? Na differença das ſignificaçoens eſta a razaõ, que buſcamos. Porque ainda que ambos eſtes nomes venhaõ dizer o meſmo em ſubſtancia, com tudo o nome de Manoel expreſſa a natureza Divina, e nome de Jeſus exprime o officio de Redemptor: *Emmanuel ſignificat naturæ excellentiam, JESUS Redemptoris officium indicat.* E na eſcolha de Chriſto tem preferencia o nome de Redemptor ao nome expreſſivo da Divindade. A graça he huma participaçaõ da natureza Divina, e por ella nos fazemos adoptivos filhos de Deos. No nome de Joaõ ſe repreſentava eſſa graça, e adopçaõ Divina; no de Franciſco a virtude de Redemptor, quando com ſeu exemplo, e doutrina livraſſe os homens do cativeiro da culpa, e do demonio. Mas na eſtimaçaõ de Franciſco he preferido o nome de Redemptor ao nome da graça, querendo ſer mais nomeado pelo fruto de noſſas almas, do q̃ pela participaçaõ da natureza Divina por graça. E tanto teve eſta mudança de diſcreta, quanto nella ſe vio imitado Chriſto por Franciſco.

Sylv. tom. 1. in Euang. Lib. 2. c. 3 q. 9. n. 39.

33 E bem era que na mudança, e variedade do nome foſſe Franciſco imitador de Chriſto, pois que na virtude, e no eſpirito ſe havia mudar, e transformar de Franciſco em Chriſto: *Per incendium mentis, totam in Chriſti JESU crucifixi expreſſam ſimilitudinem tranſformandum*, eſcreve S. Boaventura. Oh admiravel mudança, e prodigioſa variedade! Tanto foy a mudança prodigioſa, quanto foy admiravel a transformaçaõ; porque conſiſtio eſta ſegunda variedade em ficar S Franciſco transformado em Chriſto com tanta propriedade, que parece andava a Divina graça empenhada a copiar em Franciſco as acções de Chriſto.

Div. Bonav in leg. S Fr. cap. 13.

to. Ora ouvi, e attendey.

34 Em hum Preſepio naſceo Chriſto, e os Anjos o feſtejáraõ com melodias. Naſce Franciſco em hum preſepio, e ao meſmo tempo cantaõ os Anjos na Porciuncula. Tres Reys do Oriente adoràraõ a Chriſto naſcido. No berço eſtava Franciſco, quando com altiſſima Providencia paſſando por Aſſis os corpos dos Santos Magos, ajoelhou o camelo, que os carregava, adorando o Santo menino. Chriſto foy appreſentado ao Sacerdote Simeaõ, e eſte o profetizou luz da gentilidade: *Lumen ad revelationem gentium.* Franciſco ſe appreſentou ao Biſpo de Aſſis, e eſte o vaticinou luz da barbaridade. Chriſto eſcolheo doze Apoſtolos para fundar a ſua Igreja. Elegeo Franciſco doze diſcipulos para inſtituir a ſua Religiaõ. Antes de morrer inſtituhio Chriſto o Sacramento de ſeu amor, dando aos Apoſtolos o ſeu corpo com o diſfarce de paõ. Franciſco antes de expirar, repartio entre ſeus diſcipulos hum paõ, dandolhes em cada bocado muitos alentos de caridade. Chriſto foy crucificado por noſſo amor. Em Franciſco eſtaõ vivas as chagas, com que ſe crucificou por amor de Chriſto. Finalmente do Sepulchro reſuſcitou Chriſto, e da ſepultura reſurgio Franciſco.

35 Agora penetro eu o fundamento, e deſcubro o acerto, com que os Eſcritores attendendo para eſtas mudanças, e transformaçoens de S. Franciſco, uniformes o intitulaõ Imagem viva de Chriſto: *Franciſcus viva Chriſti imago.* Porque tanto ſe foy transformando Franciſco em Chriſto, tanto com elle chegou a ſer ſemelhante, que baſtaria ver hum, para conhecer o outro; porque ſeria o meſmo ver a Franciſco, que ver a Chriſto.

Hum

36 Hum inſigne pintor apurando a arte, ſe empenhava em fazer huma devota Imagem de Chriſto, e depois da ultima tinta, olhando os circunſtantes para o painel, ſe acharaõ com huma Imagem de S. Franciſco, ſendo entaõ o meſmo, olhar para Chriſto, e ver a Frâciſco. Hum Monge Bento de Ciſter vio a Chriſto nas praças de Roma prégando em trages de S. Franciſco, ſendo neſte caſo o meſmo ver a Franciſco, e ver a Chriſto; porque em huma milagroſa variedade Chriſto ſe transfigurava em Franciſco, e na outra Franciſco ſe transformava em Chriſto. Bened. Sociac. fol. 19 Speculum vit. S. Fr. fol. 218.

37 Martinho Burgenſe reparou neſtas milagroſas metamorfoſes, e vendo a S. Franciſco taõ mudado em Chriſto, naõ duvidou intitular a S. Franciſco outro Chriſto: *Alter Chriſtus.* Hum, e outro eraõ o meſmo Chriſto ſem implicancia nos termos; porque na ſubſtancia Franciſco, e Chriſto ſaõ diverſos: Chriſto he hum, Franciſco he outro; nos accidentes porém hum, e outro vinhaõ a ſer o meſmo. De ſorte, que aſſim como na ſubſtancia Chriſto he a figura, e imagem de Deos; aſſim nos accidentes Franciſco he a figura, e imagem de Chriſto: *Chriſtus eſt figura ſubſtantiæ Dei; Franciſcus verò eſt figura accidentium Chriſti.* Diz Boſquier. Burg. in Suzan. p. 1. illuſtr. 11. in v. 2. n. 112.

38 Parece-me S. Franciſco huma nova Euchariſtia, ou hum novo Sacramento da Igreja. Houve jà quem o entendeo aſſim: *Erat enim velut alterum Sacramentum.* Na Euchariſtia cremos que eſtà a ſubſtancia de Chriſto; em Franciſco vemos que eſtaõ os ſeus accidentes. No Sacramento eſtà Chriſto para a noſſa Fê: em Franciſco eſtà Chriſto para a noſſa viſta. No Sacramento ſe expoem Chriſto ao voſſo entendimento; em Franciſco eſtá expoſto aos voſſos olhos. E eſtà Chriſto eſcondido no Sacramento, e eſtà manifeſto em Frâciſco. Apud Aran. tom. 1. Serm. de S. Fr.

ciſco. Parece Franciſco hum complemento da Euchariſtia; porque em S. Franciſco póz Chriſto o que nos falta no Sacramento. Notay.

39 Dà-nos Chriſto o ſeu Corpo no Sacramento, e naõ logramos os accidentes delle, porque os naõ vemos. Porèm ſe olhamos para Franciſco, nelle acharemos os accidentes de Chriſto. Logo vem a ſer S. Franciſco hum complemento da Euchariſtia. Em minha carne (dizia S. Paulo) dou complemento àquellas couſas, que faltaõ da Paixaõ de Chriſto: *Adimpleo ea, quæ deſunt paſſionum Chriſti in carne mea.* Difficultoſo Texto! He certo, que Chriſto conſummou na Cruz a ſua Paixaõ: *Conſummatum eſt.* Pois que faltava para ainda ſe conſummar em Paulo? Nada; mas eu quero entender, que o Apoſtolo fallava da Paixaõ de Chriſto no Sacramento, onde tambem recopilou Chriſto a ſua Paixaõ: *Recolitur memoria Paſſionis ejus.* Temos para abono deſta intelligencia o meſmo Texto, que continùa aſſim: *Ut adimpleam verbum Dei, myſterium quod abſconditum fuit à ſæculis, & generationibus, nunc autem manifeſtum eſt ſanctis ejus, quibus voluit Deus notas facere divitias gloriæ Sacramenti hujus.* Dava S. Paulo complemento à Paixaõ de Chriſto no Sacramẽto; porque ſe na Euchariſtia naõ vemos os accidentes da Paixaõ de Chriſto, em S. Paulo ſe repreſẽtavaõ eſtes, pois em ſeu corpo tinha o Apoſtolo recebido varias chagas por amor de Chriſto: *Stigmata Domini JESU in corpore meo porto.* E com eſtes accidentes, e aquella ſubſtancia Euchariſtica parece ſe completava o q̃ falta da Paixaõ de Chriſto no Sacramento: *Adimpleo ea, quæ deſunt paſſionum Chriſti in carne mea. Ego enim ſtigmata Domini JESU in corpore meo porto.*

Ad Coloſſ. c. 1. n. 24.

Ad Gal. 6.

40 Da meſma ſorte he S. Franciſco hum complemento

mento Euchariſtico; porque hè S. Franciſco outro Sacramento: *Erat enim velut alterum Sacramentum*, onde ſe eſtaõ vendo os accidentes de Chriſto; porque a figura, e accidentes de Chriſto, que naõ vemos no Sacramento, vemos em S. Franciſco: *Franciſcus eſt figura accidentium Chriſti.*

41 Parece queria Chriſto manifeſtar ao Mundo a vehemencia de ſeu amor para com S. Franciſco, quando com ineſtimavel variedade imprimio nelle huma imagem ſua; porque encareceo por inexplicavel o ſeu amor, quando retratou em Franciſco a ſua imagem. Quiz o Filho de Deos explicarnos o amor do ſeu Eterno Padre para com os homens, e moſtrou, que era inexplicavel taõ grande amor na meſma fraſe, com que o encareceo: *Sic Deus dilexit mundum*, diſſe Chriſto: amou Deos o Mundo aſſim. E como aſſim? Iſſo naõ explicou o Divino Meſtre; porque eſſe amor era inexplicavel. Mas para que o entendamos, notay no que proſeguio: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret.* De tal ſorte amou Deos o Mundo, que lhe deu ſeu Filho. Pois naõ haveria outro termo para ſe declarar eſſe amor? Dar o Padre ao Mundo ſeu Unigenito Filho na Encarnaçaõ feito homem menos foy, que o mandallo a morrer na Cruz pelos homens; porque mayor fineza era o padecer, que o encarnar. Pois como excogita Chriſto, para explicar em Deos hum inexplicavel amor, a dadiva de ſeu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret?* Porque o Filho hè huma imagem do Pay, e dar o Padre huma ſua imagem ao Mundo, era o mayor encarecimento de ſeu amor: *Sic Deus dilexit mundum, &c.*

42 Dá tambem Chriſto a Franciſco huma ſua ima-

gem. Pois que demoſtraçaõ mayor de ſeu amor? Quero que percebais o profundo deſte encarecimento. O homem recebendo hypoſtaticamente a imagem natural de Deos na Encarnaçaõ, ficou ſendo Deos pela uniaõ das duas naturezas em huma Peſſoa Divina. E que mayor amor? Franciſco recebendo a imagem accidental de Chriſto, ſe mudou, quanto à noſſa viſta, em outro Chriſto: *Alter Chriſtus.* Pois tambem que mayor amor? Nem mais amor da parte de Chriſto, nem mais ditoſa mudança da parte de Franciſco; porque, ſe na mudança imitou a Lua, pelo amor de Chriſto chegou, como perfeita Lua, à mayor enchente dos celeſtiaes favores: *Inſtar Lunæ.*

§. VI.

43 MOſtrarey agora a S. Franciſco Sol: *Inſtar Solis.* Prodigioſo Planeta he eſte. Em todos os dias tem huma reſurreiçaõ na manhãa, porque padeceo huma morte na veſpera precedente. Foy muito mais feliz S. Franciſco. Em hum dia morto como Sol, e depois tambem como Sol reſuſcitado. Reſuſcitar o Sol, he natural: reſuſcitar S. Franciſco foy milagre. Que o Sol reſuſcite naõ he muito; porque em ſi naõ morre: tem o ſeu Occaſo na voſſa viſta. Mas S. Franciſco acabando em realidade a vida, e expirando verdadeiramente, ſe levantou do ſepulchro: e ficando em pè, como ſe eſtivera vivo, moſtrou depois acçoens proprias de vitalidade. Abrio os olhos do lethargo, com que lhos fechou a morte, e os fixou no Ceo, donde os naõ removeo há tantos annos. Moveo hum pè, recolhendo-o para que o Summo Pontifice lho naõ beijaſſe. Eſcuſou-ſe de aceitar o anel, que por

prenda

prenda lhe deixava o mesmo Papa. Instado porèm do respeito, e da obediencia, satisfez com discriçaõ ambas as partes, aceitando o anel, e recolhendo as mãos no sayal. Aceitou por veneraçaõ, e escondeo por humildade. Tudo foraõ mostras de vida depois daquella apparente resurreiçaõ.

44 Isto foy maravilhosamente resurgir Francisco da morte para a vida. Mas ainda nesta resurreiçaõ cresce o milagre; porque para a vida resurgio o Patriarca Serafico, sem deixar a morte. Unio em si a vida, e a morte. Esta em realidade, aquella em apparencia. E foy muito mais a meu ver ajuntar assim a vida, e a morte, que se resurgisse vivo, sem sombras de que ficara morto. Arazaõ he; porque resuscitar vivo, e como vivo, he lograr a vida affugentando a morte. Resuscitar morto, e como vivo, he unir a morte com a vida. E taõ impossivel he em si esta uniaõ, quanto aquelles extremos saõ entre si contradictorios.

45 Impossivel julgou S. Paulo, que a luz, e as sombras se uniflem: *Quæ societas luci ad tenebras?* Na doutrina de S. Joaõ a nossa vida he luz: *Vita erat lux hominum*; e a morte he sombra na fraſe da Escritura: *Umbra mortis.* Logo naõ he menor impossivel unir a morte com a vida, que ajuntar a luz com as sombras. Taõ grande impossivel he, que parece mais que homem, quem ajunta em hum mesmo corpo sombras da morte, e luzes da vida. Ep. 2. ad Corint. cap. 6. Joan 1. Luc 1.

46 No Thabor se ouvio huma voz, que fallando de Christo dizia assim: *Hic est filius meus dilectus.* Este he o meu amado Filho. S. Pedro diz que aquella voz fora de Deos Padre: *Accipiens à Deo Patre honorem, & gloriam voce delapsa ad eum, hujusmodi à magnifica gloria, Hic est filius meus dilectus.* E naõ podia ser aquella Matth. 17. 2. Petr. c. 1.

quella voz proferida por algum dos Anjos, que como miniſtros de Deos, fallaraõ em ſeu nome no Teſtameto Velho? Obſervo para a repoſta huma circunſtancia. Sahia aquella voz de huma nuvem: *& ecce vox de nube*; e notaõ os Euangeliſtas, que no corpo deſſa nuvem eſtavaõ a luz, e a ſombra juntas: *Nubes lucida obumbravit.* Pois de Deos ha de ſer a voz, que deſſa nuvem ſaya; porque quando em hum corpo ſe ajuntaõ luz, e ſombra, Divino ha de ſer quem reſide nelle: *Accipiens à Deo Patre honorem, & gloriam. Et ecce vox de nube. Nubes lucida obumbravit.*

Matth. citat.

47 Attendey agora para o corpo, que eſtá reſuſcitado em Aſſis, e nelle achareis a luz da vida, e a ſombra da morte. E ſe vos faltara a noticia de que eſſe corpo he de Franciſco, de quem o julgarieis ſer? Naõ precipiteis o juizo, porque vos receyo huma temeridade, e eſtou prevendo algum erro. O corpo de Moyſes eſtá occulto, por Divina diſpoſiçaõ; porque naõ idolatraſſe o Judaiſmo nelle, adorando por Deos hum puro homem. O corpo de S. Franciſco prudentemente ſe occulta; porque talvez naõ haja quem idolatre, admirando nelle ſombras da morte, e luzes da vida.

48 Mas neſta reſurreiçaõ eſtranha, onde a morte he em realidade, e a vida ſó em repreſentaçaõ, permitti Senhor, vos repreſente huma queixa. Toda a reſurreiçaõ he da morte para a vida; e ſó a de Franciſco hade ſer da morte para a morte? Que importa lhe reſurgiſſe o corpo do ſepulchro, ſe ficou ſendo como dantes cadaver? Se nos reſtituis o corpo, como nos negais o ſeu eſpirito?

49 Tudo foy myſterio; para que ſe nos dê o corpo de Franciſco da meſma ſorte, que ſe nos prometteo o de Chriſto no Sacramento. Praticando muitas vezes

Chriſto

Christo no Sacramento Eucharistico, sempre nos prometia o seu Corpo; nunca porém fez expressaõ de sua Alma, nem de sua Divindade na promessa. Quando se deixou no Sacramento, se lhe ouvio só dizer: *Hoc est corpus meum*: este he o meu Corpo. Na Eucharistia tambem está a Divindade, e Alma de Christo pela uniaõ, que tinhaõ ao Corpo quando se sacramentou, naõ por força, e significaçaõ das palavras consecrativas; porque estas mostrando o Corpo, naõ significaõ a Alma, nem representaõ a Divindade. Na resurreiçaõ de Francisco o Ceo nos deu o seu corpo, occultando nos a alma, para fazer do corpo de Francisco nesta resurreiçaõ huma copia do Corpo de Christo Sacramentado. Ep. 1. ad Corint. c. 11.

50 Se já naõ he, que entrou o Ceo a naõ ficar privado em todo de Francisco. Quiz o Ceo enriquecer a terra, sem se empobrecer a si. Entre ambos se fez esta partilha. O corpo ficará resuscitado na terra, e a alma ficará no Ceo. E veyo assim a ficar a terra de melhor partido, que o Ceo. Este se ficou com o espirito, e naõ com o corpo. A terra, ficando-lhe o corpo, tambem o espirito lhe ficou.

51 Desejava Eliseo, que seu Mestre Elias lhe deixasse seu dobrado espirito, quando se ausentava da terra: *Obsecro, ut fiat in me duplex spiritus tuus*; e mostrou a experiencia ter ficado em Eliseo o espirito de seu Mestre: *Requievit spiritus Eliæ super Eliseum.* Mas como, se em corpo, e alma foy arrebatado Elias? O mais com que se ficou Eliseo, foy a capa, que lhe deixou Elias: *Levavit pallium Eliæ, quod ciderat ei.* Como pois se diz, que lhe ficara o espirito? Porque como em Elias tudo era espirito, nenhuma cousa deixaria na terra, em que o seu espirito naõ ficasse. A razaõ se cõfir- Lib. 4. Reg. c. 2. n. 9. n. 15. n. 13.

firmou com a experiencia. Com aquella capa obrava Eliſeo, o que em vida obrava o eſpirito de ſeu Meſtre; porque com ella cortava os rios, e dividia as agoas, como fez Elias; logo bem ſe ve, que nelle ficava o eſpirito do Profeta.

52 Naõ foy S. Elias varaõ de mais eſpirito, que S. Franciſco; antes no dobrado eſpirito era S. Franciſco outro Elias. Em huma carroça de fogo ſe arrebatou S. Franciſco huma vez ao Ceo como Elias: e ſe arrebatado na carroça Elias moſtrou ſeu dobrado eſpirito, hum, que com elle hia, outro, que lhe ficava na terra; tambem S. Franciſco, ſobindo depois ao Ceo, moſtro dous eſpiritos; hum jà collocado no Ceo; outro que ainda lhe ficou na terra. No Ceo hum eſpirito em ſua alma Serafica: na terra outro em ſeu corpo reſuſcitado, com o de Elias na capa; porque faz aquelle corpo reſuſcitado, ainda que morto, o que fazia vivo. Ainda moſtra a virtude da humildade, ainda eſtima a pobreza; ainda tem os olhos ſó no Ceo; ainda ſe conſerva em pé, como quem em ſi conſerva o eſpirito da vida.

53 Huma ſó differença me parece notoria no eſpirito de S. Franciſco, comparando o ſeu corpo entre o que foy, e o que parece que he. Vem a ſer, que no corpo de Franciſco vivo eſtava o ſeu eſpirito unido por informaçaõ, que o animava; e no corpo de Franciſco reſuſcitado ainda ſe lhe admira eſpirito por eſpecial aſſiſtencia, ſuppoſto que o naõ informa. Iſſo porèm he o que baſta, para que ſe diga, que em ſi tem vida, ainda que naõ viva.

54 Naquellas por muitas razoens implicadas rodas, que Ezechiel vio, diz elle duas vezes que eſtava Ezech. 1. v. 10. o eſpirito da vida: *Spiritus vitæ erat in rotis*, e com tudo

do naõ eraõ viventes aquellas rodas. Pois como tinhaõ eſpirito de vida? Por aſſiſtencia, e naõ por informaçaõ: *Erat in rotis.* Levantavaõ-ſe aquellas rodas da terra, movendo-ſe como ſe tiveraõ vida; e baſtava iſſo, para que ſe viſſe nellas o eſpirito da vida: *Cum elevatis à terra, pariter elevabantur & rotæ, ſequentes ea, quia ſpiritus vitæ erat in rotis.* Pois ſe o corpo de Franciſco morto ainda ſe move, e ſe levanta da terra, digamos, que neſſe corpo defunto ainda reſide, e ainda aſſiſte o eſpirito da vida, como naquellas rodas: *Spiritus vitæ erat in rotis.*

55 Cuidou o mais celebre dos Ptolomeos do Egypto, que o Sol era vivente. Do movimento que tem, lhe arguhio a vida; porque julgou que por ſi ſe movia o Sol. Oh ſe vira aquelle grande Filoſofo, e douto Principe as acçoens, e movimentos de S. Franciſco depois de reſuſcitado! Com mais razaõ, que ao Sol, julgaria vivente, e animado o corpo do Serafico Patriarca, que melhor que o Sol, tem accoens, e movimentos depois de morto; e depois que reſurgio do ſepulchro como Sol: *Inſtar Solis.*

§. VII.

56 NAs propriedades de Eſtrella, Lua, e Sol temos viſto a Saõ Franciſco; ſupprindo neſtas ſemelhanças aquelle conhecimento cabal, e perfeito de Saõ Franciſco, que para ſi reſervou o Eterno Padre, viſto ſer a ſeu Eterno Filho taõ ſemelhante o Serafico Patriarca: *Similis Filio Dei. Nemo novit Filium, niſi Pater.* Bem ſey que os ſymbolos, em que retratey Saõ Franciſco, naõ chegaõ a repreſentar ſuas virtudes. Mais alta he a ſantidade de Franciſco, que as Eſtrellas:

las: he muito mayor, que a Lua: e muito mais clara, que o Sol. Mas como ſe hà de alcançar, ſendo taõ alta? Como ſe hà de comprehender, ſendo taõ grande? E como ſe chegarà a ver, tendo exceſſos na claridade? Ignorancia fora, ou temeridade cuidar alguem, que ſaberà dizer o que he Saõ Franciſco. Se he huma propriiſſima ſemelhança, e viva Imagem de Deos: *Propriiſſima ſimilitudo, & viva imago Dei*, que diſcurſo o poderà retratar? A mayor gloria de Saõ Franciſco he elevarſe a todo o conhecimento do Mundo; porque como o Padre reſervou para ſi eſta comprehenſaõ, ſò na Bemaventurança conheceremos bem a Saõ Franciſco, quando por ſua interceſſaõ o acompanharmos na Gloria.

SER-

SERMAM VII.

DE NOSSA SENHORA

DO PILAR.

Estando exposto o Santissimo Sacramento. No Mosteiro de Saõ Bento do Rio de Janeiro. Anno de 1727.

Transeamus usque ad Bethlehem, & videamus hoc verbum... Invenerunt infantem positũ in præsepio. Luc. 2.

§. 1.

1 TAM abundantes de mysterios saõ as clausulas do nosso thema, quam cheyo de difficuldades o assumpto da nossa solemnidade. (Amoroso Deos, e Senhor nosso, já exposto nesse throno ao nosso entendimento, quando em Belem proposto

to ainda à noſſa memoria. Mas jà quando repreſentado em Belem, recorda a memoria, o que neſſe throno alcança o entendimento; porque ainda agaſalhado nas palhinhas do Preſepio, e jà eſtaveis como o graõ de trigo Sacramental.)

2 Taõ abundantes de myſterios ſaõ as clauſulas do noſſo thema, quam cheyo de difficuldades o aſſumpta da noſſa ſolemnidade. Tanto que o Angelico pregoeiro annunciou aos Paſtores o naſcimento do Salvador, reſolveraõ elles ir-ſe a Belem, para examinar o que ouviraõ, e feliz o acharaõ. Iſto he o que ſoa no literal do Euangelho: *Paſtores loquebantur ad invicem: Tranſeamus uſque ad Bethlehem, & videamus hoc verbũ, quod factum eſt, quod Dominus oſtendit nobis. Et venerunt feſtinantes, & invenerunt Mariam, & Joſeph, & infantem poſitum in præſepio.* Mas ſe attendemos ao moral do Texto, eſta reſoluçaõ dos Paſtores he huma doutrina que nos excita, a que deixando os enleyos do Mundo, os enganos da vida, e as affeiçoens terrenas, buſquemos com todo o affecto a celeſtial Belem, onde vejamos o Divino Verbo, que por noſſo amor encarnou: *Tranſeamus uſque ad Bethlehem, & videamus hoc verbum.*

3 Para ſe emprender eſta jornada myſtica de Belẽ, nenhum he taõ proprio dia, como o preſente, por ſer conſagrado à Senhora do Pilar. Eu me explico. Quando os deſcendentes de Jacob caminhavaõ pelo deſerto, guiava-os de dia hum pilar, e outro pilar de noite: *Per diem in columna nubis; per noctem in columna ignis.* E he commum entre os Padres, que hum, e outro pilar eraõ figuras da Mãy de Deos: *Maria eſt columna, quæ præceſſit, & protexit filios Iſrael per deſertum*, diz o Eminentiſſimo Hugo. E qual ſeria a razaõ de eſcolher

Deos,

Deos para guia, ou para farol dos Israelitas esse Pilar, essa Imagem da Senhora? Direy. Aquelle Povo sahia do Egypto, e caminhava para a Palestina, onde está Belem, e para se deixarem os vicios do Egypto, e se emprender a mais ditosa jornada de Belem, he Maria Santissima em seu Pilar a Estrella mais propicia, a Guia mais certa, e o Norte mais seguro. Pois que alma haverá ainda, taõ desgraçadamente preza nas cadeas do Egypto, que naõ emprenda hoje a mystica jornada de Belem, tendo à vista Maria Santissima em seu Pilar: *Per diem in columna nubis, per noctem in columna ignis. Maria est columna.*

4 Eu bem sey, que em todo o tempo se acha na Senhora do Pilar farol certissimo para a jornada do Ceo, por ser esta Senhora Pilar immovel, e firme: *Columna immobilis* a intitulou Alberto Magno. Mas neste dia está aquelle Pilar mais propicio, por ser o de sua apparição milagrosa. A precedente noite, foy aquella mais clara que muitos dias, em que no Reyno de Aragaõ, há mil seis centos e oitenta e oito annos appareceo a Santiago a Imagem da Senhora sobre hum Pilar, que os Anjos com melodias, e applausos trouxeraõ do Ceo à terra. Albert. M.

5 Este milagre, esta appariçaõ, he o anniversario objecto desta solemnidade, e o difficultoso assumpto deste Sermaõ, ao qual hum douto Arcebispo reconhece por Sermaõ de exame, ainda para a ponderaçaõ mais advertida. E como diz hum Bispo com igual erudiçaõ, a mayor difficuldade deste Sermaõ está em deduzir do Euangelho o mysterio, e invocaçaõ do Pilar. A difficuldade me excitou o desvelo, e reflectindo nas clausulas do Texto, cuido temos no Euangelho esta appariçaõ milagrosa. O Arceb. de Cranganor 3. p. Serm. de N.S. do Pilar. O Bispo de Angola 4. p. Serm de N. S. do Pilar.

O 6 Con-

6 Convidavaõ-se os Paſtores(diz o Texto)para ver o Divino Verbo: *Videamus hoc Verbum.* Aqui S. Ambroſio: *Cum caro Domini videtur, Verbum videtur.* E ſabem os Theologos, que o Verbo he huma Imagem do Padre: *Verbum eſt imago Patris* Lá pois em Belem apparecia huma Imagem do Pay: e cá em Aragaõ appareceo huma Imagem da Mãy. Via-ſe na terra a Imagem do Padre; porque do Ceo nos foy mandada: *Miſit me vivens Pater*: e a Imagem da Senhora, que ſe vio em Aragaõ, do Ceo nos foy enviada, e delle deſceo à terra. Aſſim o referem as Hiſtorias, e aſſim neſte dia canta a Igreja Ceſar-Auguſtana: *Sacratiſſimam Virginem Matrem tuam, inter Choros Angelorum, ſuper columnam marmoream, á te ab alto emiſſam venire, dum adhuc viveret dignatus es.* A Imagem do Padre appareceo acompanhada de eſquadroens de Anios, que a louvavaõ: *Facta eſt cum Angelo multitudo militiæ cæleſtis laudantium Deum:* a Imagem da Mãy de Deos deſceo entre coros de Anjos, que a feſtejavaõ: *Inter choros Angelorum.* O Verbo Imagẽ do Padre appareceo aos Paſtores reclinado em hum Preſepio: *Invenerunt infantem poſitum in præſepio.* Diz Adrichomio, e tambem Niceforo, que o Preſepio era de pedra; e S. Gregorio Nazianzeno accreſcenta, q̃ ſervia eſſe Preſepio de throno ao Deos naſcido: *Cui præſepe thronus.* A Imagem da Senhora appareceo em hum Pilar de pedra: *Suas per columnam marmoream*; e diz a Senhora, que o Pilar he o ſeu throno: *Thronus meus in columna.*

D. Ambr. apud Gloſ. interlin. Joann. 6. Ecclſ. 24. v 7. D. Affonſ. Taboas. t. f. c. 107.

7 Viſtes a propriedade, com que hoje ſe retrata o prodigio de Aragaõ no myſterio de Belem: a appariçaõ do Pilar no Euangelho preſente? ElRey Dom Affonſo(ſem liſonja)o Sabio, Dom Lucas Biſpo de Tuy, e outros Authores graves eſcrevem, que quando Chriſto

D. Luc. Chro. de Heſp. apud Mexia Lib. 2. c. 13.

to nascia em Belem, apparecera em Hespanha hũ Pilar no Ceo; porque talvez queria Deos mostrar a Hespanha naquella noite, o que jà se representava em Belem. Parece queria se visse naquella noite do nascimento de Christo o Pilar, que em outra noite se chegaria a ver em C,aragoça, depois de serẽ passados trinta e nove annos.

Mas apartemos agora a vista de Aragaõ, para empregarmos a ponderaçaõ em Belem: *Transeamus usque ad Bethlehem.* Vejamos o Verbo nascido; vejamos a Imagem do Padre: *Videamus hoc Verbum*; porque em Christo, posto no throno do seu Presepio: *Invenerunt infantem positum in præsepio*, se descobre muy bem a Imagẽ da Mãy de Deos, collocada no throno do seu Pilar.

8 Eu heide reduzir toda esta materia a dous pontos, fundados nas duas clausulas do Thema. No primeiro poremos os olhos no Divino Verbo: *Videamus hoc Verbum:* e havemos de ponderar, que se a Imagem do Padre veyo do Ceo á terra, tambem esta Imagem da Mãy de Deos desceo para nòs do Ceo á terra. No segundo attenderey para Christo posto em hũ Presepio: *Invenerunt infantem positum in præsepio*; e mostrarey, que assim como o Presepio servia de throno a Christo: *Cui præsepe thronus*; tambem o Pilar serve de throno a Maria Santissima: *Thronus meus in columna.* No primeiro ponto veremos a Senhora glorioza pela descida, que a sua Imagem fez do Ceo à terra. No segundo magestoza, pelo throno do seu Pilar. No primeiro trataremos da Senhora do Pilar; e no segundo, do Pilar da S.

9 Tudo acharemos pontualmente no Sacramento, q̃ nos assiste. Notay, Belẽse interpreta Casa de Paõ; e aquelle Sacramento he nova Belem, espiritual Casa do melhor Paõ: *Eucharistia est Bethlehem, ac domus panis spiritualis.* Christo nascido em Belem, estava em hũ Pre-

D. Joan. Chryſoſt. Hom 7. in Matth. ſepio, e aquelle Sacramento he Preſepio, em que Chriſto naſce: *Hæc menſa vicem explet præſepis, in quo natus eſt Chriſtus.* Tudo diſſe Saõ Joaõ Chryſoſtomo. Havendo pois tanta ſemelhança entre Chriſto no Sacramento, e no Preſepio de Belem, naõ ſerà maravilha, ſe acharmos no Sacramento confirmado o aſſumpto, que ſe deſcobrio em Belem. Aqui o moſtro, pois he patente.

Idem Homil. de S. Philog.

10 O Verbo naſcido em Belem, e a Imagem da Senhora do Pilar, deſceraõ do Ceo. Tambem do Ceo diz Chriſto, que deſcera o Paõ do Sacramento: *Hic eſt panis, qui de cælo deſcendit.* O Preſepio era throno do Filho de Deos humanado: *Cui præſepe thronus.* O Pilar he throno da Mãy de Deos: *Thronus meus in columna.* Tambem o Sacramento, alèm de ſer Preſepio, como jà ouviſtes, he Pilar, e he throno de Chriſto Sacramentado. Que he Pilar, aſſim o diz Saõ Cyrillo: *Euchariſtia eſt columna.* Que ſeja throno, Mauburno o diz: *Euchariſtia eſt thronus gratiæ.* Ora recorramos àquelle throno da graça; para que della ajudados, ponderemos a gloria, com que a Imagem da Mãy de Deos deſceo à terra; e a mageſtade com que nella ficou collocada no ſeu Pilar.

Joann. 6.

D. Cyrill. lib. 2. in Iſai.

Maub. in Roſeto tt. 7. Alphab. 20.

AVE MARIA.

§. II.

Videamus hoc Verbum.

11 O Filho de Deos na terra! O Verbo, e Imagem do Padre em Belem! quem preſumio, que o chegaſſe a ver? Quem imaginou, que o chega-

chegaria a ouvir? Na hora em que o Divino Verbo encarnou, e do Ceo por nosso amor veyo à terra, diz o livro da Sabedoria, que estavaõ todas as creaturas em hum profundo silencio, e o Mundo envolto na escuridade mais caliginosa da noite: *Cùm quietum silentium continerent omnia; & nox in suo cursu medium iter haberet, omnipotens sermo tuus de cælo á regalibus sedibus.* Sap. c. 18. v. 14. Assim a escuridade, como o silencio parecem improprios, para hum taõ decantado, como esclarecido mysterio. Apenas se aballa o Sol, para entrar no nosso hemisferio, quando já soltaõ as aves seu alegre, e doce canto, para o festejarem. Pois se na Encarnaçaõ era Christo Sol, que nos amanhecia na terra: *Orietur vobis Sol*, como emmudecem as creaturas, trocando em silencio, o que deviaõ ser louvores, e applausos: *Cùm quietum silentium continerent omnia?* De mais. Naõ he o Verbo increado aquella Luz Divina, gerado na eternidade, com todos os resplandores dos Santos? As Escrituras o ensinaõ: *In splendoribus sanctorum; ex utero ante luciferum genuite.* Psalm. Pois como busca para vir ao Mundo, a hora de mayor escuridade: *Et nox in suo cursu medium iter haberet?* Como Sol venha o Filho de Deos ao Mundo; mas venha com resplandores; e venha festejado como Sol.

12 Ora o certo he, que nem estas circunstancias podiaõ faltar na Encarnaçaõ do Verbo, nem outras seriaõ taõ congruentes a tal mysterio. Dizem os Theologos, que em todas as suas disposiçoens, sempre Deos obra o que he melhor: de sorte, que se dà em Deos huma natural propensaõ, e quasi necessidade moral, de escolher o optimo, quando obra. Logo a escuridade, e o silencio, que Deos escolheo para o tempo da Encarnaçaõ, foraõ optimas circunstancias da entrada, que Ruiz de Dei volũt. disp. 9. Gran. ib. d. 3. Thyrs. Gonz. tom. 3 d. 11. Viva. de Inc. dis. p. 1. q 2. art. 2. § 5.

que o Divino Verbo fazia ao Mundo. A razaõ vem a ſer, porque o Verbo encarnado he huma Imagem do Eterno Padre, vinda do Ceo à terra. E quem cuidou, que chegaſſe a ver: quem diſcorreo, que chegaria a ouvir, que a Imagem do Padre vinha do Ceo à terra? Bem: pois venha à terra no mayor ſilencio, porque he razaõ, que emmudeçaõ as creaturas, quando conſideraõ na deſcida deſta Imagem: *Cùm quietum ſilentium tenerent omnia.* Venha no mais profundo da noite; pois naõ cuidou o natural diſcurſo, chegaria a ver eſta Imagem vinda do Ceo à terra: *Et nox in ſuo curſu medium iter haberet.*

13 Deſçamos agora de ponto. Deſce a Imagem da Senhora do Pilar do Ceo à terra: eſcolhe para iſſo a mais profunda hora da noite, em que eſtava o Mundo todo em ſilencio, e entaõ apparece a Santiago. Diſcreta, e myſterioſa eſcolha! myſterioſa, e diſcreta appariçaõ! A hora foy a do mayor ſilencio, porque era preciſo emmudecerem as creaturas com admiraçoens, quando lhes deſcia do Ceo aquella milagroſa Imagem. O tempo era o em que as ſombras predominavaõ eſta meya eſféra do Mundo, porque a luz do conhecimento humano, cega na ponderaçaõ deſta entre todas prodigioſa Imagem, quando do Ceo nos veyo a Caragoça collocada ſobre hum Pilar; ſervindo eſta deſcida de mayor exaltaçaõ à Imagem.

14 Ou ſeja o agradecimento, ou a veneraçaõ Catholica, tem dedicado, e conſagrado à Mãy de Deos tantas Imagens, quantos ſaõ os titulos com que a invoca. Nenhuma, porèm, taõ admiravel, nenhuma taõ prodigioſa, como he a Imagem do Pilar. Naõ he juizo de minha devoçaõ: he diſcurſo muy bem fundado. Naõ vedes, que as outras Imagens cà ſe fabricaõ

na

na terra; e a Imagem do Pilar là foy formada no Ceo, donde nos foy enviada? Pois quanto vay do Ceo à terra, tanta he a maravilha, e admiraçaõ, que vay da Imagem da Senhora do Pilar às outras Imagens da Mãy de Deos.

15 Duas imagens de Christo vio no deserto aquelle Povo, que ainda hoje taõ cego anda, para conhecer o figurado em ambas. A primeira foy o manà, a segunda aquella taõ celebre serpente de metal, mysteriosamente exaltada por Moysés. O manà representava a Christo Sacramentado: *Hic est panis, qui de cælo descendit.* Joan. 6. A serpente exaltada figurava a Christo crucificado: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet Filium hominis.* Joan. 3. E reparo eu, que o Povo Hebraico naõ se admirou, vendo a serpente imagem de Christo crucificado; vendo porém o manà imagem de Christo Sacramentado, rompeo em admiraçoens: *Manhu? Quid est hoc?* Bem sey, que o manà comido, servia naõ só de alimento à vida; mas tambem de admiravel medicina à saude: *Non erat in tribubus eorum infirmus.* Pſal. 104. v. 37. Com tudo he certo, que a serpente livrava da morte, e restituhia a saude aos enfermos, que para ella olhavaõ: *Qui percussus aspexerit eum, vivet.* Num. cap. 21. E muito mais era para admirar tanta virtude na serpente vista, que no manà comido. Pois como se admira o Povo, naõ da serpente, e do manà sim? Porque a serpente imagem milagrosa de Christo crucificado, por mandado de Deos cà se formou na terra: *Fac serpentem æneum*; e o manà, que era Eucharistica imagem de Christo, veyo do Ceo: *Paratum panem de cælo præstitisti illis*; Sap. c. 16. e por esta razaõ se faz tanto mais admiravel esta, que aquella imagem, quanto vay do Ceo à terra.

16 E quem poderà negar, que o meſmo exceſſo leva a Imagem da Senhora do Pilar às mais Imagens da Mãy de Deos? Bem vedes, que fabricando-ſe as mais na terra, como a ſerpente exaltada, a do Pilar foy fabricada no Ceo, qual o manà. As mais Imagens feitas na terra, ſaõ obras das mãos dos homens, ordenadas, quando muito, por Divina diſpoſiçaõ: *Fac ſerpentem æneum.* A Imagem vinda do Ceo, he obra da maõ de Deos. E ſe quanto he o artifice mais inſigne, tanto ſe faz mais eſtimavel a obra: a da Imagem do Pilar he a de veneraçaõ mayor, pois foy Deos o ſoberano artifice, por cuja conta correo a Imagem da Senhora do Pilar. E quem o poderà teſtemunhar aſſim? O Sagrado Texto no Apocalypſe, onde Deos revelou os ſeus myſterios, e os de ſua Mãy Santiſſima.

17 Diz Saõ Joaõ, que vira a Santa Cidade de Jeruſalem deſcendo do Ceo, preparada por Deos: *Vidi civitatem Sanctam Jeruſalem novam, deſcendentem de cælo, á Deo paratam.* He intelligencia commum entre os Santos Padres, e Expoſitores, que Maria Santiſſima era aquella Cidade, que o Euangeliſta vio deſcendo do Ceo à terra. Mas aqui encontramos huma difficuldade, que ſe bem nos cauſa para o diſcurſo alguma digreſſaõ, he muy preciſa para o noſſo intento. He certo na Chronologia ſagrada, que ainda a Mãy de Deos eſtava neſte Mundo viva, quando o Apocalypſe foy manifeſto a Saõ Joaõ. Pois ſe eſtava ainda a Senhora na terra, como jà deſcia do Ceo: *Deſcendentem de cælo?* Porque era a Senhora do Pilar, a que Saõ Joaõ vio deſcendo do Ceo à terra. O mayor prodigio, e a mais nobre circunſtancia deſte myſterio do Pilar, foy, que a Imagem da Senhora deſceo à terra, quando ainda a Mãy de Deos vivia neſte Mundo. E como aquella Imagem

Apoc. 21. v. 2.

D. Auguſt. D. Bern. Rupertus Abbas.

magem da Senhora, ou aquella Cidade, de que falla Saõ Joaõ, descia do Ceo á terra, sendo a Mãy de Deos ainda viva, bem se infere, que essa Imagem era da Senhora do Pilar, a qual desceo à terra, sendo a Senhora ainda viva neste Mundo.

18 O mesmo Euangelista approve, ou confirme a nossa interpretaçaõ. Diz, que essa Cidade Santa, ou que Maria Santissima, quando descia do Ceo, tinha a claridade de Deos, e resplandecia como a pedra jaspe: *Habentem claritatem Dei, & lumen ejus, simile lapidi pretioso, tanquam lapidi jaspidis.* Quereis mais propria Imagem da Senhora do Pilar? Naõ póde haver. Vinha do Ceo: tinha em seus braços (como naquella sua Imagem vemos) o Verbo encarnado, que he a mesma claridade de Deos: *Habentem claritatem Dei*; e as luzes com que brilhava, pareciaõ de pedra jaspe, com o reflexo que faziaõ, dando na pedra jaspe do seu Pilar: *Lumen ejus, tanquam lapidi jaspidis.*

19 Tornemos agora ao nosso primeiro, e principal intento. Esta Imagem da Senhora do Pilar, a que Saõ Joaõ intitulou Cidade Santa, mais de huma vez affirmou o Euangelista, que por Deos fora fabricada, e preparada: *Descendentem de cælo, á Deo paratam.* Pois naõ havia na terra homens; faltavaõ Anjos no Ceo, que assim como fabricaraõ outras Imagens da Senhora, fossem artifices da Imagem do Pilar? Sim haviaõ homens; e naõ faltavaõ Anjos. Mas oh segredos altissimos da inscrutavel Providencia de Deos! quem os poderà investigar? Os homens façaõ outras Imagens daquella Senhora, que dos Anjos he Rainha, mas a Imagem da Senhora do Pilar, com admiraçaõ às mais Imagens da Mãy de Deos: a Imagem da Senhora do Pilar, feita no Ceo, e de là enviada para nossa consolaçaõ,

consolaçaõ, há de ter por Artifice o mesmo Deos: *Descendentem de cælo, á Deo paratam, & ornatam.*

20 Oh devota, e soberana Imagem da Senhora do Pilar! sempre te reconheci milagrosa; mas hoje que te considero obra das mãos de Deos, se bem te acreditas incomparavelmente prodigiosa, tambem te inculcas por Imagem, que entre todas as da Mãy de Deos se faz a mais amavel, e a mais agradavel aos Divinos olhos.

21 A todas as creaturas ama Deos, porque o serem creaturas suas, bastaria para insentivo do seu amor; he porém o homem a creatura a quem Deos mais ama, como estaõ clamando tantos mysterios, que obrou pela reparaçaõ da natureza humana, com a qual se desposou na Encarnaçaõ de seu Filho. Mas se he o homem a creatura, que a Deos tem mais offendido, como acha ainda tanto agrado na benevolencia Divina? No Sagrado Texto achou Theodoreto reposta como sua: Notou este grande Padre, que de todas as creaturas, só ao homem formara Deos por si mesmo: *Faciamus hominem.* Para a formaçaõ das mais creaturas bastou huma voz de Deos: *Fiat. Et factum est ita.* Mandava Deos, e logo se faziaõ, e creavaõ: *Mandavit & creata sunt.* Só para o homem concorreo Deos, mostrando na frazi com que se explica a Escritura, que se fazia Artifice de taõ primorosa obra: *Faciamus hominem.* Naõ quiz recomendalla aos Anjos; quiz que sahisse feita de suas mãos: *Manus tuæ fecerunt me.* Pois por isso entre todas as producçoens de Deos, he esta a que elle mais ama, e a de mais agrado em seus Divinos olhos. Ouvi a Theodoreto: *Dum ipse Deus hominem per se format ac fingit, maiorem erga illum quam cætera, quæ creavit, paternam benevolentiam indicavit.* Tambem entre todas as Imagens da Senhora, há de ser a Imagem do Pilar,

Genes. 1. v. 26.

Job. 10. v. 8.

Theodoret. in quæst. sup. Gen.

para

para Deos a de mais agrado, e a de mais affecto; pois he eſta Imagem, a que Deos formou, e fabricou no Ceo: *Deſcendentem de cælo, á Deo paratam, & ornatam.* Fica ſendo eſta, entre as Imagens da Senhora, o que o homem entre as producçoens de Deos. E ſe para o merecimento do Divino agrado, baſta ſer feita eſta Imagem pela maõ de Deos, para gloria da Senhora naõ poſſo eu deſcobrir neſte ponto mais encarecido elogio.

22 Vendo David aquella Senhora, a quem Saõ Joaõ chamou Cidade de Deos, exclamou aſſim no Pſalmo oitẽta e ſeis: *Glorioſa dicta ſunt de te Civitas Dei.* Oh Cidade de Deos, de ti ſe tem dito couſas muy glorioſas. E que elogios ſeraõ eſtes de tanta gloria, que ao Profeta ſerviraõ de admiraçaõ? Em todo eſte Pſalmo encontro hum ſó elogio, feito a eſta Cidade de Deos, e vem a ſer: *Ipſe fundavit eam Altiſſimus.* O meſmo Deos altiſſimo, foy o Artifice, e fundador deſta ſua Cidade. Oh que louvor taõ grande! oh que elogio taõ glorioſo! baſta que o meſmo Deos foy o Architecto deſta Cidade? Pois naõ diga David mais; que nem ſe deſcobrirá neſte ponto mais glorioſo louvor: *Glorioſa dicta ſunt de te Civitas Dei. Ipſe fundavit eam Altiſſimus.* Pſalm. 86.

23 Aquella Cidade de Deos, e fabricada por elle, era Imagem da Senhora do Pilar (como já eſtá dito, e moſtrado) e naõ póde haver para ella taõ glorioſo louvor, como ſer Deos o Artifice de taõ Santa, e venerada Imagem, que do Ceo nos foy enviada: *Deſcendentem de cælo, á Deo paratam, & ornatam.*

24 Alegrem-ſe agora comigo, os que ſaõ devotos da Senhora do Pilar; porque das glorias da ſua Imagem nos podemos julgar participantes. Se no Ceo fabrica Deos huma Imagem de ſua Mãy Santiſſima, quem

quem duvidarà, que vindo eſſa Imagem à terra, nos hà de aſſegurar todos os bens, e prevenir todas as felicidades? Tornemos ao livro do Apocalypſe.

25 Quando Saõ Joaõ vio, que a Imagem da Senhora vinha do Ceo à terra, ouvio tambem huma grande voz, que dizia: *Ecce tabernaculum Dei cum hominibus, & habitabit cum eis, & ipſi populus ejus erunt, & ipſe Deus cum eis erit eorum Deus: & abſterget Deus omnem lachrymam.* Vem a dizer. Eſta he a morada de Deos com os homens, com os quaes hà de habitar. Elles teraõ ao Senhor por ſeu Deos, e a elles terà Deos por ſeu Povo, e lhes enxugarà todas as lagrimas. Em tudo ſe entende aquella voz, fallando da Senhora do Pilar. Ella he a morada de Deos, que vinha do Ceo a habitar com os homens na terra: *Ecce tabernaculum Dei cum hominibus.* Ella fallando a Santiago, lhe aſſegurou, que Deos eſcolhia os Heſpanhoes (nos quaes tambem entraõ os Portuguezes) para ſeu Povo; porque os converteria à verdadeira luz de ſeu conhecimento: *Et ipſi populus ejus erunt.* E que o meſmo Povo guardaria a Deos huma fé pura, tendo-o, e confeſſando-o por ſeu Deos: *Et ipſe Deus cum eis erit eorum Deus.*

Apoc. 21. v. 3. 4.

26 Mas ſe com eſtas circunſtancias ficava o Povo de Heſpanha vivendo na terra, valle de lagrimas, como ſe promette lhe enxugaria Deos todas as lagrimas: *Et abſterget Deus omnen lachrymam?* Porque lhes ficava na terra por prenda a Imagem da Senhora do Pilar: *Tabernaculum Dei cum hominibus*: e eſta Imagem communica a ſeus devotos as glorias, com que baixou do Ceo: e faz aos homens participantes daquellas alegrias com que veyo, quando deſceo à terra. Quereis felicidades na terra? Parece impoſſivel; mas eu hoje as poſſo prometter ſem engano. Valei-vos da Senhora do

Pilar;

Pilar; porque quando a sua Imagem veyo do Ceo à terra com tanta gloria, logo se prometteo aos homens, que por meyo della seriamos livres de toda a penalidade: *Et absterget Deus omnem lachrymam.*

27 Daqui venho eu a inferir huma notavel excellencia da Senhora do Pilar, que he unica da Imagem, que do Ceo nos veyo; e naõ sey que se descubra nas mais Imagens da Mãy de Deos. Já tereis penetrado, qual seja esta prerogativa, mas eu a faço mais notoria. Todas as Imagens da Mãy de Deos saõ glorioſas em si, porque com muita gloria devem ser applaudidas, e solemnizadas por todos os homens, e Anjos; mas a Imagem da Senhora do Pilar, alèm de ser glorioſa em si, tambem para nòs he glorioſa, porque nos communica, e faz neste Mundo participantes daquella gloria, com que do Ceo veyo á terra. E acabo de conhecer agora, que quanto mais empregarmos a conſideraçaõ no Verbo Imagem do Padre, tanto veremos manifesta a Imagem da Senhora do Pilar. Notay. Quem vè o Divino Verbo, fica glorioſo; pois por elle participamos o objecto de noſſa verdadeira Bemaventurança, como saõ bem os que me entendem. Quem recorre á Imagem do Pilar, poderà julgar-se por bemaventurado na terra, se nella podesse haver Bemaventurança, porque a Imagem do Pilar communica felicidades, livra de penalidades, e enxuga as lagrimas a seus devotos. Pois com acerto, se quizermos hoje ponderar o mayor prodigio de Aragaõ, na Imagem da Sacratiſſima Mãy de Deos do Pilar, attendamos para o myſterio de Belem, empregando a attençaõ no Verbo Imagem do Padre: *Videamus hoc Verbum.*

§. III.

§. III.

Invenerunt infantem positum in Præsepio.

28 JA ponderámos na Imagem do Padre a Imagem da Mãy; e na descida, que fez o Divino Verbo do Ceo à terra, a descida, que fez a Senhora do Pilar do Ceo à Corte de Aragaõ. Vejamos agora no throno do Filho o throno da Mãy, e no Presepio de Belem o Pilar de Caragoça. Naõ sem muita propriedade; porque assim como o Presepio he throno do Filho: *Cui præsepe thronus;* assim o Pilar he throno da Mãy de Deos: *Thronus meus in columna.*

29 Que hum Presepio em Belem servisse de magestoso throno a Christo Rey nascido, parece improprio; e foy evidente, porque em Belem se vio Christo adorado de tres Reys. Mas que hum Pilar seja escolhido para throno de Maria Santissima: *Thronus meus in columna!* Parece, que nem a figura he conveniente, pela sua incapacidade; nem a materia, pois he de pedra. Duro throno, e improporcionada figura! Mas assim como em Christo foy discriçaõ, e piedade escolher para seu throno hum Presepio; assim foy piedade, e discriçaõ em Maria Santissima, escolher para seu throno hum Pilar. E a razaõ he; porq assim o Filho, como a Mãy Santissima, naõ fazem thronos para vaidade sua: fazem thronos para utilidade nossa.

30 Os adereços mais ricos, e magestosos, que Salamaõ Rey magnifico mandou fazer, para ostentaçaõ da sua incomparavel grandeza, foraõ huma carroça, e hum throno. E algumas vezes tenho reparado, que fallando a Escritura da carroça, diz que Salamaõ a

fizera

fizera para si: *Ferculum fecit sibi Rex Salomon.* O thro- Cantic. 3.
no porém, ainda que em tudo o descreve grandioso, v. 9.
naõ diz que Salamaõ o fizera para si: *Fecit Rex Salomon thronum de ebore grandem.* Eu cuido, que bem se podia variar a frazi, porque no throno só tem assento o Soberano: e na carroça bem se póde admittir alguem mais, sem injuria da Magestade. Pois se faz Salamaõ a carroça para si: *Ferculum fecit sibi*; como senaõ diz, q̃ fizera para si o throno? Porque como Salamaõ era Rey pio, e sabio, naõ havia achar commodidades naquelle throno para si. Só para os subditos havia achar Salamaõ as commodidades do throno.

31 Assim Christo, e sua Mãy Santissima tambem assim. Que commodos achou Christo no throno do seu Presepio? Inclemencias do frio, e desabrigos do inverno. Para nós foraõ as utilidades do Presepio: *Natus est vobis hodie Salvator.* Nem a Mãy de Deos acha- Luc. 2. v. 11.
va utilidades em hum Pilar de pedra, quando o escolheo para throno; mas nelle está magestosa, e faz com humildade jactancia do throno do seu Pilar: *Thronus meus in columna*; porque nesse Pilar há para nós toda a utilidade que desejarmos. Já disse meu Padre Saõ Bernardo, que por mãos de Maria Santissima dispende Deos todos os beneficios com os homens: e neste dia me occorre, que esta Soberana Senhora, naõ com outro ritulo, mas sim com o do Pilar, he a dispenseira dos beneficios de Deos para com o Mundo. Temos caso, que o prova bem.

32 Poucos dias antes de se partir Jacob de Mesopotamia para Canaan, andava o pobre Pastor desconsolado, e triste, pelas vilanias, que com elle usava seu sogro o invejoso Labam. E como Deos he prõpto em acudir aos afflictos, appareceo, e falleu a Jacob, para o conso-

consolar. Mas he bem para se notar o preludio com
Genes. que lhe fallou Deos; e foy este: *Ego sum Deus Bethlel,*
31. v. 13. *ubi unxisti lapidem, & votum vovisti mihi.* Ou como
expõem o Abbade Tritemio: *In qua est columna.* Eu
sou (quer dizer) eu sou aquelle Deos, a quem adorastes, e invocastes lá em Bethel, onde está aquelle celebrado Pilar. Notavel, e muy mysterioso dizer! Basta que em Mesopotamia soccorre Deos a Jacob; e naõ pelas lagrimas, que ahi derrama; sim pelas deprecaçoens, que fez em Bethel? He possivel, que a Jacob mais haõ de valer as oraçoens de vinte annos antes, feitas quando passou por Bethel, que as supplicas de presente, que agora faz em Mesopotamia? Sim; que Bethel era Maria Santissima, diz Tritemio: e com o distinctivo do Pilar; era a Mãy de Deos com o titulo
Tritem. do seu Pilar: *Maria est Bethel, in qua est columna*, diz
lib. 1. de o doutissimo Abbade. De sorte, que o Pilar de Bethel,
Mirac. B. era o Pilar de Maria. Bem; pois esse he o que há de mo-
V. ver a Deos, suppoſta a sua bondade, para acodir a Jacob. Ainda que em Mesopotamia chore esse Patriarca Pastor bem pòde estar na certeza, de que o Pilar de Bethel, he o que lhe hà de enxugar as lagrimas; porque o Pilar de Maria he o manancial de todos os bens, que solicitamos dessa Divina bondade, e com o titulo de seu Pilar he Maria Santissima a medianeira dos beneficios de Deos: *Ego sum Bethel, ubi unxisti lapidem. Maria est Bethel, in qua est columna.*

33 Eu bem sey, que a virtude com que a Mãy de Deos nos enche de beneficios, he da Senhora, e naõ do seu Pilar. Naõ ignoro tambem, que a mesma Senhora, que veneramos no Pilar de Caragoça, he a que adoramos na sagrada Casa do Loreto, na Penha de França, no Monserrate de Catalunha, e em outros San-

Santuarios. Mas tambem a experiencia mostra com bastante confusaõ do discurso, (pois o naõ chega a comprehender) que mais benefica , e liberal está a Mãy de Deos em Caragoça no seu Pilar , que em outro qualquer titulo , onde com igual devoçaõ he invocada. Quiz a Providencia Divina reservar para aquella pedra , a gloria das magnificencias, e liberalidades de sua Mãy Santissima: naõ só quanto aos beneficios temporaes , que conseguimos da Senhora ; senaõ tambem quanto aos eternos , que esperamos conseguir della : porque parece quer Deos mostrarnos , que para conseguirmos a verdadeira felicidade da gloria , havemos recorrer , depois de Christo , a Maria Santissima , com o soberano titulo do Pilar.

34 No Apocalypse diz Christo , que aos triunfadores das tentaçoens premiará no Ceo , fazendo a cada hum delles Pilar , em que escreverá tres nomes , a saber , o de Deos , o de JESUS , que he o novo nome, que adveyo ao Filho de Deos na Encarnaçaõ , e o nome daquella Cidade de Jerusalem , que veyo do Ceo, preparada , e enviada por Deos : *Qui vicerit faciam illum columnam in templo Dei mei , & foras non egredietur amplius , & scribam super eum nomen Dei mei , & nomen civitatis novæ Jerusalem , quæ descendit de cælo á Deo meo , & nomen meum novum.* Eu naõ reparo em que nos Bemaventurados se veja escrito o nome de Deos , e o de JESUS ; porque se Deos por sua bondade os escolheo para si , e se foraõ remidos com o sangue de JESU Christo , justo he que se vejaõ assinados com a gloria, divisa de hum , e outro nome : *Scribam super eum nomen Dei mei , & nomen meum novum.* Mas que no Ceo haja de ser cada Bemaventurado hum Pilar , e que se haja de escrever nelles o nome daquella nova Cidade de Jerusalem, Apoc. 3. v. 12.

salem, que veyo do Ceo mandada por Deos? Que enigma taõ escuro, e que mysterio taõ relevante he este? Já está bem claro com o que me ouvistes. Aquella Cidade, que nos foy mandada por Deos, era a Senhora do Pilar. E agora com mais propriedade, porque essa Cidade, ou essa Imagem da Senhora, apparecia sobre hum Pilar: *Faciam illum columnam, & scribam super eum nomen civitatis novæ Jerusalem, quæ descendit de cælo.* Com esta divisa pois, ou com esta Imagem da Senhora, debaixo do titulo do Pilar, e naõ debaixo de outro titulo, haõ de entrar os Bemaventurados na gloria, para que se entenda, que depois de Deos, que os predestinou, e de Christo que os remio, devemos recorrer á Senhora do Pilar para conseguirmos a gloria; pois mais com este, que com outros titulos, he a Medianeira, e Dispenseira das terrenas felicidades, e da gloria celestial: *Faciam illum columnam, & scribam super eum nomen civitatis Jerusalem novæ, quæ descendit de cælo.*

35 Ora naõ paremos no effeito, sem que melhor examinemos a causa. Eu cuido, que a razaõ de acummular Deos tantos favores para o titulo do Pilar, ou que o ser Maria Santissima mais prodiga de seus beneficios no Pilar, que em outras invocaçoens, lhe provem, de que os mais titulos foraõ dedicados á Mãy de Deos pela devoçaõ humana; e o do Pilar por escolha propria de Maria Santissima, que quando baixou do Ceo, já trazia por eleiçaõ sua o throno do seu Pilar, e mandou se lhe fabricasse o celeberrimo Templo do Pilar. Logo nelle ha de ser mais benefica para os homens.

36 Quando Salamaõ dedicou á Magestade Suprema o Templo de Jerusalem, rogou a Deos que concedesse tudo o que nesse Templo se lhe pedisse. E Deos lhe

lhe prometteo, que com especialidade poria os olhos, e inclinaria o seu coraçaõ a tudo o que lhe rogassem naquelle Templo: *Sanctificavi domum hanc; quam ædificasti, ut ponerem nomen meum ibi in sempiternum. Et erunt oculi mei, & cor meum ibi cunctis diebus.* Reparo sómente naquella palavra, *ibi*. Ahi nesse Templo, *ibi*: ahi terey sempre os olhos; ahi inclinarey sempre o meu coraçaõ. E porque ahi, mais que em outro lugar? Por Isaias seu eu dizer Deos, que elle naõ attendia para o lugar do Templo em q̃ o adorassem: *Quæ est ista domus, quam ædificabitis mihi; & quis est iste locus quietis meæ?* Porque só attendia para a boa consciencia de quem rogava: *Ad quem autem respiciam, nisi ad pauperculum, & contritum spiritu.* Pois como agora promette inclinar os olhos, e o coraçaõ no Templo com benignidade: *Et erunt oculi mei, & cor meum ibi cunctis diebus?* 3. Reg. c. 8. Cap. 9. Isa. c. 66.

37 A reposta he admiravel, dada pelo mesmo Deos: *Sanctificavi domum hanc.* Ou como Nicolao de Lyra expoem: *Applicavi, & dedicavi cultui meo.* Porque este lugar, diz Deos, eu mesmo o escolhi para nelle ser adorado. E lugar, que o mesmo Deos escolhe, para nelle ter culto, e veneraçaõ, ha de lograr taõ grande foro, e taõ grande privilegio, que nelle se alcance tudo quanto se pedir: ha de ter a prerogativa de se conseguir nelle, o que em outros se naõ conseguiria do mesmo Deos: *Sanctificavi domum hanc; id est applicavi, & dedicavi cultui meo. Erunt oculi mei, & cor meum ibi cunctis diebus.*

38 Parece bem escusada cousa deduzir a conclusaõ do que temos dito. Quem escolheo o Pilar para throno da Mãy de Deos? Quem destinou, que hum Pilar fosse a nobre peanha da veneraçaõ, e culto de Maria Santissima? A mesma Senhora. Pois certamente ahi no

throno do seu Pilar, ha de ser mais benefica, do que em outra qualquer invocaçaõ. Ahi ha de applicar com mais piedade os seus olhos, e ha de inclinar com mais affecto o seu coraçaõ, a quantos a invocarem no seu Pilar: *Et erunt oculi mei ibi, & cor meum cunctis diebus.*

39 A Agricultura tem observado, que as arvores, naquellas partes onde nascem por natural producçaõ do clima, saõ mais fructiferas, e mais grandiosamente fecundas do que em outras, onde foraõ plantadas pela industria humana: porque naquellas fructificaõ por inclinaçaõ propria, e nestas á instancia do desvelo humano. Maria Santissima, Arvore da vida, he mais prodiga de seus fructos, e de seus beneficios no Pilar de Caragoça, que em todos os mais Santuarios, porque nestes foy collocada por diligencias da devoçaõ, e por industrias da piedade humana; mas no Pilar está a Mãy de Deos collocada por especial destino de sua propria eleiçaõ. Por isso nesse Pilar está mais prodiga de beneficios, e mais prompta ahi, para acodir a todos: *Et erunt oculi mei ibi, & cor meum cunctis diebus.*

40 Saõ Cyrillo, Drogo Ostiense, Novarino, e outros graves Doutores comparaõ o Sacramento a hum Pilar; mas eu vendo a Maria Santissima taõ liberal de favores no seu Pilar, vertera a comparaçaõ, dizendo, que o Pilar de Maria Santissima he muy parecido com o Sacramento. A razaõ he; porque no Sacramento, tanto nos dá Christo, que lhe naõ fica mais que dar, pois se dà tambem a si mesmo: *Plus dare non habuit,* diz Santo Agostinho. Tambem Maria Santissima no seu Pilar he taõ liberal, que nenhuma cousa nega aos que ahi imploraõ seu patrocinio. Mas se ella se deu aos homens no seu Pilar, e com elles se deixou ficar naquella milagrosa columna, como lhes negará outra cousa?

D. August. tr. 84. in Joan.

41 To-

41 Todo aquelle pois, que gravado de suas culpas, implora o perdaõ da misericordia Divina; todo aquelle, que enfermo, deseja a saude para suas queixas; todo aquelle, que necessitado, pertende o alivio de suas afflicçoens, recorra ao Pilar de Maria, e será promptamente remediado. Ainda o que se julgar indigno por suas culpas, chegue, e achará, que aquelle Pilar troca a dureza de pedra em condiçoens benignas, para o favorecer.

42 Moysés, e Aaraõ lá recorreraõ a Deos paraque milagrosamente désse agua ao Povo sequioso em Cadês, nesse deserto de Sin. Ordenou-lhes Deos, que recorressem á pedra do deserto, porque ella promptamente lhes extinguiria a sede: *Loquimini ad petram,:: & illa dabit aquas.* Duvidaraõ elles, que da pedra arrebentasse a fonte promettida por Deos, porque considerando as culpas do Povo, que regiaõ, lhes pareceo indigno do beneficio, que rogavaõ. E quando neste caso, a incredulidade de Moysés, e Aaraõ mais difficuldade punha para se conceder o favor; ferida a pedra com a vara, emanaraõ rios: *Percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.* Pois se o Povo era indigno do milagre por seus vicios: e agora mais indigno pela incredulidade de Moysés, e Aaraõ, como ainda assim lhe concede a pedra as aguas promettidas? Porque aquella pedra na opiniaõ dos Doutores com Saõ Joaõ Chrysostomo, era Maria Santissima. A vara lhe representava o Pilar, diz hum Douto, porque o Pilar he huma vara de pedra. E tanto que se recorreo ao Pilar de Maria, logo a Senhora concorreo com o prodigio, sem que o estorvassem as culpas de quem rogava: *Loquimini ad petram. Percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.* Recorrey pois à Senhora do Pilar,

Num. 20. v. 8.

Ibid. v. 11.

D. Chrysost. Orat. in Theophan. & in S. Joan. Præcur. Guerra tom. 6. Serm. 1.

lar, ſem que à propria indignidade ſeja eſtrovo para o recurſo; porque no throno do ſeu Pilar eſtá taõ benigna a Senhora, que naõ eſtrovaõ as noſſas culpas a ſua piedade, ſe a imploramos com devoçaõ affectuoſa, e verdadeira.

43 Oh ſe meus ouvintes ſe perſuadiſſem deſta verdade! Entaõ conſeguiriaõ elles da Senhora do Pilar mais beneficios. Naõ tendes reparado, que a Senhora do Pilar já foy para nós mais milagroſa, do que ſe moſtra hoje? Sim: e eu o tenho eſtranhado. Pois ſe a Senhora he a meſma, e naõ he hoje menos poderoſa do que foy, como ſe tem eſterilizado a abundancia de ſeus milagres? Faltou da ſua parte a piedade? Naõ; mas faltou da noſſa parte a devoçaõ. Já ceſſou aquelle concurſo, que ſe aballava com a devoçaõ do Pilar. Já a ſua feſta naõ parece ſua. E vós deixais a devoçaõ do Pilar? E quereis, que elle ande a trás de vòs com os milagres, com os beneficios, e com os prodigios? Iſſo aconteceo huma ſó vez no deſerto: *Bibebant autem de ſpiritali, conſequente eos petra.* O que eu tenho por certo, he; que a quem deixa o Pilar da Senhora, a quem variou na ſua devoçaõ, tudo lhe há de ir para trás, tudo lhe há de ſucceder em mal. A experiencia bem o tem moſtrado, porque com a falta da devoçaõ do Pilar, tem os ſeus milagres faltado. Mas buſquemos prova no Sagrado Texto.

1. Ad Corint. cap. 10. v. 4.

44 Apparece Deos a Jacob no lugar de Bethel, ahi o alegra com a ſua viſta, ahi o enriquece fazendo-lhe grãdes merces, para ſi, e para a ſua caſa, e lhe promette, que na ſua deſcendencia havia de encarnar: *Ego ſum Dominus Deus Abraham Patris tui, & Deus Iſaac: terram in quâ dormis tibi dabo, & ſemini tuo::: & benedicentur in te, & in ſemine tuo cunctæ tribus terræ.* Outra vez lhe

Geneſ. 28. v. 13. & 14.

lhe apparece na volta de Mesopotamia, e no mesmo lugar lhe ratifica todo o promettido. Mas logo depois lamẽta Jacob a perda sẽ remedio, da sua taõ querida, como fermosa Rachel: experimẽta em seu filho Rubẽ huã aleivosia, q̃ amargamẽte sẽtio até morrer; e ultimamẽte cheyo de lagrimas, e de sẽtimẽto, vẽ expirar a seu Pay Isaac. Oh que golpes, taõ repetidos, e taõ graves, para hum coraçaõ humano, e amoroso, como o de Jacob! Repete o livro do Genesis no capitulo trinta e cinco este catastrofe, digno de magoa, e de compaixaõ. Pois Senhor onde estaõ as vossas promessas? Huma dellas (que a reservey para agora) foy, que serieis guarda, e defensor de Jacob: *Et ero custos tuus.* Pois como o deixais em tantas afflicçoens? Esqueceraõ-vos as promessas, que em Bethel fizestes ao vosso servo, e taõ mimoso Jacob? Genes. c. 35. Genes. c. 28. v. 15.

45 Naõ; mas diz o Texto, que todos estes infortunios succederaõ a Jacob, ausentado-se de Bethel para Belem: *Egressus autem inde, venit verno tempore ad terram, quæ ducit ad Ephratam.* Notavel advertencia! Mysteriosa circunstancia! Reparay. Em Bethel ficava o Pilar: *Bethel in qua est columna;* e dahi se ausentava Jacob para Belem: *Egressus autem inde.* E basta que Jacob deixa o Pilar de Bethel? Deixa o Pilar de Maria: *Maria est Bethel, in qua est columna?* Pois tudo lhe succederá infeliz; porque se veja, que as mesmas felicidades se tornaraõ desgraças, aos que deixarem de frequentar, e assistir ao Pilar de Maria.

46 Oh que bem dizia Deos a Jacob: *Surge, & ascende Bethel, & habita ibi.* Levantate, sóbe a Bethel, e habitarás ahi. O assistir Jacob em Bethel, onde estava o Pilar da Senhora, era levantar-se, era subir: *Surge, & ascende.* Logo deixar em Bethel o Pilar de Maria, era

deſcair: por iſſo experimentou tantos infortunios; quando de Bethel ſe partio para Belem: *Egreſſus autem inde, venit verno tempore ad terram, quæ ducit ad Ephratam.*

47 Eu bem ſey, que em Belem eſtá a Senhora como Mãy de Deos: *Tranſeamus uſque ad Bethlehem:::: & invenerunt Mariam*; mas queria Deos moſtrar em Jacob, que por nenhum titulo, e por nenhuma devoçaõ devemos perder a devoçaõ do Pilar; por iſſo lhe diz que vá para Bethel, onde tinha deixado o Pilar da Senhora: *Aſcende Bethel, & habita ibi. Maria eſt Bethel, in qua eſt columna.* Continuay pois na devoçaõ do Pilar, e delle recebereis tantas merces, e tantos beneficios, que reconheçais ſer aquelle Pilar o throno, em que a Mãy de Deos oſtenta ſuas grandezas: *Thronus meus in columna*; aſſim como o Preſepio he throno, em que achamos o Filho de Deos: *Invenerunt infantem poſitum in præſepio. Cui præſepe thronus.*

§. IV.

48 EStes ſaõ, glorioſa, e ſoberana Senhora do Pilar, os humildes, pobres, e toſcos elogios, que vos pode offertar o meu rude, e groſſeiro entendimento. Confuſo ſahi com elles ao publico, e ſolemne deſte dia, porque mais ſervem de diminuir voſſa grandeza, que de exaltar aquella piedade, com que a cada paſſo vos experimento Advogada, Mãy, e Protectora minha, e de todos os que correm a vòs. Mas nem a voſſa gloria ſe ha de medir pelo meu diſcurſo; nem a voſſa ſoberania pelo louvor, de quem a naõ póde comprehender. O throno de voſſo Pilar he hoje hum rayo de voſſa incõparavel grandeza: aſſim como eſta he a exal-

a exaltaçaõ mayor de vosso glorioso Pilar. De vòs resulta a gloria do Pilar; e deste, o conhecimento de vossa grandeza incomprehensivel. Independente de meus elogios, exaltais o vosso Pilar, quando estais exaltada nelle. Exaltay tambem nossa indignidade com vossa interceſſaõ, paraque por ella vos vejamos exaltada no throno da eterna gloria. Amen.

SER-

SERMAM VIII.

DO

GRANDE PROFETA,

E

MAIS QUE GRANDE PATRIARCA

S. ELIAS.

No seu Convento do Carmo do Rio de Janeiro; estando exposto o Santissimo Sacramento. Anno de 1719.

Ecce duo viri loquebantur cum illo. Erant autem Moyses, & Elias. Luc. cap. 9.

§. 1.

1 APPLICAR sombras, para que melhor fiquem sahindo as luzes (Divino Sol Sacramentado, que occultando os resplandores desse abrazado fogo com as sombras de candidos accidentes, abonais o mais ardente, ostentando o mais nevado.) Applicar sombras, para que melhor fiquem sahindo as luzes,

luzes, naõ só foy engenhoso invento de Apelles, querendo, que aos primores de seu pincel, se visse a natureza com lisonja reproduzida; mas tambem foy maravilhoso artificio do Author proprio da natureza, e da graça. Quando no Thabor ordenou Christo se armasse aquelle magestoso theatro, para o acto mais glorioso, que teve, nem terá o Mundo, formouse na regiaõ aerea hum pavilhaõ de nuvem, para que naõ arrayasse naquelle monte o Sol; onde com mais admiraçaõ, que nos dias de Josué, se viaõ dous Sócs parados: *Resplenduit facies ejus sicut Sol. Elias interpretatur Sol.* Sombras, e juntamente luzes, continha a nuvem: *Nubes lucida obumbravit*; porque se as sombras faltassem, ficariaõ as luzes brilhando menos.

Matth. 17. 2. D. Hieron. ibid. v. 5.

2 Este obsequio, que ás luzes vemos guardar as sombras, entra hoje a observar tãbem a minha obediencia, por inviolavel preceito, applicando as obsequiosas sombras de minha ignorancia aos resplandores do mais luzido Sol da Santidade, Santo Elias. Mas se os obsequios das sombras avaliaõ por lisonja as luzes, naõ desprezeis Soberano Sol, o rendimento de quem vos busca, naõ por fazer, mas por servir de submetida sombra a tantos resplandores vossos. Querendo hum feliz engenho symbolizar os resplandores de hum Astro grande, o fez com esta inscripçaõ: *In tenebris clarior*, porque nas trevas mais densas se vé a luz mais intensa. Este he o discreto acordo, com que neste dia, ficando de fóra tantas luzes, que resplandecem dentro, se admitte honrosamente huma sombra estranha; porque he proprio das luzes resplandecer entre as sombras: *Lux in tenebris lucet.*

Picin. l. 1. num. 229.

3 Mas como o nunca bem conhecido Patriarca Santo Elias, he luz taõ grande, he Astro taõ soberano,

que

que ainda entre as luzes sabe resplandecer, entre luzes, e entre sombras o veremos hoje. E como poderey eu mostrar a Santo Elias, ou já entre luzes visto, ou já entre sombras sómente debuxado, se nem eu alcanço, quem Santo Elias seja para o saber dizer? Nesta implicancia, em que mal se sabe desatar o discurso, me occorre, que o mais acertado será deixar este empenho por conta do mesmo Christo, e de Moysés tambem, de cuja companhia logrou Santo Elias no Thabor: *Ecce duo viri loquebantur cum illo. Erant autem Moyses, & Elias.* Essa pratica, que lá no monte das glorias tiveraõ Moysés, e Elias com Christo, faraõ hoje Christo, e Moysés sobre Santo Elias; e será a pratica o mais cabal, e o mais elegante Sermaõ de Santo Elias. Christo nos dirá, quem he Santo Elias; e Moysés o dirá tambem; porque para reconhecermos a Santo Elias, o hey de comparar com Christo: *Cum illo Elias.* E com Moysés tambem: *Moyses, & Elias.* Em Christo veremos a Santo Elias, quando os compararmos; e em Moysés tambem o veremos. Com esta diversidade porém, que em Christo veremos a Santo Elias como em resplandecente espelho, a todas as luzes manifesto; e em Moysés veremos, quando muito, huma sombra de Santo Elias. Pela successaõ dos tempos primeiro foy Moysés, seguio-se Elias, e veyo Christo depois. Era Christo Sol: *Orietur vobis Sol.* Era luz: *Ego sum lux mundi*, que despedindo de si os rayos, davaõ em Santo Elias, e logo do radiante Elias sahia para Moysés a sombra, para q̃ nessa sombra, e naquella luz, se deixe ver S. Elias, q̃como luz excessiva, resplandece entre as luzes, quando comparado a Christo: *Cum illo Elias.* Luzindo tambem entre as sombras, quando a Moysés comparado: *Moyses, & Elias.* As grandezas de Santo Elias devem

Malach. 4. 2. Joan. 8. 12.

devem muita parte á Senhora, assim como as glorias da Mãy de Deos naõ deixaõ de ser primorosamente obrigadas a Santo Elias: em cujo reconhecimento espero daquella Senhora, que Santo Elias vio, e adorou em sombra no Carmelo, me alcance muita luz de graça, para desempenhar o assumpto.

AVE MARIA.

Ecce duo viri loquebantur cum illo. Erant autem Moyses, & Elias.

§. II.

4 ASsim como ha erros, que naõ tem desculpa, assim ha tambem muy desculpaveis erros. Hum Anjo vio Saõ Joaõ no seu Apocalypse, a quem resolutamente adorara, se o mesmo Anjo lhe naõ divertira o intento; mas teve a sua resoluçaõ desculpa, porque como diz Santo Agostinho, divisava o Euangelista naquelle Anjo, quando nas revelaçoens assorto, taes attributos, que bem lhe conciliavaõ adoraçoens. Na ausencia porém, que fez Moysés, adorou Israel hum bezerro, e as Tribus, que se rebelaraõ de Roboam, tambem adoraraõ semelhantes idolos. Bem ponderado hum, e outro desvario, nenhuma desculpa merece esta idolatria; porque adorar hum idolo pedido ás instancias do Povo, ajoelhar a humas figuras, que mandou fundir Jeroboam, só em affectos de idolatrar se funda, sem ter desculpa. Sentença foy de Isaias: *Opus manuum suarum adoraverunt, quod fecerunt digiti eorum, & incurvavit se homo, & humiliatus est vir, ne ergo dimittas eis.*

Apoc. 19. 10.

D. Aug. q. 61. in Genes. & l. 20. contr. Faust. c. 21.

Isai c. 2. v. 8. 9.

5 O

5 O mesmo acharemos nós, com muita gloria do nosso assumpto, se nos valermos para o nosso intento, de exemplos menos antigos. Viveo o portentoso Elias, e veyo depois Christo ao Mundo: o qual perguntando aos Discipulos, por quem o tinhaõ as Turbas: *Quem me dicunt esse turbæ?* Responderaõ estes, que huns o julgavaõ pelo Bautista, outros porém por Elias: *At illi responderunt, & dixerunt; Joannem Baptistam, alij autem Eliam.* Se huns o tinhaõ por Elias, certo he, que o teriaõ outros pelo Bautista; nem no encontro dos pareceres se vio aqui muita variedade, pois que no Bautista pela sua Santidade rara, estava o espirito de Santo Elias renascido: *Ipse præcedet ante illum in spiritu, & virtute Eliæ.* Porém supposto que na verdade foy erro este juizo das Turbas, que a Christo tinhaõ por Elias, tirailhes vós a pertinacia odiosa da vontade, que eu facilmente lhes desculparey o erro do entendimento. Porque attender para Christo, e julgallo ser Elias, he taõ desculpavel erro, como evidente a causa da equivocaçaõ. Naõ quero mais arbitro para o julgar assim, que o vosso mesmo entender. Os mysterios, em que Christo com mais evidencia se calificou por quem era, saõ os que direy. O do Sacramento, que nos assiste naquelle throno, o da Morte, o da Resurreiçaõ, e Ascensaõ. No Sacramento do Altar tanto dá Christo a conhecer a magnificencia de sua Divina soberania, que como diz Isaias, parece que só no Sacramento he magnifico Senhor: *Solummodo ibi magnificus Deus noster.* Diz altamente o Profeta. *Considerat Propheta Eucharistiæ Sacramentum.* Commenta huma douta penna Carmelitana. Na morte seus mesmos inimigos o conheceraõ, porque o chegaraõ a confessar: *Vere filius Dei erat iste.* Na Resurreiçaõ claramente mostrou

Luc. 9. v. 18.

Isai. 33. Sylv. t. 3. l. 5. c. 35. q. 31. Matth. 27. v. 54.

trou Chriſto a gloria da Divindade, que com o Padre igualmente participa: *Chriſtus ſurrexit à mortuis per gloriam Patris.* Diz Saõ Paulo. Na Aſcenſaõ, os Anjos o acclamaraõ por quem era, diante dos meſmos, que ſe entriſteciaõ de ſua auſencia: *Hic Jeſus, qui aſſumptus eſt à vobis.* Daime agora attençaõ a quanto me fores ouvindo de Santo Elias, que em ſemelhantes prodigios o vereis a Chriſto aſſemelhado, quanto cabe na eſféra de ſua capacidade.

Ad Rom. c.6.

Actor. 1.

6 Vamos ao primeiro myſterio, que com razaõ he o do Sacramento. Eſcreve Galatino, que retirando-ſe o Rabbi Simeaõ (Varaõ taõ douto, e de taõ Santa vida, que dos mais Rabbinos he com veneraçaõ intitulado o Santo Meſtre) que retirando-ſe, digo, o Rabbi Simeaõ para huma cova, na qual vivia entregue á oraçaõ, e contemplaçaõ, em hum rapto vira a Santo Elias, veſtido em Pontificaes, fazendo diante de Deos hum Sacrificio, ao qual os Eſpiritos Celeſtes, e Patriarcas todos aſſiſtiaõ com ſumma veneraçaõ; no fim do que perguntara ao Santo Patriarca, que Sacrificio era aquelle, qne diante de Deos fazia? A repoſta de Santo Elias foy eſta: *Hoc eſt Sacrificium, quod poſtquam venerit Meſſias, facient Sacerdotes coram Deo Sancto.* O Sacrificio, que como ves, eu agora faço, he o que depois da vinda do Meſſias, faraõ os Sacerdotes da ley da Graça. De maneira, que o Sacrificio inſtituido por Chriſto, tantos ſeculos depois de Elias, já Santo Elias apparecia celebrando, tantas idades antes da vinda de Chriſto. Bem ſey eu, que neſta viſaõ, a qual os Doutores acreditaõ por verdadeira, naõ houve Sacrificio em realidade, tudo parou em huma ſemelhança; mas eſta ſó he a que eu buſco, e a que digo, teve Santo Elias com Chriſto na inſtituiçaõ do mayor dos Myſterios

Galat. de Arc. l. 50. c.7.

Conſtat ex Fidel. de Euchar. theorem. 13. ex v. 1. n. 8.

rios de noſſa Santa Fé. Taõ Divino he eſte Myſterio, que nelle o que ſe vé, naõ excede a huma apparencia. Vemos paõ, ſem que o ſeja porque delle ſó tem a ſemelhança nos accidentes. E que ſemelhanças do Sacramento Euchariſtico, naõ ſymbolizou Santo Elias? O Paõ do Ceo, que o ſuſtentou no deſerto, era figura do Sacramento, que tambem he Paõ do Ceo: *Panem cœli dedit eis.* Do meſmo Sacramento era figura a capa de Santo Elias, diz Drogo Cardeal Hoſtienſe, porque aſſim como Chriſto para ficar nos Diſcipulos, lhes deixou na auſencia ſeu corpo Sacramentado; aſſim Santo Elias auſentando-ſe do Diſcipulo, lhe deixou a capa, em ſinal de que nelle ficaria o ſeu eſpirito. Ultimamente, Chriſto naquelle Sacramento, parecendo morto, eſtá vivo: *Stantem tanquam occiſum.* E Santo Elias tambem eſtá vivo, quando parece eſtar morto: pois á imitaçaõ de Chriſto Sacramentado, vive eſcondido a noſſos olhos, como daquelle Sacramento cantou Iſaias: *Vere tu es Deus abſconditus.* E vivo ha de eſtar eſte aſſombro da Santidade até o fim do Mundo, pois que até ſe deſfazer eſta grandioſa fabrica do Univerſo, nos ha de acompanhar o Sacramento: *Ecce ego vobiſcum ſum omnibus diebus, uſque ad conſummationem ſæculi.*

Pſalm. 77. v. 24. Drog. de Sacram. Dom Paſſ. 1. Apoc. 5. 6. Iſai. 33. Matth. 28. 20.

7 A morte de Chriſto: (paſſando já a deſcobrir a meſma ſemelhança nos mais Myſterios) a morte de Chriſto ſerá hum exemplar da morte de Santo Elias, porque ſe Chriſto depois de conſummar o que lhe foy diſpoſto por ſeu Eterno Padre, expirou em huma Cruz: *Conſummatum eſt... tradidit ſpiritum*; tambem Santo Elias, depois de conſummar no fim do Mundo a ſua prégaçaõ, e o mais que lhe eſtá decretado por Deos, ha de morrer crucificado, como ſe entende do

Ex Apoc. c. 11. juxta interpretes cũ D. Thom. Ferr. & aliis. Ib. juxta eosd. D. Act. 1. v. 9.

Apocalypſe. Se Chriſto depois de tres dias reſuſcitou, com terror grande das guardas, quando viaõ, que reſurgia com tanta gloria; Santo Elias, depois de tres dias, e meyo, ha de reſuſcitar, com grande terror dos que o virem: *Poſt tres dies, & dimidium, ſpiritus vitæ à Deo intrabit in Eliam, & timor magnus cadet ſuper omnes qui viderunt eum.* Se Chriſto finalmente depois de reſuſcitar, ſobio aos Ceos em huma nuvem: *Nubes ſuſcepit eum*; aos Ceos ha de ſobir Santo Elias depois de reſuſcitado; ſervindolhe de carroça, naõ já o fogo em obſequio, mas ſim huma nuvem, para ſemelhança mais propria: *Aſcendet in cælum in nube.* Tudo conſta do cap. 11. do Apocalypſe, commentado neſte entender pelos mais inſignes Expoſitores.

Dan. à v. Maria in Speculo tom. 1.

8 Agora acabo eu de entender o fim, com que na adoraçaõ dos Reys, na inſtituiçaõ do Sacramento, na Reſurreiçaõ, e Aſcenſaõ, ſe achou Santo Elias preſente por Divina diſpoſiçaõ, acompanhando a Chriſto em Belem, no Cenaculo, no Sepulchro, e no Olivete; e foy a meu ver, porque eſtando Santo Elias no Olivete, ſe julgaſſe, que era certamente Chriſto, e naõ Santo Elias, o que ſobia aos Ceos triunfante. Aſſiſtindo ao Sepulchro, ſe calificaſſe ſer outro, e naõ Santo Elias, o que reſuſcitava. Achando-ſe no Cenaculo preſente, ſe comprovaſſe, que naõ era Santo Elias, o que ſe ſacramentava. E ſendo finalmente viſto Santo Elias em Belem, confeſſaſſem os Magos, que o menino naſcido, a quem adoravaõ, naõ podia ſer Santo Elias, pois a hum, e outro com evidencia diſtinguiaõ os olhos. E que eſte foſſe o altiſſimo deſtino da preſença de Santo Elias naquelles quatro Myſterios, bem ſe deixa ver com a auſencia deſte Santo no Calvario.

9 Quando Chriſto crucificado já, entre os deſam-

paros

paros da Cruz, bradava a seu Eterno Padre, dizendo: *Eli, Eli, Lamna Sabacthani*, tiveraõ para si os Judeos com a sua má intelligencia das Escrituras (pois estes nunca as entenderaõ bem) que Christo bradava por Elias: *Eliam vocat iste.* Que alguns Soldados Romanos, que ahi se achavaõ, assim entendessem, ou naõ entendessem a Christo, por lhes ser estranho o idioma Hebraico em que fallava, naõ estranho; mas que tambem os Judeos, como advertem muitos com Saõ Jeronymo, se confundissem na intelligencia daquellas palavras? He sem duvida, que nenhuma acçaõ tem as creaturas, principalmente as racionaes, a qual naõ seja subordinada á Providencia eterna de Deos, que tudo ordena para determinados fins, e muito mais naquellas acçoens, que notaõ os Euangelistas na Paixaõ de Christo, cheya de tantos mysterios, que naõ pode o entendimento huma no alcançar todos. Pois a que fim ordenaria a Providencia Divina aquella equivocaçaõ dos Judeos, dispondo que entendessem elles bradava Christo por Elias: *Eliam vocat?* Responderey pelo que hoje venho a entender. A equivocaçaõ dos Judeos foy destinada, para que os mesmos, que confundiaõ a Christo com Elias: *Alii Eliam*, publicassem que naõ era Elias aquelle a quem crucificaraõ. Que Christo crucificado era hum, e Elias outro, que estava ausente: *Sine, videamus an veniat Elias.* Como naõ assistia Elias no Calvario, para com a sua presença se tirar a equivocaçaõ que tinha com Christo, confundiraõ-se os entendimentos na intelligencia daquellas palavras, para com este meyo (que naõ deixou de ser mysterioso) confessarem a distinçaõ, que ha entre Santo Elias, e Christo.

Matth. 27. v. 46.

D. Thom. 1. p. q. 22. a. 1.

Matth. 27. v. 49.

10 Assim como Caifaz perguntando, e duvidando,

do, confessou a Christo por verdadeiro filho de Deos:
Matth.20. v.63. *Dicas nobis si tu es Christus Filius Dei. Tu dixisti.* E assim como este mesmo Principe dos Sacerdotes, sem penetrar o segredo occulto no que affirmava, disse que era precisa a morte de Christo, para salvaçaõ do mais
Joann.11 v.50. Povo: *Expedit vobis, ut unus moriatur homo pro populo, & non tota gens pereat;* assim os Judeos ignorando em sua equivocaçaõ o mysterio occulto, affirmaraõ, que Elias naõ era Christo, quando entenderaõ que Christo expirando bradava por Elias ausente: *Eliam vocat.* Para com esta equivocaçaõ tirarem a que se podia seguir dizendo se, que aquelle Christo morto era Elias, e naõ era Christo, como já dantes se havia dito, pela semelhança, que nelle viaõ: *Alii Eliam.*

11 Abonemos esta intelligencia. Já me ouvistes,
Plebart & alii apud Spec.tom. 1. que naõ sobio Christo aos Ceos, sem que assistisse Elias. Assim o affirmaõ varios Authores, com o meu Saõ Gregorio Papa. E no entender de Arnoldo, foy disposiçaõ Divina, para que Santo Elias fosse testemu-
Arn.Bost. l.de Script. Eccl. nha deste Mysterio: *Ut Ascensionis dominicæ testis esset.* Pergunto agora. E a quem havia de testemunhar Santo Elias a Ascensaõ de Christo? He certo, que aos Ceos naõ; porque para lá sobia Christo, que aos Anjos melhor o testemunharia. Naõ á terra, porque dos homens se apartou logo Elias para o Paraiso. Nem finalmente ao Paraiso, porque tambem Henoch esteve no Olivete assistindo, como dizem os mesmos Padres. Pois a quem poderia testemunhar Santo Elias a Ascensaõ de Christo? Respondo, que aos mesmos que ahi se achavaõ presentes ao apartamento de Christo. Notay. Para que os Apostolos, e Henoch, com verdadeira fé cressem na Ascensaõ de Christo, naõ se requeria prova de vista; mas Christo naõ só queria, que os taes cres-

sem

sem por fé a sua Ascensaõ, senaõ tambem, que a testemunhassem de vista. E para que o testemunho da vista fosse sem a menor duvida, ordenou Deos, assistisse Elias, para que com a sua prelença ficasse irrefragavel o testemunho da vista: *Ut Ascensionis dominicæ testis esset.* E com razaõ, porque se Santo Elias naõ assistisse para o desengano, talvez duvidariaõ os olhos, se era Christo, ou Santo Elias o que sobia. Veyo pois Henoch, e vieraõ os Apostolos para assistirem á Ascensaõ de Christo; mas veyo tambem Santo Elias, para de vista os desenganar, que quem sobia era outro, naõ era elle: era Christo, naõ era Elias.

12 Dous discipulos mandou o Bautista, que perguntassem a Christo, se era elle o Messias: *Tu es qui venturus es?* E naõ sabia muy bem o Bautista, que Christo era o verdadeiro Messias promettido ao Mundo? He sem duvida, e assim o prégava. Pois como o pergunta ainda? O Cardeal Caetano diz, que fizera o Bautista aquella pergunta, naõ por si; mas por inteirar aos seus discipulos da vinda do Messias ao Mundo: *Non dubitans, sed ut consulat discipulis.* E bem; mas ainda persiste a mesma duvida. E esses discipulos naõ tinhaõ já ouvido ao Bautista, que Christo era o verdadeiro Messias? Assim consta do Euangelista. Pois para que he mais exame, se para o crerem, o tinhaõ já ouvido nas prégaçoens do Bautista? Muito a nosso intento o mesmo Eminentissimo Expositor: *Ut vel sic instruantur, & credant JESUM esse verum Messiam.* Quer dizer. Para que tambem desta sorte fiquem os discipulos do Bautista instruidos na verdade do Messias, e creaõ. Profundamente. Supposto que para crerem era bastante noticia a prégaçaõ do Bautista, para se instruirem, e desenganarem os discipulos; ainda Matth. 11. Caet. hic. Ex Joann. 10. v. 26. 27. Caet. ibid.

aquelle exame era conveniente, porque intentava o Baptista, que creſſem os ſeus diſcipulos por fé, e que com aquelle exame ſe deſenganaſſem de viſta: *Ut vel ſic inſtruantur, & credant.* Iſto meſmo ordenou a Providencia eterna de Deos no admiravel Myſterio em que fallamos. Naõ ſó diſpoz, que Henoch, e que os Apoſtolos creſſem com viva fé na Aſcenſaõ de Chriſto; mas tambem quiz, que a teſtemunhaſſem de viſta. Para a fé naõ ſe requeria a aſſiſtencia de Elias; mas para o deſengano da viſta foy preciſo, que aſſiſtiſſe Elias, porque ſendo viſto naquelle acto, ſe julgaſſe, que naõ era elle, ſim que era outro; que era Chriſto, e naõ era Elias o que ſobia. Naõ ſem muita razaõ, porque ſe aſſiſtindo Chriſto na terra, diceraõ alguns que era Elias, *alii Eliam*, agora que para os Ceos partia, diriaõ os meſmos com pertinacia igual, que era Elias, ſe com a ſua preſença naõ eſtivera prevenido eſte deſengano, pois taõ aſſemelhado como iſto he o grande Elias a Chriſto, e naõ menos equivocado he Chriſto com Santo Elias: vede-o.

§. III.

13 QUando Chriſto no Thabor ſe transfigurou, depois de ter com Moyſés, e Elias huma dilatada pratica na Corte deſſa montanha, deſceo huma nuvem, coche celeſte, no qual entrando, ſe partiraõ ambos: a alma de Moyſés para o Limbo, Elias em corpo, e alma para o Paraiſo. Deixemos auſentarſe Elias, que aõ Paraiſo iremos depois por elle com o penſamento. Ficando Chriſto no monte ſem Elias, e ſem Moyſés, ouviraõ os tres inſeparaveis Diſcipulos Luc 9.35. de Chriſto, dizerlhes o Eterno Padre: *Hic eſt filius meus*

meus dilectus; ipsum audite. Este he o meu amado filho, ouvio. Ninguem haverá a quem naõ pareça esta voz do Padre escusada, e superflua esta sua declaraçaõ. Porque como tambem refere Saõ Lucas, naõ em outro, senaõ em o mesmo capitulo, em que descreveo o que ouvistes, pouco antes que Christo subisse ao monte em que se transfigurou, o havia confessado Saõ Pedro em seu nome, e dos mais Apostolos, por verdadeiro Filho de Deos: *Vos autem, quem me esse dicitis?* Ibid.v.10. *Respondens Simon Petrus dixit: Christum Dei.* Pois a que fim seria aquelle testemunho do Eterno Padre no monte, sobre o mesmo, que os Apostolos haviaõ confessado no valle? Para q̃ declara o Eterno Padre a Christo por Filho seu aos mesmos, q̃ por tal o haviaõ já cõfessado? Eu darey a reposta, e o Euangelho a confirmará. Naquelle monte em que se via glorioso Christo, esteve com elle juntamente Elias: apartouse hum, ficou outro, e taõ equivocado era o que ficava com o que partia, que ficou sendo preciso declarasse o Padre, que era Christo o que ficava, para se naõ entender, que o que ficava era Elias. Notay, e vereis quanto o mesmo Texto abona esta intelligencia nas circunstancias todas: da voz que se ouvio, do tempo em que se proferio, e das palavras, que se perceberaõ.

14 A voz que se ouvio, foy a do Eterno Padre, como notou Saõ Pedro com mysteriosa advertencia: *Accipiens à Deo Patre honorem, & gloriam, voce delapsa ad eum, hujusmodi à magnifica gloria; hic est filius meus dilectus.* E porque naõ foy antes a voz de algum Anjo, a que rompesse a nuvem com semelhante periodo? Todas as vezes que no Testamento Velho lemos, que apparecia, ou que fallava Deos, entendem os Theologos com Saõ Dionysio Areopagita, que era 2. Petr. c. 1. v. 17.

hum Anjo o que fallava, e o que apparecia. Pois porque ha de ser no Thabor aquella voz, naõ de algum Anjo, senaõ do Eterno Padre: *Accipiens a Deo Patre honorem, & gloriam?*

D. Dion. c. 4. Cæleſt. hier.

Direis por ventura, que como quem proferia aquellas palavras, declarava a Chriſto por Filho seu: *Hic eſt filius meus*, ficava sendo preciso fosse o Eterno Padre o que as disseſſe, e naõ outro, porq̃ sómente o Padre pode nomear a Chriſto por Filho seu. E bem: mas para isso bastava, que sendo em substancia hum Anjo o que fallaſſe, fossem as palavras ditas em nome do Eterno Padre, para que na força da representaçaõ se verificasse o dizer. Na Çarça de Horeb, onde a Escritura diz, que apparecera Deos a Moysés: *Apparuitque ei Dominus in flamma ignis de medio rubi*, he commum sentir dos Padres, e Expositores, que fora hum Anjo o que apparecera, e o que fallara, e com tudo dizia naõ só huma, senaõ tres vezes, que elle era o verdadeiro Deos, reconhecido, e adorado pelos Patriarcas: *Ego ſum Deus Abraham, Deus Iſaac, Deus Jacob.* Porque ainda que era Anjo em substancia, fallava em nome, e em pessoa de Deos, naõ pelo que era, mas pelo que representava. Pois, da mesma sorte, naõ bastaria, que no Thabor se ouvisse a voz de hum Anjo, o qual em nome do Eterno Padre declarasse a Chriſto por Filho seu? Respondo que naõ, e cuido vem a ser esta a congruencia, com q̃ se dispoz o contrario. Tinha dito Chriſto, que ninguem o conhecia, sem que o Eterno Padre o trouxesse a seu conhecimento: *Nemo poteſt venire ad me, niſi Pater qui miſit me, traxerit eum.* O que supposto, nota agora. No Thabor, como já sabeis, estiveraõ presentes até aquelle ponto Chriſto, e Santo Elias, e como tantas vezes no juizo dos homens se vio Chriſto equi-

Exod. 3. v. 2.

v. 6.

Joann. 6. v. 44.

vocado

vocado com Santo Elias, era bem entrasse neste lugar a decisaõ do Padre, para que acertasse a Fé, conhecendo sem risco de se enganar, qual era Christo, e qual era Elias; que era Elias o que se ausentou na nuvem, e que era Christo o que no Thabor ficara: *Hic est filius meus dilectus.*

15 A circunstancia do tempo ainda nos dá mais forças ao pensamento. Duas vezes advertio Saõ Lucas (naõ sey se por querer tambem reflectissemos nós alguma vez) que quando no Thabor se ouvio a voz do Padre, foy depois que se ausentou Elias, e quando já Christo se achava só: *Intrantibus illis in nubem, vox facta est de nube.* Heis ahi a primeira advertencia sobre a voz do Padre proferida na ausencia de Santo Elias: *Et dum fieret vox, inventus est solus Jesus.* Heis ahi a mesma advertencia repetida. Agora parece tem bom lugar qualquer reparo sobre estes dous, que Saõ Lucas fez. E porque razaõ ha de esperar o Eterno Padre a entrada de Elias na nuvem, e q̃ com a sua ausencia ficasse Christo só no Thabor, para o declarar entaõ por seu Filho? Se opposto ás falsidades do Antichristo, ha de vir Santo Elias no fim do Mundo a defender, e prégar, que unicamente he Christo o verdadeiro Filho de Deos, que razaõ póde haver, para que em presença de Santo Elias, naõ quizesse o Eterno Padre declarar a Christo por Filho seu? Nas mesmas palavras, que proferio o Padre, cuido eu se descobre o fim dellas para a reposta. Luc. 9. v. 34. 35. & 36.

16 *Hic est filius meus dilectus.* Este he o meu Filho amado. Notay, que diz este: *Hic*, sem dizer determinadamente quem o tal seja. Ah sim! Pois naõ profira taes palavras o Padre, em quanto Elias estiver presente. Detenha-se, até que se recolha Elias na nuvem: *Intran-*

Intrantibus illis in nubem, eſpere até ficar Chriſto ſó: *Inventus eſt ſolus JESUS*; porque ſe Chriſto, e Santo Elias eſtiverem ambos, ficará em duvida, com qual delles ſe deva entender a declaraçaõ do Padre, pelo muito que no juizo humano andava Chriſto equivocado com Santo Elias: *Alij Eliam.* A intelligencia he taõ natural ao Sagrado Texto, que eſcuſa authoridade, que a abone; mas porque me naõ fiqueis devendo a ſubtileza do penſamento, eu confeſſo que todo he de Hugo Victorino, tendo-o já dantes ſido do grande Padre Theophilacto: *Si Elias perſeveraſſet cum JESU, vox Patris, hic eſt filius meus dilectus, videretur incerta, cui dediſſet teſtimonium: Eliæ, an Chriſto?*

Hug. vict. Theoph. in c. 9. Luc.

17 Vamos á ultima circunſtancia, que he a das meſmas palavras com que o Eterno Padre declarou a Chriſto por Filho ſeu, que tambem com ellas ſe prova a muita equivocaçaõ de Chriſto com Santo Elias. Depois de dizer o Eterno Padre aos tres Diſcipulos, que aquelle, que no Thabor ficara, ſó era o ſeu amado Filho: *Hic eſt filius meus dilectus*, tambem lhes manda, que o ouçaõ: *Ipſum audite.* E a que fim accreſcenta o Padre eſte preceito? Pelo meſmo fim, com que o declarou por Filho. Para tirar aos Apoſtolos toda a equivocaçaõ entre Chriſto, e Santo Elias, diſſe que aquelle, que ficara ſó no Thabor, era o ſeu amado Filho: *Hic eſt filius meus dilectus*, agora com o meſmo intento, manda que o ouçaõ: *Ipſum audite*; para que pela voz ſe deſenganem, de que era Chriſto, e naõ Elias, o que ficara ſó no Thabor. Ainda naõ diſſe tudo. Notou com muita agudeza o Doutiſſimo Padre Sylveira, em mandar o Eterno Padre aos tres Diſcipulos naõ que olhaſſem, e viſſem a Chriſto; mas ſim que o ouviſſem: *Notandum, quod æternus Pater ait, ipſum audite; non*

ait

ait, ipsum videte. Fiou a attenção dos ouvidos, e naõ dos olhos. Pois pela voz haõ de distinguir os Apostolos a Christo, e a Santo Elias? Sim; que tanto se quiz Christo a Santo Elias equivocar, que só se distinguem ambos, em que Christo, o que ficou no Thabor, he a voz, e a palavra do Eterno Padre; porém Santo Elias, o que se ausentou, nem he voz, nem palavra do Eterno Padre. De sorte, que se Santo Elias (por impossivel) fosse voz, e palavra do Eterno Padre, naõ se distinguiria de Christo: nem a Christo poderiamos distinguir de S. Elias, se naõ fora Christo a voz, e palavra do Eterno Padre; por cuja razaõ querendo o Eterno Padre assegurar aos Apostolos, que Christo, o que no Thabor ficara, era o seu amado Filho, e naõ era Elias, lhes manda, naõ que o vejaõ, mas que o ouçaõ: *Hic est filius meus dilectus, ipsum audite.* Sylv. tom. 4. l. 6. c. 8. q. 26. n. 28

18 E se naõ reparemos na voz do Padre quando proferida no Jordaõ, fez ecco por todo o Mundo. Nesse rio, crystalino espelho, em que se viraõ tantos prodigios, se occupava o Precursor de Christo em bautizar, quando se lhe apresentou o mesmo Christo, para ser tambem por elle bautizado. Escusou-se o Bautista como era bem, dizendo devia ser elle o bautizado por Christo, e naõ o que a Christo bautizasse: *Ego à te debeo baptizari, & tu venis ad me?* Instava Christo para que o bautizasse Joaõ, e foy preciso ceder o Bautista por obedecer. A penas se havia bautizado Christo, quando o Eterno Padre o declara a vozes por Filho seu: *Hic est filius meus dilectus, in quo mihi complacui.* Assim convinha, pelo muito que naquella occasiaõ Christo se assemelhava ao Bautista; pois devendo ser Christo o que bautizasse, e Joaõ o bautizado por Christo: *Ego à te debeo baptizari*, o que se via era muito Matth. 3. v. Ibid. v. 17.

to pelo contrario; porque o bautizado era Chriſto, e Joaõ o que bautizava. Tomava Chriſto a figura do Bautiſta, e o Bautiſta a figura de Chriſto: para ſe moſtrar pois a diſtinçaõ das peſſoas, contra a equivocaçaõ das figuras, foy preciſo, que ſe declaraſſe, qual era o Bautiſta, e qual era Chriſto: *Hic eſt filius meus dilectus, in quo mihi complacui.*

19 Mas neſte caſo, em huma circunſtancia noto, muy digna de reparo grande, e vem a ſer, que naquelle termo ſe concluiſſe o periodo, e que ſem mais proſeguir, paraſſe aquella voz do Padre. Eu me declaro. Se no Thabor dizendo o Eterno Padre, que aquelle, que no monte ficara, ſó era o ſeu amado Filho: *Hic eſt filius meus dilectus*, recomendou tambem, que o ouviſſem: *Ipſum audite*; como no Jordaõ declarando a Chriſto por ſeu Filho amado: *Hic eſt filius meus dilectus*, naõ ordenou, que o ouviſſem. Aſſim como Chriſto no juizo das Turbas ſe equivocava com Elias, aſſim com o Bautiſta ſe equivocava na opiniaõ do vulgo: *At illi reſponderunt, & dixerunt Joannem Baptiſtam, alij vero Eliam.* Pois ſe no Thabor para tirar eſta equivocaçaõ entre Chriſto, e Elias, manda o Padre que ouçaõ a Chriſto: *Ipſum audite*, porque no Jordaõ, para dicernir a Chriſto do Bautiſta, naõ ordena tambem que o ouçaõ: *Ipſum audite?* Darey a razaõ, e com ella ficará eſtabelecido o meu penſamento. O Bautiſta era a voz de Chriſto: *Ego vox clamantis in deſerto*, dizia de ſi meſmo o Bautiſta: *Joannes Baptiſta, Verbi clamantis vox*, explica o meu Illuſtriſſimo Zerda. Bem; pois heis ahi o porq̃ naõ mãda o Padre, q̃ ouçaõ a Chriſto para o diſtinguirem do Bautiſta; porque ſendo em ambos a voz a meſma, ouvir a hum, ſeria ouvir a outro; mandar, que ouviſſem a Chriſto, ſeria equivocallo

Joann. 1. v. 23. Zerd. Acad. 32.

lo mais com o Bautista. Manda porém o Eterno Padre, que no Thabor ouçaõ a Christo, quando o quer distinguir, porque tanto se assemelhou Christo a Elias, ainda nos resplandores da face: *Resplenduit facies ejus sicut Sol. Elias ideſt Sol*, e na candura das roupas: *Vestimenta ejus facta sunt alba*, que só pela voz ficava algum acordo ao juizo, para dicernir, e julgar, que Christo naõ era Elias: *Hic est filius meus dilectus, ipsum audite.* Ponde vós agora, ou supponde a voz do Bautista em Santo Elias, e dizeime o como se julgaria, que Christo naõ era Elias, quando sem ella o equivocaraõ tantos: *Alij Eliam.*

§. IV.

20 AGora cuido, que me deixa algum sentimento o que disse do Bautista, quando com elle calisiquey a rara equivocaçaõ, que ha entre Santo Elias, e Christo; porque se no Bautista já se descobre a mesma, que muito a logre tambem Santo Elias, naõ ficando por esta semelhança singular? Ainda assim, tenha embora o Bautista a semelhança no Jordaõ, e fique Santo Elias com a equivocaçaõ no Thabor, que tanto de melhor partido está Santo Elias, quanto vay de hum arrastado rio, a hum alto monte. E a razaõ he; porque se o Bautista a Christo se equivoca no Jordaõ, he quando Christo se abate, para que se exalte o Bautista; mas se Christo, e Elias se equivocaõ no Thabor, he quando Christo ostenta as Magestades de sua gloria, fazendo a Santo Elias participante dellas: *Elias in maiestate*: E que a Lua na mayor enchente de suas luzes, se queira equivocar com o Sol, quando encuberto de nuvens diminue os rayos,

rayos, naõ he aſſombro; mas que a Lua haja de ficar aſſemelhada ao Sol, quando eſte no fim do Mundo com ſeptenaria intençaõ multiplicar os rayos: *Erat lux Lunæ ſicut lux Solis, & lux Solis ſeptempliciter ſicut lux ſeptem dierum*; iſſo entaõ ſerá prodigio, que admire.

Iſai. 30. v. 26.

21 Ainda mais. Que o Bautiſta ſe equivoque na voz com Chriſto, naõ he unica maravilha, porque tambem no juizo de Samuel, na primeira noite em que Deos bradou por elle no Templo, ſe equivocaraõ as vozes de Deos com as do Sacerdote Heli, naõ ſó huma, nem duas ſómente, ſenaõ tres vezes; mas que Elias ſe equivocaſſe com Chriſto no obrar, em quatro acções taõ portentoſas, como foraõ, a inſtituiçaõ do Sacramento, a Morte, a Reſurreiçaõ, e Aſcenſaõ; eſta he a unica maravilha, e o nunca viſto aſſombro; porque a ſemelhança mais ſingular entre os ſogeitos, he a ſemelhança no obrar.

22 Là mandou Abſalam (por toda a memoria grandioſo Principe) levantar huma ſua Eſtatua, à qual deu por titulo: Maõ de Abſalam: *Erexit ſibi titulum... manus Abſalonis.* Era a tal Eſtatua, huma viva imagem de Abſalam, taõ imitadora do ſeu original, que em nenhuma parte lhe deſcobriaõ os olhos differença: *Conſtituit quandam imaginem marmoream, quæ omnino erat ad ſimilitudinem Abſalonis*, diſſe o antigo Joſepho; e o grande Abulenſe affirma, que foy tanta a ſemelhança entre o original, e a copia, como ſe foraõ ambos reproduzido effeito da natureza: *Tanquam ſi natura parens, eum effigiaret.* Pois ſe a ſemelhança era tanta, como naõ deu Abſalam a taõ parecido retrato ſeu, mais titulo, que o de maõ ſua? Se no roſto daquella figura havia hum eſpelho de Abſalam: ſe nos braços, properçaõ

2. Reg. 18. v. 13.

Abul. in hunc Loc.

ſem

sem desigualdade: se no mais corpo era o talhe sem differença, como a taõ unica semelhança intitula só, maõ de Absalaõ: *Manus Absalonis?* Por isso mesmo, porque para se exprimir taõ rara semelhança, bastou dizerse, que o retrato, e o natural, eraõ semelhantes nas mãos: *Manus Absalonis. Omnino erat ad similitudinem Absalonis.* E o ultimo fundamento desta razaõ, vem a ser; porque pelas mãos se entendem as obras: *Manus, quia sunt instrumenta ad operandum, passim ipsa opera significant*, diz Laureto; e a semelhança mais primorosa, naõ consiste na equivocaçaõ das figuras tão to, como das obras. In Sylv a- leg.

23 Agora concluirey de todo, porque este he o soberano primor, com que Santo Elias se assemelhou a Christo, e se equivocava Christo com Santo Elias. Ainda que Elias se interpreta Sol: *Elias ideſt Sol.* E Christo no Thabor resplandeceo como Sol: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* Ainda que Elias tinha o mesmo nome de Deos, para em tudo ser huma sua imagem perfeita, como discorreo Santo Ambrosio: *Nomine Dei vocatus est, ad cujus similitudinem se perfectæ virtutis ubertate formavit.* Ainda que Elias vestia de branco, e Christo no Thabor, da neve tomou a candura, para talhar a capa: *Vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix*; com tudo o perfeito ajuste de tanta semelhança esteve, em que de tal sorte se deraõ as mãos Christo, e Santo Elias, que a maõ de hum, e de outro se equivocavaõ ambas, obrando Elias com semelhanças a Christo em quatro Mysterios taõ principaes, como se fora Elias a maõ de Christo. Quando nasceo o Bautista differaõ os da montanha, que a maõ do Senhor estava com elle: *Manus Domini erat cum illo.* E qual era a maõ do Senhor, que estava com o Bautista? D. Ambros. Luc. 1. v. 66.

A vir-

Stel.ibid. A virtude de Deos, reſponde o Stella: *Manus Domini, id eſt virtus Dei*, porém o Anjo que lhe annunciou o naſcimento diſſe, que viria o Bautiſta com a virtude de Santo Elias: *Præcedet in ſpiritu, & virtute Eliæ.* Pois a virtude de Santo Elias, he a virtude de Deos, e a maõ do Senhor? Sim, que no obrar, tanto ſe aſſemelhou Santo Elias a Chriſto, tanto com Santo Elias ſe equivocava Chriſto, que onde eſtá o eſpirito, e virtude de Santo Elias, parece eſtar a maõ do Senhor: *Præcedet in ſpiritu, & virtute Eliæ. Manus Domini erat cum illo. Id eſt, virtus Dei.*

§. V.

24 VEde agora quem ficaria melhor deſtas ſemelhanças, e equivocaçoens com Chriſto: o Bautiſta, que ſe equivocara a Chriſto no dizer, ou Santo Elias, que ſe equivocara no obrar? O Bautiſta que ſe aſſemelhava na voz, ou Santo Elias, que ſe aſſemelhava na maõ? Naõ me toca decidir pelo Bautiſta; mas reſponderey por parte de Santo Elias, e de ſeus digniſſimos, e ditoſos filhos. Muito melhor ficou Elias com a maõ, que o Bautiſta com a voz. Depois darey a razaõ pela conveniencia dos filhos; por parte do Pay vem a ſer a razaõ, porque equivocando-ſe S. Elias com Chriſto, naõ na voz, porém na maõ, he iſſo o que lhe baſta para levar a primaſia da virtude, e para ſer o morgado da Santidade. Ouvi a prova.

25 Pertendeo Rebecca tirar de Eſaù, e dar a Jacob, o morgado daquella caſa, em que por excellencia ſe havia de fundar o morgado, e herança da Santidade em Chriſto ſeu deſcendente; naõ obſtante que o intento de Iſaac ſempre foy, que Eſaú, pois era o primogenito,

nito, levasse o morgado, e naõ Jacob filho segundo. E que faria nesta opposiçaõ a mãy, para frustrar os designios do pay, e conseguir os seus? Para introduzir a Jacob, e excluir a Esaú? Tratou de equivocar as mãos do mais moço, com as do mais velho. Com taõ rara industria se appresentou Jacob diante de seu pay Isaac já cego, o qual fez a Jacob esta pergunta: *Quis es tu fili mi?* Qual dos meus filhos sois vós? Ao que respondeo Jacob. Eu sou Esaú vosso primogenito: *Ego sum primogenitus tuus Esaù*; fiz o que me mandastes: *Feci sicut præcipisti mihi.* Duvidou o pay, fosse Esaú o filho com quem fallava; porque conhecia muy bem ser aquella voz de Jacob, e como lhe faltasse já a vista para a decisaõ, do tacto fiou o exame para o desengano: *Accede huc, ut tangam te, fili mi, & probem, utrum tu* v. 21. *sis filius meus Esaù, an non?* Apalpoulhe, com effeito, as mãos, e como as achasse taõ semelhantes ás de Esaú, ainda que a voz estava dizendo o contrario, resolveo assim: verdadeiramente esta voz, he voz de Jacob, porém as mãos de Esaú: *Palpato eo dixit Isaac: vox* v. 12. *quidem, vox Jacob est; sed manus, manus sunt Esaù.* Aqui presumia eu, que esperasse Jacob, se ajuntassem os filhos ambos, para tirar a duvida, e naõ desvanecer o gosto, que tinha de dar o morgado a Esaú. Mas naõ; alli o deu a Jacob, com estabilidade perpetua, imaginando, que o dava a Esaù. Pois naõ conhecia Isaac, que aquella voz era de Jacob? He sem duvida: *Vox quidem, vox Jacob est*; mas que importa, se as mãos eraõ de Esaù: *Sed manus, manus sunt Esau.* Pouco importa ter a voz de Jacob, quem tem as mãos de Esaù. Naõ faz, nem desfaz o fallar como Jacob, quem obra como de Esaù se espera: *Feci sicut præcepisti mihi.* Por isso no juizo de Isaac, naõ desfez a falta da voz em Jacob, para

ra lhe dar o morgado, quando nas mãos, e no obrar se descobrio semelhanças do primogenito: *Sed manus, manus sunt Esaù. Feci sicut præcepisti mihi.* Assim tambem julgo eu entre Santo Elias, e o Bautista. Pouco importa logre o Bautista a semelhança da voz de Christo, que naõ tem Elias; logrando este, para levar o morgado da Santidade, o merecimento do obrar, pela semelhança das mãos.

26 E assim foy em verdade. Levou Jacob o morgado da casa de Isaac, e Santo Elias levou o morgado da virtude entre os Santos. O meu Doutissimo Padre Alonso de Saõ Victóres dividio em duas classes a Santidade. Poz na primeira os Santos do Testamento Velho, e os do Testamento Novo em outra classe. (O que se deve entender, ficando a huma, e outra superior a Soberana Rainha de todos os Santos) E affirmou ingenuamente o mesmo Author, que fora Santo Elias o Morgado entre os Santos da primeira classe. E como deixaria de o ser entre os da segunda tambem? No Deuteronomio mandava Deos, que o Morgado levasse dobrados bens, do que os mais irmãos: *Dabit pater primogenito suo de his, quæ habuerit, cuncta duplicia.* E os Reys da terra em suas leys ordenaõ, que levem os primogenitos as herança s todas, obrigando-os a repartir alimentos com os mais irmãos. Huma, e outra cousa se vio em Santo Elias, para prova de ser o Morgado da Santidade entre os Santos de ambos os Testamentos; porque entre os Santos do Testamento Velho, levou Santo Elias dobrado espirito, como o testemunhou Eliseo: *Fiat in me duplex spiritus tuus*, que isso he o que levavaõ os Morgados daquelle tempo. E para tambem ser hoje o Morgado da Santidade, teve taõ grandes enchentes da virtude, que della pôde repartir,

Em o Sol del Occid. tom. 1.

Deut. 21. Mol. de primog.

4. Reg. c. 2. v. 9.

e pó-

e pòde com ella alimentar aos mais Santos da Ley da graça. Para cuja evidencia attendey a eſta demonſtraçaõ.

27 He ſem controverſia, que o grande Bautiſta, os Sagrados Apoſtolos, e os inſignes Patriarcas das Religioens todas, ſaõ os mayores Santos da Igreja; mas ſem affectaçaõ, ou que para iſſo me valha do privilegio do dia, muy bem vos poſſo affirmar, que todos elles ſe reconhecem devedores a Santo Elias, da virtude que imitaraõ com ſeu exemplo, e participaraõ de ſeu eſpirito. Hide notando para credito de meu intento. O Bautiſta he ſabido, que do eſpirito, e virtude de Santo Elias, foy hum raro imitador: *Præcedet ante illum, in ſpiritu, & virtute Eliæ.* Aos Sagrados Apoſtolos, Columnas de toda a Igreja, ninguem lhes negará a participaçaõ, e imitaçaõda virtude, e eſpirito de Santo Elias; porque os taes viviaõ na companhia de Chriſto, e como eſte Divino Meſtre abraçou, e ſeguio muito a vida de Santo Elias, e ſeu inſtituto, (para o fazer mais illuſtre) como o referem Lezana, Serario, e muitos Authores graves; evidente fica, que tambem os Apoſtolos, por imitadores de Chriſto, haviaõ de participar as virtudes de taõ Santa Eſcola, e imitar ao eſpirito de ſeu primeiro inſtituidor. Lezan. Serar. Balduc. Barrad. apud. Joſeph. Andr. in Decor Carm. 45. n. 185. Arnol. in Spec. hiſt. l. 1. c. 2. Audb. l. de ort. & incre. Carm. Lez. an. nal: tom. 2. ad ann.

28 Paſſemos aos illuſtres Patriarcas das Religioens. Os mais antigos, como Santo Hilario, Saõ Pacomio, e Santo Antaõ, de Santo Elias aprenderaõ todos. No Carmelo foraõ diſcipulos, para ſerem os Meſtres na Thebayda. Aſſim o affirmaõ Arnoldo, Audberto, e outros Authores de grande credito. Seguiraõ-ſe os Baſilios, os Jeronymos, e os Agoſtinhos. E por ventura naõ foraõ, ou Profeſſores do inſtituto de Santo Elias, ou imitadores de taõ generoſo eſpirito?

Chr. 327. D. Hier. epiſ. ad Paulin.

Saõ Baſilio revelou a Saõ Cyrillo Carmelita, que primeiro havia ſido Eremita em o Monte Carmelo, do q̃ Biſpo em Ceſaréa: *Ne timeas Cyrille frater, ſum enim Baſilius, quandam montis Carmeli Eremita, Cæſarienſium Paſtor*, dizia o Santo Prelado. Saõ Jeronymo, entre os Doutores Maximo, e entre os Patriarcas conhecidamente grande, confeſſava a Santo Elias por Principe, e Capitaõ na milicia eſpiritual: *Dum noſter eſt Elias: noſter Princeps Elias.* E que direy eu do Legiſlador de quaſi innumeravel Familia, do Pay de tantas Congregaçoens, Doutas igualmente, e Santas? Do grande Agoſtinho já entendereis que fallo, a quem o coraçaõ inflammado, e o entendimento illuſtrado acclamaõ por Cherubim no entender, e Seraſim no amar. Só elle poderá reſponder por ſi. Exhortava aos ſeus filhos, e lhes propunha para imitaçaõ a Santo Elias por exemplar da vida monaſtica: *Electi eſtis ante mundi*

D. Aug. ſerm. 1. ad frat. *conſtitutionem, ut in hac vaſta ſolitudine ſitis cum Elia.*

29 Depois de tantos Patriarcas, ſeguio-ſe em tempo (precedendo a todos em primaſia) o meu incomparavel Padre Saõ Bento: o Seraſim humano Saõ Franciſco, retrato ao vivo de Chriſto: o Soberano Aſtro da Igreja Saõ Domingos, taõ glorioſo pelas virtudes proprias, como pelas excellencias dos filhos, e outros mais Patriarcas ſe ſeguiraõ; nem hum porém houve, que no eſpirito de Santo Elias, naõ tiveſſe muito que

Joz. And. in Dec. Carm. n. 156. aprender, e que imitar: *Alii religioſorum Ordinum Sanctiſſimi inſtitutores, qui ſæculis poſterioribus ſubſecuti ſunt, & ſi non adeo explicite, Prophetam magnum Eliam ſibi propoſuerint imitandum, aliqua tamen ex ejus inſtituto mutuarunt.* Diz huma deſintereſſada penna da Excelſa Companhia de JESUS. Primeiro houve ſilencio no Carmelo, do que taõ exactamente ſe obſervaſſe na

Cartu-

Cartuxa. Antes se vio a aspereza de vida nos Carmelitas, do que taõ mortificada gemesse a natureza em hum Saõ Pedro de Alcantara, espelho da penitencia. Do Carmelo aprenderaõ a amar a solidaõ os Paulos; a contemplaçaõ os Filippes; o desprezo do caduco os Caetanos, a Caridade do proximo hum Saõ Feliz de Valoes, hum Saõ Joaõ da Matta, e o sempre glorioso Portuguez Saõ Joaõ de Deos, honra de Portugal, e credito da Granada. Perguntay aos mais doutos Escritores das Religioens todas. Mas responderá por todos o grande Abbade Trithemio, da minha sempre Augusta, e Pontificia Religiaõ Benedictina: *Antiquissimus ergo omnium in Ecclesia Dei, Carmeliticus est, à quo cæteri Ordines, principium, & formam suæ institutionis acceperunt.* Trithem. de Laud. Carm. c. 8. Vejo a dizer, que a Sagrada Religiaõ do Carmo, fundada por Santo Elias, sendo a mais antiga pelo tempo de sua instituiçaõ, foy tambem a q̃ servio de exemplar, para a norma de todas as mais Religioens. E concluhio daqui, devia ser Santo Elias nomeado, e acclamado Capitaõ, e Patriarca de todos os Religiosos: *Religiosorum omnium Dux, & Patriarcha est appellandus.* Idem. l. 1. disquis. Mon. tract. 1.

30 E parece, que com justissimo fundamento, quiz o grande Trithemio intitulemos a Santo Elias, Patriarca de todos os Religiosos; porque supposto tenha cada Religiaõ o seu especial Fundador, a todos elles deu Santo Elias exemplos de Santidade, e com todos distribuhio dictames para a vida que professaõ. De sorte, que comparados os mais Patriarcas com Santo Elias, este vem a ficar sendo fonte, aquelles todos rios, que desta fonte, ou nasceraõ, ou beberaõ as aguas, com que estaõ regando o Mundo espiritual. Ouvi-o a Joaõ Patriarca de Jerusalem: *Ordinum Religiosorum Patriarchas,*

Joann. Hieroſ. apud P. Il. def. de Flor. in c. 24. Eccleſ. v. 1662. Geneſ. 2. v. 10.

triarchas vitæ monaſticæ fuiſſe quoſdam rivulos particulares, ab Elia tanquam a primordiali, & univerſali rivulorum fonte derivatos. Hum rio poz Deos no Paraiſo, que ſervia de fonte a quatro, que nafciaõ delle: *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum paradiſum, qui inde dividetur in quatuor capita.* E que outros ſaõ eſtes quatro rios, ſenaõ os inſignes Patriarcas, que por meyo de ſuas Religioens regaõ, e fertilizaõ o Mundo com Santidade, e doutrina: *Ordinum Religioſorum Patriarchas vitæ monæſticæ fuiſſe quoſdam rivulos particulares?* E qual he o grandioſo rio, que lhes ſerve a todos de fonte, ſenaõ Santo Elias: *Ab Elia, tanquam à primordiali, & univerſali rivulorum fonte derivatus?* Eſſe era o acordo talvez, com que em quatro rios ſómente ſe dividia no Paraiſo aquelle rio, grandioſa fonte: *Dividetur in quatuor capita*; porque debaixo de quatro Patriarcas ſupremos, e de quatro Regras ſuperiores, militaõ as Religioens. Eſſe talvez o myſterio de eſtar Santo Elias no Paraiſo, para que ſe conheça onde eſtá a viva fonte, donde emanaraõ eſtes ſoberanos rios. Aſſim participaraõ do eſpirito de Santo Elias, o Bautiſta, os Apoſtolos, e os Patriarcas, para entre todos ſer Santo Elias merecidamente o morgado da Santidade. Eſta primaſia naõ logrou o Bautiſta; teve-a porém Santo Elias, porque o morgado da Santidade naõ ſe leva pela ſemelhança a Chriſto na voz; ſim pela ſemelhança da maõ no obrar.

§. VI.

31 VAmos á conveniencia dos Filhos. Nem eſtes querem, que na voz tenha Elias, ſeu Grande Padre, a ſemelhança com Chriſto, como do

do Bautista vimos; mas devem estimar, que leve por maõ esta semelhança. Notay o em que me fundo eu, ou o em que elles se fundaraõ. He Santo Elias maõ evocada á de Christo, e já se vé, que ha de ser esta a maõ direita; porque em Christo, só os reprobos he bem, que achem maõ esquerda. Além de que, havendo de ser Santo Elias maõ de Christo, só póde ser a sua maõ direita, porque nos Varoens perfeitos, e Santos, tudo he maõ direita. Ouvi ao meu insigne Berchorio: *Qui utraque manu utuntur pro dextra, significant viros valde perfectos.* Sendo pois Santo Elias a maõ direita de Christo, ficaõ os Carmelitas por Filhos de Santo Elias, sendo os Filhos da maõ direita de Christo. E que mayor felicidade, para os Filhos deste Patriarca supremo! Berch. in dict. v. Dext.

32 Entre os Filhos todos de Christo pela graça, ficaõ sendo os Carmelitas, o que foy Benjamin entre os mais filhos de Jacob. Porque se entre todos era Benjamin o filho da maõ direita: *Benjamin filius dexteræ*; os Carmelitas, por Filhos da maõ direita de Christo, em quanto Filhos de Elias, saõ os Benjamins de Christo: *Benjamin filius dexteræ.* Benjamin, entre os mais irmãos, era o mais amado filho de Jacob, e ainda mais que Joseph, pois se póde allegar contra Joseph, litigando sobre o amor do pay, que se o ser mais moço, fazia a Joseph mais amado, que os outros irmãos: *Israel autem diligebat Joseph super omnes filios suos, eo quod in senectute genuisset eum*; tambem o ser Joseph mais velho, que Benjamin, o devia fazer menos querido. Da mesma sorte entre todos os Filhos do melhor Jacob JESU Christo, saõ os Carmelitas, os mais intimos do coraçaõ; naõ por mais moços, como Joseph, mas por Filhos da maõ direita, como Benjamin. E por Genes. 35. 18. Genes. 37. 3.

naõ dar occaſiaõ a queixoſos neſta preferencia amoroſa, taõ digna de emulaçaõ, ouvi hum caſo, que a fará indubitavel.

33 Hum Duque de Arenas andava deſejoſo de ſaber, em quaes Chagas de JESUS Chriſto, ſe repreſentaraõ as ſuas Santas, e eſtimadas Religioens. Mereceo repoſta a ſua devota curioſidade, e dando ſe a outras Religioens diverſas Chagas, ouvio que a immaculada, e candidiſſima Religiaõ do Carmo, eſtava ſymbolizada na amoroſa Chaga do Lado de Chriſto. Aſſim o refere o Padre Bonherba Auguſtiniano: *In Lateris vulnere immaculata, candidiſſimaque figuratur Carmelitarum Religio.* Abrio-ſe aquella Chaga, e a meſma Lança, que a Chriſto raſgou o peito, tambem lhe ferio o coraçaõ: *Vulnus cordis* lhe chamaõ Santo Agoſtinho, e Saõ Bernardo. E que emanou daquella Chaga do coraçaõ de Chriſto? Hiſtoricamente fallando: ſangue, e agua: *Exivit ſanguis, & aqua.* Mas em ſentido myſtico, diz a meſma penna Auguſtiniana, que ſahiraõ os Carmelitas; porque ſe o ſangue he ſymbolo do martyrio, ſe a agua he ſymbolo da ſabedoria, o ſangue dos Martyres Carmelitanos he já hum rio; e hum mar, a ſabedoria que deſta Religiaõ tem emanado: *Aqua ſymbolum ſapientiæ, ſanguis ſignificativus martyris: ex Carmelitarum quoque Religione aqua profluxit, & ſanguis. Aqua tot famoſſimorum Doctorum, & ſanguis tot innumerabilium Sanctiſſimorum Martyrum.* Ou digamos, que naquelle ſangue, e agua ſe repreſentaraõ as duas cores de que ſe veſtem os Filhos de Santo Elias, ſignificando-ſe a branca na agua, e a parda no ſangue, quando ſeco, que aſſim o ſymbolizou já muy engenhoſamente o Padre Lumbier. Mas deſta, ou daquella ſorte, fica o Lado de Chriſto ſendo a porta por onde ſahiraõ

Bonh. tom. 2. probl. in die Jov. Dom. 4. Quadrag.

Joan. 19.

Bonch. citat.

Lumb. in fragm.

raõ os Carmelitas; porque como Filhos de Santo Elias, saõ os mais queridos Benjamins de Christo.

34 Bem he verdade, que naquelle sangue, e agua, mais vulgarmente se representa o Sacramento do Altar; e naõ deixa de ser exquisita singularidade, que na mesma figura em que vemos retratado o Sacramento, vejamos representados os Carmelitas. Com razaõ bem merecida por certo; porque se entre todos os Sacramentos, he o do Altar o mais intimo do coraçaõ de Christo: *Sacramentum amoris*; tambem entre todas as Religioens, he a do Carmo a que mais roubou o coraçaõ a Christo. Huma, e outra cousa, parece que já muito dantes tinha o mesmo Christo significado naquelle amoroso dialogo dos Cantares. D. August.

35 *Vulneraſti cor meum* (a versaõ Grega, e o texto Hebraico lém) *Excordaſti me, Soror mea Sponſa, in uno oculorum tuorum, & in uno crine colli tui.* Falla Christo com a sua Esposa, e sua Irmãa: *Soror mea Sponſa.* E quem será esta Esposa, e esta Irmãa? A mesma, que em quanto Esposa, he vulgarmente a Igreja; em quanto Irmãa, he particularmente a Religiaõ do Carmo, porque aos Carmelitas declarou a mesma Mãy de Deos por Filhos seus, ficando por consequencia sendo Irmãos de Christo: *Pſallite devote, filioli,* dizia a Senhora aos seus Filhos Carmelitas de Bononia, quando lhe cantavaõ a *Salve Regina.* Ponderay agora o que diz Christo á Igreja sua Esposa, e a esta sua Irmãa a Religiaõ do Carmo. Roubasteme o meu coraçaõ: *Excordaſti me*, com hum dos vossos olhos: *In uno oculorum tuorum*, e com hum cabello cahido por esse vosso pescoço: *Et in uno crine colli tui.* Naquelles olhos taõ uniformes, que roubaraõ o coraçaõ a Christo, se representa o Sacramento do Altar, diz Fideli, seguindo Ex monumentis eiusd. Conventus.

a Cy-

Fidel. Theo. 17. ex Pſal. 22. v. 8.

a Cypriano Monge, porque he o Sacramento do Altar, o com que a Igreja ſua Eſpoſa mais rouba a Chriſto os affectos: *Excordaſti me, Sponſa mea, in uno oculorum tuorum.* A Irmãa, que particularmente he a Religiaõ do Carmo, tambem roubou o coraçaõ a Chriſto: *Excordaſti me ſoror mea.* E de que inſtrumentos ſe valeria para eſte roubo? De cada hum dos ſeus Carmelitas, de qualquer dos Filhos de Santo Elias. Notay a razaõ com que o digo, e achareis ſer muita a em que me fundo. Com os cabellos naſcidos da cabeça, e ao peſcoço deſcidos, ſe roubou o coraçaõ a Chriſto: *In uno crine colli tui.* E que mais propria figura dos Carmelitas? A cabeça da Eſpoſa era o Carmelo: *Caput tuum, ut Carmelus*; o peſcoço, já como torre, já como o da pomba, he a Igreja, como diz Laureto. E que outra couſa vem a ſer os cabellos da Eſpoſa, ſenaõ os Filhos de Santo Elias, que naſcendo no Carmelo, deſceraõ, e ſe eſpalharaõ por toda a Igreja? Ou já os conſideremos cabellos ſoltos por todo o Mundo, quando eſpalhados os Carmelitas, foraõ companheiros dos Apoſtolos na prégaçaõ do Euangelho; ou já cabellos atados, e entrançados, quando juntos em ſeus Conventos, fazem no Coro competencia aos Anjos. Authoriza eſta minha accõmodaçaõ, com o ſeu coſtumado engenho, o Doutiſſimo Burgenſe, da Familia Serafica: *Caput ſicut Carmelus, merito habet comam, ſicut purpuram Regis, vinctam canalibus, ideſt religatam, ut eſt Sanctiſſimi Eliæ Religio.* Eſte pois he o cabello, que roubou o coraçaõ a Chriſto: *Excordaſti me in uno crine*, aſſim como aquelle Sacramento, os olhos que lhe roubaraõ o coraçaõ: *Excordaſti me in uno oculorum tuorum.* Logo para que os Carmelitas fiquem ſendo os Benjamins de Chriſto, que como taes lhe roubem o coraçaõ; para q̃ ſejaõ

Laur. Syl. v. aleg. v. collum.

Martin. Burg. de Debbor. & Jahele. in indice. pro Conc. B. M. de Mont. Carm.

sejaõ por Benjamins os Filhos da maõ direita: *Benjamin filius dexteræ*, com razaõ querem, naõ que tenha Elias seu Patriarca illustre a semelhança a Christo na voz, como o Bautista; mas sim que tenha com Christo equivocaçoens no obrar, ficando assim taõ assemelhado a Christo em acçoens mysteriosas, que parece Elias a maõ de Christo, quando comparamos a Elias com Christo: *Cum illo Elias.*

§. VII.

36 TEmos visto a Santo Elias a todas as luzes semelhante a Christo, quando com elle comparado. Comparemolo a Moysés agora: *Moyses, & Elias*, e acharemos naõ passou Moysés de ser huma sombra de Santo Elias. Bem reconheço, que nas luzes me detive muito; mas as sombras, como sombras passaráõ ligeiras. Esta he a propriedade dos dias grandes; dilatarem-se as luzes muito, durando muy pouco as sombras. Hide pois notando em quanto for dizendo, porque em tudo se irá calificando o empenho deste discurso.

37 Moysés foy aquelle Capitaõ insigne, que para a terra de Promissaõ guiou o Povo de Israel, q̃ quer dizer: *Videns Deum*, o que vé a Deos; e he sabido entre os Padres, e Expositores, que aquella terra de Promissaõ era huma sombra da gloria; aquelles Israelitas, huma sombra dos Santos, que já estaõ vendo a Deos no Ceo. Santo Elias naõ já em sombra, mas em realidade, guiou para a gloria, verdadeira terra de Promissaõ, taõ grande multidaõ de Santos, que os Canonizados, e Beatificados já naõ tem conto; e como diz o meu Abbade Trithemio, saõ tantos como as Estrellas, porque estas,

Trith. de tas, e aquelles, vem a carecer de numero: *Si quis Stel-*
Laud Car- *las cæli dinumeret, & Sanctos hujus Ordinis numerare*
mel c. 82. *poterit.* Só os Santos Martyres deſta Religiaõ Sagra-
Jozeph. da ſaõ tantos, que querendo-os reduzir a numero hum
Fern. Author bem apurado, da Illuſtre Companhia de JESUS, contou cento e quarenta mil, e aqui parou, conhecendo ſerem ainda tantos, os que lhe reſtavaõ para numerar, que fora impoſſivel contallos todos.

38 Acontece aos que ſe animaõ a contar os Martyres Carmelitas, o que ſuccedeo a Saõ Joaõ, intentando numerar os Santos da Igreja toda. Chegaralhe já a cõ-
Apoc. 7. 4. ta a cento e quarenta e quatro mil: *Audivi numerum ſignatorum, centum quadraginta quatuor millia ſignati.* E ainda ſe ſeguio depois taõ immenſa multidaõ de San-
v. 9. tos, que julgou o Euangeliſta, ninguem os poderia contar: *Poſt hæc vidi turbam magnam, quam dinumerare nemo poterat.* Mas iſto foy, buſcando-ſe o numero aos Santos de todas as naçoens, de todos os povos, e
ibid. de todas as linguas, que ha no Mundo: *Ex omnibus gentibus, & populis, & linguis.* E o meſmo he tambem com ſemelhante embaraço, para com os Filhos ſómente, que Santo Elias meteo no Ceo; e naõ já a reſpeito de todos, mas em ordem ſómente a aquelles valeroſos Filhos de taõ esforçado Pay, que com generozo eſpirito deraõ a vida martyrizados por Chriſto.

39 Seguindo as direcçoens de Moyſés vivia Aaram Pontifice da ley antiga; e talvez naõ paſſou de hu-
Gabr. Henr. apud. Decor. Carm. 57. n. 225. ma ſombra, que inculcava a multidaõ de Pontifices, q̃ ſe haviaõ de crear debaixo do inſtituto de Santo Elias; porque dos Summos Pontifices, verdadeiros Vigarios de Chriſto na terra, ſe contaõ ſeis Filhos do Carmelo. Dos Patriarcas de Alexandria, e Jeruſalem, quarenta e quatro. Os mais Arcebiſpos, e Biſpos, Filhos Illuſ-

tri-

trissimos deste Glorioso Patriarca, excedem a todo o numero, e actualmente o estaõ fazendo mais incomprehensivel para a conta.

40 Moysés fallava com Deos; mas pedindolhe em certa occasiaõ, que lhe concedesse o gosto de o ver, só lhe permittio, que pela natural fresta de huma penha lhe veria as costas. E foy isto mais que huma sombra do que conseguio Santo Elias? Fallava com Deos, como consta das Escrituras. Foy depois arrebatado ao Paraiso, e lá esteve por espaço de quarenta dias visitado do Filho de Deos depois que resuscitou, como o affirmaõ Santo Agostinho, Saõ Boaventura, e Santo Thomaz. E lá, como ensina o Doutissimo Padre Lezana, está vendo a Essencia Divina. Apud Tirin. in act. Apost.

41 Foy Moysés pelos Anjos sepultado: posthumos indicios do muito que estimava Deos a este seu grande amigo, mais venturoso no tumulo, que no berço, onde logo encontrou tantos decretos da morte, contra a vida, que entrava a respirar. E com tudo, muito mais ditoso que Moysés, virá a ser na morte Santo Elias. Morrerá, pois he homem Santo Elias, e como entendem os Interpretes do Apocalypse, naõ chegará a ser sepultado. He formado da terra Santo Elias, como o saõ todos os descendentes de Adaõ; mas nem ha de tornar para a terra, qual Moysés para os horrores da sepultura, nem se ha de tornar em terra com os mais homens, porque morto, sem que o queira (naõ sem mysterio) sepultar a barbaridade sacrilega, resuscitará depois de tres dias sem corrupçaõ, porque he taõ privilegiado Santo Elias, que lhe dispensa Deos a sentença q̃ impoz aos mais homens (e tambem a elle) de se tornarem em terra, assim como lhe tirou o impedimento de poder entrar no Paraiso terreal, onde vive. P. Dan. à V.M. in Spec. tom. 1.

42 A

Deuter. 34. 42 A ſepultura de Moyſés, naõ chegou homem algum a conhecella, porque naõ foſſe adorado eſſe Vice-Deos com riſcos de idolatria. Santo Elias (notay neſta diſparidade, e achareis hum aſſombro) S. Elias ainda eſtá vivo, e já eſtá collocado em Altares; já o adoramos ſem ſombras de idolatrar. Vede ſe conſeguio Moyſés, nem quando morto, o culto que logra Santo Elias ainda vivo? Facilmente creſcem as ſombras: *Facile umbram creſcere*, dizia o Rey Ezechias, e cada dia vemos humas ſombras muito mayores, que os corpos; porêm Santo Elias ainda ſe faz mayor, que a ſua meſma ſombra. E ao que cuido, eſte he o mayor aſſombro a que poderia chegar o Sol de Elias, comparado em Moyſés ás ſombras, porque em ſe dizendo, que Santo Elias eſtá ainda vivo no Paraiſo, e que já he adorado no Mundo, que já tem Altares nos Templos, entre os mais Santos que eſtaõ reynantes no Ceo, que já tem reza, e Miſſa propria, naõ ſe póde paſſar a mais, ficando abſorto o entendimento em paſmos, quando chega a eſta ponderaçaõ. Notay para prova.

Reg. 4. c. 20.

43 No Capitulo quinto do Apocalypſe nos diz o Euangeliſta, lograra huma viſaõ taõ admiravel, que apenas entra a referilla, quando logo nos propoem ao entendimento huma admiraçaõ: *Et vidi, & ecce.* Advertem aqui os Expoſitores: *Ecce admirationem denotat.* Prevenidos pois para admiraçoens, ſaibamos o q̃ vira o Euangeliſta: *In medio throni, & quatuor animalium, & in medio ſeniorum, agnum ſtantem, tanquam occiſum.* Vi (diz o Profeta de Patmos) vi eſtar no meyo de hum throno, entre quatro animaes, tantas vezes apparecidos em ſemelhantes viſoens, e entre os vinte e quatro Anciãos celebres no Apocalypſe, hũ Cordeiro em pé, e como morto. O Cordeiro em verdade era mortal;

Apoc. 5. 6.

tal, mas ainda vivo, e por isso cõ acçaõ de quẽ tinha vida: *Agnũ ſtãtẽ.* Cõ tudo já eſtava enthronizado, já aſſiſtia ẽtre os quatro animaes, e ẽtre os vinte e quatro Anciãos. E de ver iſto ſe admira o Euãgeliſta: *Vidi, & ecce?* Sim, e cõ razaõ, e vẽ a ſer eſta. Os quatro animaes, como o dizẽ os Authores ſeguindo a S. Jeronymo, e Santo Agoſtinho, eraõ os quatro Santos Euangeliſtas: os vinte e quatro Anciãos, eraõ os vinte e quatro Santos mais inſignes de ambos os Teſtamentos, a ſaber, do Teſtamento Velho, os doze Patriarcas, e do Teſtamento Novo os doze Apoſtolos; como explica Richardo Victorino, Ruperto, Panonio, e outros. Bem; pois como ſenaõ ha de admirar o Euangeliſta, quando vẽ enthronizado já entre os inſignes Santos Patriarcas, Apoſtolos, e Euangeliſtas, a quem ſendo mortal, ainda eſtá vivo: *Et vidi, & ecce in medio ſeniorum agnum ſtãtem.*

44 Parece que ſe admirou o Euangeliſta Aguia, do meſmo que eſtamos vendo. Quando menos, naõ ſe me poderá negar, que com a ſua admiraçaõ cheya de myſterios, muito deſpertou a noſſa. Que he o que vemos hoje? A Santo Elias enthronizado em Altares, entre os mais illuſtres Patriarcas da Igreja, entre os Apoſtolos, e ẽtre os Euangeliſtas. Os Euãgeliſtas naõ eſtaõ em ſeus Altares enthronizados? Sim. Naõ eſtaõ os Apoſtolos, e Patriarcas collocados ẽ ſeus Altares? He certo. Pois tãbem o eſtá Santo Elias. Mas com eſta differença eſtupenda, que os mais Santos eſtaõ já mortos, muito dantes, que foſſem nos Altares collocados: porèm Santo Elias ainda eſtá vivo, e já tem adoraçaõ, já eſtá enthronizado nos Altares, como ſe eſtivera morto: *Stantem tanquam occiſum.* Oh admiraçaõ, para quantos o chegarem a ponderar melhor: *Et vidi, & ecce!*

45 Abo-

Ibid. v. 7. 8. 9. 45 Abonemos mais a cauſa da admiraçaõ do Euangeliſta, para mais encarecermos a noſſa: *Quatuor animalia* (Continua Saõ Joaõ em relatar o que vio.) *Quatuor animalia, & viginti quatuor ſeniores, ceciderunt coram agno, & cantabant canticum novum.* Os vinte e quatro Anciãos adoraraõ por terra eſſe Cordeiro enthronizado vivo, e lhe cantavaõ hum canto novo. Digno emprego na verdade para ſe admirar o Euangeliſta, he o que nos acabou de dizer. He poſſivel, que já ſe veja adorado, como ſe eſtivera morto: *Tanquam occiſum*, quem na realidade eſtá vivo: *Agnum ſtantem?* He poſſivel, que eſtando em pé, veja o Cordeiro a ſeus pés tantos poſtrados, com reverencia, e culto? He poſſivel, que eſtando vivo, já ſe lhe cantem louvores, e novos canticos? Oh motivo juſto para admiraçaõ!

46 Com o meſmo principio confirmo eu a grande admiraçaõ que me cauſa, ver a Santo Elias em Altares, eſtando vivo: adorado já, e ſolemnizado antes da morte. Aquelles vinte e quatro Anciãos, no entender de Santo Agoſtinho, Beda, e Primaſio, ſignificaõ a toda Igreja. E ver que a Igreja toda adora a Santo Elias quando eſtá ainda vivo: *Stantem*; conſiderar no cantico novo que lhe faz, contra o que coſtuma aos mais Santos: *Cantabant canticum novum*, porque aos mais ſó canta depois da morte, e a Santo Elias com rara novidade, já lhe canta em vida; a quem deixára de admirar: *Vidi, & ecce?* O grande Sylveira foy deſcobrir com ſingular engenho, que o notar o Euangeliſta, q̃ o Cordeiro eſtava como morto, quando eſtava em pé: *Stantem tanquam occiſum*, fora para ſe donotar aſſim a razaõ formal de eſtar no throno, entre os Santos com tanta gloria; porque naõ ſe enthroniza em Altares entre os mais Santos, ſenaõ a quem por meyo da morte deixan-

deixando de militar neſta Igreja, ſobe glorioſo a reynar na Triunfante: *Dicitur tanquam occiſus, ut denotetur ratio formalis, ab quam erat in tanta gloria, in throno nempe, inter ſedentem in throno, ac ſenioris, & quatuor animalia.* E que eſtando Santo Elias ainda vivo, eſperando a guerra de mayor empenho, para militar neſta Igreja, em defenſa della, o vejamos em Altares com tãta gloria entre os mais Santos, como ſe por meyo da morte ſe vira já com elles reynando igualmente, e triunfando na gloria! Até aqui admiraçaõ: *Et vidi, & ecce.* Syl. in Apoc. to. m. 1. c. 5. v. 6. q. 16. n. 139.

47 Nem ha mayor grandeza, a que ſe poſſa aſpirar, ou ſe chegue a deſcobrir, tanto que em Santo Elias admira o entendimento adoraçoens quando vivo. O mayor auge a que huma creatura ſe póde ſublimar, he a ſer por outras adorada: por iſſo offerecia o demonio todo o Mundo a Chriſto ſe o adoraſſe, e offertou ainda pouco; mil Mundos dera, ſe os tivera, por conſeguir taõ alto fim, a que aſpirou deſde ſua creaçaõ. E com tudo, nem huma, nem outra adoraçaõ chega a exaltar hum ſogeito, tanto que o conſideramos adorado em vida.

48 Notou Saõ Mattheus, que os Magos adoraraõ a Chriſto em Belem quando naſcido: *Procidentes adoraverunt eum*; mas naõ diſſe, que no Cenaculo o adoraraõ os Diſcipulos, quando Sacramentado. E por ventura he de crer, que os Apoſtolos, tendo a verdadeira, e viva Fé daquelle Sacramento, onde realmente eſtá Chriſto, o meſmo que em Belem eſteve, lhe faltaſſem com a adoraçaõ? Já ſe vé, que naõ; e ſeria impio ſentir, ou preſumir o contrario. Pois como calla o Euangeliſta Saõ Mattheus a adoraçaõ do Cenaculo, ſendo o meſmo que relatou a do Preſepio? Por iſſo meſmo. Como Matth. 2. 11.

mo tinha já advertido, que Christo no Prefepio fora adorado dos Reys, quando mais liſongeado da vida, era ſuperfluo dizer que no Cenaculo fora adorado, quando entre repreſentaçoens da morte, de ſi meſmo fazia ſacrificio. Como admirou tanto o Chroniſta Sagrado a primeira adoraçaõ, naõ era bem que a callaſſe: *Procidentes adoraverunt eum*; e naõ falleu na ſegunda, porque ſuppoſto a adoraçaõ da vida, naõ avultava já tanto a adoraçaõ na morte: pois coſtuma em reſtituiçaõ do que rouba, conciliar adoraçoens aos ſogeitos, que as mereceraõ com a vida; naõ conſente porém a vida, preſtar adoraçoens, a quem até a morte as póde deſmerecer. Verdadeiramente, que quando prometti moſtrar em Moyſés huma ſombra de Santo Elias, em outras maravilhas os comparava; mas quando reparo neſta ſingular excellencia de Santo Elias eſtar já adorado quando vivo, digo (ainda que prometteſſe menos) que Moyſés nem por ſombras ſe aſſemelha com Santo Elias, quando neſte ponto os comparamos ambos: *Moyſes, & Elias.*

§. VIII.

49 ESte he, Excelſa, Illuſtre, e Santa Religiaõ, o Grande, e Soberano Patriarca, Fundador teu. Eſte he, ditoſos Filhos de Santo Elias, o admiravel Pay, que tendes. Mas perdoaime; andey errado no que proferi. Naõ vos dou a conhecer, qual elle ſeja; porque he ſentença do Divino Meſtre, que ſó he o Filho o que conhece ao Pay: *Patrem quis novit niſi Filius?* Vós ſois os que melhor me dais a ſaber, quem Santo Elias ſeja; porque cada hum de ſeus Filhos me póde preciſar, a que em ſi meſmo conheça o ſeu

Matth. 11.

o seu grande Pay: *Qui videt me, videt & Patrem*, pó- Joan. 14.
de muy bem dizerme cada hum dos Filhos de Santo Elias. Quando se ausentou Santo Elias do seu amado Eliseu, deixou o seu espirito ao discipulo, que nesta ausencia do Mestre ficava saudoso, para com esta dadiva desempenhar a promessa que lhe havia feito: *Fiat in me* 4. Reg. c. 2. v. 9. 10.
duplex spiritus tuus. Si videris me, quando tollar á te, erit tibi quod petisti. Mas como assim, se a capa foy a prenda, que na despedida deixou a Eliseu o amor de seu Mestre Elias? Por isso mesmo; porque como nenhuma outra cousa he receber a capa de Elias, que receber o seu espirito, o mesmo seria vestirse Eliseu daquella, que revestirse deste: *Ut qui pallio amicti, omnem simul gravitatem morum honestatem vitæ induisse viderentur*, disse muito para esse proprosito o Engelgra- Engelgr. cælo empyr. p. 2. Serm. de S. Eli.
ve. Em quantas capas de Santo Elias vejo, devotamente se me representa, que se está multiplicando, e reproduzindo o seu espirito, para augmento desta suprema Religiaõ, para credito, e louvor do Grande Profeta, e mais q̃ Grande Patriarca S. Elias; para honra, e gloria do mesmo Deos.

SERMAM IX.

EM

A PUBLICAÇAM DA BULLA DA

S. CRUZADA

Na Cathedral do Rio de Janeiro. Anno de 1723.

Indico etiam tibi, fili mi, dediſſe me decem talenta argenti.....Gabelo in Rages civitate Medorum.
Chyrophragum quidem illius penes me habeo, quod dum illi oſtenderis, ſtatim reſtituet. Tob. cap. 4. v. 21. & cap. 5. v. 3.

§. I.

1 NAM perſuada já mais Aſſuero às ſuas Provincias o applauſo, e contentamento, com que ſe devia ſolemnizar aquella Real proviſaõ, por elle expedida, a inſtancias da Rainha Eſther, em favor da ſua naçaõ; porque mais razaõ há

há para ſe ſolemnizar, e mais pretextos para ſe applaudir aquella proviſaõ Sagrada, aquella veneranda Bulla, que em beneficio da naçaõ Portugueza, concedeo o Principe Supremo da Igreja, que glorioſamente reyne, á inſtancia do Sereniſſimo Rey Dom Joaõ V. noſſo Senhor, que Neſtorios annos felizmente viva.

2 A proviſaõ de Aſſuero continha huma remiſſaõ da pena de morte, que a ſagacidade de Aman fez publicar contra a Judaica naçaõ. E he ſem duvida, que a taõ geral perdaõ bem ſe devia univerſal applauſo. Porém muito mayor deve ſer hoje a ſolemnidade; porque ſe publica huma Bulla, em que o Santiſſimo Padre Innocencio Papa XIII. á imitaçaõ de ſeus Predeceſſores, novamente concede a todos os Fieis, moradores nos Reynos, e Senhorios de Portugal, e aos ſeus ſubditos, que vivem em dominio alheyo ſem animo de permanecer nelle, muitas remiſſoens de culpa, e pena; dous grandes jubileos; varias indulgencias, e outras graças, que irey expendendo, e ſe contém no Summario da meſma Bulla.

3 Para a celebridade deſſa proviſaõ de Aſſuero, ſe ameaçava ferro, e fogo a qualquer Cidade, que a naõ ſolemnizaſſe, e applaudiſſe. Porém a Bulla da Santa Cruzada naõ neceſſita de communicar caſtigos, para que ſejaõ applaudidas, e ſolemnizadas as ſuas graças, taõ copioſas, e relevantes; porque naõ haverá peſſoa, que tendo conhecimento do theſouro, que ſe abre hoje, lhe negue a veneraçaõ devida. Para eſte fim recorramos ás palavras do thema, e nellas acharemos fundamento, para declararmos as graças, que pela Bulla ſe nos concedem.

4 *Indico tibi, fili mi, dediſſe me decem talenta argenti Gabelo in Rages, civitate Medorum. Chyrographum quidem*

quidem illius penes me habeo, quod dum illi oſtenderis, ſtatim reſtituet. Entreguey certa quantia de dinheiro a hum morador de Rages, Cidade dos Medos. Delle tenho eſcritura em meu poder, e tanto que lha appreſentares, vos hade reſtituir logo a importancia. Iſto dizia o velho Tobias a ſeu filho. Appliquemos o Texto ao noſſo intento, que vem para elle, ſem violencia ajuſtado. Eſt aeſcritura, eſte papel, de que fallava Tobias, he por agora aquella Bulla, e aquella eſcritura de incomparavel valor, aſſinada por Sua Santidade: *Chyrographum hoc Bulla eſt*; diz Bonherba. Para receberes eſta Bulla, dais em dinheiro a eſmola coſtumada, e tanto que appreſentais eſte papel, ou eſta eſcritura, vos reſtitue Deos, naõ digo eu, a eſmola que déſtes, mas ſim infinito dobro; porque ſe vos reſtituem couſas, que naõ tem preço: quaes ſaõ as graças, privilegios, remiſſoens, indulgencias, e jubileos, concedidos na Bulla da Cruzada. Benh. to. m. 1. Do. m. 1. Qua. drag n 49.

5 Suppoſta pois taõ ajuſtada accommodaçaõ do thema com a preſente acçaõ, irey ponderando as clauſulas delle, as quaes nos daraõ materia, para inſtruirmos o auditorio com as noticias principaes do theſouro da Bulla, e das circunſtancias neceſſarias, para ſe conſeguir o fruto della.

§. II.

Indico etiam tibi, fili mi, dediſſe me decem talenta argenti.

6 O Que na primeira clauſula do thema ſe deſcobre, he o dinheiro, que Tobias deu para remediar o ſeu proximo. E a primeira diligencia de

quem pretende lucrar as graças da Bulla, he dar em dinheiro a esmola costumada, sem a qual senaõ consegue o fruto da Bulla; porque o intuito de Sua Santidade na concessaõ da Cruzada, he o subsidio que com esta esmola se contribue, para sustentaçaõ dos nossos Soldados de Africa.

(1) Ita Palaus Nogueira & alij.

7 Taõ precisa he esta circunstancia, e taõ necessario este requisito, para se conseguir este espiritual thesouro, que naõ chegaráõ a lucrar as graças, e privilegios da Bulla, os que contribuirem com menor esmola, do que corresponde ás suas posses, conforme está consignado pelo Commissario Geral.(1) E a penas ouvem isto os infieis (e alguns tambem, que o naõ saõ) quando logo estranhaõ, que da Bulla se naõ possaõ valer, os que naõ derem o valor da esmola. Como naõ leraõ no Cardeal de Luca o desinteresse da Sé Apostolica, (2) censuraõ como ignorantes a piedade por ambiçaõ. Mas para que huns, e outros censores vejaõ a barbaridade da sua crizis, ouçaõ quam pio, e desinteressado seja o procedimento da Sé Apostolica.

(2) De integerrima æquitate sedis Apostolicæ in disponendis emolumentis, qæ proveniunt ex expeditionibus Datariæ & Cancellariæ, vide Card. de Lua, de Offic. Venal. Roman. Cur. cap. 4. á num. 4 & sequent.

8 Sabido he que o Papa naõ póde abrir, nem dispender os thesouros da Igreja, sem causa meritoria; (3) porque naõ he Senhor delles, mas Dispenseiro sómente. Na Bulla da Cruzada entra Sua Santidade a dispender os thesouros da Igreja, e para que a distribuiçaõ seja valida, dispoz com altissima providencia, que o merecimento da nossa parte, seja huma esmola, para sustentaçaõ daquelles Soldados, que em Africa estaõ impedindo aos Mouros a navegaçaõ do Oceano, com os portos de mar, que se lhe tomaraõ, à custa de tantas vidas, quantas excitou, e animou o zelo do Veneravel Arcebispo de Toledo D. Frey Francisco Ximenes, primeiro movel, e agressor de taõ S. como heroica ẽpreza.

(3) Dom. Viva, de Jubil. & Indulg. q. 5. art. ultimo.

9 Se

9 Se me percebeſtes, ficareis entendendo, que o eſtipendio da Bulla, he eſmola, e naõ he preço. He merecimento, para de juſtiça ſe conſeguir a graça da Sé Apoſtolica. E por iſſo he mais eſtimavel eſſa graça; porque a excellencia do premio he o merecimento, e o direito com que ſe alcança.

10 Querendo Abraham ſepultar o cadaver de Sara, ſua defunta eſpoſa, elegeo huma ſepultura, que poſſuia Efron em o ſeu campo de Canâan. Ou compadecido, ou generoſo Efron, offerece liberalmente a Abraham ſem intereſſe algum, naõ ſó a ſepultura, ſenaõ tambem todo o campo: *Agrum trado tibi & ſpeluncam, quæ in eo eſt.* Porém Abraham naõ quiz aceitar a offerta, ſem a ſatisfazer em dinheiro: *Dabo pecuniam pro agro, ſuſcipe eam, & ſic ſepeliam mortuum meum in eo.* Eſtranha foy eſta renitencia de Abraham. Huma ſepultura naõ ſe póde comprar. O vendella fora, além de ſimonia, ſacrilegio: por iſſo, como dizem os Expoſitores, prohibido ainda na primeira idade do Mundo, por ley natural; (4) e as Canonicas o evitaõ no *Cap. Abolendæ. De ſepulturis.* Pois como inſta Abraham em dar dinheiro, pelo que nem elle póde comprar, nem ſe lhe póde vender? Como preſiſte em naõ aceitar o beneficio, que lhe faz Efron, ſem que para o merecer diſpenda cabedal? Porque bem entendia Abraham, que a excellencia do beneficio conſiſte no merecimento, e no direito com que ſe alcança. A gloria do premio he a juſtiça cõ que o mereceraõ. E para credito do beneficio, e do premio, queria Abraham ter juſtiça para o conſeguir, e direito para o alcançar. O meſmo Abraham ſe explicou: *Date mihi jus ſepulchri.* Queria dar o dinheiro, naõ por compra; mas para ter direito ao favor de Efron, e de juſtiça conſeguir a graça que lhe fazia: *Date mihi jus* ſe-

Geneſ. 23. v. 11.

v. 13.

(4) Gloſſ. in cap. 23. Geneſ.

Ibid. v. 4.

ſepulchri. Dabo pecuniam pro agro; ſuſcipe eam, & ſic ſepeliam mortuum meum in eo.

11 Aſſim como diſpoz Abraham, que o dinheiro ſerviſſe de merito, para ſe fundar a graça na dadiva da ſepultura: aſſim eſtá aſſentado, que para as graças, que nos concede Sua Santidade na Bulla, ſirva de merito hum eſtipendio em dinheiro, o qual como a Ahabram, nos dá jus para as indulgencias da Bulla. Mas taõ limitado he eſſe eſtipendio, que até na quantia ſe vé, naõ he preço, mas ſim eſmola ſómente.

12 Quando faltara a principal razaõ, que já damos, baſtara a limitaçaõ do eſtipendio, para que ſe veja, o como eſte naõ he preço da Bulla; he ſó eſmola, em que ſe funda o merito para as indulgencias: porque ſó podera ſer preço, ſe o eſtipendio igualara o beneficio que ſe conſegue.

13 Sendo certo, que Judas vendeo a Chriſto, nenhum dos Euangeliſtas chamou a eſte contrato venda, nem a eſte dinheiro preço. Saõ Mattheus lhe chama dadiva: *Quid vultis mihi dare?* Da meſma ſorte Saõ Lucas: *Pacti ſunt pecuniam illi dare.* Saõ Marcos, promeſſa: *Promiſerunt ei, pecuniam ſe daturos.* E S Joaõ, entrega: *Judas, qui tradebat eum.* Fallando porém S. Paulo do ſangue de Chriſto, diz que he o preço, pelo qual fomos comprados na redempçaõ: *Empti enim eſtis pretio magno.* Pois ſe o dinheiro naõ era preço naveda de Chriſto, principalmente intervindo pacto: *Pacti ſunt pecuniam illi dare*; como poderia ſer preço o ſangue de Chriſto, e a redempçaõ compra, naõ intervindo neſte caſo trato, nem venda? A Theologia enſina, que o ſangue de Chriſto ſervira de ſatisfaçaõ pelas noſſas culpas; porque o aceitou à Divina juſtiça, para reconciliaçaõ do Mundo, em deſaggravo da offenſa. Mas o

Matth. c. 24. v. 15. Luc. c. 22. v. 5. Marc. cap. 14. v. 11. Joann. c. 18. 1. Ad Corint. cap. 6. v.

ſangue

ſangue de Chriſto, preço; e a redempçaõ, compra? Em rigor parece, que naõ; porque iſſo fora fazer a graça, e amiſade de Deos venal.

14 Das palavras do meſmo Apoſtolo havemos tirar a ſoluçaõ para a duvida. Conſiderou Saõ Paulo no ſangue de Chriſto hum grande diſpendio, para redempçaõ do Mundo, e pondo de huma parte a noſſa redempçaõ, de outra parte o ſangue que diſpendeo Chriſto, vio ſer taõ grande o diſpendio, que naõ duvidou chamar compra, e intitular preço ao ſangue pela grandeza de ſua importancia. A ſalvaçaõ era hum beneficio grãde, e o mayor, que podia haver para o Mundo; mas tambem o ſangue de Chriſto foy diſpendio grande: *Pretio magno.* A meſma grandeza do cabedal diſpendido, comparada com a grandeza da Redempçaõ, foy motivo para a denominaçaõ de preço, e para a reputaçaõ de compra: *Empti enim eſtis pretio magno.* Notando porem os Euangeliſtas a limitada quantia, porque foy Chriſto vendido, naõ quizeraõ intitular taõ pouco dinheiro preço, nem venda, taõ vil contrato; que naõ póde haver preço, nem venda, onde o diſpendio naõ tem comparaçaõ com o recebido. Pois ſe para alcançarmos o fruto da Bulla, he taõ limitado o diſpendio, naõ ſe diga que he preço, o que damos por eſmola, para ſe fundar o merecimento.

15 E bem: mas ſe para o valor da graça Apoſtolica ſe requer da noſſa parte algum merecimento, naõ ſe nos imporia outra obra meritoria? Logo havia ſer eſmola em dinheiro? Sim; porque deſſa ſorte ſómente reſultará o beneficio para os Soldados de Africa. Bem ſey, que com outro fim, e por meyo de outros merecimentos, ſe nos podia conceder a Bulla da Cruzada; mas tambem haveis de entender, que a expediçaõ da Bulla, ainda que

que foy dictada por prudencia humana, parecco disposta com Providencia Divina; porque sendo para nòs taõ chea de misericordia, he chea de beneficio, e utilidade para os Soldados de Africa, e este he o mesmo estylo da Providencia Divina: enriquecer a huns, pelo mesmo acto em que com outros dispende graças, indulgencias, e remissoens.

16 Chama Saõ Paulo a Deos, rico na misericordia: *Deus autem, qui dives est in misericordia.* Rico na misericordia! Parece impropriedade; porque o attributo da misericordia naõ he constitutivo formal de opulento. Taõ improprio fora dizerse, que hum sugeito he misericordioso nas sciencias; que he pio na fortaleza; que he liberal na constancia: como dizerse, que na misericordia he rico; porque em nenhuma destas denominaçoës, se accommoda a formalidade em o seu effeito. Pois como explica Saõ Paulo a grande misericordia de Deos, chamando-o na misericordia rico: *Qui dives est in misericordia?* Para declarar assim a verdadeira idèa da Providencia Divina; a qual de tal sorte une a misericordia com a liberalidade, que no mesmo acto em que usa com huns de misericordia, com outros dispende liberalmẽte cabedaes. Converteo Christo a Zacheo, e ao Publicano do telonio fez Apostolo. Zacheo, que era rico, logo repartio o seu cabedal com os pobres: *Dimidium bonorum meorum do pauperibus.* Mattheus, que era contratador, dispendeo tambem a sua riqueza em esmolas, como escrevem os Commentadores com S. Pedro Chrysologo. Nestas vocaçoens resplandecia em Christo riqueza, e misericordia. A misericordia, na conversaõ destes peccadores; na graça que lhes infundia; na remissaõ, e na indulgencia de suas culpas. A riqueza, em remediar os pobres pelo mesmo acto. Este mesmo estylo he

Ad Ephes. c. 2. v. 4.

Luc. 19. v. 8.

D. Chrysol. Serm. 28. Abul. q. 46. Tolet. in Luc. 5. annot. 56.

he maxima ordinaria, e regra geral da Providencia de Deos; porque tem disposto, que a esmola sendo remedio para o pobre, seja remissaõ, e indulgencia para o rico. O pobre com o preço da esmola fica rico, porque fica remediado. O rico fica perdoado, porque com o que deu, alcançou a remissaõ, e indulgencia de suas culpas. Ouvi ao Veneravel Beda, e ao Profeta Daniel: *De eleemosina, quæ est pretium pro peccato, dicitur in Daniele, peccata tua eleemosinis redime.* De sorte, que na Providencia ordinaria de Deos, taõ annexas andaõ a misericordia, e a riqueza, que o mesmo acto de remissaõ, e indulgencia para huns, he acto de liberalidade, e riqueza para outros: *Qui dives est in misericordia.* Bed. in cap. 30. Exod.

17 Isso imita o Vigario de Christo, e o Vice-Deos na terra, quando dispoem, que o merecimento para se conseguir o fruto da Bulla, seja huma limitada esmola para o presidio Africano; porq̃ assim se mostra Sua Santidade rico na misericordia: *Dives in misericordia.* Na misericordia, que com nosco usa, concedendo nos indulgencias, e remissoens, dispende riquezas, com q̃ sustenta hum presidio pobre. Para se conseguir pois taõ grande misericordia, impiedade será faltar da nossa parte o merecimento de taõ limitada esmola em dinheiro, para remedio do proximo; quando nesta primeira clausula do nosso thema encõtramos, que sem esperar tanto lucro, dispendeo Tobias mais cabedal, para remediar o proximo: *Indico etiam tibi, fili mi, dedisse me decem talenta argenti.*

§. III.

§. III.

Gabelo in Rages civitate Medorum.

18 SEgue-se agora ponderarmos a quem se dá a esmola, que dispendemos: o que além de ser importante para o assumpto do dia, he deduzido desta segunda clausula do nosso thema: *Gabelo in Rages civitate Medorum.* Applicou Tobias o seu dinheiro, para soccorrer a hum homem da sua naçaõ, que vivia em Rages, Cidade dos Medos, a qual depois se uniu ao Imperio dos Persas. Daqui se vé, que o tal homem era morador em terra de infieis, em Provincia daquelles barbaros, que cativaraõ os Catholicos desse tempo. Até nesta circunstancia temos huma propriedade; porque o dinheiro das esmolas, que daõ os que tomaõ a Bulla, se emprega, e dispende para sustento daquelles nossos Soldados, que vivem em terra de Barbaros; porque Mazagaõ fica na Barbaria. Vivem lá os Soldados Portuguezes em huma Praça, que se tomou aos infieis, que della sahiaõ a cativar os Catholicos.

Lege librum Tobiæ cap. 1.

19 Este dinheiro he o que com mais gosto se póde dispender; porque he o cabedal, que mais santamente se emprega. Naõ se gasta nos demasiados luxos, e vaidades da Corte: gasta-se em Africa no soldo dos militares. Naõ he para sustento de carruagens, e cavalharices; he para sustentaçaõ dos nossos Cavalleiros, que em Mazagaõ reprimem o impeto dos Mouros, impedindo-lhes a sahida para o mar Oceano, onde por nossos peccados ainda hoje fazem tantas hostilidades. Vede pois senaõ he bem empregada esta esmola?

20 O ca-

20 O cabedal, que o noſſo Reyno diſpende por occaſiaõ deſtes Barbaros, e inimigos do nome Chriſtaõ, excede as poſſes da noſſa Monarchia. Digaõ-no as naos da redempçaõ, e alguns reſgates extraordinarios, com que enriquecem os Mouros á cuſta dos noſſos cabedaes. Digaõ-no melhor ainda as duas Armadas, que o animo invictiſſimo delRey, que Deos guarde, expedio neſtes ultimos annos, para deſtruiçaõ das Armadas, com que o Turco aſſombrãdo os dous mares, Adriatico, e Mediterraneo, punha em terror toda a Chriſtandade, a quem enxugou as lagrimas a victoria, que Portugal deu á Igreja: como o pode affirmar a armada Veneziana, que ſe achou á viſta, ſó para teſtemunha de noſſa gloria, e pregoeira da ſua dita.

21 Pois naõ he mais glorioſo diſpender contra os Mouros, ficando o cabedal nas mãos dos noſſos Soldados? He certo, que mais gloria he diſpendermos, para reprimir os Mouros, e fechallos nas ſuas terras: do que gaſtarmos em vencellos, ou em reſgatar de ſua tyrania os Chriſtãos.

22 Com Judas, e com huns Soldados gentios, diſpendeo cabedal a malicia dos Judeos. Com Judas, porque eſte lhes fizeſſe entrega de Chriſto em ſuas mãos, para a morte. Com os Soldados gentios, para que lhes aſſeguraſſẽ o corpo de Chriſto na terra da ſepultura, em cuſtodia taõ apertada, que naõ reſurgiſſe della. Porém a Judas naõ deraõ mais de trinta dinheiros, que ſegundo os Expoſitores, ſomavaõ huma quantia bem limitada: *Conſtituerunt ei triginta argenteos*; e aos Soldados deraõ grande copia de cabedal: *Pecuniam copioſam dederunt militibus.* Pois a Judas, que foy hum dos principaes aggreſſores da morte de Chriſto, taõ pouco daõ; e aos Soldados, que ſó ſerviraõ de ſentinellas, tanto cabe-

Matth. 26. v. 15. Matth. 28. v. 12.

cabedal: *Pecuniam copioſam?* Sim: que naõ era de tanto credito para os Judeos, triunfar de Chriſto, tirando-lhe a vida; como prenderlhe o corpo na terra, de maneira que della naõ podeſſe reſurgir. Por iſſo mais diſpenderaõ com os Soldados, que aſſeguravaõ em cuſtodia o corpo de Chriſto: *Pecuniam copioſam dederunt militibus*, e com Judas diſpenderaõ menos: *Conſtituerunt ei triginta argenteos*; porque juſto era, foſſe mayor o diſpendio, onde era mayor o credito, e onde ſe julgava mayor gloria. De grande credito foy certamente para Portugal, deſtruir a Armada dos Barbaros, dandolhes ſepultura nos mares. Mas ſe os podera prender, e fechar em ſuas terras, de ſorte que fóra dellas naõ reſurgiſſem, ainda ſeria mais gloria, poſto que para iſſo gaſtaſſe com os noſſos Soldados mais dinheiro: *Pecuniam copioſam dederunt militibus.*

23 Tambem he mais gloria reprimir os Mouros, para que naõ cativem os Chriſtãos, do que reſgatar eſtes de ſuas maſmorras. As razoens diſto conſiderai-as vós, porque ſaõ patentes; mas da minha parte naõ faltarey com a prova. Deſceo o Divino Verbo do Ceo á terra, para nella reſgatar o homem do cativeiro do demonio, e tambem para prender eſſe no inferno, a fim de que naõ ſaya a nos cativar com as culpas. Porém reparo eu, que quando os Profetas promettiaõ eſta vinda do Filho de Deos, e quando nella fallaõ os Euangeliſtas, deſcrevem a Chriſto homem paſſivel, porque vinha a padecer por nós. Mas repreſentando-ſe no Apocalypſe eſta vinda do Divino Verbo ao Mundo, diz Saõ Joaõ, que o vira como Anjo, tendo em ſua maõ huma chave, e huma grande cadea: *Vidi Angelum deſcendentem de cælo, habentem clavem abyſſi, & catenam magnam in manu ſua.* Pois ſe nas Profecias, e nos

Apoc. c. 20. v. 1.

Euan-

Euangelhos se falla daquella mesma descida do Verbo para encarnar, que depois se representava no Apocalypse; (5) como lá o descrevem sendo homem, e cá parecendo Anjo? Lá como homem passivel, cá glorioso, e impassivel como Anjo? Sim; pelas diversas operaçoens, com que Christo se manifestava, ainda que sempre na realidade o mesmo.

(5) Doctores communiter cum D. Aug. apud Vieg. in Apoc. cap. 20. comm. 1. & S. 1. & S. 2. n. 1.

24 Notay. Os Profetas, e Euangelistas descreviaõ a Christo como Redemptor nosso, resgatando as almas do cativeiro do demonio. Por isso o propunhaõ verdadeiro homem passivel, para nos remir. Saõ Joaõ via a Christo no Apocalypse com huma cadea, e com a chave do Inferno: *Habentem clavem abyssi, & catenam magnam.* Cadea, para prender o demonio: chave, para o fechar no centro da terra, de sorte que naõ saisse a nos cativar: *Apprehendit draconem, serpentem antiquum, qui est diabolus, & Satanas* (diz o Texto do Apocalypse: *Et ligavit eum per annos mille, & misit eum in abyssum, & clausit, & signavit illum, ut non seducat amplius gentes.* Pois por isso, o mesmo Redemptor feito homem, parece agora, ou apparece Anjo. A diversidade dos effeitos fez aquella representaçaõ diversa da sua realidade. Fez, que parecesse Anjo impassivel, e glorioso, o que era homem passivel: para que no excesso que vay de Anjo a homem, se veja quanto mais he prender o demonio para que nos naõ cative; que o resgatar nos do seu dominio. Christo Redemptor nosso resgatou o homem, padecendo a morte. Obrou como homem, padecendo a morte. Obrou como homem passivel; pois só podia morrer como homem. Christo quando prende o demonio, quando o fecha no centro da terra, para que nos naõ cative, parece mais que homem, parece Anjo glorioso já, e immortal: *Vid. Angelum;*

Apoc. cap. 20. v. 2.

gelum; porque muito mais glorioſo he eſte ſegundo effeito, que o primeiro; e naõ he taõ glorioſo reſgatar o cativo, como reprimir, e fechar o tyranno no interior da terra, para que naõ ſaya a cativar fóra della.

25 Pois ſe tantas eſmolas ſe diſpendem, para reſgatar Chriſtãos: ſe tanto cabedal ſe gaſta, para triunfar de infieis: quanto mais glorioſo ſerá o diſpendio da Bulla, para ſuſtentar os Soldados, que eſtaõ prendendo os Mouros no mais interior de ſuas terras, em ordem a que naõ ſayaõ ao mar, e nos naõ façaõ mais hoſtilidades, do que cada dia choramos? Satisfeita aſſim a ſegunda clauſula do thema, paſſemos á terceira, que ainda he mais importante clauſula.

§. IV.

Chyrographum quidem illius penes me habeo.

26 DEpois que Tobias deu o dinheiro, recebeo huma eſcritura, que levou comſigo. O meſmo ſe practica com os que tomaõ a Bulla. Daõ a eſmola, e recebem huma eſcritura impreſſa, na qual preciſamente haõ de eſcrever o ſeu nome, e a devem levar comſigo, como ſe diſpoem no meſmo Summario da Bulla: e aſſim ſe verifica já a clauſula do noſſo thema: *Chyrographum quidem illius penes me habeo. Chyrographum hoc Bulla eſt.*

27 Levou comſigo Tobias, e por muitos annos conſervou aquella eſcritura, pela grande importancia, que nella ſe continha. Tambem nós devemos levar, e guardar a Bulla em ſinal de eſtimaçaõ, e reverencia, pela muita importancia della. He de tanta utilidade para nós, e de taõ grande ſubſidio para a noſſa ſalvaçaõ

a Bulla

a Bulla da Cruzada, que de boamente dera o demonio todo o Mundo, se fora delle Senhor; e de boa vontade nos fizera outros partidos inconsideraveis, ainda com damno, e detrimento seu, só para que esta Bulla nunca se chegasse a expedir.

28 No deserto tentou o demonio a Christo tres vezes. E deixada a primeira tentaçaõ, que naõ vem para o nosso intento: na segunda intentou tirar a Christo a vida, suggerindo-lhe hum precipicio: *Mitte te deorsum*; e na terceira lhe offertou todos os Reynos do Mundo: *Ostendit ei omnia regna mundi, & gloriam eorum, & dixit ei; hæc omnia tibi dabo.* He certo porém, que na Paixaõ de Christo, duas cousas solicitou o demonio. Primeira: que os Judeos negassem a Christo o Reyno, que se lhe devia: *Non habemus Regem nisi Cæsarem.* Segunda: que Christo naõ chegasse a morrer pelos homens; porque sabendo o demonio, que a morte de Christo seria a sua destruiçaõ, só lhe convinha impedilla: *Nihil tibi & justo illi*; enviou o demonio, que se aconselhasse a Pilatos, para que Christo naõ fosse sentenciado á morte. Pois se em Jerusalem naõ consente o demonio, que Christo seja Rey de hum só Povo, qual era o Judaico; como no deserto lhe offerece os Reynos todos do Mundo: *Hæc omnia tibi dabo?* Se em Jerusalem lhe deseja conservar a vida; no deserto como lha deseja tirar? Porque entaõ nesse deserto, sendo tentado Christo, já se dava principio á Bulla da Cruzada, como diz, e prova sutilmente Bonherba: *Dicendum, quod licet Bulla Crucicatæ essentialem á morte Christi dependentiam habeat, originem nihilominus ducat á tentatione in deserto.* Mostrava pois o demonio, que daria todos os Reynos do Mundo se os tivera: *Hæc omnia tibi dabo*, e consentiria na sua propria destruiçaõ,

Matth. 4.

Matth. 27. v. 19.

Bonh. tom. 1. in Dom. 1. Quadrag. n 43.

truiçaõ, por meyo da morte de Chriſto: *Mitte te deorſum*; ſó a fim de que ſe naõ déſſe principio, nem ſe inſtituiſſe a Bulla da Cruzada.

29 Duvidemos ſobre eſta prova, para mais clareza, e intelligencia do que temos dito. Chriſto com a ſua morte remia o homem da culpa: o que naõ faz o Summo Pontifice na expediçaõ da Bulla. Pois porque ha de impugnar o demonio mais a inſtituiçaõ da Bulla, que a redempçaõ do homem? Reſpondo. Porque a morte de Chriſto, ainda que era remiſſaõ das noſſas culpas, pòde naõ ſer actual remiſſaõ das penas, que ſe merecem por ellas. Era remiſſaõ das culpas a morte de Chriſto; porque com ella ſe perdoaraõ os noſſos peccados, ficando reconciliados á ſua graça, os que della ſe c. aproveitaõ: *Habemus redemptionem per ſanguinem ejus, remiſſionem peccatorum.* Póde porém a morte de Chriſto naõ ſer actual remiſſaõ das penas, como ſe vé; porque a pena da culpa muitas vezes ſe vay ſatisfazer na outra vida. Bem ſey, que os tormentos de Chriſto applicados em ſatisfaçaõ de noſſas culpas, ſervem de remiſſaõ ás noſſas penas; (6) mas o perdaõ da culpa, e a remiſſaõ da pena, ſaõ effeitos muy diverſos. Todos os que acabaõ em graça, conſeguem pelos merecimentos de Chriſto o perdaõ da culpa, e nem todos alcançaõ a remiſſaõ da pena, que a ſatisfazem no Purgatorio.

(6) Vid. Becan. de merito Chriſti ca. p. 14. q. 10. n. 2.

30 Mas vede a amplificaçaõ da Bulla. A todos os que a tomarem, concede Sua Santidade por muitas vezes perdaõ de culpa, e pena, em dous Jubileos, nos dias das Indulgencias plenarias, e nos que forem das eſtaçoens de Roma (que ſaõ quaſi os de todo o anno) lhes concede as meſmas remiſſoens, que ſe lucraõ lá. Por iſſo invejoſo o demonio de tanta remiſſaõ, e indulgencia, muito mais ſe moſtrou eſtorvar a inſtituiçaõ da Bulla,

Bulla, que a noſſa redempçaõ, quando preparava, e diſpunha para Chriſto huma morte no deſerto. Sofrendo antes ver, pela morte de Chriſto, remido o homem da culpa; que, com a ſua vida, a inſtituiçaõ da Bulla, com tantas remiſſoens de culpa, e pena para os homens. Por iſſo no deſerto o naõ queria vivo; por iſſo lhe aconſelhava a morte: *Mitte te deorſum.*

31 Occaſiaõ teve o demonio ſem duvida, para eſtorvar a inſtituiçaõ da Bulla da Cruzada; porque as graças de que fallamos, já para remiſſaõ da culpa, já para ſatisfaçaõ das penas, pela Bulla concedidas, ſaõ tantas, que a naõ ſer o theſouro da Igreja inexhaurivel, e de infinito (7) valor, ficaria eſgotado, com a conceſſaõ da Bulla da Cruzada. Eſperavaõ os Platonicos, que como os Aſtros cõpletaſſem o curſo de trinta e ſeis mil annos, tornaria hum anno, a que elles chamavaõ grande, e novo, cheyo de feliciſſimos influxos; porque nelle ſe veriaõ as Eſtrellas naquelle meſmo poſto, que tiveraõ em ſua creaçaõ. Iſto, que a naõ ſer idea celebre de Plataõ, foy ſonho da Academia, para liſongear o Mundo, ou com as eſperanças que lhe dava, ou com a longa duraçaõ, que lhes promettia; verificado ſe vé durante o anno da Bulla, pelos jubileos que ſe alcançaõ; porque em cada hum delles parece que tornamos áquelle feliciſſimo eſtado, áquelle meſmo ditoſo poſto, que tivemos no bautiſmo: porque ſe bem nos diſpomos, lucramos inteira remiſſaõ da culpa, e de toda a pena, merecida por ella. Quando Aſſuero fez expedir a ſua proviſaõ, em que aos Judeos ſe perdoava a culpa, e pena, que lhes machinava o odioſo Aman, diz a Eſcritura, que parecia haver naſcido, entre tanto goſto, huma nova luz aos Judeos: *Judæis autem, nova lux oriri viſa eſt.* Com mais razaõ, e tambem

(7) Clemens VI. in Extrav. *Unigenitus.*

Eſther. cap. 8. v. 5.

Ibid. v. 16.

bem com mais gosto devemos entender, que nasce hoje huma nova luz para todos os Christãos desse nosso Reyno, porque se publica huma provisaõ, que para todos elles offerece remissaõ de culpa, e pena: e além disso tantas indulgencias, que nenhum entendimento humano as comprehende; só Deos as póde numerar.

32 Em Roma ha sete Igrejas muy principaes, ou sete Basilicas, que a piedade, e veneraçaõ dos Catholicos sempre costumou frequentar, pelas muitas graças, que nellas se conseguem. Huma destas Igrejas he a Basilica Lateranense, e na visita della se lucraõ tantas Indulgencias, que como diz o Papa Bonifacio VIII. só Deos (8) as póde numerar. Conjecturay agora, quantas Indulgencias lucrará, quem visitar todas as sete Basilicas? Pois as mesmas Indulgencias se concedem, aos que tendo a Bulla da Cruzada, visitarem cinco Igrejas, ou cinco Altares de huma Igreja: e naõ havendo tantos, basta que cinco vezes se visite hum só Altar, ou huma só Igreja. Christo, Senhor, e bem nosso, aconselhou a Santa Brigida Princeza de Nericia, que fosse viver em Roma; porque de lá se sobia com mais facilidade aos Ceos, pelas muitas Indulgencias, que ahi se lucraõ. Eu o que vos aconselho, suppostа a benignidade da Sé Apostolica, he, que tomeis a Bulla da Cruzada, e vos aproveiteis della; porque em toda a parte achareis para ir aos Ceos, a mesma conveniencia, que ha em Roma.

(8) Viva de Jubil q. 4. artic. 2 n. 4.

33 Para evidencia disto deveis saber, que por virtude da Bulla se podem alcançar dous Jubileos. Hum, que na mesma Bulla se concede, e deve lucrar-se nos primeiros seis mezes. Outro, que se concede no escrito, e se consegue nos ultimos seis mezes, durante o anno da Bulla. Naõ saõ estes Jubileos da Bulla, os que ordinariamente

nariamente se concedem em varias festas, que ha nas Igrejas desta Cidade, que naõ saõ propriamente Jubileos, ainda que se nomeaõ por taes. Saõ porém os Jubileos da Bulla, aquelles, que se conseguem em Roma, só no Anno Santo; o qual antigamente se celebrava huma só vez no espaço de cincoenta annos: e hoje de hum Jubileo a outro, he necessario esperar vinte e cinco annos. Mas se tomastes a Bulla da Cruzada, e tam bem escrito, tendes em hum só anno, duas vezes o Jubileo do Anno Santo, sem sayres de vossas casas, e sem ires a Roma; ficando assim evidente, que pela Bulla se faz a sobida ao Ceo taõ facil em qualquer parte, como em Roma. E ainda pela Bulla mais facil; porque em Roma, se espera, quando menos, meyo seculo, para se lucrarem dous Jubileos; e com a Bulla, e seu escrito, se podem lucrar dous Jubileos em hum anno.

§. V.

34 ISto he no que toca á remissaõ da pena; vejamos o que temos na Bulla, para remissaõ das culpas; e descobrireis novas obrigaçoens, para o respeito, e veneraçaõ da Bulla. Concede Sua Santidade, que qualquer Confessor, sendo dos approvados no lugar em que se acha, possa por virtude da Bulla absolver de todos os peccados, crimes, e excessos, por mais que sejaõ enormes, e graves: ainda que sejaõ reservados aos Bispos, e ao mesmo Papa. De sorte, que vem a ser muy raros os crimes, para os quaes pela Bulla se naõ consiga a absolviçaõ da culpa; porque muy poucos saõ os exceptuados na faculdade, que a Bulla concede para absolver. Grande privilegio, para a nossa fragilidade! Naõ tem necessidade o peccador grave, e misera-

 vel,

ravel, de fahir, e deixar a fua caſa, para buſcar o Biſpo, que talvez tem a ſua reſidencia muy longe. Naõ lhe he neceſſario ir do Braſil a Roma, quando os caſos ſaõ reſervados ao Papa; porque dos mais delles póde o Cõfeſſor ordinario abſolver, quando menos huma vez na vida, ou na morte. Receava Santo Ambroſio, que a facilidade no perdoar, ſerviſſe de eſtimulo, para mais peccar: *Ne facilitas veniæ incentivum tribuat delinquenti.* Mas a grande commiſeraçaõ da Sé Apoſtolica, tanto ſe inclinou para a piedade, que ſeguindo com altiſſima deſcriçaõ a doutrina de Saõ Joaõ Chryſoſtomo, e a clemencia de Chriſto, antes quiz parecer nimio no perdoar, e abſolver, que no reſtringir, e reſervar: *Melius eſt*, dizia Chryſoſtomo, *propter miſericordiam, rationem reddere; quam propter crudelitatem.* Eſte foy o prudentiſſimo axioma, com que Sua Santidade taõ ampla juriſdiçaõ commetteo para ſe abſolver; que tendo vós a Bulla, podeis com propriedade dizer, que para onde querque vades, o meſmo Papa vos acompanha, e vos vay ſeguindo, para em qualquer parte vos abſolver.

D. Ambroſ. Serm. 8. in Pſalm. 118.

D. Joann. Chryſoſtoſt. hom. 43. in Matth.

35 Daquella pedra, que com dous golpes da vara, deu agua aos Iſraelitas, diz Saõ Paulo, que os acompanhava, e ſeguia: *Conſequente eos petra.* E havemos de crer, que ſe movia o rochedo, ou q̃ ſe abalava a penha? Naõ; mas corriaõ as aguas pelo deſerto, ſeguindo as marchas daquelle Povo: e como em toda a parte achavaõ os Iſraelitas aguas que lhe hia dando a pedra, bem podiaõ dizer, que a pedra os hia ſeguindo: *Conſequente eos petra.*

36 Eſſa pedra era Chriſto, como allegorizou Saõ Paulo: *Petra autem erat Chriſtus*, e tambem nella ſe repreſentava o Papa, que tem as vezes de Chriſto, e he

ſucceſ-

ſucceſſor de Saõ Pedro, que tambem he Pedra: *Tu es Petrus & ſuper hanc petram.* Os dous golpes da vara de Moyſés formaraõ huma Cruz na pedra do deſerto: *Gemina percuſſio duo ligna crucis deſignat*, diz Santo Agoſtinho. E cá pela pedra da Igreja ſe formou a Cruzada. Daquella cruz, feita aos golpes da vara, emanaraõ aguas. E da Cruzada emanaraõ as graças, que como (á imitaçaõ daquellas aguas) vaõ com noſco para toda a parte, bem podemos dizer (como daquella pedra diſſe Saõ Paulo) que a pedra da Igreja nos vay ſeguindo: pelas graças da Bulla da Cruzada, que levamos, para ſermos abſoltos em qualquer parte, por qualquer Confeſſor, que elegermos, como ſe fora pelo meſmo Papa.

D. Auguſt. tract. 26. in Joann.

37 Mas vede lá naõ abuſeis deſta faculdade, nem vos fieis na certeza da abſolviçaõ, para commetter o meſmo de que fugiras, durante a reſervaçaõ; porque fora iſſo hum abſurdo, naõ digo eu, ſó que indigno de quem he Chriſtaõ; mas ainda de quem naõ he louco: porque ſemelhante confidencia para peccar, em nenhum entendimento cabe. No Deuteronomio diſpunha Deos, que paſſados ſeis annos, ſempre o ſetimo foſſe anno de remiſſaõ: e tam ampla era a Indulgencia no ultimo anno de cada ſetennario, que até as dividas ſe perdoavaõ, nem tinhaõ os crédores já mais direito para as pedir: *Cui debetur aliquid ab amico, vel proximo ac fratre ſuo, repetere non poterit, quia annus remiſſionis eſt Domini.* Fallando deſte perdaõ, ou deſta remiſſaõ, dizia Deos: *Cave, ne forte ſubrepat tibi impia cogitatio, & dicas in corde tuo, appropinquat ſeptimus annus remiſſionis.* Vede lá naõ tenhais algum máo intento, ou imaginaçaõ tyranna, dizendo em voſſo coraçaõ, eſtá para chegar o anno do perdaõ. Neſta recomendaçaõ tenho hũ reparo,

Deuteron cap. 15. v. 2. v 9.

reparo, porque na frazi della parece haver alguma impropriedade. Os penſamentos, e imaginaçoens formaõ-ſe no entendimento, ainda que tiveſſem origem no coraçaõ. Pois ſe nos acautela Deos, para que eſtes penſamentos naõ cheguem ao coraçaõ; como naõ prevenia a vigilancia humana, para que tambem naõ tiveſſem entrada no entendimento? Porque ſe devia ſuppor, que naõ póde caber no entendimento huma deliberaçaõ peccaminoſa, com os olhos no perdaõ, e na certeza da remiſſaõ. Poderá caber no coraçaõ hum deſatino taõ grande; mas ao entendimento naõ he bem, que chegue: *Ne dicas in corde tuo, appropinquat ſeptimus annus remiſſionis.* Como o coraçaõ em ſuas appetencias he cego, poderá inclinar ſe ao mal com intuito do perdaõ. Mas o entendimento, que tem por operaçaõ o diſcurſo, naõ he poſſivel, que do perdaõ tire inſentivos para o delicto. Ouvi o cõmento da Gloſſa ao noſſo Texto: *Nemo audet hoc dicere, quod potuerit cogitare.*

Gloſſ. in Deuter. hic.

§. VI.

38 TEmos viſto de quam grande importancia nos ſeja a Bulla da Cruzada, para abſolviçaõ das culpas, e para remiſſaõ das penas. E por ventura haverá ainda neſta importantiſſima eſcritura mais utilidades, pelas quaes ainda mais ſe nos faça eſtimavel o theſouro da Bulla? Sim; porque além da abſolviçaõ das culpas, e da remiſſaõ das penas, ſe contém na Bulla outras faculdades, como ſaõ para ſe commutarem votos, para o uſo dos lacticinios, e para muitas compoſiçoens, ſegundo na meſma Bulla ſe declara. De ſorte q̃, tambem nos prevenio a Bulla varios commodos temporaes; porque ſe viveis com encargos, e obrigado a ſatiſ-

ſatisfazellos, podereis achar por meyo da Bulla, compoſiçaõ. Nos dias, que a Igreja deſtinou para abſtinencia, a Bulla faz o preceito menos ſenſivel, com a permiſſaõ dos lacticinios. Se fizeſtes algum voto a Deos, ou a ſeus Santos, cuja ſatisfaçaõ vos he penoſa, excepruando poucos, os mais ſe vos podem commutar; ficando vós pela Bulla deſobrigado de muitos encargos, que com o ſeu pezo vos opprimiaõ, e vos faziaõ penoſa a eſtrada da gloria, que Chriſto fez taõ eſpaçoſa aos que ſeguem os ſeus preceitos: *Et ambulabam in latitudine, quia mandata tua exquiſivi.* Pſal. 118. v. 45.

39 Naõ vos parece a Bulla da Cruzada, como ſegunda redempçaõ para o Mundo? No meu entender ſim, e cuido que com baſtante fundamento, para a ſemelhança. Quando Chriſto remio o Mundo, como ſeu verdadeiro Legislador, lhe deu nova ley, e novo teſtamento, com extinçaõ do Velho teſtamento, e da antiga ley, que eſpiraraõ morrendo Chriſto. Fallando pois o Senhor deſta nova ley, que vinha dar ao Mundo, diſſe que além de ſer ſuave, era tambem leve: *Jugum enim meum ſuave eſt, & onus meum leve.* Matth. 11. Mas como leve, como ſuave, eſta nova ley, ſe nella há o meſmo pezo, e o meſmo agro da ley antiga? Os meſmos dez preceitos, que Chriſto deixou para a ſua Igreja nos Euangelhos, ſaõ os que Deos Exod. 20. tinha dado a Moyſés em o deſerto de Sinay, quando lhe fallou no monte. Aquelle meſmo Decalogo, que promulgado por Moyſés, eſpirou na morte de Chriſto; he o que dado pelo Redemptor, tem forças de nova ley, para ſe obſervar na Igreja. Pois em que ſe fez mais ſuave, e mais alivi da eſta ley, e Novo teſtamento da redempçaõ? Em muito; e quando menos, em que pela redempçaõ, ficando nós ſugeitos aos mandamentos, ficamos

camos delobrigados daquella multidaõ vaſtiſſima de preceitos, que ſe continhaõ no Velho teſtamento, dos quaes eſtaõ cheyos os livros do Exodo, Levitico, e Deuteronomio. Tinha Deos dado ao ſeu Povo huns preceitos que eraõ Ceremoniaes, outros Judiciaes, Legaes, Moraes, e Sacramentaes: os quaes todos compunhaõ taõ grande numero, que ſó para os comprehender, naõ baſtaria qualquer applicaçaõ ordinaria. Mas até deſtes preceitos nos remio a morte de Chriſto, naõ ſendo mais de dez os que nos deixou depois da redẽpçaõ; porque a virtude, e benignidade della, fez leve o pezo da ley, e o ſeu jugo ſuave: *Jugum enim meum ſuave eſt, & onus meum leve.*

40 Tambem a Bulla da Cruzada nos faz taõ ſuave, e taõ leve a obrigaçaõ dos preceitos, que ſe aſſemelha com a redempçaõ. Faz menos penoſo o preceito da abſtinencia: alivia o encargo das conſciencias, pela compoſiçaõ: commûta ſuavemente os votos, que talvez induziaõ a muitas penalidades, para o comprimento delles, deixando leve o que dantes era pezado, e ſuave o que era penoſo: *Jugum meum ſuave eſt, & onus meum leve.* Sendo pois tantas as importancias, e utilidades que nos provem da Bulla, já ſe vé, que muito mais do que a Tobias, nos ſerá conveniente, receber, e eſtimar eſta veneranda eſcritura: *Chyrographũ quidem illius apud me habeo.*

§. VII.

§. VII.

Quod dum illi oſtenderis, ſtatim reſtituet.

41 SUppoſta a declaraçaõ, que fizemos das utilidades da Bulla, e dos meyos com que ſe lucraõ as graças, nella concedidas; ainda para complemento do thema, e da materia, nos reſta por explanar huma circunſtancia bem importante para o que tratamos.

42 Neſta ſua ultima clauſula do noſſo thema aſſegurava Tobias, que em ſe moſtrando a Gabelo o ſeu eſcrito de divida, logo elle reſtituiria a importancia: *Quod dum illi oſtenderis, ſtatim reſtituet.* Ou Tobias ſe enganava da ſua propria ſinceridade, ou do ſeu devedor tinha grande ſatisfaçaõ. Reſtituir, e reſtituir logo, poucas vezes ſe encontra neſtas eras. Mas eu no preſente aſſumpto mais attendo para o myſterio, que para a Hiſtoria. O eſcrito que ſe paſſou a Tobias, era a Bulla da Cruzada: *Chyrographum hoc Bulla eſt*, e he infallivel, que a penas moſtrais a Bulla, quando logo ſe vos reſtitue a importancia della. Se ao Commiſſario, ou ao Confeſſor moſtrais a eſcritura da Bulla, he certo que logo ſe vos dá a abſolviçaõ da culpa, logo ſe vos faz a commutaçaõ, logo ſe vos ajuſta a compoſiçaõ. E ſe pondes os meyos devidos para lucrar os Jubileos, e as indulgencias, prometidas na Bulla (ſem ſer para iſſo requerido) tudo vos dará Deos logo, e mais promptamente do que vos podeis imaginar: *Statim reſtituet.*

43 Quando os Moſcovitas daõ algum cadaver á ſepultura, entregaõ-lhe hum papel aſſignado pelo ſeu Parocho, o qual certifica, que o defunto fora muy bom

bom filho da melhor Igreja. E tem para ſi, que vendo Saõ Pedro o teſtemunho do Parocho, logo lhe dá poſſe da gloria. Iſto, que naquelles Sciſmaticos he cegueira, tem alguns viſos da noſſa felicidade. Com huma eſcritura, que nos dá o Vigario de Chriſto, ſe nos reſtitue a graça de Deos pela abſolviçaõ: e ſe nos abrem logo as portas da Gloria pelas indulgencias; porque as penas merecidas, que ſe haviaõ de ſatisfazer no Purgatorio, logo ſe perdoaraõ com as remiſſoens da Bulla.

44 Duas circunſtancias há neſte ponto, ambas muito para ſe notarem, e notadas ambas nas ultimas palavras do noſſo thema: *Statim reſtituet.* Naõ ſó nos dará Deos, o que pelo ſeu Vigario ſe nos promette na Bulla; mas nos dará logo: *Statim;* e por modo de reſtituiçaõ: *Reſtituet.* Cuidaráõ alguns, que eſta remiſſaõ das penas lucradas pelas indulgencias, fica dilatada, para ſe nos dar na outra vida, e he engano. As penas, ſaõ as da outra vida: e a remiſſaõ dellas logo ſe nos dá na meſma hora, em que ſe conſeguir a indulgencia. Na outra vida achareis as penas deſcontadas: e cá tanto que fazeis a obra neceſſaria para ſe lucrar a indulgencia, vos confere Deos a remiſſaõ logo: *Statim.* Naõ aguarda tempo: no meſmo dia, e ainda no meſmo inſtante, vos ſatisfaz a merecida indulgencia; porque aliás, contra elle clamaria a ſua meſma juſtiça, e o voſſo merecimento.

45 No Levitico diſpunha Deos, que todo o operario foſſe pago do ſeu trabalho, no meſmo dia em que o fizeſſe: *Non morabitur opus mercenarij tui uſque mane.* E nos dictames, que Tobias deu ao ſeu filho, encarecia, que ſe ſatisfizeſſe a obra, no meſmo ponto, em que ſe acabaſſe: *Quicumque tibi aliquid operatus fuerit, ſtatim ei mercedem reſtitue.* E porque tanta promptidaõ

Levit. cap. 13. v. 19.

Tob. 4. v. 5.

tidaõ em pagar, que naõ haja a satisfaçaõ de se demorar hum dia: *Non morabitur usque mane?* Precisamente haõ de ser taõ immediatas a satisfaçaõ, e obra, que em hum só ponto se haõ de unir a obra, e a satisfaçaõ: *Statim ei mercedem restitue?* Sim. A razaõ se dá no Deuteronomio, onde outra vez se ordenava o mesmo: *Ne clamet contra te ad Dominum.* Há-se de pagar logo, porque o merecimento da parte naõ clame, em quanto se lhe dilata o premio. Naõ se obriga Deos tanto do nosso merecimento, como da sua propria justiça; e se faltara Deos em satisfazer logo aos que cumprem com o devido, para lucrar as indulgencias da Bulla, assim o nosso merecimento, com a sua justiça clamariaõ contra Deos: *Ne clamet contra te ad Dominum.* Deutero. n. 24 v. 5.

46 Por esta razaõ bem podemos estar seguros, de que logo nos dará Deos, quanto pela Bulla se nos concede: *Statim restituet.* E o mais he, que por modo de restituiçaõ nos há de satisfazer Deos, o que se nos promette na Bulla: *Restituet.* E porque, por modo de restituiçaõ? Para que entendamos, que de justiça nos dará Deos, o que se lucrou pela Bulla. Este genio tem a divina bondade; tanto se rende a premiar com indulgencias, e remissoens o nosso merecimento, como se de justiça o devera. Assim como o castigar em Deos, he acto de justiça; assim he de justiça premiar o merecimẽto. Como Deos he misericordioso, naõ castigara, se o naõ impellira a justiça: e da mesma sorte, se quizera faltar com o premio, a mesma justiça o induzira á satisfaçaõ.

47 No dia do Juizo final, dizem as Escrituras, que virá Christo como ladraõ: *Sicut fur in nocte ita veniet;* diz Saõ Paulo: *Adveniet autem dies Domini ut fur,* diz S. Pedro. E que semelhança poderá haver entre Christo 1. ad Thessal. cap. 5. v. 2. Epist. Petr. cap. 3. v. 10.

to Julgador, e o Ladraõ? Muita, e muy bem fundada. Aquelle theatro final, será hum acto de justiça, em que Christo ha de premiar os bons, e castigar os maos. Tambem o Ladraõ tem seu acto de justiça, que he o acto de restituiçaõ. No acto pois de julgar, parecerá Christo Ladraõ: *Tanquam fur*; porque fará aquella funçaõ de justiça, como se fora acto de restituiçaõ: *Reddet unicuique secundum opera ejus.* Naquelle acto obrará Christo taõ necessitado da justiça, no que der a cada hum, como se o dera por restituiçaõ. Ao precito dará o inferno, como se lho houvera tirado dantes: *Reddet.* Ao justo dará o Ceo, como se lho restituira: *Reddet.* A grande força da justiça distributiva fará que o castigo de huns, e a remissaõ, e indulgencia de outros, pareça restituiçaõ do que Christo dará a cada hum naquelle tremendo acto: *Sicut fur in nocte ita veniet. Reddet unicuique secundum opera ejus.*

Matth. 16.

48 Tambem será taõ proprio acto de justiça em Deos, conferir logo as indulgencias a quem as merecer nesta vida, que pareça restituir, quando as dispende: parecerá justiça, o que he liberalidade: e o mesmo que he dadiva, parecerá restituiçaõ: *Restituet.* Perguntaõ os Theologos, se da parte de Deos para as creaturas poderá haver proprio, e verdadeiro acto de justiça commutativa, fundada em pacto oneroso, pelo qual Deos se obrigue a premiar algum serviço, que lhe fizermos? E ainda que a questaõ problematicamente se resolve; eu cuido, que de justiça se obriga Deos a conferir as indulgencias, e remissoens das penas, aos que para ellas dignamente se dispuzeraõ, sem impedimento, que o estorve. Ouçamos aqui a Santo Agostinho: *Deus indulgentiæ largitor, coronæ debitor, indulgentiam tribuere debet.* Naõ reparais, que em hum mesmo ponto,

D. Aug. in Psal. 83.

em

ponto, em que se attribue a indulgencia á liberalidade divina: *Deus indulgentiæ largitor*, se reputa a Deos devedor da mesma indulgencia: *Indulgentiam tribuere debet?* Pois se he liberalidade, como he divida? Porque huma, e outra cousa póde ser. A promessa, e instituiçaõ da indulgencia, he liberalidade, porque tem sua origem na misericordia: *Indulgentiæ largitor.* Porém merecida ella, poem a Deos em divida; porque se funda em justiça a satisfaçaõ: *Indulgentiam tribuere debet.* Se pois de vossa parte puzeres os meyos que saõ necessarios, para lucrar as indulgencias, eu vos prometto da minha, ou para melhor dizer, da parte de Deos, que elle vos naõ falte com as remissoens; porque vo las ha de dar como devedor, de justiça, e como por restituiçaõ: *Statim restituet. Indulgentiam tribuere debet.*

§. VIII.

49 ESTaõ já ponderadas as clausulas do nosso thema, e concluida a materia do Sermaõ. Queira Deos excitar em vossos coraçoens hum efficaz desejo de lucrar o thesouro da Bulla, em que se achaõ tantas graças, e tantas indulgencias. Tobias para conseguir a importancia da sua escritura (muito menor q̃ a da nossa) peregrinou pelo Mundo, andou varias terras, até encontrar o seu devedor: e seriaõ de balde tantas diligencias, se o Ceo lhe naõ enviara hum Anjo, que o encaminhou. Eu só desejo, que hum Anjo suppra com a sua efficacia, o que falta á minha persuasaõ, e vos excite, a que com menos trabalho, e sem algum discõmodo, busqueis a graça de Deos por meyo de huma confissaõ perfeita, para lucrares os Jubileos, as indulgencias, e remissoens concedidas na Bulla da Cruzada.

50 Naõ ſejais remiſſos em ſolicitar tanto bem; porque muitas vezes naõ aceita Deos o que alguns fazem, para lucrar as indulgencias da Bulla, ainda que juſtificados com a graça; e he caſtigo da grande omiſſaõ em que vivem, e do pouco caſo, que fazem de ſe aproveitar dos theſouros, que nos abre a Igreja. Muitos ha, que paſſando toda a vida, ſem ſe diſporem, para lucrar os dous Jubileos, concedidos pela Bulla em cada hum anno, chegaõ á hora da morte, e verdadeiramente contritos, querem entaõ huma indulgencia plenaria por virtude da Bulla, e a naõ chegaõ a alcançar; porq̃ conſta de muitos caſos, que alguns tendo a Bulla, com intento de lucrar pouco antes da morte o Jubileo della, faleceraõ em graça; e com tudo foraõ ao Purgatorio. E que vem iſto a ſer? Falta Deos com as indulgencias, que o ſeu Vigario concedeo na terra? Algumas vezes ſim; porque naõ merecemos, que Deos nos aceite as obras, q̃ fizemos, para conſeguir eſſas indulgencias. Huma das razoens q̃ tenho encontrado, para ſermos indignos de q̃ Deos aceite as noſſas obras, que eraõ requiſitas para ſe lucrar a indulgencia, he aquella grande omiſſaõ, e quaſi deſprezo, q̃ ha em muitos para ſe aproveitarem das graças, e remiſſoens da Sé Apoſtolica. Vòs quereis paſſar todo o anno, e talvez toda a vida, ſem fazer caſo dos Jubileos que ſe vos concediaõ: e ſem fazer da voſſa parte por lucrar huma indulgencia plenaria, nos dias apontados na Bulla: e quereis entaõ cõſeguilla na hora da morte, pelo temor que vos faz o Purgatorio? No voſſo juizo poderá ſer; mas no de Deos naõ he bem que ſeja. Se quereis que na hora da morte vos aproveite a indulgencia, ſolicitaya na vida: e conſeguireis aſſim, livres das penas da outra vida, voar na morte direitamente à gloria.

SER-

SERMAM X.

NAS EXEQUIAS

do M. R. P. Doutor Jubilado

Fr. JOSEPH DA NATIVIDADE,

Monge de Saõ Bento da Provincia do Brasil, Lente que foy de Filosofia, e Theologia no seu Collegio do Rio de Janeiro, Dom Abbade do Mosteiro de Saõ Sebastiaõ da Bahia, e Presidente de toda a Provincia. Faleceo sendo eleito Provincial, aos 9. de Abril de 1714. em dia dos Prazeres da Mãy Santissima de Deos, concorrendo no mesmo dia a festa da Encarnaçaõ.

Bahia: no seguinte dia 10. *de Abril do mesmo anno.*

Nemo natus est in terris ut Joseph, qui natus est homo:: Rector fratrum. Ecclesiast. 49.

§. I.

1 QUE universal he o decreto da morte, e que rigorosa a execuçaõ delle! (Nosso muito Reverendo Padre Provincial. Ainda que o presente golpe para ser mais cruel, nos reserve a vida, nem por isso julgue V. P. muito Reverenda, pequena a dor, em que nos deixa. Nem sirva de discredito á nossa pena, ver que ainda dearticulamos

vozes, e naõ se nos suspendem os discursos; porque nesta hora justo he, que ceda o peito á lingua, as lagrimas ás vozes. Assim o entendeo nosso Padre Saõ Bernardo em o funeral de hum seu Monge: *Indutus sacerdotalibus, solitas in eum orationes, proprio ore complevi. Qui me intuebantur flebant, & mirabantur, quòd non flerem ipse: at ego fidei reluctabar affectui.*)

D. Bern. in Cant. serm. 26.

2 Que universal he o decreto da morte, e que rigorosa a execuçaõ delle! Muy universal foy a Ley que Deos impoz ao homem sobre a contracçaõ do peccado original; e com tudo vemos, que nem comprehendeo esta Ley a Christo Senhor nosso, sendo verdadeiro homem, nem se atreveo contra a Virgem Santissima Mãy sua, e Senhora nossa; mas o decreto da morte, ainda a Mãy de Deos incluhio, e ao mesmo Christo naõ perdoou. Supposta taõ universal disposiçaõ, que nella se incluisse o nosso eleito Prelado defunto, era preciso; mas naõ vencerá o seu poder a vida, que em nossa memoria logra, e ha de lograr, em quanto tivermos vida; porque as prendas singulares, que se admiravaõ nelle, justamente servem de cadeas aos nossos coraçoens, e de incentivos à nossa lembrança.

3 Na morte de hum seu Monge chamado Gerardo, notavel foy o sentimento, e memoria, que delle ficou a meu Padre Saõ Bernardo: e se de huma, e outra cousa buscarmos o motivo, diz o mesmo Santo Doutor, q aquelle Monge tinha os dotes de grande Orador: *Dominus dederat illi linguam eruditam;* e de taõ insigne Mestre, que nenhum como elle era taõ sutil nas disputas, nenhum taõ agudo nos argumentos: *Subtilior in differendo.* E naõ eraõ tambem estas as prendas do nosso eleito Prelado defunto? Sabem-no os que o ouviraõ, já nos pulpitos, já nas Aulas. Nos pulpitos era tanta a eru-

D. Bern. supracit.

a erudiçaõ, e fervor de espirito, com que prégava, q̃ bem se via ser huma, e outra cousa, dom muy particular de Deos: *Dominus dederat illi linguam eruditam.* Nas Aulas foraõ sempre os seus argumentos, além de solidos, taõ sutis, que por acclamaçaõ de todos, era o mais sutil entre todos: *Subtilior in differendo.* Pois com estas prendas, quem duvida, que ainda depois de morto, se conservará em nossos coraçoens, qual outro Gerardo no coraçaõ de Bernardo?

4 Mas se estas prendas nos despertaõ a memoria, de agora sinto serem prizoens para o entendimento, que na ponderaçaõ de estrago taõ infeliz, naõ póde dar hum só passo. Valendo-me porém das palavras do thema, exporá a lingua, quanto lhe dictar a pena. Tudo em estylo rude; porque sempre as agudezas da pena embargáraõ sutilezas no pensamento. Além de que, no breve espaço de hum dia, (e este de tão to sentimento) seriaõ conhecidos roubos da mágoa, quantas agudezas encerrasse o discurso na ponderaçaõ.

§. II.

5 *Nemo natus est in terris ut Joseph*; ninguem nasceo na terra como Joseph. Parece que impropriamente vem estas palavras para a presente hora. Que tem o nascimento com a morte? A que fim se recorda no funeral do nosso eleito Prelado a sua natividade? Será por ventura, porque o nascer he antecedente necessario do morrer, assim como o morrer consequencia infallivel do nascer? Boa razaõ: pois todos nascendo, descahimos para a morte. Diz o Ecclesiastes que morre o Sol, quando no Occaso se põem: *Oritur Sol, & occidit*; se o Sol fora vivente, como com al-

Eccles. 1. 5. Orig. Prolomæ Philo. D. Joan. Damascenus. D. Hieron. & Sancti PP. cõmuniter.

guns Filosofos antigos cuidou Origenes, naõ duvidara eu que no Occaso morresse, porque nelle se sepulta; mas se o Sol carece de vida (que essa he a resoluçaõ dos Padres da Igreja) como nos affirma o sagrado Texto que morre? Direy: naõ he o Sol vivente; mas como tinha dito o Rey sabio, que nascia o Sol: *Oritur Sol*; consequentemente havia dizer que morria: *Et occidit.* Senaõ dissera que nascia o Sol quando apparece; tambem naõ affirmara, que quando se occulta morre; mas tendo-lhe dado nascimẽto antecedẽtemẽte, naõ lhe podia negar por consequencia a morte; porque taõ avinculados andaõ o nascer, e o morrer, que depois do nascimento, todo o caminho que se faz, he para a morte: *Oritur Sol, & occidit*, diz o Ecclesiastes, e accrescenta: *Gyrat per Meridiem.* Nasce o Sol, e morre; gyra pelo Meyo dia. Pois naõ he primeiro o gyrar pelo meyo dia, que sepultarse no Occaso? He sem duvida. Pois como no que descreve a mais entendida penna se ataõ o nascimento, e occaso, sem que o Meridiano os divida? Porque (como dizia) o nascimento, e a morte taõ avinculados andaõ entre si, que naõ querem admitir entre ambos, mais que huma estreita uniaõ: *Oritur, & occidit.* Por esta razaõ naõ he para estranhar, que na morte do nosso eleito Prelado se repitaõ memorias de seu nascimento, pela connexaõ que entre o nascimento, e a morte vemos.

6 Porém com melhor acordo quero entender, que a propriedade com que na morte do nosso eleito Prelado se lhe recorda o seu nascimento, vem a ser, porque para os que servem a Deos, o morrer naõ he acabar, he renascer. Dizia Job, que a sua morte seria como a do Fe-

Job. 29. 18. apud. Hebræos. niz; porque com ella se lhe multiplicariaõ os dias: *In nidulo meo moriar, & sicut Phœnix multiplicabo dies* Mas

como

como assim, se o dia da morte he o ultimo de nossa vida? Do modo que tenho dito. Job era homem todo entregue ao serviço de Deos: *Numquid considerasti servum meum Job?* E para estes o acabar he nascer: *Moriar, & multiplicabo dies.* He acabar para o Mundo; mas he nascer para o Ceo. E como tambem o nosso eleito Prelado se dava ao serviço de Deos, podemos piamente esperar, que o seu morrer para os homens, fosse nascer para Deos, e que hum mesmo dia fosse para elle de morte, e de nascimento. Cap. 18.

§. III.

7 VEncida esta, que parecia impropriedade, entremos a vencer agora huma difficuldade. E qual será a razaõ de nos dizer a Escritura, que ninguem nasceo neste Mundo, que fosse como Joseph: *Nemo natus est in terris ut Joseph?* Para o dizer, he necessario advertir, que ainda que o nosso thema no sentido literal falle de Joseph Viso-Rey do Egypto; no sentido accommodaticio, tantas vezes admittido pela Igreja, tambem falla do nosso defunto Joseph, e com accõmodaçaõ muy propria, pela semelhança que ha entre hum, e outro Joseph. Porque se de Joseph, o filho de Jacob, diz a Escritura que era sabio: *Numquid sapientiorem, & consimilem tibi invenire potero?* Muy douto, como se sabe, era tambem o nosso defunto Joseph. Se Joseph, o de quem falla a Escritura, nos primeiros annos de sua vida logo se dedicou a Deos, como diz o Alapide: *Fuit dedicatus Deo Joseph*; tambem este Joseph na flor da sua idade com o vinculo de tres votos se consagrou a Deos. Se a Joseph do Egypto elevou Deos ao throno de toda aquella Provincia; tambem o nosso Joseph Genes. 47. 39. Alap. in cap. 49. Eccles. v. 16. & 17.

seph foy escolhido por Deos para o lugar supremo desta Provincia. Supposta pois taõ ajustada semelhança, saibamos o porq̃ naõ houve na terra outro semelhante a Joseph Viso-Rey do Egypto, e entaõ saberemos a causa de ninguem nascer semelhante ao nosso defunto Joseph: *Nemo natus est in terris ut Joseph.*

8 O livro do Ecclesiastico foy o que nos occasionou a duvida; mas acho que tambem nos deixou a resposta. Diz que ninguem nasceo na terra como Joseph; porque foy homem: *Natus est homo*; e porque foy Prelado de seus Irmãos: *Rector fratrum.* E eis-aqui descobrimos já duas excellencias, que se a Salamaõ deraõ fundamento para os elogios daquelle antigo Joseph, a nòs serviráõ como de dous pòlos para a presẽte Oraçaõ sobre o defunto Joseph, cuja morte lamentamos.

§. IV.

9 O Primeiro fundamento que teve a Escritura para affirmar q̃ ninguem nasceo neste Mũdo, que fosse como Joseph do Egypto, vem a ser; porque Joseph fora homem: *Natus est homo.* Pois os mais homens, que nascem neste Mundo, naõ saõ homens? Direy: todos os mais tambem o saõ; mas nem todos merecem intitularse homens, como a Escritura intitulou a Joseph; porque só merece este titulo aquelle que obra como homem. Admiravelmente Saõ Joaõ Chrysostomo: *Neque enim à figura, sed ab actione unumquodque intelligitur.* De maneira, que quem obra como homem, deve intitularse homem, ainda que aliás o naõ seja: e quem he homem, se naõ obra como homem, naõ deve intitularse homem.

D. Joan. Chrysost. de Noe sup. c. 6. Genes.

10 Ao Anti-Christo trata Saõ Joaõ no seu Apoca-

lypse

lypſe por féra : *Et vidi de mari beſtiam aſcendentem* Apoc. 13.
Scilicet Antichriſtum, commentaõ os Expoſitores. E 1.
Abraham aos tres Anjos que vio, intitulou homens, D. Iren.
Apparuerunt ei tres viri. Pois que diſparidade he eſta? Ruſi & commun.
Sendo o Anti-Chriſto homem, naõ ſe intitula homem; Geneſ. 18.
intitulaſe féra: *Vidi de mari beſtiam*; e os Anjos intitu- 2.
lados homens: *Tres viri?* Sim; que o Anti-Chriſto ſendo homem, vio Saõ Joaõ que naõ obrava como homem, que da razaõ ſe guia; mas como féra, que da crueldade ſe move; por iſſo he tratado por féra, e naõ por homem: ouvi a Hugo Cardeal: *Beſtiam, ideſt, Anti Chriſtum, nihil omnino ſecundum rationem gerentem, ſed omnia per crudelitatem.* Aos Anjos porém naõ ſendo homens, vio Abraham acçoens de homem, como ſe moſtra no Capitulo 18. do Geneſis; por iſſo juſtamente por homens ſaõ tratados: *Tres viri*, que o ter, ou naõ ter o titulo de homem, eſtá em obrar, ou naõ obrar como homem: *Neque enim à figura, ſed ab actione unumquodque intelligitur.* Hug. Card. ſup. c. 13. Apoc.

11 Huma notavel confirmaçaõ deſta verdade nos deixou o Profeta Jeremias. Diz que diſcorrendo por toda a terra, a achára vaſia, e ſem que nella houveſſe hum ſò homem: *Aſpexi terram, & ecce vacua erat: intuitus ſum, & non erat homo.* Sey eu, que a mayor attenuaçaõ em que ſe vio a natureza humana, foy quando em hum merecido diluvio ſe vio naufragar todo o Mundo, mas ſobre eſſas meſmas aguas que o ſumergiaõ, ſe conſervaõ ainda oito homens: pois como diz o Profeta, que nem hum ſó vira no Mundo: *Intuitus ſum, & non erat homo?* Direy o que reſpondem alguns, ſeguindo a Saõ Joaõ Chryſoſtomo. Muitos homens vio o Profeta; mas como nenhum delles pelo ſeu obrar ſe fazia merecedor do titulo de homem, por eſſa razaõ affirmou, que nem Jerem. c. 40. v. 23. & 25. D. Petr. Epiſt. 1. cap. 3. D. Chryſoſt. Alvar. Illuſtr. 86.

hum

hum só vira: *Nullum videt, licet innumeros circunſpexerit, quia viri nomine nullus dignus erat.* Aqui entendo ſe me pergunta: e em que conſiſte o obrar como homem? O meſmo Saõ Joaõ Chryſoſtomo nos reſponde: *Hominem dicimus rationalem eſſe: virtutibus eſſe deditum.* O obrar como homem em duas couſas conſiſte, e vem a ſer; em ſe moſtrar como racional, ou entendido, e no entregarſe ás virtudes. E porque huma, e outra couſa tinha Joſeph Viſo-Rey do Egypto, como ſe vé no cap. 49. do Eccleſiaſtico, além de varios do Geneſis, por iſſo obrava como homem, e merecia o titulo de homem: *Joſeph, qui natus eſt homo.*

D. Chryſoſt. ſup. cap. 6. Geneſ.

§. V.

12 OH, e como mereceo juſtamente o titulo de homem o noſſo defunto Joſeph: *Joſeph, qui natus eſt homo.* Elle muy racional, e entendido: elle tambem virtuoſo: *Hominem dicimus rationalem eſſe; virtutibus eſſe deditum.* Primeiramente digo que ſe moſtrava racional; porq o racional he principio de entender, e verdadeiramente tinha muito de racional, quem como elle tinha tanto de entendido. O obrar dó racional, he o ſeu entender; e em tudo o que obrava o noſſo defunto Joſeph, ſe moſtrava racional, porque obrava o que entendia, e entendia muy bem o que obrava. Elle no dictame da Politica o mais entendido, porque a executava ſem diminuiçaõ do retiro monaſtico. Elle na Economica o mais prudente, como o indicaõ as lagrimas taõ repetidas deſta Familia Religioſa. Elle nos ſeus coſtumes muy acertado, e por iſſo tambem na Ethica ſingular. E paſſando deſtas tres doutrinas, a

outras

outras tantas sciencias, he notorio que em gráo supremo logrou a consummaçaõ da Filosofia, Theologia Especulativa, e Theologia Moral. Na Filosofia, sendo sempre as suas opinioens as mais sutis, tambem foraõ sempre as que com a verdade mais se assemelharaõ. Nas mais profundas difficuldades da Theologia Especulativa, era a sua especulaçaõ a mais profunda. Na Theologia Moral eraõ as suas resoluçoens as mais firmes, e por isso as mais seguras. Por estas razoens com evidencia se mostra o como foy o nosso eleito Prelado verdadeiramente douto, e racional, e por isso verdadeiramente homem como Joseph: *Natus est homo: hominem dicimus rationalem esse.*

13 Ainda até aqui naõ declarey o auge de seu alto, e singular entender; porque bem póde haver toda esta sciencia em hum sogeito, que nem obre como homem, nem como entendido. E senaõ dizeime: quem mais sabio entre os homens que Adam? A este infundio Deos a sciencia, que se requeria para o governo de huma Monarchia taõ dilatada, que só nas balizas de todo o Mundo se lhe descobria demarcaçaõ; mas he notorio, que com taõ relevante sabedoria, naõ obrou como entendido, e por isso nem como homem obrou, sim como bruto. Foy censura de David: *Homo cùm in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.* E em que estaria taõ grande erro de Adam? No que de ordinario cahem todos, ou quasi todos os doutos. Em se meter nas presumpçoens de saber mais do que cabia na sua esféra: *Eritis sicut Dii scientes*, e isso naõ he obrar como entendido, nem como racional; he sim obrar como bruto: *Comparatus est jumentis insipientibus.* O homem, que para merecer este titulo, se quer mostrar racional, e obrar como Psalm. 48. Genes. 3.

mo

mo entendido, ſó ha de preſumir de ſi muito menos do que ſabe, e quanto em ſi mais desfizer, tanto de ſi fará melhor conceito. Se diſcorrerdes pelos Santos Padres, achareis que ſendo taõ doutos, que com ſuas pennas voaraõ ſobre a natureza, nenhum abrogou a ſi o titulo de ſabio. Antes pelo contrario achareis nelles taõ abatidos reconhecimentos de ſi meſmos, que a hum vereis intitulado o Diſcipulo, a outro o Idiota; a eſte o Exiguo; áquelle o Imperfeito: e a nenhum o Douto, nem o Sabio.

14 Eſta doutrina enſinou Chriſto, quando aos ſagrados Apoſtolos intitulou luzes do Mundo: *Vos eſtis lux mundi.* E de que Mundo ſeriaõ os Apoſtolos luzes? Do ſuperior, ou do inferior, do Ceo, ou da terra? Cuidava eu, que dando Chriſto o titulo de luz a ſeus Apoſtolos, os comparaſſe ao Sol, pela obrigaçaõ que lhes poz de correrem o Mundo todo com a ſua prégaçaõ: *Euntes in mundum univerſum prædicate Euangelium.* E quando menos, que os intitulaſſe Eſtrellas, para que pelo ornato dos Ceos ſignificaſſe as virtudes, de que os Apoſtolos ſe ornavaõ: *Quot ſunt bona prædicantium, tot ſunt ornamenta Cælorum.* Mas he commum entre os Expoſitores do Texto, que nem os comparou ao Sol, nem ás Eſtrellas, porque os naõ aſſemelhou ás luzes do Ceo; mas ſim ás lucernas, que ſaõ as luzes da terra: *Lux autem non ut Sol, ſed ut lucerna,* diz Caetano. E porque razaõ mais a huma tocha, que a qualquer aſtro ſe haõ de comparar os Apoſtolos, que com a luz de ſua doutrina luziraõ, e reſplandeceraõ em todo o Mundo? A razaõ funda-ſe na differença que ha entre humas, e outras luzes; e vem a ſer: que as luzes da terra, quando reſplandecem, ſe diminuem; quando alumiaõ, ſe desfazem; (o que ſe naõ vé nas

Matth. 5.

Marc. 16.

D. Greg. Pap. hom. 30. in Euang.

Caiet. in cap. 5. Matth.

do

do Ceo,) e isto he, o que Christo quiz ensinar a seus Apostolos naquella comparaçaõ: que alumiassem o Mũdo, e que desfizessem em si: que resplandecessem, e que se humilhassem: cujo documento tomou para si, e com seu exemplo no lo deixou o grande Apostolo, e Doutor das Gentes Saõ Paulo: *Non enim judicavi me scire aliquid.* Ad Cor. 1. c. 2.

15 Com este fundamento reconheço eu ao nosso Prelado defunto por cabalmente douto, e verdadeiramente sabio; pois tanto em si, e no seu saber desfazia, confessando-se a cada passo ignorante; com tal pretexto, e tal arte, que costumava dizer, que os applausos de douto que lhe dava o Mundo, eraõ traças do demonio, para o fazerem cuidar, e persuadir que era sabio, ao mesmo passo que reconhecia em si tanta ignorancia.

16 E verdadeiramente que quando assim se confessava ignorante o nosso douto Prelado, vencia a força empenhada da natureza; porque sendo em todas as cousas natural a appetencia do proprio ser, e da propria conservaçaõ, como ensina Aristoteles; elle em rigor se anniquilava, todas as vezes que se cõfessava ignorante. Assim o digo, porque tenho razaõ, e prova para o confirmar. A razaõ he; porque se o ser homem consiste em ser douto, e entendido: *Hominem dicimus rationalem*; aquelle que de si nega que he douto, consequentemẽte se anniquila, porque nega a si o ser de homem. Vamos á prova. No Psalmo 72. publica David, que todo o seu ser se reduzira a nada: *Ad nihilum redactus sum, & nescivi*, e que se algum ser ainda tinha, mais parecia de bruto, que de homem: *Ut jumentum factus sum apud te* Pois David, a quem Deos acclamou por homem, e homem muito á medida de seu coraçaõ: *Virum secundùm cor meum*, pòde negar que seja homem? Psalm. 72. Act. 13.

No

No ſentido em que devo ſer entendido, ſim; e a razaõ
Pſal. 118. he; porque David ſendo taõ ſabio: *Super omnes docentes me intellexi*, ſe confeſſava ignorante: *Et neſcivi*; e quando hum homem douto publica de ſi, que o naõ he, niſſo meſmo nega o ſeu ſer. De ſorte, que como em hum homem, que he douto, andaõ avinculados o ſer com o ſaber: *Hominem dicimus rationalem eſſe*; tambem andaõ conſequentemente avinculados o naõ ſaber com o naõ ſer: *Ad nihilum redactus ſum*, eiſ-ahi naõ ſer: *Et neſcivi*, ahi o tendes ao naõ ſaber avinculado. Vede agora lá, ſe fazia pouco o noſſo douto Prelado em ſe cõfeſſar ignorante, ſe tanto a desfazer em ſi. Naõ he iſto o mais. Ainda deſcubro mayor difficuldade em taõ humilde reconhecimento. Notay.

17 O naõ ſer he a mayor deſgraça na Filoſofia gentilica; tanto aſſim, que naõ ha couſa, que tendo ſer, naõ ſeja boa, e muito boa: *Omne ens, in quantum eſt, bonum eſt*, dizem os Filoſofos: e a Eſcritura accreſcenta: *Vidit Deus cuncta quæ fecerat, & erant valdè bona.* Mas
Geneſ. c. 1. a Filoſofia Chriſtãa enſina, que a mayor deſgraça que ha, ou pòde haver, he padecer no inferno as penas de toda huma eternidade. Foy ſentença do Divino Meſtre, quando fallava de Judas: *Bonum erat ei, ſi natus*
Matth. 26.24. *non fuiſſet homo ille.* Com tudo he tal a preſumpçaõ de alguns ſabios, que por naõ desfazerem no què ſaõ, e no entenderaõ, (poſto que mal) querem antes arder em toda a eternidade no inferno. Seja diſto prova o primeiro condemnado, e o mayor ſabio que Deos creou.

Scot. Gabr. Mayron. Suar. lib. 8. de Ang. 18 Peccou Lucifer, e com elle os mais Anjos que o ſeguiraõ: e ſegundo a doutrina de naõ poucos, mas ſingulares Theologos, conſignou-lhes a miſericordia Divina algum tempo para o arrependimento, aſſiſtindo-lhes

lhes com auxilios para esse fim. E como senaõ arrependeo Lucifer, aproveitando-se de auxilios taõ sufficientes para o remedio? Como com taõ sublime entendimento (excitado com os auxilios da graça, sem a qual nada poderia) naõ soube dizer por si, e pelos seus Anjos, o que pelos homens disse depois Christo na Cruz: *Dimite illis, non enim sciunt quid faciunt*; Senhor perdoainos; porque nem eu, nem elles soubemos o que fizemos? Porque o seu mesmo saber tanto o ensoberbeceo, e inchou, que antes quiz precipitarse por toda a eternidade no inferno, que confessar de si tal ignorancia. Ouvi-o ao Profeta Ezechiel, remoqueando a Lucifer: *Elevatum est cor tuum in decore tuo: perdidisti sapientiam tuam in decore tuo.* O contrario se vio naquella tocha resplandecente, que hoje apagada choramos. Alumiando a tantos, sempre desfazia em si, vencendo assim a difficuldade que poz a natureza nos doutos, para o conhecimento da ignorancia propria. Mas quem naõ vé, que quanto mais se diminue a tocha, mais se lhe augmenta a luz? E que quanto mais se confessasse ignorante, mais se qualificaria de douto, e digno do titulo de homem: *Natus est homo. Hominem dicimus rationalem esse.*

Luc. 23. 34.

Ezech. 28.27.

§. VI.

19 NAõ basta o ser entendido, e sabio; tambem ha de ser virtuoso o que se houver de intitular homem: *Hominem dicimus virtutibus esse deditum.* Algumas virtudes repetirey das que exercia o nosso defunto Prelado, para que se veja o como tambem por ellas mereceo justamente o titulo de homem: *Joseph, qui natus est homo.* A mais notoria virtude, (e

por

por essa razaõ mais admirada) que se reconhece no nosso eleito Prelado, he a displicencia, e repugnancia, que teve á eleiçaõ feita nelle para Provincial. E seja esta a primeira que notemos nelle; porque tambem he a primeira, que se admira em Joseph Viso-Rey do Egypto; o qual só aceitou aquelle governo, porque se vio precisado, e obrigado a aceitallo. Notavel foy a soberania, e muito mais notavel o modo, e solemnidade com que Faraó exaltou a Joseph no Egypto: *Ego sum Pharao: absque tuo imperio non movebit quisquam manum aut pedem.* Quiz dizer: eu sou Faraó: e sem que vós o mandeis, nada se moverá no Egypto: e foy o mesmo, que se jurara aquelle Monarca por quem era, que á disposiçaõ de Joseph tudo estaria sogeito: *Ego sum Pharao: quod fuit juramentum Pharaonis*, accrescentou o grande Cartusiano. Firmando pois aquelle Monarca com juramento a sua resoluçaõ, que remedio tinha Joseph, mais que aceitar o governo? Tambem o nosso Joseph aceitava a eleiçaõ nelle feita para o governo desta Provincia; mas se professava obedecer, como poderia obviar superiores designios?

Genes. 41. 44.

Dionys. Cart.

20 Elevou-o finalmente Deos áquelle lugar; mas nem por isso deixaria o demonio de ahi mesmo o buscar para o acometer, e tentar com a vangloria de se ver destinado para o governo desta Provincia: que tambem para hum deserto se retirou Christo levado pelo Espirito Santo: *Ductus est Jesus in desertum,* (*à Spiritu Sãcto*, commenta Saõ Gregorio Papa,) e com tudo ahi mesmo o buscou o demonio para o tentar: *Ut tentaretur à diabolo.* E qual seria o meyo para a tentaçaõ? Depois de outros, foy a vangloria, e soberba de dominar: *Ostendit ei omnia regna mundi, & gloriam eorum, & dixit ei: Hæc omnia tibi dabo*; sendo esta a ultima tentaçaõ,

Matth. 4. D. Greg. homil. 26. in Euang.

çaõ, por ser a mais forte de todas com que o demonio costuma acometer: *Videns Dæmon quòd hoc conflictu nihil profecerat, ad tertium, & validiorem se præparat*, diz Santo Thomàs de Villanova. O mesmo experimentou o nosso eleito Prelado na tentaçaõ da Prelasia. Apresentouse-lhe o demonio em viva guerra, (que sempre a faz aos homens: *Militia est vita hominis*) e jà no fim do combate (porque no fim da vida) o acometeo com a fortissima tentaçaõ da soberba, e vangloria, pela Prelasia para que estava destinado; mas sahio-lhe o estratagema frustrado; porque taõ longe o achou de se ensoberbecer, que ao mesmo passo que aceitava o lugar, mais o desejava dimittir, que occupar. D.Thom. de Vil. conc. 1. in Dom. 1. Quadrag.

21 Verdadeiramente foy indicio de naõ pequena virtude no nosso eleito Prelado, a muita displicencia que se vio nelle para a Prelasia; pois dessa sorte vencia a mais forçosa inclinaçaõ, ou ambiçaõ, a que andaõ sogeitos naõ só os homens, tambem Anjos. Attendey às primeiras creaturas que houve, (foraõ os Anjos) e vereis esses espiritos taõ luzidos como o Sol, e taõ resplandecentes como a Estrella da Alva: *Lucifer qui mane oriebaris*, de sua mesma soberba vencidos, anhelarem vangloriosamente a superioridade. Naõ só he entender de graves Theologos, que nesta ambiçaõ puzeraõ a culpa dos Anjos; mas ao que cuido, assim o ensinou Isaias. O pensamento de Lucifer nos declarou Isaias nestas palavras: *Similis ero Altissimo*: Serey semelhante ao Altissimo. E como naõ deseja Lucifer ser semelhãte ao Eterno, ao Immenso, ou ao Infinito? Sò lhe inveja o ser Altissimo, quando com o mesmo delirio podia appetecer a Divindade por qualquer dos mais attributos que ha em Deos? Sim; que fallando em rigor, o ser Altissimo, he ser a todos superior, e a ninguem ter Isai. 14. Alonf. 2. p. q. 109. memb. 3. D. Bonav. Lyran. in Isai. Isai. c. 14.

sobre si: e eis-ahi o que pertendia Lucifer: ser a todos superior: *Similis ero Altissimo. Angelorum peccato fuit appetitus prælationis supra alios.*

Doctores supr. cit.

22 Dos Anjos passemos aos homens; & pondo no Paraiso terrestre o pensamento, vereis como Adaõ esterilizando os frutos da vida, fertilizou toda a terra com os cypreстes da morte, pertendendo ser superior aos Anjos, & naõ querendo ser inferior nem ao mesmo Deos: *Eritis sicut Dii.* Se attendermos a menos antigos exemplos, seraõ ainda mais os com que se possa confirmar esta inclinaçaõ dos homens. Quem no governo da Igreja introduzio 34. Antipapas? Sabido he que a ambiçaõ de governar, & a appetencia de subir, que em todos os dominios causou diversos estragos. Entre os Persas achareis que Cyro filho de Dario, por governar, tirou a seu irmaõ Artaxerxes o Reyno, e a vida. Nos Armenios ouvireis de Pharasmenes, que deu tyranna morte a seu irmaõ Mithridates, para mais dilatar o seu imperio. Dous irmãos teve Jugurta, e ambos matou, para reynar na Africa. Mais atroz foy Saphadino no Egypto, privando da vida a oito irmãos, que lhe precediaõ, só por se introduzir no governo. E para que saõ individuações de successos em causa taõ universal? Buscay o principio a quantas guerras civis se originaraõ entre os Povos: a quantos exercitos assoláraõ a terra: a quantas armadas surcáraõ as ondas; & naõ lhes achareis outro principio, nem lhes descobrireis outro fim, mais que a vangloria, e soberba entre os seus principaes motores, com que pertendiaõ ampliar seus mandos, e dilatar seus governos. E que esta arma taõ poderosa da soberba, e vangloria, levantando troféos em todo o Mundo, deixando a tantos vencidos, achasse tanta resistencia no nosso eleito Prelado! Naõ he leve indicio de virtude.

Genes. c. 3

Onuphr. apud Joan. Gual.

Plut. in Artax.

Æne. Sylv c. 39.

Sallust.

Æmil. lib. 6.

23 Ten-

23 Tenta o demonio a Christo, primeira, e segunda vez; passa a tentallo terceira, porèm desta vez o deixa. E como naõ continùa com a tentaçaõ? Se depois de o tentar a primeira vez, o acomete segunda; se tendo-o duas vezes acometido ainda persiste; depois da terceira vez, como naõ persevera tentando-o, a ver se nos multiplicados combates lhe falta o esforço, ou lhe desfalece o animo? Responde agudamente Santo Thomàs de Villanova, que frustrada a terceira tentaçaõ, naõ persistira o demonio em tentar, porque na resistencia della, sentira em Christo mayor virtude: *Ampliorem sensit virtutem.* De maneira, que na ultima tentaçaõ offereceo o demonio a Christo muitos Reynos, & nelles muitas Provincias: representoulhe a gloria que lograva quem os regia: *Ostendit ei omnia regna mundi, & gloriam eorum*: & o mesmo foy ver o demonio, que Christo naõ se vencia daquella apparente gloria, que logo reconhecer nelle tanta virtude, que naõ se atreveo a proseguir em tentallo: *Ampliorem sensit virtutem: reliquit eum diabolus.* Destas permissas naõ quero eu concluir o pensamento por paridade. Mas se na resistencia aos governos até o demonio reconhece virtude, naõ se poderà esta negar ao nosso eleito Prelado, que tanta resistencia punha à Prelasia para que estava destinado. Villan. dict.

24 Outras virtudes tinha o nosso eleito Prelado defunto; porque como diz S. Jeronymo, nunca as virtudes andaraõ desacompanhadas: *Inter se connexæ sunt virtutes*; mas tanto as occultava, & as disfarçava, que ainda aos domesticos se faziaõ estranhas, e desconhecidas. Occulta o Sol nas entranhas da terra o ouro que cria. Nas mais incultas serras nascem os diamantes. Encubertos com suas aguas, conserva o mar seus thesouros. D. Hieron Epist. ad Flabiolam.

fouros. Tambem as virtudes saõ o ouro, os diamantes, e os thesouros da graça, creados com a benigna influencia do melhor Astro; mas naõ quer Deos patentes essas riquezas; quer que no campo da Igreja se oc-
Matth. 13 cultem os thesouros do Ceo: *Simile est regnum Cælorum thesauro abscondito in agro*; porque a seu cuidado fica patenteallos a seu tempo. E assim se vio; porque naõ obstante o proprio recato do nosso eleito Prelado, era sabido ser devotissimo da Mãy de Deos, & entre outros Santos, o foy com especialidade da gloriosa Virgem Santa Gertrudes, à qual fez levantar Altares, e festejar neste Mosteiro, no do Rio de Janeiro, e de Pernambuco: assim como fez tambem darse à estampa o Epitome de sua vida, para que andando esta nas mãos dos Freis, se lhes accendessem os corações no amor desta Santa. Era muy amante dos pobres. Muy humilde de coraçaõ. A caridade que tinha com os enfermos era tanta, que a usava ainda nestes ultimos annos de sua vida, quando as proprias enfermidades lhe podiaõ estorvar a compaixaõ das alheyas.

25 Porèm a tudo excedia a sua paciencia, e conformidade nas molestias que padecia. Entre as virtudes todas de Joseph do Egypto, a paciencia, & conformidade nos trabalhos, foy conhecidamẽte a mayor; tanto assim, que no texto de algumas versoens, foy a virtude da paciencia, a que a Joseph fez sem semelhante na terra: *Nulla mater Josepho similem genuit laude patientiæ*, diz o Syriaco, e Arabico; e era justo, que nesta virtude fosse tambem do nosso Joseph imitado. Cinco eraõ os achaques continuos que padecia, todos de grande perigo, e cada hum de mayor tormento: e entre as dores que lhe causavaõ, costumava dizer: Mais Senhor, mais, que mais mereço. De boamente

Syriac. Arabic.

aceito

aceito estas dores, as quaes vos offereço em satisfaçaõ de minhas culpas: & para que taõ limitada offerta possa avultar diante de vossa grande Magestade, com toda a submissaõ vo las apresento, unidas ao muito que padecestes por mim. Faça-se em mim vossa vontade; e como esta he que eu padeça, naõ ha para mim mayor consolaçaõ que o padecer.

26 Oh segundo Job! pois tanto com elle se assemelhou V. P. muito Reverenda na paciencia, e conformidade nas molestias, que bem lhe posso chamar segundo Job. E se Job mereceo o titulo de homem: *Vir erat in terra Hus nomine Job*; tambem V. P. muito Reverenda, pela paciencia, & conformidade com Deos (além das mais virtudes, que exercia) se faz justamente merecedor do titulo de homem, assim como por douto, se fez digno do mesmo titulo: *Joseph, qui natus est homo: hominem dicimus rationalem esse, virtutibus esse deditum.* Job. 1. 1.

§. VII.

A Segunda excellencia, que houve em Joseph Viso-Rey do Egypto para naõ ter segundo, foy o ser Regedor, & Superior de seus irmãos: *Rector fratrum.* E verdadeiramente, que sendo Joseph douto, e virtuoso, jà se lhe devia aquella dignidade; porque se as virtudes, & letras estaõ unidas, logo se fazem crédoras das Prelasias. O primeiro Prelado que houve na Igreja Catholica, foy Christo Senhor nosso, q̃ de toda ella he Cabeça. E naõ fora bem, que esta primasia levasse aquella pessoa, que entre as Divinas tem a primasia de origem? Naõ fora justo que o Espirito Santo, que à mesma Igreja está com summo zelo, e caridade assistin-

assistindo para os acertos, fosse o Prelado, e Instituidor della? Porque razaõ só á pessoa do Filho se havia dar a suprema Prelasia da Igreja? Direy: porque na pessoa do Filho he que se acha, naõ só o the-
Psal. 109. souro das virtudes: *In splendoribus Sanctorum ex utero ante luciferum genui te;* mas tambem com especialidade a sabedoria, por força de origem, e de processaõ, pois
Eccl. 24. procede pelo entendimento: *Ego ex ore Altissimi prodivi.* Bem; pois se na pessoa do Verbo, alèm de resplandecer a virtude, se manifesta com summa especialidade a sabedoria, seja com acerto o Filho, summo Prelado da Igreja. Ausentouse Christo para o Ceo, e reparay em quem ficou com a presidencia da Igreja,
Matth. 16. Foy S. Pedro, que já era de canonizada virtude: *Beatus es Simon Bar-jona*, e taõ douto, que ordenou Christo, que por elle nos guiassemos nas controversias mais profundas da Theologia. *Duc in altum*, dizia Christo
Luc. 5. a S. Pedro: *Hoc est, in profundum disputationum*, com-
D. Ambr. menta Santo Ambrosio. Là interpretou Daniel a Bal-
lib. 4. in thasar Rey Caldeo as letras, que lhe appareceraõ,
Luc. quando esplendida, e sacrilegamente banqueteando, brindava a seus idolos nos mesmos vasos sagrados, que do Templo de Jerusalem roubara seu pay Nabuco. As letras continhaõ a sentença de morte, que o supremo, e tremendo Juiz havia dado contra aquelle infausto Monarcha. E que faria Balthasar neste caso? O mesmo texto o nota, e o declara com huma reflexaõ notavel:
Dan. 5. 29 *Tunc, jubente Rege, indutus est Daniel purpura, & circundata est torques aurea collo ejus, & prædicatum est de eo, quòd haberet potestatem tertius in regno suo.* Quer dizer, que entaõ, e sem haver mais demora, *tunc*, mandou Balthasar, que a Daniel vestissem de purpura, com hum collar de ouro ao pescoço, e publicamente o

decla-

declarassem pela primeira pessoa do Reyno de Caldea, depois do Rey, e Rainha. Pois então *tunc* he que dá Balthasar a Daniel aquella preferencia? e como lha não deu antes? Seria porque só na hora da morte procuramos acertar? Tal vez que esse fosse o motivo daquella resoluçaõ; mas eu accommodandome ao que dicta o historico, e literal deste caso, digo que então deu Balthasar aquella dignidade a Daniel, porque então o conheceo por douto, e com intelligencia das Divinas Letras. Atè alli tinha-o por virtuoso, e servo de Deos verdadeiro; naquella hora vio, que tambem era douto: bem: pois eis-ahi porque então deu Balthasar a Daniel aquella dignidade, e preferencia suprema de sua Monarchia: *Tunc, jubente Rege, &c.*

28. Barbaro era Faraò, mas attendeo muito a esta praxe; porque quando elegeo a Joseph para a dignidade suprema de toda a Provincia do Egypto, fez declarar ao seu Reyno, que por douto, e virtuoso, fora para o throno escolhido. Notay. Eleito Joseph para o governo da Provincia do Egypto, mandou Faraò, que passeasse as ruas, e praças de sua Corte vestido todo de branco, e com hum collar de ouro ao pescoço: *Vestivit eum stola byssina, & collo torquem auream circumposuit.* E porque com estes, e não com outros ornatos ha de Faraò manifestar a Joseph quando eleito para a dignidade suprema de todo o Egypto? Direy: porque na vestidura branca se ostentava o candido de suas virtudes: *Candidissima veste, quæ candorem, puritatemque morum, ac vitæ referret*: e no collar de ouro se dava a conhecer o seu rico entendimento, verdadeiramente aureo: *Torques aurea, intellectum bonum videtur exprimere.* E até Faraò soberbo, e desarrezoado deseja que a todos conste, que para os governos de suas Provincias

Genes. 41. Stola byssina, est candidissima Pradus in Ezech. Delrius, & alii. Alvar. in illustrat. D. Ambr.

 buscava

buſcava ſogeitos ornados de virtudes, e letras: *Veſtivit eum ſtola byſſina, & collo torquem auream circumpoſuit.* Aſſim pois como Joſeph do Egypto por ſuas virtudes, e ſabedoria teve a excellencia de ſer Regedor de ſeus irmãos: *Rector fratrum*; aſſim tambem às letras, e virtudes do noſſo defunto Joſeph juſtamente ſe lhe ſeguio o ſer Prelado de ſeus irmãos: *Rector fratrum.* Mas com eſte exceſſo, ou fortuna muito para ſe notar, ou admirar, da parte do noſſo defunto Joſeph, (o que naõ logrou Joſeph Viſo-Rey do Egypto) que entre todos os ſeus irmãos de quem foy Prelado, era geral o goſto, e univerſal o applauſo de o terem por Prelado.

29 O ſer Prelado, tem certos viſos para appetecido; mas ſe bem ſe nota, tem taes penſoens, taes encargos, que ſe faz ainda muito mais penoſo, que deſejado. Bem lhe combinou os agrados com os encargos o Papa Urbano III. quando veſtindo a purpura, e rochete Põtificios, diſſe como admirado: E que humas roupas taõ leves me cauſem taõ grande pezo! Porèm o ſer Prelado entre irmãos, ainda he muito mais penoſo, e moleſto; porque alèm dos encargos da Prelaſia, tem o ſer alvo das invejas dos mais irmãos; que entaõ mais ſe apuraõ; porque como em naſcimento ſaõ iguaes, naõ conſente a inveja dos mais a preferencia, e dignidade no que vè ſuperior. Ouvi o que ſuccedeo a Joſeph, e a David.

Beyerl. ſup. noõ mina Pontific.

30 Expoz Joſeph a ſeus irmãos aquelle taõ contado ſonho, em que vira, que elles em onze Eſtrellas repreſentados o adoravaõ. Preſagio tudo iſto foy do que depois veyo a ſer. E que fariaõ os irmãos de Joſeph neſte caſo? Dariaõ os parabens ao irmaõ, do ſonhado throno; e a ſi, de ſe verem poſtos nas Eſtrellas? De nenhuma ſorte; antes muito pelo contrario. Tanto ſe cegaraõ da inveja, que naõ vendo o bem, que ſe lhes preſagiava,

giava, só tinhaõ olhos para ver, (ou para não poderem ver) os augmentos de seu irmaõ Joseph. E foy nelles a inveja tanta, que nem por sonhos convinhaõ em que Joseph fosse Rey, ou que os governasse: *Numquid Rex noster eris, aut subjiciemur ditioni tuæ?* Genes. 37. Tratáraõ logo de o matar, e a bom partido o venderaõ, para que os naõ viesse a governar. Sahio David: (que tambem nos serve de exemplo ao mesmo) sahio David de casa de seu pay, atè onde estava o exercito de Saul, a levar algum refresco a seus irmãos, que militavaõ nelle. Chegou, e como visse o desmarcado Gigante, fez esta pergunta: *Quid dabitur viro, qui percusserit Philisthæum?* 1. Reg. 17. 26. Que premio tem, o que mata aquelle Philistheo? Ouvio Eliab seu irmaõ mais velho esta pergunta, e logo se irou contra David: *Quod cum audisset Eliab frater ejus maior, loquente eo cum aliis, iratus est contra David: quare venisti, & dereliquisti pauculas oves in deserto?* E de que nasceo a Eliab taõ repentina aspereza contra seu irmaõ David? Do que lhe ouvio: *Quod cum audisset Eliab, iratus est.* Presumio Eliab da pratica de David, que teria tal vez intentos de querer matar o Gigante; e pela preferencia que daqui lhe vinha, se lhe originou a ira, e lhe nasceo a inveja: *Quare venisti, & dereliquisti pauculas oves in deserto?*

31 Melhor fortuna teve o nosso defunto Joseph cõ seus irmãos, de quem foy Prelado, já sendo D. Abbade deste Mosteiro, e Presidente de toda a Provincia, já sendo eleito Provincial della; porque o seu merecimento excitou em todos taõ geral gosto, e taõ universal applauso, que huns a outros se davaõ o parabem de terem hum Prelado taõ douto, e prudente; taõ virtuoso, e exemplar.

32 Bem he verdade, que a morte lhe impedio a posse

se desta ultima Prelasia, para que foy destinado; mas naõ lhe impedio totalmente o exercicio; porque as suas prendas antes de governar lhe entregaraõ a Prelasia; e ainda depois de morto o estaõ conservando nella, sempre vivo para a regencia, e documentos de seus irmãos. Como antes de ser Prelado já tinha letras, e virtudes, que saõ os meritos da Prelasia, era já Prelado antes de o ser. Ao famoso Olympo escrevia assim o Grande Nazianzeno: *Tu nobis Princeps, etiam exacto Principatus tempore; quoniam virtutes omnes Principe dignas, complexu tuo tenes.* Sem que tenhais o principado, sois nosso Principe; porque em vós reconhecemos as virtudes dignas de hum Principe. Da mesma sorte o nosso defunto Prelado. Tambem o foy antes de o ser; porque sem que o fosse, tinha os merecimentos dos que o saõ. Tambem o ha de ser, ainda depois de morto; porque ainda que a morte lhe levasse a alma, que das virtudes todas he o cofre; como nos deixou o corpo, poderá este, ainda que desanimado, servirnos de exemplo, para nos reger as acções. De Abel dizia S. Paulo, que ainda depois de morto falla: *Defunctus adhuc loquitur.* E como falla hum corpo, que naõ tem já vida? Se o fallar he operaçaõ vital, como falla estando sepultado Abel? Agudamente Hugo Victorino: *Loquitur, quia suo exemplo nos monet.* Falla Abel, posto que morto, porque ainda no seu exemplo temos exhortações para a vida. Mas naõ tiremos os olhos de Joseph Viso-Rey do Egypto, que se vivo, nos deu a idèa para os discursos; morto, nos dará prova melhor para o penfamento.

D.Greg. Nazianz. adOlymp.

Ad Hebr. 11.

Hug.Victor.q.95 in Gen.4.

33. Morto o Vice-Monarcha do Egypto, de lenhos lhe fabricaraõ hum limitado sepulchro, e o collocáraõ patente aos olhos de todos. He intelligencia commua, muy propria ao literal do texto: *In arca lignea, patenti loco*

Alvar. illustr. 369 n.6.

loco sita conditur. Em duas cousas reparo. E he possivel que aquella soberba do Egypto, que em pedras gravou sua vangloria para maravilha do mundo, deixasse os marmores para fazer Mausoleo a quem lhe conservou a vida? Demais: he notorio, que ninguem pode alcançar, em que lugar fosse Moysés sepultado: *Non cognovit homo sepulchrum ejus.* Deutcron. 34. 7. A causa, foy o receyo de que o adorassem por Deos, lembrados do muito que às suas virtudes deviaõ: pois como naõ houve para Joseph a mesma cautela, sendo nelle igual o perigo para o receyo? Esconda-se de todo o sepulchro: ou o fabrique Egypto, de mais sumptuosa materia. Naõ; e este foy o mysterio. Ainda depois de morto, esperava todo o Israel, que Joseph o regesse com os documentos de seu exemplo; por isso lhe faz patente o sepulchro, e de tal materia, que mais fosse cadeira em que o ensinasse, que urna para deposito: *Mortuus est, & conditus aromatibus, & positus in loculo*, Exod. 33. diz o texto: accrescenta agora o illustrador de Joseph: *Non minus aliquando docet justus è sepulchro mortuus, quàm persuadebat ex cathedra vivus.* Alvar. illustr. 369. n. 6. Por isso diz a Escritura, que os ossos de Joseph profetizaraõ: *Post mortem prophetaverunt*; Eccles. 49. porque daquella cadeira hia ensinando, e regendo com a memoria de sua vida exemplar, o Povo peregrinante pelo deserto para a terra de Promissaõ. Pois se o cadaver daquelle Joseph pode reger esse Povo; tambem o do nosso Joseph ainda hoje poderà encaminhar aos que pelo deserto da Religiaõ buscaõ a verdadeira terra de Promissaõ. Quem na sepultura de seu corpo ler o Epitafio, acharà que cobre esse marmore hum espelho, em que se via a modestia; hum varaõ, de quem a vaidade naõ triunfou; a cujo exemplo, cada hum comporá em si, o que julgar defeituoso. E vendo que o nosso defunto Joseph pòde, como

como o outro, depois de morto regernos, verà tambem, como sendo Prelado de seus irmãos, foy em tudo semelhante a Joseph Viso-Rey do Egypto: *Joseph Rector fratrum.* E se deste affirmou a Escritura, que não teve na terra semelhante, porque foy homem, e superior de seus irmãos: tendo o nosso defunto Joseph estas duas excellencias, evidente fica, que tambem naõ teve na terra quem lhe fosse semelhante: *Nemo natus est in terris ut Joseph, qui natus est homo :: Rector fratrum.*

§. VIII.

34 E Para que seja em tudo semelhante a Joseph Viso-Rey do Egypto, espero nos merecimentos de Christo, unica salvaçaõ de nossas almas, descanse tambem na gloria com Joseph. Assim o indicaõ algumas circunstancias que concorreraõ na sua morte, para a auspicarem feliz. Completou a vida no dia de hontem, que a Igreja consagra aos Prazeres da Mãy de Deos. Seria acaso; mas he fausta felicidade, que o dia de morrer fosse dia de Prazeres. Como era devotissimo da Mãy de Deos, quiz a Senhora indicar, que para o fazer participante dos eternos gostos, o levara em dia de seus Prazeres. No mesmo dia celebrava a Igreja Catholica a Encarnaçaõ do Filho de Deos nas entranhas purissimas da Virgem Senhora nossa: e que dia mais felizmente auspicado para morrer, que o consagrado à Encarnaçaõ do Verbo? Entrando o Sol no signo de Virgo, benignidades saõ todas as suas influencias. Neste signo faz o Sol a sua entrada em Agosto; mas no dia de hontem ensina a Astrologia, que nasce a Estrella de Virgo no Ceo. Na terra teve hontem a Virgem purissima a memoria de sua melhor estrella; e começariaõ logo

Celebrou-se neste anno a Encarnaçaõ em 9. de Abril; porque em 25. de Março foy a quinta feira Mayor.

A Estrella de Virgo chamada Espiga de Virgo, nasce em 9 de Abril Nicol. Cauf.

logo naõ só as influencias de sua interceſſaõ benigna, mas tambem as do Sol Divino já concebido nella. Diz o Illuſtre Alvares, que podendo hum Chriſtaõ eſcolher o dia de ſua morte, certamente elegera o da Encarnaçaõ: *Quis non eligeret mori, quâ luce, illa è terris ad cæleſtem patriam, data per Angelum, nuntio conſcendit.* E que mayor dita, que alcançar por diſpoſiçaõ Divina, o que por eleiçaõ eſcolhera? De maneira que para morrer, acertou com hum dia, em que naõ só ſe abriraõ as portas do Ceo para deſcer com toda a ſua pompa o Embaixador do Empyreo; mas tambem hum dia, em que os meſmos Ceos ſe romperaõ, para ſe abrirem mayores portas, pelas quaes coubeſſe a immenſa Mageſtade do Rey da Gloria, que por ellas ſahia, para deſcer ao Mundo: *Utinam diſrumperes Cœlos, & deſcenderes.* Em nenhum dia eſtiveraõ as portas do Ceo taõ abertas, nem por taõ largo tempo. Abriraõ-ſe para ſahir o Embaixador celeſte, eſperaraõ abertas para ſe recolher por ellas; e muito mais abertas, para que ſahiſſe o Filho de Deos a fazerſe homem para ſalvaçaõ dos homens. Taõ boa occaſiaõ para entrar no Ceo, quem a perderia? Em dia de tanta miſericordia, como faltaria o perdaõ? Como entraria a juſtiça? Alvar. in illuſtr. Joſ. Iſai. 64. 1.

35 A hora foy a primeira do dia. Conſervou a vida, até que a luz affugentaſſe as ſombras, naõ querendo entre os horrores da noite infauſtar o ſeu naſcimento para o Ceo, quando entre as luzes do dia ſe lhe auſpicava ditoſo: *Quod diurna nativitas auſpicatior habeatur, quàm nocturna*, diz Santo Thomás. Ou ſeria porque naquella hora recolhido ainda o Sol na Aurora, ſe repreſentava o Divino Sol concebido em Maria Santiſſima Divina Aurora, que era a boa Eſtrella em que queria naſcer para o Ceo. D. Thom.

36 Com

36 Com taõ bem augurados prefagios, repetindo actos de contriçaõ, e amor de Deos; fortalecido com os Sacramentos; como conheceſſe que muito ſe lhe avizinhava a morte, ſentando-ſe no leito em que a enfermidade o puzera, ſuſtentando em huma maõ huma vèla, na qual ſe ſymbolizava a fé com que morria, como Joſeph: *Fide Joſeph moriens*; em outra mão hum Crucifixo, nelle fixou os olhos atè que lhos fechou a morte, ſem muita queixa, ſem aggravo conſideravel. Que muito que a morte lhe cerraſſe os olhos, ſe em vida os naõ abrio para o Mundo? Pouco importará, que na terra ſe lhe fechaſſem os olhos do corpo, quando os da alma ſe lhe abrirem na gloria, como a piedade o eſpera. Em pè, diz meu Padre S. Gregorio Magno, que dera os ultimos alentos da vida, ſeu, e meu grande Patriarcha S. Bento. O noſſo èleito Prelado, erguendo-ſe animoſamente do leito para eſpirar, moſtrou ſer filho de tal Pay. A eſte prometteo Deos, que nenhum filho ſeu morrerá fóra de ſua graça: *Nullus in Ordine morietur, niſi in ſtatu ſalutis.* E muy grande he a eſperança que nos fica da ſalvaçaõ de hum filho, que até na morte pareceo imitador de tal Pay. Aſſim o eſperamos, Senhor, de voſſa piedade, e dos merecimentos de voſſo Unigenito Filho, e Redemptor noſſo Jeſu Chriſto, mediante a interceſſaõ de noſſo glorioſo Patriarcha, para que juntamente com eſte ſeu filho vos louve inceſſavelmente no Celeſtial coro da eterna gloria.

Ad Hebr. 12.

D. Greg. Pap. lib. 2. Dialog.

Oraculũ D. Bened. à Chriſto factum.

SER-

SERMAM XI.

DA SERAFICA, E GLORIOSA MADRE S. THERESA,

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

No seu Convento da Bahia, anno de 1725.

Venite ad me omnes qui laboratis. Matth. c. 11.

1 QUE impenetraveis (Senhor) saõ os vossos caminhos! *Investigabiles viæ ejus.* Dous generos de caminhos abrio a Sabedoria Divina, quando delineava o profundo abysmo de suas operaçoens. Os primeiros sahem de Deos para as creaturas: *Dominus possedit me in initio viarum suarum.* Os segundos vaõ dos homens para Deos: e estes saõ os caminhos, que David muito nos desejava ensinar: *Docebo iniquos vias tuas, & impii ad te convertentur.* Pelos primeiros nenhuma creatura descobrio entrada: *Non est, qui possit scire vias ejus.* Os segundos, nem ainda os que caminhaõ para Deos, os conhecem bem. Baruc. 3. v. 31.

2 Caminhaõ alguns felizmente para o Ceo, quando se-

ſe conſideraõ ainda pelas eſtradas do Mundo. Cuidaõ outros, que eſtaõ jà no caminho do Ceo, e ainda vaõ pelos deſcaminhos do Mundo. Imaginava Saulo, que pelas eſtradas do Mundo fazia jornada para Damaſco: e no fim della ſe achou poſto no caminho do Ceo: *Cum iter faceret contigit, ut appropinquaret Damaſco, & ſubito circumfulſit eum lux de cœlo.* Prezo S. Pedro por diſpoſiçaõ de Herodes, eſperava caminhar do carcere para o Ceo; e quando menos o preſumia, hum Anjo o leou pelas eſtradas do Mundo: *Venerunt ad portam ferream, quæ ducit ad civitatem.* O certo he, que no labyrinto do Mundo naõ he facil diſcernir, qual ſeja o caminho por onde ſe vay a Deos.

3 Eſta difficuldade bem experimentaſtes vòs, Serafica, e glorioſa Madre Santa Thereſa. Já eu tardava em proferir voſſo muy delicioſo nome: porém o reſpeito me prendeo a lingua, e a devoçaõ a ſoltou agora. A tardança naõ foy tibieza na devoçaõ, que como ſabeis he inflammada: foy exceſſo de acatamento.

4 Quando Moyſés vio no Monte de Deos aquella C,arça, que ardia ſem ſe conſumir, ficou da lingua muy tardo: *Impeditioris & tardioris linguæ ſum.* Veneraçaõ foy de Moyſés, e foy acatamento meu, acharme tardo, quando no Carmelo, que he Monte de Deos, como diz huma penna Dominicana, conſiderey a Thereſa C,arça, que o amor de Deos abrazou ſem conſumir. Deſcalçou-ſe Moyſés, e logo fez que ſe ouviſſe o nome de quem reſidia na C,arça do monte Horeb. O certo he, que ſó para Deſcalços era darnos a ouvir o nome de Thereſa, C,arça do Monte Carmelo. Mas como a obediencia me compellio, me permittirá tambem, que invoque eu a Thereſa, por exemplo do acertó, e erro neſtes caminhos do Ceo.

Exod. 4. v. 11.

Godoy tom. 2.

5 Sendo

5 Sendo menina, deixou Thereſa a caſa de ſeus illuſtres pays, e excedendo com reſoluçaõ heroica o mimo do ſexo, e a ternura dos annos, caminhava para Africa; diſpondo, ou com ſua prégaçaõ converter toda a barbaridade Mahometana, ou com illuſtre martyrio purpurizar ſua candida virgindade. E quem naõ diſſera, que a Santa menina hia pelo caminho do Ceo? Eſta foy a eſtrada real, por onde caminharaõ a ſe tranſplantar no Ceo innumeraveis flores cortadas do jardim de Chriſto, angelicas na pureza, e roſas pelo martyrio. Mas naõ era eſte o caminho do Ceo para Thereſa. Por outros caminhos a chamava Deos. Quaes elles foſſem, no Euangelho deſcobriremos.

6 A todos os homens eſtà chamando Chriſto nas vozes deſte Euangelho; porque dos trabalhos, e oppreſſoens do Mundo, nos deſeja recrear, e refazer com a ſua gloria: *Venite ad me omnes qui laboratis, & onerati eſtis, & ego reficiam vos.* Para chegarmos a eſſe Paraiſo com felicidade, tres caminhos ha (entre outros) muy ſeguros. O caminho da Fè, o caminho do Amor, e o caminho da Religiaõ. *Venite: affectibus Fidei, Amoris, Religionis.* He doutrina tirada de Cornelio à Lapide. Attendey agora para a vida, e acçoens de Santa Thereſa, e achareis que neſte Mundo buſcou a Deos pelos caminhos da Fé, do Amor, e da Religiaõ; porque eſtes eraõ os caminhos por onde Deos chamava a Santa Thereſa para o Ceo. A Lap. in hunc locũ.

7 A Fè, como enſina a Theologia, he hum conhecimento, que tem por objecto formal as revelaçoens dos myſterios ſobrenaturaes. Por eſte caminho buſcou Thereſa a Deos; porque para ſer a Doutora Myſtica de ſua Igreja, lhe declarou Deos em varias revelaçoens os myſterios mais altos de noſſa Fé. Pelo caminho do Amor, D. Thom. 2. 2. q. 1. a 1. Caiet. ibid. a 2. Suar. ibid. diſp. 3. S. 2 & cõmunis doctrina.

Amor taõ inflammada buſcou Thereſa a Deos, que o amor em que ſe abrazava, naõ parecia de creatura humana; porque era mais proprio de Cherubins. Aſſim o diſſe o Papa Gregorio XV. *Thereſiæ charitatem tanquam non hominis, ſed Cherubim propriam.* Finalmente buſcou Thereſa a Deos pelo caminho da Religiaõ; porque foy a Fundadora da Fenix das Religiões, Familia renaſcida para via Lactea do Ceo.

Ex Bull Canonizat. S. Thereſ.

8 Eſtes tres caminhos da Fé, do Amor, e da Religiaõ, ſeraõ tres pontos em que ponderemos o acerto, com que Santa Thereſa buſcou a Deos. No primeiro veremos a Thereſa como Doutora Myſtica, buſcando a Deos pelo caminho da Fé, por meyo de altiſſimas revelações. No ſegundo a veremos exceſſivamente amoroſa, buſcando a Deos pelo caminho do Amor. No terceiro a veremos incomparavelmente obſervante, e reformada, buſcando a Deos pelo caminho da Religiaõ. Mas porque pelos caminhos do Ceo naõ póde a natureza dar paſſos, deſtituida da graça, implóremos o auxilio deſta, por interceſſaõ da que foy chea de graça.

Ave Maria.

§. II.

Venite ad me: affectibus Fidei.

9 HUm dos mayores damnos, q à ſua poſteridade cauſou a culpa de Adam, he a ignorancia: a q̃ os Theologos chamaõ ferida do entendimento. A difficuldade que experimentamos em conhecer as verdades (principalmente das Eſcrituras) he, como foy revelado à noſſa Doutora Myſtica, o detrimento mayor da nature-

natureza humana prevaricada. Quiz a Divina piedade ſarar eſta ferida no entendimento de Thereſa, para com acerto a guiar pelo caminho da Fé, e lhe infundio hum infallivel conhecimento de todos os myſterios, que ſe encerraõ nas Eſcrituras, naõ havendo nellas hum apice, que a Santa Thereſa naõ foſſe revelado. A meſma Santa o eſcreveo aſſim no livro, que compoz de ſua vida: no qual ſe achaõ todos os prodigios, e acções, que de Santa Thereſa me ouvires neſta hora.

10 Eſta clara revelaçaõ de tantos myſterios, comprehendidos naquelle livro, que S. Joaõ vio cerrado a ſete ſellos, ſendo huma eſpecial prerogativa com que Chriſto exaltou aos ſagrados Apoſtolos: *Aperuit illis ſenſum, ut intelligerent Scripturas*; tambem foy o eſplendor com que illuſtrou a Santa Thereſa. E quando eu imaginava ſer impoſſivel, que eſta Santa ſobiſſe a conhecimento mais alto; ainda deſcubro, que pelo caminho das revelaçoens, chegou a mayor penetraçaõ dos myſterios de noſſa Fé.

11 Eſcreve a noſſa Santa Doutora, que lhe foy revelado o como em Deos ſe eſtaõ vendo todas as couſas: e o modo com que Deos contèm em ſi todas as creaturas. Tambem lhe moſtrou Deos clara, e admiravelmente o modo com que o Divino Verbo eſtá no ſeyo do Eterno Padre. Em occaſiaõ, que a Santa proferia o Symbolo de Santo Athanaſio, ſe lhe revelou, como ſendo as Peſſoas Divinas tres, e entre ſi diſtintas, ſaõ todas hum Deos ſómente. E quem duvidará, que pelas revelaçoens deſtes myſterios de noſſa Fè, paſſou Thereſa muyto álem da penetraçaõ das Eſcrituras?

12 Que todas as couſas, ou exiſtentes já, ou ſó poſſiveis, eſtaõ em Deos, como effeitos na ſua cauſa, como imagens na ſua idèa, como objectos na ſua eſpecie,

e no seu conhecimento, isso dizem as Escrituras: *Porq̃ tans omnia verbo virtutis suæ. In ipso sunt omnia.* Mas o modo com que em Deos se estaõ manifestando taõ immensos abysmos de creaturas, sendo que as mais dellas ainda saõ invisiveis, porq̃ naõ saõ ainda; isso nos naõ declaraõ as sagradas letras. Que o Filho procedendo do Padre, esteja nelle, isso lemos no sagrado Texto: *Unigenitus qui est in sinu Patris.* Mas o como esteja o Filho no Padre, quando o Padre he certo que está no Filho: *Pater in me est*; isso he o que naõ bastaõ as Escrituras todas, para que cheguemos nós a comprehender. Que em Deos sejaõ as Pessoas tres, sendo a natureza huma só, as Divinas letras o ensinaõ: *Pater, Verbum, & Spiritus Sanctus, & hi tres unum sunt.* Mas o modo com que essas Pessoas saõ entre si distintas, sendo identificadas em natureza; isso he o que ellas nos naõ explicaõ. Por isso, confessando nós indubitavelmente os mysterios de nossa Fè, naõ conhecemos, antes duvidamos, e perguntamos o modo de cada hum. Mas Santa Theresa (oh admiraçaõ!) chegou a estado de taõ altas, e taõ claras revelaçoens, que lhe naõ era já necessario perguntar cousa alguma sobre os mysterios de nossa Fè; porque a Escritura lhe ensinava a substancia delles, e Deos lhe revelava o modo de cada hum. Pareceme agora, que já neste Mundo chegou a lograr Santa Theresa aquelle claro conhecimento dos mysterios de nossa Fè, q̃ Deos promette aos mais Santos na gloria.

Ad Hebr. 11. 3.

Ad Rom. 11. 36.

1. Joan. 5.

Dicendum quod intellectus noster res divinas nominat, non secũdum modum earũ; quia sic eas cognoscere non potest D. Thom. 1. p. q. 39. a 2. §. Respond.

13 Depois de fazerem os Apostolos varias perguntas a Christo no tempo em que o acompanhavaõ, lhes deu o Divino Mestre huma notavel consolaçaõ, dizendo-lhes, que como chegasse aquelle dia da eternidade, dia muy celebre, porque ha de carecer de noite, penetrariaõ com tal clareza os mysterios todos de nossa Fé,

que

que naõ teriaõ já mais duvida alguma que lhe perguntar: *In illo die, non me rogabitis quidquam.* Eſta he a propriedade daquelle *rogabitis*, naõ ſó no rigor da latinidade, mas tambem na intelligencia de Euthymio, S. Agoſtinho, e S. Joaõ da Cruz, honra deſta ſagrada Reforma. E melhor ainda na verſaõ Syriaca: *In illo die non me interrogabitis quidquam.* Joan. 16. v. 23. Euthym. D. Aug. in hunc loc. B. Joan. da Cruz lib. 2. de la Noche eſcura cap. 20.

14 E bem, Senhor, mas aos voſſos Apoſtolos ainda deixais em que duvidem até a morte? Na voſſa doutrina a revelaçaõ dos ſegredos he a ultima prova da verdadeira amizade: *Vos autem dixi amicos, quia omnia quæcumque audivi à Patre meo, nota feci vobis.* Pois ſe tratais aos Apoſtolos por amigos: *Dico autem vobis amicis meis*; como lhes naõ revelais neſta vida todas as circunſtancias de voſſos myſterios? Como lhes aguardais para a gloria, a inteira penetraçaõ, e clara noticia dos myſterios da Fé? Porque a comprehenſaõ cabal dos myſterios ſobrenaturaes, naõ he para ſe conſeguir neſte Mundo; he ſó para ſe gozar na gloria. Contente-ſe neſte Mundo a noſſa Fé, ſabendo a ſubſtancia do que deve crer. No modo teremos ſempre que duvidar, e que perguntar, até que o alcancemos na gloria: *In illo die non me interrogabitis quidquam.* Joan. 15. v. 15. Luc. 12. v. 4.

15 Mas eſtes principios tam certos, como geraes, em Santa Thereſa ſe viraõ diſpenſados; porque ainda eſtava na terra, e já como ſe habitára no Ceo, lhe eraõ revelados os myſterios de noſſa Fé com tal clareza, que lhe naõ era neceſſario perguntar couſa alguma para intelligencia delles: *Non me interrogabitis quidquam.* Sobre a ſubſtãcia dos myſterios naõ tinha que perguntar; porque iſſo a Fé lhe dictava, e lhe enſinavaõ as Eſcrituras. Sobre o modo eſcuſava tambem perguntar; porque lhe moſtravaõ claramente as revelaçoens o modo

com que na Trindade saõ as Pessoas tres, entre si distintas, sendo identificadas em natureza. O mesmo em outros mysterios.

§. III.

16 BEm entendo, que me perguntais agora. E porque se ha de revelar a Santa Theresa nesta vida, o que a outros Santos foy só para a bemaventurança reservado? Com a reposta vos agradeço a pergunta. Porque para Santa Theresa penetrar nesta vida taõ claramente os mysterios de nossa Fé, já gozava por especial favor aquelles meyos, que aos Bemaventurados saõ devidos na gloria por razaõ de seu estado glorioso. Notay.

17 Os Bemaventurados comprehendem claramente os mysterios de nossa Fé; porque na Essencia Divina, que estaõ vendo, todas as cousas se manifestaõ com a mesma propriedade que em si tem. He razaõ de Santo Agostinho, e de S. Joaõ da Cruz: e he doutrina assentada nas Escolas. Tambem a Santa Theresa eraõ evidentes os mysterios de nossa Fè; porque a suprema Bondade se dignou mostrarlhe a sua Divina Essencia nesta vida.

D. Aug. B. Joan. cit.

18 Fundome no que escreve a mesma Santa Doutora no Capitulo 40. de sua vida, no qual diz com muita humildade, que chegou a ver aquella Verdade, que he em si a mesma Verdade, sem principio, nem fim: e da qual todas as verdades dependem. Naõ terá duvida, que seja a Divina Essencia, a Verdade, que Santa Theresa diz chegou a ver; porque só Deos he em si a mesma Verdade: *Ego sum veritas.* Só Deos he sem principio, nem fim; porque só elle he eterno, immenso, e infini-

infinito em todo o genero de perfeiçoens. Finalmente, ſó de Deos, como de ſua primeira cauſa, dependem todas as verdades; porque tudo o que he ente vero, de Deos depende, para exiſtir. Pois ſe Santa Thereſa chegou a conhecer neſta vida, o que eſtaõ vendo os Bemaventurados na gloria; que muito alcance na terra os myſterios de noſſa Fé, com tal diſtinçaõ, como os Bemaventurados no Ceo?

19 E certamente era preciſo, que deſtinando Deos a Santa Thereſa, para ſer a Doutora Myſtica de ſua Igreja, lhe manifeſtaſſe neſta vida a ſua Divina Eſſencia, para que nella aprendeſſe, e claramente viſſe os myſterios de noſſa Fè. Foy maxima da Mageſtade increada, que nenhum a chegará a ver em quanto vive: *Non videbit me homo, & vivet.* Porèm das meſmas Eſcrituras conſta, que S. Paulo, e Moyſés, viraõ neſte Mundo a Divina Eſſencia. De Moyſés o affirmou Deos: *Palam & non per ænigmata, & figuras Deum videt.* De S. Paulo, elle o eſcreve: *Raptum uſque ad tertium cœlum; quoniam raptus eſt in paradiſum.* E que razaõ haveria, para que diſpenſando Deos hũa ley taõ importante, ſe manifeſtaſſe a S. Paulo, e a Moyſés? Santo Thomás a dá, e os Theologos a recebem. Moyſés era o Doutor da Synagoga Judaica; S. Paulo, Doutor da Igreja das Gentes: e o grao de ambos lhes requeria a viſaõ de Deos neſta vida. Havia Moyſés explicar aos Judeos os myſterios Divinos: e S. Paulo os havia de explicar às Gentes. Bem; pois ambos vejaõ a Eſſencia Divina, e aprendaõ nella os myſterios, que haviaõ de enſinar aos homens. Ouvi a Eſcola Thomiſtica: *Conveniens fuit ut uterque videret in Dei eſſentia clare myſteria, quæ poſtea doceret.* Num. cap. 12. v. 8. 2. ad Cor. cap. 12. Dominicus à S. Thom. in Tiroc. cap. 68. n. 36.

20 Naõ buſco mayor propriedade. Deſtinada eſta-

va Santa Thereſa por Deos, para ſer, naõ ſó a Doutora, mas tambem a Fundadora da Theologia Myſtica. Pois manifeſtelhe Deos a ſua Divina Eſſencia, como a Moyſés, e Paulo, para que nella aprenda as verdades taõ occultas, e taõ ſecretas, q̃ nos havia enſinar: *Ut videret in Dei eſſentia clare myſteria, quæ poſtea doceret.*

21 Antes me parece, que mais neceſſidade teve a Doutora Myſtica de aprender na Divina Eſſencia os pontos da Theologia ſecreta, (que aſſim chama S. Joaõ da Cruz à Theologia Myſtica) do que neceſſitava o Doutor das Gentes, de ver nella as materias da Theologia Eſpeculativa. Porque os ſegredos da Theologia Myſtica, ſaõ muito mais imperceptiveis, que os da Theologia Eſpeculativa. Notay.

22 Entra S. Paulo a expor aquelle rapto, em que vio a Eſſencia Divina, e começa com eſta prefaçaõ notavel: *Veniam autem ad viſiones, & revelationes Domini.* Quero agora (diz Paulo) relatar as viſoens, e revelações de Deos, que até aqui gozey. E nòs as queremos ouvir: *Scio hominem in Chriſto ante annos quatuordecim, ſive in corpore neſcio, ſive extra corpus neſcio, Deus ſcit, raptum hujuſmodi uſque ad tertium cœlum.* Sey q̃ haverá quando menos quatorze annos (diz o Apoſtolo) que fuy arrebatado ao Ceo Empyreo, e naõ ſey ſe tinha a alma em meu corpo, ou ſe fóra delle. Só Deos o ſabe. Continùa mais: *Et audivit arcana verba, quæ non licet homini loqui.* E neſte rapto me communicou Deos taes myſterios, que nunca os chegarey a explicar.

2. ad Cor. cap. 12.

23 Eſtou admirado! Que eſtorvo he eſte, que experimenta o Doutor das Gentes? Se intenta explicar o que ſe lhe revelou naquella viſaõ, como o naõ chega a dizer? Naõ he Paulo aquelle Meſtre inſigne da Fé, que

que melhor fallou nas materias da Predeſtinaçaõ, da Trindade, Graça, Encarnaçaõ, e nas mais da Theologia Eſcolaſtica? Sim. Pois como naõ póde explicar-ſe no rapto, na viſaõ, e na revelaçaõ? Porque aquellas materias pertencem à Theologia Eſpeculativa; e eſtes pontos à Theologia Myſtica: e muito mais ſecreta, e inexplicavel he a Theologia Myſtica, do que a Theologia Eſpeculativa.

24. A Theologia Myſtica, he Theologia do amor; a Theologia Eſpeculativa, he Theologia do entendimento, como ſabem os que entendem de huma, e outra Theologia. E tanto mais ſecreta he a Theologia do amor, que a do entendimento, que as meſmas Aguias na Theologia do entendimento, cegaõ na Theologia do amor. Aquelle Euangeliſta, que entre os mais he Aguia, eſcreveo divinamente a materia da Trindade. Principiou o ſeu Euangelho pela geraçaõ eterna do Verbo: *In principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum, & Deus erat Verbum*; mas na Cea daquelle auguſtiſſimo Sacramento, ſobre o peito de Chriſto cerrou os olhos adormecido myſterioſamente: *Recubuit in cæna ſuper pectus ejus*, eſcreve o meſmo Euangeliſta: *Ecſtatico ſomno*, accreſcenta Santo Thomás de Villanova. A differença entre eſte ſomno, e aquella perſpicacia, eſteve em que no principio de ſeu Euangelho, deſcrevia S. Joaõ o como procede o Divino Verbo, que he pelo entendimento do Padre. Porém na Cea conſiderava o como Chriſto nos eſtá amando no Sacramento: *In finem dilexit. Et Cæna facta.* O primeiro ponto era Theologia do entendimento, o ſegundo era Theologia do amor: e as meſmas Aguias na Theologia do entendimento, cegaõ na Theologia do amor.

Joan. c. 21 v. 20. & cap. 13. v. 23.

Villanov. ſerm. de S. Joan. Ev.

25. Oh Thereſa doutiſſima, Fundadora da Theologia

gia Myſtica! Cego fiquey eu em verdade, quando notey na clareza com que fallais na Theologia do amor. Continuos foraõ em Santa Thereſa os extaſis, os raptos, as viſoens: e todas explicou com inexplicavel clareza. Eſcreveo os paſſos da via purgativa, os progreſſos da illuminativa, as delicias da unitiva, com tanta diſtinçaõ, que bem moſtrou ter aprendido eſtes pontos na Eſſencia Divina, como S. Paulo: *Ut videret in Dei eſſentia, quæ poſtea doceret.* Só notey eſta differença: que Saõ Paulo naõ chegou a explicar o que vio: *Quæ non licet homini loqui.* Ficou como cego, vendo a luz da Sabedoria Divina. Thereſa porèm vio, e naõ cegou; porque nos explicou o que vio, e aprendeo na Divina luz.

26 Fingiraõ as fabulas diſcretamente, que Thyreſa cegou, porque vio a Minerva ſem veſtidos. Expoem Natal Comite a moralidade deſte fingimento, dizendo, que Minerva era a Deoſa da ſabedoria; e quem vé claramente huma Sabedoria Divina, ha de cegar. Pareceme, que em Thyreſa repreſentaraõ os Fabuliſtas a noſſa Doutora Myſtica, mas cegamente; porque Thereſa vio a Sabedoria Divina manifeſta na fonte da Divina Eſſencia, e naõ cegou: antes a clareza com que ſe explica, he argumento de que aprendeo a ſua Myſtica Theologia na Divina Eſſencia: *Ut videret in Dei eſſentia clare myſteria, quæ poſtea doceret.*

Nat. Com. lib. 4. Mythol. c. 5.

§. IV.

27 AGora para concluir eſte diſcurſo, he preciſo ſatisfazer-ſe hum reparo, que me faz inſtancia. Vimos a Santa Thereſa celeſtialmente illuſtrada com revelaçoens, e tambem allumiada com a viſaõ

ſaõ beatifica. Logo, parece que naõ chama Deos a Thereſa pelo caminho da Fé. *Argumentum non apparentium,* chama S. Paulo à virtude da Fè; porque ſó cremos o que naõ vemos. No Ceo naõ ha Fè; porque lá todos os myſterios ſe eſtaõ vendo na Divina Eſſencia. Pois ſe Santa Thereſa vio na Eſſencia Divina os myſterios, que confeſſamos, como conſervou a Fè? Ora por iſſo meſmo digo, que a Fè de Santa Thereſa foy mais viva. O Papa Gregorio XV. encarece a Fè de Santa Thereſa, porque via claramente o Corpo de Chriſto naquelle Sacramento Euchariſtico: *Fidei lucerna illuminata. Domini noſtri Jeſu Chriſti corpus in Sacratiſſima Euchariſtia, mentis oculis adeo clare intuebatur.* Logo as viſoens, com que ſe illuſtrava Thereſa, eſclareciaõ a ſua Fè.

Ad Hebr. 11. v. 1.

Ex Bul. Canoniz.

28 Eſte milagre quiz Deos fazer com a Fè de Santa Thereſa, que a quiz unir com a viſta. Parece impoſſivel ajuntar a Fè com a viſaõ; naõ menos que a noite com o dia; o Sol com a Lua, e com as Eſtrellas. Mas em Santa Thereſa, o dia da viſaõ naõ deſterrou a noite da Fè: nem o Sol da luz Divina eſcureceo nella as Eſtrellas, e a Lua. Huma mulher vio S. Joaõ, cercada de reſplandores tam milagroſamente, que ao meſmo tempo luziaõ nella o Sol, a Lua, e Eſtrellas: *Apparuit in cœlo mulier amicta Sole, Luna ſub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum.* Os Aſtros da noite unidos cõ o Planeta do dia! Grande milagre! *Signum magnum.* E q̃ prodigioſa mulher ſeria aquella? Sãta Thereſa foy, interpreta Sherlogio, e com razaõ; porque em Santa Thereſa o dia claro da viſta, naõ deſterrou a noite meritoria da Fè. E bem: porque as viſoens de Santa Thereſa naõ eraõ permanentes, eraõ tranſitorias, por modo de revelações: e como eſtas ſejaõ o proprio objecto de noſſa Fè, naõ podiaõ ſer deſtructivas della.

Apocal.

Sherlog. in Cant.

29 A Fè que ſe encontra mais encarecida nas Eſcrituras, he a de Abrahaõ, que ſegundo a interpretaçaõ de ſeu nome, quer dizer, Pay de todos os que tem Fè. *Abraham, pater credentium.* Mas parece, que ninguem teve menos Fè, que Abrahaõ; porque ſe a Fè eſpira com a viſta, Abrahaõ vio o myſterio da Trindade, pois vio a proceſſaõ do Verbo: *Abraham pater veſter exultavit ut videret diem meum: vidit.* Diz Chriſto por S. Joaõ. *Diem æternitatis, quo ab æterno Filius à Patre eſt genitus,* commentaõ Santo Agoſtinho, S. Jeronymo, S. Gregorio Magno, Beda, e outros. Pois vendo Abrahaõ eſte myſterio, *vidit*, como conſervou ainda taõ grande Fé? *Pater credentium?* Porque vio eſſe myſterio por revelaçaõ: *Vidit per propheticam revelationem,* diz A Lapide: e o que ſe vè por revelaçaõ, naõ he deſtructivo da Fè, antes a augmenta, por ſer a revelaçaõ formal objecto de noſſa Fé. E como Thereſa gozou tam claras viſoens por meyo de celeſtes revelações, por iſſo buſcava a Deos, que a chamava, pelo caminho da Fè: *Venite ad me: affectibus Fidei.*

Joan. c. 8.
D. Aug.
D. Hier.
D. Greg.
Ven. Bed.
& alii
apud,
A Lap. in
hunc locũ
Joannis.

§. V.

Venite ad me: affectibus amoris.

30 O Caminho do amor foy o ſegundo, por onde Thereſa dirigio ſeus paſſos, para buſcar a Deos. E por eſte caminho, quem ſeguirà os paſſos de Thereſa? Nem a ponderallos me atrevo, porque foy em Santa Thereſa o Divino Amor taõ abrazado em finezas, taõ exceſſivo em affectos, que ſe os diſſer como alcanço, pareceràõ incriveis: ſe os callar, haõ de ficar diminutos.

31 Que-

31 Querendo S. Jeronymo elogiar as virtudes de Santa Paula, tanto riſco previa em repetillas todas, como em occultar algumas; porque o dizellas, teria viſos de adulaçaõ: e o encubrillas, fora eclypſe de tanta luz: *Si cuncta dixero, adulari putabor. Si quædam ſubſtraxero, ne incredibilia videantur, damnum laudibus ejus mea inferet verecundia.* O meſmo ſinto eu, e com mais cauſa, na ponderaçaõ do amor de Santa Thereſa para com Deos; porque preciſamente ha de ficar diminuto, ou ha de parecer incrivel. Em meyo de hum, e outro perigo tomarey o acordo da meſma Santa. Quiz ella, no livro de ſua vida, eſcrever o grande amor com que a tratava Deos; e aſſentou comſigo callar o mais, e dizer o menos; porque mais he o pouco, ſendo acreditado, que o muito, parecendo hyperbole. D. Hier. Epiſt. ad Demetr.

32 O menos, que vos poſſo dizer do amor de Santa Thereſa para com Deos, he, que taõ grande foy, que acabando a vida, naõ acabou de amar. Havemos de ſuppor, que ainda que a noſſa alma, por indiviſivel, eſtá toda em qualquer parte do corpo, no coraçaõ reſide para o exercicio do amor, aſſim como na cabeça para os actos do entendimento; porque do corpo dependem as ſuas operaçoens. Continuemos agora com o que diziamos.

33 Em nenhum juſto acaba com a morte o Divino amor; antes ſe vay apurar na Patria: *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem.* Mas com a morte fenece o amor para o coraçaõ do juſto. Ceſſa aquella officina pela auſencia da alma. Em Thereſa parece que naõ foy aſſim; porque ainda depois da morte ficou laborando a officina, ardente a fragoa, e o coraçaõ amante. O corpo já morto, e o coraçaõ ainda vivo. Aſſim parece; porque morta jà Santa Thereſa, e tambem ſe-

parado

parado já do mais corpo, o seu ardentissimo coraçaõ, ainda este ficou respirando, como se tivera vida. Ficou sendo o desanimado corpo de Theresa hum sepulchro, onde os pensamentos, os sentidos, as palavras, e a mesma vitalidade he cadaver. Sò o seu coraçaõ he alampada, em que arde como inextinguivel o seu amor. Creou a Gentilidade em sua fabulosa idèa huma planta, que contra o ferro peleja, florece estando cortada, e vive depois de morta. Ouvi a S. Gregorio Nazianzeno:

D. Greg. Nazianz. *Est autem in fabulis planta, quæ excisa floret, & adversus ferrum certat, morte vivit.* O que na ordem natural he ficçaõ, no amor de Theresa he realidade. Contra o ferro da Parca pelejou: *Adversus ferrum certat*; e padecendo a morte, ficou viva: *Morte vivit*; porque vivo o coraçaõ, quando morto o corpo. A morte triunfou do corpo, e da vida: mas o coraçaõ, e o amor triunfaraõ da morte. Por maneira, que nem Theresa totalmente triunfou da morte, nem esta triunfou em todo de Theresa, e de seu amor. Valente amor!

34 Quando a discreta Esposa dos Canticos encareceo a mayor valentia do amor, o comparou com a morte: *Fortis est ut mors dilectio.* Sempre me pareceo esta comparaçaõ enigma, atè que no amor de Santa Theresa o vejo declarado. Foy o amor de Theresa taõ valente, e taõ esforçado como a morte; porque quando dous contrarios pelejaõ, se nenhum delles triunfa, he final de ser taõ valente hum, como outro. Pelejou o coraçaõ de Theresa com a morte. E qual destes combatentes ficou vencido? Nenhũ. A morte ficou como dantes era: e o coraçaõ ficou como era dantes; porque taõ esforçado era o coraçaõ de Theresa, como a morte. O esforço da morte he a tyrannia, com que tudo acaba: o esforço do coraçaõ he o amor, com que tudo vence. A

morte

morte ficou taõ tyranna, como dantes : e o coraçaõ de Thereſa ainda ſe moſtrava amante, como era; por iſſo ficou eſte amor ſendo taõ esforçado como a morte, que he o mais a que pòde o amor chegar, ſendo forte: *Fortis eſt ut mors dilectio.*

35 Naõ vos vay parecendo o amante coraçaõ de Thereſa, com o amoroſo coraçaõ de Chriſto? Sim. Morto já Chriſto, ainda o ſeu coraçaõ moſtrava que tinha vida. Raſgou hũ Soldado cego o coraçaõ de Chriſto morto, e diz o Euangeliſta, que ſahira logo ſangue, e agua: *Exivit ſanguis, & aqua.* Bem; pois vivo ſe moſtrava aquelle coraçaõ, quando o corpo morto. Se para aqui ſerve a doutrina de Ariſtoteles, temos a concluſaõ bem provada; porque no ſangue eſtà a noſſa vida: *Vita eſt in ſanguine*, diz o Filoſofo. Logo ſe o coraçaõ de Chriſto dava ſangue, vivo eſtava o coraçaõ, ainda que deſanimado o corpo. Admiravelmente Santo Ambroſio; e deixemos embora os dictames de Ariſtoteles: *Ex illo corpore defuncto vita manabat; aqua enim, & ſanguis exivit.* Ariſt. D. Ambr. in cap. 23. Lucæ.

36 Eu mais deſejo ſer verdadeiro, que encarecido. Quero agora explicar eſta verdade, para que naõ pareça encarecimento. Em Chriſto duas vidas ſe conſideraõ. Huma para ſi, outra para os homens. A vida para Chriſto, conſiſtia na uniaõ entre o corpo, e alma. A vida para os homens, conſiſte no amor, que lhes tem. Na morte de Chriſto a alma ſe apartou do corpo, e para elle acabou a vida. Mas naõ acabou para nòs a vida; porque o ſeu coraçaõ ainda ſe moſtrava amante dos homens: *Vita manabat, aqua enim, & ſanguis exivit.* Tambem aſſim em Thereſa havia duas vidas: huma com q̃ vivia para ſi, outra com que vivia para Deos. Na morte acabou a vida, com que Thereſa vivia para ſi, porque

porque a deixou o eſpirito; mas naõ acabou a vida com que vivia para Deos; porque o eſpirito foy continuando em amar, e o coraçaõ ainda ficou reſpirando. Ainda entre as cinzas do ſepulchro ſe ficou conſervando nelle o calor daquelle fogo do amor, com que vivia para Deos, de tal ſorte, que he Thereſa com muita propriedade hum raro emblema do Sacramento do amor.

37 Vivo, e morto eſtá Chriſto na Euchariſtia, a que chamaõ os Padres Sacramento de amor: *Sacramentũ amoris.* Eſtá morto para ſi, e para nòs vivo: *Stantem, tanquam occiſum.* Para ſi como morto: *Tanquam occiſum;* porque o Corpo de Chriſto naquelle Sacramento, nem ſe move, nem uſa de ſentido algum. Vivo para nòs: *Stantem*, porque ainda nos eſtá amando no Sacramento, e eſtará atè o fim do Mundo: *Uſque ad conſummationem ſæculi.* Em Thereſa tambem eſtava o corpo morto para ſi, e vivo ſe moſtrava ainda o coraçaõ para Deos. O corpo já morto, ſem ſe mover, nem uſar de ſentido algum; o coraçaõ ainda vivo, porque ainda reſpirando, como ſe tivera vida.

§. VI.

38 DUas ſaõ as razoens, que privilegiaraõ o coraçaõ de Santa Thereſa para a vida, eſtando o mais corpo cadaver. He a primeira, porque, como já vos diſſe, o amor de Deos nem com a morte acaba: e o coraçaõ de Thereſa, ou o que em Thereſa parecia coraçaõ, eſtava convertido em amor de Deos. Eu me declaro com Divino exemplo. No Sacramento vemos accidentes, & figura de paõ; mas a ſubſtancia he de Chriſto. Em Thereſa debaixo da figura do coraçaõ humano, eſtava em propria ſubſtancia o amor Divino: *Cha-*

Charitas Dei diffuſa eſt in cordibus noſtris per Spiritum Sanctum, qui datus eſt nobis. Notay agora. O Amor Divino he fogo: *Ignem veni mittere in terram*, diz Chriſto por S. Lucas: *Scilicet charitatem Dei*, commenta Lyra. E qual he a natureza, e força deſte voraz elemento? Converter em fogo toda a materia em que arde. Pois iſſo fez o fogo do Amor Divino. Ateou-ſe no coraçaõ de Thereſa, e converteo-lhe o coraçaõ em amor. Hum Serafim treſpaſſou o coraçaõ de Thereſa com hum venabolo de fogo, e o deixou abrazado em chammas, e ardendo em vivas labaredas; para que vendo nòs o coraçaõ de Thereſa convertido em fogo, entendamos que o coraçaõ ſe lhe converteo em amor. Admiravelmente Bancracio, como ſe fallara ao noſſo intento: *Cor totaliter eſt amore combuſtum; ſequitur evidenter, ipſam in merum converſam eſſe ignem Divinum.* Parece quiz o Eſpirito Santo fazer do coraçaõ de Santa Thereſa hum Sacramento para ſi. Fez Chriſto hum Sacramento, em que aſſiſtiſſe na ſua Igreja, quando converteo o paõ em ſeu Corpo. Naõ ſey ſe tal vez quiz o Eſpirito Santo imitallo, dignando-ſe de aſſiſtir em Thereſa: e como o Eſpirito Santo he Amor: *Deus charitas eſt*, converteo a Thereſa em amor: *Sequitur evidenter, ipſam in merum converſum eſſe ignem Divinum.* Pois ſe com a morte naõ acaba o amor, naõ acabe com a vida o coraçaõ de Thereſa.

Ad Rom. c. 5. v. 5. Conc. Trident. ſeſſ. 6. de juſt. can. 11. Luc. c. 12. Lyra in hunc locum. Brancac. Serm. pamegyr. B. Mariæ Magdal. de Pazzi.

39 A ſegunda razaõ he, porque devia ſer no amor perpetua, quem era no amor Angelica: e Thereſa, no amor em que ſe abrazava, parecia naõ humana, mas ſim Angelica. O Divino Amor he huma eſcada por onde, ſem ſahirem da terra, ſobem os homens a ſe unir com Deos neſta vida: e Thereſa ſobio por eſta eſcada como Anjo. Dez ſaõ os degraos deſta eſcada do Divino Amor,

B. Joan. da Cruz Noche escura lib. 2. c. 19 D. Bern. D. Bonav. D. Thom. Opusc 61 Ex Bul. Canoniz. Vivien. tom. 6. V. Religios. Monial. culm. Conc. 6.

mor, ensina S. Joaõ da Cruz, Pay desta sagrada Reforma; e bem se funda, porque o Amor Divino se reparte por dez ordens de creaturas. O degrao infimo, he o da natureza humana: os nove superiores, saõ os nove Coros Angelicos; e o amor de Santa Theresa foy taõ superior, e taõ sobido, que naõ parecia de inferior degrao: *Theresiæ charitatem, tanquam non hominis*: parecia amor de Serafim, que he o da suprema ordem: *Seraphinis æmula ardebat.* (Escreve huma penna da Ordem Serafica.) E a taõ alto degrao de amor naõ sobem ordinariamente os homens; sobe sim a natureza Angelica.

Genes. 28 v. 12.

40 No caminho de Haran vio Jacob aquella celebrada escada, por onde sobiaõ, e desciaõ Anjos: taõ alta, que chegava da terra ao Ceo: *Viditque in somnis scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens cœlum. Angelos quoque Dei ascendentes, & descendentes per eam.* E que tal ficaria o Patriarca acertando com a escada, por onde se sobe ao Ceo, e vendo muy bem os Anjos, que o guiavaõ para sobir? *Angelos quoque Dei ascendentes?* Temeroso ficou, e espavorido: *Pavensque, quam terribilis est, inquit, locus iste.* Valhame Deos! Que temor te assusta Jacob? Se pertendes sobir ao Ceo, que razaõ ha, para que naõ subas por essa escada? A razaõ neste dia está de cata, porque a deu meu Padre S. Bernardo, e S. Joaõ da Cruz, Pay desta sagrada Familia. Aquella escada era a do amor de Deos, dizem estes Padres, e por todos os degraos desta escada, só Anjos ordinariamẽte sobem. Dez eraõ os degraos da escada, que vio Jacob, diz o Pay da Reforma Carmelitana, e no inferior estava Jacob, porque a este grao chega ordinariamente nos homens o amor Divino. Os nove superiores, saõ para os nove Coros dos Anjos: *Angelos quoque*

que Dei aſcendentes. E como Jacob naõ era Anjo, naõ ſobio, antes temeo, vendo que lhe faltavaõ forças para ſobir taõ alto. Mas ſobe Thereſa, porque no amor he Anjo: *Seraphinis æmula ardebat.*

41 Nem para todos os Anjos ſaõ todos os degraos deſſa eſcada; porque no amor de Deos, huns ſaõ mais ſobidos que outros, e entre todos ſaõ mais eminentes os Serafins. Thereſa ſobio por todos os graos do amor de Deos neſta vida; porque no Divino amor chegou a competir com os Serafins: *Seraphinis æmula ardebat.* Eu o provo, e concluo.

42 No Capitulo vinte e nove de ſua vida eſcreve Santa Thereſa, para maravilha, e paſmo de amor, que ainda quando a natureza por neceſſidade lhe entregava ſeus ſentidos ao ſono para deſcançar, naõ ceſſava o ſeu coraçaõ de amar, antes o amor lhe creſcia mais, e rompia em louvor de Deos. E podia eſperarſe tanto de huma natureza humana? De nenhuma ſorte; reſponde a razaõ, e com ella Drogo Oſtienſe. Pois como adormecida, continuava Thereſa em amar? Porque Thereſa amava como Serafim: *Seraphinis æmula ardebat.*

43 Huns admiraveis Serafins vio Iſaias, que eſtando de pè voavaõ com duas azas, ao meſmo tempo, que ſe cobriaõ com outras, e louvavaõ juntamente a Deos: *Seraphim ſtabant ſuper illud: ſex alæ uni, & ſex alæ alteri: duabus velabant faciem ejus, & duabus velabant pedes ejus, & duabus volabant: & clamabant alter ad alterum, & dicebant Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Quando as aves eſtaõ de pè, deſcançaõ do voo: pois ſe eſtes Serafins eſtaõ de pè, ſe deſcançaõ, *ſtabant*, como voaõ: *Volabant?* Porque eraõ Serafins: e quando parece, que os Serafins ſocegaõ, naõ deſcança nelles o amor; ainda voa mais alto: *Seraphim ſtabant, volabant.* Seis azas tinhaõ Iſai. 6. v. 2. 3.

nhaõ eſtes Serafins: *Sex alæ uni, ſex alæ alteri*, e deſcançando as quatro, as duas do coraçaõ batiaõ, porque nos Serafins, quando as mais operaçoens abatem as azas, o coraçaõ bate as ſuas, rompendo tambem em louvor de Deos: *Duabus volabant, & clamabant alter ad alterum, & dicebant Sanctus, Sanctus, Sanctus.*

44 Naõ queirais mais propriamente retratado o amor da Serafica Madre Santa Thereſa. Entregue ao ſono, parecia deſcançar: mas em ſeu coraçaõ creſcia o Divino amor; e ſem interromper o ſono, rompia em louvor de Deos. O certo he, que com immortal amor, Thereſa como Serafim buſcava a Deos pelo caminho do amor: *Venite ad me: affectibus amoris. Seraphinis æmula ardebat.*

§. VII.

Venite ad me: affectibus Religionis.

45 ENtremos no terceiro caminho, por onde Santa Thereſa buſcou a Deos, q̃ he o do eſtado Religioſo. Profeſſou na ſempre illuſtre, e Veneravel Ordem de Noſſa Senhora do Carmo: e vendo, que a Sé Apoſtolica benignamente havia moderado alguns pontos daquelle primeiro rigor, em que naſceo a Religiaõ Carmelitana; entrou Santa Thereſa a reformalla, querendo que renaceſſe nella a ſua antiga obſervancia. Difficultoſa empreza, e por ventura impoſſivel! E quanto mais facil fora a Thereſa, fundar de novo outra Religiaõ, do que renovar, ou levantar a que com o tempo tinha deſcahido?

1.Machab. c.5. v.36. 46 Intentou Judas, aquelle Machabeo fortiſſimo, reformar o Templo, q̃ profanou a barbaridade: *Aſcendamus*

damus nunc, mundare ſancta, & renovare. E que lhe acõteceria? Poz mãos à obra; mas logo achou, q̃ era mais conveniente fazer de novo outro Altar, e fazer vaſos de novo, que reformar os que acharaõ: *Ædificaverunt Altare novum; & fecerunt vaſa ſancta nova.* E para que he tanto diſpendio? Naõ fora mais acertado reformar o antigo, como diſpunhaõ? *Aſcendamus nunc mundare ſancta, & renovare?* Naõ, que quando o ſagrado chega a deſcahir, parece impoſſivel, que ſe reforme: e mais facil he fazer de novo, que reformar. v. 48. 49.

47 Mas Thereſa metida no caminho da Religiaõ, vence impoſſiveis. Reformou a ſua Religiaõ, pondo-a no ſeu primitivo rigor, e na ſua antiga obſervancia. Fez que reſuſcitaſſe nella a parcimonia do veſtir, a abſtinencia continua, a pobreza ſumma, a mortificaçaõ perpetua, e a total abſtracçaõ do ſeculo.

48 A experiencia convence muito, porque deſengana; mas antes della, parecia temeridade, o que Thereſa emprẽdia por eſte renovado caminho da Religiaõ. Se o tempo tinha moſtrado, que já entaõ eſtava a natureza humana muy enfraquecida, e naõ podia ſoportar a deſcalcez, a abſtinencia, e outras mortificaçoens da primitiva Carmelitana, como preſumia Santa Thereſa renovar tam penitente vida? Eſperava, que Deos creaſſe nova humanidade mais alentada, para com ella praticar a ſua Reforma? Naõ. Mas tambem moſtrou a experiencia, que ha cento e cincoenta e oito annos ſe eſtá obſervando eſta Reforma, ſem moderaçaõ alguma em infinitos filhos, e filhas de Santa Thereſa. E a razaõ he, porque os que entraõ neſta reformadiſſima Religiaõ, ficaõ ſendo filhos, ou filhas de Santa Thereſa: e o meſmo he ter a Santa Thereſa por Mãy, que cobrar eſforço para vencer todos os rigores deſta Religiaõ.

Principiou a Ordẽ de S. Thereſa em o B. Joaõ da Cruz primeiro Carmelita Deſcalço no anno de 1567.

49 Vio o Euangelista no Ceo aquelle grande final,
Apoc. 12. v. 1. aquella esclarecida mulher: *Signum magnum apparuit in cœlo; mulier*: e disse, que chegandolhe a hora do par-
v. 5. to, dera a luz hum filho varaõ: *Et peperit masculum.* Essa mulher, como expoz huma penna da Companhia de
Sherlog. in Cant. Jesus, era Santa Theresa: *Signum magnum apparuit in cœlo, dicamus Sanctam Teresiam.* Mas se Theresa espiritualmente gerou, naõ só innumeraveis filhos, senaõ tambem huma immensidade de filhas, como ó lemos no Texto, que do parto de Theresa nasceo varaõ: *Peperit masculum?* Porque na Igreja, o filho varaõ he aquelle, que com varonil esforço vence os rigores da vida espiritual, e naõ enfraquece com os trabalhos, pe-
Euseb. Cesar. in Apoc. 12. nitencias, e austeridades: *Masculus est, & rectè appellatur, qui carnis voluptatibus non frangitur, ac dijicitur, sed animo infracto, in officio persistit*, diz Eusebio Cesarense. Bem, pois com propriedade todo o parto espiritual de Theresa, he prolifico de varaõ: *Peperit masculum*; porque todo aquelle que he filho de Theresa, tem esforço, ou tem espirito, para vencer os rigores da Religiaõ mais austera, sem afroxar. Todas as cousas se rendem ao tempo. A terra cança depois de frutificar alguns annos: com a idade se debilitaõ as forças da natureza: o marmore, o bronze, e tudo o mais que resiste à força, naõ resiste ao tempo. A sua duraçaõ, he o seu mayor contrario. Sò a Reforma de Santa Theresa, na sua duraçaõ tem o seu augmento.

50 Agora venho eu a entender, o porque o demonio desejava tragar o filho da mulher do Apocalypse:
Cap. 12. v. 4. *Draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura, ut cum peperisset, filium ejus devoraret.* E he, porque desejava, que naõ sahisse a luz a Religiaõ, que Santa Theresa gerou: antevendo já, que nella nunca a observancia descahiria

cahiria hum ponto. Attendey para todas as Religioens, ainda para as que vos parecem pouco obſervantes; (que naõ ſeraõ taõ pouco, como vos parecem) e ſabey, que em qualquer dellas ſe faz ao demonio tanta guerra, que o meſmo Chriſto declarou a Santa Thereſa, que eſtaria já ſobvertido o Mundo, ſe lhe faltaraõ as Religioens, no meſmo eſtado em que as vedes. Mas he de notar, que a nenhuma Religiaõ tanto deſejou, e pertendeo impedir o demonio, como a de Santa Thereſa. Moveo todas as Potencias do ſeculo, para que naõ ſahiſſe a luz eſta Reforma: *Ut cum peperiſſet, filium ejus devoraret.* E he ſem duvida; porque eſpera, que nas mais Religiões poſſa haver algũa froxidaõ: ſabe porèm, q̃ nos filhos de Santa Thereſa nunca faltarà eſpirito, para inflexivelmente obſervarem a auſteridade Carmelitana: *Peperit filium maſculũ. Qui carnis voluptatibus non frangitur, ac dejicitur, ſed animo infracto in officio perſiſtit.*

51 Que tirou porèm o demonio das contradições, que fez a Santa Thereſa? Das furias, que moveo, para que Santa Thereſa naõ buſcaſſe a Deos, por eſte renovado caminho da Religiaõ? Que ficaſſe mais illuſtre, e mais acreditada a ſua Religiaõ; porque ficou tendo mais veneraçaõ, e mais reſpeito. Dous filhos teve Rachel: o primeiro naõ lhe cuſtou muitas dores, e teve por nome Joſeph, que ſignifica augmento. No parto do ſegundo eſpirou a mãy, dandolhe por nome Benoni, que quer dizer, filho da minha dor: *Vocavit nomen filii ſui Benoni, ideſt filius doloris mei.* Mudaraõlhe porém o nome em Benjamin, que ſe interpreta, filho da maõ direita: *Appellavit eum Benjamin, ideſt filius dexteræ.* Pois o filho ſegundo ha de ſer o da maõ direita? Sim; que como lhe cuſtou mais dores, teve no lugar preferencia para o reſpeito: porque ſempre tem mais Geneſ. 35. v. 18.

eſtimaçaõ, o que mais cuſta.

52 Do primeiro parto do Carmelo naſceo hũa Religaõ, que he como Joſeph. Nas letras, como Joſeph Sabio: nas virtudes, como Joſeph Santo: nas dignidades, como Joſeph no throno: no zelo da honra, e Igreja de Deos, como Joſeph deſvelado, e zeloſo na caſa de Faraò. Sahio depois a Religiaõ de Santa Thereſa, ſegundo parto do fecundiſſimo Carmelo, e nas contradiçoens foy parto de Benoni; mas logo veyo a ſer Benjamin, a quem o Carmelo dá a maõ direita: *Filius dextetæ.* Entre todos os Sacramentos, he o do Altar o que excede a todos: *Miraculorum omnium ab ipſo factorum maximum*; mas foy tambem o que experimentou mayores contradiçoens: *Quomodo poteſt hic nobis carnem ſuam dare ad manducandum?* Padeceo a Religiaõ de Santa Thereſa graviſſimas perſeguiçoens; e veyo a ſer entre as Religioens, como a Euchariſtia entre os Sacramentos. Demos alguma luz a eſta ſemelhança.

Joan. 6.

53 Como o Sol em comparaçaõ das mais luzes, he a Euchariſtia comparada aos mais Sacramentos: *In Sole poſuit tabernaculum ſuum. Id eſt corpus ſuum.* Diſſe David, e commentou Chryſoſtomo. Thereſa para buſcar a Deos, fundou huma Religiaõ, que entre as mais he como o Sol, comparado às mais luzes. Notay: de entre as ſombras foy tirada a luz, là no principio do Mundo: *Diviſit lucem à tenebris*; mas o Sol foy formado da meſma luz, que Deos creara no primeiro dia, como enſinaõ muitos Theologos com o grande Areopagita. Naõ de outra ſorte as mais Religioens em differença da Religiaõ de Thereſa. Das ſombras do Mundo ſahiraõ as mais Religioens; porque do Mundo fugiaõ os Santos Patriarcas, quando fundaraõ as ſuas Religiões, para ſerem as luzes da Igreja. Porèm Santa Thereſa eſtava

Pſal. 18. v. 5. D. Chryſ. ibid. Geneſ. 1. v. 4. D. Dion. Areop. c. 4. de Dei nomin. D. Thom. & alii cũ Soar. de Oper. ſex dier. lib. 2. cap. 8.

tava já na luz clariſſima da Religiaõ do Carmo, quando nella formou a ſua Reforma, como Sol formado da luz.

54 E de entre as luzes do Carmo ſahio verdadeiramente Sol a Religiaõ de Thereſa. Dita ſingular he do Sol, que o intitulem as Eſcrituras Tabernaculo em que deſcança Deos: *In Sole poſuit tabernaculum ſuum.* Pſal. 18. v. 5. A Santa Thereſa prometteo Chriſto, que na ſua Religiaõ deſcançaria, como em ſeu Paraiſo delicioſo.

55 O Sol enche de reſplandores o Mundo. A Religiaõ de Santa Thereſa illuſtra o Mundo com tanta ſantidade, que actualmente ſe vè a Sè Apoſtolica chea de requerimentos, e proceſſos admiraveis de muitos filhos de Santa Thereſa, q̃ eſtaõ clamando, e pedindo Beatificaçaõ, e Canonizaçaõ. Tambem illuſtra eſta meſma Religiaõ o Mundo com tantas letras, e taõ admiravel doutrina, que ſe todas as livrarias faltaſſem, ficando ſó o que em Salamanca eſcreveraõ os filhos de Santa Thereſa, naõ ſentiria o Mundo aquella perda: porque ahi ſe acha o que enſinaraõ os Concilios, os Papas, os Santos Padres, e mais Doutores na Theologia Eſpeculativa, na Dogmatica, e na Moral.

56 O Sol tem doze ſignos, ou doze caſas diverſas, onde cada mez entra para beneficio do Mundo. Da Religiaõ de Santa Thereſa tirou a Sé Apoſtolica obſervãtiſſimos Varoens, para Prelados, e Reformadores de doze Provincias, e Ordens diverſas: as quaes regidas, e reparadas pelos filhos de Santa Thereſa, renaſceraõ na obſervancia, em que ainda hoje florecem.

57 No fim do Mundo luzirà o Sol muito mais que hoje: *Lux Solis ſeptempliciter, ſicut lux ſeptem dierum.* Iſai. 30. v. 26. A Religiaõ de Santa Thereſa, no fim do Mundo, ha de reſplandecer mais na obſervancia, no martyrio, e na

prèga-

prègaçaõ; porque com Elias reſuſcitarà Santa Thereſa, para triunfar do Anti-Chriſto: *Ardentiſſimo divini amoris zelo, inſtar ipſius Eliæ, exeſtuans in ejus conſortio, Anti-Chriſti rabiem compeſcet, arma diripiet, potentiam confringet, ac illuſtrem de illo victoriam reportabit*, eſcreve o Sapientiſſimo Padre Carthagena. O Sol, em fim, ainda naõ declinou hum ponto, nem ſe apartou hum atomo da regra, que lhe deu ſeu Divino Author, quando o formou. A Religiaõ de Santa Thereſa ainda naõ deſcahio, nem ſe apartou ainda da Regra, e do eſtado em que a poz ſua glorioſa Inſtituidora, quando a reformou; porque nem hum ſó ponto ſe deſviou ainda dos que lhe deixou a ſua Reformadora. Ainda eſtá imitando, e ſeguindo perfeitamente aquelles paſſos, com que Santa Thereſa buſcou a Deos pelo caminho da Religiaõ: *Venite ad me: affectibus Religionis.*

Cart. tom. 4. lib. 17. homil. 4.

§. VIII.

58 TEmos viſto, quaſi entre ſombras, e bem eſcuras, os tres caminhos por onde Santa Thereſa buſcou a Deos. Por meyo de eſtupendas revelaçoens buſcou a Deos pelo caminho da Fè: pelo caminho do Amor toda abrazada: e pelo caminho da Religiaõ toda obſervante.

59 Mas verdadeiramente nada temos viſto dos progreſſos de Santa Thereſa neſtes ſeus caminhos; porque nem tive intelligencia para os comprehender, nem clareza para os dizer. O meu Panegyrico mais foy offenſivo, que laudatorio; ſendo que na elevaçaõ da materia, deſculpado vay o abatimento da fórma. Propriedade hè do Sol, que ſe naõ poſſa ver com attenta curioſidade dos noſſos olhos: he natureza da luz, que ſe naõ poſſa

poſſa pintar: e grandeza he do Ceo, que ſe naõ poſſa recopilar.

60 Nenhum metal pòde repreſentar o ouro: nenhuma ave pòde voando acompanhar a Aguia: e nenhuma féra pòde figurar o brio de hum Leaõ. Tambem nenhum Orador, por muito que ſe deſvele, poderá encarecer o ouro, e os quilates da Fè de Santa Thereſa: os voos com que ſe remontou ſeu amor, e o brio com que ſeguio os rigores da vida Carmelitana. Só quando no Ceo virmos a Santa Thereſa, formaremos perfeita idèa de ſua Fé, de ſeu Amor, e de ſua Religioſiſſima vida. Excitay, Serafica, e glorioſa Madre, em voſſos veneraveis filhos, e em todos nòs eſtas virtudes, para que pelos meſmos caminhos, vamos ſeguindo voſſos paſſos, e mereçamos entrar na Gloria. Amen.

SER-

SERMAM XII.

DO

GLORIOSO PRINCIPE DOS APOSTOLOS

S. PEDRO,

PRIMEIRO VIGARIO, E SUCCESSOR DE CHRISTO,

Na festa que lhe faz o Clero do Rio de Janeiro.
Anno de 1726.

Tu es Petrus. Matth. 16.

§. I.

1 O Euangelho mais mysterioso, que a Igreja canta, solemnizando a seus Santos, he o que ouvistes; porque nelle os mysterios excedem muito aos periodos. Descreve-se neste Euangelho o mysterio altissimo da Trindade; porque se faz nelle expressaõ das tres Divinas Pessoas: *Pater meus, qui in cœlis est. Filius Dei vivi. Barjona, ideſt Filius Spiritus Sancti.* Declara-

se

ſe o myſterio da Encarnaçaõ: *Tu es Chriſtus Filius Dei vivi.* Trata-ſe da viſaõ beata, na qual conſiſte a noſſa verdadeira bemaventurança: *Beatus es Simon Bar-jona.* Toca-ſe na unidade da Igreja, debaixo de hum ſó Prelado ſupremo: *Super hanc petram ædificabo Eccleſiam meam.* E ultimamente naõ ficou de fóra o tratado da juriſdiçaõ do Papa: *Tibi dabo claves regni cœlorum.*

2 Huma conferencia, que houve entre Chriſto Divino Meſtre, e ſeus Diſcipulos, foy o ponto para cuja intelligencia ſe tocou neſta ſumma de toda a Theologia. Perguntou Chriſto aos Apoſtolos, qual era o conceito que os homens formavaõ delle: *Quem dicunt homines eſſe Filium hominis?* Naõ eſtranheis a pergunta; porque como os Apoſtolos eraõ Prelados da Igreja, eſtavaõ obrigados a dar conta das cõſciencias dos ſubditos: eſtavaõ obrigados a ſaber, ſe conheciaõ elles a Chriſto, ou ſe o deſconheciaõ. Tremenda obrigaçaõ para os que cuidaõ nella! E algum dia ſerá mais tremenda, para os que della vivem deſcuidados.

3 Referiraõ os Apoſtolos o que dizia o Mundo. E como os juizos deſte ſaõ varios, e ordinariamente errados, huns tinhaõ a Chriſto por Elias, ou pelo Bautiſta: outros por Jeremias, ou por algum dos Profetas. E vòs, perguntou Chriſto aos Apoſtolos, quem dizeis, q̃ ſou eu? *Vos autẽ, quem me eſſe dicitis?* Callaraõ-ſe os mais, e ſó reſpõdeo aquelle, q̃ entre os Apoſtolos he o unico, o incõparavel, e o Principe, S. Pedro. Callaraõ-ſe os mais; porq̃ à viſta de S. Pedro emmudecem os mayores Santos. Callaraõ-ſe os mais, ainda que Apoſtolos; porque de S. Pedro todos tem que ouvir, e que aprender. Emfim, callaraõ-ſe todos, e ſó reſpondeo S. Pedro; porque como a pergunta era em materia de Fé, ſó elle tinha infallibilidade no reſponder: *Rogavi pro te, ut non deficiat fides tua.* Luc. 22. v 32.

4 Diſſe

4 Diſſe pois o grande, ou o mayor dos Apoſtolos: *Tu es Chriſtus Filius Dei vivi.* Vòs, Senhor, ſois Chriſto, Filho de Deos vivo, em cujo ſuppoſto ineffavel, reconheço duas naturezas hypoſtaticamente unidas, hũa Divina, outra humana. Eſta, patente ſe moſtra aos noſſos olhos: aquella, por beneficio voſſo, reconhecida muy bem de minha Fè.

5 A penas tinha S. Pedro publicado a Chriſto por Filho de Deos, quando em premio de ſua Fè, e da confiſſaõ della, lhe correſpondeo Chriſto dizendo: *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, & ſuper hanc petram ædificabo Eccleſiam meam, & portæ inferi non prævalebunt adverſus eam.* E eu te digo, que tu es Pedro; porque es a Pedra, ſobre que edificarey a minha Igreja, contra a qual naõ prevalecerà o inferno. E te prometto as chaves do Reyno dos Ceos, cõ juriſdiçaõ tam ampla, e independente, que ſe atares na terra, atado ſerá no Ceo, e ſe abſolveres na terra, abſolto ſerá no Ceo: *Et tibi dabo claves regni cælorum. Et quodcumque ligaveris ſuper terram, erit ligatum & in cælis; & quodcumque ſolveris ſuper terram, erit ſolutum & in cælis.*

6 Oh ditoſa confiſſaõ, que para o Principe dos Apoſtolos mereceo, que foſſe Pedro! Chamava-ſe atè alli Simaõ o grande Apoſtolo; e pelo merito de ſua Fè, lhe deu Chriſto o nome de Pedro: *Et ego diço tibi, quia tu es Petrus.* Já ſabeis, que o ſer Pedro, e ſer Pedra, he tudo o meſmo: *Tu es Petrus, & ſuper hanc petram*: e naõ podia haver para S. Pedro mayor gloria, que o ſer Pedro; porque nem podia haver para elle mayor exaltaçaõ, que o ſer Pedra.

7 *In petra exaltavit me.* Deos me exaltou em Pedra, diſſe David; e fallou propriamente em nome de S. Pedro: *Hic propriè Petrus fuit*, commentou Paoleto, e douPſal. 26. Paolet. ſerm. de S. Pet.

tamente;

tamente; porq̃ em fazer Deos, que o Principe dos Apostolos seja Pedra, deixou muy bem exaltado a S. Pedro, Fallemos com mais individuaçaõ.

8 *In petra exaltavit me, & nunc exaltavit caput meum.* Na allegoria de Pedra me exaltou Deos, diz S. Pedro, e exaltou agora a minha cabeça. Quereis por ventura saber como? Coroando-a: naõ só com a Coroa de hum Reyno, mas tambem com as Coroas de muitos Reynos: *Exaltavit caput meum, coronando me corona regni*, expoem a Glossa de Lyra. *Coronis regnorum*, diz a agudeza de Paoleto.

Lyr. in hunc Psal. Paol. sup. cit.

9 Pois naõ de outra sorte exaltada se vé hoje a cabeça de S. Pedro: *Et nunc exaltavit caput meum.* Está coroada com tres Coroas de tres amplissimos Reynos. Com a Coroa do Rey do Ceo, com a Coroa do Rey da terra, e com a Coroa do Rey do inferno: *Tribus coronis caput Petri redemitum fuit, veluti Regis terræ, cœli, & inferni;* discorreo Paoleto. E o Euangelho presente, fallando de S. Pedro, expressou toda a Santissima Trindade; porque toda ella, como advertem os Expositores, se empenhou em honrar, e exaltar a S. Pedro, dandolhe jurisdiçaõ no Ceo, na terra, e no inferno: *Tota Trinitas electo, examinato, & confirmato dedit jurisdictionem super infernum, super cœlum, & super mundum*, diz Voragines.

Vorag. serm. 3. de S. Petr.

10 A toda esta exaltaçaõ sobio o Principe dos Apostolos, quando de Simaõ passou a Pedro, ou a Pedra fundamental da Igreja. Entremos a ponderalla, e será em tres pontos, que correspondaõ ás tres Coroas, ou aos tres Reynos de sua jurisdiçaõ. E deduzindo esta materia do Euangelho, veremos no primeiro a S. Pedro exaltado no Ceo, pela jurisdiçaõ q̃ tem nelle: *Erit ligatum & in cœlis: erit solutum & in cœlis.* No segundo, exalta-

exaltado na terra pelo poder, que nella tem: *Quodcumque ligaveris super terram; quodcumque solveris super terram.* No terceiro, o veremos exaltado tambem pela imperiosa potestade, com que no inferno he temido: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.* Nestas tres ponderaçoens veremos exaltada a Pedra de Pedro: *Tu es Petrus. In Petra exaltavit me. Et nunc exaltavit caput meum. Coronando me coronis regnorum.* Para que os meus discursos cedaõ em honra de Deos, em gloria do Vice-Deos S. Pedro, e naõ menos em doutrina de nossas almas, accômodada ao estado de meus ouvintes, imploremos affluencias do Espirito Santo por intercessaõ de Maria Santissima.

Ave Maria.

§. II.

Tu es Petrus.

11 FIngio a Gentilidade, que Geriaõ, Rey, e Pastor, tinha tres cabeças: *Pastor triformis*, lhe chamou Seneca. Dominava esse Pastor tres Reynos, e insinuou aquella discreta ficçaõ, que naõ bastava para tres Reynos huma só cabeça. Desmentio S. Pedro o fingimento, ou a doutrina da fabula; porque sendo verdadeiro Pastor: *Tu es Pastor ovium:* e com jurisdiçaõ em tres Reynos, vemos que sustenta em huma só cabeça tres Coroas, regendo taõ acertadamente, que o mesmo he mandar Pedro, que approvar Deos. Moya lib. 4. c. 11.

12 No Ceo, que he o primeiro Reyno, em que se exalta S. Pedro, taõ reconhecida he a sua jurisdiçaõ, que se na terra condêna S. Pedro, naõ ha absolviçaõ no Ceo; e se absolve na terra, naõ tem que condemnar o

Ceo: *Quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & cœlis: & quodcumque solveris super terram, erit solutum & in cœlis.* E a razaõ he; porque a jurisdiçaõ com que S. Pedro condemna, ou absolve, he a mesma com que absolve, e condemna Deos. Deos, e S. Pedro, como seu Vigario; Deos, e S. Pedro, quanto à jurisdiçaõ, he huma cousa sómente. Deos he o relogio, S. Pedro he a maõ. Ou (para que diga melhor) S. Pedro he o relogio, que vay observando os movimentos na terra; e Deos a maõ, que aponta as horas no Ceo: porque S. Pedro he o que dà a sentença na terra, e Deos o que a publica no Ceo. Admiravelmente S. Pedro Damiaõ: *Præcedit Petri sententia sententiã Redemptoris; quia non quod Christus, hoc ligat Petrus; sed quod Petrus, hoc ligat Christus.* O Bautista era a voz de Deos, e Deos a voz de S. Pedro. O Bautista a voz de Deos na terra, e Deos a voz de S. Pedro no Ceo: confirmando Deos com irrefragavel execuçaõ no Ceo, quanto S. Pedro resolver na terra.

13 Pòde Deos fazer, o que naõ poderà S. Pedro, porque Deos he Omnipotente, e S. Pedro naõ: mas desfazer no Ceo, o que S. Pedro seu Vigario fez na terra, isso nem Deos o pòde fazer, porque he impossivel, supposta a sua inviolavel disposiçaõ. Perguntaõ os Theologos, se ha, ou pòde haver creatura, a qual Deos naõ possa desfazer, e aniquilar? A resoluçaõ commum, e verdadeira he que naõ; porque sendo creatura, tem essencial dependẽcia de Deos, naõ só para a producçaõ, mas tambem para a conservaçaõ. Sò as resoluçoens de S. Pedro seu Vigario, naõ poderá Deos deixar de as conservar; porque as naõ poderá desfazer. Em ordem a S. Pedro, distinguio Deos na sua Omnipotencia o fazer, e o desfazer: e conservando o fazer, se priva do desfazer.

14 Naõ

14 Naõ vos parece, que por S. Pedro se despio Deos do acto mais glorioso da Omnipotencia? O fazer, e o desfazer, tudo he acto da Omnipotencia. Vedes esta grandiosa architectura do Mundo, taõ perfeitamente ajustada? Pois a mesma Omnipotencia, que a fez, a descomporà. E qual serà para Deos mais glorioso? O poder fazer, ou o poder desfazer? Respondaõ as Divinas letras.

15 Enfermou Ezechias Rey de Israel, sempre memoravel por sua piedade, e Religiaõ, e o mesmo Propheta Isaias, que lhe annunciou a morte, lhe assegurou da parte de Deos a vida. Naõ sey se duvidaria o Rey desta promessa; mas he certo, que para o certificar, lhe disse o Profeta. Que final queres, para certeza da vida, que te asseguro? Que o Sol se adiante em hum momento dez linhas no teu relogio: ou que nelle se atraze outros tantos graos? Notavel reposta! Adiantar-se o Sol repentinamente dez linhas, isso he facil (diz o Rey.) Naõ escolho isso. Quero, que retroceda dez graos: *Facile est umbram crescere decem lineis, nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum decem gradibus.* Reparo agora. Tanto era contra a natureza, que o Sol se adiantasse mais, como era que se atrazasse outro tanto. Pois onde estava alli a facilidade, ou aqui a difficuldade? Em que o adiantarse o Sol, era o fazer o seu curso; o atrazarse, era o desfazello. E sabia o Rey, que o fazer naõ he tanto, como o desfazer. Sabia, que o fazer he menos, e o desfazer he mais. 4. Reg. c. 20. v. 19.

16 Agora sobre esta conclusaõ assentaremos a nossa. Faz S. Pedro, e naõ desfaz Deos. Pois quem naõ dirà, que por S. Pedro se priva Deos do acto mais glorioso da Omnipotencia? Para com S. Pedro, tem a Omnipotencia muito que fazer, e nada que desfazer. E

niſto naõ vos parece, que por S. Pedro desfaz a Omnipotencia em ſi meſma? Quem desfizer hum ſó ponto na Omnipotencia, desfaz totalmente em Deos, pela identidade, que os attributos tem com a natureza Divina: e ſe parece, que desfaz Deos na Omnipotencia, quando ſe impede, para desfazer no Ceo o que S. Pedro fizer na terra; naõ menos parece, que desfaz em ſi meſmo, para fazer em S. Pedro.

17 Enſina Santo Thomàs, e com elle a melhor Theologia, que quem confeſſa, que Deos he Deos, naõ diz couſa alguma de Fè: *Deum eſſe, & ſimilia, non ſunt articuli fidei.* Mas eu ingenuamente deſcubro hoje, que depois que Deos prometteo naõ desfazer no Ceo, o que S. Pedro fizeſſe na terra, he neceſſaria muita Fè, para crer que Deos he Deos. Obriga-ſe Deos por ſua promeſſa (porque ſó aſſim moſtrarà Deos que ſe obriga) a eſtar pelo que S. Pedro fizer. Promette naõ contrariar no Ceo, o que mandar S. Pedro na terra. E heide confeſſar ainda aſſim, que Deos he Deos? Sim heide confeſſar, e o confeſſo. Mas certamente he neceſſaria muita Fè, para que à viſta de taõ inviolavel juriſdiçaõ de S. Pedro, digamos que Deos he Deos.

Gonet. tom. 1. tract. 1. diſput. 1. art. 1. §. 4. n. 15.

18 Muito engrandeceo Faraò a Joſeph; e o mais foy darlhe o ſeu poder ſobre o Egypto, taõ amplo, e taõ abſoluto, que atè em Palacio Real ſe obſervariaõ as ordens de Joſeph, ſem que nelle houveſſe quem as derrogaſſe: *Tu eris ſuper domum meam, & ad oris tui imperium cunctus populus obediet.* Mas he de notar, que duas couſas lhe advertio Faraò. Primeira: Eu ſou Faraò, ou o Monarca do Egypto: *Ego ſum Faraò.* Segunda: Em quanto eu occupar o Real throno, heide preceder a Joſeph: *Uno tantum regni ſolio te præcedam.* Com eſtas prevençoens dà Faraò a Joſeph o proprio anel, que

Geneſ. 41. v. 40.

Ibid. v. 44.

v. 41.

neſſe

nesse tempo era o final de sua jurisdiçaõ: *Tulitque annulum de manu sua, & dedit eum in manu ejus.* v. 42.

19 Estas precauçoens me querem parecer desconfianças de Faraò. Assim como os Romanos aos seus Monarcas deraõ o appellido de Cesares, e os Assirios aos seus Soberanos intitularaõ Tigranos: assim o Rey do Egypto se nomeava Faraò, atè que por morte de Ptolomeo, se denominaraõ Ptolomeos, em memoria de taõ saudoso Rey. Pois se Faraò era Rey do Egypto, quem duvidava, que havia naquelle tempo ser Faraò? E se era Rey, se era Faraò, já se vé, que precedia a Joseph, q̃ era seu Ministro. Logo escusado foy advertir o Rey, q̃ era Faraò, e que tinha precedencia a Joseph: *Ego sum Pharaò: Regni solio te præcedam.* Naõ; naõ era escusado, antes muy preciso: porque quem visse a Joseph governando o Egypto, e que atè em Palacio Real tinha jurisdiçaõ: *Tu eris super domum meam*, poderia imaginar, que Faraò naõ era Faraò: que naõ era Rey do Egypto, nem tinha precedencia a Joseph. Joseph. lib. 8. antiq. 1. c. 6.

20 Da letra passemos agora ao mysterio. Em Joseph se retratava S. Pedro; porque naquelle anel, que lhe deo Faraò, se representava o Pontificado da Igreja de Christo: *Tulit annulum*: entra a Glossa Interlineal com a seu commento: *Quod Pontificatum fidei significat, quod est in potestate Christi.* Attendey agora. Deu Christo a S. Pedro jurisdiçaõ, naõ só em toda a terra, mas tambem sobre o Real Palacio do Ceo: *Dedit jurisdictionem super cœlum*, sem que no Ceo haja de contrariar Deos, o que na terra dispuzer S. Pedro. Bem: pois haja prevençaõ, haja cautela; para que à vista deste poder de S. Pedro, confessemos q̃ Deos he Deos; assim como à vista da jurisdiçaõ de Joseph era precisa advertencia, para se reconhecer a Faraò por Faraò, com precedencia Gloss. interl. hunc loc.

cia a Joseph: *Ego sum Pharaò. Regni solio te præcedam.*

21 Ao menos, bem attendido este poder de S. Pedro no Ceo, com que Christo engrandeceo, e honrou o seu Vigario, arriscado vay o juizo humano (que a cada passo se engana) a presumir, que S. Pedro tambem he Deos. Dirà acertadamente, com muita attençaõ, que Deos he Deos; mas facilmente poderà presumir engañado, que S. Pedro tambem he Deos. Quereis ver o risco deste juizo, e o fundamento do meu? Notay.

22 Tres saõ as condiçoens requisitas, para S. Pedro na terra dispor de sorte, que no Ceo, nem Deos ex vi de sua bondade, e Providencia, possa mandar o contrario. He necessario saber, querer, e poder. Saber, para acertar: querer, para resolver: poder, para executar. E no Vice-Deos S. Pedro, està o poder, o querer, e o saber de Deos. Està o poder do Padre, o saber do Filho, e o querer do Espirito Santo. Ouvi ao doutissimo Daza: *Eadem sit ipsi cum Trinitate mens, ad ea quæ definit: eadem voluntas ad illa quæ jubet: eadem potentia ad ea quæ facit.* Se no Vice-Deos S. Pedro, o poder do Padre he o que obra; o saber do Filho he o que entende; a vontade do Espirito Santo he a que resolve: o mesmo fora revogar o Ceo, o que nestas circunstancias manda S. Pedro; que contrariar o que executou o Padre, o que entendeo o Filho, e o Espirito Santo quiz. Por este principio, tanto tem de impossivel a revogaçaõ do que Deos obrar; quanto de irrevogavel o que definir S. Pedro. Eis-aqui a razaõ total, porque se observaõ no Ceo inviolavelmente as definiçoens de S. Pedro. E pela identidade da mesma razaõ, quem (se lhe faltasse a Fè) naõ diria, que S. Pedro tambem he Deos. Ora discorrey comigo; mas suppondo a Fé.

Daz. in Epist. Jacob c. 1. v. 1. n. 3.

23 O Padre he Omnipotente; logo he Deos. No Filho

Filho está o saber do Pay; logo tambem he Deos. No Espirito Santo está o querer do Padre, e do Filho; logo tambem o Espirito Santo he Deos. Tudo he de Fé. Inclinemos agora o discurso para S. Pedro. Está nelle o poder do Padre, o saber do Filho, e o querer do Espirito Santo. E será Deos S. Pedro? De nenhuma sorte, ainda que o pareça; porque em S. Pedro só está o poder do Padre, quanto à jurisdiçaõ com que obra: só está o saber do Filho, por illustraçaõ exterior, para entender sem erro: e só está em S. Pedro o querer do Espirito Santo, por especial assistencia, para eleger com acerto. Mas ainda assim, isto tudo he tam superior à capacidade humana, que se arrisca o entendimento a huma equivocaçaõ entre Deos, e a creatura.

24 Julgou hum Anjo os processos criminaes de Babylonia, e severamente castigou suas culpas, com tanta approvaçaõ da Corte celestial, que se alegrou o Ceo, e tambem seus habitadores: *Exulta super eam cœlum, & Sancti Apostoli & Prophetæ, quoniam judicavit Deus judicium vestrum de illa.* He porèm muito para se notar, que o Texto intitula Deos ao Anjo, que assim julgou, e castigou Babylonia: *Judicavit Deus.* O mesmo Euangelista, que previo este castigo, prostrado aos pès desse Anjo, esteve para o adorar, se elle lho naõ impedira, declarando-lhe a distinçaõ, que havia entre si mesmo, e Deos: *Cecidi ante pedes ejus, ut adorarem eum, & dicit mihi: Vide ne feceris, conservus tuus sum, & fratrum tuorum, habentium testimonium Jesu. Deum adora.* Pois se he Anjo, como se intitula Deos: ou como na apprehẽsaõ do Euangelista se equivocava com Deos, quem era Anjo: *Judicavit Deus. Cecidit ad pedes ejus ut adorarem eum?* Apoc. 18. v. 20. Apoc. 19. 10.

25 Temos a soluçaõ no Texto, que nos occasionou

a duvida, e he; porque a esse Anjo, para o exercicio de sua empreza, do Ceo lhe foy commettido grande poder, e grande jurisdiçaõ: *Vidi Angelum descendentem de cælo, habentem potestatem magnam*, e em todas as suas disposiçoens lhe assistia Deos no entendimento, e na vontade: no entendimento, com illustraçoens para conhecer a verdade: e com rectidaõ na vontade, para escolher o mais justo: *Vera & justa judicia sunt ejus, qui judicavit.* E quando Deos com especial Providencia delega o seu poder a huma creatura, e com particular cuidado lhe infunde verdade no entendimento, para que acerte, e rectidaõ na vontade, para dispor com justiça, facilmente se engana o juizo humano, fazendo equivocaçaõ entre Deos, e a creatura: *Cecidi ad pedes ejus, ut adorarem eum.*

Apoc. cap. 18. v. 1.

Cap. 19. 2.

26 Tornemos agora do Apocalypse ao Euangelho, e daquelle Anjo a S. Pedro. Como se naõ ha de enganar, equivocando-o com Deos, quem alcança, que toda a Santissima Trindade assistia a S. Pedro, para a regencia da Igreja? O Padre lhe assistia com o poder para executar: o Filho com a verdade para o entendimento: o Espirito Santo com rectidoens na vontade: *Eadem sit ipsi cum Trinitate mens ad ea quæ definit: eadem voluntas ad illa quæ jubet: eadem potentia ad ea quæ facit.* Na opiniaõ de Alcazar, esse Anjo do Apocalypse era S. Pedro, e com razaõ; porque elle he, o que no obrar se está equivocando com Deos, pelo poder com que executa, pela discriçaõ de seu entender, pelo acerto de seu querer, e ultimamente pela approvaçaõ, que dá o Ceo ao que S. Pedro manda na terra; porque assim como o Ceo approvou as disposiçoens desse Anjo: *Exulta super eam cælum*; assim no Ceo se confirmaõ as operaçoens de S. Pedro; pois tanto exaltou Deos esta

Pedra,

Pedra, que lhe conferio jurisdiçaõ sobre o Ceo: *Tu es Petrus. In Petra exaltavit me. Erit ligatum & in cælis, erit solutum & in cælis. Dedit jurisdictionem super cælum.*

§. III.

27 SE quereis agora fazer algum obsequio a S. Pedro, applicay este discurso ao Papa existente, e aos mais successores de S. Pedro, e entendey, que qualquer delles na jurisdiçaõ, e authoridade, he o mesmo S. Pedro sem differença: *Petrus potestate*, lhes chamou meu Padre S. Bernardo. Quando ouvires a voz do Papa, naõ duvideis, que he a voz de S. Pedro. Entendey, que he S. Pedro o que no Ceo resolve, quando vos constar, que define o Papa na terra. Assim o declarou o Concilio Calcedonense, na carta que escreveo a S. Leaõ Papa, intitulando-o: *Interpres vocis Beati Petri.* S. Pedro tem jurisdiçaõ no Ceo; pois essa mesma tem qualquer Pontifice Romano: *Judex cæli in terreno judicio*, os intitulou Santo Hilario. *Janitor cælorum* lhes chama S. Pedro Chrysologo. *Lingua cælorum* os nomea o meu Cardeal Ostiense S. Pedro Damiaõ.

D. Bern. 2. de consid. c. 8.

Conc. Chalc. in Epist. ad Leon. Pont.

D. Hilar. serm. 131.

D. Chrys. serm. 127.

D. Petr. Dam. serm. 26.

28 He porèm lamentavel, que sendo esta doutrina dos Padres, e dos Concilios, seja taõ mal aprendida dos que se chamaõ filhos da Igreja. Sem que seja necessario recorrer às Antiguidades de Josefo, ou aos Annaes de Baronio, notareis os que rendes liçaõ dos livros, ou experiencia do que no Mundo està succedendo, que expedindo-se pelo Papa huma Bulla, ou algum Decreto, se he favoravel, aceita-se: e senaõ he conveniente aos que tem obrigaçaõ de o executar, ou se occulta podendo ser, ou fica impedido com pretextos indignos de quem he entendido, e muito mais indignos de quem

he

he Catholico. E dizem pela ſua Theologia, que naõ tem vigor. Sabeis o que iſto he? Falta de Fè; porque ou ſe naõ crè, que o Papa he igual na juriſdiçaõ a S. Pedro, ou naõ ſe crè, que taõ tremenda he eſta juriſdiçaõ, que atè o Ceo cumpre com ella inviolavelmente: *Dedit juriſdictionem ſuper cœlum. Erit ligatum & in cœlis. Erit ſolutum & in cœlis.*

§. IV.

29 O Segundo Reyno em que S. Pedro tem juriſdiçaõ, e em que ſe exalta eſta Pedra coroada, he a terra: *Quodcumque ligaveris ſuper terram. Quodcumque ſolveris ſuper terram. Dedit juriſdictionem ſuper mundum.* E os que naõ penetrais as couſas celeſtes, pelo affecto com que as terrenas vos prendem, vereis agora na terra, o que naõ podeſtes perceber no Ceo. Os Geografos reduzem a terra toda a hum pequeno mappa, e os Mathematicos em pouco globo recopilaõ toda a vaſtidaõ das eſferas. Eu tambem heyde reduzir neſte diſcurſo a hum breve ponto a grande juriſdiçaõ de S. Pedro; porque ſe a terra comparada ao Ceo he hum ſó ponto, ponderando nòs a juriſdiçaõ deſte Principe na terra, em hum indiviſivel recopilaremos aquelle grande poder, que occupando o Ceo, enche a terra.

30 Tem S. Pedro juriſdiçaõ na terra: *Dedit juriſdictionem ſuper mundum:* e duas couſas ſe fazem notaveis neſta juriſdiçaõ; a grandeza, e o effeito della. A grandeza he tanta, que a meſma terra a poderá eſtranhar. A parte mais pequena das quatro em que ſe divide o Mundo, he Europa: e nella hà nas juriſdiçoens tanta variedade, que ſe confunde o juizo, vendo que caibaõ

caibaõ em taõ breve terreno tantos senhorios. Serviria hoje de riso a Adaõ, unico Monarca de toda a terra, se vira, que os Imperios, e Reynos, em que por seus descendentes se retalhou Europa, saõ mais de trinta, naõ entrando neste numero os Soberanos, que com titulos inferiores dominaõ a mesma parte. Sò a jurisdiçaõ de S. Pedro he taõ ampla, que comprehende todos os Reynos do Mundo: *Tibi tradidit Deus omnia regna mundi.* He a unica, que se estende por toda a terra: *Quodcumque ligaveris super terram. Quodcumque solveris super terram.*

31 Eu bem advirto com a melhor Theologia, que os mais Apostolos tiveraõ tambem espiritual jurisdiçaõ sobre toda a terra: *Quæcumque alligaveritis super terram, erunt ligata & in cœlo: & quæcumque solveritis super terram, erunt soluta & in cœlo*, lhes disse Christo. Mas com muita differença; porque como angelicamente ensina a Escola de Santo Thomás, a authoridade em S. Pedro era directiva; nos mais Apostolos era executiva sómente. S Pedro tinha sobre toda a terra a jurisdiçaõ de Principe; os mais Apostolos, a de Executores, e Delegados. A jurisdiçaõ de S. Pedro era essencial de seu cargo, a dos mais Apostolos era especial privilegio. Matth. c. 18. v. 18. Caiet. in Opusc. tom. 1. tract. 1. c. 3. à num. 20. usq. ad fin.

32 E para que tanta differença na jurisdiçaõ entre S. Pedro, e os mais Apostolos, se eraõ todos no Apostolado iguaes? Iguaes na dignidade, iguaes na ordem; e só na jurisdiçaõ, que S. Pedro tem sobre toda a terra, superior a todos? Sim; porque quando Christo, que he Pedra: *Petra autem erat Christus*, fez a este seu Apostolo Pedra: *Tu es Petrus, & super hanc Petram*, foy para que na jurisdiçaõ, que tem sobre toda a terra, se distinguisse de todos. E de tal sorte, que tanto se distingue

gue dos mais; quanto se equivoca com Christo; porque só na grandeza de Christo se vè bem a grande jurisdiçaõ de S. Pedro sobre a terra.

33 Convidou David todas as gentes, para festejarem a Christo, Deos, & Salvador nosso. Outros dizem, que para festejarem huma pedra: *Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro.* Verte S. Jeronymo: *Jubilemus petræ.* A causa deste festejo, dizia ser, porque Christo era grande Senhor, e grande Rey, sobre todos os Reys, e Senhores grandes: *Quoniam Deus magnus Dominus, & Rex magnus super omnes Deos.* E bem; mas em que mostraria Christo, que era grande Senhor, e que era grande Rey? Em que só elle he o que tem propria, e essencial jurisdiçaõ sobre toda a terra: *Quia in manu ejus sunt omnes fines terræ.* Aqui agora he preciso, ou cativar o entendimento, ou prevenir o discurso; porque de outra sorte se equivocaràõ Christo, e o seu Vigario S. Pedro. Notay.

Psalm. 94. v. 1.

34 Se havemos celebrar com jubilos huma Pedra, que he Christo: *Jubilemus petræ: Petra autem erat Christus;* S. Pedro tambem he Pedra: *Tu es Petrus, & super hanc Petram.* Se a jurisdiçaõ em Christo he essencial, e propria de seu poder: *In manu ejus sunt omnes fines terræ;* a jurisdiçaõ de S. Pedro he propria, e essencial de seu cargo: *Petrus ex propria sui Pontificatus officii auctoritate gubernabat*, diz o Cardeal Caietano. Se Christo he grande Rey, e grande Senhor, porque lhe basta para isso, ser superior a todos os Reys da terra: *Magnus Dominus, & Rex magnus super omnes Deos;* S. Pedro tem jurisdiçaõ sobre todos os Reynos da terra: *Tibi tradidit Deus omnia regna mundi.* Pois quem negará, que S. Pedro se equivoca com Christo no poder, que tem sobre a terra?

Caiet. cit. num. 50.

35 No

35 No Euangelho presente se honra a S. Pedro, intitulando-o filho do Espirito Santo: *Simon-Barjona.* Mas quando lhe considero a jurisdiçaõ, que tem sobre a terra, ou me engano, ou da mesma sorte se lhe póde chamar tambem filho do Padre Eterno. Consideremos a Christo na Cruz, como dantes o considerou David, escarnecido dos homens, e pelos Principes condemnado: *Astiterunt Reges terræ, & Principes convenerunt in unum, adversus Dominum, & adversus Christum ejus.* Psalm. 2 v. 2. Nesse sacrilego, mas logo santificado Golgotha, tam desconhecida estava aquella Divindade encuberta, que o mesmo Christo, porque se via desamparado do Padre, já o intitulava Pay: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Porèm o Padre a hi mesmo calificava a Christo por Filho seu: *Dominus dixit ad me: Filius meus es tu.* Que no Thabor entre glorias, publicasse o Padre a Christo por seu Filho, bem; porque o Filho de Deos he glorioso por essencia. Mas que quando no Calvario Crucificado, e afrontosamente morrendo, diga o Padre, que he Filho seu, aquelle mesmo a quem desampara? *Dereliquisti me: Filius meus es tu?* Sim; porque a hi dava o Eterno Padre a Christo jurisdiçaõ sobre toda a terra, e dominio em todos os homens: *Postula à me, & dabo tibi gentes hæreditatem tuam, & possessionem tuam terminos terræ.* Bem: pois ainda que no mais se veja, que o Padre desampara a Christo, basta darlhe poder sobre toda a terra, e jurisdiçaõ sobre todos os homens, para constar que o trata como seu Filho: *Filius meus es tu. Postula à me, & dabo tibi gentes hæreditatem tuam, & possessionem tuam terminos terræ.*

36 Tambem communicou Deos a S. Pedro jurisdiçaõ taõ ampla sobre todos os homens, que esta se estende por toda a terra. Lá nesse polo Arctico, e no nos-

so

ſo Antarctico, nunca chegará o Sol com ſeus rayos; mas a hum, e outro chega a juriſdiçaõ de S. Pedro. Aquelles engelados habitadores, que naõ participaõ a claridade do mayor Planeta, naõ ſe eſcondem à juriſdiçaõ do mayor Apoſtolo, verificando-ſe delle: *Non eſt qui ſe abſcondat à calore ejus.* Pois quem o naõ acclamará por Filho, naõ ſó do Eſpirito Santo: *Simon-Barjona*; mas por Filho tambem do Eterno Padre, para mais ſe aſſemelhar com Chriſto: *Filius meus es tu. Poſtula à me, & dabo tibi gentes? &c.*

37 Chriſto he verdadeiro Filho de Deos, porque o Padre com huma palavra, a que os Theologos chamaõ *dizer*, o produzio, dandolhe o ſer de Deos. Chriſto, para que a ſemelhança tiveſſe mais propriedade, produzio a S. Pedro, em quanto Vice-Deos, com huma palavra, que tambem foy *dizer*, pela expreſſaõ do Texto: *Dico tibi, quia tu es Petrus.* O Padre gerando o Filho, logo o fez Summo Sacerdote da Ley da graça: *Ex utero ante luciferum genui te. Juravit Dominus, & non pœnitebit eum: Tu es Sacerdos in æternum.* Chriſto fez a S. Pedro Summo Sacerdote da ſua Igreja: *Super hanc Petram ædificabo Eccleſiam meam. Et tibi dabo claves regni cœlorum.* O Padre deu ao Filho juriſdiçaõ ſobre todo o Mundo: *Virgam virtutis tuæ emittet Dominus ex Sion, dominare in medio inimicorum tuorum.* Chriſto communicou à S. Pedro juriſdiçaõ ſobre toda a terra; para que neſte poder o vejamos equivocado ao Filho do Eterno Padre: *Quodcumque ligaveris ſuper terram. Quodcumque ſolveris ſuper terram. Dedit juriſdictionem ſuper mundum.*

Pſal. 109. v. 4. & 5.

v. 3.

§. V.

38 GRande jurisdiçaõ! Consideremos brevemente os effeitos della: *Quodcumque ligaveris. Quodcumque solveris.* Jurisdiçaõ de atar, e desatar. Grande Prelado! Naõ podemos dizer delle, que nem ata, nem desata; porque as suas operaçoens prelaticias, todas saõ atando, ou desatando: *Quodcumque ligaveris. Quodcumque solveris.*

39 Ata S. Pedro, e seus successores de muitos modos. Ata com definiçoens dogmaticas nas materias de Fé, e costumes, para nos naõ apartarmos dellas. Ata, quando nega os Sacramentos a quem os busca indisposto. Ata, quando nega a absolviçaõ a quem está em peccado actual, ou em proxima, e voluntaria occasiaõ delle. Ata, quando aos peccadores habituaes dilata a absolviçaõ, atè que possaõ mostrar emenda. Ata finalmente, com preceitos, com excommunhoens, e outras censuras os obstinados, e pertinazes na culpa, para que se abrandem, e para que se humilhem.

40 Desata S. Pedro com absolviçoens, quando ou sacramental, ou judicialmente absolve, já dos peccados, já das censuras. Desata, quando dispensa, ou faz commutaçaõ nos seus preceitos, e nos nossos votos, ou juramentos. Desata finalmente, quando relaxa as penas, e castigos, ou só merecidos, ou já impostos, aos que estamos em via por modo de remissaõ, e aos que acabaraõ em graça por modo de suffragio, por meyo das Indulgencias, e Jubileos.

41 Estes saõ os actos da jurisdiçaõ de S. Pedro, que tanto tem de arriscados, quanto tem de perigosa a vontade entre o amor, e o odio. O atar he odioso, o desatar he

he favoravel: e que riſco naõ corre huma vontade, para com rectidaõ adminiſtrar os actos odioſos, e favoraveis? Nenhumas almas tem a ſalvaçaõ mais arriſcada, que as dos Prelados. Os Miniſtros, e Julgadores ſeculares lá tem ſeus dias para doutrina. No de hoje, quem me dera repetirvos o que neſte caſo ſentiaõ com experiencia propria S. Gregorio Magno, e S. Pio V. ambos Sũmos Pontifices: S. Carlos Borromeu, e S. Thomás de Villanova, ambos Arcebiſpos: S. Bernardo, e Santo Adelelmo, ambos Abbades. Aquellas Prelaſias, que hoje ſaõ appetecidas com ancia, e procuradas com eſcandalo, temiaõ gravemente eſtes Santos, e outros muitos. E onde eſtá aqui o temor, ou o perigo? Eu cuido, que o riſco eſtá em ſe exercer juriſdiçaõ eſpiritual, no odioſo ſem odio, e no favoravel ſem amor. Eu bem ſey, que hũa, e outra couſa he poſſivel a quem teme a Deos; mas qualquer dellas muy difficultoſa a quem tem carne, e ſangue.

42 Seria tal vez eſta a razaõ de fazer Chriſto Prelado de toda a ſua Igreja ao noſſo Apoſtolo, na occaſiaõ em que o ouvio fallar ſem carne, nem ſangue: *Caro & ſanguis non revelavit tibi.* Deu-lhe entaõ o nome de Pedro, que quer dizer Pedra: *Tu es Petrus, & ſuper hanc petram*; porque para Prelado, com juriſdiçaõ eſpiritual, queria hum homem como de pedra, homem ſem carne, nem ſangue: ſem odio para condemnar, ou atar; ſem amor para deſatar, ou abſolver. O ſuperior preciſamente ha de condemnar, ha de atar; mas ſem odio. Ha de tambem deſatar, ha de abſolver; mas naõ por amor. Condemne, e abſolva, ate, e deſate quem he Prelado; mas ſó por juſtiça.

43 As pedras tambem tem ſuas veas; mas por ellas naõ corre o ſangue. Ainda nas obrigaçoens do ſangue

ha

ha de obrar o Prelado, qual outro Pedro, como se fora de pedra, como se pelas veas lhe naõ correra tal sangue. Mas ainda que de pedra, naõ obrem os Prelados no odioso, como empedernidos. O Iman he pedra; mas o genio della he attractivo. O Sardio tambem he pedra; mas * semelhante à carne humana. Bem poderá o Prelado obrar como pedra, e ser humano. No favoravel seja pedra com veas, e sem sangue: no penoso seja pedra Iman, com entranhas de piedade attractiva; seja como a pedra Sardio, com synceras mostras de humanidade.

*Barthol. Anglicus lib. 16.

44 Para isso naõ he necessario muito: hũa só maxima basta para todo o acerto. E qual he? Que quem he Prelado para atar, ou desatar, para condẽnar, ou absolver, naõ olhe para os sogeitos: attenda para a causa sómente, e para o que a justiça pede, ou pela culpa, ou pelo merecimento. He maxima de Christo, tirada deste Euãgelho.

45 *Quodcumque ligaveris, quodcumque solveris.* Qualquer cousa, que atares; qualquer cousa, que desatares. E porque naõ diz Christo: *Quemcumque ligaveris, quemcumque solveris?* Qualquer pessoa, que atares, qualquer pessoa, que desatares? Os atados com os preceitos, e com as censuras, saõ os homens: como tambem saõ os homens os desatados com as absolviçoens; pois como falla Christo no atar, e desatar, sem se referir ás pessoas, que terminaõ huma, e outra acçaõ? Explica-se neutral, quando falla nos sogeitos: *Quodcumque ligaveris. Quodcumque solveris?* Sim; porque ensinava Christo a S. Pedro, que no condẽnar, e absolver, no atar, e desatar, se houvesse neutral para os sogeitos: e que no exercicio de sua jurisdiçaõ olhasse para o merecimento da causa, e naõ para as circunstancias das

peſſoas: *Quodcumque ligaveris. Quodcumque ſolveris.* Olhar mais para os ſogeitos, que para os merecimentos, he ſeguir mais a vontade, que o entendimento: e ſó eſte propende para acertar; aquelle ſempre ſe move por inclinaçoens, que ſe naõ dirigem ao Ceo, e olhaõ ſó para a terra, e tal vez para as terras, que he peyor ainda.

46 Naõ he iſto o que enſina a politica do Ceo. Lá neſſa Republica celeſtial, onde tudo ſe diſpoem com rectidaõ, e acerto, naõ ſe attende ao que os ſogeitos ſaõ, nem a que ſejaõ deſta, ou daquella parte. Só para os merecimentos ſe olha. Ha no Ceo Anjos, e homens: e para exaltaçaõ, e gloria de cada hum delles, naõ ſe attendeo ao que eraõ, mas ao que tinhaõ obrado. Os Anjos foraõ creados no Ceo, os homens, ainda que Bemaventurados, tiveraõ o naſcimento na terra: e para a preferencia, naõ reparou a Divina diſpoſiçaõ, em que naſceſſem huns cà, e outros lá; ordenou os lugares pelos merecimentos.

47 No Apocalypſe encontrey, e ſempre louvey, huma repoſta, que bem moſtra ſer celeſtial, e dada por hum Anciaõ. Mas he preciſo nos diga primeiro o Euãgeliſta, qual foy a pergunta, que a excitou: *Hi qui amicti ſunt ſtolis albis, qui ſunt, & unde venerunt?* Eſtes celeſtes habitadores, que vejo veſtidos de branco, quem ſaõ, e donde vieraõ? Já eu eſtranho a pergunta. Reparar nos ſogeitos: *Qui ſunt?* E attender donde ſaõ: *Et unde?* Iſſo naõ póde ſer bem aceito na Curia celeſtial. A repoſta abona a minha cenſura: *Hi ſunt qui venerunt de tribulatione magna, & laverunt ſtolas ſuas, & dealbaverunt eas in ſanguine Agni. Ideo ſunt ante thronum Dei.* Eſtes (quer dizer) padeceraõ grande tribulaçaõ no Mundo: purificaraõ ſuas almas no ſangue que derramou

Apoc. 7. v. 13.

Ibid. v. 14.

ramou Christo, e por isso assistem diante do throno de Deos.

48 Naõ vos parece esta reposta incoherente à pergunta? Se a duvida se excita, sobre quem cada hum delles he: *Qui sunt*; se a pergunta se estende a saber, donde cada hum delles seja: *& unde*; como a reposta só diz, o que elles obraraõ, e padeceraõ? *Venerunt de tribulatione magna, & laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in sanguine Agni?* Porque no Ceo naõ se attende para os sogeitos, nem se repara donde elles saõ. Examinaõ-se as obras, e os merecimentos, e só por este respeito se distribuem os lugares: *Ideo* (nota y a força desta causal) *Ideo sunt ante thronum Dei.* Como se dissera a reposta do prudente, e venerando Anciaõ: Quem reparar na dignidade, e nos lugares, que occupaõ estes ditosos assistentes do Divino throno, e quizer saber os meyos por onde sobiraõ a tanta gloria; nem examine o que elles saõ: *Qui sunt*; nem menos pergunte donde saõ: *& unde*; porque no Ceo naõ se attende a isso, só se olha para as obras, e merecimentos de cada hum: *Venerunt de tribulatione magna, & laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in sanguine Agni. Ideo sunt ante thronum Dei.*

49 Reyno do Ceo se intitula a Militante Igreja: *Regnum cœlorum præsentis temporis Ecclesia dicitur*: e fora hum Ceo o estado Ecclesiastico, se nelle houvera esta ordem de se attender só para os merecimentos, e naõ para os sogeitos, pelo que saõ, e menos porque viessem desta, ou daquella parte. Mas se a primeira informaçaõ àcerca dos sugeitos, for: *Qui sunt, & unde venerunt?* Militante será a Igreja; Ceo, naõ comprehendo como o poderá ser neste caso. Porém pouco importa, que o naõ comprehenda eu; o ponto he, que o comprehendaõ aquelles, que participarem da vastissima juris- D Greg. Pap. Homil 12. in Euang.

diçaõ de S. Pedro, que por todo o Mundo se estende: *Quodcumque ligaveris super terram. Quodcumque solveris super terram. Dedit jurisdictionem super mundum.*

§. VI.

50 ENtremos a ver agora, o como S. Pedro tambem se exalta no Inferno. He este o terceiro Reyno, em que se exalta esta Pedra; porque tambem no Inferno tem S. Pedro jurisdiçaõ: *In petra exaltavit me. Portæ inferi non prævalebunt. Dedit jurisdictionem super infernum.* Muito se alegrou a minha devoçaõ, quando em meu Padre S. Bernardo li, que S. Pedro no Ceo está collocado no seyo do Eterno Padre: *Petrus in sinu Patris.* O Euangelista escreve, que no seyo do Padre está o Unigenito Filho de Deos: *Unigenitus Filius, qui est in sinu Patris*; mas como S. Pedro he Vice-Deos, e na terra he o lugartenente de Christo, congruencia houve, para se lhe dar no Ceo o lugar de Christo, Unigenito Filho de Deos. Esta seria a razaõ, porque na volta que o Verbo fez, recolhendo-se da terra para o Ceo, lhe deu o Padre assento à sua maõ direita: *Sede á dextris meis*, que como na terra deixava Christo o seu lugar a S. Pedro, congruente era, que tambem no Ceo dèsse o Eterno Padre a S. Pedro o lugar de Christo: *Unigenitus Filius, qui est in sinu Patris. Petrus in sinu Patris.* E com tudo lá tem S. Pedro certa assistencia ás portas do Inferno, onde está presente por sua jurisdiçaõ, com a qual reprime continuamente o impeto dos demonios contra a Igreja.

D. Bern. serm. 23. sup. cant. Joan. 1. v. 18.

51 Bem sabeis, que S. Pedro he a Pedra Fundamental da Igreja, lançada nos alicesses della: *Super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* Notou S. Agostinho, que

que se medem os alicesses pelos edificios. Quanto mais sobem estes, tanto mais descem, e se profundaõ aquelles: *Quanto erit majus ædificium, tanto altius fodit fundamentum.* O edificio da Igreja Militante he taõ alto, que sobe atè os Ceos, a unirse com a Igreja Triunfante: logo o alicesse da Igreja ha de ser taõ fundo, que chegue ao centro da terra, onde està o Inferno. Admiravelmente Joseph Mansio: *Ecclesia hic in terris etiam nunc militans, cum Ecclesia triumphante unitur in cœlis: fundamentum vero ejusdem fabricæ ipsismet inferni portis, proximè, & potestativè imminet.* Taõ profundo como isto, he o alicesse da Igreja, e lá se lançou a Pedra Fundamental, que he S. Pedro, para subjugar o Inferno. E he taõ alta excellencia para S. Pedro, ter authoridade, e jurisdiçaõ para submeter a seus pés as infernaes potencias, que tal vez mais o exalte esta terceira Coroa de Rey do Inferno, que as duas com que o vimos exaltado por Rey do Ceo, e Rey da terra. A Coroa de Rey do Ceo, he credito para Christo, que ao seu Vigario assim quiz exaltar, para gloria sua. A Coroa de Rey da terra mais he dada, que adquirida, porque se funda na delegaçaõ de Christo, e na submissaõ com que os homens reconhecem felizmente a S. Pedro por seu Pastor; e naõ tem de que se gloriar o braço, que naõ cortou o louro para se coroar. A Coroa de Rey do Inferno està S. Pedro adquirindo cada dia a fios daquella espada, que desembainhou no Horto; porque se coroa dos triunfos, q̃ cada dia tem contra o demonio: *Portæ inferi non prævalebunt*; por isso talvez mais estimavel esta Coroa, que as mais.

Augustin. serm. 10. de verbis Domini.

Manss. Disc. 4. de S. Petr.

52 Bem sabeis, que entre os filhos de Jacob, foy Joseph aquelle, a quem o pay mais amava, e a quem mais devia. Na morte testando Jacob de seus bens, deixou a Jo-

a Joseph huma herdade, que tinha junto à Cidade de
Genes. 48. v. 22. Sichar, a cuja herança naõ entraraõ os mais irmãos: *Do tibi partem unam extra fratres tuos, quam tuli de manu Amorrhæi in gladio, & arcu meo.* He privilegio do mais mimoso, levar o que mais se estima: pois que condiçoens tinha aquella herdade, que a fizessem mais estimavel, e por isso reservada para o mais querido? O Texto as declarou: *Quam tuli de manu Amorrhæi in gladio, & arcu meo.* Aquella herdade naõ foy herança, que advieſſe a Jacob por patrimonio, ou por sorte: naõ foy compra, que se adquirisse por preço; foy tomada à força de armas, e por valor de seu braço. A espada grangeou para Israel na vida, o de que fez mimo a Joseph na morte. Pois com razaõ he mais appreciavel, e mais estimada essa herdade: *Do tibi partem unam extra fratres tuos, quam tuli de manu Amorrhæi in gladio, & arco meo.*

53 Assim no conceito de Jacob a herdade, que por seu valor adquirio junto a Sichar: e da mesma sorte na estimaçaõ de S. Pedro, a Coroa de Rey do Inferno, que lhe adquirem os triunfos continuos, que cada dia consegue das infernaes potencias. Saõ triunfos, que mais se estimaõ, porque fabricaõ a Coroa, que mais exalta a S. Pedro. Naõ buſquemos novo Texto para o confirmar, tornemos à memoria o que huma vez tocamos: *In Petra exaltavit me, & nunc exaltavit caput meum super inimicos meos.* Exaltou Deos a noſſa Pedra, quando coroou a S. Pedro. Diz porém o grande Apoſtolo, que se exaltou a sua cabeça, quando sobre seus inimigos se exaltou. Já assentamos, que com tres Coroas se exalta a cabeça de S. Pedro. A primeira o exalta no Ceo, a segunda na terra, e a treceira no Inferno: *Exaltavit caput meum, coronando me coronis regnorum. Veluti Regis terræ,*

terræ, cæli, & inferni. Pois se saõ tres os Reynos; se saõ tres as Coroas: *Tribus coronis caput Petri redemitum fuit;* como poem S. Pedro em huma só coroa a sua exaltaçaõ? Como só julga a sua cabeça exaltada, quando considera nella a Coroa de Rey do Inferno: *Et nunc exaltavit caput meum super inimicos meos?* Porque esta Coroa he a que S. Pedro consegue aos fios da sua espada, por meyo dos triunfos, que cada dia alcança do Inferno, e dos demonios, que saõ os inimigos de S. Pedro, e da sua Igreja: e comparada esta Coroa com as mais Coroas, nella mais que nas outras, se vè exaltado S. Pedro: *Exaltavit caput meum super inimicos meos.*

54 Se bem, naõ faltaria fundamento, para discorrermos, que esta Coroa de Rey dominante do Inferno, de pouca exaltaçaõ pòde servir a S. Pedro; porque se o triunfo de inimigos poderosos, he gloria, vencer a quem està rendido, naõ he credito. Glorie se David, por triunfar de hum gigante armado, e valeroso; mas naõ se jacte o exercito de Saul, por destruir o dos Filisteos, vendo morto o Goliath fortissimo, que os animava; porque jà entaõ a victoria mais era offerecida pela fraqueza dos Filisteos, que conseguida pelo esforço de Israel. Naõ de outra sorte as victorias de S. Pedro contra o demonio: mais parecem fraquezas do Inferno, que valentias de S. Pedro: mais parecem occasionadas do muito que o Inferno teme, que do muito que S. Pedro pòde; porque suppoſto seja grande o poder de S. Pedro contra o demonio, mayor ainda he a fraqueza do Inferno, intentando conspirar contra S. Pedro. 1. Reg. c. 17.

55 Quando Christo deu a S. Pedro jurisdiçaõ no Inferno: *Dedit jurisdictionem super infernum*, consta

que lhe fallou aſſim: *Portæ inferi non prævalebunt*; o Inferno naõ prevalecerá contra a Igreja fundada em Pedro. Eſtranho eſte dizer, e reparo aſſim. A Jacob aſſegurou Deos, prevalecer contra ſeus inimigos: *Contra homines prævalebis.* E diz o Salamaõ Hiſpalenſe meu Padre S. Iſidoro, com o Doutor Maximo S. Jeronymo, que em Jacob ſe figurava a Igreja: *Jacob portat imaginem Eccleſiæ.* Pois ſe da Igreja figurada em Jacob, diz a promeſſa Divina, que ha de prevalecer: *Prævalebis*, como à meſma Igreja fundada em Pedro, naõ promette Deos com a meſma frazi, que ha de prevalecer? Como lhe aſſegura ſómente, que naõ prevaleceraõ os inimigos della: *Non prævalebunt?* Pela differença, que ha entre a Igreja figurada em Jacob, e a meſma Igreja fundada em S. Pedro. Sempre a Igreja hade prevalecer contra os Antegoniſtas della; mas lá naquella figura a victoria eſteve no eſforço de Jacob: *Prævalebis.* Cá neſta realidade, o vencimento conſiſte na fraqueza dos inimigos: *Non prævalebunt.* Jacob era valente: *Fortis fuiſti*; mas naõ tanto, que o ſeu eſforço enfraqueceſſe os ſeus inimigos: por iſſo era neceſſario pelejar, e vencellos, para triunfar: *Contra homines prævalebis.* S. Pedro he tanto mais eſforçado, que baſta o ſeu nome, para enfraquecer o Inferno: por iſſo naõ conſiſtem os ſeus triunfos no ſeu valor; conſiſtem na fraqueza, que o demonio ſente, ſe conſpira contra S. Pedro: *Portæ inferi non prævalebunt.*

Geneſ. c. 32. v. 28.

D. Hier.

D. Iſidor.

Geneſ. cit.

56 Tanto he o terror, e o deſmayo do nome de S. Pedro para os demonios, que ouvido elle, todo o Inferno treme. Proferido o nome glorioſiſſimo de Jeſus, ajoelha o Inferno: *In nomine Jeſu omne genuflectatur, cæleſtium, terreſtrium, & infernorum.* Oh virude de taõ Santo, tremendo, e venerando nome! Com tudo

ainda

ainda lá lhe ficaõ forças, para conſpirar debalde contra taõ ſagrado nome. Ouvido porém o nome de S. Pedro, tanto treme o Inferno todo, que as ſuas forças ficaõ totalmente proſtradas, e enfraquecidas. De ſorte que para o demonio lutar contra a Igreja, he preciſo, que ſe calle o nome de S. Pedro: e ſe o proferirmos, tanto ſe enfraquece o Inferno, que naõ pode continuar as lutas, que contra a Igreja move. Oh glorificado ſeja ſempre Deos, que taõ tremendo fez para o Inferno o nome de ſeu Vigario!

57 Naõ ſey ſe advertiſtes já no que eu agora heyde reparar. No Horto perguntou Chriſto aos Judeos, a quem buſcavaõ: *Quem quæritis?* E reſpondendo elles que buſcavaõ a JESUS Nazareno: *JESUM Nazarenum*; lhes diſſe o Senhor: *Ego ſum*; Eu ſou. Neſte ponto cahiraõ por terra aquelles infernaes miniſtros: *Ut ergò dixit eis, Ego ſum, abierunt retrorſum, & ceciderunt in terram.* Levantaraõ-ſe porém, e tornaraõ com a meſma pertinacia, proſeguindo na ſua odioſa barbaridade. Perguntaõ depois a S. Pedro, ſe era elle Diſcipulo tambem de Chriſto? Reſpondeo duas vezes o Apoſtolo, que naõ era: *Non ſum.* Eu naõ preſumo, que eſta reposta foy ſem myſterio. No Horto à viſta de hum eſquadraõ armado, tanta valentia em S. Pedro, que entrou logo a cortar, e ferir: e pouco depois taõ fraco? Ao principio, querendo-ſe moſtrar; e depois encobrindo-ſe, e occultando o nome: *Non ſum?* Myſterioſamente, ſim; porque ſe S. Pedro alli diſſera: *Ego ſum*; ſe dera a ſe conhecer alli, de tal ſorte deſmayariaõ aquelles miniſtros do Inferno, que perderiaõ as forças com que acometiaõ a Chriſto. E como naõ era conveniente à ſalvaçaõ do Mundo, impedirſe a Paixaõ de Chriſto, preciſo foy callarſe o nome de Pedro, para que naõ

Joan. 18.

def-

deſmayaſſem de todo os miniſtros do demonio, barbaros executores de noſſa Redempçaõ.

58 Quando elles ouviraõ da boca do Senhor, que era o JESUS a quem buſcavaõ, cahiraõ deſmayados; mas levantaraõ-ſe, permittindo-o aſſim o meſmo Deos. Se ouviraõ o nome de Pedro, haviaõ de cahir, naõ conſentindo Deos, que ſe levantaſſem. Para confirmaçaõ diſto reparay, que ferindo S. Pedro o criado do Pontifice, naõ houve quem ſe lhe atreveſſe. Pois ſe aquella gente armada, furioſa, e ſacrilega, tem mãos para Chriſto, como naõ tem ouſadia para S. Pedro? Taõ valentes contra o Meſtre, e contra o Diſcipulo taõ fracos? Ora o certo he, querer Deos, que S. Pedro proſtre, e enfraqueça o Inferno. Pezame, que o naõ diceſſe Origenes, Teofilacto, ou algum dos antigos commentadores. Mas para que, ſe temos Texto no Euangelho, que baſtantemente o diz: *Portæ inferi non prævalebunt.* Permitte Deos para a noſſa Redempçaõ, que o Inferno conſpire contra Chriſto, ainda depois de ouvir o nome de JESUS; mas depois de ouvir o nome de Pedro, quer que fique deſmayado o Inferno. Por iſſo diſpondo a Providencia, que Chriſto ſe déſſe a conhecer por JESUS no Horto: *Ego ſum*, permittio que S. Pedro ſe naõ déſſe a conhecer em Jeruſalem por Pedro: *Non ſum.*

59 Hoje pois, que para gloria de Deos, ſe ouve em toda a Igreja, e por todo o Mundo ſoa o nome de S. Pedro, bem ſe póde alegrar a Chriſtandade toda; porque com a protecçaõ deſte Principe, ſegura eſtá a Igreja dos infernaes inſultos. Quando Jacob voltava de Meſopotamia para a ſua patria, encontrou huns Anjos, a que elle chamou eſquadroens de Deos, porque lhe appareciaõ para o defender: *Fueruntque ei obviam Angeli Dei,* Geneſ. 32 v. 1.

quos

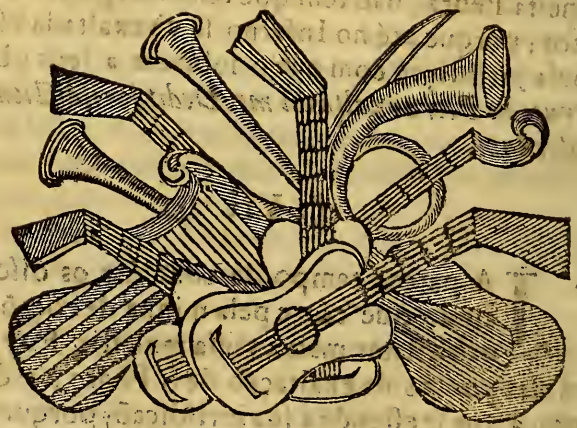
quos cùm vidisset, ait: Castra Dei sunt hæc. E com tudo hia Jacob bem temeroso: *Timuit Jacob valdè.* Quando v. 7.
porèm sahia de Canaan fugindo às iras de Esaù, anoitecendo-lhe no caminho, descançado dormia solitario, fazendo almofada de huma pedra: *Tulit de lapidibus, qui* Genes. 28.
jacebant, & supponens capiti suo dormivit. Pois taõ des- v. 11.
cançado agora, quando tem mais que recear? Agora he que dorme, quando o horrendo, e sombrio da noite, e do lugar, bastavaõ para o assustar? Sim, que estava Jacob recostado sobre huma pedra: e se em Jacob estava figurada a Igreja: *Jacob portat imaginem Ecclesiæ*, na pedra se representava S. Pedro, que he da Igreja a Pedra Fundamental: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam*, e bem pòde a Igreja fundada sobre a Pedra de Pedro descançar segura. Fundada nesta Pedra, naõ tem que temer a Igreja infernaes insultos; porque até no Inferno se vè exaltada esta Pedra, pela jurisdiçaõ com que o submete a seus pès: *Tu es Petrus. In Petra exaltavit me. Dedit jurisdictionem super infernum.*

§. VII.

60 JA parece tempo de concluir os discursos, ainda que córte pela minha devoçaõ, para naõ dilatar mais a vossa molestia. Fuy extenso nos tres pontos da exaltaçaõ de S. Pedro, e das tres Coroas, a que se estende a sua jurisdiçaõ; porque entrou o affecto a supprir, o q̃ a intelligencia naõ pode. E naõ ignoro, que a S. Pedro será mais aceita a devoçaõ com que o adoro, que o estudo com que o louvo. E tambem alcanço, que naõ haverá Orador, que chegue a formar hum cabal, e digno elogio de S. Pedro. Como havia eu

exaltar

exaltar as Coroas de S. Pedro, ſe a mayor gloria de qualquer Monarca, he arrojar Coroas aos pès dos ſucceſſores deſte glorioſo Principe? A voſſos pès, Monarca ſoberano da Militante Igreja, conſagro eſtes meus diſcurſos; para que fiquem exaltados, e coroados elles: e eu ditoſo, ſe merecermos hoje, que lá do throno celeſte nos deiteis huma bençaõ Apoſtolica, com indulgencia pleniſſima, e por meyo della huma copioſa infuſaõ da graça do Eſpirito Santo, de quem ſois filho; com a qual mereçamos coroarnos, e reynar comvoſco nas perpetuas eternidades da gloria.



SER-

SERMAM XIII.

DA

CONCEIC,AÕ IMMACULADA

DE

MARIA SANTISSIMA,

Emperatriz do Univerſo, e advogada dos peccadores.

DEMONSTRAC,AM PANEGYRICA

do grao altiſſimo de graça, em que foy concebida a Mãy puriſſima de Deos.

Na Parochial Igreja da Conceiçaõ da Bahia,

Anno de 1715.

De qua natus eſt JESUS. Matth. c. 1.

§. I.

1 DISSONANTES parecem hoje as vozes do Euangelho aos clamores da ſolemnidade. Porque declarando o Euangelho a Maria Santiſſima por Mãy de Deos: *De qua natus eſt JESUS*, a ſolemnidade ſe empenha nos applauſos de ſua Conceiçaõ puriſſima: *Conceptio glorioſæ Virginis Mariæ.*

2 E como podem ao meſmo tempo encontrarſe differenças

ferenças taõ encontradas do tempo, quaes entre ſi vem a ſer o inſtante da Conceiçaõ, e a hora da Maternidade? A Conceiçaõ diz muitos mezes antes de naſcer: e a Maternidade ſuppoem muitos annos depois do naſcimento. Pois ſe o inſtante da Conceiçaõ, e a hora da Maternidade encerraõ em ſi, naõ ſó tanta oppoſiçaõ, mas tambem taõ longo intervallo, como encontramos nòs em hum meſmo dia, e na meſma hora, a Conceiçaõ, e a Maternidade? A Conceiçaõ nas vozes da Igreja: *Conceptio gloriosæ Virginis Mariæ*: e a Maternidade nas clauſulas do Euangelho? *De qua natus eſt JESUS?*

3 Certo, que taõ encontrada occurrencia, naõ he o embaraço menor para os Oradores deſte dia. Mas ſe nos empenharmos em deſcobrir o myſterio, que neſta difficuldade ſe encerra, julgaremos acerto, o que parecia implicancia. Se conſultarmos os Padres, havemos achar por concluſaõ uniforme, que Maria Santiſſima foy concebida com o ſupremo deſtino de ſer Mãy de Deos. E de tal ſorte, que naõ ſeria concebida Maria Santiſſima neſte Mundo, naõ havendo de naſcer della o Divino Verbo. Supponde, que naõ peccava Adaõ. Perguntaõ os Theologos, ſe neſſe caſo encarnaria o Filho de Deos? Santo Thomás com toda a ſua Eſcola diz que naõ. E ſeria ainda aſſim concebida Maria Santiſſima, naõ havendo de encarnar nella o Filho de Deos? Todos os Padres da Igreja, com o Douriſſimo Idiota, e Santo Ephrem, reſolvem que naõ: *Tota pulchra es in tua Conceptione, ad hoc ſolum effecta, ut templum Dei eſſes Altiſſimi.* Bem: pois eiſ-ahi a razaõ de ſe fazer memoria da Maternidade deſta Senhora, quando a ſua Conceiçaõ ſe applaude. Porque tanto ſe talhou a ſua Conceiçaõ com os olhos em ſua Maternidade, que naõ chegaria Maria Santiſſima a conceberſe, caſo em que

Idiot. de contempl. Deip. c. 2. D Ephr. ſerm. de Transf.

naõ

naõ houveſſe de ſer Mãy de Deos.

4 Daqui infiro eu, (cuido que com acerto) que quem quizer ponderar a Conceiçaõ de Maria Santiſſima, os dotes, e as graças, que logrou no ſeu primeiro inſtante, ha de pôr os olhos na altiſſima excellencia de ſer Mãy de Deos, cuja dignidade era o unico motivo de ſua Conceiçaõ, e o fim ultimo de ſer concebida.

5 Quando os mareantes querem tomar a altura da Eſtrella, obſervaõ-lhe o meridiano. Eſtrella foy Maria Santiſſima em ſua Conceiçaõ, como diz o meu grande Arcebiſpo de Cantuaria Santo Anſelmo: *Hodie concepta eſt ſtella cœli.* Ou como eſcreve S. Andrè Cretenſe: *Stella ſplendida:: quia per operationem Dei fuit concepta.* E quem quizer ſaber a altura, e graos da Divina graça, com que eſta luzida Eſtrella reſplandeceo em ſua Conceiçaõ, ha de medilla pelo meridiano de ſeus reſplandores: iſto he, pela Maternidade. Porque quando a Senhora concebeo em ſeu ventre o Filho de Deos, certo he que eſteve no zenith de ſeus luzimentos.

D. Anſ. ſerm. de Concept. B. M. D. Andr. Cret. de Beat. V. p. 3. contempl. 6.

6 Diz o Euangeliſta S. Mattheus, que S. Joſeph naõ conhecia ſua adorada Eſpoſa Maria Santiſſima, atè a hora de ſeu parto feliciſſimo: *Et non cognoſcebat eam, donec peperit filium ſuum primogenitum.* Neſtas palavras, em que ſacrilegamente reparou o temerario Helvidio, entra o meu reſpeito a notar, e pergunto aſſim. E poderia ſer, que S. Joſeph, ſendo o Eſpoſo daquella Virgem, conhecendolhe os mais intimos ſegredos de ſeu peito, a naõ conheceſſe antes da hora do parto? Sim, no ſentido em que deve ſer entendido o Euangeliſta.

Matth. c. 1. v. 25.

7 Fallava S. Mattheus do conhecimento, que S Joſeph chegou a ter da graça de Maria Santiſſima: e nem ainda o meſmo Eſpoſo Santiſſimo de Maria, intimo ſecretario de ſeus myſterios, chegou a conhecer perfeitamente

mente a graça em que fora Maria Santiſſima concebida; ſenaõ quando na hora do parto nos deu em Belem o Filho de Deos ao Mundo: *Non cognoſcebat eam, donec peperit filium ſuum primogenitum*: diz o Texto. *Nato Domino, à Numine revelatum eſt ei, ſpecialiſſimam gratiam Dei præveniſſe originale peccatum, in puriſſima Genitricis Conceptione*, diz o muy douto Biſpo de Gadis.

Guer. de B.V. tom. 1. Clyp. cõc. lib. 5. c. 12

8 Iſto ſuppoſto, e tambem ſuppoſto, que me preciſa o dia, e a devoçaõ a diſcorrer ſobre a Conceiçaõ puriſſima de Maria ſempre immaculada; nem hum ſó ponto apartarey a conſideraçaõ deſta Senhora em quanto Mãy de Deos: *De qua natus eſt JESUS.*

9 Jà ſabeis, que concebendo-ſe Maria Santiſſima para Mãy de Deos, havia ſer em graça, e ſem macula da culpa de Adaõ. Se o naõ ſuppuzera aſſim, eſcandalizara a voſſa piedade. Mas o que eu com alguma novidade quizera deſcobrir, he, quam grande ſeria a graça, em que foy eſta Senhora concebida? Quam intenſa a graça, que teve Maria Santiſſima em ſua Conceiçaõ?

10 Ponho o Euangelho à viſta, e os olhos na Senhora em quãto Mãy de Deos: *De qua natus eſt JESUS*, e digo, que já em ſua Conceiçaõ teve a Senhora tanta graça, quanta depois teve, quãdo actualmente cõcebeo, e foy Mãy de Deos. De ſorte, q̃ (como depois veremos) tanta foy a graça da Conceiçaõ, quanta foy a graça da Encarnaçaõ; porque a graça, que a Senhora tinha quando concebeo, era a meſma que teve, quando ſe concebia.

11 Notay agora, para cabal intelligencia deſta reſoluçaõ. He doutrina de muitos Padres, que a graça da Senhora naõ ſe lhe augmentou, nem creſceo mais, tanto que concebeo o Divino Verbo; porque na Encarnaçaõ chegou ao ultimo auge, a que podia ſobir. Tanta julgo

julgo eu que foy a graça, que a Mãy de Deos teve no instante em que se concebeo; porque quando a omnipotente mão preservou a Maria da macula original, lhe infundio logo huma enchente de quanta graça tinha destinada para sua Mãy Santissima: *Nimiam equidem venustatem Maria obtinuit in sua Conceptione, dum ei cum gratiarum omnium plenitudine, simul etiam immaculatam contulimus innocentiam.* Disse o Padre Bonherba. Para que o discurso me desempenhe o assumpto, e já no instante da Conceiçaõ vejamos na Mãy de Deos possuida a graça em taõ alto grao, imploremos por intercessaõ da Senhora o auxilio da Divina graça.

Bonh. tom. 2. problem. in die festivo Annunt. n. 33.

Ave Maria.

§. II.

De qua natus est JESUS.

12 QUe Maria Santissima he Mãy de Deos, assim o diz o Euangelho: e que tivesse toda aquella graça, que para taõ alta dignidade se requeria, sacrilegio fora duvidallo. Por sacrilegio tinha, naõ sey se a politica, ou se a lisonja dos Imperiaes, chegasse a duvidar no merito dos que para algum grao honorifico eraõ eleitos do Cesar: *Sacrilegii instar esse dubitare, an dignus sit, quem elegerit Imperator.* Tanto era o acerto, que aos Emperadores tinha consagrado o respeito, que huma leve consideraçaõ bastaria para offendello. E como se imaginaria sem grande temeridade, que em Maria Santissima faltasse a graça, que a dignificasse para Mãy de Deos, sendo esta a mais sublime eleiçaõ, que entre todas as creaturas fez a Providencia Divina?

L. 2. c. de crim. sacril.

13 He Theologia sem controversia, que quando

Deos para algum fim elege huma creatura, a faz digna deſſe tal eſtado. E como Deos elegia a Maria Santiſſima para ſer Mãy ſua, neceſſariamente lhe devia dar a graça, que ſe requeria para ſer Mãy de Deos. Ouvi a S. Bernardino de Sena: *Regula firma eſt in Sacrâ Theologiâ, quod quandocumque Deus per gratiam aliquem eligit ad aliquem ſtatum, omnia bona illi diſpenſet, quæ illi ſtatui neceſſaria ſunt, & illum copiosè decorant.* Mais propriamente para o noſſo intento o Doutor Angelico: *Habuit ſufficientem gratiam ad ſtatum illum, ad quem electa eſt à Deo, ſcilicet ut eſſet Mater Unigeniti ejus.*

D. Bern. tract. de B.V. ſ. 10. a 2. c. 1.

D. Thom.

14 Iſto aſſentado, como indubitavel, entra agora a duvidar o noſſo aſſumpto, e a perguntar a noſſa eſpeculaçaõ. E quando teria a Senhora toda aquella graça, que a conſtituiſſe digna de ſer Mãy de Deos? A repoſta de muitos Theologos, ſeguindo a S. Joaõ Damaſceno, Santo Anſelmo, Santo Thomás, Guerrico Abbade, e ao ſubtiliſſimo Eſcoto, he: que a Senhora tivera a graça em ultima conſummaçaõ, e ſupremo auge, quando em ſeu puriſſimo ventre concebeo o Divino Verbo. Confeſſaõ, que a Senhora foy concebida em graça, para ſer Mãy de Deos; mas dizem, que naõ tivera logo na Conceiçaõ toda aquella graça, que era devida à meſma Senhora, por Mãy de Deos já deſtinada; porque eſta, ſó dizem, a logrou no dia da Encarnaçaõ.

15 De maneira, que na doutrina deſtes Authores, e Padres, foy Maria Santiſſima concebida em graça: mas eſta graça da Conceiçaõ foy creſcendo até o dia em que a Senhora naſceo. No naſcimento foyſe-lhe augmentando a graça, atè ſe appreſentar em o Templo. Do dia da Appreſentaçaõ foyſe-lhe multiplicando a graça, atè o ponto em que concebeo o Divino Verbo: e dahi em diante naõ creſceo, nem ſe lhe augmentou mais a graça.

ça. Ouvi a Santo Thomás: *In Conceptione Filii consummata est gratia.* Funda-se em boa razaõ, e he: porque em quanto Maria Santissima naõ concebeo o Divino Verbo, ainda tinha mais alta dignidade a que sobir na ordem sobrenatural. Logo proporcionadamente, ainda a graça tinha grao mais alto a que chegar. Porèm, como em chegando Maria Sãtissima a ser Mãy de Deos, nem tinha mais dignidade, nem podia ter mais gloria a que sobir, tambem naõ tinha mais graça, que receber: porque a graça, como ensinaõ os Theologos, dasse-nos segundo a gloria, e dignidade a que chegaremos nella. D. Thom. 3. p. q. 27. a. 5. Theol. cõmuniter cum Suar. tom. 2. lib. 7. c. 5. n. 8.

§. III.

16 MAs eu com licença de huma doutrina taõ bem fundada, cuido, (naõ por encarecimento, mas sinceramente) que a Immaculada Virgem Maria, logo no primeiro instante de sua Conceiçaõ purissima, teve toda aquella graça, que lhe era necessaria para ser Mãy de Deos: e taõ intensa já no dia da Conceiçaõ, como no da Encarnaçaõ. De tal sorte, que a graça em Maria Santissima careceo de augmento na Encarnaçaõ: *Maria incapax augmenti gratiæ*, diz o Bonherba; porque já dantes foy na Senhora taõ abundante a graça, como na Conceiçaõ do Verbo poderia ser. Bon. supr. cit in Sabbat. Dom. 5. Quadr. n. 6. margin.

17 Para que com melhor agrado fique a conclusaõ de meu assumpto recebida, ouvi-a da boca do meu Melifluo Doutor S. Bernardo: *Beatæ Virgini omnia illa privilegia statim in prima sanctificatione sunt concedenda, quæ eam reddant dignioremad maternitatem Verbi.* Até aqui bastava, nem se requeria, que dissesse mais; porèm ouvi, que continùa ainda: *Etenim Deus à principio, talem* D. Bern. apud Ægid. Lusit. de immacul. Conceptlib 4. q. 3. art. 5. n. 6.

lem ſibi fecit Matrem, qualem ſe decebat intelligebat, & qualem ſibi noverat placituram. Quer dizer. Havemos de affirmar, e conceder, que Maria Santiſſima na ſua primeira ſantificaçaõ (que foy no inſtante da Conceiçaõ) teve logo todos os privilegios da graça, que mais a fariaõ digna de ſer Mãy de Deos; porque logo no principio de ſeu ſer creou Deos a ſua Mãy Santiſſima, daquella ſorte, que ſabia, e tinha previſto, mais lhe agradaria depois.

18 De ſorte, que os privilegios mais eſtimaveis da graça, communicados a Maria Santiſſima, logo ſe lhe concederaõ com a graça, e juſtificaçaõ em que ſe concebeo: *Statim in prima ſanctificatione ſunt concedenda.* Porque prevendo a eterna Sabedoria o grao, e intenſaõ de graça, com que mais lhe agradaria a Senhora, eſſa meſma lhe concedeo no principio de ſua creaçaõ: *A principio talem ſibi fecit Matrem, qualem ſe decebat intelligebat, & qualem ſibi noverat placituram.*

19 Eſta a doutrina de Bernardo, e de outros Padres, e Authores, que iraõ calificando, e ennobrecendo o noſſo diſcurſo: e delles patrocinado, poſſo proſeguir ſeguro, em que tanta graça teve a Senhora quando foy concebida, quanta logrou depois, e ainda na hora em que concebeo o Divino Verbo; porque logo no ſeu primeiro inſtante poſſuhio aquella conſummada enchente de graça, que lograria depois em toda a vida.

20 A graça he repreſentada nas aguas, como diz Origenes com Santo Ambroſio: e a graça da Senhora naõ imita as aguas dos rios, que ſendo em ſeus principios pequenas fontes, creſcem depois Oceanos abbreviados. He como as aguas do mar, que de ſua origem teve a meſma copia de ondas, q̃ hoje conta: *Maria id eſt mare gratiarum*, diz o Abbade S. Sabba. Naõ foy como o rio

D. Sabb. in Menæis Græc. die 8. Febr.

o rio Fizon, menos como o Tigris, taõ pouco foy como o Eufrates, cujas aguas creſcem. Foy porèm como o rio Nilo, que como ſenaõ tivera fonte, e todo fora madre, occultou a origem em que naſceo regato: *Sicut Nilus in maximis fervoribus, ita Maria*, diz Erneſto. Ernest. in Mar. c. 25.

21 Com elegancia, e com verdade, hum, e outro Author; porque o caudaloſo Nilo, ou immenſo mar da graça de Maria Santiſſima, nunca ſe vio limitada fonte, nunca ſe lhe multiplicaraõ as ondas: porque mais que o Nilo, e que o Oceano, teve logo em ſua Conceiçaõ taõ conſummada enchente de graça, quanta logrou no dia da Encarnaçaõ, e conſequentemente por toda a vida. Em tal fórma, que ſe no dia da Encarnaçaõ pertendeſſe Deos premiar de novo aquella rara humildade da Senhora: *Ecce ancilla Domini*, ſe acharia como empobrecido, pois naõ reſtava jà mais graça, que ſe conferir a Maria; porque já no dia da Conceiçaõ ſe lhe déra, quanta á Mãy de Deos ſe podia conceder. Luc. c. 1.

22 Com os olhos no dia da Encarnaçaõ, fallavaõ entre ſi as tres Divinas Peſſoas, ao noſſo modo de entender, na expoſiçaõ do Doutiſſimo Padre Bonherba, e aſſim diziaõ: *Quid faciemus ſorori noſtræ in die quando alloquenda eſt?* Que faremos Nòs à Virgem Maria noſſa irmãa no dia da Encarnaçaõ, em o qual nos há de fallar, quando com eſtupenda humildade reſponder à myſterioſa embaixada, que de noſſa parte lhe propuzer o Archanjo? Notavel conſulta na verdade! He ſem duvida, que os merecimentos dos juſtos tem por premio neſta vida o augmento da graça, que já lograõ, e na outra vida a gloria. Pois ſe a duvida era ácerca do premio, que a taõ meritoria humildade da Senhora ſe havia dar ainda neſta vida, no dia da Encarnaçaõ: *In die quando alloquenda eſt*, naõ era evidente, que com ſe Cant. 2. v. 8.

lhe augmentar a graça, ficaria todo o merecimento da Senhora premiado condignamente? Parece que sim. Mas o certo he, que neſſe meſmo augmento da graça, eſtava toda a difficuldade do negocio, e toda a impoſſibilidade do premio.

23 Notay. Já Deos tinha dado a Maria Santiſſima com mão bem larga, em ſua puriſſima Conceiçaõ, toda a graça, que ſe lhe podia conceder naquella hora, e na da Encarnaçaõ, e por toda a vida. Em tal fórma, que parece ficou o meſmo Deos impoſſibilitado, para dahi em diante lhe augmentar a graça, ou empobrecido, para lhe dar mais premio. Bem: pois eis-ahi a razaõ, porque ſolicitas ſe moſtravaõ as tres Divinas Peſſoas, e ſe conſultava no Tribunal Divino, qual poderia ſer o premio para o merecimento de Maria Santiſſima no dia da Encarnaçaõ. Ouvi novamente ao Bonherba: *Nimiam equidem venuſtatem Maria obtinuit in ſua Conceptione, dum ei cum gratiarum omnium plenitudine, ſimul etiam immaculatam contulimus innocentiam. Sed quando hæc ſoror noſtra proferet illa verba, Ecce ancilla Domini, quam ei gratiam, aut remunerationem perſolvere poterimus?* Naõ podia o Author dizer melhor para o meu intento; mas notay como concluhio o ſeu: *Officina cæleſtis, nimium eſt inops & impotens, quam ut debitum ei ornatum, & præmium tribuere valeat.*

Bonher. jam citatus.

24 He de ſaber, como enſinaõ graves Theologos com Eſcoto, que a graça tem neſta vida certos limites, dos quaes naõ póde paſſar; porque na capacidade das creaturas, que a recebem, naõ cabe mais. Logo naõ he muito, que ficaſſe a Divina maõ impoſſibilitada, para no dia da Encarnaçaõ, e dahi em diante, premiar com mais graça os meritos da Senhora; porque já no inſtante em que ſe concebia, lhe tinha dado a graça toda, que

Scot. in 3. diſt. 13. Duran. & alii.

a Mãy

a Mãy de Deos podia receber neſta vida: *Cum gratiarum omnium plenitudine, ſimul etiam immaculatam contulimus innocentiam.... Officina cæleſtis nimium eſt inops, & impotens, quam ut debitum ei ornatum, & præmium retribuere valeat.*

25 Parece, que já eſtá o noſſo aſſumpto calificado: e eu aſſim o julgara, ſe fora menos grave a materia delle. Mas para ſeu mayor credito, e mayor abono, ouçamos os Authores, as razoens, e os textos, que o perſuadem. Principiemos com os Authores, e para que entendais que ſaõ graves, ſeja o primeiro delles hum Rey.

§. IV.

26 JOaõ, aquelle grande Rey de Aragaõ, reconhecido igualmente por ſabio, e por devoto; no decreto, q̃ publicou em ſeus Eſtados ſobre a Conceiçaõ da Senhora, fez hum reparo notavel, digno do mayor Theologo, ou do Eſcriturario mais diligente. E he, que o Archanjo S. Gabriel, entrando a ſaudar a Senhora, antes de tratar a Encarnaçaõ do Verbo, a confeſſou chea de graça: *Ave gratia plena.* E ponderando o devoto Rey profundamente eſtas palavras, diſcorreo aſſim. Antes que Maria Santiſſima concebeſſe o Divino Verbo, já eſtava chea de graça: *Gratia plena*; logo tinha já em ſi toda a graça de que era capaz; aliàs naõ ſe diria chea da Divina graça: *Tunc aliquid dicitur plenum, cum capacitas ejus expletur*, diz Salazar. Pois ſe antes da Encarnaçaõ do Verbo, houve alguma hora em que Maria Santiſſima eſteve chea de graça, e logrou quanta podia receber; porque naõ diremos, que eſſa foy a hora da Conceiçaõ? Se, como affirmou o Archanjo, houve tempo antes da Encarnaçaõ, em que

Salaz. de Concept. arg. 11. c. 29. n. 9.

Maria Santiſſima foy chea de graça; que razaõ há para ſe dizer, que taõ grande enchente de graça naõ começou na hora da Conceiçaõ? Naõ ſe podia formar neſta materia mais concludente diſcurſo. Ouvi as palavras, em que brevemente o recopilou eſte doutiſſimo Rey:

Joan. Rex Arag. in Decret. de Concept. *Defuit ne ergo tam excellentiſſimæ Virgini, in conceptu ſui almifici corporis, aliquid puritatis & gratiæ, ob prætenſum originale peccatum, quam miſſus ad eam cæleſtis Nuncius, pacis Angelus, ſalutando, Ave gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus prædicavit?*

27 Naõ vaõ longe deſte diſcurſo os Santos Padres: e ſeja o primeiro que ouçamos, o Serafico Doutor Saõ Boaventura, que eſcrevendo da Máy de Deos, diz aſſim: *Fuit plena gratia præveniente in ſua ſanctificatione, gratia ſcilicet præſervativa, contra fœditatem originalis culpæ.* Expunha o Santo Doutor, como a Senhora por prevençaõ da graça, fora preſervada da culpa; e diſſe, que eſteve chea de graça no inſtante de ſua preſervaçaõ. Chea de graça na preſervaçaõ? Logo teve a Senhora na ſua preſervaçaõ, ou Conceiçaõ, toda aquella graça, que podia nella caber. Quem o negará: *Tunc aliquid dicitur plenum, cum capacitas ejus expletur.* Vede ſe o inferi bem.

D. Bonav. ſerm. 2. de Beat. ſemp. V.

28 Fallando o Euangeliſta do Menino Deos em dia de ſeu naſcimento, diz que eſtivera entaõ cheyo de graça: *Vidimus gloriam ejus, gloriam quaſi Unigeniti à Patre plenum gratiæ.* Se ja entaõ eſteve cheyo de graça, infallivelmente ſe ſegue, que tinha já Chriſto toda a graça, que poderia ter depois em toda a ſua innocente vida. Sim, e he ſem duvida entre os Theologos, com o Sol da Theologia Santo Thomás, que em Chriſto reconhecem logo em ſua Conceiçaõ taõ grande enchente de graça, que naõ teve nella a que depois mais ſobir.

Joan. 1.

D. Thom. Compton. tom. 2. diſp. 51. ſect. 4. n. 7. & 8.

Pois

Pois em obsequio da Mãy, à imitaçaõ do Filho: se a Senhora (como diz S. Boaventura) esteve chea de graça em sua Conceiçaõ, evidente fica, que nella teve toda aquella graça de que seria capaz em toda a sua vida immaculada.

29 Venha agora o mayor Doutor da Igreja Grega, e a quem os Padres da Latina confessaõ pelo Theologo mais profundo. Santo Athanasio: *Idcirco gratia plena cognominata est, eo quod adimpletione Spiritus Sancti omnibus gratiis abundaret, & virtute Altissimi obumbraretur, quam virtutem per omnia tempora conceptus eam habuisse confido.* Vem a dizer. A causa porque a Maria Santissima chamamos chea de graça, he porque com a enchente do Espirito Santo abundou em todas as graças, e a cobrio a virtude do Eterno Padre. E tenho por certo (accrescenta) que esta virtude do Eterno Padre, esteve na Senhora em todo o tempo desde a sua Conceiçaõ. Demos agora a estas palavras a attençaõ que merecem. D. Athan. tom. 3. serm. de S. Deip.

30 A virtude do Eterno Padre, e a enchente de todas as graças, andaraõ em Maria Santissima avinculadas: *Adimpletione Spiritus Sancti omnibus gratiis, & virtute Altissimi obumbraretur.* E haveria tempo em que na Senhora faltasse a virtude do Eterno Padre? Responde Santo Athanasio, que naõ; porque tambem na Conceiçaõ a logrou: *Quam virtutem per omnia tempora conceptus eam habuisse confido.* Pois tambem naõ houve instante, em que o Espirito Santo faltasse à Senhora com a consummaçaõ, e enchente de todas as graças: *Adimpletione Spiritus Sancti, omnibus gratiis abundaret.* De maneira, que na opiniaõ da grande luz de ambas as Igrejas, a quem segue expressamente o Doutissimo Salazar, naõ esperou tempo a graça de Maria Santissima Salaz. de Concep.

para

para ſe conſummar. A meſma graça em que eſteve no ultimo ponto de ſua vida, tinha já a Senhora no inſtante de ſua Conceiçaõ. Porque a meſma intenſaõ da Divina graça, que logrou quando em ſeu ventre concebeo o Divino Verbo, poſſuhia já no ditoſo inſtante, em que principiou a ſer concebida no ventre de ſua Mãy Santa Anna: *Neque enim id temporarium in Virgine accidiſſe opinor, ſed per omnia tempora hoc illi datum fuiſſe*, accreſcentou o meſmo Santo Athanaſio; e parece que para o noſſo intento, nem podia dizer mais, nem com mais clareza.

D. Athan. ſupicit.

§. V.

31 TAõ graves Authores, já ſe vè, que fazem o noſſo aſſumpto, e reſoluçaõ bem fundada. Mas porque vos prometti razoens, e com ellas mais ſe convence a razaõ, eu vos proponho a mais efficaz deſte empenho, e a mais principal daquellas em que ſe funda o myſterio da Conceiçaõ. He certo, e quaſi indubitavel, que podia Deos conceder a ſua Mãy Santiſſima em ſua Conceiçaõ toda aquella graça, que no diſcurſo de ſua vida iria merecẽdo: logo devemos affirmar, que de facto lhe concedeo toda eſſa graça no primeiro inſtante de ſua vida.

32 Que Deos podeſſe conceder tam grande copia de graça a Maria Santiſſima no inſtante em que ſe concebia, prova-ſe com duas razoens, evidentes ambas. He a primeira, aquella razaõ geral, em que ſe fundaõ todas as poſſibilidades, e vem a ſer: que neſte privilegio, nem ſe deſcobre implicancia, nem ſe acha contradiçaõ. He a ſegunda, que Chriſto Senhor noſſo, logo em ſua Conceiçaõ teve toda aquella graça junta, que havia

me-

merecer em toda a vida, como enſinaõ os Theologos com S. Bernardo: *Nec fuit hora, in quacumque ætate ſua, qua de plenitudine illa, quam in ſua Conceptione accepit in utero, aliquid minueretur, vel aliquid eidem adjiceretur.* Bem podia a graça de Chriſto irſe-lhe augmentando pelo diſcurſo do tempo, com os actos meritorios, que fazia, como cõ alguns Theologos advertio o Douto Padre Comptono; mas a maõ Divina anticipando o favor, lhe concedeo no primeiro inſtante de ſua Conceiçaõ toda eſſa graça, que previo correſponder aos merecimentos de Chriſto. Pois ſe com o facto ſe moſtra bem o poſſivel; fica evidente, que bem ſe pòde conceder anticipadamente a graça, que com os actos meritorios ſe ha de conſeguir ao diante.

D. Bern. ſerm. 2. ſup. Miſſus. Guerric. Abb. ſerm 2. de Annunt. Gonet. tom. 4. diſp. 13. de perfect. Gratiæ Chriſti art. 2. §. 5. n. 59. Compt. tom. 2. diſp. 51. ſect. 4. n. 8.

33 Podendo Deos fazer toda eſta anticipaçaõ da graça, infiro eu, que de facto na Conceiçaõ de Maria lhe infundio toda a graça, que em ſua vida chegaria a merecer. A razaõ mais poderoſa, que me move a eſta intelligencia, he eſta Quando ſe diſputa ſobre os privilegios da Mãy de Deos, o poder, e o fazer-ſe andaõ inſeparaveis. Naõ ha que perguntar, ſe concederia Deos eſte, ou aquelle favor a ſua Mãy Santiſſima. O ponto he ſómente, ſe lho poderia elle conceder? Reſolvendo-ſe, que o podia, havemos dallo por feito.

34 Quando nas controverſias taõ celebres da Conceiçaõ da Senhora, depois de o affirmarem os Padres, ſe poz em queſtaõ, ſe a Mãy de Deos fora concebida em graça, Eſcoto, que ſuſtentava a parte affirmativa, como verdadeira, e pia, ſahio com eſte argumento notavel, formado já muito dantes pelo meu inſigne Arcebiſpo de Toledo Santo Ildefonſo. Ou Deos podia preſervar da culpa a ſua Mãy, e a naõ quiz perſervar: ou quiz, porèm naõ pode? Dizer-ſe, que quiz, e naõ

Argumẽtũ quod Scotus in 3. diſt. 3. de ſumpſit ex D. Ildephonſo de Virginit. Mar cap. 1.

pode:

pode, seria diminuirlhe o poder. Julgar, que pode, porèm naõ quiz, isso fora em taõ amãte Filho desfazerlhe o amor para com sua Mãy dilectissima. Pois para que nem o poder fique offendido, nem o amor queixoso, confesse o discurso humano rendido, que pode, e quiz: confesse que de facto foy Maria preservada da culpa.

35 Naõ he outro o meu fundamento para mostrar, que a Mãy de Deos teve em sua Conceiçaõ aquella enchente de graça, que logrou no dia da Encarnaçaõ, e no mais tempo de sua vida. E taõ efficaz he este argumento, que concedendo nòs, (como se suppoem) que a Senhora foy concebida em graça, naõ negaremos, que em sua Conceiçaõ teve logo o seu mayor auge da graça; porque entro a concluir pelos mesmos termos. Aquelle Omnipotente, e amoroso Deos, que pode preservar da culpa a sua Mãy Santissima, tambem lhe pode infundir logo na Conceiçaõ taõ intenso grao da Divina graça. Pois, se porque podia Omnipotente preservalla da culpa, se segue que a preservou amante: tambem porque lhe podia dar poderoso tanta graça na Conceiçaõ, se deve seguir que lha deu como amoroso Filho.

36 Quando a Senhora quiz significar as inexplicaveis graças que lhe fizera Deos, disse estas palavras bem
Luc. profundas: *Fecit mihi magna, qui potens est.* Fez-me cousas grandes, aquelle que he poderoso. Notavel he a energia com que a Senhora ajuntou o *fecit*, e o *potens*: o poder, e o fazer. Como inculcava o que era Deos para com ella: *mihi*, quiz-nos persuadir, que em materia de suas graças, o mesmo era em Deos o poder, que o fazer: *Fecit, qui potens est.* Ainda naõ disse tudo.

37 Reparou aquelle Expositor, que entre os mais tem justamente o nome de Estrella, que intentando a Senhora

Senhora publicar o muito, que recebera da maõ de Deos, diſſeſſe ſómente, que lhe fez Deos couſas grandes: *Fecit mihi magna*: ſem declarar quaes foſſem eſſas grandes couſas: *Dicit magna, nec dicit qualia.* E porque aſſim em confuſo deixa a Senhora, o que de Deos confeſſa recebera, quando a confiſſaõ do beneficio he a primeira correſpondencia em animos agradecidos? O meſmo Padre nos prevenio a repoſta, aſſim como nos deixou a duvida: *Hæc adeo magna ſunt, ut ſi ea velis explicare, in medio itineris gradum ſiſtas oportet, quo vadas omnino neſcius, & ignarus.* Porque (diz o Padre) a grandeza das graças, que o Filho de Deos communicou a ſua Mãy Santiſſima, as fazem inexplicaveis. Stell. in cap. cit. Lucæ.

38 Conhecendo pois a Senhora, quam impoſſivel era explanar as graças, que recebera de Deos, buſcou hum meyo admiravel, para de alguma ſorte as inſinuar. Foy eſte a Omnipotencia Divina: *Fecit, qui potens.* Quereis ſaber, quanto fez Deos a eſta Senhora? Naõ buſqueis outro meyo, mais que a Omnipotencia, e por elle diſcorrereis com acerto. Se ignorais quanto concederia Deos a Maria Santiſſima em ſua Conceiçaõ, ceſſareis da duvida, attendendo para a Omnipotencia: *Fecit mihi magna, qui potens eſt.* Ouvi agora ao Eſtella, nunca mais ajuſtado para o noſſo intento: *Ac ſi clarius diceret. Si mea vobis Conceptio in cauſa eſt, ut miremini, neque eam poteſtis intelligere, hoc ideo fit, quia potentiam Domini non contemplamini.* Qualquer que pertende ſaber ſe a Senhora foy concebida em graça, attenda para a Omnipotencia, e ſe o podia Deos fazer, o julgue logo por feito: *Fecit mihi magna, qui potens eſt.*

39 Tambem aſſim. Quem duvidar, ſe a Senhora teve em ſua Conceiçaõ a graça conſummada, e naquelle ultimo auge em que a logrou no dia da Encarnaçaõ, e dahi

dahi em diante por toda vida, contemple a Omnipotencia Divina, e ſó duvidará, que tiveſſe a Senhora tanta graça em ſua Conceiçaõ, em quanto duvidar, que em Deos houveſſe poder para que o fizeſſe: *Hoc ideo fit, quia potentiam Domini non contemplamini.*

40 Attendey pois para a Omnipotencia, e achareis que aſſim a definiraõ os Theologos: *Virtus effectiva infinita, ſe extendens ad quidquid impoſſibile non eſt.* Hum infinito poder, que ha em Deos para fazer tudo o que naõ he impoſſivel. Como pois naõ haja impoſſibilidade, em que concedeſſe Deos a Maria Santiſſima taõ intenſa graça em ſua Conceiçaõ puriſſima; bem ſe ſegue, que havia poder em Deos, para taõ anticipada liberalidade: da qual a impulſos de ſeu amor, era infallivel uſar com ſua Mãy Santiſſima quando ſe concebia.

41 E bem; mas direis tal vez, (por dizer, e naõ por contradizer) que confeſſais o poder, mas duvidais do querer. Podia Deos dar a Maria immaculada tanta copia de graça em ſua Conceiçaõ; mas que lha quizeſſe dar, naõ he taõ certo, que careça de toda a duvida. Muito mais ſem comparaçaõ he o que Deos pòde, que o que Deos quer; porque podendo fazer tudo, vemos que nem tudo quer fazer. Antes, nem pòde querer tudo quanto pòde; porque por muito que faça, ſempre pòde muito mais. Logo, ſuppoſto que podia Deos anticipar para a Senhora tanta graça, ainda fica em duvida, que o quizeſſe. Oh diſcurſo ao parecer acertado, mas certamente indecoroſo para tal Filho, e para tal Mãy! Duvidar que quizeſſe, e que obraſſe Deos com ſua Mãy Santiſſima, o que ſe confeſſa podia ſem indecencia fazer, naõ póde ſer ſem grave queixa, e grande offenſa de Deos.

42 Naõ menos que com a morte caſtigou Deos a Moyſés,

Moyſés, e Aaraõ por huma deſconfiança, ou por huma duvida, que nelles vio, a qual chegava a tocar no meimo Deos: *Quia non credidiſtis mihi, non introducetis hos populos in terram.* Graviſſima devia ſer a culpa ſem duvida, quando taõ offendido ſe moſtrava Deos de Moyſés ſeu eſcolhido, que a muitos foy valia para o perdaõ; e naõ menos contra aquelle Summo Sacerdote, a quem David chamava por anthonomaſia o Santo do Senhor: *Aaron ſanctum Domini.* Saibamos qual ſeria a offenſa. Num. 20. v. 12. Pſal. 105. v. 16.

43 Tinha Deos promettido, que acudiria com agua à ſede, que o ſeu Povo padecia no deſerto, declarando que para eſſe fim, de huma penha deſentranharia rios. Moyſés, e Aaraõ duvidaraõ ambos. Mas de que? Deſconfiariaõ por ventura do poder, que tiveſſe Deos para o deſempenho de ſua promeſſa? Naõ, diz o A Lapide: *Non quod dubitarent de Dei potentia.* Pois ſe em Deos confeſſavaõ poder para execuçaõ do milagre; em que mais podiaõ duvidar? Da ſua vontade, e do ſeu querer. Duvidaraõ ſe quereria Deos? Ah ſim? Pois eis-ahi o de que Deos mais ſe offendeo: *Magis offenſus fuit, quod de ejus voluntate dubitaretur.* Diz huma douta Mitra. Confeſſaõ, que Deos tem poder para remediar aquelle ſeu Povo, a quem tanto amava: e duvidaõ ſe terà vontade de o fazer? Se o quererà, ou naõ? Pois com juſtiſſima cauſa muito ſe offende Deos de Moyſés, e de Aaraõ: *Non introducetis hos populos.* ALap. in cap. 20. Num. S. Cruz Antilog. in Deuter. 32. §. 1. Mor.

44 Por certo, que naõ ſeria o aggravo tanto, nem taõ grande a queixa, ſe duvidaraõ do poder de Deos, quanto foy deſconfiando do ſeu querer. Pôr duvidas ao poder, he deſcredito do entendimento proprio, que como mais naõ alcança, fica indeciſo no q̃ ignora. Mas duvidar do querer, tendo reconhecido o poder, era deſconfiar do amor, que tinha Deos ao ſeu Povo: e ſemelhante

lhante aggravo naõ quiz diſſimular Deos; nem o deixou ſem caſtigo igualmente grave: *Non introducetis hos populos in terram.*

45 Agora para o noſſo caſo. Vede ſe podeis, e pezay bem, quanto mais amava Deos a Maria Santiſſima ſua amoroſa Mãy, que ao ſeu ingrato, e favorecido Povo, e mais ainda que ao Mundo todo? Baſte para conjectura, dizer S. Bernardino Senenſe, que o incomparavel amor do Filho de Deos para com Maria Santiſſima, o tirou do ſeyo do Eterno Padre, para encarnar, e ſer Filho de tal Mãy: *Pro tuo amore, carnem ſumpſi.* Pois daqui inferi agora, quanto mayor aggravo ſerà reconhecer poder em Deos, para dar a Maria Santiſſima tanta graça em ſua Conceiçaõ, e negarlhe ao meſmo tempo amor para que o quizeſſe? *Magis offenſus fuit, quod de ejus voluntate dubitaretur.*

D.Bern. ſerm. de Conc.

§. VI.

46 JA ſe podia concluir, que aliando-ſe o Divino Amor com a Omnipotencia, concederiaõ anticipadamente a Maria Santiſſima em ſua Conceiçaõ aquella enchente de graça, que pelo tempo de ſua vida chegaria a ter depois. Porèm já me parece, que vos eſtou ouvindo a mais grave objecçaõ, que me poreis.

47 As boas obras feitas em graça, he ſabido entre os Theologos, que merecem augmento da meſma graça. E eſpecialmente em Maria Santiſſima, como calcu-

Suar. tom. 2. in 3. p. D. Thom. d. 18. ſ. 4.

lou o grande Soares, o augmento da graça lhe ficava em dobro; porque correſpondiaõ inteiramẽte as ſuas obras ao empenho, e auxilio com que eraõ ajudadas pela Divina graça. Tambem devemos ſuppor, que inaõ havia

nſtante,

inſtante, em que a Mãy de Deos naõ eſtiveſſe merecendo, pois nem o ſono lhe interrompia os actos do amor de Deos; porque entregando-ſe ao preciſo deſcanſo todas as mais potencias, vigilante o coraçaõ, nunca ceſſava de amar: *Ego dormio, & cor meum vigilat.* He logo evidente, que a graça da Mãy de Deos ſe lhe iria ſempre augmentando pelos meritos de ſua vida.

48 Aſſim parece: e tal vez naõ ouſo a reſponder, que toda eſſa graça, que iria a Senhora merecendo, ſe lhe anticipou por Divina liberalidade, dandoſe-lhe logo na Conceiçaõ; porque aſſim nos metemos em difficuldade mayor. Vem a ſer eſta. O merecimento deve ſer primeiro, e depois o premio: e como o augmento da graça he premio muy principal dos noſſos merecimentos, primeiro deviaõ de ſer em Maria Sãtiſſima os actos meritorios, e depois o augmento da graça por elles merecida.

49 Tudo he aſſim, ſe geralmente fallarmos; porém ſe melhor advertirmos, havemos achar, que Maria Santiſſima naõ ſó excede em ſeus dotes as regras da natureza: mas tambem, que da ordem geral da graça foy ſingular maravilha. Vendo o Euangeliſta huma mulher que lhe apparecera no Ceo, diſſe que era hum grande milagre eſſa mulher: *Miraculum magnum apparuit in cœlo*, diz o Texto Grego: e como S. Jeronymo adverte, o meſmo eſtá inculcando o noſſo Texto: *Signum magnum apparuit in cœlo, mulier.* Eſſa mulher, no commum ſentir dos Padres, era Maria Santiſſima, a quem Santo Epifanio chama eſtupendo milagre da graça: *Stupendum enim gratiæ miraculum.* E como ſerá poſſivel, que tambem na ordem da graça haja milagres? Milagre, he aquella obra, que excede as forças da natureza: por iſſo tantos milagres aſſombrada conta a natureza,

Apoc. c. 12.

D. Epiph. lib. 6. de Laud. Deip.

za, quantos saõ os prodigios em que se vè excedida. Mas por comparaçaô à ordem sobrenatural da graça, haver milagres implica; porque nenhum prodigio haverá, que chegue a ser mais que sobrenatural, ou exceda as forças da graça. Como pois acclama o Euangelista a Maria Santissima por milagre, considerada na ordem da graça? *Miraculum magnum apparuit in cœlo. Stupendum gratiæ miraculum?* Eu respondo.

Sicut datur miraculum cõparatione operum naturæ, quia excedit ordinẽ naturæ: ita Virgo cõparatione operũ gratiæ miraculũ fuit, quia in genere sanctitatis fuit supra cõmunem ordinem gratiæ. Vieg. in Apoc. c. 12. comment. de B.v. 1. f. 1. Ad Philip. c. 2.

50 Assim como ha milagres para a natureza, assim os pòde haver para a graça; porque assim como para a natureza he milagre qualquer prodigio, que lhe excede a ordem commum: assim para a graça he milagre, o que excede a ordem commum da graça. Vio-se esta ordem geral da graça em Maria Santissima excedida; porque se nas regras geraes da graça, o merecimento he primeiro, e o augmento da graça he depois em premio delle: milagrosamente se vio em Maria Santissima o augmento da graça ser primeiro, e depois o merecimento della nos actos; porque era Maria Santissima hum estupendo milagre da graça: *Stupendum gratiæ miraculum.*

51 Nem me deveis condemnar, ouvindo-me, que na Mãy de Deos esteve a ordem da graça variada milagrosamente, anticipando-se o premio aos merecimentos; porque em seu Filho bemdito melhor veremos o que da Mãy digo. Escrevendo S. Paulo aos Filippenses, diz que a morte de Christo lhe fora merecimento para hum grande nome, que o Eterno Padre lhe dera: *Christus factus est pro nobis obediens usque admortem, mortem autem Crucis, propter quod & Deus exaltavit illum, & donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* E que nome seria este, taõ sobre todos os nomes, que pela morte da Cruz mereceo Christo? Origenes, com S. Bernardo, e S. Bernardino, tem para si, que fora o nome

de

de JESUS: *Est autem nomen, quod est super omne nomen, nomen JESU.* Mas temos logo hum reparo à vista. E como se poderá entender, que a morte de Christo fosse merecimento para esse grande nome, se aos oito dias de nascido, tanto tempo antes da morte: ou para melhor dizer, se em sua Conceiçaõ teve logo Christo esse mesmo nome? *Concipies in utero, & paries Filium, & vocabis nomen ejus JESUM?* Porque como Christo era o mayor milagre, excepçaõ, e prodigio de toda a ordem sobrenatural, quiz tambem o Eterno Padre usar com elle a fineza de lhe dar o premio taõ anticipado ao merecimento: *Factus est pro nobis obediens usque ad mortem: &c. Concipies, & paries Filiũ, vocabis nomen ejus JESUM:* Orig. hom. 1. in Josue. D. Bern. ser. 1. & 2. de Circũc. D. Bern. tom. 4. ser. 1.

52 Isto que usou o Eterno Padre com Christo seu amado Filho, quiz tambem o Filho de Deos se practicasse com sua querida Mãy; porque com anticipaçaõ às obras cõ q̃ iria merecendo a graça pelo discurso de sua vida, lha deu logo em sua Conceiçaõ, como se a tivera já merecido, ou em previsaõ de que a havia merecer.

53 He opiniaõ de muitos Doutores, seguindo ao meu Santo Anselmo, que a Conceiçaõ de Maria Mãy de Deos, tanto fora talhada pela Conceiçaõ de Christo seu Unigenito Filho, que sem memoria desta se naõ pode naquella discorrer: *Conceptionem Dominicæ Matris colere, Christi generationem est commemorare.* Se comparares porèm estas Conceiçoes ambas, achareis entre ambas muita disparidade; porque havendo concurso de varaõ para a conceiçaõ da Mãy: na do filho naõ houve pay, que concorresse para a geraçaõ. Notareis, que o Filho foy por obra do Espirito Santo concebido; gerada a Mãy por obra da natureza, pelo que naõ sem milagre. Pois em que se assemelhaõ tanto estas duas Conceiçoens? D. Ans. hom. de Concep. quæ habetur in Breviario Segobiensi.

ceiçoens? Na anticipaçaõ do premio, que em huma, e outra Conceiçaõ se acha. Na Conceiçaõ do Filho, o nome de JESUS, que foy premio, se anticipou ao merecimento da morte: *Concipies in utero, & paries filium, & vocabis nomen ejus JESUM.* Na Conceiçaõ da Mãy, todo o augmento da graça, que era o premio, anticipado tambem ao merecimento dos actos, dando-se logo a Maria Santissima em sua Conceiçaõ tanta graça, quanta lograria no dia da Encarnaçaõ do Verbo, quando fosse actualmente Mãy de Deos: por onde eu dizia, que a graça da Conceiçaõ da Senhora se ha de ponderar cõ os olhos na sua Maternidade, e nas clausulas ultimas do Euangelho presente: *De qua natus est JESUS.*

§. VII.

54 AGora, que já ouvimos os Santos Padres, e tem fallado os Authores, nem menos tem discursado a razaõ, abramos o sagrado Texto, e vamos às provas delle, que haõ de ser as que de todo concluaõ o ponto do nosso assumpto: pois he o sagrado Texto o Archivo, em que a Sabedoria Divina depositou os memoriaes todos de seus segredos.

55 Fallando o Divino Esposo Christo de sua Esposa, e Mãy Santissima, na ditosa hora de sua Conceiçaõ feliz, quando qual Divina Aurora se levantava das sombras da possibilidade, para sahir à luz da existencia, discretamente admirado disse, que era esta sua ditosa Esposa tam formosa como a Lua, e como o Sol escolhida: *Quæ est ista quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol?* Cant. 6. v. 9.

56 Sempre ao Divino Esposo conheci em seus colloquios amante, mas entendido, posto que sempre o foy,

foy, naõ ſey ſe o pareceo neſta comparaçaõ. Fermoſa como a Lua? Eſcolhida como o Sol? Parece, que devia dizer-ſe ao contrario: fermoſa como o Sol, eſcolhida como a Lua. A fermoſura de Maria Santiſſima foy a mayor q̃ vio a natureza, e conheceo a graça nas creaturas: *Pulcherrima mulierum.* Pois aſſim como entre todos os Aſtros he mais rara a fermoſura do Sol, diga a ſemelhança diſcreta, que a Senhora he fermoſa como o Sol: *Pulchra ut Sol.* Mas como o Sol eſcolhida?

57 Do Sol naõ ſe pòde fazer eſcolha, e a razaõ he; porque toda a eſcolha preciſamente ſe deve fazer entre muitos. Naõ ha que eſcolher em hum ſó: *Eligere, eſt unum à multis legere*, diz o inſigne Laureto. Eſcolher, he de muitos tirar algum. He deixar eſte, para colher aquelle: e aſſim fica o Sol ſendo ſogeito incapaz de eſcolha; porque como o Sol he Aſtro em tudo unico: *Sol quia ſolus*, naõ tem outro a par, com que entre à eſcolha. Tal he a ſingularidade do Sol, que à ſua viſta, nem a Lua reſplandece, nem Aſtro algum ſabe luzir: pois como pòde ſer eſcolhido o Sol; ou a Mãy de Deos ſer como o Sol, em ſua Conceiçaõ eſcolhida? *Electa ut Sol?* Lau. in Sylv. v. *Eligere.*

58 Naõ fora tal vez a ſemelhança taõ propria, ſe lhe faltara o myſterio que direy. A mais prodigioſa eleiçaõ para a graça, feita entre todas as creaturas, foy a que em Maria Santiſſima fez a Providencia do Altiſſimo: por ſer eſta Senhora a unica entre os filhos todos de Adaõ, que no meſmo inſtante de ſua Conceiçaõ foy pela graça eſcolhida. Os mais todos herdaraõ a culpa na Conceiçaõ; ella ſingular entre todos, naõ contrahio mancha da culpa quando ſe concebeo, porque já entaõ era pela graça eſcolhida. E ſuppoſto q̃ entre todos os filhos de Adaõ era eſcolhida a Senhora; era com tudo eſcolhida com excellencias de Sol, ſe naõ com propriedades

dades de Lua: *Electa ut Sol.*

59 O que ao Sol, e à Lua faz singulares, he a luz de ambos: e o que fez à Senhora em sua Conceiçaõ escolhida, foy a luz da graça em que se concebeo. Notay agora. A Lua veste-se de hum resplandor, que quando novamente apparece, he limitado. Vay-se retirando da terra, vay-se chegando mais à participaçaõ do Sol; e vay-selhe tambem augmentando a luz. Ah sim? Pois por essa dissemelhança naõ he Maria Santissima em sua Cõceiçaõ escolhida como a Lua; porque conceberse com pouca luz da graça, ir-se apartando da terra, e unindo mais ao Ceo, e a Deos pelos merecimentos com que se lhe augmente a graça, isso naõ he para a Mãy de Deos; porque em sua Conceiçaõ teve logo tanta graça, quanta lograria na mayor enchente de suas luzes, e quando mais chegada ao Divino Sol, o concebeo em seu ventre. Ouvi a Pedro Galatino, taõ propriamente para o nosso intento, que parecera, a naõ ser taõ antigo, peitado para a presente hora: *Electa ut Sol; quia sicut Sol in suæ creationis instanti suam omnem adeptus est claritatem; ita Beata Virgo in sua Conceptionis instanti omnes assecuta est perfectiones.*

Galat. lib 7. de Arcan. c 5.

60 A graça, pela qual foy a Mãy de Deos escolhida, só na luz do Sol tem semelháça. O Sol nunca teve mais, nem menos luz. Sem haver em seu resplandor crescente, sempre logrou enchentes de luz. Tantos resplandores contou no Oriente de sua formaçaõ, quantos saõ os rayos com que brilha no Zenith. Bem: pois seja a Senhora escolhida como o Sol: *Electa ut Sol*; porque essa graça que a escolheo, e singularizou entre os mais filhos de Adaõ, foy em todo o tempo igual, e consummada sempre. Tanta no Oriente, quando concebida em Santa Anna; como no Zenith, quando em seu ventre concebia

cebia o Divino Verbo: e por isso na graça da Conceiçaõ luzindo como Sol: *Electa ut Sol. In suæ Conceptionis instanti, omnes assecuta est perfectiones.*

61 Hum lugar do Apocalypse, tantas vezes repetido, nos servirá de commento para o que ouvistes: *Signum magnum apparuit in cœlo. Mulier amicta Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum.* Appareceo no Ceo hum final, que por muitas razoens se nomea grande. Era huma mulher, que tinha por manto que a cobria, o Sol, debaixo dos pès a Lua, e na cabeça huma coroa de Estrellas: e como a taõ admiravel visaõ chama o Euangelista final: *Signum magnum*, alguma cousa significaria. Sim: representava a Mãy de Deos em sua Conceiçaõ: *Ut virgo in sua Conceptione hoc simulachro expingatur*, diz Salazar. Apoc. c. 12. Sal. de Conc. arg. 11. n. 14.

62 Que Maria, em sua Conceiçaõ, seja hum Ceo inteiro de resplandores, naõ tenho que reparar; porque em sua Conceiçaõ immaculada naõ houve sombra, que a desluzisse. Mas, que tenha debaixo dos pés a Lua: *Luna sub pedibus ejus?* Que chegue a desprezar a formosura da Lua, na qual se retratava, quem tanto chega a exaltar Estrellas: *In capite ejus corona stellarum?* Sim; que havendo de entrar a Lua no symbolo da Conceiçaõ de Maria, só ficando a seus pès, diz bem o que esta Senhora foy, quando se concebeo.

63 A Lua no entender de meu Padre S. Gregorio Magno, he symbolo do mudavel. Apparece com resplandor limitado, pelo tempo, e pelo curso que faz, se vay augmentando no luzir: e taõ mudavel Astro, que nascendo com limitaçoens de crepusculo, vay depois reforçando os rayos, para resplandecer de todo luminoso, fique debaixo dos pès da Senhora em sua Conceiçaõ; pois naõ exprime adequadamente a graça com q̃ a Mãy de

de Deos no seu primeiro instante luzio; porque nesta nem houve mudança, nem augmento, por ser logo no primeiro instante consummada: *Luna sub pedibus ejus.* Ouvi ao Padre Salazar, que falla taõ douto, como ajustado: *Deipara Lunam sub pedibus conculcat, id est omnem mutabilitatem, & inconstantiam substernit, quia gratiam habuit ab initio constantem, confirmatam, & immutabilem.* Com outros termos o naõ podera dizer mais expressamente. O trazer a Senhora a Lua debaixo dos pès em sua Conceiçaõ (diz o Author) he para se entender, que a Senhora pizou entaõ com celestial desprezo, quanto he mudança; porque em sua Conceiçaõ teve logo a suprema enchente de graça constante, confirmada, e immudavel.

64 Qualquer variedade, ou para o menos, ou para o mais, he evidente prova de mudança. Se Deos podera ser mais sabio, ou mais poderoso: se a justiça lhe podera crescer, ou a misericordia se lhe podera augmentar, ainda sendo a tal mudança para sublimarse mais, ficaria Deos sendo mudavel. Pois se a Senhora piza em sua Conceiçaõ a Lua, em final de que teve em sua Conceiçaõ graça immudavel: *Quia gratiam habuit ab initio constantem, confirmatam, & immutabilem,* digamos, que a graça da Senhora em sua Conceiçaõ, foy em grao taõ supremo, e immudavel, que desse ponto em diante, nunca mais creceo. Digamos, que em sua Conceiçaõ teve a Mãy de Deos tanta graça, como quando concebeo o Divino Verbo; porq̃ se na Encarnaçaõ teve a Senhora graça immudavel, e consummada: *In Conceptione Filii consummata est gratia,* tambem na Conceiçaõ teve já graça taõ constante, confirmada, e immudavel, que já naõ podia sobir a mais: *Gratiam habuit ab initio constantem, confirmatam, & immutabilem.* A graça da Senhora foy

foy na Encarnaçaõ consummada, sem mais em diante se augmentar; porque podia Deos anticipadamente infundir a Maria Santissima no dia da Encarnaçaõ, quanta graça iria merecendo atè a morte. E como na Conceiçaõ podia tambem infundirlhe a graça, que iria merecendo atè o dia da Encarnaçaõ; por isso na Conceiçaõ havemos de confessar consũmada graça na Mãy de Deos, descobrindo a graça da Conceiçaõ, na graça da Maternidade, & medindo as vozes da festa com as vozes do Euangelho: *Conceptio gloriosæ V. Mariæ. De qua natus est JESUS.*

§. VIII.

65 CReyo, que jà estareis satisfeitos dando o assumpto por concluido, porque taõ evidentes demonstraçoens o fizeraõ indubitavel; mas para plena confirmaçaõ concluirey com esta ultima prova a materia toda do nosso empenho, para a qual he preciso, naõ percais da memoria, que como ensina o Doutor Angelico, quando a Senhora concebeo o Filho de Deos em seu ventre, tinha taõ sublime, e taõ consummada graça, que nella, nem mais cresceo, nem teve a que mais subir: *In Conceptione Filii consummata est gratia.* Se tiveramos todos a perspicacia de Aguia, para que vissemos a alma Santissima da Senhora, sahindo das mãos do Creador, a se conceber no ditoso ventre de Santa Anna, augustissimo Palacio de Magestade taõ alta; conheceramos claramente, que quando a Mãy de Deos vinha a conceber-se, trazia já tanta graça, quanta logrou depois na hora em que concebeo o Filho de Deos. Mas já que para taõ alto exame nos falta a vista que se requer, pessamos à Aguia de Patmos nos communique o que

o que vio nas revelaçoens de seu Apocalypse.

Apoc. 21. Este lugar se entende da Senhora em sua Conceiçaõ. Ita Veneravel soror Maria deJesus na Mystica Ciudad de Dios tom. 1. l. 1. c. 17.

66 *Vidi Civitatem Sanctam Jerusalem novam, descendentem de cœlo à Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo.* Vi a Cidade de Jerusalem Santa, e nova, descendo do Ceo, preparada por Deos, como esposa ornada para o seu esposo varaõ. No commum sentir dos Doutores, e Padres, com Santo Agostinho, S. Bernardo, e Ruperto Abbade, esta Cidade era Maria Santissima. Chamoulhe o Euangelista Santa; porque quando descia dos Ceos para se conceber, vinha sem mancha da culpa original, e estava santificada com a graça. Chamoulhe nova, porque sahindo as mais almas das mãos de Deos, immediato Creador dellas, vem sogeitarse à culpa original: só a alma de Maria Santissima, sahindo das mãos de Deos, trazia novas isençoens, novos privilegios, novas immunidades, para se livrar da pena a que estaõ sogeitos os descendentes de Adaõ. Diz finalmente, que vinha descendo do Ceo; porque a alma racional naõ he como o corpo, que na terra, e de terra se fórma: nem como a alma vegetativa, ou como a sensitiva, que saõ eduzidas de huma materia terrena. A nossa alma, por ser espiritual, e eterna, he creada immediatamente por Deos.

67 Vio pois S. Joaõ o bemdito, e purissimo espirito da Senhora, já santificado, quando descia do Ceo, para se conceber, e infundir no corpo de Maria Santissima: *Vidi Civitatem Sanctam Jerusalem novam, descendentem de cœlo*; e diz que vinha já entaõ preparada, e ornada, como esposa que vinha receberse com seu esposo: *Paratam, & ornatam viro suo.*

68 Dizei-me agora. E quem era o esposo desta alma, que vinha a conceberse no Mundo? Santo Agostinho, S. Pedro Chrysologo, e Santo Ildefonso, dizem

que

que o esposo era o Filho de Deos, e da mesma Senhora: e bem; porque como declara o Texto, vinha o espirito da Mãy de Deos a desposarse com o seu esposo varaõ: *Paratam, & ornatam viro suo*, e esse he Christo: *Vir oriens nomen ejus*, diz Zacharias. Porèm aqui nasce huma grande duvida, e hum reparo grave. O desposorio de Christo com a Senhora, foy na Encarnaçaõ, como bem notou o Zerda; porque nesse Mysterio correspondeo o Verbo àquella obrigaçaõ de esposo, já no principio do Mundo promulgada pelo primeiro esposo, que nelle houve: *Relinquet homo patrem & matrem, & adhærebit uxori suæ, & erunt duo in carne una.* Deixou na Encarnaçaõ o Divino Verbo a seu Eterno Pay: *Exivi à Patre*, para se unir com Maria Santissima taõ estreitamente, que encarnando, se unissem em hum só supposto duas naturezas infinitamente distintas: *Adhærebit uxori suæ, & erunt duo in carne una.* Pois se o desposorio espiritual do Verbo com Maria Santissima foy no dia da Encarnaçaõ; como vè o Euangelista a Maria Santissima no dia da Conceiçaõ, ornada com tanta graça, como se viera entaõ a desposarse com o Verbo: *Sicut sponsam ornatam viro suo?* O Esposo ainda por alguns annos dilata os desposorios da Encarnaçaõ: e a Esposa, taõ anticipada em se ornar para o receber, quando a penas he concebida? Sim: para que se entenda, que em sua Conceiçaõ teve logo a Mãy de Deos tanta graça, quanta logrou na Encarnaçaõ do Verbo, quando com elle se desposou: *Descendentem de cœlo, à Deo paratam, sicut sponsam ornatam viro suo.* Zach. c. 6. v. 12. Zerd acad. 10. sect. 1. Genes. 2.

69 Se tanta graça fora communicada à Senhora na Encarnaçaõ do Verbo, e naõ antes, hum assombro conciliava outro; porque para receber em si o Filho de Deos, e gerallo temporalmente, naõ se requeria menos

graça

graça na Mãy. Proporcionava-ſe o apparato com a Mageſtade, a pompa com a grandeza. Mas na Conceiçaõ, para que he tanto ornato da graça? Se por entaõ ainda a Mageſtade Divina ſe naõ abalava dos Ceos, para que era já tanta preparaçaõ na terra? Eſtimo a pergunta pela repoſta; porque nella vereis a baſe, em que aſſentaraõ os fundamentos de meu aſſumpto. Vinha a Senhora preparada já na Conceiçaõ, com toda a graça, que na Encarnaçaõ era devida à ſua Maternidade; porque quando ſe concebia, já era Mãy de Deos por ſingular privilegio, como ſe no meſmo ponto já trouxera comſigo para o Mundo o Salvador delle. Ouvi ao Maximo Doutor da Igreja: *Venit in mundum, & ſecum portat mundi Creatorem.*

D.Hier. in Pſal. 96.

70 Eſta he a cauſal verdadeira, de ter Maria Santiſſima tanta graça na Conceiçaõ, como na Encarnaçaõ; por ſer Mãy de Deos, teve tam immenſa graça; na Conceiçaõ tambem a devia ter; porque na Conceiçaõ era Mãy de Deos: *Mater dum concipitur*, diz o Zerda. O entendimento quaſi que o naõ percebe. Mãy, quando ſe concebia? Mãy antes de conceber? Sim, e vede ſe o naõ convence a razaõ. Maria Santiſſima na Conceiçaõ foy preſervada da culpa pelos merecimentos de Chriſto, já previſtos, e foy com o ſeu ſangue remida. Logo já neſte ponto era Chriſto Redemptor ſeu, e conſequentemente homem, em força da meſma previſaõ. Pois da meſma ſorte já Chriſto era Filho de Maria Santiſſima: e já era eſta Senhora Mãy ſua. Mas como a materia he taõ alta, pare aqui o meu diſcurſo, por ouvirmos o de S. Pedro Chryſologo.

Zerd. acad. 27. ſect. 5.

71 Gerou Maria Santiſſima ao meſmo Author do ſeculo; logo em todo o tempo, e por todo o ſeculo devia eſtar ſempre ſendo Mãy ſua: e naõ haver inſtante,

em

em que deixaſſe de o ſer: *Quando non mater, quæ ſæculi generavit Authorem?* Subtiliſſima foy a mente de Chryſologo. Conſiderou, que Maria Santiſſima era Mãy do Eterno Filho; e inferio, que tambem devia ſer Mãy eterna; Mãy, que em todo o tempo o foſſe, nem deixaſſe de o ſer em algum inſtante. Como Maria Santiſſima gerava o Filho do Eterno Padre, quiz a diſpoſiçaõ ſuprema, que a Mãy foſſe hum retrato do meſmo Pay. Chryſol. ſerm. 146.

72 Quando o Embaixador Archanjo annunciou à Senhora a Encarnaçaõ do Verbo, diſſe que ſobre ella faria ſombra a virtude do Eterno Padre: *Virtus Altiſſimi obumbrabit tibi*; para que com eſta ſombra ficaſſe Maria Santiſſima huma pintura ao vivo do Eterno Padre: *Ut Patrem ex natura gignentem deſcriberet*, diſſe o Zerda. E aſſim como o Pay he Pay Eterno, nem hà tempo em que o naõ ſeja; aſſim a Mãy, he como Mãy eterna: *Mater remanet ſempiterna*, diz Ansberto Mãy quando concebeo o Filho de Deos, e já antes diſſo Mãy ſua; porque era já Mãy de Deos antes de ſe deſpoſar cõ S. Joſeph: *Mater antequam nupta*, diz S. Jeronymo. Mãy na hora em que naſcia: *Mater dum oritur*, diz o Zerda E na Conceiçaõ ainda antes de naſcer, já Mãy de Deos: *Mater Dei antequam naſceretur*, diz Sergio. E finalmente, Mãy que ſempre o foy do Filho de Deos, nem houve tempo, em q̃ deixaſſe de o ſer: *Mater ſemper; quia nunc erit ſine ſobole*, diz meu Padre Santo Anſelmo, porque em toda a eternidade devia lograr os foros de Mãy, aquella, que depois em tempo havia conceber, e gerar o Author do ſeculo: *Quando non Mater, quæ ſæculi generavit Authorem.* Zerd. acad. 16. Ansbert. lib. 2. in Apocal. D. Hier. lib. de perp. Virg. Zerd. acad. 27. ſect. 5. Serg. in Orat. de Nat. B.V. D. Anſ. in hymn. B. Dei Genit.

73 O eterno naõ admitte em ſi novidade. Tudo quanto para nòs he novo, para a eternidade he taõ antigo como ella meſma. Para o tempo, e para nòs o preterito

he

he já paſſado; o futuro ainda eſtá por vir, ſó o preſente logramos, que a penas he, quando já naõ he. Naõ aſſim a reſpeito da eternidade; porque nem lhe paſſou o preterito, nem o futuro lhe eſtá por vir; mas tudo lhe eſtá preſente, o que foy, o que he, e o que ha de ſer. Na eternidade taõ preſente eſtà Adaõ, que já foy, e naõ he já: como o Anti-Chriſto, que ainda naõ he, e ha de ſer ainda. Aſſim o enſinaõ os Filoſofos com Ariſtoteles, e os Theologos com Santo Agoſtinho. E como Maria Santiſſima (notay agora) tambem he Mãy eterna: *Mater manet ſempiterna*; naõ ſó havia ſer Mãy, quando em ſeu ventre concebia o Filho de Deos, ſenaõ tambem, quando no ventre de Santa Anna ſe concebia: nem ſe poderá deſcobrir tempo em que a Maternidade lhe foſſe preterita, ou futura; porque como Mãy eterna, ſempre teve a Maternidade preſente: *Quando non Mater, quæ ſæculi generavit Authorem.*

74 Deſcreve S. Mattheus o reparo que fez S. Joſeph, vendo em Maria Santiſſima ſinaes de Mãy, pelos indicios do ventre, e diz aſſim. Antes que S. Joſeph tocaſſe naquella flor puriſſima de Nazareth Maria Sãtiſſima, ſe achou ter concebido a Senhora o Filho de Deos em ſeu ventre: *Antequam convenirent, inventa eſt in utero, habens de Spiritu Sancto.* Antes que! Parece, que ſe naõ explicou bem o Euangeliſta. Por ventura houve tempo depois da Encarnaçaõ do Verbo, em que S. Joſeph Eſpoſo caſtiſſimo, violaſſe a pureza da Mãy de Deos? He de Fè, que naõ. Pois diga S. Lucas, que abſolutamente ſe achou Maria Sãtiſſima ſer Mãy de Deos, ſem que S. Joſeph, nem ainda por penſamentos aſſentiſſe às liberdades do Matrimonio. Mas dizer na Hiſtoria ſagrada, que a Virgem puriſſima ſe achara ſendo Mãy de Deos, antes que S. Joſeph lhe offendeſſe a pureza;

Matth. 1. v. 18.

reza, parece que he dar a entender, que depois da Encarnaçaõ do Verbo, faltou S. Joseph aos respeitos, que atè alli guardara à Senhora.

75 Que assim pareça, he notorio; e naõ faltaraõ Hereges, que levados de sua escandalosa temeridade, assim quizeraõ interpretar o termo com que o Euangelista fallou; mas he porque lhe naõ quizeraõ entender sinceramente o mysterio, que ouvireis agora. Na frazi da Escritura, aquelle termo *antequam*, he o mesmo que *ab æterno*, por toda a eternidade, no qual sentido tambem disse Christo: *Antequam Abraham fieret ego sum*: antes que fosse creado Abrahaõ, já eu tinha ser. A existencia que Christo tinha antes de ser creado Abrahaõ, he o ser eterno, que logra em quanto Deos: e isso he o que nos significou naquelle termo *antequam*. O mesmo foy, que se dissera, *ab æterno*, por toda a eternidade,

76 Este he tambem o mysterio daquelle *antequam*, proferido por S. Lucas. Diz, que Maria Santissima se achara ser Mãy de Deos, antes que: *antequam*; e foy para inculcar assim, que se achou Maria Santissima por toda a eternidade sendo Mãy de Deos, feyto homem depois em tempo. Ouvi ao Bispo Pacense: *Dictio illa*, antequam, *apposita fuit, ut aliqualem in hoc conceptu æternitatis indolem noscremus.* Zerd acad. 27. sect. 1.

77 Pois se a tanto se estendia a duraçaõ daquella Maternidade, que atè na Conceiçaõ lograva a Senhora os foros de Mãy de Deos: *Mater semper: Mater dum concipitur*; justamente logra em sua Conceiçaõ toda aquella graça, que era devida a taõ ineffavel Maternidade: e nòs com acerto, para o conhecimẽto de tanta graça, pomos os olhos na Senhora em quanto Mãy de Deos, equiparando a graça da Conceiçaõ à graça da Encarnaçaõ: *De qua natus est JESUS.*

78 Pare-

§. IX.

78 PAreceme, que ſe pòde já dar o aſſumpto por concluido: mas ainda nos reſta huma eſpeculaçaõ, para de todo ſiſtir o entendimento na intelligencia de toda aquella graça, em que a Senhora foy concebida, e vem a ſer. Quam intenſa foy eſſa graça, aſſim da Conceiçaõ, como da Encarnaçaõ? Diſſemos que a Senhora em ſua Conceiçaõ, teve a meſma enchente de graça, que na Encarnaçaõ logrou. Devemos agora ſaber, quam intenſa foy a graça da Senhora na Encarnaçaõ do Verbo, para aſſentarmos qual foſſe a graça, em que foy eſta Senhora concebida. Mas taõ profunda queſtaõ, quem a poderá reſolver: *Profundum abyſſi, quis dimenſus eſt?* Exclamou neſte caſo Richardo de S. Lourenço, achando-ſe perplexo para a repoſta. E ſuppoſto naõ haja quem com certeza nos tire a duvida, ouçamos com tudo o ſentir dos Padres neſta materia.

Eccleſ. I.

79 Alberto verdadeiramente Magno, depois de ponderar com a ſua profundiſſima intelligencia o ponto, que propuzemos, reſolveo aſſim: *Sicut in mari eſt omnium aquarum congregatio, ita in Maria eſt omnium gratiarum adunatio.* Da meſma ſorte que o mar, por ſua grandeza contèm todas as aguas em ſi, aſſim a graça da Mãy de Deos he tanta, que nella eſtá recopilado o Oceano todo de graças. Richardo de S. Lourenço, depois que lhe deu a admiraçaõ lugar, quiz ſobir mais de ponto, e aſſemelhando tambem a graça da Senhora com o mar, pouco depois vendo ſubmergido nelle o diſcurſo, confeſſou que à graça da Senhora, nem havia medida, nem ſe lhe deſcobria fundo: *Sicut in mari, nec menſura, nec fundus eſt, ita nec Maria accepit gratiam ad menſuram aliorum.*

Alb. M. in Bibl. Mar.

Rich. à S. L. de Laud V. lib. 9.

80 Mas

80 Mas ainda assim, S. Epifanio tomou ajustadamente as medidas a tanta graça: *Gratia Sanctæ Virginis est immensa.* A graça de Maria Santissima, diz o Padre, he immensa. Eis-ahi pois quam intensa foy a graça em que a Senhora se concebeo. A graça da Senhora sempre esteve no mesmo auge: nunca cresceo, nem era capaz de augmẽto: *Maria incapax augmenti gratiæ*, ouviste já ao Bonherba. Em hum mesmo grao se esteve conservando sempre, na Conceiçaõ, na Encarnaçaõ, e por toda a vida; e como esta graça chegou a ser immensa, evidente he que já na Conceiçaõ era immensa. D. Epiph. Bonh sup. Laudatus.

81 Oh Maria concebida em immensa graça! Aqui será bem emmudeçaõ as linguas; e só discorraõ admiradas as Intelligencias. Os Anjos, e naõ os homens, sejaõ os que louvem vossa Conceiçaõ admiravel, por ser em immensa graça. Tudo quanto he creado, tem limites onde se termina; só a graça em que fostes concebida, carece de termo, pois he immensa. Attributos Divinos saõ improporcionados à capacidade humana; mas vòs Immaculada Senhora, logrando em vossa Immaculada Conceiçaõ graça immensa, vindes mais a parecer Divina, que humana.

82 He formal effeito da graça, fazer agradaveis a Deos as creaturas, que a lograõ: e quanto seria o agrado, que terieis diante de Deos em vossa Conceiçaõ, sendo em immensidades de graça concebida! O immenso naõ tem limites, nenhumas margens o comprehendem: e de que em vòs coubesse taõ immensa graça, quem se naõ ha de admirar! Duas vezes se assombra o discurso, considerando em vossa grandeza. Na Conceiçaõ hũa vez, e na Encarnaçaõ outra; porque se na Encarnaçaõ concebestes no breve circulo de vosso ventre hũ Deos immenso, que na ampliſſima extensaõ dos Ceos naõ ca-

be: *Quem cœli capere non poterant, tuo gremio contulisti.* Na Conceiçaõ recebestes huma graça, para a qual (pois era immensa) outro espaço, mais dilatado que o Mundo todo, seria angustia. Na Encarnaçaõ, o curto espaço do ventre serve de milagre, recebendo em si a immensidade do Verbo. Na Conceiçaõ, a alma he prodigio, cabendo em seus limites immensa graça. Credito he de vossa Conceiçaõ, que já entaõ coubesse em vòs tanta graça: mas se quereis acreditar a graça de vossa Conceiçaõ, e premiar o affecto que a celebra, mostray que tanta graça já em vòs naõ cabe. Communicay-a aos peccadores, alcançando que della participemos, para que melhor conheçamos a graça em que fostes concebida, quando no Ceo se nos illustrar o entendimento cõ o alto lume da gloria. *Amen.*

F I M.

INDICE

DOS LUGARES DAS AGRADA ESCRITURA.

Com os primeiros numeros se apontaõ os Sermoens: com os segundos se apontaõ os paragrafos de cada Sermaõ.

Ex Libro Geneſis.

Cap. I. V. 4. DIVISIT lucem à tenebris. S. XI. §. 53
26 Faciamus hominem. VII. 21
2 10 Fluvius egrediebatur de loco voluptatis, ad irrigandum paradiſum, qui inde dividitur in quatuor capita. VIII. 30
I. 48
24 Relinquet homo patrem. IV. 31. & X. 13
3 5 Eritis ſicut Dij ſcientes bonum, & malum. X. 10
18 2 Apparuerunt ei tres viri. IV. 35
21 16 Non videbo morientem puerum. IX. 10
23 11 Agrum tibi trado, & ſpeluncam quæ in eo eſt. ibid.
13 Dabo pecuniam pro agro, ſuſcipe eam, & ſic ſepeliam mortuum meum in eo. III. 11
25 34 Parvipendens, quod primogenita vendidiſſet. VIII. 25
27 18 Quis es tu fili mi?
19 Ego ſum primogenitus tuus Eſaú, feci ſicut præcepiſti mihi. ibid.
21 Accede huc, ut tangam te fili mi, & probem, utrum tu ſis filius meus Eſaú, an non? ibid.
22 Palpato eo dixit Iſaac: vox quidem vox Jacob eſt, ſed manus, manus ſunt Eſaú. ibid.

28. 11. Tulit

28	11	Tulit de lapidibus, qui jacebant, & ſupponens capiti ſuo dormivit.	XII.	59
	12	Viditque in ſomnis ſcalam ſtantem ſuper terram, & cacumen illius tangens Cœlum, Angelos quoque Dei aſcendentes, & deſcendentes per eam.	XI.	40
	13	Ego ſum Dominus Deus Abraham Patris tui, & Deus Iſaac; terram in qua dormis, tibi dabo, & ſemini tuo.	VII.	44
	14	Et benedicétur inté,& in ſemine tuo,cũ ctæ tribus terræ.	ibid.	
29	20	Videbantur illi pauci dies, præ amoris magnitudine.	I.	38
31	13	Ego ſum Deus Bethel, ubi unxiſti lapidem, & votum voviſti mihi.	VII.	32
32	1	Fueruntque ei obviam Angeli Dei.	XII.	59
	2	Quos cum vidiſſet ait, caſtra Dei ſunt hæc.	ibid.	
	7	Timuit Jacob valde.	ibid.	
	28	Contra homines prævalebis.	ibid.	55
35	1	Surge, & aſcende Bethel, & habita ibi.	VII.	46
	8	Mortua eſt Debora nutrix Rebeccæ, & ſepulta eſt ad radices Bethel, ſubter quercum, vocatumque eſt nomen loci illius, quercus fletus.	III.	3
	16	Egreſſus autem inde,venit verno tempore ad terram,quæ ducit ad Ephratam.	VII.	45
	18	Vocavit nomen filij ſui Benoni, id eſt, filius doloris mei.	XI	51
	18	Benjamin, id eſt, filius dextræ.	VIII.	32
37	3	Iſrael autem diligebat Joſeph ſuper omnes filios ſuos, eo quod in ſenectute genuiſſet eum.	ibid.	
	8	Numquid Rex noſter eris aut ſubjiciemur ditioni tuæ?	X.	30
	35	Deſcendam ad filium meum lugens in inferno.	III.	15
41	40	Tu eris ſuper domum, & ad oris tui imperium cunctus populus obediet.	XII.	18
	41	Uno tantum regni ſolio te præcedam.	ibid.	
	42	Tulitque annulum de manu ſua, & dedit eum in manu ejus.	ibid,	
	42	Veſtivit eum ſtola byſſina, & collo torquem auream circumpoſuit.	X.	28
	44	Ego ſum Pharaò, abſque tuo imperio, non movebit quiſquam manum, aut pedem.	ibid.	19
	45	Vocavit eum lingua Ægyptiaca Salvatorem mundi.	II.	28
42	7	Quaſi ad alienos duriu. loquebatur.	I. 27. & II 45. 3.	23

45 3 Ego sum Joseph. ibid.
22 Singulis q " que proferri jussit binas stolas. ibid. 25
22 Benjamin vero dedit trecentos argenteos, cum quinque stolis optimis. ibid.
47 39 Nũquid sapientiorem,& consimilem tibi invenire potero. X. 7
48 22 Do tibi partem unam extra fratres tuos, quam tuli de manu Amorrhæi, in gladio, & arcu meo. XII. 52
50 15 Ne forte memor sit injuriæ,quam passus est,& reddat nobis omne malum, quod fecimus. I. 18
17 Obsecro ut obliviscaris scelerum fratrum tuorum, & peccati atque malitiæ, quam exercuerunt in te. ibid.
25 Mortuus est.... & conditus aromatibus, repositus est in loculo. X. 33

Ex Libro Exodi.

Cap. 3. 2. Apparuitque ei Dominus in flamma ignis de medio rubi. VIII. 14
4 Cernens autem Dominus, quod Moyses pergeret ad videndum, vocavit eum de medio rubi, & ait.... ne appropies, &c. I. 4
6 Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, Deus Jacob. VIII. 14
4 11 Impeditioris, & tardioris linguæ sum. XI. 4
13 21 Per diem in columna nubis,per noctem in columna ignis. VII. 3
16 15 Manhu!... quid est hoc? ibid. 15
26 7 Facies & saga cilicina, ad operiendum tectum tabernaculi. III. 44
14 Facies & operiorium aliud tecto, de pellibus arietum rubricatis, & super hoc rursum aliud operimentum, de ianthinis pellibus. ibid.
33 11 Sicut solet loqui homo ad amicum suum. II. 22
20 Non enim videbit me homo, & vivet. ibid. & XI. 19

Ex Libro Levitici.

13 19 Non morabitur opus mercenarij tui usque manè. IX. 45

Ex Libro Numeri.

12	8	PAlam & non per ænigmata & figuras Deum videt.	XI.	19
20	8	Loquimini ad petram, coram eis, & illa dabit aquas.	VII.	42
	11	Percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.	ibidem.	
	12	Quia non credidistis mihi, non introducetis hos populos in terram.	XIII.	42
21	8	Fac serpentem æneum; .... qui percussus aspexerit vivet.	VII.	15

Ex Libro Deuteronomij.

15	2	CUi debetur aliquid ab amico, vel proximo, ac fratre suo repetere non poterit, quia annus remissionis est.		
	9	Cave ne forte subrepat tibi impia cogitatio, & dicas in corde tuo, appropinquat septimus annus remissionis.	IX.	34
	11	Præcipio tibi ut aperias manum fratri tuo egeno, & mendico non erit inter vos.	ibid.	39
21	17	Dabi que de his, quæ habuerit, cuncta duplicia.	V.	14
24	15	Ne clamet contra te ad Dominum.	VIII.	26
33	24	Benedictus in filiis Asser.	IX.	45
34	7	Non cognovit homo sepulchrum ejus.	II.	10
	8	Fleveruntque eum filij Israel in campestribus Moab triginta diebus.	X.	33
			III.	35

Ex Libro Judicum.

14	3	PLacuit oculis meis.	I.	29
15	2	Putavi quod odisses eam.	ibid.	15
16	15	Dicis quod amas me.	I.	29

Ex Libro primo Regum.

1	11	SI respiciens videris afflictionem famulæ tuæ ..., dederisque servæ tuæ sexum virilem.	IV.	37
17	25	Virum ergo, qui percusserit eum, ditabit Rex divitiis magnis, & filiam suam dabit ei.	II.	1
	26	Quid dabitur viro, qui percusserit Philistæum hunc?	ibid.& X.	30

27 28 Quod cum audisset Eliab, frater ejus maior eo loquente cum aliis, iratus est contra David, quare venisti, & dereliquisti pauculas oves in deserto? X. 30

Ex Libro secundo Regum.

12 22 PRopter infantem dum adhuc viveret, jejunavi & flevi. III. 16
14 32 Si memor est iniquitatis meæ interficit me. I. 19
18 13 Erexit sibi titulum .... Manus Absalonis. VIII. 22
33 Flevit & sic loquebatur vadens; fili mi Absalom; Absalom fili mi; quis mihi tribuat ut ego moriar pro te? III. 16

Ex Libro tertio Regum.

1 7 ADjuvabant partes Adoniæ. IV. 25
12 Accipe consilium à me. ibid. 26
9 3 Sanctificavi domum hanc, quam ædificasti; ut ponerem nomen meum ibi, in sempiternum; & erunt oculi mei & cor meum ibi cunctis diebus. VII. 36
10 18 Fecit Rex Salomon thronum de ebore grandem. ibid. 30
17 12 Non habeo panem, nisi quantum pugillus capere potest farinæ in hydria .... En colligo duo ligna, ut ingrediar, & faciam illum mihi, & filio meo. V. 36
13 Noli timere, sed vade & fac, sicut dixisti; verumtamen mihi primum. ibid.
16 Ex illa die, hydria farinæ non defecit, & lecythus olei, non est imminùtus. ibid. 38

Ex Libro quarto Regum.

2 9 OBsecro ut fiat in me duplex spiritus tuus. VI. 51. & VIII. 26. & VIII 49
10 Si videris me, quando tolar à te, erit tibi quod petisti. VIII 49
15 Requievit spiritus Eliæ super Elisæum. III. 60
4 8 Erat autem ibi mulier magna. Cumque frequenter inde transiret, divertebat ad eam. V. 45
9 Vir Dei Sanctus est iste. ibid.
20 10 Facile est umbram crescere decem lineis, nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum decem gradibus. VIII. 42. & XII. 5

Ex Libro secundo Paralipomenonis.

7 14 SI deprecatus me fuerit, ego exaudiam de cælo, & propitius ero peccatis eorum. V. 22

Ex Libro Tobiæ.

4 5 QUicumque tibi aliquid operatus fuerit statim ei mercedem restitue. IX. 45

21 Indico etiam tibi fili mi, dedisse me decem talenta argenti .... Gabelo in Ragès civitate Medorum. ibid. 4

3 5 Chirographum quidem illius penes me habeo, quod dum illi ostenderis, statim restituet. ibid.

Ex Libro Esther.

6 6 REputans, quod nullum alium, Rex nisi se vellet honorare. IV. 31

8 16 Judæis autem nova lux oriri visa est. IX. 31

Ex Libro Job.

1 8 NUmquid considerasti servum meum Job? X. 6

4 3 Ecce docuisti multos, & manus lassas roborasti. III. 6

4 Vacillantes confirmaverunt sermones tui, & genua tremen-tia confortasti. ibid.

5 Nunc autem venit super te plaga & defecisti. ibid.

10 8 Manust uæ fecerunt me. VII. 21

28 18 In nidulo meo moriar, & sicut Phœnix multiplicabo dies. X. 6

Ex Libro Psalmorum.

2 2 ASTiterunt Reges terræ, & Principes convenerunt in unum, adversus Dominum, & adversus Chri-stum ejus. XII. 35

7 Dominus dixit ad me: Filius meus es tu, ego hodie genui te. ibid.

8 Postula à me & dabo tibi gentes hæreditatem tuam, & pos-sessionem tuam terminos terræ. ibid.

15	1	Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.	V. 54
18	2	Dies diei eructat verbum.	IV. 2
26	6	In petra exaltavit me: & nunc exaltavit caput meum, super inimicos meos.	XI. 7. 8. & 35
34	15	Congregata sunt super me flagella, & ignoravi.	I. 22
40	1	Beatus qui intelligit super egenum & pauperem; in die mala liberabit eum Dominus.	V. 24
43	1	Deus auribus nostris audivimus, Patres nostri, &c.	III. 55
	2	Opus quod operatus es in diebus eorum, & in diebus antiquis.	ibid.
	26	Quare obliviscéris inopiæ nostræ?	ibid. 54
44	1	Eructavit cor meum verbum bonum.	IV. 2
47	12	Ponite corda vestra in virtute ejus.	ibid. 15
48	13	Homo cum in honore esset non intellexit, &c.	X. 13
72	14	Fui flagellatus tota die, & castigatio mea in matutinis.	I. 23
	22	Ad nihilum redactus sum, & nescivi.	X. 16
86	3	Gloriosa dicta sunt de te civitas Dei.	VII. 22
94	1	Venite exultemus Domino, jubilemus Deo salutari nostro.	XII. 33
	3	Quoniam Deus magnus Dominus, & Rex magnus super omnes Deos.	ibid.
	4	Quia in manu ejus sunt omnes fines terræ.	ibid.
104	37	Non erat in tribubus eorum infirmus.	III. 37
105	23	Moyses electus ejus.	ibid. 35
109	3	Tecum principium in die virtutis tuæ in splendoribus, &c.	VI. 13
			VII. 11. & X. 27
119	5	Incolatus meus prolongatus est, habitavi cum habitantibus Cedar, multum incola fuit anima mea.	I. 35
131	8	Surge Domine in requiem tuam.	I. 56
144	15	Oculi omnium in te sperant Domine, & tu das escam, &c.	III. 50
147	6	Mittit crystallum suam sicut buccellas.	II. 46

Ex Libro Proverbiorum.

9	1	Sapientia ædificavit sibi domum.	IV. 24
	3	Misit ancillas suas, ut vocarent ad arcem & ad mœnia civitatis.	III. 14
13	8	Redemptio animæ viri divitiæ suæ.	V. 17
14	1	Sapiens mulier ædificat domum suam.	IV. 7

21 13 Qui obturat aures ſuas ad clamorem pauperis, & ipſe clamabit, & non exaudietur. V. 21

Ex Libro Eccleſiaſtes.

1 5 ORitur Sol & occidit. X. 5
6 Gyrat per meridiem. ibid.
5 12 Divitiæ conſervatæ in malum Domini ſui. V. 17
13 Pereunt enim in afflictione peſſima. ibid.

Ex Libro Canticorum.

1 6 INdica mihi, quem diligit anima mea, ubi paſcas, ubi cubes in meridie. I. 13
7 Si ignoras te ò pulcherrima inter mulieres. ibid.
2 6 Læva ejus ſub capite meo,& dextra illius amplexabitur me. IV. 16
2 8 Quid faciemus ſorori noſtræ,in die quando alloquenda eſt. XIII. 22
3 9 Ferculum fecit ſibi Rex Salomon. VII. 30
4 3 Sicut vitta coccinea labia tua. IV. 18
9 Vulneraſti cor meum, ſoror mea ſponſa, in uno oculorum tuorum, & in uno crine coli tui. VIII. 35
5 8 Adjuro vos filiæ Jeruſalem, ſi inveneritis dilectum meum, ut nuntietis ei, quia amore langueo. I. 105
6 9 Quæ eſt iſta, quæ progreditur, quaſi aurora conſurgens. pulchra ut luna, electa ut ſol? VI. 5. & XIII. 55
8 6 Fortis eſt ut mors dilectio, dura ſicut infernus æmulatio. I. 99. & 102. XI. 34

Ex Libro Sapientiæ.

1 7 SCientiam habet vocis. III. 29
16 20 Paratum panem de cælo præſtitiſti illis. VII. 15
21 Ad quod unuſquiſque volebat convertebatur. III. 37
18 14 Cum quietum ſilentium continerent omnia, & nox in ſuo curſu medium iter haberet, omnipotens ſermo tuus de cælo à regalibus ſedibus. VII. 11

Ex Libro Ecclesiastici.

3 33 Eleemosyna resistit peccatis. V. 18
24 5 Ego ex ore Altissimi prodivi. I. 80. & seq. X. 27
7 Thronus meus in columna. VII. 6. 29
26 Transite ad me omnes qui concupiscitis me, & à generationibus meis implemini. IV. 38
36 15 Jerusalem, Civitati requiei tuæ. II. 60
48 1 Verbum ipsius, quasi facula ardebat. III. 60
49 16 Nemo natus est in terra, &c. X. 1
17 Ut Joseph, qui natus est homo ... Rector fratrum. ibid.
18 Post mortem prophetaverunt. ibid. 33

Ex Prophetia Isaiæ.

2 8 Opus manuum suarũ adoraverunt, quod fecerunt digiti eorum. VIII. 4
9 Et incurvavit se homo, & humiliatus est vir, ne ergo dimittas eis. ibid.
3 1 Dominus exercituum auferet de Jerusalem, &c. III. 18
3 Consiliarium & sapientem. ibid.
6 2 Seraphim stabant super illud: sex alæ uni, & sex alæ alteri; duabus velabant faciem ejus: & duabus velabant pedes ejus: & duabus volabant. I. 16. II. 33
3 Et clamabant alter ad alterum, & dicebant S. S. S. II. 33. XI. 43
7 11 Pete tibi signum à Domino Deo tuo. IV. 27
14 Ecce Virgo concipiet & pariet filium. ibid. 29. 30
14 Vocabitur nomen ejus Emmanuel. VI. 32
15 Ut sciat reprobare malum, & eligere bonum. IV. 29. 30
14 12 Lucifer, qui mane oriebaris. X. 21
14 Similis ero Altissimo. ibid.
30 26 Erit lux lunæ, sicut lux solis, & lux solis septempliciter sicut lux septem dierum. VIII. 20. XI. 56
33 21 Solummodo ibi magnificus Dominus noster. VIII. 5
36 6 Divitiæ salutis sapientia, & scientia. III. 19
37 16 Qui sedes super Cherubim, tu es Deus solus omnium regnorum terræ. ibid.

40. 31. Assu-

40 31 Assument pennas sicut aquilæ. II. 49
64 1 Utinam disrumperes cælos & descenderes? X. 34
66 1 Quæ est ista domus, quam ædificabitis mihi, &c. VII. 36
2 Ad quem autem respiciam, nisi ad pauperculum, & contritum spiritu? ibid.

Ex Prophetia Jeremiæ.

4 23 25] Aspexi terram, & ecce vacua erat. Intuitus sum, & non erat homo. X. 11 ibid.

Ex Threnis Jeremiæ.

2 12 Matribus suis dixerunt, ubi est triticum? III. 34
18 Deduc quasi torrentem lacrymas per diem & noctem non des requiem tibi, neque taceat pupilla oculi tui. ibid. 49

Ex Propheria Baruch.

3 31 Non est qui possit scire vias ejus. XI. 1

Ex Prophetia Ezechielis.

1 9 10 Unumquodque ante faciem suam gradiebatur. Facies hominis & facies leonis à dextris ipsorum quatuor; facies autem bovis à sinistris quatuor; & facies aquilæ desuper ipsorum quatuor. II. 57 ibid. & VI. 21
20 Spiritus vitæ erat in rotis. VI. 54
21 Cum elevatis à terra, pariter elevabantur & rotæ, sequentes ea, quia spiritus vitæ erat in rotis. ibid.
10 14 Facies una facies Cherub; & facies secunda facies hominis; & in tertio facies leonis, & in quarto facies aquilæ. ibid. 22
15 20 Ipsum est animal, quod videram, juxta fluvium Chobar. ibid.
28 17 Elevatum est cor tuum in decore tuo, perdidisti sapientiam tuam, in decore tuo. X. 18

Ex Prophetia Danielis.

3 3 OMnia quæ feciſti nobis Domine in vero judicio feciſti. V. 8

4 24 Peccata tua eleemoſynis redime, & iniquitates tuas miſericordiis pauperum. ibid. 18.

5 29 Tunc jubente Rege, indutus eſt Daniel purpura, & circundata eſt torques aurea collo ejus, & prædicatum eſt de eo, quod haberet poteſtatem tertius in regno ſuo. X. 27

9 24 Septuaginta hebdomades abbreviatæ ſunt ſuper populum tuum. II. 17

Ex Prophetia Oſeæ.

2 19 SPonſabo te mihi. I. 48

Ex Prophetia Habacuc.

3 10 VIderunt te, & doluerunt montes. III. 3

Ex Prophetia Zachariæ.

6 12 VIr Oriens nomen ejus. XIII. 65

Ex Prophetia Malachiæ.

4 2 ORietur vobis Sol. VIII. 3

Ex libro primo Machabæorum.

4 36 AScendamus nunc mundare ſancta & renovare. XI. 46

47 Ædificaverunt altare novum. ibid.

49 Et fecerunt vaſa ſancta nova. ibid.

Ex Divo Matthæo.

1 18 ANte quam convenirent inventa eſt in utero habens de Spiritu Sancto. XIII. 74

25 E

		25	Et non cognoſcebat eam donec peperit filium ſuum.	ibid. 6
2		11	Procidentes adoraverunt eum.	VIII. 48
		18	Rachel plorans filios ſuos, & noluit conſolari quia non ſunt.	III. 58
3		14	Ego à te debeo baptizari, & tu venis ad me?	VIII. 18
		17	Hic eſt filius meus dilectus, &c.	II. 38 & VIII. 18
4		2	Cum jejunaſſet quadraginta diebus, & quadraginta noctibus, poſtea eſuriit.	V. 1
		4	Non in ſolo pane vivit homo, ſed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.	III. 33
		6	Mitte te deorſum.	IX. 28
		8	Oſtendit ei omnia regna mundi, & gloriam eorum.	ibid. & X. 20
		9	Et dixit hæc omnia tibi dabo.	ibid. & V. 50
		10	Vade Satana.	ibid.
5		8	Beati mundo corde, quoniam ipſi Deum videbunt.	II. 14
		14	Vos eſtis lux mundi.	X. 14
11		28	Venite ad me omnes, qui laboratis.	XI. 6
		30	Jugum enim meum ſuave eſt, & omnus meum leve.	IX. 39
14		28	Domine ſi tu es jube, me venire ad te ſuper aquas.	II. 25
15		32	Triduo jam perſeverant mecum, & non habent quod manducent.	V. 60
16		27	Reddet unicuique ſecundum opera ejus.	IX. 47
17		6	Hic eſt filius meus dilectus.	VI. 46
18		18	Quæcumque alligaveris ſuper terram, erunt ligata & in cœlo, & quæcumque ſolveris ſuper terram, &c.	XII. 31
19		29	Omnis qui reliquerit,... propter nomen meum, centuplum accipiet, & vitam æternam poſſidebit.	II. 2 & 6
22		39	Diliges proximum tuum, ſicut te ipſum.	V. 15
25		14	Homo peregre proficiſcens.	I. 60
		35	Eſurivi enim & dediſtis mihi manducare: ſitivi & dediſti mihi bibere: nudus fui, & cooperuiſtis me.	V. 27
		40	Quandiu feciſtis uni ex his fratribus meis minimis, &c.	ibid. 35
		41	Diſcedite à me maledicti in ignem æternum, paratus eſt diabolo & angelis ejus.	ibid. 13. & 23

42 Esurivi enim & non dedistis mihi manducare; sitivi, & non dedistis mihi potum; nudus fui & non cooperuistis me. ibidem.

26 15 Constituerunt ei triginta argenteos. IX. 22

50 Amice ad quid venisti? I. 19. & 25

63 Dicas nobis si tu es Christus filius Dei? Tu dixisti. VIII. 10

27 3 Pœnitentia ductus, retulit triginta argenteos principibus Sacerdotum, & senioribus. V. 20

4 Dicens peccavi tradens sanguinem justum. ibidem.

19 Nihil tibi, & justo illi. IX. 28

46 Eli, Eli, lamma Sabactani. VIII. 9

47 Eliam vocat iste. ibid.

49 Sine videamus, an veniat Elias. ibid.

28 12 Pecuniam copiosam dederunt militibus. IX. 28

20 Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem sæculi. VIII. 6

Ex Divo Marco.

8 2 Misereor super turbam, quia ecce jam triduo sustinent me, nec habent, quod manducent. V. 60

9 21 Si quid potes adjuva nos. IV. 11

16 Euntes in mundum universum prædicate Euangelium. X 14

Ex Divo Luca.

1 17 Ipse præcedet ante illum in spiritu & virtute Eliæ VIII. 5

31 Vocabis nomen ejus Jesum. VI. 32

Ecce ancilla Domini. XIII. 21

49 Fecit mihi magna, qui potens est. ibid. 36

66 Manus Domini erat cum illo. VIII. 23

2 11 Natus est vobis hodie Salvator. VII. 31

Vocatum est nomen ejus Jesus. VI. 32

5 Duc in altum. X. 27

6 12 Erat pernoctans in oratione Dei. III 59

13 Elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit. ibid.

	16	Eſtote ergo miſericordes, ſicut & Pater veſter miſericors eſt.	V.	54
9	10	Vos autem, quem me eſſe dicitis? Reſpondens Simon Petrus, dixit Chriſtum Dei.	VIII.	13
		Intrantibus illis in nubem, vox facta eſt de nube.	ibid.	15
	35	Hic eſt filius meus dilectus, ipſum audite.	ibid.	15 & 17
		Et dum fieret vox, inventus eſt ſolus JESUS.	ibid.	16
10	39	Sedens ſecus pedes Domini.	IV.	41
	40	Domine non eſt tibi curæ, quod ſoror mea reliquit me ſolam miniſtrare? Dic ergo illi, ut me adjuvet.	ibid.	
11	41	Quod ſupereſt, date eleemoſynam.	V.	14
14	16	Homo quidam fecit cœnam magnam, & vocavit multos.	IV.	39
	18	Et cœperunt ſimul omnes excuſare.	ibid.	
	23	Exi ergo in vias & ſepes, & compelles intrare.	ibid.	
16	24	Mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti ſui in aquam, ut refrigeret linguam meam.	V.	10
19	8	Dimidium bonorum meorum do pauperibus.	IX.	16
22	32	Rogavi pro te Petre, ut non deficiat fides tua.	XII.	3
24	45	Aperuit illis ſenſum, ut intelligerent Scripturas.	XI.	10

Ex Divo Joanne.

1	1	In principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum, & Deus erat Verbum.	XI.	24
	14	Vidimus gloriam ejus, gloriam quaſi unigeniti à Patre plenum gratiæ.	XIII.	28
	18	Unigenitus filius, qui eſt in ſinu Patris.	XII.	50
	33	Super quem videris ſpiritum deſcendentem, & manentem ſuper eum, hic eſt qui baptizat in Spiritu Sancto.	II.	38.
2	3	Vinum non habent.	IV.	19
	4	Quid mihi & tibi mulier, non dum venit hora mea.	ibid.	
3	14	Sicut Moyſes exaltavit ſerpentem in deſerto, ita exaltari oportet filium hominis.	VII.	15
5	11	Diſtribuit diſcumbentibus.	V.	5
6	9	Eſt puer hic unus, qui habet quinque panes ordeaceos, & duos piſces.	V.	29
	11	Accepit ergo JESUS panes, & cum gratias egiſſet diſtribuit		

trib.it discumbentibus : similiter ex piscibus, quantum volebant. ibid.
15 Jesus ergo cum cognovisset, quia venturi essent, ut raperent eum, & facerent eum Regem, fugit, &c. ibid. 53.
44 Nemo potest venire ad me, nisi Pater, qui misit me traxerit eum. VIII. 14
52 Quomodo potest hic nobis carnem suam dare. XI. 52
58 Misit me vivens Pater. VII. 6
8 56 Abraham Pater vester exultavit ut videret diem meum: vidit. XI. 29
8 58 Antequam Abraham fieret, ego sum. XIII. 55
11 50 Expedit vobis, ut unus moriatur homo pro populo. VIII. 10
13 1 Sciens Jesus, quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem. I. 33.
3 Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus. ibid. 65
3 A Deo exivit, & ad Deum vadit. ibid. 46 47
14 9 Qui videt me, videt & Patrem. VIII. 49.
21 Qui diligit me diligam eum, & manifestabo ei me ipsum. II. 16
26 Paraclitus Spiritus Sanctus docebit vos omnia. III. 29
15 12 Hoc est præceptum meum ut diligatis invicem. V. 14
15 Vos autem dixi amicos, quia omnia quæcumque, &c. XI. 14
26 Paraclitus qui à Patre procedit. I. 80. & seq.
16 23 In illo die non me rogabitis quidquam. XI. 13
18 6 Ut ergo dixit eis, ego sum, abierunt retrorsum, & ceciderunt in terram. XII. 57
19 30 Inclinato capite tradidit spiritum. I. 24.
34 Exivit sanguis & aqua. XI. 35
21 20 Vidit illum discipulum, quem diligebat JESUS, qui & recubuit in cœna super pectus ejus. VI. 26. & XI. 24
21 Hunc ergo cum vidisset Petrus, dixit Jesu: Domine hic autem quid? &c. VI. 25
54 56 Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo. I. 50

Ex Libro Actorum, &c.

1		Hic JESUS, qui assumptus est à vobis.	VIII.	5
9	3	Cum iter faceret contigit, ut appropinquaret Damasco, & subito circumfulsit eum lux de cœlo.	XI.	2
12	10	Venerunt ad portam ferream, quæ ducit ad civitatem.	ibid.	
13	22	Virum secundum cor meum.	III.	35

Ex Epistola D. Pauli ad Romanos.

3		Posuit Deus propitiationem in sanguine ipsius ad ostentionem justitiæ suæ.	II.	18
6		Christus surrexit à mortuis per gloriam Patris.	VIII.	5
8		Prædestinavit conformes fieri imaginis filii sui.	VI.	11
11		Investigabiles viæ ejus.	XI.	1

Ex Epistola ad Corinth. 1.

6		Empti enim estis pretio magno.	IX.	13
10	4	Bibebant de spiritali consequente eos petra; Petra autem erat Christus.	VII.	43
11	24	Hoc est corpus meum.	IX.	36
			VI.	49

Ex Epistola ad Corint. 2.

6	14	Quæ societas lucis ad tenebras?	ibid.	45
9	7	Hilarem enim datorem diligit Deus.	V.	55
12	2	Sive in corpore, sive extra corpus nescio, Deus scit, quoniam raptus est in paradysum.	II. 23. XI.	19

Ex Epistola ad Galatas.

6	17	Stigmata Domini JESU in corpore meo porto.	VI.	39

Ex Epistola ad Ephesios.

1 7 HAbemus redemptionem per sanguinem ejus, remissionem peccatorum. IX. 29
2 4 Qui est dives in misericordia. V. 39 IX. 16
5 31 Propter hoc relinquet homo patrem. I. 48

Ex Epistola ad Philippenses.

1 24 PErmanere autem in carne necessarium propter vos. I. 71
25 Et hoc confidens scio, quia manebo, & permanebo omnibus vobis. ibid.
2 8 Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis. I. 67 & XIII. 51
Propter quod Deus exaltavit illum, & donavit illi nomen, quod est super omne nomen. XIII. ibid.

Ex Epistola ad Colossenses.

1 24 ADimpleo ea quæ desunt passionum Christi in carne mea. VI. 39
Ut adimpleam verbum Dei, mysterium quod absconditum fuit à sæculis, & generationibus, nunc autem manifestum est sanctis ejus, quibus voluit Deus notas facere divitias gloriæ sacramenti hujus. ibidem.

Ex Epistolis ad Timotheum.

Ep. 1. 5. 5. QUæ vidua est, et pesolata, speret in Deum. III. 48
Ep. 2. 4. 8. Corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus. II. 16

Ex Epistola ad Hebræos.

1 3 POrtansque omnia verbo virtutis suæ. IV. 12 XI. 12
11 4 Defunctus adhuc loquitur. X. 32
22 Fide Joseph moriens. ibid. 63

Ex Epistolis D. Petri.

Ep. 1. 1. 17 Accipiens à Deo Patre honorem & gloriam, voce delapsa ad eum, hujuscemodi à magnifica gloria; hic est filius meus dilectus. VI. 46. VIII. 14

Ep. 2. 3. 10 Adveniet autem dies Domini, ut fur. IX. 47

Ex Epistolis D. Joannis.

Ep. 1. 3. 18 Fratres, non diligamus verbo, neque lingua, sed opere & veritate. V. 15

Ep. 2. 3. 17 Qui habuerit substantiam hujus mundi, & viderit fratrem suum necessitatem habere, & clauserit viscera sua ab eo, quomodo charitas Dei manet in eo? V. 14

Ex Libro Apocalypsis.

3 12 Qui vicerit faciam illũ columnam in templo Dei mei, & foras non egredietur amplius, & scribam super eum nomen Dei mei, & nomen Civitatis novæ Jerusalem, quæ descendit de cœlo à Deo meo, & nomen meum novum. VII. 34

5 6 In medio throni, & quatuor animalium, & in medio seniorum, agnum stantem, tanquam occisum. II. 63. VIII. 43

8 Quatuor animalia, & viginti quatuor seniores, ceciderunt coram agno, & cantabant canticum novum. VIII. 45

6 2 Exivit vincens ut vinceret. I. 91

7 2 Vidi alterum angelum. VI. 3

4 Audivi numerum signatorum centum quadraginta quatuor millia signati. VIII. 38

9 Post hæc vidi turbam magnam, quam dinumerare nemo poterat ex omnibus gentibus, & populis, & linguis. ibid. 38

13 Hi qui amicti sunt stolis albis, qui sunt, & unde venerunt? XII. 47

14 Hi sunt qui venerunt de tribulatione magna, & laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in sanguine agni; ideo sunt ante thronum Dei. ibid.

10. 12. Habebat libellum apertum in manua sua,& facies ejus sicut Sol. II.37.& III.19.

12. 1. Signum magnum apparuit in cœlo. Mulier amicta Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum. XI.28.XIII.49 (&61.

4. Draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura, ut cum peperisset filium ejus devoraret. XI. 50.

5. Et peperit masculum. ibid. 49.

13. 1. Et vidi de mari bestiam ascendentem. X. 10.

17. 15. Aquæ quas vidisti, populi sunt & gentes. VI. 19.

18. 1. Vidi angelum descendentem de cœlo, habentem potestatem magnam. XII. 25.

20. Exulta super eam cœlum, & Sancti Apostoli, & Prophetæ, quoniam judicavit Deus judicium vestrum de illa. ibid. 24.

19. 2. Vera & justa judicia sunt ejus, qui judicavit. ibid. 25.

10. Cecidi ante pedes ejus, ut adorarem eum: & dixit mihi, vide ne feceris: conservus tuus sum, & fratrum tuorum, habentium testimonium JESU. Deum adora. ibid. 24.

21. 2. Vidi civitatem Sanctam Jerusalem novam descendentem de cœlo à Deo paratam. VII. 17.& seq.& XIII.66.

Habentem claritatem Dei, & lumen ejus simile lapidi pretioso, tanquam lapidi jaspidis. VII. 18.

3. Ecce tabernaculum Dei cum hominibus & habitabit cum eis, & ipsi populus ejus erunt, & ipse Deus cum eis erit eorum Deus, &c.

FINIS.

INDICE

Das couſas mais dignas de ſerem notadas.

A letra S. *indica o Sermaõ: o ſeguinte num. aponta o paragrafo.*

A

Abſolviçaõ.

HE grande a piedade da Sè Apoſtolica, quãdo concede authoridade, para ſe abſolver dos caſos reſervados. S.IX.num.34.

Adoraçaõ.

Nenhuma outra adoraçaõ exalta a hum ſogeito, tanto que o conſideramos adorado em vida. S.VIII. n. 47. & 48.

Agilidade. Vide *S. Bento.*

Aggravo.

Lembrança do aggravo he deſpertador da vingança. S.I. n.17.&ſeq.

Entre aggravos, e ingratidões, ſe apura o amor de Chriſto. 1b. n.98.& ſeq.

Ajuda.

Muitos deixaõ de ajudar, porque naõ podem. S.IV. num. 11.

Naõ ſe ajuda efficazmente ſem ſabedoria. Ib n. 23 & ſeq.
Ajudar ſem ſabedoria, he perder. Ibid num. 25.
Só ſabe ajudar, quem ſabe eſcolher o bem, e reprovar o mal. Ib. n. 31. & ſeq.
Havendo miſericordia, naõ ſe póde faltar com a ajuda. Ib. n. 33. & ſeq.
He digno de reprehenſaõ, quem invocando a ajuda da Senhora, duvida da ſua miſericordia. Ibid. n. 41.
Vide *Mãy de Deos.* Vide *Maria.*
Vide *Miſericordia.*
Amante. *Amor.*
O amor de Chriſto he enigma, que o meſmo ſerà pertendello examinar, que ignorallo. S. I. num. 2.
Só quem fecha os olhos do diſcurſo, percebe as finezas do amor. Ib. n. 3. & ſeq.
Sciencia, parece defeito no amor. Ib. n. 11 & ſeq.
Naſce o amor de huma viſta, e de hum conhecimento morre. Ib. n. 14. & 15.
Ignorancia, conſervativo do amor. Ibid. num. 16.
Chriſto nos amou ſabendo, como ſe naõ ſoubera. S. I. num. 21.
Parece, que houve defeito no amor de Chriſto, pela computaçaõ, que fez do tempo, para ſe auſentar de nós. Ib. n. 32. & ſeq.
Faltando o amor, poucos dias de companhia parecem largo tempo. Ibid. num. 35.
Havendo amor, muitos annos parecem poucos dias. Ibid. num. 73.
Differença, que ha entre amor de preſente, e de preterito. S. I. n 74. & ſeq.
Amor comparado com a eternidade. Ib n 76. & ſeq. & num. 93.
No amor naõ ha de haver mais tempo, que o preſente. Ib n. 78. & ſeq.

Foy credito do amor de Christo, amarnos tendo-nos amado. Ib. n.96.& seq.
He prova de grande amor, quando Deos se antecipa a se mostrar, e manifestar a quem ainda vive. S. II. n.15.& seq.
Vide *Ausencia.* Vide *Christo.*
Vide *Santa Theresa.*

Anno.

Anno Platonico, qual se dizia ser? S.IX. num.31.
Anno de remissaõ, em que tambem as dividas se perdoavaõ, qual fosse? Ibid. num.37.

Apostolos.

Differença, que ha entre a jurisdiçaõ, que tinha S.Pedro, e a que tinhaõ os mais Apostolos. S. XII. n.31.

Ascensaõ.

O mysterio da Ascensaõ comparado por Christo com o da Encarnaçaõ. S.I.n.46 & seq.
Vide *Ausencia.*

Avarento. Avareza.

He difficultoso fazer de hum avarento, liberal. S.III. num.41.
A Avareza dos ricos, he causa de naõ viverem os pobres abastados. S. V. num. 45.
Para o Avarento se prepara a afflicçaõ de Judas. Ib. n.12.& seq.
A Avareza de quem falta ao pobre com a esmola, faz que Deos naõ ouça ao Avarento, quando a elle bradar, Ibid. num. 24.

Ausencia.

He morte para quem ama. S. I. num. 69.
Foy em Christo grande fineza de amor, demorarse cõ os homens na terra, sendo chegada a hora de se ausentar delles para o Ceo. Ibid. num. 17.

B

S. Bento.

S. Bento já na terra era bemaventurado. S. II. num. 9.
Vio a Deos neſte Mundo. Ib. num. 12. 13.
De nenhum Santo ſe moſtrou Deos mais amante, que de S. Bento. Ib. n 21. & ſeq.
S. Bento foy o Benjamin de Deos; e porque? Ib. n. 24. & ſeq.
Honras, com que Deos exaltou a Religiaõ de S. Bento. Ibid. num. 26.
S. Bento alimentado aos peitos da Mãy de Deos. Ibid. num. 28.
S. Bento comparado aos Serafins. S. II. n. 32. & 33.
Seu corpo teve os dotes de glorioſo. Ib. n. 35. & ſeq.
S. Bento, Anjo do Apocalypſe, que no roſto era como Sol. Ibid. num. 37.
Chriſto Sacramentado diſſe, que o ſeu corpo era tambem de S. Bento. Ibid. num. 44.
O corpo de S. Bento pareceo reproduzido, penetrado, e identificado com o de Chriſto no Sacramento. Ibid. & ſeq.
No dote da Agilidade teve o corpo de S. Bento grandes exceſſos. S. II. n. 51. & ſeq
No meſmo que S. Bento padecia, moſtrava ter dote de Impaſſibilidade. Ibid. num. 59.
Os tormentos eraõ delicia para S. Bento. Ibid. & ſeq.
Morreo S. Bento em pè, e orando, e parecia ſó na apparencia morrer. Ibid. num. 62.

Biſpos.

Tem Deos eſpecial providencia na eleiçaõ dos Biſpos. S. III. num. 59.

Bulla da Cruzada.

Naõ ſe conſeguem as graças da Bulla, ſem ſe dar a eſmola

a eſmola taxada. S.IX. num.7.
A eſmola da Bulla he merito para Sua Santidade abrir os Theſouros da Igreja. Ibid.num.8.
O eſtipendio da Bulla naõ he preço, he eſmola. Ibid num.12.
Mais glorioſo he diſpender com a Bulla, para reprimir, e fechar os Mouros em ſuas terras, que gaſtar em vencellos, ou em reſgatar Chriſtãos. Ibid.num.21.
Déra o Demonio todo o Mundo, ſe o tivera, para que ſe naõ expediſſe a Bulla da Cruzada. Ibid. n. 27.
Teve origem a Bulla, quando Chriſto foy tentado no deſerto. S.IX. num.28.
Quem toma a Bulla póde dizer, que comſigo traz o Papa, para o abſolver. Ib. n.34.& 35.
Reſoluçaõ de peccar em confidencia da Bulla, em nenhum entendimento cabe. Ibid. num.37.
A Bulla da Cruzada parece nova redempçaõ para o Mundo. Ibid.num.39.
Sem demora conſeguimos logo, o que pela Bulla ſe nos promette. Ib.n.42. & ſeq.
Vide. *Jubileo.*

C

Caminho.

CUidaõ huns, q̃ vaõ pelo caminho do Ceo, quando ainda eſtaõ nas eſtradas do Mundo: e outros cuidaõ, que vaõ pelos caminhos do Mundo, e já eſtaõ na eſtrada do Ceo. S. XI. num.20.

Carmelitas. Carmo.

Carmelitas, ſaõ os Benjamins de Chriſto. S.VIII. n. 32.
Na chaga do Lado de Chriſto ſe figura a Religiaõ do Carmo. Ibid. num. 23.
Os cabellos da Eſpoſa repreſentavaõ os Carmelitas. Ibid.n.37.

Os

Os Santos Carmelitas naõ tem conto. Ibid.

Ceo. Vide *S. Pedro.*

Chriſto.

Chriſto nos amou ſabendo, como ſe naõ ſoubera. S. I. num. 21.
Comparou os dous myſterios da Encarnaçaõ, e Aſcenſaõ, e reflectio nelles. Ib.n.46 & ſeq.
He eſpoſo na Encarnaçaõ. Ibid.num,47.
Com Chriſto nos deſpoſamos no Sacramento. Ibid. num. 51.
Naõ ſe apreſſou Chriſto para deixar os homens pelo Padre; mas ſim para deixar o Padre pelos homens. Ibid.num.48.
Pareceo Chriſto mais amante dos homens, que do Padre. Ib.n.53 & ſeq.
Chriſto ſe julgava deſterrado, e peregrino, quando ſe lembrava, que havia de voltar dos homens para o Padre. Ib.n 59.& ſeq.
Obedeceo atè a morte: e porque atè a morte? Ibid.num.67.
E porque atè a morte de Cruz? Ibid.num.68.
Podendo ſer, corta Chriſto pelos preceitos do Padre, para executar qualquer penſamento, que a Senhora tem de nos ajudar. S.IV. n. 21.22.
Chriſto he o pobre, que recebe a eſmola, que damos. S.V. num.34.
A morte de Chriſto he remiſſaõ de noſſas culpas, e pòde naõ ſer actual remiſſaõ das penas merecidas. S.IX. num.29.

Vide *Amor.* Vide *Conceiçaõ.* Vide *S. Elias.*
Vide *Encarnaçaõ.*

Claridade.

Parece divino, quem na terra logra o dote da claridade. S.II.n.38.&ſeq

Conceiçaõ.

Em ſua Conceiçaõ teve Chriſto enchente de gra-

ça, que nem mais cresceo, nem se diminuhio. S. XIII. n. 28. & 32.

A Conceiçaõ da Senhora foy talhada pela Conceiçaõ de Christo. Ibid. num. 53.

Maria Santissima em sua Conceiçaõ, escolhida como o Sol, e porque? Ib. n. 55. & seq.

Em sua Conceiçaõ foy a Senhora representada naquella mulher do Apocalypse. Ibid. num. 61.

Vide *Deos*. Vide *Encarnaçaõ*. Vide *Graça*. Vide *Maria*.

Coraçaõ. Vide *Santa Theresa*.

Corôa. Vide *S. Pedro*.

D

Decretos.

EM seus decretos naõ cõprehendem os Principes a quem com especialidade amaõ. S. II. num. 15.

Deos.

Toma Deos à sua conta remediar a necessidade occulta. S. III. 47. & seq.

Deos está prompto com ambos os braços, para executar quanto vier ao pensamento de Maria Santissima, posto q̃ lhe naõ chegue ao desejo. S. IV. n. 15. & seq.

Naõ póde Deos desfazer no Ceo, o que na terra faz S. Pedro como seu Vigario. S. XII. n. 13.

Parece, que por S. Pedro se priva Deos do acto mais glorioso da Omnipotencia. Ibid. num. 14.

A' vista da jurisdiçaõ, que tem S. Pedro no Ceo, he necessaria fé, para crer que Deos he Deos. Ib. n. 17 & seq.

Quando Deos satisfaz o prometido na Bulla, parece que restituye. S. IX. n. 46.

De justiça se obriga Deos à satisfaçaõ do que promette

mette na Bulla, quando dignamente nos diſpomos. ibid. num. 48.
Se na Encarnaçaõ do Verbo quizeſſe Deos infundir mais graça em Maria Santiſſima, ſe acharia como empobrecido. S. XIII. n. 21.
Communicou Deos a Maria Santiſſima em ſua Conceiçaõ, toda quanta graça lhe podia conceder. ibid. 35. & ſeq.
Terá Deos aggravo de quem confeſſa nelle o poder, e nega o querer, para delle uſar com ſua Mãy Santiſſima. ibid. 41. & ſeq.

Desfazer.

Mais he desfazer, que fazer. S. XII. n. 15.

Dia.

O da Encarnaçaõ he fauſtiſſimo para acabar a vida. S. X. num 34.
Dous dias ha, que entre ſi fallaõ: quaes ſejaõ? e o que digaõ. S. IV. num. 12.

Doutrina.

He alimento da alma a Doutrina Euangelica. S. III. num. 33.

E

Eleger Eleiçaõ.

ERa ſacrilegio duvidar do acerto nas eleições, que faziaõ os antigos Emperadores. S. XIII. n. 12.
Quando Deos elege huma creatura, a dignifica, para o meſmo fim que a elege. ibid. num. 13.

Santo Elias.

O dobrado eſpirito, que Eliſeo pedio a Elias, era illuſtraçaõ para ſaber, e para amar. S. I. num. 12.
Capa de Elias, e ſeus prodigios. S. VI num. 51.
Santo Elias aſſemelhado a Chriſto. S. VIII. n. 5.

No

No fim do Mundo será crucificado, ha de resuscitar, & sobir ao Ceo em huma nuvem. ibid. num. 7.
Assistio com Christo em Belem, no Cenaculo, e no Olivete. ibid. num. 8.
Com q mysterio cuidarão os Judeos, que Christo na Cruz bradava por Elias? ibid. num. 9.
Declarou o Padre Eterno no Thabor, quem era Christo seu Filho, para que o não equivocassemos com Elias. ibid 13. & seq.
O Bautista foy semelhante a Christo na voz, e Santo Elias foy semelhante no obrar. ibid. num. 21.
Santo Elias levou entre os Santos o morgado da Santidade. ibid. num. 26.
Os mayores Santos da Igreja, saõ devedores a S. Elias, das virtudes, que imitaraõ delle. ibid. 27. & seq.
Santo Elias he mayor, que a sua sombra. ibid. num. 42.
He raro assombro, estar Santo Elias vivo, e já adorado em altares. ibid. num. 42.
O mesmo he receber a capa de Elias, que receber o seu espirito. ibid. num. 49.

Encarnaçaõ.

Os mysterios da Encarnaçaõ, e Ascensaõ, comparados por Christo. S. I. num. 46.
Christo Esposo nosso na Encarnaçaõ. ibid. num. 47.
Porque razaõ foy a segunda Pessoa Divina, e naõ outra a que encarnou? ibid. num. 83.
Da Encarnaçaõ atè a morte, esteve sempre Christo morrendo pelos homens. ibid. num. 89.

Vide *Dia.* Vide *Maria.* Vide *Morte.*

Erro.

Ha erros desculpaveis, e erros, que naõ tem desculpa. S. VIII. n. 4.

Eſmola. Eſmoler.

A morte de hum varaõ eſmoler naõ ſe conſola, ainda que ſe veja ſubſtituida. S. III. n. 60.
Ha preceito Divino de dar eſmolas. S.V. n.6. 8. 12.
Aos que faltaõ com a eſmola, naõ ouvirà Deos, quando a elle bradarem. (& ſeq. ibid.n.21.& ſeq.
Todo aquelle, que vé ao proximo neceſſitado, tem obrigaçaõ de lhe fazer eſmola ibid.n.26.& 27.
Quanto devé cada hum dar de eſmola? ibid. n. 28. &
Quanto ſerá bem, que ſe dè de eſmola alèm da obrigaçaõ? (ſeq. ibid. num.34.
Porque nos falta a Fè, por iſſo faltamos nòs ao pobre com a eſmola. S V. num. 40.
Por diverſos modos ſe deve fazer a eſmola. ibid. num. 43.
Ha perigo em ſe dar eſmola a alguns pobres. ibid. num. 45.
Com que fim ſe deve fazer a eſmola? ibid. num. 48.
Quem preverte o fim da eſmola, ou abuſa della, he Satanas. ibid. n. 49. &
Quem dà eſmola, naõ eſpere humana conveniencia, ainda que ſeja de hum Reyno inteiro. (ſeq. ibid. 53. 54.
A eſmola deve ſer feita com agrado, e alegria. ibid. num. 55.
O premio da eſmola he de valor infinito. ibid. num. 56.
A perfeiçaõ da eſmola eſtá em que ſe faça antes de ſe pedir. ibid. num. 58.
Mais cuſta a hum pobre eſperar a eſmola, que ſofrer a neceſſidade, que o obrigou a pedir. ib.n.60. & ſeq.

Eſpada.

O que ſe adquirio aos fios da eſpada, he mais eſtimavel, q̃ o poſſuido por compra, ou herança. S.XII. num.1.

Eſperança.

A eſperança do premio anima para as emprezas. S. II. num. 1.

Eternidade.

A eternidade he como hum inſtante. S. I. num. 92.

Exemplo,

Exemplo.

O virtuoſo, ainda depois de morto, enſina com o exemplo. S.X.n.32.& 33.

F

Faculdade.

NA Bulla da Cruzada ſe concede faculdade, para abſolver, commutar, e compor. S.IX.num.38.

Fé.

Faltamos ao pobre com a eſmola, porque nos falta a Fè. S.V.n.35.&ſeq

O claro, e intuitivo conhecimento dos myſterios de noſſa Fé, naõ he para ſe alcançar neſta vida; mas ſim para ſe lograr na Bemaventurança. S.XI.num.13.

Vide *S. Pedro.*

S. Franciſco Patriarca.

Moſtraõ os Anjos, que naõ comprehendem quem he S. Franciſco. S.VI.num.5.

Sua alma ſobio ao Ceo como Sol, Lua, e Eſtrella. Ibid.

Foy novo homem: Anjo, e ſemelhante ao Filho de Deos. ibid.num.3.

Como Eſtrella, pareceo menor, e era mayor. ibid.num.10.

Comprehendeo em ſi as virtudes dos mais juſtos. ib.10.13.&ſeq.

Foy Saõ Franciſco exemplar, e prototypo dos mais Santos. ibid.n.11.&12.

Aſſemelhouſe ao Sacramento. S.VI.num.19.

Tem por Throno o Lado de Chriſto. ibidem.

Excede S Franciſco a outros Santos, como hum Cherubim a hum homem. ib.n.20.& ſeq.

Teve com Deos a ventura de valido. ibid.num.24.

Nelle como na Lua, ſe viraõ muitas mudanças. S.VI.num.28.

S.Franciſco tambem ſe chamou Joaõ. Deixou eſ-

te nome pelo de Franciſco: e com q̃ myſterio? ibid. num. 31.
Foy aſſemelhado a Chriſto, e trãsformado nelle. ibid. 34. & ſeq.
Foy hum novo Sacramento. ibid. num. 38.
Eſtaõ em S. Franciſco os accidentes de Chriſto. ibid. 37. 38.
Foy hum complemento da Euchariſtia. ibid. num. 39.
Chriſto lhe moſtrou inexplicavel amor. ibid. num. 41.
S. Franciſco como Sol, reſurgio depois de ſepultado. ibid. num 43.
Seu corpo reſurgio do ſepulchro, imitando a Chriſto Sacramentado. ibid. num. 49.
Ainda no corpo de S. Franciſco permanece o eſpirito da vida. ib. n. 50. & ſeq.

G

Geriaõ.

DE Geriaõ ſe eſcreveo, que tinha tres cabeças: e porque? S. XII. num. 11.

Graça.

Quem quizer ponderar a graça da Mãy de Deos em ſua Conceiçaõ, attenda para a graça, que teve quando concebeo o Divino Verbo. S. XIII. n. 4 ſeq.
A graça da Mãy de Deos foy immenſa. ibid. num. 80.
Graças, que ſe nos concedem pela Bulla. S. IX. 32. ſeq.

Vide *Maria.* Vide *Conceiçaõ.* Vide *Jubileo.*

H

Homem.

SO' merece chamarſe homem, quem obra como homem. S. X. n. 9. ſeq.
Obrar como homem, em que conſiſta? ibid. num. 11.
Muitos tendo ſciencia, e ſabedoria, naõ obraõ como

mo homens. ibid. num. 13.
O homem entendido ha de presumir menos do que sabe. ibid. & seq.

I

Ignorancia.

A Ignorancia he o conservativo do amor. S. I. num. 16.
He a ignorancia grave damno, que nos causou a culpa de Adaõ. S. XI. num. 9.

Igreja Militante.

Com a protecçaõ de S. Pedro, naõ tem a Igreja Militante que temer o inferno. S. XII. n. 95.

Imagem.

A imagem da Senhora do Pilar veyo do Ceo. S. VII. n. 6.
Nenhuma imagem da Senhora he taõ prodigiosa, como a do Pilar: e porque? ibid. num. 14.

Indulgencias. Vide *Jubileo.*

Infelicidade.

Se a infelicidade he grande, sente o insensivel. S. III. num. 2.

Inferno. Vide *S. Pedro.*

Instante.

O instante comparado com a eternidade. S. I. num. 92.

Jubileo.

Jubileo, e indulgencias concedidas na Bulla. S. IX. n. 33. & seq.
Muitos, que morrem em graça tendo a Bulla, naõ conseguem o Jubileo, e graças della: e porque razaõ? ibid. num. 50.

Jurisdiçaõ. Vide *S. Pedro.*

L

Ley.

LEy de Christo, e seu novo Testamento, muito mais leve, e suave, que o antigo Testamento. S IX. num. 39.

Lembrança.

Lembrança do aggravo, despertador da vingãça. S.I.n.17 &seq.

Luz.

Unir a luz com as sombras, naõ he menos impossivel, que unir a vida, e a morte. S.VI. num.45.

M

Manà.

OManà era figura de Christo Sacramentado. S. VII. n. 15.

Maria Mãy de Deos.

Para nos ajudar, obra Maria Sãtissima como Omnipotente. S.IV. num.11.
Em Maria Santissima para nos ajudar, anda a obra com a palavra. ibid. num.13.
Olhos da Mãy de Deos, saõ olhos de misericordia: e porque? ibid. num.36.
Apenas vè, quando logo ajuda. ibidem.
Mostra que he Mãy de Deos em ajudar tanto q̃ olha. ibid. num.37.
Para nos ajudar nos está attrahindo. ibid. num. 38.
Maria Santissima significada em hum Pilar. S. VII. n. 34.
Se o Divino Verbo naõ houvesse de encarnar, naõ seria concebida a Mãy de Deos. S. XIII. n. 3.
Maria Santissima teve consummada graça na Encarnaçaõ

carnaçaõ do Verbo. ibid. num. 14
Tambem a teve consũmada já em sua Cõceiçaõ. ibid. 16. & seq.
Se na Encarnaçaõ quizesse Deos infundir mais graça na Senhora, se acharia como empobrecida; porque já na Conceiçaõ lhe communicara toda quanta estava destinada para sua Mãy Santissima. ibid. 21. & seq.
Cõmunicou Deos a Maria Santissima em sua Cõceiçaõ toda quanta graça lhe podia conceder. S. XIII. 35. seq.
Em Maria Santissima primeiro se vio o premio da graça, e depois o merecimento della. ibid. 50. & seq.
Maria Santissima teve tanta graça, quando se cõcebeo, como quando com Christo se despousou na Encarnaçaõ. ibid. 68. & seq.
Em sua Conceiçaõ já era Mãy de Deos. ibid. 69 & seq.
Naõ houve tempo, em que a Senhora naõ fosse Mãy de Deos. ibid. 72. & seq.
Terá Deos queixa de quem cõfessa nelle o poder, e nega o querer, para delle usar com sua Mãy Santissima. ibid. 41. & seq.

Merecimento.

Naõ faça o Superior distinçaõ de pessoas; mas sim, e sómente dos merecimentos. S. XII. 44. & seq.
No Ceo naõ se olha para os sogeitos; só se attende para o merecimento delles. idid. num. 46.
O merecimẽto serve de excellencia ao premio. S. IX. num. 10
Em Maria Santissima primeiro foy o premio, que o merecimento. S. XIII. n. 50. & seq.

Milagre.

Assim como ha milagres para a natureza, assim os pòde haver para a graça. S. XIII. n. 50.

Misericordia.

Havendo misericordia, naõ pòde faltar a ajuda. S. IV. n. 33. seq.

A misericordia faz propria a pena alheya. ibid. num. 34.
A misericordia a penas vè o mal alheyo, quando se compadece, e ajuda com o alivio. ibid. 34. & seq.
Coraçaõ misericordioso, antes perderá a vista, que deixe de aliviar. ibid. 35.

Morte.

A morte do amante he a ausencia. S. I. num. 69.
Da Encarnaçaõ atè a morte, esteve sempre Christo morrendo pelos homens. ibid. 89. & seq.
A morte de hum Sabio he digna de sentimento por toda a vida, e ainda depois da morte. S III. n. 15. 16.
Opposiçaõ que a morte faz à sciencia. ibid. num. 13.
Dia da Encarnaçaõ, feliz para morrer nelle. S. X. num. 34.

Vide *Christo.* Vide *Nascimento.*

Moscovitas.

Superstitioso rito, de que usaraõ os Moscovitas com seus defuntos. S. IX. num. 43.

N

Nascimento. Nascer.

NAscimẽto, he antecedẽte necessario do morrer. S. X. n. 5.
Para quem serve a Deos, o morrer he nascer. ibid. n. 6.

Nome.

Nome de JESUS, e de Manoel; suas significações e differenças. S. VI. num. 32
O nome de S. Pedro faz tremer o inferno. S. XII. 56. & seq.

O

Omnipotencia. Vide *Maria.* Vide *S. Pedro.*

Olhos.

OS olhos da Mãy de Deos, saõ de misericordia, e porque? S. IV. n. 36.

Vide *Misericordia.*

P

Papa Vigario de Christo.

A Voz de qualquer Papa, he a voz de S. Pedro. S. XII. n. 27.
Os Papas atáõ, e desatáõ por muitos modos. ibid. num 40

Patriarcas.

Os quatro Patriarcas principaes das Religiões, representados nos quatro animaes celebres de Ezequiel. S. VI. 21. S. XI. 53.

S. Pedro Apostolo.

S. Pedro primeiro se chamou Simaõ. S. XII. num. 6
Naõ podia haver para elle mayor gloria, q̃ o ser Pedro, nem mais exaltaçaõ, que o ser pedra. ibid. num. 7.
Foy coroado com tres coroas, de tres amplissimos Reynos. ibid. num. 9.
Toda a SS. Trindade conferio jurisdiçaõ a S. Pedro. ibid. n. 9.
No Ceo he reconhecida a jurisdiçaõ de S. Pedro. ibid. n. 12.
A jurisdiçaõ com que S. Pedro condẽna, e absolve, he a mesma, com que condẽna, e absolve Deos, ibid. num 12.
Naõ póde Deos desfazer no Ceo, o que na terra faz S. Pedro, como seu Vigario. ibid. num. 13.
Parece, que por S. Pedro se priva Deos do acto mais glorioso de sua Omnipotencia. ibid. num. 14.
Por S. Pedro, parece q̃ desfaz Deos na sua Omnipotẽcia. ib. n. 15
A' vista da jurisdiçaõ de S. Pedro, taõ inviolavel no Ceo, he necessaria Fé, para crer, q̃ Deos he Deos. S. XII. 17. seq
S. Pedro se representou em Joseph no Egypto. ibid n. 20.
Ha risco de se julgar a S. Pedro por Deos. ibid. n. 21.
Em S. Pedro está o poder do Padre, o saber do Filho, o querer do Espirito Santo. ibid. n. 22.
S. Pedro tem jurisdiçaõ em toda a terra: em todos os Reynos. ibid. n 30.

Differença entre a juriſdiçaõ de S. Pedro, e dos mais Apoſtolos. ibid. n. 31.
S. Pedro aſſemelhado a Chriſto na juriſdiçaõ. ibid. 32. & ſeq
De alguma ſorte ſe póde chamar a S. Pedro filho do Eterno Padre. ibid. n. 35.
S. Pedro, e ſeus ſucceſſores ataõ, e deſataõ: e como? S. XII. n. 40.
No inferno tambem he exaltado, e tem juriſdiçaõ S. Pedro. ibid. n. 50.
Reſide ás portas do Inferno, por ſua juriſdiçaõ. ibid. n. 50.
A coroa de Rey do inferno, que tem S. Pedro, mais o exalta, que outra qualquer coroa. ibid. 51. & ſeq.
Os triunfos de S. Pedro contra o inferno, naõ conſiſtem tanto no poder de S. Pedro, quanto na fraqueza do inferno, pelo muito que eſte teme a S. Pedro. ib. 54 & ſeq.
Ouvido o nome de S. Pedro, todo o inferno treme. ib. 56 & ſeq.
Pela protecçaõ de S. Pedro, naõ tem a Igreja que temer o inferno. ibid. num. 59

Pilar.

Dia em que ſe feſteja o Pilar da Mãy de Deos, proprio para ſe deixarem as affeições terrenas, e ſe buſcar o Ceo. S. VII. n. 3.
Naſcendo Chriſto, appareceo no Ceo hum Pilar. ibid. num. 7.
Pilar da Senhora, comparado ao Preſepio de Chriſto. ibid. num. 6.
A imagem da Senhora do Pilar deſceo do Ceo à terra, na hora do mayor ſilencio da noite. ibid. 11. & ſeq.
Nenhuma imagem da Senhora taõ prodigioſa, como a do Pilar. ibid. num. 14.
A imagem da Senhora do Pilar foy fabricada por Deos. S. VII. 16. & ſeq.
Ainda a Senhora vivia na terra, quando a ſua imagem do Pilar deſceo do Ceo. ibid. num. 17.

Eſta imagem ſe repreſentou na Cidade Santa, que vio S. Joaõ. ibid. n. 17.
Nenhuma imagem da Senhora he taõ agradavel aos Divinos olhos, como a do Pilar. ib. 20. & 21.
Ser eſta imagem feita por Deos, he o mayor elogio da Senhora. ibid. 21. 22.
Deſcendo eſta imagem do Ceo, nos aſſegura felicidades. ibid. num. 24
A Senhora do Pilar he diſpenſeira dos beneficios de Deos. S. VII. 31. 32
A' Senhora do Pilar devemos recorrer, para conſeguirmos o Ceo. ibid. 34.
No Pilar eſtá a Senhora mais benefica. ibid. 35. & ſeq
Tambem os peccadores, recorrendo à Senhora do Pilar, conſeguem a ſua piedade. ibid 41. & 42.
Experimenta muitos infortunios, quem perde a devoçaõ do Pilar. ibid. 44. 45.

Pobres. Pobreza.

Tambem em ſe fazer a eſmola a alguns pobres ha perigo. S. V. uum. 45.
Mais cuſta ao pobre eſperar a eſmola, que ſofrer a neceſſidade com que a pedio. ibid. n. 60. & ſeq.
Vide *Eſmola.*

Preço.

O Sangue de Chriſto foy o preço de noſſa redempçaõ. S. IX. n. 13. 14.

Prègador.

Naõ ſe pòde evitar o ſentimento na morte de hum Prègador Euangelico. S. III. n. 34. & ſeq.
Triunfo he grande de hum Prègador, que de hum animo avarento faz huma maõ liberal. ibid. num. 41.
A falta de hum Prègador inſigne naõ ſe conſola, ainda que ſe veja ſubſtituida. ibid. num. 60

Prelado.

Prelado.

Ser Prelado he muy penoſo: e entre irmãos muito mais. S. X. 29. 30.
Tem os Prelados a ſalvaçaõ muy arriſcada. S. XII. n. 41.
O Prelado naõ ha de ter carne, nem ſangue: naõ ſe ha de mover por amor, nem por odio. ibid. n 42 & ſeq.
Naõ attenda o Prelado para os ſogeitos, olhe ſó para o merecimento da cauſa. ibid. n. 44. & ſeq.

Premio.

A eſperança do premio anima para as emprezas. S. II. num. 1.
A excellencia do premio he o merecimento com que ſe alcança. S. IX. n. 10.

Principes.

Nos ſeus decretos vaõ exceptuados aquelles, a quem os Principes com eſpecialidade amaõ. S. XI. n. 15.

Providencia.

He eſtylo da Providencia Divina, enriquecer a huns pelo meſmo acto, com que a outros enche de miſericordia. S. IX. n. 15. 16.
O remedio da neceſſidade occulta, corre por conta da Providencia Divina. S. III. 47. & ſeq.

R

Reys.

OS Reys do Egypto ſe intitulavaõ Faraòs, e depois Ptolomeos. Os Romanos aos ſeus chamavaõ Ceſares. Os Aſſirios nomeavaõ aos ſeus por Tigranos. S. XII. n. 19.

Religiaõ.

Mais facil he fundar de novo huma Religiaõ, que reformalla. S. XI. 45. & ſeq.
Em qualquer Religiaõ ſe faz ao demonio muita guerra ib. n. 50.

Religiaõ de Santa Theresa comparada ao Sacramento, e ao Sol. ibid.num.53.

Remedio.

Toma Deos à sua conta o remedio da necessidade occulta. S.III 47 & seq.

Rico. Riquezas.

As mãos do rico, atè para si saõ apertadas, e vasias. S. V. n. 10.
Riquezas enthesouradas causaõ grave damno. ibid n 17.&19.
Riquezas dispendidas servem de redempçaõ. ibid. num.18.

S

Sabedoria. Sabio. Sciencia.

A Sciencia parece defeito para o amor. S I.n 11.& seq.
A morte faz opposiçaõ à sciencia. S.III. num.13.
Naõ ha mayor perda, que a de hum sabio. ibid. num. 18.
O ser sabio naõ cõsiste em escrever: em ensinar sim. ib.n.24.&seq
A falta de hum varaõ sabio, naõ se consola, ainda que se veja cabalmente substituida. ibid. num.60.
Sem sabedoria naõ se ajuda efficazmente. S IV.23.& seq.
Ajudar sem sabedoria, he perder. ibid. num.25.
He muy difficultoso, que hum sabio se tenha por ignorante. S.X. num.16.

Vide *Homem.*

Sacramento Eucharistico.

Christo mais se mostrou amante no Sacramento, que na Cruz. S.II. n.18.19.
O Sacramento faz para Christo delicia o que he martyrio ibid.num.61.
O mayor adjutorio da Igreja, he o Sacramento. S. IV. n. 24.
O Sacramẽto foy cõcebido no vẽtre da Mãy de Deos. ib. n.40
Em Belem se representou o Sacramento. S.VII. n. 9.
O Sacramento he presepio de Christo. ibid.num.9.

Tambem he columna, e he throno. ibid.num.10.
Maná figura do Sacramento. ibid.num.15.
Em Jonathas, e Sanſaõ, ſe figurou o Sacramento. S. I. num. 1.

Satisfaçaõ.

Contra Deos clama, retardar a ſatisfaçaõ do operario. S.IX.44 & 45.
Quando Deos ſatisfaz o promettido na Bulla da Cruzada, parece que reſtitue. ibid. num 46.
De juſtiça ſe obriga Deos à ſatisfaçaõ do promettido, quando dignamente nos diſpomos. ibid. num-48.

Semelhança.

A ſemelhãça no obrar, he a ſemelhãça mais rara. S.VIII. 22 & ſeq.

Sentimento.

Algumas vezes atè o inſenſivel dà moſtras de ſentimento. S.III.num-2.

Serpente.

Serpente exaltada por Moyſés, figura de Chriſto Crucificado. S.VII. n. 15.

Superioridades.

He grande virtude regeitar ſuperioridades. S.X.n.21.ſeq.

T

Tempo.

Na computaçaõ do tempo, que Chriſto fez, para ſe auſentar do Mundo, parece que lhe podemos arguir defeito em ſeu amor. S.I.n.32.& ſeq.
Poucos dias de companhia parecem largo tempo, quando falta o amor. ibid. num. 35.
Havendo amor, muitos annos de companhia parecem pouco tempo. ibid. num.37.
Chegado o tempo de Chriſto ſe auſentar do Mũdo, ainda o amor o deteve mais com os homens. ibid. 41. ſeq.

No amor naõ ha de haver mais tempo, que o preſente. ibid. 78. ſeq.

Theologia.

O odio, e a avareza, intentavaõ huma Theologia erronea contra a caridade. S. V. num. 16.

Os pontos da Theologia myſtica, ſaõ mais impenetraveis, que os da Theologia eſpeculativa. S. XI. n. 21.

As meſmas Aguias na Theologia do entendimento, cegaõ na Theologia do amor. ibid. num. 24.

Santa Thereſa.

Teve comprehenſaõ das Eſcrituras. S. XI. num. 9.

Paſſou alèm da comprehenſaõ das Eſcrituras por meyo de varias revelações. ibid. num. 11.

Deos lhe revelou aquelle conhecimento dos myſterios da Fè, que aos mais Santos reſervou para a gloria. ibid. num. 12

Santa Thereſa repreſentada na Cearça de Horeb. ibid. num. 4.

Vio S. Thereſa neſta vida a Eſſencia Divina. ibid. 17. & ſeq.

As viſoens de Santa Thereſa naõ lhe diminuhiaõ, antes lhe augmentavaõ o habito da Fè. ibid. 27 & ſeq.

O ſeu amor naõ acabou com a vida. S. XI. num 32

Coraçaõ de S. Thereſa, vivo depois da morte. ibid. num. 33.

Valentia do amor de Santa Thereſa. ibid. num. 34.

O ſeu coraçaõ aſſemelhado ao de Chriſto. ibid. 35 & ſeq.

Santa Thereſa emblema do Sacramento. ibid. num. 36.

Coraçaõ de Santa Thereſa convertido em amor de Deos. S XI. num. 38

O amor de Santa Thereſa parecia de Serafim. ibid. num 39.

O meſmo he ſer filho de Santa Thereſa, que ter esforço, para vencer as difficuldades da vida eſpiritual. ibid. num. 48.

Das contradiçoens, que a S. Thereſa cuſtou a ſua Reforma, naſceo para eſta mais veneraçaõ. ibid. num. 51.

No

83-30

No fim do Mundo resuscitará Santa Thereſa, para ſe oppor ao Anti-Chriſto. ibid. num. 57.

Throno.

Thronos de Chriſto, e de ſua Mãy Santiſſima, não ſaõ para vaidade ſua; ſim para utilidade noſſa. S. VII. n. 29.

V

Valimento.

QUanto ſe eſtima o valimento com o Principe. S.VI.n.24 & ſeq.

Verbo Divino.

Dizendo-ſe na Eſcritura, que o Eſpirito Santo procede do Padre; do Verbo ſe diz, que procedeo, e porque? S. I. 50. & ſeq.

O Verbo, antes da Encarnaçaõ, parecia naõ ter deſcãço, nem ainda no Seyo do Eterno Padre. ibid. 56 & ſeq.

A deſcida do Verbo à terra, foy na hora do mayor ſilencio; e porque? S. VII. n. 11.

Vida.

Unir a vida, e a morte, naõ he menos impoſſivel, que unir a luz, e a ſombra. S.VI. num. 45.

Parece mais que homem, quem em hum ſó corpo ajunta ſombras da morte, e luzes da vida. ibid. 45. & 46.

Vingança.

A lembrãça do aggravo deſperta para a vingãça. S.I.n.17.&ſeq.

Virtude.

Quem he virtuoſo, ainda depois da morte enſina, e exhorta. S. X. 32. 33.

Viſoens. Vide *S. Thereſa.*

Vontade.

Corre a vontade perigo, para rectamente adminiſtrar, e exercer actos odioſos, e favoraveis. S.XII.n.41.ſeq

FINIS.

CA730
P645v
v.1